OTÁVIO NOGUEIRA BALZANO

O ENSINO DO FUTEBOL NA PERSPECTIVA DECOLONIAL: DESGASTANDO A PRODUÇÃO DE SUJEITOS "PÉS DE OBRA" – DA FORMAÇÃO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR AOS CLUBES ESPORTIVOS

A Pelada de Futebol – Nerval Rodrigues

CANOAS, 2020

OTÁVIO NOGUEIRA BALZANO

O ENSINO DO FUTEBOL NA PERSPECTIVA DECOLONIAL: DESGASTANDO A PRODUÇÃO DE SUJEITOS "PÉS DE OBRA" – DA FORMAÇÃO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR AOS CLUBES ESPORTIVOS

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade La Salle – UNILASALLE, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Gilberto Ferreira da Silva

CANOAS, 2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B198e Balzano, Otávio Nogueira.
O ensino do futebol na perspectiva decolonial [manuscrito]: desgastando a produção de sujeitos “pés de obra” – da formação na educação superior aos clubes esportivos / Otávio Nogueira Balzano – 2020.
400 f.; 30 cm.

Tese (doutorado em Educação) – Universidade La Salle, Canoas, 2020.
“Orientação: Prof. Dr. Gilberto Ferreira da Silva.”

1. Futebol - ensino. 2. Educação física. 3. Formação de professores. 4. Movimento decolonial. I. Silva, Gilberto Ferreira da. II. Título.

CDU: **796:37**

Bibliotecária responsável: Melissa Rodrigues Martins - CRB 10/1380

OTÁVIO NOGUEIRA BALZANO

Tese aprovada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade La Salle.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Evaldo Luis Pauly
Aposentado – Universidade La Salle

Prof. Dr. João Alberto Steffen Munsberg
Universidade La Salle

Profª Drª Cláudia Battestin Dupont
Universidade Comunitária da Região de Chapecó

Profª Drª Raquel Fabiana Lopes Sparemberger
Universidade Federal do Rio Grande

Prof. Dr. Eraldo dos Santos Pinheiro
Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Gilberto Ferreira da Silva
Orientador e Presidente da Banca – Universidade La Salle

Área de concentração: Educação

Curso: Doutorado em Educação

Canoas, 01 de dezembro de 2020.

E se o futebol não fosse o ópio, mas a promessa da Pátria? Se ele fizesse jus à palavra Democracia, dando sentido à palavra Ética? Se o futebol, para ser brasileiro, não pudesse viver esquecido da brincadeira de bola, e o Brasil devesse brincar para ser sério?

Carlos Pinhão – jornalista esportivo (1990)

O conhecimento do Brasil passa pelo futebol.

José Lins do Rego – escritor (1945)

AGRADECIMENTOS

Esta seção é de cunho pessoal. Assim, a narração é em primeira pessoa do singular – eu. E como optei por escrever a tese em linguagem metafórica relacionada ao futebol – pois o futebol é parte muito importante na vida deste pesquisador –, os meus agradecimentos também são narrados nesse estilo. Em efeito, vou pautar as pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho, escalando-as na minha "Seleção Brasileira de futebol de todos os tempos". Organizo meu time no sistema 1.4.2.4 – com posicionamento alto –, valorizando o que é referencial no futebol brasileiro, isto é, o ataque.

Inicio a apresentação do escrete pelo goleiro TAFFAREL, tetracampeão mundial em 1994, estabelecendo analogia com a minha esposa ADRIANA BALZANO, pois, ambos são calmos e sempre "bem colocados". Nos momentos mais difíceis, Taffarel pegou os pênaltis e Adriana me confortou, aconselhou, acalmou e incentivou. Difícil falar de Adriana em poucos parágrafos – precisaria de outra tese para expor toda minha admiração e amor por ela. Quem diria, "minha Adriana", que aquele cara com a "cabeça a mil", com olhar de "vagabundo", que te levou para o "seu mar", "agora vai virar doutor"? Muito obrigado, MINHA ADRIANA!

O meu lateral direito, da seleção de todos os tempos, é CARLOS ALBERTO TORRES, capitão e tricampeão mundial com a seleção de 1970 – seleção que encantou o mundo. Relaciono o meu amigo Prof. Dr. LEANDRO VARGAS a Carlos Alberto. Varguinhas – como o chamo –, nesta pesquisa assumiu uma postura de liderança, amizade, colaboração e solidariedade. Em momentos complicados, me auxiliou, incentivou e foi sempre prestativo. Quando precisei do amigo Varguinhas, ele estava sempre à disposição, deixava tudo de lado e rapidamente resolvia os meus problemas. Varguinhas fez a função do "eterno capitão", auxiliando e apoiando seus companheiros em "campo". Além disso, Varguinhas foi um exemplo para todos os amigos, principalmente para este pesquisador, pois mesmo tentado ser jogador de futebol, nunca largou os estudos, tornando-se um doutor na nossa área. Muito obrigado, VARGUINHAS!

O zagueiro central da seleção é OSCAR. Ele foi titular daquela seleção mágica de 1982, que apesar de não ter conseguido sagrar-se campeã do mundo, ficou guardada na memória afetiva deste pesquisador. Oscar foi um zagueiro sério, discreto, mas muito competente na sua função. Comparo o meu filho PIETRO BALZANO, pela sua contribuição na pesquisa, ao zagueiro Oscar. Pietro, em nossa estadia de quatro anos em Porto Alegre, veio morar conosco. Silencioso, discreto, comedido, afetivo – do jeito dele –, mas com a intervenção correta no momento certo – o que um zagueiro competente deve realizar nas suas ações defensivas. Pietro

acompanhou meu trabalho diário, as horas que ficava na frente do computador, minhas angústias, alegrias e desabafos. Deu todo o suporte tecnológico, sem manifestar um momento de indignação – muito comum nos jovens que ensinam os mais velhos. Pietro é um "parceirão". Nessa nova convivência, Pietro me presenteou com sua escolha profissional – hoje é estudante de Educação Física da ESEFID/UFRGS, seguindo o caminho do pai. Mostro essa continuidade profissional na imagem 33 – a passagem do "bastão". Esses quatro anos juntos ajudaram-me a conhecer um pouco mais o Pietro, pois eu sei que nunca será o bastante, mas foram dias felizes, que em breve pretendo vivenciá-los novamente. Muito obrigado, MEU FILHO!

O quarto zagueiro desta seleção espetacular é DOMINGOS DA GUIA, jogador que compôs a seleção brasileira no mundial da França, em 1938. Juntamente com Leônidas da Silva deslumbrou o mundo do futebol naquela época. Estabeleço a relação de um dos integrantes da banca, o aluno, depois amigo e agora também colega, o Prof. Dr. ERALDO DOS SANTOS PINHEIRO, com Domingos da Guia. Eraldo foi o professor que indiquei para me substituir na Universidade La Salle, quando fui morar em Fortaleza, no ano de 2009, quando aprovado em concurso fui integrar o quadro de professores da Universidade Federal do Ceará. Essa relação, para quem não conhece Eraldo ou a história de Domingos da Guia, pode parecer estranha, mais não é. Domingos da Guia foi um dos exemplos da importância do afrodescendente na cultura e no desenvolvimento do futebol brasileiro, que hoje é admirado e respeitado no mundo. Domingos da Guia foi um dos percursores do "futebol-arte", do jogo bonito, da beleza estética na prática do futebol. Foi reconhecido e respeitado, em tempos difíceis, pela sua competência e criatividade. Eraldo, na perspectiva deste pesquisador, também foi um desbravador, um pioneiro no exercício da profissão. Desde cedo buscou a pesquisa, dedicou-se à ciência, aceitou e venceu os desafios que a profissão e a sociedade impuseram, pois, para um afrodescendente se tornar doutor no meio acadêmico não é uma tarefa fácil. Eraldo ultrapassou as barreiras com competência, trabalho, honestidade, alegria e, principalmente, com o "coração". Eraldo contribuiu com a parte técnica/prática nesta pesquisa – com a Educação Física propriamente dita –, da qual nos distanciamos ao cursar programas de educação. Eraldo é um exemplo daqueles que superou o mestre em titulação. Mas, agora estou chegando lá, e pretendo continuar essa parceria afetiva e profissional. Muito obrigado, ERALDO!

Meu lateral esquerdo é nada menos do que NILTON SANTOS, a "enciclopédia da bola". Jogador bicampeão mundial nos anos de 1958 e 1962, um jogador com nome de estádio de futebol. Lateral clássico, técnico, com passes e cruzamentos precisos, um jogador à frente da sua época, um extraclasse. Estabeleço afinidade entre o prof. Dr. EVALDO LUÍS PAULY, que conheci em 2007, quando ingressei na primeira turma de mestrado do PPG em Educação da

Universidade La Salle, com o lateral Nilton Santos. O professor Evaldo, em muitos momentos, me auxiliou nessa jornada, com sua maneira sutil, inteligente, calma e perspicaz. Colocava a "bola" no lugar certo, sempre com uma palavra coerente, elucidativa e experiente, o que contribuiu muito em alguns momentos de angústia. Como Nilton Santos, considero o professor Evaldo um extraclasse na sua área, um exemplo a ser seguido e admirado. O professor Evaldo foi um dos participantes da banca, quando apresentamos nosso projeto, uma escolha perfeita – um golaço – deste pesquisador e de seu orientador. Infelizmente para nós, mas felizmente para o professor Evaldo, ele não faz mais parte do "magnífico time" do PPG em Educação da Unilasalle, pois se aposentou. Muito obrigado, professor EVALDO!

O meu meio campo inicia por PAULO ROBERTO FALCÃO. Ídolo de umas das maiores equipes do Brasil. Falcão também não foi campeão do mundo, mas estava na valorosa seleção de 1982. Falcão faz parte da memória afetiva deste pesquisador, pois a década de 70 foi difícil, no aspecto futebolístico, para a criança Otávio. Falcão era o símbolo daquela geração vencedora do S.C.I. Ele transbordava alegria, elegância e sempre foi ético ao jogar e desenvolver seu trabalho, cativava até os torcedores adversários com seu futebol. Para sempre o "rei de Roma", um nobre. Faço relação da Profa. Dra. CLÁUDIA BATTESTIN DUPONT com Falcão. Apesar de não a conhecer (apenas por artigos), a professora Cláudia Battestin foi uma indicação do meu orientador para banca, e uma indicação vinda de Gilberto, com certeza irá contribuir de maneira expressiva, "elegante/boniteza" e valorosa em nossa banca/equipe, como Falcão fazia em suas equipes. Me sinto honrado pela sua nobreza em aceitar o convite para integrar a nossa banca de doutoramento, no "final do jogo". Gesto nobre de uma "rainha". Acredito que as coisas não acontecem por acaso, e o fato de a professora Cláudia Battestin aceitar o convite, foi mais uma demonstração que práticas do bem se "atraem". A professora Cláudia pauta seu trabalho na ética, responsabilidade e interculturalidade, "modos de ser" que também são referências na nossa tese e trabalho como professor. Como exemplo dessa "atração", trago um parágrafo de um artigo da professora Cláudia Battestin a respeito de ética: "A ética é um dever que tem limites claros, e que ultrapassados já não estamos no mundo ético e sim no mundo do senso comum que tem que ser combatido pelos educadores, para que os educandos não façam o que a sua vontade, que é quase um instinto animal, deseja. Mas, realize atos que a lei universal determina como uma obrigação, este é o imperativo categórico da razão prática, que não pode ser esquecido por toda atividade educacional brasileira, para que tenhamos uma educação fundamentada na ética". (2016, p.203). É com grande satisfação e honra, que tenho a professora Cláudia contribuindo com minha tese. Muito obrigado, professora CLÁUDIA BATTESTIN DUPONT*!*

O jogador central do meio campo da minha seleção de todos os tempos é Waldir Pereira, mais conhecido como DIDI. Didi foi bicampeão mundial de futebol com as seleções de 1958 e 1962. Era o centro do time – sua liderança era técnica, tática e psicológica. Foi dele o gesto de colocar a bola embaixo do braço, após o Brasil ter sofrido um gol da Suécia, na final da copa de 1958. Didi faz parte da melhor geração do futebol brasileiro, o chamado "futebol-arte". Era a principal referência para o time que possuía Pelé e Garrincha. E isto não é pouco. Um dos melhores e mais elegantes meio-campistas da história. O inventor do chute "folha seca". Era chamado pela imprensa europeia de "Senhor do futebol". Didi enxergava o jogo com "outro olhar", um jogador diferenciado, praticava um futebol "outro". Comparo o meu orientador, o Prof. Dr. GILBERTO FERREIRA DA SILVA, devido à importância na realização do meu trabalho, ao jogador Didi. Gilberto foi e é muito importante na minha vida, como Didi foi para a seleção de 58, pois, fui o primeiro orientando de Gilberto, quando iniciou o PPG em Educação da Universidade La Salle, em 2007. E, dez anos depois, Gilberto acolheu-me novamente, apostou em mim, para realização do doutoramento. Bastou um telefonema Fortaleza-Porto Alegre, em 2016, para Gilberto aceitar ser meu orientador e, a partir daí, mudar minha vida. Gilberto possibilitou que eu voltasse a conviver com meu filho, ficar perto de meus familiares e, principalmente, aceitar que pesquisasse sobre futebol, a minha primeira paixão. Eu e Gilberto somos muito diferentes, mas dizem que os polos opostos se atraem. Em uma de nossas conversas, Gilberto me disse que existe uma relação de troca mútua entre o orientador e o orientando, pois ambos são influenciados no seu cotidiano, um pelo outro. No primeiro momento, fiquei surpreso, mas na nossa relação isso aconteceu. Gilberto, com a minha chegada, passou a frequentar o meio do futebol – ele até nem gosta de futebol –, pois seus filhos começaram a jogar em clubes de competição. Já na minha casa, as conversas e as atitudes começaram a ter um viés decolonial. Gilberto contribuiu para que eu tivesse, como diz Mignolo, *"uma 'outra' opção de vida, de pensar e de fazer"*. Enxergo Gilberto como um amigo, um excelente profissional/colega, mas principalmente como um "tutor[1]" na minha vida. Comparo a relação com Gilberto, metaforicamente, à de Sócrates com Platão, ou no aspecto decolonial, à de Mignolo com Walsh. Gilberto, como Didi, é a referência técnica/tática/psicológica na minha pesquisa – o "Senhor orientador". Na minha orientação, Gilberto sempre me deixou à vontade, segundo o velho chavão: "liberdade com responsabilidade". Sua orientação e olhar sobre a pesquisa é certeiro, como um chute de "folha seca". Gilberto, seja qual for momento, tem a palavra, o jeito e o tom de voz exato, que acalma, tranquiliza e incentiva seu "time". Não

[1] Aquele que ampara, protege, defende; o guardião.

sei como agradecer a Gilberto – tentei fazer o melhor neste trabalho para justificar tamanha gratidão. Muito obrigado, "Amigos para Sempre", GILBERTO!

O primeiro atacante que selecionei foi RONALDO NAZÁRIO, "o fenômeno". Ronaldo foi bicampeão do mundo de futebol com as seleções de 1994 e 2002 – esta, a última seleção com "craques de verdade". Um centroavante goleador, com força, destemido e com muita técnica. Faço a relação do colega, amigo, e agora padrinho de casamento, EVANDRO LUNARDELLI, com Ronaldo Nazário. Nesses quatro anos em Porto Alegre, Evandro foi o melhor amigo que tive, sempre disponível, parceiro, afetuoso, foi meu conselheiro e companheiro nos momentos difíceis e nos empreendimentos, "um goleador". Nessa estada, escrevemos um livro e criamos um modelo de treinamento de futebol apoiado no futsal, o Programa "Dois-Um Brasil". Tinha expectativa nesse retorno de conviver com muitos amigos, isso não aconteceu. Evandro supriu essa falta, é um "fenômeno" de amigo. Muito obrigado, EVANDRO!

O segundo atacante do "meu time" é ROMÁRIO, "o baixinho". Romário foi campeão mundial com a seleção de 1994, um craque dentro área – precisava de pouco espaço para mostrar sua qualidade. Romário é um jogador irreverente, não aceita qualquer juízo, desafia o modelo tradicional de futebol, posso dizer, é "um decolonial". Faço a analogia da Profa. Dra. RAQUEL FABIANA LOPES SPAREMBERGER com Romário. Minha relação com a professora Fabiana Sparemberger foi "amor profissional à primeira vista". Conheci a professora na Universidade La Salle, no Congresso *Sociology of Low* de 2018, ao inscrever-me no grupo de trabalho "Estado, poder e violência(s): perspectivas nas sociedades pós-coloniais." Naquele grupo, eu era um "peixe fora d'água", pois sou do curso de Educação Física e todos os outros colegas eram do curso de Direito. Quando a professora Fabiana entrou na sala, estava em companhia de dez estudantes, todos muito alegres e comunicativos. Naquele momento, fiquei à vontade, senti um ambiente acolhedor. Nas primeiras palavras da professora Fabiana para grupo de trabalho surgiu afinidade – sua fala e postura encantam. Como trabalhei muito tempo com o futebol, tenho a pretensão de conhecer as pessoas e, ao olhar e escutar a professora Fabiana, internamente refleti: "ela é uma professora diferente, é das nossas". Mais uma vez, não errei. Convidei a professora Fabiana para a banca de defesa do projeto, o que prontamente ela aceitou, mesmo tendo conhecido o pesquisador só naquela manhã. Na banca, a professora Fabiana contribuiu de maneira significativa e cirúrgica para tese, com intervenções perfeitas – como Romário na área. Suas falas nos fazem refletir, tem uma postura que também não aceita qualquer juízo. A professora Fabiana foi quem, na análise do projeto, desvelou a tese: "o modelo

epistêmico de ensino do futebol". A partir de suas considerações, realizamos este trabalho. Muito obrigado, professora FABIANA!

Continuando nesse ataque dos sonhos, da minha seleção, convoquei Manoel Francisco dos Santos, MANÉ GARRINCHA. Garrincha foi o estereótipo do jogador brasileiro. Atrevido, irreverente, driblador, um craque da bola. Garrincha foi bicampeão do mundo com a seleções de 1958 e 1962. Em 1962, assumiu o protagonismo – quando Pelé se machucou – na seleção e levou o Brasil ao segundo título mundial. Garrincha foi um "diferenciado da bola", o seu jogo individual facilitava o jogo de seus colegas. Chamado de individualista, mas na minha visão, um jogador altruísta, pois, ao driblar dois ou três adversários, deixava seus colegas livres para jogar e marcar os gols. Relaciono minha mãe, a professora com "P" maiúsculo, SÔNIA M. NOGUEIRA BALZANO, por sua contribuição na pesquisa, com Garrincha. Minha mãe não é irreverente, atrevida ou dribladora, mas é uma "craque na educação". Além disso, sempre assumiu o protagonismo nos momentos mais difíceis na família ou na vida profissional. Considero Sônia Balzano também uma altruísta com os seus e com os outros. Na minha pesquisa, contribuiu muito na correção, dialogando sobre a tese nas reuniões familiares e, principalmente, incentivando e valorizando o trabalho do seu filho. Passamos por momentos difíceis (saúde) nesses últimos anos, mas Sônia esteve sempre ali, forte e positiva, carregando a família, como Garrincha em 62. Sônia foi minha referência para escolha profissional. Se hoje sou um professor competente, respeitado pelos colegas e referência para meus estudantes, devo tudo a Sônia Balzano. Muito obrigado, MÃE!

Finalizo minha seleção dos sonhos com Edson Arantes do Nascimento, nada mais do que PELÉ, o "rei do futebol". Pelé é o único jogador tricampeão mundial de futebol. Foi campeão em 1958, 1962 e protagonista em 1970 – na opinião de jornalistas, a melhor seleção de todos os tempos. Pelé era completo como jogador, realizava todas as ações futebolísticas com perfeição. Fez mais de mil gols. Era "imarcável" em campo. Comparo o colega Prof. Dr. JOÃO ALBERTO STEFFEN MUNSBERG, em função da contribuição que tive nesta pesquisa, a Pelé. João me ajudou muito, com as correções, palavras corretas, conselhos, produção de artigos e, principalmente, com a escrita científica. João foi um verdadeiro consultor. João é o "rei da pesquisa". Um craque dos artigos. Uma pessoa solícita, dedicada, criativa, organizada, um altruísta também, um verdadeiro "colega", no sentido mais amplo desta palavra. João é uma referência para todos os colegas da turma e do grupo de pesquisa. Acredito que todos gostamos e admiramos muito esse colega. João foi o melhor parceiro que tive na produção do conhecimento. Ele não escreveu "mil artigos", mas está chegando perto. Nesses anos de convivência, soube que João tinha trabalhado com minha mãe. Mais uma vez a dobradinha Pelé

e Garrincha juntos, mas agora na figura de João e Sônia, pois ambos contribuíram muito na produção deste trabalho. Eu passava a bola/pesquisa para Sônia/Garrincha corrigir, que devolvia para João/Pelé realizar os acertos finais. Fiz os dois trabalharem juntos novamente, sem eles saberem. Pelé e Garrincha juntos nunca perderam um jogo na seleção brasileira. Entendo que Sônia e João juntos contribuíram para que este trabalho também seja vencedor. Parceiro, como ele me chama, estou indo embora, mas pretendo continuar "jogando" contigo. Tu és aquela pessoa que o mundo nos presenteia. Muito obrigado, colega e, hoje, grande amigo, JOÃO!

UMA PARTIDA DE FUTEBOL [A METÁFORA DA TESE]

Eu não nasci, eu entrei em campo! Minha formação ocorreu no mundo do futebol – o "planeta bola". Sem ter ciência da realidade, vivi e vivenciei o "sistema-mundo moderno", com hegemonia do Norte global, que subalterniza os "outros" – inferiorizados, explorados, dominados, discriminados, colonizados. Mas, agora percebo que esse cenário ainda persiste no "mundo da bola". Os jovens estudantes-atletas são considerados mercadoria, produto. No lugar de uma formação humana integral, o que prevalece é a produção de sujeitos "pés de obra", sob a égide da colonialidade – extensão do colonialismo "moderno".

Nesse mundo, "outros" sofrem preconceitos, são rotulados e estigmatizados. "Futebol é coisa pra homem" – homem branco, hétero, ocidental, cristão, inteligente, rico, poderoso, vencedor. Nesse mundo, os "pés de obra" não passam de mera mercadoria nas mãos de comerciantes e investidores – majoritariamente europeus. Assim, o que interessa na formação dos futuros atletas e a *performance*, o "futebol-força", futebol "moderno". Todavia, tal como a "bola rola", o "mundo gira". E constato que um "giro outro" é necessário, e viável – um "mundo outro" é possível.

A construção dessa partida principal/tese vai ser escrita pela orientação dos momentos tradicionais de uma partida de futebol e seus participantes. Este professor de futebol/pesquisador – também assume o papel de narrador ou comentarista da partida/pesquisa – que, desafiado pelo árbitro principal/orientador, planeja todos os momentos e movimentos da partida/tese. Emprego na partida principal uma escrita metafórica relacionada ao futebol, pois o futebol é segmento muito importante na vida do professor de futebol/pesquisador. Além disso, utilizo o recurso do texto visual na pesquisa, para caracterizar os capítulos/momentos do jogo de futebol e as heranças da colonialidade. Todas as imagens e fotos fazem parte do acervo pessoal desse pesquisador e do arquivo da DDU-UFC.

Em efeito, planejo uma grande partida – um clássico –, confrontando dois grandes times: "Movimento Colonial" *x* "Giro Decolonial". Entro em campo novamente – desta feita, o campo da pesquisa. De início, já sabia eu que o jogo seria peleado. A equipe "Movimento Colonial" leva grande vantagem. Afinal, são mais de 500 anos de hegemonia. Conta com jogadores experientes em termos de métodos, técnicas, sistemas, modelos, estratégias e pensamentos, isto é, a "racionalidade moderna" – cartesiana, pretensamente universal e única. Do outro lado, a equipe "Giro Decolonial" organizada há poucas décadas, no Sul. Apesar de nova, é ambiciosa. Está disposta a "virar o jogo". Propõe-se a dar um giro epistêmico, ético, cultural e político, guiada por um "pensamento outro". Avança pelas laterais do campo, ultrapassa fronteiras,

“desgasta” táticas e fundamentos dos adversários e se fixa – geoepistemicamente – na “zona de contato” ofensiva.

O plano de jogo consta de: 1 – o aquecimento [introdução]; 2 – o pontapé inicial, os movimentos das equipes no primeiro tempo [justificativa da escolha temática: os modelos epistêmicos do ensino de futebol]; 3 – intervalo da partida [justificativa da escolha temática: os possíveis fatores que levaram os futuros jogadores a se tornarem “pés de obra”]; 4 – os momentos do jogo no segundo tempo [justificativa da escolha temática: preconceitos no futebol]; 5 – gol, o grande momento do futebol [decisões metodológicas]; 6 – prorrogação [análise dos dados]; 7 – decisão por pênaltis [alternativas propostas pelos participantes]; 8 – o pênalti decisivo, o gol, a vitória no clássico e o título [indicadores para a construção de uma proposta de ensino do futebol na perspectiva decolonial]; 9 – comentários do clássico [considerações finais].

Tudo pronto. O árbitro trila o apito: bola em jogo. Este treinador se posiciona ao lado dos adversários: nada de atritos. Muito respeito à equipe “Movimento Colonial”. De cabeça erguida, ponho-me a sentipensar[2], corazonar[3] e sulear[4]. O jogo se desenrola com avanços e recuos – com jogadas extraordinárias e defesas estratégicas – e chega aos momentos derradeiros.

Estou ansioso para erguer o “caneco” – não para guardá-lo no armário ou deixá-lo no museu – para desfrutar da conquista com os torcedores/leitores e todos os que colaboraram para o grande feito. Estou pronto para o grito de gol – o gol da vitória final. E, no que o árbitro e seus auxiliares/banca examinadora/VAR confirmarem o resultado da partida/tese, vou comemorar o título: Doutor em Educação!

[2] **Sentipensar** indica o processo mediante o qual colocamos para trabalhar conjuntamente o pensamento e o sentimento. É a fusão de duas formas de interpretar a realidade, a partir da reflexão e do impacto emocional, até convergir em um mesmo ato de conhecimento o sentir, pensar e agir. (MORAES; TORRE, 2004).

[3] **Corazonar** constituye una respuesta política insurgente frente a la colonialidad del poder, del saber y del ser, pues desplaza la hegemonía de la razón, y muestra que nuestra humanidad se erige a partir de la interrelación entre la afectividad y la razón, y que tiene como horizonte la existencia. Corazonar significa asumir una mayor responsabilidad personal para comprender y cambiar el mundo. (ARIAS, 2010).

[4] O termo **“Sulear”** problematiza e contrapõe o caráter ideológico do termo nortear (norte: acima, superior; sul: abaixo, inferior), dando visibilidade à ótica do sul como uma forma de contrariar a lógica eurocêntrica dominante a partir da qual o norte é apresentado como referência universal. (CAMPOS, 1991).

RESUMO

Esta tese – inscrita na linha de pesquisa "Formação de professores, teorias e práticas educativas", da Unilasalle – trata da contribuição do modelo epistêmico adotado por profissionais de Educação Física (EF) no ensino do futebol, tanto na universidade quanto no clube, para a produção de sujeitos "pés de obra". Um dos maiores problemas enfrentados pelo futebol, é a estrutura vigente na formação escolar e esportiva dos estudantes-atletas, reduzindo esses jovens à condição de objeto. Os estudantes-atletas estão inseridos em um mercado de trabalho restrito, onde o jogador passa a ser um item nas mãos de investidores e clubes, deixando de ser responsável por administrar a sua própria força de trabalho. Nesse âmbito, percebemos que a escola e a universidade pouco contribuem para a formação de um jogador de futebol, pois transferem essa responsabilidade para os clubes, apesar de a profissão de jogador de futebol ser uma das mais procuradas pelos jovens de classes populares. Esta tese tem como objetivo geral: Analisar, amparado na perspectiva decolonial, o modelo epistêmico adotado por profissionais de EF no ensino do futebol, em universidades e em clubes, e sua relação com a produção de sujeitos "pés de obra". Quanto ao aspecto teórico-metodológico, buscamos apoio na teoria decolonial, com uma abordagem qualitativa, do tipo híbrida. Empregamos uma escrita metafórica relacionada ao futebol na construção de um texto na perspectiva decolonial e utilizamos o recurso do texto visual, para caracterizar os momentos do jogo de futebol/capítulos. Para a coleta de dados, usamos entrevistas semiestruturadas, análise documental e observações participativas. O tratamento dos dados e a discussão dos resultados fundamentou-se na proposta sócio cognitiva de análise crítica de discurso, de Van Dijk. Os resultados do estudo foram: as IES-EF não valorizam a disciplina de futebol, mesmo esse desporto fazendo parte significativa da cultura nacional; a disciplina de futebol pouco trata de conteúdos relacionados aos preconceitos no futebol, a formação de jovens atletas e as dificuldades no futebol. Em relação aos clubes de futebol, a formação humana dos jovens atletas não faz parte da preparação e objetivos dos clubes. No que diz respeito às alternativas propostas pelos participantes para mitigar a produção de sujeitos "pés de obra", os profissionais das IES-EF destacaram: as disciplinas de futebol precisam tratar de temas como o preconceito, a influência da mídia no esporte, o processo de seleção de atletas, outras alternativas de trabalho no futebol, modelos de treinamentos/aulas adequados a faixas etárias, gênero e diferenças; os estudantes-atletas devem treinar pela manhã e estudam à tarde. Já os profissionais dos clubes de futebol apontaram: o treinador que trabalha nas categorias de base necessita ter experiência para contribuir tanto na formação técnica como humana dos atletas; universidades e clubes de

futebol necessitam de maior aproximação na busca do compartilhamento de conhecimentos. Os indicadores propostos pelo pesquisador são: trabalhar, nas universidades, nas escolas e nos clubes, os movimentos de liberdade realizados por atletas e clubes com o objetivo de combater os preconceitos e a falta de democracia no futebol e na sociedade, bem como evidenciar a contribuição positiva das classes populares no desenvolvimento e aprimoramento do futebol brasileiro; a escola, as IES, em específico o curso de EF, podem valorizar e ampliar a carga horária da disciplina de futebol no seu currículo; as IES precisam selecionar profissionais capacitados nesse desporto e proporcionar infraestrutura adequada à prática do futebol; os clubes, a escola e a disciplina de futebol podem utilizar uma proposta de ensino-aprendizagem e treinamento do futsal em harmonia com o futebol nas aulas/treinos práticas. Defendemos um modelo epistêmico "outro" de ensino e conhecimento do futebol, na universidade e no clube, que forme futuros profissionais de EF e estudantes-atletas dentro e fora das quatro linhas do campo de jogo, criando condições para que possam, de forma crítica, experimentar modos "outros" de exercitar e aprender, em um ato existencial que valorize o todo da existência humana, o "sentipensar".

Palavras-chave: Futebol. Educação Física. "Pés de obra". Formação de professores. Movimento decolonial.

RESUMEN

Esta tesis – inscrita en la línea de investigación "Formación of profesores, teorizaciones y prácticas educativas "de Unilasalle – trata de la contribución del modelo epistémico adoptado por los profesionales de la Educación Física (EF) en la enseñanza del fútbol, tanto en la universidad como en el club, para la producción de asignaturas "pies de trabajo". Uno de los mayores problemas a los que se enfrenta el fútbol es la estructura que prevalece en la escuela y la formación deportiva de estudiantes-atletas, reduciendo a estos jóvenes a la condición de objeto. Los estudiantes-atletas se insertan en un mercado laboral restringido, donde el jugador se convierte en un elemento en manos de inversores y clubes, ya no es responsable de administrar su propia fuerza de trabajo. En este contexto, nos damos cuenta de que la escuela y la universidad contribuyen poco a la formación de un futbolista, ya que transfieren esta responsabilidad a los clubes, aunque la profesión de futbolista es una de las más buscadas por los jóvenes de las clases populares. Esta tesis tiene como objetivo general: analizar, a partir de la perspectiva decolonial, el modelo epistémico adoptado por los profesionales de EF en la enseñanza del fútbol, en universidades y clubes, y su relación con la producción de sujetos "pies de trabajo". En cuanto al aspecto teórico-metodológico, buscamos apoyo en la teoría decolonial, con un enfoque cualitativo, híbrido. Usamos una escritura metafórica relacionada con el fútbol en la construcción de un texto en la perspectiva decolonial y utilizamos la función de texto visual, para caracterizar los momentos del juego/capítulos de fútbol. Para la recopilación de datos, utilizamos entrevistas semiestructuradas, análisis documentales y observaciones participativas. El tratamiento de los datos y la discusión de los resultados se basó en la propuesta socio-cognitiva del análisis crítico del discurso, de Van Dijk. Los resultados del estudio fueron: las IES-EF no valoran la disciplina del fútbol, aunque este deporte es una parte significativa de la cultura nacional; la disciplina del fútbol se ocupa poco de los contenidos relacionados con los prejuicios en el fútbol, la formación de jóvenes atletas y las dificultades en el fútbol. En relación con los clubes de fútbol, la formación humana de los atletas jóvenes no forma parte de la preparación y los objetivos de los clubes. Con respecto a las alternativas propuestas por los participantes para mitigar la producción de sujetos "pies de trabajo", destacaron los profesionales de las IES-EF: las disciplinas futbolísticas deben tratar temas como el prejuicio, la influencia de los medios de comunicación en el deporte, el proceso de selección de atletas, otras alternativas de trabajo en el fútbol, modelos de entrenamiento/clases adecuadas a grupos de edad, género y diferencias; estudiantes-atletas deberían entrenar por la mañana y estudian por la tarde. Por otro lado, señalaron los profesionales de los clubes de fútbol: el entrenador que

trabaja en las categorías básicas necesita tener experiencia para contribuir tanto en la formación técnica como humana de los deportistas; las universidades y los clubes de fútbol necesitan una mayor aproximación en la búsqueda del intercambio de conocimientos. Los indicadores propuestos por el investigador son: trabajar, en universidades, escuelas y clubes, los movimientos de libertad realizados por atletas y clubes con el objetivo de combatir los prejuicios y la falta de democracia en el fútbol y la sociedad, así como para evidenciar la contribución positiva de las clases populares en el desarrollo y mejora del fútbol brasileño; la escuela, las IES, en particular el curso de EF, pueden valorar y aumentar la carga de trabajo de la disciplina futbolística en su currículo; las IES necesitan seleccionar profesionales capacitados en este deporte y proporcionar una infraestructura adecuada para la práctica del fútbol; los clubes, las escuelas y la disciplina del fútbol pueden utilizar una propuesta para la enseñanza-aprendizaje y la formación de fútbol en armonía con el fútbol en clases prácticas/entrenamiento. Abogamos por un "otro" modelo epistémico de enseñanza y conocimiento del fútbol, en la universidad y en el club, que forme futuros profesionales de la educación física y estudiantes-atletas dentro y fuera de las cuatro líneas del campo de juego, creando condiciones para que puedan experimentar críticamente "otras" formas de ejercicio y aprendizaje, en un acto existencial que valora toda la existencia humana, el "sentipensar”.

Palabras clave: Fútbol. Educación Física. "Pies de trabajo" Formación del profesorado. Movimiento decolonial.

ABSTRACT

This thesis – inscribed in the research line "Formation of professors, theories and educational practices" of Unilasalle – deals with the contribution of the epistemic model adopted by Physical Education (PE) professionals in the teaching of football, both at the university and in the club, for the production of "workfeet" subjects. One of the biggest problems faced by football is the current structure in the school and sports training of student-athletes which reduces these young people to the condition of object. Student-athletes are inserted in a restricted labor market where the player becomes an item in the hands of investors and clubs. Therefore, he is no longer responsible for managing their own workforce. In this context, we realize that the school and the university don't really contribute to the formation of a football player, as they transfer this responsibility to the clubs, despite the fact that the profession of football player is one of the most sought by the youth of popular classes. This thesis aims to analyze, supported by the decolonial perspective, the epistemic model adopted by PE professionals in the teaching of football, both in universities and clubs and its relationship with the production of subjects "workfeet". As for the theoretical-methodological aspect, we seek support in the decolonial theory, with a qualitative approach of hybrid type. We employ a metaphorical writing related to football in the construction of a text in the decolonial perspective, also using a visual text resource to characterize the moments of the football game/chapters. For data collection, we use semi-structured interviews, documented analysis and participatory observations. The treatment of data and the discussion of results were based on Van Dijk's socio-cognitive proposal for critical discourse analysis. The results of the study were: the HEI-PE do not value football discipline, even though this sport is a significant part of the national culture; the football discipline makes a little approach of content related to prejudices in football, training of young athletes and difficulties in football. In relation to football clubs, the human formation of young athletes is not part of the clubs' preparation and objectives. Regarding to the alternatives proposed by the participants to mitigate the production of "workfeet" subjects, the HEI-PE professionals highlighted: the football disciplines need to address issues such as prejudice, the influence of the media in sport, the selection process athletes, other work alternatives in football, such as appropriated models of training/teaching to age groups, gender and differences; student-athletes should train in the morning and study in the afternoon. Football club professionals pointed out: the coach who works in the youth team academy needs to have experience to contribute to both the technical and human training of athletes; universities and football clubs need to be work side-by-side in the search for

knowledge sharing. The indicators proposed by the researcher are: to work in universities, schools and clubs, the freedom movements carried out by athletes and clubs aiming to fight prejudices and the lack of democracy both in football and society, as well as highlighting the positive contribution of popular classes in the development and improvement of Brazilian football; Schools and HEIs – specifically the PE course –can enhance and extend the workload of the football discipline in their curriculum; HEIs need to select professionals trained in this sport and provide adequate infrastructure for the practice of football; clubs, schools and football disciplines can use a teaching-learning-training proposal of futsal in harmony with football in practical classes/training. We defend an “other” epistemic model of teaching and knowledge of football, both at university and club, that trains future PE professionals and student-athletes inside and outside the pitch to create conditions so that they can critically experience "other" ways of exercising and learning in an existential act that values the whole of human existence, "feeling and thinking".

Keywords: Football. Physical Education. “Workfeet”. Teacher training. Decolonial movement.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – A palestra no vestiário 29
Imagem 2 – O aquecimento com bola 29
Imagem 3 – Reunião dos atletas e grito motivacional 29
Imagem 4 – Equipe perfilada para o início da partida 45
Imagem 5 – Primeiro tempo - Ação ofensiva (proteção da bola) 45
Imagem 6 – Primeiro tempo - Ação defensiva (cabeceio) 45
Imagem 7 – Intervalo (descanso e hidratação) 66
Imagem 8 – Intervalo (estratégias para o segundo tempo) 66
Imagem 9 – Intervalo (concentração dos jogadores para o retorno ao jogo) 66
Imagem 10 – Segundo tempo - Ação defensiva (desarme) 89
Imagem 11 – Segundo tempo - Ação ofensiva (cobrança de tiro livre direto) 89
Imagem 12 – Segundo tempo - Ação ofensiva (drible) 89
Imagem 13 – Momento do gol I 112
Imagem 14 – Momento do gol II 112
Imagem 15 – Momento do gol III 112
Imagem 16 – Prorrogação - Conversa sobre as ações que a equipe realizou no jogo 156
Imagem 17 – Prorrogação - Ação ofensiva (contra-ataque) 156
Imagem 18 – Prorrogação - Ação defensiva (roubada de bola) 156
Imagem 19 – Intervalo da prorrogação (conversa e hidratação) 212
Imagem 20 – Intervalo da prorrogação (mobilização final) 212
Imagem 21 – Reinício da prorrogação 212
Imagem 22 – Segundo tempo da prorrogação - Ação de ataque (condução para de bola) 252
Imagem 23 – Segundo tempo da prorrogação - Ação de ataque (troca de passes) 252
Imagem 24 – Segundo tempo da prorrogação - Ação de defesa (dobra de marcação e cobertura) 252
Imagem 25 – Concentração coletiva para decisão por pênaltis 301
Imagem 26 – Goleiro defende o pênalti 301
Imagem 27 – Cobrança de um pênalti 301
Imagem 28 – Cobrança do pênalti decisivo 316
Imagem 29 – Comemoração do título 316
Imagem 30 – Foto da equipe campeã 316
Imagem 31 – Comentário sobre a equipe “movimento colonial” 348

Imagem 32 – Comentário sobre a equipe “giro decolonial” 348
Imagem 33 – A passagem do “bastão”.....348

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O modelo tradicional de ensino 47
Figura 2 – O modelo de ensino na educação física visando à *performance* 52
Figura 3 – O modelo de ensino do futebol nas universidades com ênfase na técnica 56
Figura 4 – O modelo eurocêntrico de ensino de futebol nos clubes brasileiros 60
Figura 5 – O estereótipo do jogador "pés de obra" estigmatizado pela sociedade 70
Figura 6 – A família e o futebol como possibilidade de ascensão social 74
Figura 7 – A realidade da escola pública no brasil 77
Figura 8 – A mídia e a ilusão através do futebol 81
Figura 9 – A ganância dos empresários de futebol 85
Figura 10 – Heranças da colonização 91
Figura 11 – Jogador de futebol não precisa estudar 93
Figura 12 – O racismo a brasileira no futebol 98
Figura 13 – O mundo do futebol não tolera *gay* 102
Figura 14 – Futebol é coisa para homem 106
Figura 15 – O escrete – Jogadores da equipe [participantes da pesquisa] 127
Figura 16 – Princípios básicos da ACD 159
Figura 17 – Etapas de análise dos dados 163

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Perfil dos jogadores participantes da partida principal.....133
Quadro 2 – Operacionalização das entrevistas.....138
Quadro 3 – Descrição das observações.....149
Quadro 4 – Alternativas para um modelo "outro" de ensino/conhecimento do futebol nas IES.....303
Quadro 5 – Alternativas para um modelo "outro" de ensino/conhecimento do futebol nos clubes.....306
Quadro 6 – Alternativas para mitigar as dificuldades no futebol.....308
Quadro 7 – Alternativas para mitigar os preconceitos no futebol.....311
Quadro 8 – Alternativas para "possível" conciliação entre escola e futebol.....313
Quadro 9 – Proposta de ensino do futsal em harmonia com o futebol.....344

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACBF – Associação Carlos Barbosa de Futsal
ACD – Análise Crítica de Discurso
ACM – Associação Cristã de Moços
BNCC – Base Nacional Comum Curricular
C – Conjunto
CBF – Confederação Brasileira de Futebol
CBFS – Confederação Brasileira de Futebol de Salão
CETE – Centro Estadual de Treinamento Esportivo
CF – Clube de Futebol
CFT – Centro de Formação e Treinamento
CGCB-CF1 – Coordenador Geral das Categorias de Base do Clube de Futebol 1
CGCB-CF3 – Coordenador Geral das Categorias de Base do Clube de Futebol 3
CND – Conselho Nacional de Desportos
CoEF-IES1 – Coordenador de Educação Física da Instituição de Ensino Superior 1
CoEF-IES2 – Coordenador de Educação Física da Instituição de Ensino Superior 2
CoEF-IES3 – Coordenador de Educação Física da Instituição de Ensino Superior 3
CT – Centro de Treinamento
CoT-CF1 – Coordenador Técnico das Categorias sub-16 e sub-17 do Clube de Futebol 1
CoT-CF2 – Coordenador Técnico da Categoria sub-17 do Clube de Futebol 2
DDU – Departamento de Desporto Universitário
ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente
EF – Educação Física
ESEF – Escola Superior de Educação Física
FIFA – Fédération Internationale de Football Association
G – Grupo
G/MC – Grupo Modernidade/Colonialidade
GPEI – Grupo de Pesquisa em Educação Intercultural
IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
IDH – Índice de Desenvolvimento Humano
IES – Instituições de Educação Superior

IES-EF	– Instituições de Educação Superior em Educação Física
IEFES	– Instituto de Educação Física e Esportes
IPA	– Instituto Porto Alegre
JAB's	– Jogos Acemistas Brasileiros
JUB's	– Jogos Universitários Brasileiros
LDB	– Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	– Ministério da Educação e Cultura
NEPE	– Núcleo de Estudos e Pesquisa em Esporte
ODRF	– Observatório da Discriminação Racial no Futebol
OTAN	– Organização do Tratado do Atlântico Norte
P	– Professor
PA3	– Porto Alegre 3
PCN	– Plano Curricular Nacional
PF-IES1	– Professor de Futebol da Instituição de Ensino Superior 1
PF-IES2	– Professor de Futebol da Instituição de Ensino Superior 2
PF-IES3	– Professor de Futebol da Instituição de Ensino Superior 3
PF16-CF1	– Preparador Físico da Categoria sub-16 do Clube de Futebol 1
PF17-CF1	– Preparador Físico da Categoria sub-17 do Clube de Futebol 1
PF17-CF3	– Preparador Físico da Categoria sub-17 do Clube de Futebol 3
PIBID	– Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PPGE	– Programa de Pós Graduação em Educação
PPP	– Projeto Político Pedagógico
PROESP-BR	– Projeto Esporte Brasil
SEFIC	– Semana Científica da Universidade La Salle
SL	– São Leopoldo
SNFDT	– Secretaria Nacional de Futebol e Defesa dos Direitos do Torcedor
TCC	– Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	– Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TF17-CF1	– Treinador da Categoria sub-17 do Clube de Futebol 1
TF16-CF1	– Treinador da Categoria sub-16 do Clube de Futebol 1
TF17-CF2	– Treinador da Categoria sub-17 do Clube de Futebol 2
TF17-CF3	– Treinador da Categoria sub-17 do Clube de Futebol
UFC	– Universidade Federal do Ceará

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

ULBRA – Universidade Luterana do Brasil

SUMÁRIO

1 O AQUECIMENTO [Introdução] 29
2 O PONTAPÉ INICIAL, OS MOVIMENTOS DAS EQUIPES NO PRIMEIRO TEMPO [Justificativa da escolha da temática: os modelos epistêmicos do ensino de futebol] 45
2.1 O modelo epistêmico tradicional 47
2.2 O modelo epistêmico na Educação Física 52
2.3 O modelo epistêmico no ensino do futebol nas universidades 56
2.4 O modelo epistêmico do ensino de futebol nos clubes 60
3 INTERVALO DA PARTIDA [Justificativa da escolha da temática: os possíveis fatores que levam os futuros jogadores a se tornarem sujeitos "pés de obra"] 66
3.1 Os sujeitos "pés de obra" [Jogador de futebol não precisa estudar...] 69
3.2 O sonho das famílias de ascensão social pelo futebol [Jogador de futebol não precisa estudar...] 74
3.3 A realidade da escola pública brasileira para os jogadores "pés de obra" [Jogador de futebol não precisa estudar...] 77
3.4 A mídia esportiva que dá ênfase ao lado positivo do futebol [Jogador de futebol não precisa estudar...] 81
3.5 A atuação dos empresários no futebol [Jogador de futebol não precisa estudar...] ... 85
4 OS MOVIMENTOS DO JOGO NO SEGUNDO TEMPO [Justificativa da escolha da temática: preconceitos no futebol] 89
4.1 Heranças da modernidade/colonialidade 90
4.2 A visão do senso comum que jogador de futebol não precisa estudar [Heranças da modernidade/colonialidade] 93
4.3 O racismo no futebol [Heranças da modernidade/colonialidade] 98
4.4 A homofobia no futebol [Heranças da modernidade/colonialidade] 102
4.5 O machismo no futebol [Heranças da modernidade/colonialidade] 106
4.5.1 A inserção da mulher na prática do futebol 106
4.5.2 A inserção da mulher na mídia e nos estádios de futebol 108
5 GOL, O GRANDE MOMENTO DO FUTEBOL [Decisões metodológicas] 112
5.1 "Gol do meio da rua" [Tipo de pesquisa] 118
5.2 "Gol de bicicleta" [Inserção temática] 121
5.3 "Golaço" [Campo empírico] 122
5.3.1 "Catimba" [Os contatos com as instituições] 125

5.4 “Gol olímpico” [Os participantes da pesquisa] 126
5.4.1 O “goleiro capitão” [O coordenador geral das categorias de base do clube de futebol] 128
5.4.2 O lateral “Armandinho” [O coordenador técnico de clube de futebol] 128
5.4.3 O zagueiro “beque de fazenda” [O preparador físico das categorias sub-16 ou sub-17 do clube de futebol] 129
5.4.4 O volante “catimbeiro” [O coordenador de EF das IES] 130
5.4.5 O meia armador “curinga” [O professor de futebol das IES de EF] 130
5.4.6 O atacante “craque” [O treinador das categorias sub-16 ou sub-17 de clube de futebol] 131
5.4.7 O “bandeirinha” [Os critérios de inclusão para escolha do escrete] 132
5.5 “Gol do meio da rua” [Instrumentos para a coleta de dados] 134
5.5.1. “Gol com bola e tudo” [Entrevista semiestruturada] 135
5.5.2 “Gol de bate-pronto” [Análise documental] 142
5.5.3 “Pintura de gol” [Observação participante] 147
5.5.4 – “Gol relâmpago” [Diário de campo] 153
5.5.5 “Olho no lance” [Leitura de imagens] 154
6 PRORROGAÇÃO [Análise dos dados] 156
6.1 “Ganhar de Virada” [Análise Crítica de Discurso – T. A. Van Dijk] 157
6.2 “Camisa doze” [Procedimentos de análise dos dados] 160
6.2.1 1ª etapa – Agora é “correr para o abraço” [Análise individual dos participantes] 164
6.2.2 2ª etapa – “Batemos um bolão” [Análise dos grupos de participantes] 213
6.2.3 3ª etapa – “Barba, cabelo e bigode” [Análise dos participantes em conjunto – universidade e clube de futebol] 253
7 DECISÃO POR PÊNALTIS [Alternativas propostas pelos participantes] 301
8 O PÊNALTI DECISIVO, O GOL, A VITÓRIA NO CLÁSSICO E O TÍTULO [Indicadores para a construção de uma proposta de ensino do futebol na perspectiva decolonial] 316
9 COMENTÁRIOS DO CLÁSSICO [Considerações finais] 348
REFERÊNCIAS 355
APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido 382
APÊNDICE B – Roteiro de perguntas 384
APÊNDICE C – Exemplo de transcrição das entrevistas 386
APÊNDICE D – Pauta de observações 395

APÊNDICE E – Exemplo de observação 396
ANEXO A – Carta de apresentação às Instituições 399
ANEXO B – Carta aceite das Instituições 400

1 O AQUECIMENTO [INTRODUÇÃO]

Imagem 1 – A palestra no vestiário

Imagem 2 – O aquecimento com bola

Imagem 3 – Reunião dos atletas e grito motivacional

1 O AQUECIMENTO[5] [Introdução]

Procure imaginar a seguinte situação: você está sentado na plateia para assistir a uma apresentação. Certamente não há a preocupação, de sua parte, sobre o que possa estar ocorrendo atrás das cortinas, prontas para serem abertas e revelarem as mais diversas possibilidades e sensações – até porque você foi ao espetáculo na condição de espectador, e como tal, seu interesse estava nas sensações proporcionadas, sejam elas de satisfação, alegria, tristeza ou indignação. E, se o futebol fosse esta apresentação e você tivesse a oportunidade de olhar por trás das cortinas, o que lhe chamaria a atenção? O que poderemos descobrir se olharmos por trás das cortinas de um espetáculo de futebol? O espectador cauteloso, ao olhar, diria: "o futebol é um jogo, um esporte e não possui cortinas para olhar por trás". Outro espectador, mais audacioso, poderia ainda responder: "eu sei o que acontece por trás, até porque eu vivo no 'país do futebol', nasci com essa sensibilidade impregnada em mim." E você, o que responderia?

O futebol alcança importância gigantesca em nosso país, a ponto de afirmar-se ser este o "país do futebol". Por isso, você está convidado a espiar atrás da cortina e descobrir os acordos e acertos desta apresentação[6], bem como, aprofundar seus conhecimentos sobre o que pode vir a ser o futebol, para além das quatro linhas que circunscrevem o campo de jogo. Afinal, este pesquisador[7] é o tipo de espectador que vive no "país do futebol", nasceu com essa sensibilidade impregnada em si. O interesse pelo futebol nasceu consigo. A bola foi seu brinquedo preferido, provavelmente desde que comecei a caminhar.

Um dos maiores problemas enfrentados pelo futebol, principalmente no Brasil, é a estrutura vigente na formação escolar e esportiva dos estudantes-atletas[8], reduzindo esses jovens à condição de objeto/coisa. Os estudantes-atletas estão inseridos em um mercado de

---

[5] Fizemos a relação do aquecimento no futebol com a introdução da tese porque a função geral do aquecimento é preparar o organismo para a prática esportiva. E a introdução desta narrativa visa preparar, isto é, introduzir o leitor na temática do estudo.

[6] Adaptado de Fugikawa *et al*. (2007).

[7] Prof. Ms. Otávio Nogueira Balzano é especialista em Pedagogia do Treinamento Esportivo pela ESEF/UFRGS, Mestre em Educação e Doutorando em Educação pela Universidade La Salle – Unilasalle, de Canoas/RS. Foi técnico de futsal do S. C. Internacional, ULBRA/Canoas, ACBF/Carlos Barbosa e da seleção gaúcha sub 20 de futsal, em 2002, e auxiliar técnico da seleção brasileira de futsal, em 2008. Foi palestrante de muitos Congressos em Educação Física no Rio Grande do Sul e Ceará, tendo como tema das palestras o futsal e o futebol. Foi professor de ensino fundamental e médio nos Colégios Israelita, Americano e Bom Conselho, todos em Porto Alegre, e professor e técnico de futsal e futebol em Educação Física nas instituições de ensino superior São Judas Tadeu, Unilasalle e Unisinos. Foi coordenador do projeto "A inserção da Universidade no futebol" na cidade de Fortaleza. Escreveu mais de trinta artigos sobre futsal e futebol e é autor de quatro livros de futsal publicados pela Editora Fontoura. Atualmente é consultor do Projeto "CBF Social", professor de futsal e futebol da Universidade Federal do Ceará (UFC), coordenador do Núcleo de Pesquisas em Esportes (NEPE/IEFES/UFC) e integrante do Grupo de Pesquisa em Educação Intercultural (GPEI) do PPGEdu Unilasalle.

[8] Para Conceição (2014), o termo estudante-atleta se refere ao jovem que realiza uma prática rotineira ligada ao esporte de alto rendimento e que também desenvolve sua escolarização.

trabalho restrito, onde o jogador passa a ser um item nas mãos de investidores e clubes, deixando de ser responsável por administrar a sua própria força de trabalho. Nesse âmbito, percebemos que a escola e a universidade (Educação Física) pouco contribuem para a formação de um jogador de futebol, pois transferem essa responsabilidade para os clubes (diretores/comissões técnicas), mesmo que a profissão de jogador de futebol seja uma das mais procuradas pelos jovens das classes populares. Neste sentido, questionamos se a universidade – mais especificamente as disciplinas de futebol – e o clube, estão preparando os futuros profissionais (professores e treinadores) para trabalhar na formação do futebol (com jovens atletas) na perspectiva da formação humana – isto é, saber administrar-se, conhecer sua posição e responsabilidade com/na sociedade – ou se está preparando apenas para a formação técnica, o que contribui para a produção de sujeitos "pés de obra" no futebol.

Esta partida principal/clássico[9] – tese –, no aspecto teórico-metodológico, buscou apoio em um viés decolonial[10], com uma abordagem qualitativa, do tipo híbrida[11], apesar de que, como afirma Borsani, "[...] ainda não se tem consolidado uma metodologia sobre a perspectiva decolonial" (2014, p. 162), todavia, "[..] felizmente [...] não há possibilidade de um único desenho e/ou protocolo metodológico quando se trata de abordagens decoloniais." (2014, p. 164).

Este clássico tem como objetivo geral de investigação: Analisar, amparado na perspectiva decolonial, o modelo epistêmico adotado por profissionais de Educação Física (EF) no ensino do futebol, em universidades e em clubes, e sua relação com a produção de sujeitos denominados de "pés de obra". Já os objetivos específicos são:

a) Identificar as razões que, na visão de profissionais de EF, possam estar contribuindo para a produção de sujeitos "pés de obra".

---

[9] Fizemos a analogia da partida principal/o clássico com a tese, pois no futebol o jogo principal/o clássico é o jogo mais importante e mais esperado por todos.

[10] Utilizaremos o termo decolonial em nossa pesquisa porque, segundo Ballestrin (2013, p.108), trata-se de uma elaboração cunhada pelo Grupo Modernidade/Colonialidade nos anos 2000, sugestão feita por Catherine Walsh para a utilização da expressão "decolonização" – com ou sem hífen – e não "descolonização", pois a supressão da letra "s" marcaria a distinção entre o projeto decolonial do Grupo Modernidade/Colonialidade e a ideia histórica de descolonização, via libertação nacional durante a Guerra Fria. A supressão da letra "s" também convém para diferenciar o projeto decolonial do projeto pós-colonial. A teoria pós-colonial – estudos pós-coloniais – está entre a teoria crítica da Europa (Foucault, Lacan e Derrida), sobre cujo pensamento se construiu a teoria pós-colonial e/ou estudos pós-coloniais, e as experiências da elite intelectual nas ex-colônias inglesas na Ásia e África do Norte. Pois, mesmo que assuma a influência do pós-colonialismo, o GM/C recusa o pertencimento e a filiação a essa corrente. Como utilizamos os pressupostos teóricos decoloniais do grupo como referências epistemológicas em nosso trabalho, entendemos ser coerente utilizar o termo "decolonial".

[11] Conforme Calderón e Guedes (2017), no embasamento das propostas teóricas decoloniais, em termos metodológicos, há uma adaptação das metodologias interpretativistas do Norte, como por exemplo, a ACD (Análise Crítica de Discurso). Há uma série de técnicas de coleta de dados para compor o *corpus* da pesquisa como a entrevista, a pesquisa documental, desenhos, entre outros, utilizados pelas pesquisas de abordagem qualitativa e que certamente vão ao encontro da compreensão de fenômenos sociais.

b) Analisar os efeitos, na visão de profissionais de EF, de práticas e posturas que contribuem para a produção de sujeitos "pés de obra".

c) Propor alternativas que, na visão de profissionais de EF, possam ser desenvolvidas na universidade e/ou no clube para "desgastar" o processo de formação futebolística colonizadora.

d) Apresentar indicadores para a construção de uma proposta de ensino do futebol na EF na perspectiva decolonial.

O desafio de adotar uma abordagem decolonial embasa-se na ausência de uma fórmula ideal e da certeza absoluta sobre o método. Ao contrário, conforme apontado por Borsani e Quintero (2014, p. 17), "[...] a decolonialidade inquieta e desassossega. Convida a práticas desobedientes, a desprendimentos e a indisciplinas, a dar um giro, a virar a hegemonia ocidental e imperial que impôs uma ordem mundial à custa dos interesses de domínio e opressão."

Utilizamos os pressupostos teóricos decoloniais do Grupo Modernidade/Colonialidade (GM/C)[12], como referências epistemológicas para nossa tese. A pesquisa também considerou a proposta sócio cognitiva de análise crítica de discurso (ACD) de Van Dijk e, no caráter participativo da pesquisa, o compromisso, a originalidade e a criatividade de Fals Borda.

Empregamos na partida principal uma escrita metafórica, lançando mão dos tempos e estruturas de organização próprias da prática do futebol na interface com a escrita acadêmico-científica, visando, com essa estratégia, à construção de um texto na perspectiva decolonial. Aproveitamos a escrita metafórica relacionada ao futebol, pois o futebol, segmento muito importante na vida do professor de futebol/pesquisador/narrador, faz parte da cultura do povo brasileiro. E, tendo como objetivo escrever um texto com viés decolonial – diferente da tradição monocultural da academia – que encante e atinja o maior número de torcedores/leitores[13] possíveis. Entendemos que através de um vocabulário simples, sem perder o rigor científico, e com familiaridade cultural para os torcedores/leitores é que se poderá atingir esse objetivo.

Com a intenção de construir uma narrativa que vincule o tema futebol à perspectiva decolonial, nesta tese, partimos de uma metáfora sobre os momentos de uma partida de futebol. Neste sentido, utilizamos o recurso do texto visual[14] na pesquisa, para caracterizar os

[12]O grupo é formado predominantemente por intelectuais da América Latina e apresenta caráter heterogêneo e transdisciplinar. As figuras centrais desse grupo são: o filósofo argentino Enrique Dussel, o sociólogo peruano Aníbal Quijano, o semiólogo e teórico cultural argentino-estadunidense Walter Mignolo, o sociólogo porto-riquenho Ramón Grosfoguel, a linguista estadunidense radicada no Equador Catherine Walsh, o filósofo porto-riquenho Nelson Maldonado-Torres, o antropólogo colombiano Arturo Escobar, entre outros. (BALLESTRIN, 2013).

[13]Empregamos o termo torcedores para designar os leitores da tese, pois entendemos que estes, ao lerem a tese – assistirem à partida principal –, estarão fazendo o papel dos torcedores numa partida de futebol, isto é, avaliando sua equipe no jogo.

[14]Começamos demonstrando o momento do aquecimento na imagem 1 – a palestra no vestiário –, período em que a equipe está concentrada no vestiário, ouvindo as instruções do treinador. Essa é uma imagem do acervo pessoal

momentos/capítulos do jogo de futebol e as heranças da colonialidade, com a intenção de uma melhor visualização e entendimento do leitor/torcedor, a respeito do que ocorre nos períodos de uma partida de futebol. Também utilizamos o recurso das charges/figuras, em momentos/capítulos da partida principal/tese, para destacar, de forma cômica, movimentos colônias na temática apresentada.

Narramos o clássico entre a equipe "Movimento Colonial" e a equipe "Giro Decolonial". Neste sentido, começamos estabelecendo uma relação – quase que umbilical – do professor de futebol com o pesquisador, pois julgamos que ambos têm responsabilidade maior sobre a sua equipe/turma e sua pesquisa. Os méritos e os infortúnios de uma equipe e tese são atribuídos ao professor de futebol/pesquisador. Além disso, acreditamos que tanto o professor de futebol quanto o pesquisador, cada um no seu espaço, ao adotarem uma perspectiva "outra"[15] no processo de ensino-aprendizagem e treinamento, serão agentes de transformação social. Para Araújo (1994), o professor de futebol é, simultaneamente, um agente interativo de desenvolvimento do contexto social, cultural e político em que está inserido como cidadão. Ser professor de futebol não se esgota no domínio das habilidades específicas de organização, planejamento e condução do treino e das competições. O professor exerce uma ação educativa, influenciando outras pessoas com propósito de melhoria. Ele treina, ensina e educa, estimulando um comportamento "outro". Já o pesquisador e os pesquisados, na perspectiva decolonial, são sujeitos de um trabalho comum, ainda que em situações e tarefas diferentes. Como pesquisador, confiamos no outro, no sujeito que interfere, se emociona, reage e constitui a situação em pesquisa. Pesquisa que, realizada no âmbito da universidade/clube, deve expandir conhecimento – que foi construído coletivamente –, apostando num projeto de transformação social e cultural dos envolvidos.

A reflexão acerca das escolhas epistemológicas e metodológicas na elaboração da partida principal é fundamental, porque visa a clarificar o percurso básico da investigação e também enunciar a visão de mundo do pesquisador como professor de futebol. O compromisso desafiador de desenvolver pesquisas com viés decolonial significa romper com modelos

---

do professor/pesquisador/narrador, do ano de 1982, quando este jogava na equipe sub-15 de futsal do Grêmio FPA. A imagem 2 – o aquecimento com bola – faz parte do acervo de fotos da DDU-UFC (Departamento de Desporto Universitário, da Universidade Federal do Ceará), mostrando o aquecimento com bola da equipe feminina de futsal da UFC, no ano de 2012, quando o professor/pesquisador/narrador foi treinador dessa equipe. A imagem 3 – reunião dos atletas e grito motivacional –, também faz parte do acervo de fotos da DDU-UFC, demonstrando a união da equipe de futsal masculina da UFC, antes de uma partida no ano de 2015, quando este professor/pesquisador/narrador era treinador dessa equipe.

[15]La noción de "pensamiento-otro" fue creada por el autor marroquí Abdelkebir Khatibi (1938-2009), y se refiere a la posibilidad de pensar desde la descolonización, luchar contra la deshumanización, la existencia dominada y la no existencia. Puede apreciarse su similitud con la noción de colonialidad del ser. É uma categoria que serve como força para questionar a negação histórica da existência dos não-europeu (WALSH, p. 285, 2013).

tradicionais[16] de ensino na área da Educação Física (EF). Entendemos que um trabalho com viés decolonial, apresenta "olhares outros", uma perspectiva do sul[17], voltada para a realidade da América Latina. Com isso não queremos dizer que vamos esquecer ou abandonar o conhecimento universal eurocêntrico – a que fomos submetidos e influenciados durante nossa vida acadêmica –, mas vamos dedicar a maior parte do texto à "reflexão outra" sobre o ensino do futebol, os preconceitos, as dificuldades que norteiam esse esporte, os "pés de obra" e a formação dos profissionais em EF.

Nesse contexto, concordamos com Yedaide (2015), quando afirma que não podemos nos emancipar de nossas instituições universitárias, seus rituais, tradições ou o tipo de práticas de saber que a promovem e legitimam. Nem é possível livrar-se das categorias com as quais pensamos e produzimos esses relatos acadêmicos que são rebeldes contra o que é estabelecido, muito menos nossa linguagem. Mesmo sem a possibilidade de uma ruptura radical, é possível, no entanto, "desgastar", gradualmente, com ataques metódicos e sistemáticos, a vocação para a singularidade do pensamento.

Desta forma, ao optarmos pela perspectiva decolonial, concordamos com Mignolo (2014, p. 44), pois não estamos apenas aderindo a "[...] uma opção de conhecimento, uma opção acadêmica, um domínio de estudo, mas uma opção de vida, de pensar e de fazer."

Aderimos à opção decolonial porque acreditamos que ela seja epistêmica, isto é, ela se desvincula dos fundamentos genuínos de conceitos ocidentais e da acumulação de conhecimento. Por um desvincular epistêmico não queremos dizer abandono do que já foi institucionalizado por todo o planeta. Pretendemos ressignificar o conhecimento da história imperial do ocidente dos últimos cinco séculos, em que pessoas, conhecimentos, línguas, religiões, conceitos políticos e econômicos, subjetividades e outros foram racializados/marginalizados. A opção decolonial significa, entre outras significações, aprender a desaprender, já que nossos cérebros tinham sido programados pela razão imperial/colonial.

Na continuidade do aquecimento, apresentamos um dos conceitos que permeia a nossa partida principal: "pés de obra". "Pés de obra" foi um criativo neologismo elaborado pelo antropólogo Arlei Sander Damo, na sua tese de doutorado intitulada "Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França"**,** para acentuar a intenção mercadológica desse

[16]Conforme Mesquita (2013), as abordagens tradicionais falham em não proporcionar aos praticantes, participação e envolvimento ativo, não estimulando a compreensão do jogo e ao desenvolvimento do raciocínio tático. Segundo a autora, a prática baseada na repetição mecânica, distante da resolução de problemas, conduz a um pensamento estereotipado, sem transferência para a prática do jogo.

[17]O sentido de *sulear* sugere construir paradigmas endógenos enraizados em nossas realidades, invertendo a lógica que foi historicamente determinando o destino de nossos povos de fora para dentro (STRECK; ADAMS, 2014).

processo de formação, evocando, evidentemente, a produção de trabalhadores, isto é, "mão de obra"[18]. Conforme Damo (2005), normalmente os “pés de obra” são adolescentes, boa parte vinda de grupos populares, investidos por representações de masculinidade que os fazem propensos aos desafios que o futebol exige, dentro e fora de campo. A carreira começa efetivamente, e por vezes termina, num centro de formação esportiva. Uma vez integrados a esses centros, os jovens são solicitados de corpo e alma, e muitas vezes distanciam-se de outras modalidades de interação às quais são sujeitos os garotos de suas idades, tais como escolarização, entretenimento, amizades, etc.

Segundo Giglio e Rúbio (2013), os jovens atletas mantêm-se alheios a esse processo de formação, estando sujeitos à coisificação subjetiva, o que faz com que assimilem a sua existência como parte de uma engrenagem, vinculados muitas vezes a interesses que não os seus, pertencentes ao modelo de mundo eurocêntrico colonial. Esse processo que estabelece a relação mercadoria-jogador é a coisificação do ser “humano-atleta”. Isso acontece porque os sujeitos “pés de obra”, no processo de formação escolar e esportiva, na maioria das vezes não são estimulados a práticas de liberdade[19] e formação pessoal como modo de posicionamento diante da estrutura que, ao mesmo tempo, valida e controla as suas carreiras. Consideramos que a melhor descrição do conceito sujeitos “pés de obra” seja o fato de esses jovens, na sua formação, não serem estimulados/ensinados a administrar suas vidas, ficando reféns/dependentes de outros – empresários, clubes, familiares, amigos –, e, desta forma, tendo muitas dificuldades para além das quatro linhas do campo de jogo.

Na continuidade do aquecimento (introdução), para um melhor entendimento do torcedor/leitor a respeito da proposta da partida principal – a tese. Fazendo uma analogia com o futebol, dividimos o aquecimento em quatro etapas. A primeira etapa vamos chamar “entrada em campo para reconhecer o ambiente do jogo”. Nesse momento os jogadores, o professor e toda comissão técnica começam a se ambientar com o jogo, isto é, o estádio, a torcida, o gramado, entre outros. É um momento tenso, pois durante a semana que antecede o clássico, o jogo era o principal comentário da torcida e da imprensa na cidade. É nesse momento do

[18] Relaciona-se, principalmente, à capacidade da *força física* de trabalho do sujeito, ao seu pouco poder de criticidade e ao trabalho a baixo custo.

[19] Michel Foucault pensou a possibilidade de práticas da liberdade a partir de uma relação refletida de resistência aos campos de saber e de poder que formam nossa atualidade. Não se trata, desta forma, de pensar a liberdade como oposta aos regimes de saber e as relações de poder, mas antes de pensar a liberdade como uma prática possível no interior dos sistemas de verdade formados por estes campos. Para Foucault, a liberdade aparecerá, como uma resistência face aos poderes que nos constituem, como uma prática possível que se efetua sempre referindo-se a determinada coerção. Foucault chama esta prática de liberdade de “atitude crítica” como um meio de evitar ser governado de um modo particular e em nome de certos princípios. (FOUCAULT, 2015 *apud* RIBAS, 2017).

aquecimento que os jogadores executam, de maneira aleatória, alguns deslocamentos para conhecer o gramado e esquentar o corpo. Enquanto isso, o professor de futebol conversa com seus auxiliares sobre detalhes do adversário. Agora não tem mais volta: temos que entender o problema/adversário que está a nossa frente.

É nessa etapa do aquecimento que perpassa o problema da partida principal, qual seja: que o modelo epistêmico tradicional de ensino do futebol pode estar contribuindo para a produção de sujeitos "pés de obra"? Em decorrência, abordamos o modelo epistêmico utilizado no ensino do futebol pelos profissionais de EF nas Instituições de Educação Superior (IES) e nos clubes. Consideramos que a formação em EF e o ensino do futebol nas IES continuam mantendo como referência a geopolítica hegemônica monocultural e monorracional do conhecimento eurocêntrico – uma jogada clássica da equipe "Movimento Colonial". Neste aspecto, Maldonado-Torres (2008) nos traz o conceito de "colonialidade do saber" – entendido como a repressão de outras formas de produção de conhecimento não europeias –, que nega o legado intelectual e histórico de povos indígenas e africanos, reduzindo-os à categoria de primitivos e irracionais, pois pertencem a outra raça[20]. Entre essas produções desvalorizadas, encontramos o descaso, pelas instituições de ensino, com a importância do "futebol arte"[21] na formação cultural da sociedade brasileira.

Essa afirmação da hegemonia epistemológica da modernidade europeia se traduz num racismo epistêmico ou, como afirma Castro-Gómez (2007, p. 83), "[...] a epistemologia eurocêntrica ocidental dominante não admite nenhuma outra epistemologia como espaço de produção de pensamento crítico nem científico" (tradução nossa). Conforme o autor, a universidade moderna possui um modelo epistêmico que não só se reflete na estrutura disciplinar de suas epistemes, mas também na estrutura departamental de seus programas. As disciplinas são áreas que reúnem diferentes tipos de competências: a Sociologia é uma

[20]Quijano (2007) explicita que o conceito de raça é uma abstração, uma invenção que nada tem a ver com processos biológicos. É no século XVI que se cria a união entre cor e raça. E, mais, esse conceito, para o autor, exerce papel fundamental no desenvolvimento do capitalismo moderno a partir do século XIX. Além disso, esse conceito operou a inferiorização de grupos humanos não-europeus, do ponto de vista da produção, da divisão racial do trabalho, do salário, da produção cultural e dos conhecimentos.

[21]Segundo Giglio (2003), a construção do estilo de jogo e mesmo sua reprodução foram um meio de consolidar a nossa identidade que, simbolicamente, convencionamos chamar de futebol-arte. O futebol, como um drama social, foi uma maneira de exaltar o nosso jeito, as jogadas de efeito, os dribles, enfim, algumas características que nos tornaram conhecidos internacionalmente. O estilo brasileiro chama atenção por ser diferente dos demais, principalmente devido à habilidade de seus atletas. Já para Gil (1994), esse estilo de "jogar bola" é uma característica inerente aos brasileiros, a qual constitui uma marca cultural carregada por nós desde o nascimento. Essa auto representação que nos impusemos criou uma forma particular de praticar, pensar e vivenciar esse esporte em nosso cotidiano. É a esse futebol, construído basicamente nos anos que vão de 1930 a 1974, que designamos "futebol-arte". E, segundo Paoli (2007), o futebol-arte é caracterizado, entre outros fatores, pelo jogador que, possuidor de uma inteligência apurada de jogo, de forma individual desequilibra a partida com lances de rara habilidade técnica.

disciplina, a Antropologia é uma disciplina, a Física e a Matemática também o são. As disciplinas materializam a ideia de que a realidade deve ser dividida em fragmentos e que a certeza do conhecimento é alcançada na medida em que nos concentramos na análise de uma dessas partes, ignorando as suas ligações com todas as demais partes. Em relação à descrição do autor, observamos que essas ações enraizadas nas IES são mecanismos de ataque da equipe "Movimento Colonial".

Verificamos, ainda hoje (século XXI), que o ensino da EF, principalmente o do futebol, também segue essa linha da prática reprodutiva e repetitiva, predominando o ensino voltado para o rendimento esportivo. A ênfase é na iniciação precoce, na *performance* e no imediatismo por resultados, desconsiderando a individualidade de cada estudante-atleta. Os modelos são estereotipados, gerando conformismo pela ausência do exercício da crítica e do espaço da criação, clássicas jogadas da equipe "Movimento Colonial".

Contribuindo com aquecimento e enfatizando as jogadas da equipe "Movimento Colonial", Rezer (2010, p. 288) relata que

> [...] o campo dos esportes na educação superior é um terreno de trânsito difícil para novas formas de pensar, pois possui uma tradição muito sedimentada (geralmente sustentada na tradição do esporte e na não tradição do ensino superior). O paradigma hegemônico da docência neste âmbito já vem carregado de estereótipos, de tradição, onde o conhecimento específico passa a ser um elemento muito presente nestes espaços.

Nessa linha, Homrich e Souza (2013) destacam que os cursos universitários de EF baseiam suas concepções de ensino do futebol na teorização, no método e na sustentação científica tradicional. Para Daólio (2004), o modelo tradicional de EF não tem como papel a socialização dos conhecimentos com os estudantes, mas a função de treiná-los de maneira que se desenvolvam aptos, destros, saudáveis, higiênicos e, ao mesmo tempo, mantendo a ordem e a hierarquia sociais. Ainda conforme Daólio (2006, p. 86-87): "[...] o fato é que, por considerar o corpo somente uma entidade biológica, a EF atua homogeneamente, tendendo à universalização de seus procedimentos metodológicos". No mesmo segmento, Homrich e Souza (2013, p. 57) destacam que

> [...] ao observar a trajetória da Educação Física percebe-se o quanto esta área do conhecimento também foi permeada pela racionalização instrumental advinda de uma concepção de ciência mecanicista, determinista, reducionista, que vem servindo de base para à construção de suas verdades.

Essas concepções tradicionais da EF também têm reflexos no ensino de futebol nos clubes. A influência eurocêntrica na cultura futebolística brasileira, colocada pela mídia como influência "moderna", está levando os clubes de formação a consolidar uma proposta mercantilista na formação de jogadores de futebol, ao considerarem que a perspectiva do lucro está em primeiro lugar, sobrepujando a formação do homem. Para Homrich e Souza (2013), os procedimentos de ensino do futebol direcionam-se cada vez mais à especialização das funções, automatização dos movimentos, cargas excessivas de treinamentos físicos e pressão psicológica, o que leva à renúncia do prazer de jogar pela disciplinaridade de treinar e ao distanciamento da compreensão do mundo real.

Conforme Scaglia (1999), ensinar, no futebol, não é uma simples transmissão de conhecimento ou imitação de gestos, no qual o aluno seria apenas um receptor passivo, acrítico, inocente e indefeso em relação aos fundamentos técnicos. Ensinar futebol é uma prática pedagógica, desenvolvida no contexto do processo ensino-aprendizagem, que considera o aluno um ser capaz de construir conhecimento. Assim, apresenta-se o novo, promovendo as condições de interagir com o que o aluno já sabe, ampliando sua bagagem cultural e motora. As considerações de Scaglia correspondem a ações da equipe "Giro Decolonial" no campo de jogo. Entendemos que no ensino da EF, especialmente o futebol, na universidade, na escola e no clube, os professores e treinadores poderiam contribuir para que na formação dos estudantes-atletas, além de ensinarem conhecimentos específicos do futebol, transmitir e vivenciar, de forma consciente, valores, normas de conduta, modos de pensar e padrões de comportamento, visando ao conviver na sociedade, pois é também seu papel.

Acreditamos que o ensino do futebol pode ser uma possibilidade de construção do pensamento decolonial, mas para que isso aconteça, deve-se empoderar seus protagonistas[22] – professores/técnicos e estudantes/atletas –, para serem os interlocutores dessa transformação. Para isso é importante formar os profissionais de EF numa perspectiva intercultural crítica[23],

[22]A palavra protagonismo vem de "protos", que em latim significa principal, o primeiro, e de "agonistes", que quer dizer lutador, competidor. Este termo, muito utilizado pelo teatro para definir o personagem principal de uma encenação, foi incorporado à educação por Antônio Carlos Gomes da Costa, educador mineiro que vem desenvolvendo uma nova prática educativa com jovens. Dentro da ideia de protagonismo juvenil proposta por Gomes da Costa, o jovem é tomado como elemento central da prática educativa, que participa de todas as fases desta prática, desde a elaboração, execução até a avaliação das ações propostas (COSTA, 2000).

[23]Um processo dinâmico e permanente de relação, comunicação e aprendizagem entre culturas em condições de respeito, legitimidade mútua, simetria e igualdade. Um intercâmbio que se constrói entre pessoas, conhecimentos, saberes e práticas culturalmente diferentes, buscando desenvolver um novo sentido entre elas na sua diferença. Um espaço de negociação e de tradução onde as desigualdades sociais, econômicas e políticas, e as relações e os conflitos de poder da sociedade não são mantidos ocultos e sim reconhecidos e confrontados. Uma tarefa social e política que interpela ao conjunto da sociedade, que parte de práticas e ações sociais concretas e conscientes e tenta criar modos de responsabilidade e solidariedade. Uma meta a alcançar (WALSH, 2001, *apud* CANDAU; OLIVEIRA, 2010).

proposta da equipe "Giro Decolonial", para que esses formem atletas e não boleirões[24]. Mas, para que os profissionais de EF sejam interlocutores dessa transformação social-política e epistêmica, no processo de formação de estudantes-atletas e dos futuros profissionais de EF, deveria ocorrer um giro de 180 graus na situação atual, isto é, um "giro epistêmico geopolítico". Para Munsberg e Silva (2018, p. 144),

> [...] um projeto político que busca respostas às lógicas da colonialidade do poder, do ser e do saber por meio de outras experiências, denunciando a permanência das relações de colonialidade encontradas no ocidentalismo, no eurocentrismo e no liberalismo dominantes.

Não podemos admitir que os jovens "pés de obra" sejam tratados como mercadorias e máquinas, tendo como objetivo final apenas vitórias e lucros financeiros para seus clubes. É importante tratá-los como pessoas, que possuem desejos, vontades e opiniões. Necessitamos dar voz aos futuros jogadores, para que possam ser críticos, ativos e que consigam compreender e agir no meio em que estão envolvidos, decolonizando suas "pernas e cabeças", tornando-os protagonistas de seus pensamentos para transformar a realidade colonial em que estão inseridos. Esses futuros jogadores serão os novos ídolos e exemplos para as futuras gerações desse continente.

Como exemplo para essa decolonização e empoderamento dos profissionais de EF e dos estudantes "pés de obra", na busca da transformação epistêmica através do ensino do futebol – temática que vamos aprofundar no capítulo 8 da partida principal –, tomamos como modelo a proposta da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o ensino médio, na área de Linguagens e suas Tecnologias, que inclui a Educação Física. Na competência específica da área indica que:

> Ao final do Ensino Médio, o jovem deverá apresentar compreensão profunda e sistemática acerca da presença da cultura corporal de movimento em sua vida e na sociedade, incluindo os fatores sociais, culturais, ideológicos, econômicos e políticos envolvidos nas práticas e discursos que circulam sobre elas. Prevê também que o jovem valorize a vivência das práticas da cultura corporal de movimento como formas privilegiadas de construção da própria identidade, autoconhecimento e propagação de valores democráticos. (BRASIL, 2017a, p. 487).

Na intenção dessa transformação epistêmica de ensino do futebol, pautada por uma proposta híbrida que contemple o pensamento decolonial e saberes eurocêntricos, buscamos

[24] **Boleiro"** ou "boleirão" – é aquele metido, que anda nojento/diferente, fala demais, acha que joga futebol acima da média, mas tem um nível muito inferior e faz graça ou firula para justificar seu pouco talento. É o jogador que não quer treinar, "rebelde" e sem postura profissional.

também em Morin (2004) o que deve ser parte integrante do trabalho de qualquer professor ou técnico de futebol – o desenvolvimento dos valores como seres humanos. Referimo-nos aos sete saberes necessários à educação: as cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão; os princípios do conhecimento pertinente; ensinar a condição humana; ensinar a identidade terrena; enfrentar as incertezas; ensinar a compreensão; a ética do gênero humano. Para Morin, estes são eixos que abrem caminhos a todos os que pensam e fazem educação e que estão preocupados com o futuro das crianças e adolescentes.

A verdadeira aprendizagem é aquela que transforma o sujeito, ou seja, os saberes ensinados são reconstruídos pelos educadores e educandos e, a partir dessa reconstrução, estes se tornam mais autônomos, emancipados, questionadores e, portanto, seres inacabados (FREIRE, 1996). É, pois, na perspectiva da decolonização de corpos e mentes dos futuros estudantes-atletas de futebol – contribuindo para que esses jovens deixem de ser apenas sujeitos "pés de obras" – que construímos nossa tese.

Considerando as questões apresentadas nessa etapa do aquecimento, trazemos como proposta fundamental para a tese a seguinte problematização: *O modelo epistêmico adotado no ensino do futebol pelos profissionais de EF, na universidade e no clube, contribui para a transformação do quadro atual ou reforça o modelo de formação que produz sujeitos "pés de obra"?*

Entramos, agora, na segunda etapa do aquecimento, denominada de *"*movimentos com bola entre os jogadores". Nesse momento já estamos mais à vontade em campo, a primeira tensão já passou, nossos corpos estão interagindo com o ambiente do jogo, o professor de futebol já não está mais tão ansioso, porque a temática futebol, que sempre acompanhou nossa vida pessoal e profissional, passa a ser inserida na partida principal. Essa temática será o fio condutor do clássico, considerando o futebol como peça integrante da realidade sociocultural brasileira, com poder de transformação social e mecanismo decolonizador.

Segundo Mills (2009), o estudioso das ciências humanas, deve usar a sua experiência de vida em seu trabalho intelectual. Este "artesanato", segundo Mills, é feito dentro de cada um, usando as influências de seu passado em trabalhos futuros, enfim, refletindo sobre cada experiência, ou seja, um moldar-se a si mesmo como um artesão o faz com suas confecções. Conforme Mills (2009, p. 22): "Isso significa que deve aprender a usar sua experiência de vida em seu trabalho intelectual: examiná-la e interpretá-la continuamente."

Entendemos, como Freitas Junior (2006), que a temática futebol têm uma trajetória marcada pela marginalidade científica e literária, sendo vista, principalmente pela academia, como um elemento alienante presente na cultura de massa, contribuindo com a visão colonial

de mundo. Nesse sentido, para Massolo (2002), existe um preconceito muito forte e arraigado no campo intelectual, influenciado pelo discurso da academia, para a qual o futebol é atividade ligada à alienação, colocado no centro do populismo que bloqueia qualquer possibilidade de tomada de consciência de classe. Na mesma "batida da bola", Lander (2000) expõe que as ciências sociais e humanas ensinadas na maioria das universidades, não só trazem os paradigmas do "legado colonial", mas, o que é pior, contribuem para reforçar a hegemonia cultural, econômico e política do ocidente.

Com o futebol não é diferente. Portanto, é fundamental realizar uma reflexão epistemológica sobre estes "discursos fundadores". É necessário perceber como estes discursos são criados e por que se cristalizam na memória coletiva, adentrando nos estudos acadêmicos que acabam reproduzindo pensamentos, na maioria das vezes expressos como universais, tornando-se verdades quase inquestionáveis que subsidiam a explicação simplista de acontecimentos com um alto grau de complexidade. Cremos que esse discurso da academia sobre o futebol se caracteriza uma das jogadas da equipe "Movimento Colonial".

Ao mesmo tempo em que o futebol sofre esse preconceito pela academia, principalmente no campo das ciências sociais, para outros autores, como Guterman (2009, p. 9), o futebol "[...] é a maior expressão popular do Brasil". Já para Rinke (2007, p. 14), esse esporte é muito mais que uma habilidade corporal ou um treinamento: "O futebol é um enorme fato econômico, que configura estilos de vida e têm relevância política desde o início dos tempos. Aos olhos de muitos aficionados é a última paixão verdadeira". Ainda nessa temática, para Pizarro (2014), o futebol é considerado como o esporte mais praticado do mundo. Apesar de mostrar as facetas mais preconceituosas da sociedade e a lógica colonial na mercantilização de atletas, é um instrumento extremamente importante no processo decolonial, fazendo com que se quebre a lógica periferia-centro tradicional do atual sistema-mundo, principalmente pelos resultados e conquistas dos "povos do Sul". Concordando com Guterman, Rinke e Pizarro, a respeito do potencial de transformação social, educativo, político e cultural vinculado ao futebol no Brasil – jogadas da equipe "Giro Decolonial" –, entendemos que o ensino/conhecimento do futebol possa ser uma possibilidade de construção do pensamento decolonial na universidade, na escola e no clube, para desgastar a produção de "pés de obra".

A partir da proposta de transformar o ensino/conhecimento do futebol num mecanismo para contribuir com o pensamento decolonial, na intenção dos profissionais de EF de contribuir para uma formação outra dos sujeitos "pés de obra", começamos a terceira etapa do aquecimento denominada de "treino da posse de bola entre os grupos". Este é o momento do aquecimento em que os jogadores que jogarão a partida são divididos em dois grupos: um grupo

troca passes com a bola, em uma área delimitada, e outro tenta recuperar a bola. Já o professor de futebol adentra literalmente no campo de jogo e, nessa perspectiva, utilizaremos essa etapa para narrar nossa inserção no contexto decolonial.

Ao conhecer o pensamento decolonial nos seminários[25] do professor Gilberto Ferreira da Silva, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade La Salle, ocorreu "um abrir de olhos, um desvelar do mundo"[26], ou seja, uma leitura outra do conhecimento. A partir desse contexto, estabeleceu-se a proposta para a partida principal (tese), qual seja: a de narrar, refletir, dialogar, articulando forma e conteúdo. Mesmo ciente dos riscos que isso implica, pretendemos resgatar, do tamanho possível, parte da subjetividade perdida no debate acadêmico clássico, onde apenas a razão clássica reina. Nessa partida principal, dialogamos com outros autores – já que nem na escola, no clube, na academia, na grande mídia ou no discurso legitimado visualizam-se reflexões que possam contemplar nossos anseios políticos, afetivos e sociais – pois procuramos uma proposta alternativa de conhecimento.

Nesse sentido, nos reportamos aos movimentos críticos da América Latina do final do século XX e, em especial, ao GM/C. Um dos líderes desse grupo é o semiótico Walter Mignolo. Para Mignolo (2010), o "pensamento decolonial" consiste numa forma de "desobediência e reconstrução epistêmica", um meio de eliminar a tendência provincial para fingir que os modos de teorizar da Europa Ocidental são de fato universais, buscando a libertação social em relação a todas as formas de desigualdade, discriminação, exploração e dominação. O semiótico Mignolo (2002) destaca que o pensamento decolonial ou "pensamento-outro", caracterizado como decolonialidade, expressa-se na diferença colonial, isto é, um reordenamento da geopolítica do conhecimento em duas direções: a crítica da subalternização na perspectiva dos conhecimentos invisibilizados e a emergência do pensamento liminar como uma nova modalidade epistemológica na interseção da tradição ocidental e a diversidade de categorias suprimidas sob o ocidentalismo e o eurocentrismo.

Na perspectiva de Yehia (2007), o pensamento decolonial reivindica um posicionamento oposto à episteme racial colonial universalizante. A decolonização cobra um lugar outro,

[25]Esses seminários temáticos são: 2017/1: Epistemologia Outra: Insurgências da Educação *Decolonial* na América Latina; 2017/2: Crítica e Método: fronteiras descoloniais e reencontro com saberes outros; 2018/1: Pesquisa e práticas educativas desde um pensamento crítico latino-americano; 2018/2: Formação de professores na América Latina: descolonialidade e perspectivas interculturais; 2019/1: Descolonizar a educação: fundamentos geoepistêmicos desde o sul; 2019/2: Formação de professores: emergência de práticas e discursos descolonizadores na e da América Latina; 2020/1: Educação Intercultural: práticas e políticas na formação de professores; 2020/2: Abya-Yala: intelectuais fronteiriços e re-existências geoepistêmicas na educação.

[26]Ao utilizarmos o termo desvelar, inspiramo-nos em Freire (2007), quando o autor reflete sobre a educação libertadora. Ou seja, tal educação tem como objetivo desenvolver a consciência crítica capaz de perceber os fios que tecem a realidade social e superar a ideologia da opressão.

localizado geopoliticamente, contextualizado na vida cotidiana de grupos culturais que mantêm viva a memória e a história, atualizando-se sem perder sua identidade através de práticas sensíveis do ouvir o silêncio do outro. Contribuindo com tal ideia, os professores e colegas Munsberg e Silva (2018) entendem que esse "paradigma outro" não se coaduna com a ideia de unidade – como no pensamento da modernidade –, pois seus projetos têm em comum a crítica à modernidade/colonialidade, sem reproduzir o caráter de universalidade. Posto isso, entendemos que o pensamento decolonial nos leva para a construção de outros modos de viver, de poder e de saber, lutando ou desafiando a colonialidade a partir das pessoas, das suas práticas sociais, epistêmicas e políticas. Neste sentido, pretendemos demonstrar – em nossa partida principal –, que o futebol pode ser um mecanismo decolonial, pois foi reinventado pelas classes populares no Brasil e faz parte da cultura do brasileiro.

O aquecimento chegou ao seu final. Agora os jogadores retornam aos vestiários para os últimos preparativos para o clássico. Chegamos à última e quarta etapa, a esta etapa denominamos "concentração coletiva" e "entrada em campo". Neste momento os jogadores vestem o uniforme para o jogo, fazem suas orações isoladamente, escutam música, continuam a movimentação com e sem bola, o professor faz sua concentração pessoal e, é nesse momento que muitos realizam rituais idiossincráticos do futebol – três pulinhos, colocam a cueca da sorte, realizam abdominais, beijam alguns santos, entre outros. Mas é também nesta etapa que acontece a oração coletiva, em que todos se abraçam e rezam juntos. Muitos gritam palavras positivas de incentivo para equipe. É o momento em que circula uma energia positiva no ambiente. A adrenalina de cada um sobe, os olhos ficam estalados, sentem-se empoderados e, no conjunto, brota uma cumplicidade para a vitória – todos estão engajados no mesmo objetivo. Este é um momento especial: jogadores e comissões técnicas estão no túnel de acesso ao campo de jogo. Hoje é dia de clássico. As arquibancadas estão lotadas, muitas bandeiras, fogos de artifício, cantos entusiasmados, gritos histéricos, faixas. Uma atmosfera envolvente e alucinante. E os nossos jogadores e professores, como estão? Esse é o momento do frio na barriga. As pernas tremem um pouco, arrumamos as meias, coçamos a cabeça, sacudimos o pescoço, damos alguns gritos de motivação, saltamos no lugar, olhamos para o lado – tentando intimidar o adversário –, suamos frio. O coração bate mais rápido, a respiração já não é mais a mesma, a adrenalina está lá encima. Enfim, é futebol e temos de entrar em campo para jogar. Afinal de contas, é disso que a gente gosta!

Vamos ao jogo principal – nossa tese –, seguindo nossa proposta de escrever numa perspectiva "outra", isto é, decolonial, e utilizando uma linguagem metafórica do futebol – que

caracteriza a cultura brasileira – para, desta forma, facilitar a inclusão do torcedor/leitor na nossa partida.

Organizamos o clássico em nove "momentos de um jogo de futebol". Começamos com o primeiro momento que já apresentamos, o "Aquecimento" – a Introdução. O segundo momento denominamos de "O pontapé inicial e os primeiros movimentos das equipes no primeiro tempo". Aqui narramos os modelos epistêmicos das universidades ocidentais, da EF e do ensino de futebol na universidade e no clube. No terceiro momento do jogo, chegamos ao "Intervalo da Partida" em que descrevemos os possíveis fatores que levam os futuros jogadores a se tornarem sujeitos "pés de obra". No quarto momento do jogo, contamos "Os momentos do jogo no segundo tempo", descrevendo as heranças da modernidade/colonialidade, isto é, os preconceitos que circundam o futebol, atitudes clássicas da "equipe Movimento Colonial". No quinto momento da partida – "Gol, o grande momento do futebol" – apresentamos as "estratégias do professor/pesquisador", ou seja, a metodologia utilizada no clássico. No sexto momento, "A prorrogação", analisamos a partida, compreendendo as análises dos resultados, a fala dos jogadores/participantes, as observações do "campo de jogo" e os documentos das instituições. Neste momento realizamos um "embate" entre as equipes "Movimento Colonial" e "Giro Decolonial", cujo espaço de jogo é dividido em três etapas: primeiro tempo da prorrogação, analisando individualmente os participantes/jogadores; o intervalo da prorrogação, analisando as respostas dos participantes/jogadores divididos por função (professores, treinadores, coordenadores...); e o segundo tempo da prorrogação, com análise dos participantes/jogadores em conjunto (clube de futebol e IES-EF). No sétimo momento da partida principal – "A decisão por pênaltis" –, descrevemos as estratégias da equipe "Giro Decolonial", isto é, as alternativas propostas pelos participantes/jogadores que possam ser desenvolvidas na universidade e/ou no clube, para desgastar a produção de sujeitos "pés de obra". No oitavo momento do jogo – "O gol, a vitória no clássico e o título" –, propomos indicadores para a construção de uma proposta de ensino do futebol na EF na perspectiva decolonial, isto é, as ações contundentes da equipe "Giro Decolonial". Por fim, no nono e derradeiro momento da nossa partida principal, "Os comentários sobre o clássico". Aqui comentamos as considerações finais da partida principal, na perspectiva do professor de futebol/pesquisador/narrador/comentarista, seguidas das referências – os autores que utilizamos nesse "grande jogo" –, dos anexos e apêndices.

Abrem-se os portões ... Eis a tese: O modelo epistêmico adotado pelos profissionais de EF no ensino do futebol, tanto na universidade como no clube, contribui para a produção de sujeitos "pés de obra"?

2 O PONTAPÉ INICIAL, OS MOVIMENTOS DAS EQUIPES NO PRIMEIRO TEMPO [JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA DA TEMÁTICA: OS MODELOS EPISTÊMICOS DO ENSINO DE FUTEBOL]

Imagem 4 – Equipe perfilada para o início da partida

Imagem 5 – Primeiro tempo - Ação ofensiva (proteção da bola)

Imagem 6 – Primeiro tempo - Ação defensiva (cabeceio)

2 O PONTAPÉ INICIAL, OS MOVIMENTOS DAS EQUIPES NO PRIMEIRO TEMPO [Justificativa da escolha da temática: os modelos epistêmicos do ensino de futebol]

O árbitro trila o apito. Começa a partida[27]. A ansiedade desacelera. O primeiro toque na bola é fundamental, pois dele depende a confiança dos atletas – como o goleiro – para os próximos minutos de jogo e, quiçá, para o resto da partida. Dado o pontapé inicial, a bola está com a equipe "Movimento Colonial". Acontece a primeira falta, que é cobrada. A bola vai para o lado direito do campo. Os jogadores tabelam e saem na cara do gol – a torcida está inflamada, gritos histéricos –, driblam o primeiro zagueiro, chutam e o goleiro defende – ele estava bem colocado. A equipe "Movimento Colonial" – como é de sua característica – começou com força no ataque. Afinal, são mais de quinhentos anos de experiência na América.

Na perspectiva de uma escrita decolonial[28] – nesse momento da partida principal –, dividimos este espaço em subcapítulos e utilizamos charges para enfatizar o modelo epistêmico dominante, chamando a atenção para a temática de uma forma cômica. Como ilustração da atitude decolonial em nosso trabalho, buscamos inspirações em *Primer nueva corónica y buen gobierno,* de Felipe Guaman Poma de Ayala[29]. Nesta obra, o escritor indígena fez uso do recurso visual junto ao escrito, forma por ele encontrada para melhor se comunicar com o espanhol, ou seja, com o "outro" – a quem ele tentava dissuadir de continuar praticando atrocidades contra o seu povo. Ao utilizarmos ilustrações no jogo, também queremos chamar a atenção do nosso torcedor/leitor.

---

[27]Ilustramos o início da partida com a imagem 4 – equipe perfilada para o início da partida –, quando as equipes aguardam um minuto de silêncio para o início do jogo. Esta é uma imagem da equipe feminina de futsal da UFC do ano de 2012, quando o professor/pesquisador/narrador era treinador dessa equipe. Na imagem 5 – primeiro tempo - ação ofensiva (proteção da bola) –, mostramos uma ação de ataque da equipe de futsal masculina da UFC no ano de 2015, quando o professor/pesquisador/narrador era treinador dessa equipe. Já na imagem 6 – primeiro tempo - ação defensiva (cabeceio) –, demonstramos uma ação de defesa da equipe de futebol 11 da UFC, no ano de 2016, quando o narrador era treinador dessa equipe. Todas as imagens fazem parte do acervo de fotos da DDU-UFC.

[28]Pensar em literatura de outro lugar é procurar caminhos para sua decolonialidade, isto é, não apenas dar validade a outros códigos, como a oralidade (já bastante estudada a partir de diferentes lugares de enunciação), mas entender que é uma forma de expressão entre outras, cuja manipulação da linguagem facilita sua maior penetração, molda o imaginário e produz subjetividades. (PALERMO, 2014a).

[29]Waman/Felipe Guaman Poma de Ayala é um cronista indígena que escreveu sua obra entre 1567 e 1615 e nela inseriu vários desenhos baseados na tradição oral dos povos andinos. Este, como tantos outros pensadores latino-americanos, tem sido condenado ao ostracismo pelo discurso oficial da academia – consistente com sua concepção política de conhecimento – deixando de lado uma linha genealógica que não é reconhecida como herdeira da cultura greco-romana. Esta rota – que faz parte da construção histórica da opção decolonial – está nas lutas pela libertação dos anos 60 e 70 do século XX, que, na ordem da produção de conhecimento, tem desenvolvimentos como os de Enrique Dussel, que continua a gerar pensamento crítico e alternativo, totalmente decolonial. (PALERMO, 2014a).

2.1 O modelo epistêmico tradicional

Figura 1 – O modelo tradicional de ensino

Fonte: Revista digital UOL.
Disponível em: https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/o-fardo-do-homem-branco-em charges.phtml. Acesso em: 20 set. 2020.

Há uma longa tradição no processo de ensino-aprendizagem dos esportes coletivos na EF concentrada na dimensão física e técnica. A consequência de uma educação pautada nesse modelo é o fato de os estudantes pouco compreenderem sobre o jogo, reproduzindo apenas situações pré-determinadas pelo professor. Esses processos de ensino-aprendizagem estão enraizados nas instituições de ensino brasileiras há muitos anos.

Conforme o semiólogo Mignolo (2013), a expansão ocidental após o século XVI não foi somente econômica e religiosa, mas também das formas hegemônicas de conhecimento, de um conceito de representação do conhecimento e cognição, impondo-se como hegemonia epistêmica, política e historiográfica, estabelecendo, assim, a colonialidade do saber[30]. Para o sociólogo Lander (2005), com o início do colonialismo na América inicia-se não apenas a organização colonial do mundo, mas, simultaneamente, a constituição colonial dos saberes, das linguagens, da memória (MIGNOLO, 1995) e do imaginário (QUIJANO, 1992). Inicia o longo processo que culminará nos séculos XVIII e XIX e no qual, pela primeira vez, se organiza a

[30]"A Colonialidade do Saber nos revela, ainda, que, para além do legado de desigualdade e injustiça sociais profundos do colonialismo e do imperialismo, já assinalados pela teoria da dependência e outras, há um legado epistemológico do eurocentrismo que nos impede de compreender o mundo a partir do próprio mundo em que vivemos e das epistemes que lhes são próprias. Conforme Walter Mignolo, o fato de os gregos terem inventado o pensamento filosófico, não quer dizer que tenham inventado o Pensamento. O pensamento está em todos os lugares onde os diferentes povos e suas culturas se desenvolveram e, assim, são múltiplas as epistemes com seus muitos mundos de vida. Há, assim, uma diversidade epistêmica que comporta todo o patrimônio da humanidade acerca da vida, das águas, da terra, do fogo, do ar, dos homens." (PORTO-GONÇALVES *in* LANDER, E. 2005, p. 3).

totalidade do espaço e do tempo – todas as culturas, povos e territórios do planeta, presentes e passados, numa grande narrativa universal.

Segundo o sociólogo Quijano (2005), a incorporação de tão diversas e heterogêneas histórias culturais a um único mundo, dominado pela Europa, significou para esse mundo uma configuração cultural, intelectual, em suma intersubjetiva, equivalente à articulação de todas as formas de controle do trabalho em torno do capital para estabelecer o capitalismo mundial. Com efeito, todas as experiências, histórias, recursos e produtos culturais terminaram também articulados numa só ordem cultural global em torno da hegemonia europeia ou ocidental. Em outras palavras, como parte do novo padrão de poder mundial, a Europa também concentrou, sob sua hegemonia, o controle de todas as formas de subjetividade, de cultura e, em especial, do conhecimento e da produção do conhecimento. Desta forma, a colonização europeia estabelece a cultura como um campo em que se impõem traços de sujeição e subjugação do colonizador ao colonizado. Neste sentido, não seria mera coincidência que as pessoas que descendem, parcial ou totalmente, das populações colonizadas pelos europeus sejam, em sua ampla maioria, dominadas e discriminadas, seja lá onde estiverem. No sentido do exposto, podemos observar na figura 1 – o modelo tradicional de ensino –, os traços da colonização eurocêntrica em relação ao modelo de ensino, que as populações colonizadas eram expostas.

Em relação à produção do conhecimento, o sociólogo Grosfoguel (2016) considera que as universidades ocidentalizadas, desde o início, internalizaram as estruturas racistas/sexistas criadas pelos quatro genocídios/epistemicídios[31] do século XVI. Essas estruturas eurocêntricas de conhecimento tornaram-se consensuais, bem como, normal a existência de homens ocidentais de cinco países – Alemanha, Itália, França, Inglaterra e Estados Unidos – que produzem o cânone de todas as disciplinas das universidades.

Na mesma direção, Lander (2000, p. 65) expõe:

> [...] a formação profissional oferecida pela Universidade, a pesquisa, os textos que circulam, as revistas que são recebidas, os lugares onde são realizados os programas de pós-graduação, os sistemas de avaliação e reconhecimento do pessoal académico, tudo aponta para a reprodução sistemática de uma visão do mundo a partir de perspectivas hegemônicas do norte.

[31]O genocídio/epistemicídio contra muçulmanos e judeus na conquista de Al-Andalus, contra povos nativos na conquista das Américas, contra povos africanos na conquista da África e a escravização dos mesmos nas Américas e, finalmente, contra as mulheres europeias queimadas vivas acusadas de bruxaria. (GROSFOGUEL, 2016).

Contribuindo, Grosfoguel (2016, p. 25) traz:

> A inferiorização dos conhecimentos produzidos por homens e mulheres de todo o planeta – incluindo as mulheres ocidentais – tem dotado os homens ocidentais do privilégio epistêmico de definir o que é verdade, o que é a realidade e o que é melhor para os demais.

A partir dessas descrições, é possível percebermos que esses discursos são propagados ainda hoje, servindo para a manutenção da marginalização de culturas, produções científicas, crenças, tradições que estejam fora do eixo traçado como Europa moderna. Para Grosfoguel (2016), essa legitimidade e esse monopólio do conhecimento dos homens ocidentais têm gerado estruturas e instituições que produzem o racismo/sexismo epistêmico, desqualificando outros conhecimentos e outras vozes críticas, frente aos projetos imperiais/coloniais/patriarcais que regem o sistema-mundo. Trata-se de um provincianismo pretencioso, que se disfarça debaixo de um discurso de "universalidade":

> A pretensão é que o conhecimento produzido por homens de cinco países (Alemanha, EUA, Inglaterra, Itália, França) tenha o mágico efeito de apresentar uma capacidade universal: suas teorias são supostamente suficientes para explicar as realidades sócio históricas do restante do mundo. Como resultado, nosso trabalho na universidade ocidentalizada é basicamente reduzido a aprender essas teorias oriundas da experiência e dos problemas de uma região particular do mundo, com suas dimensões espaciais/temporais muito particulares e "aplicá-las" em outras localizações geográficas, mesmo que as experiências espaciais/temporais destas sejam completamente diferentes daquelas citadas anteriormente. Essas teorias sociais, baseadas nas experiências sócio históricas dos cinco países, constituem a base teórica das ciências humanas nas universidades ocidentais dos dias de hoje. (GROSFOGUEL, 2016, p. 27).

Entendemos que a hierarquização criada pelo mito da modernidade, que colocou o europeu acima de qualquer povo – uma ação contundente da equipe "Movimento Colonial" –, tornando a cultura europeia como parâmetro daquilo que seria considerado erudito, humano, virtuoso e, que, portanto, foi imposto aos tidos como "outros", mesmo que por meio da violência.

Nesse sentido, Castro-Gómez (2007) expõe que as perspectivas coloniais sobre o mundo obedecem a um modelo epistêmico implantado pela modernidade ocidental, ao que o filósofo chama de a "arrogância do ponto zero"[32]. Para o filósofo, tanto em seu pensamento como em

[32]A ciência moderna tem como objetivo localizar-se no ponto zero de observação para ser como Deus, mas não consegue ver como Deus. É por isso que falamos sobre a arrogância, o pecado do excesso. Na verdade, a arrogância é o grande pecado do Ocidente. A ciência moderna pretendende ser o único ponto de vista sobre todos os outros pontos de vista, mas sem que esse ponto de vista possa ser um ponto de vista. (CASTRO-GÓMEZ, 2007).

suas estruturas, a universidade se inscreve no que gostaria de chamar de estrutura triangular da colonialidade: a colonialidade do ser, do poder e do saber. Ainda segundo o filósofo, a universidade moderna encarna perfeitamente a "arrogância do ponto zero" e que este modelo epistêmico reflete na estrutura disciplinar de suas epistemes. Conforme Castro-Gómez, as disciplinas constroem suas próprias mitologias: Marx, Weber e Durkheim como pais da sociologia; os “gregos" como os pais da filosofia; Newton como o pai da física moderna etc.

Continuando nas ações ofensivas da equipe “Movimento Colonial”, os professores Estermann e Gomes (2017) afirmam que os educadores são formados para reproduzir fielmente a epistemologia dominante, numa matriz institucional e curricular dada e herdada da época colonial, com o desejo de “produzir” cidadãos que respondam ao projeto nacional dominante, este submetido ao projeto internacional dominante. Para os referidos professores, as universidades promovem o conhecimento compatível com os parâmetros de um cânone científico estabelecido no ocidente, estudam e ensinam sobretudo membros das classes média e alta, de preferência do sexo masculino e de pele branca**,** e utilizam-se métodos estabelecidos dentro da tradição dominante da filosofia ocidental. As universidades latino-americanas, resultado da influência dos modelos europeus, mantêm o seu caráter elitista e colonial, quer na sua estrutura, quer no conhecimento que produzem e reproduzem.

Entendemos que esse discurso levou a um completo afastamento de populações “outras” do processo de formação cultural e de conhecimento no meio acadêmico. Isto é, todo conhecimento e cultura produzidos por essas populações tornaram-se artesanato, misticismo, folclore, lenda, exótico, um “conhecimento menor/popular”.

Os professores Tavares e Romão (2015) descrevem que o mundo acadêmico no Brasil contemporâneo é, ainda, o resultado do modelo ocidental de universidade, com os seus paradigmas epistemológicos e a tendência para a fragmentação, disciplinarização e dualização dos saberes. Destacam que tal modelo redutor, ainda dominante, não tem uma visão holística, transdisciplinar e intercultural do conhecimento. Do ponto de vista da sua construção, não possui raízes populares nem territoriais-locais e nem se direciona para a transformação social. Ao contrário: é um modelo promotor das desigualdades sociais, legitimador e perpetuador das estruturas de dominação social. Nessa linha, Cruz (2017, p. 99) expõe que “[...] entrar na universidade nos dias de hoje significa se deparar com o alto grau de compartimentalização das ciências, sendo que cada um de seus campos disputa o monopólio de fala e de produção de conhecimento sobre um determinado ‘objeto’”.

Compreendemos que esse modelo de universidade ocidental considera os conhecimentos não ocidentais como inferiores, privilegiando a afirmação dos conhecimentos produzidos pelo

ocidente como únicos e legítimos e com capacidade de acesso à universalidade e à verdade. Percebemos que nos debates científicos figuram como verdade apenas os conhecimentos europeus colonizadores. Até mesmo as demais formas de saber, como a filosofia e a teologia, só possuem espaço quando tratadas dentro de um contexto "menor". Fora dele, ainda são considerados misticismo, sem qualquer valor do ponto de vista do conhecimento. As crenças, os estudos, as culturas, as opiniões dos "outros povos" ficam à margem de qualquer debate, sendo considerados meramente como objetos de estudo, nunca conhecimento em si.

Dando seguimento à temática, o sociólogo Santos (2000), esclarece que essa influência hegemônica eurocêntrica aportada pelo consumismo e a competitividade levam ao desfalecimento moral e intelectual da pessoa, bem como à redução da personalidade e da visão do mundo, convidando-a a esquecer a oposição fundamental entre a figura do consumidor e a figura do cidadão. Disso resultam os totalitarismos[33] que afetam o mundo acadêmico. Essa influência hegemônica eurocêntrica aportada pelo consumismo e pela competitividade, colocada pelo sociólogo Santos, relacionamos com um dos conceitos centrais de nossa partida principal – o de sujeitos "pés de obra". Neste sentido, entendemos que um jogador passa a ser um objeto – desfalecimento moral e intelectual da pessoa – quando deixa de ser responsável pelos seus atos e sua própria força de trabalho, deixando essa missão para os clubes e empresários. Quando o atleta se mantém alheio a esse processo, a força de trabalho é comprada e vendida quase que de maneira independente de seu proprietário original – levando à coisificação do sujeito –, e isso faz com que o atleta assimile a sua existência como parte de uma "engrenagem" vinculada a interesses que não os seus. Diferentemente de outras pessoas, os jogadores de futebol vendem não apenas sua força de trabalho – eles são comprados e vendidos, como coisas, como mercadorias.

O modelo eurocêntrico dominante, institucionalizado nas universidades, também se refletiu nos cursos de formação de professores em EF no Brasil, principalmente no ensino dos esportes. A EF tem sido, ao longo de décadas, identificada como uma atividade essencialmente prática. Os professores desta disciplina têm sua imagem associada ao exercício, à ginástica, ao esporte, enfim, ao prático. Grande parte das práticas da EF, principalmente os esportes, tem seu discurso baseado na alta *performance* esportiva.

---

[33]Há um totalitarismo na vida cotidiana, que inclui o trabalho intelectual. Não é só no trabalho não-intelectual, não é só na fábrica, que o totalitarismo está presente. Também no chamado setor de serviços. E a universidade é um exemplo formidável desse totalitarismo. Todos os dias somos solicitados a cumprir os regulamentos, as normas. Mas é exatamente a norma que se opõe à essência do trabalho intelectual. Sem contar que rompe com a liberdade de o professor decidir o que é mais conveniente ao seu magistério. E tem-se isso a cada momento, em tudo. (SANTOS, 2000).

2.2 O modelo epistêmico na Educação Física

Figura 2 – O modelo de ensino na Educação Física visando à *performance*

Fonte: Revista digital QUALIFIS.
Disponível em: http://sergionunespersonal.blogspot.com/2010/06/investindo-na-saude.html. Acesso em: 20 set. 2020.

Nesse momento do jogo, traçamos uma retrospectiva histórica da disciplina de EF e sua relação com os discursos da equipe “Movimento Colonial”. Segundo Darido (1999), a inclusão da EF na escola ocorreu oficialmente no Brasil ainda no século XIX, em 1851, com a reforma Couto Ferraz. Mas, foi só a partir da década de 1920 que vários estados da federação começaram a realizar suas reformas educacionais e incluíram a EF com o nome mais frequente de ginástica. Para a autora, foi a partir de meados da década de 30 que a concepção dominante na EF é calcada na perspectiva higienista. Neste modelo, a preocupação central é com os hábitos de higiene e saúde, valorizando o desenvolvimento do físico e da moral a partir do exercício.

Ainda conforme Darido (1999), foi no governo de Getúlio Vargas que surgiu o modelo militarista de EF. Na escola, teve objetivos vinculados à formação de uma geração capaz de suportar o combate, a luta, para atuar na guerra. Por isso, era importante selecionar os indivíduos "perfeitos" fisicamente, excluir os incapacitados, contribuindo para uma maximização da força e do poderio da população. De acordo com a autora, ambas as concepções – higienista e militarista – consideravam a EF como disciplina essencialmente prática. Em continuidade, na Constituição de 1946 a inspiração passou a ser liberal-democrática, face à influência dos educadores da Escola Nova. Este movimento tinha por base o respeito à personalidade da criança, objetivando desenvolvê-la integralmente, caracterizando-se por ser uma escola democrática e utilitária, com ênfase no aprender fazendo. O discurso predominante na EF passa a ser: "A EF é um meio da Educação." Segundo a autora, mesmo com um novo

discurso, não houve o abandono na prática de uma EF comprometida com uma organização didática ainda sob parâmetros militaristas. Este movimento conhece seu auge no início da década de 60 e passa a ser reprimido a partir da instalação da ditadura militar no nosso país. Nesta época, o Brasil observou a ascensão do esporte à razão de Estado e a inclusão do binômio EF-Esporte na planificação estratégica do governo. Os governos militares que assumiram o poder passam a investir pesado no esporte, na tentativa de fazer da EF-Esporte um sustentáculo ideológico, na medida em que ela participaria da promoção do país através do êxito em competições de alto nível. A frase mais conhecida dessa época é: "Esporte é saúde."

Segundo Daólio (2010), o modelo de EF é fundamentado essencialmente na dimensão das ciências bio-anátomo-fisiológicas, tendo como pressupostos: o dualismo corpo/mente; a busca do rendimento; a descontextualização do processo histórico; o mecanismo e a seletividade, pressupostos eurocêntricos.

Nessa linha, relacionamos a perspectiva dissociada de abordar os conteúdos com a descrição do sociólogo Castro-Gómez (2007, p. 82) a respeito do método cartesiano de ensinar:

> Por ello, Descartes privilegia el método de razonamiento analítico como el único adecuado para entender la naturaleza. El análisis consiste en dividir el objeto en partes, desmembrarlo, reducirlo al mayor número de fragmentos, para luego recomponerlo según un orden lógico-matemático.

E Grosfoguel (2016, p. 30) completa:

> A divisão de "sujeito-objeto", a "objetividade" - entendida como "neutralidade" -, o mito de um "Ego" que produz conhecimento "imparcial", não condicionados por seu corpo ou localização no espaço, a ideia de conhecimento como produto de um monólogo interior, sem laços sociais com outros seres humanos e a universalidade entendida como algo além de qualquer particularidade continuam sendo os critérios utilizados para a validação do conhecimento das disciplinas nas universidades ocidentalizadas.

Partindo da perspectiva exposta de divisão corpo e mente, podemos considerar que a EF ensinada nas universidades e nas escolas continua repetindo a geopolítica hegemônica monocultural e monorracional do conhecimento eurocêntrico, dando ênfase ao modelo cartesiano, isto é, segmentado. Verificamos, ainda hoje – século XXI –, que a prática da EF tem sido traduzida, predominantemente, como atividade desportiva voltada para o rendimento esportivo. Segundo Gaya, Marques e Tani (2004), ainda é comum ver aulas de EF pautadas

somente na abordagem tecnicista[34], a qual privilegia os estudantes com habilidades motoras já desenvolvidas, enquanto os aspectos além da técnica, como o cognitivo, o social e o afetivo, são ignorados. Nesse sentido, apresentamos na figura 2 – o modelo de ensino na Educação Física visando à *performance* –, um exemplo de pensamento colonial na formação esportiva, isto é, o treinamento/aulas voltadas para competição e a conquista de títulos.

Em apoio, Januário, Oliveira e Garcia (2012) pronunciam que a tendência tradicional tecnicista é embasada num conjunto de normas que regulamentam a transmissão de um conhecimento "pronto", que deve ser passivamente recebido e incorporado pelo aluno, para posterior reprodução. Para Daólio (2010), os conteúdos trabalhados nesse modelo de EF são bem definidos: as técnicas de movimentos são ensinadas de forma fechada, rígida e disciplinar, com ênfase nas modalidades esportivas tradicionais – basquete, voleibol, futebol, handebol. Esses conteúdos esportivos não são transmitidos no sentindo de um patrimônio cultural amplo, principalmente quando do ensino do futebol, mas sim com a finalidade da execução do gesto motor correto na referida modalidade.

Estudos do professor português Garganta (1997), mostram que cerca de dois terços dos conteúdos do currículo, desenvolvidos em aulas de EF escolar, dizem respeito aos esportes coletivos. Segundo o professor, há uma extensa tradição no processo de ensino dos esportes concentrada nas abordagens tecnicistas. Os professores, na escola básica, muitas vezes reproduzem o que é apresentado pela mídia, tornando sua aula uma espécie de "escolinha", quando trabalhado o conteúdo futebol, onde o alcance dos objetivos do esporte de alto desempenho e resultados são os principais objetivos. Esse processo é excludente, pois meninas são excluídas por não terem oportunidade perante os meninos, assim como os garotos menos habilidosos são deixados de lado, atitudes inadequadas e impróprias ao ambiente escolar educativo. Apesar do professor Garganta ter relatado esse fato em 1997, ainda verificamos esse modelo de ensino nos esportes coletivos, principalmente quando acompanhamos o estágio de nossos estudantes do curso de licenciatura em EF.

Atualmente vivemos um momento de grandes desafios e inquietações em relação ao papel da EF. Entretanto, o campo acadêmico de debates fertilizou-se, dando espaço a novos paradigmas. Porém, pensamos que mesmo com o avanço científico e tecnológico e com as inúmeras produções e pesquisas na área, ainda hoje conservam-se, em muitas práticas de EF,

[34]O tecnicismo, enquanto movimento, surgiu nos Estados Unidos durante a segunda metade do século XX e no Brasil a partir do golpe militar em 1964, influenciado principalmente pelas correntes positivista, de Comte, e behaviorista, de Skinner. (GARCIA; PEREIRA; CALDAS, 2005).

heranças oriundas das suas origens militares/coloniais, da mesma forma que se observa um discurso esportivo norteado pelos princípios da alta *performance.*

Diante do desafio representado pela modernidade eurocêntrica e suas estruturas coloniais racistas/sexistas de conhecimento, trazemos o discurso da equipe "Giro Decolonial", para "desgastar" (YEDAIDE, 2015) essas estruturas. Começamos esse desafio com a proposta do filósofo argentino Dussel, que propõe a transmodernidade como projeto para dar conta do processo incompleto de decolonização.

Conforme Dussel (2008b) *apud* Grosfoguel (2016), a transmodernidade é um convite para que se produza, a partir de diferentes projetos epistêmicos políticos que existem no mundo hoje, uma redefinição dos muitos elementos apropriados pela modernidade eurocêntrica e tratados como inerentes à Europa, rumo a um projeto decolonial de liberação para além das estruturas capitalistas, patriarcais, eurocêntricas, cristãs, modernas e coloniais. O filósofo Dussel destaca:

> Quando falo de transmodernidade estou me referindo a um projeto global que busca transcender a Modernidade da Europa e da América do Norte. A transmodernidade é uma tarefa, em meu caso, expressa filosoficamente, cujo ponto de partida é aquilo que foi descartado, desvalorizado e julgado como inútil entre as culturas globais, incluindo a filosofia colonizada ou das periferias. (DUSSEL, 2008b *apud* GROSFOGUEL, 2016, p. 19-20).

Para nos movermos para além da modernidade eurocêntrica, Dussel propõe um projeto de decolonização que utiliza continuamente o pensamento crítico das tradições epistêmicas do Sul [35]. Estermann e Gomes (2017, p. 22) colaboram com a perspectiva de Dussel ao descreverem:

> O tempo atual da educação nos países do Sul é o da decolonialidade, é o tempo de construção de uma educação a partir da/e com a diversidade cultural e linguística que define a identidade dos povos, desse modo buscando superar as pretensões colonizantes do monoculturalismo ocidental e, hoje, global. Uma educação crítica que problematize e reverta a visão universalizante da educação imposta pelo colonialismo e pela visão neoliberal que impera em todo o mundo e nas instituições educativas.

Nessa linha de transformação epistêmica, o semiótico Mignolo (2007) entende que o caminho para o futuro ante a colonialidade é a desobediência epistêmica, isto é, a proposição de um pensamento decolonial. *"*La actualidad pide, reclama, un pensamiento decolonial que articule genealogías desperdigadas por el planeta y ofrezca modalidades económicas, políticas,

[35]Trata-se do conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam a supressão dos saberes do Sul levada a cabo, ao longo dos últimos séculos, pela norma epistemológica dominante, valorizando os saberes que resistiram com êxito e as reflexões que estes têm produzido, e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos. (SANTOS; MENESES, 2010).

sociales y subjetivas otras" (MIGNOLO, 2007, p. 45). Neste sentido, Mignolo (2002) questiona o "conhecimento absoluto" que, para ele, é um conhecimento que esconde sua base geopolítica. O semiótico considera urgente confrontar o "conhecimento absoluto" com sua própria geopolítica do conhecimento, focando também na enunciação em vez do enunciado. O argumento de Mignolo é sobre a necessidade em descolonizar a ideia imperial de história universal, a fim de contribuir e legitimar a pluridiversidade do conhecimento e enunciações que foram desconsideradas pelas ambições epistêmicas imperiais.

A respeito da decolonização do conhecimento, o colombiano Achinte (2012) traz para para a discussão as "epistemes disruptivas". Segundo o autor,

> [...] las epistemes disruptivas tienen como propósito avanzar hacia lugares otros de producción de conocimientos que como prácticas societales configuran nuevos referentes, nuevas maneras de estar y ser en el mundo, nuevas formas de construir sujetos y subjetividades que asuman la demarcación epistémica para producir. (ACHINTE, 2012, p. 31).

Seguindo esse entendimento, a equipe "Giro Decolonial" propõe que ao invés de pensar num outro paradigma, como qualquer possibilidade de outro modelo ou de verdade absoluta, prefere aderir a um movimento "outro" que opte por afirmar a necessidade de outras políticas de verdade. Este movimento "outro" não quer se colocar como o oposto do pensamento hegemônico, instituindo uma outra verdade absoluta. Quer se constituir com suas "outras/próprias" faces, alternativas e conhecimentos.

2.3 O modelo epistêmico no ensino do futebol nas universidades

Figura 3 – O modelo de ensino do futebol nas universidades com ênfase na técnica

Fonte: Revista digital TIRAS E CHARGES.
Disponível em: http://habbisfa.no.comunidades.net/tiras-e-charges. Acesso em: 20 set. 2020.

Observamos que em muitas universidades/escolas, ainda hoje, o futebol é ensinado de forma competitiva, com o foco no rendimento, longe dos objetivos ideais da disciplina e da expectativa de estudantes. Professores de EF reproduzem, em suas aulas, o jogo visto dentro das competições, ensinando as regras estabelecidas e desenvolvendo apenas o fundamento básico utilizado no jogo, como meio de obter êxito na aula pela vitória. Percebemos que o ensino do futebol nos cursos de formação em EF segue a mesma lógica das ciências biológicas, enfatizando o modelo dominante europeu de conhecimento, com uma abordagem tradicional/mecanicista[36] de ensino dos esportes coletivos.

Segundo Homrich e Souza (2013), os pilares de sustentação e o arcabouço teórico dos cursos de EF advêm, hegemonicamente, das bases científicas do treinamento desportivo tradicional. Assim, o resultado é o seguinte: "[...] um ensino técnico, instrumentalizado, com metodologia de ensino embasada a partir de uma tendência, empírica – pressupondo o mundo da prática – e analítica – possibilidade de sua descrição, a teoria." (HOMRICH; SOUZA, 2013, p. 54).

O ensino do futebol nas universidades segue a linha das abordagens clássicas, modelo que procura, prioritariamente, ensinar os gestos técnicos e impor a ordem por meio de uma repetição formal e estática. Ilustramos a temática exposta acima, na figura 3 – o modelo de ensino do futebol nas universidades com ênfase na técnica –, demonstrando de forma cômica, a habilidade técnica dos jogadores, modelo referência no ensino dos esportes coletivos nas universidades, que supervaloriza o aprendizado do gesto técnico em relação ao conhecimento sociocultural do esporte. Essas concepções de aprendizagem não consideram as características particulares dos sujeitos, pois reduzem o grau de liberdade das ações e seguem um objetivo único, sustentadas pela racionalidade científica, referindo-se como prioridade o treino, a competição e o incentivo ao consumo do esporte como mercadoria da sociedade capitalista.

O professor Rezer (2010) entende que o paradigma hegemônico da docência dos esportes coletivos no ensino superior já vem carregado de estereótipos, de tradição, onde o conhecimento específico passa a ser um elemento muito presente nesses espaços. O conhecimento pertinente ao trato com o esporte no ensino superior precisa ser alargado – pois o que está presente neste contexto não se resume à "experiência-em-si" – e o acadêmico precisa dominar mais elementos

[36] O ensino dos esportes coletivos foi baseado exclusivamente no método analítico-sintético, caracterizado pelo fracionamento das partes de cada esporte, iniciando pela aprendizagem dos fragmentos, seguindo para a aprendizagem da união destas partes, até chegar ao jogo propriamente dito. Este ensino era extremamente focado no comando do professor, um ensino rígido, enérgico e de caráter imitativo. (COUTINHO; SILVA, 2009).

que os necessários à prática do esporte em questão. O ensino dos esportes no ensino superior, que se reflete na escola básica, ainda está pautado por uma forte tendência tradicional de ensino.

Corroborando, Barbosa (2004, p.24) coloca que "[...] os cursos de graduação ainda vivem um conflito interno entre formar o técnico esportivo ou o educador. Se o conflito já existe dentro da graduação, aumentará quando o já professor estiver atuando no magistério." A questão é ser o "professor técnico" voltado para os esportes ou ser o professor que age na formação do aluno, transformando-o socialmente, mostrando como a reflexão e a prática na EF são importantes para o crescimento do aluno. Barbosa levantou esse problema em 2004 e, pela nossa experiência na escola básica, nos clubes de futebol/futsal e no ensino superior, concordamos que o problema ainda persiste em muitas instituições de ensino que conhecemos.

Na mesma linha, Coutinho e Silva (2009), relatam que esta forma de ensino foi adotada por muitos anos em praticamente todos os cursos de formação universitária em EF, tornando-se quase hegemônica e marcando uma tradição no ensino dos esportes coletivos nas universidades e escolas de educação básica. Este método foi construído sobre as bases do treinamento desportivo, no qual os professores focalizam seu trabalho no ensino de técnicas desportivas individuais e sistemas de jogos coletivos, em geral usando modelos que repetem e imitam os modelos de treinamento dos adultos, com certas adaptações para as crianças.

Para Homrich e Souza (2013), o ensino do futebol está sendo levado pela lógica do mercado esportivo, restringindo-se a ensinar futebol com um objetivo final do "rendimento", utilizando-se de um tecnicismo exacerbado e acreditando que apenas este poderá formar novos jogadores. Corroborando, Bettega (2014), considera que o ensino do futebol no Brasil ainda apresenta lacunas quando visualizado a partir de seu trato pedagógico de ensino e treinamento. Assinala que as propostas em elevada proporção, ainda se sustentam somente no conhecimento empírico, sendo que em muitas situações a compreensão do jogo é reduzida às partes e ou ao todo de forma descontextualizada. Verificamos, pois, que a racionalidade técnica ainda permeia os discursos e as práticas nos processos de ensino-aprendizagem e treinamento na EF, de uma forma hegemônica, atingindo, consequentemente, o ensino do futebol, tanto na universidade como nas escolas e clubes.

Em pesquisa realizada sobre o ensino da disciplina de futebol nas grades curriculares dos cursos de EF, nas universidades públicas do Estado de Minas Gerais, Procópio e Procópio (2016) concluíram que o futebol nos cursos de EF, com formação para trabalhar nesse esporte, é bastante ambígua. A carga horária é muito reduzida e o pouco suporte teórico e prático pode diminuir a capacidade de ação para o futuro profissional. Porém, a condição generalista dos cursos de EF pode dar suporte para os técnicos esportivos, como os de futebol, uma vez que

socializa experiências de cunho pedagógico que podem orientar os iniciantes na modalidade. Em relação ao que se ensina nas disciplinas de futebol nos cursos de EF, os autores destacam que a modalidade é organizada em um aspecto multidimensional, na medida em que foca aspectos técnicos, táticos, físicos, psicológicos, fisiológicos, administrativos, entre outros, na sua grade curricular.

As instituições de formação de profissionais em EF podem estar deixando lacunas no seu currículo, especialmente quanto aos seguintes aspectos: preservação do valor cultural e social que o futebol brasileiro possui mundialmente; possibilidade de o futebol ser uma ferramenta de transformação social; falta de proposta pedagógica que estimule a visão crítica da colonização do futebol brasileiro; mercantilização do futebol na formação dos jovens jogadores; e ausência de políticas de combate aos preconceitos que estão alicerçados nas arquibancadas dos estádios e nas mídias sociais. Esta possível lacuna na formação dos profissionais de EF pode estar diretamente relacionada à formação inicial nas universidades, consolidando assim o poder hegemônico europeu e estadunidense de conhecimento.

Atualmente existe uma preocupação com o crescente número de profissionais não qualificados para a docência universitária, pois embora estes possuam experiências significativas na área de atuação, ou tenham um grande embasamento teórico, predominam, no geral, o despreparo e até um desconhecimento científico do que seja um processo de ensino-aprendizagem. Geralmente, os professores do ensino superior identificam-se por sua área de atuação e não como professor do curso no qual lecionam (BISPO; SANTOS JUNIOR, 2014). Nos últimos anos temos presenciado professores atuando no ensino superior sem formação pedagógica, fazendo da arte de educar uma atividade menor, como outra qualquer, sem a responsabilidade da formação do indivíduo. A ausência dessa formação pedagógica delega um peso enorme a esses professores, especialmente no que se refere às interfaces de “o que ensinar”, “como ensinar” e a “quem ensinar”.

Na perspectiva do ensino do futebol nas IES em Educação Física, pautado pelos pressupostos da equipe “Giro Decolonial”, compartilhamos a proposta de ensino do futebol de J. B. Freire (2003, p. 8-9), fundamentada em quatro princípios: a) *Ensinar futebol a todos*: qualquer pessoa pode aprender a jogar futebol, não desprezando a importância dos fatores genéticos, mas esses fatores não podem impedir a aprendizagem de quem quer que seja; b) *Ensinar futebol bem a todos*: não basta ensinar, é preciso ensinar bem. A tarefa de quem ensina futebol não é ensinar qualquer coisa, é ensinar contextualizando na história da humanidade. Temos que ensinar cada aluno, não importa o nível de habilidade com que inicie; c) *Ensinar mais do que futebol a todos*: além de ensinar futebol a todos e ensinar bem, a tarefa educacional

supõe preparar sempre para algo mais que a atividade específica da escola. Quem aprende futebol pode desenvolver um acervo de habilidades e conhecimentos diversificados, podendo aproveitar essas habilidades em muitos outros contextos de vida; d) *Ensinar a gostar do esporte*: as práticas precisam ser dinâmicas, alegres, livres, de acordo com as características típicas de uma criança ou de um adolescente. Acreditamos que estes princípios se encaixam na perspectiva de ensino do futebol da equipe "Giro Decolonial".

Reconhecemos a dificuldade de os cursos de EF darem conta de toda a formação e formarem profissionais prontos e acabados, até porque não é este o seu objetivo. Torna-se necessário, também, o reconhecimento de outros espaços de formação para que esses profissionais busquem o aperfeiçoamento constante na sua área de atuação. Entendemos que isso não pode ser desculpa para o descuido das instituições formadoras de professores com a qualidade da formação e muito menos pode ser entendido como substituição da formação acadêmica.

2.4 O modelo epistêmico do ensino de futebol nos clubes

Figura 4 – O modelo eurocêntrico de ensino de futebol nos clubes brasileiros

Fonte: Blog do NERIX.
Disponível em: http://felippeneri.blogspot.com/2010/05/mais-charges-do-futebol-atual.html
Acesso em: 20 set. 2020.

Hoje, os centros de treinamento estão formando jogadores com características apropriadas ao futebol europeu, como ênfase na força física, na grande competitividade, na maior obediência aos esquemas táticos e nos jogadores com mais senso coletivo, o denominado futebol força[37]. Observamos que nos treinamentos das categorias de base dos clubes prevalece

[37]O futebol brasileiro é intuitivo, artístico, espetáculo, natureza, individual, dom, agilidade, habilidade, malandro, improvisado, jogo, dionisíaco, barroco, futebol-arte. Por outro lado, o futebol europeu é racional, eficiência,

o padrão europeu, pois o futebol, no mundo todo, hoje é praticado segundo um único modelo tático – a prevalência da força e do preparo físico. Portanto, um futebol sem a arte e sem a criatividade dos sul-americanos – o chamado futebol pragmático. Em consequência, o jovem jogador brasileiro está perdendo sua cultura futebolística. Os formadores de jogadores – técnicos, coordenadores, preparadores dos clubes – estão europeizando os sujeitos "pés de obra", buscando a formação de uma mercadoria para o consumo europeu. Ilustramos o dito acima na figura 4 – o modelo eurocêntrico de ensino de futebol nos clubes brasileiros –, caracterizando o pensamento de jogo europeu, que restringi a habilidade técnica e a criatividade dos jogadores brasileiros, valores que sempre identificaram o festejado "futebol arte".

Nesse sentido, basta observar os jogos transmitidos pelos canais de TV ao redor do planeta – as equipes passaram a jogar de modo idêntico: um jogo padronizado e burocrático. Em consequência, as equipes ficaram previsíveis: os treinadores em relação às suas táticas, todos iguais; e os jogadores e as jogadas, agora permanecem durante quase toda a partida concentrados no meio do campo, como se o objetivo não fosse o gol. A correria dos jogadores, mais bem preparados fisicamente, fez desaparecer os espaços do campo onde eram construídas as jogadas que faziam do futebol uma verdadeira arte. E tudo isso, pode ter ocorrido pela predominância do instinto colonizador dos europeus, impondo ao mundo um futebol truncado, mecânico, baseado na força e na tática, com pouca arte e criatividade.

A influência eurocêntrica na cultura futebolística brasileira, colocada pela mídia como influência moderna, está levando os clubes de formação a consolidar uma proposta mercantilista e mecanicista na formação de jogadores de futebol, ao considerar que a perspectiva do lucro está em primeiro lugar, sobrepujando a formação do homem. E com essa "(re)colonização do futebol"[38], pensamentos colonizadores afloraram novamente no futebol brasileiro, como mercantilismo, violência, racismo, xenofobia, machismo e homofobia.

Segundo o professor Medina (2007), antes de criticar indiscriminadamente as ideias de Descartes, temos que reconhecer que foi o paradigma mecanicista que ajudou a transformar o mundo medieval no mundo moderno, através das revoluções científica, industrial e tecnológica, tal qual o conhecemos hoje. Mas para Medina, esse é um modelo que está se exaurindo. Não

competitivo, cultura, coletivo, aprendizado, rigidez, força, apolíneo, clássico, escola, futebol-força. (DAMO, 2002, p. 125). No Futebol-Força, o preparo físico dos jogadores é exaltado como a principal qualidade, porém muitas vezes as equipes que praticam esse tipo de futebol, também chamado de futebol de resultados, não empolgam seus torcedores. Jogadas de efeito, dribles e tabelas tornam-se raras. (GIGLIO, 2003, p. 33).

[38]Expressão criada por este professor/pesquisador/narrador para fazer alusão à chegada do futebol no Brasil, no final do século XIX, que, como no final do século XX, foi um exemplo da sedução pela cultura colonialista e do fetichismo cultural que o europeu criou em torno de sua cultura. Naquele momento (final século XIX), estavam aparecendo os primeiros "chutes" de colonialidade no futebol brasileiro, pois, de acordo com Rodrigues (2004), na virada do século XIX para o XX, o futebol e as modas europeias faziam parte dos ideais civilizatórios.

podemos mais, como ainda querem muitos, segundo o professor, continuar a entender o mundo, a vida, o corpo humano como uma máquina. E consequentemente é este mesmo entendimento que foi repassado para o futebol, para o atleta, e dura até nossos dias. Não é à toa, por exemplo, que nas conversas sobre futebol, ouvimos com frequência jogadores serem tratados como peças de reposição. Ainda para Medina (2007), está mais do que na hora de compreendermos que um jogador não é, em absoluto, uma máquina que se soma a outras 10 máquinas para compor uma máquina maior, a qual chamamos de time ou equipe de futebol. Um atleta é, antes de qualquer coisa, um ser humano, dentro de toda a sua individualidade e complexidade. Um ser que se relaciona, que tem sentimentos e emoções, que pensa e é capaz de ser criativo. Um time de futebol não pode ser construído dentro desta perspectiva mecanicista – isto porque a visão mecânica do atleta é incompatível com o pensamento, a emoção e a criatividade.

Cabe destacar que, em suas raízes iniciais[39], o futebol, tinha caráter lúdico, mas ao longo de seu processo histórico foi perdendo essas características, passando a reproduzir as tendências da sociedade industrial, valorizando a busca exacerbada de resultados, o alto rendimento e a elitização (KRUSE, 2004). Observamos que ensinar a condição humana[40] é um dos saberes da educação, o que menos é trabalhado pelos profissionais da EF, principalmente no ensino do futebol, ainda mais quando o resultado dos campeonatos e a busca por talentos é prioridade no processo educativo. O professor Scaglia (2003, p. 59) considera que

> […] é preciso que técnicos e professores não se deixem cair no papel de meros animadores, que praticantes e espectadores não se sintam apenas fregueses e consumidores, que dirigentes não vejam no desporto apenas uma mercadoria que se compra ou vende a qualquer preço.

Além da busca do resultado a qualquer preço, os clubes, e os profissionais de EF que lá trabalham, pouco se preocupam em equilibrar a formação escolar e futebolística de seus estudantes-atletas. Segundo Melo (2010), o tempo de treinamento nas categorias de base é semelhante ao das equipes profissionais. Portanto, em termos práticos, a carga horária de dedicação de adultos e aspirantes a atletas é a mesma. Para Melo, o fato de o tempo de dedicação

[39]"O menino brasileiro joga controle, dupla, paulistinha, rebatida, pelada, 'ranca'; joga sozinho, 1×1, 2×2, gol a gol, brinca de 'embaixadinhas', joga bola mesmo que não haja bola. É o jogo informal, onde nada é padronizado ou homogêneo: local, piso, bola, número de participantes, idade e tamanho dos participantes é liberdade e improvisação pura." (FERREIRA, 2014, p. 1-2).

[40]Os PCNs (BRASIL, 1998b) estabeleciam como objetivos da educação que os estudantes sejam capazes: de compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito; posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas.

à formação no futebol ser igual ou superior ao de dedicação à escola, pode criar problemas no processo de escolarização.

Ainda na mesma temática, conforme Damo (2005), a busca por esta profissionalização pode ser iniciada antes mesmo dos doze anos de idade e implica aproximadamente 5.000 horas de prática de atividades corporais específicas ao longo de dez anos, o que podemos considerar como quase um trabalho infantil. Ainda para o autor, os problemas da compatibilidade entre escolarização e formação de jogador no Brasil apontam que os centros de formação de atletas de futebol, apesar dos limites legais, são totalmente livres na gestão de sua política pedagógica de formação de atletas e de escolarização. Não há supervisão ou orientação das cargas de treinamento, da qualificação dos profissionais que trabalham diretamente com os jovens e da adequação da infraestrutura dos centros de treinamento.

A partir dessa visão mercadológica do trabalho com atletas, percebemos que há necessidade de formação dos profissionais que atuam no ensino do futebol, não apenas restrito à área pedagógica do ensino do esporte, mas também da formação humana. Para colaborar com o tema, Casarin e Cella (2008) realizaram uma pesquisa sobre análise de treinamento no futebol com uma equipe sub-15. Os autores observaram que os treinos foram compostos por dez atividades no total: conversa com o treinador, aquecimento sem bola, aquecimento com bola, treinamento técnico, treinamento técnico-tático, treinamento tático, treinamento físico, jogo propriamente dito, intervalo de descanso e relaxamento final. O planejamento dos treinamentos e jogos da equipe foi realizado com base na competição alvo. Os treinamentos iniciaram quatro meses antes da competição. Foram programadas atividades mensais, semanais e por sessão de treinamento. A avaliação dos atletas ocorreu de forma individual, considerando a frequência, assiduidade, interesse, aproveitamento físico, técnico, tático e escolar além de disciplina, com ênfase no treinamento físico e no jogo. Conforme os autores, ficou clara uma cobrança por resultados e maior preocupação com o rendimento da equipe no período de jogos decisivos do campeonato estadual.

Na mesma linha, Rodrigues (2004, p. 263) destaca:

> O esporte moderno pode ser considerado como instituição disciplinadora dos corpos. A ideia de poder como rede, micro, estendendo-se ao conjunto de esferas sociais pode ser aplicada à análise do futebol, especialmente das relações de controle social, condicionamentos físicos, técnicos e táticos, ordenamentos e hierarquia das posições. O técnico revela seu poder por meio dos esquemas, os atletas procuram sempre escutar e fazer o que o técnico manda. Trata-se de um poder disciplinar em forma de técnicas, dispositivos, métodos de controle do corpo e dos atos dos indivíduos, almejando docilidade e utilidade. Os treinamentos físicos, táticos e técnicos manipulam o corpo, na tentativa de alcançar o padrão ideal de jogador, resistente e habilidoso. Trata-se de colocar os jogadores em forma, preparados para jogar.

Trata-se de controle discreto, invisível. Este controle, sem ser visto, existe nos clubes de futebol. Os atletas em formação reclamam da ausência de vida normal, do excesso de trabalho, dos treinos de diferentes naturezas e de muitas proibições, inclusive o cuidado em se pronunciar. Os clubes, muitas vezes, estão "dando no meio"[41] dos jovens. Frequentemente, constatamos que as instituições formadoras enfatizam o aprendizado e o desenvolvimento dos jovens futebolistas. Mas, no início das competições e com resultados adversos, o discurso inicial fica em segundo plano e a busca de meios para vencer supera os meios formativos. Muitas vezes, as soluções encontradas são a exclusão dos jogadores menos preparados no momento e na busca de jogadores mais desenvolvidos, bem como a troca das metodologias formativas por trabalhos que exigem mais dos jogadores do que eles possam realizar. Nesse caminho, muitos serão os atletas explorados em sua força de trabalho para além das suas capacidades físicas e psicológicas, dentro dos clubes, configurando verdadeiras relações de escravismo moderno.

Na perspectiva de um treinamento de futebol pautado pelos pressupostos da equipe "Giro Decolonial", trazemos a proposta de Scaglia (1999). Para o autor, uma proposta que vise o ensino do futebol, seja ele de rendimento ou não, não pode tirar a possibilidade de promover o bem-estar dos estudantes e atletas e deve contribuir para a sua formação humana. Esta proposta deverá estar pautada numa prática pedagógica que desenvolva os valores éticos das regras dos jogos, dos jogadores, da escola, da universidade e do clube. Assim, tem em vista o pensar, o respeito e a prática educativa, na perspectiva da aquisição de hábitos saudáveis e conscientização dos aspectos culturais, possibilitando o desenvolvimento da autonomia do "estudante-atleta" e do atleta como ser humano e não apenas como jogador em campo. Ainda conforme Scaglia (1996), não é fácil formar "homens" quando o sistema pede "robôs". Não é fácil desenvolver estudantes-atletas cidadãos, críticos, conscientes, educados e criativos, quando o sistema pede apenas "máquinas" obedientes e automaticamente descartáveis, quando deixam de produzir o rendimento esperado.

Ensinar futebol não é um trabalho fácil. Aquele que se propõe a ensiná-lo precisa ter claro qual é sua proposta de ensino, pois os pais e a sociedade têm o direito de saber o que este profissional propõe ou pretende para a formação de seus filhos. Precisam saber quais os valores que estão sendo desenvolvidos com os estudantes-atletas, que estão e continuarão vivendo em sociedade, pois não é apenas um estudante ou um atleta de futebol, mas um filho, um irmão, um pai e, provavelmente, um futuro treinador ou outro profissional qualquer. Valores éticos, sociais e morais podem ser ensinados nas várias atividades que o conceito de esporte abrange,

[41]Dar no meio – parar a jogada de maneira violenta, batendo no adversário.

para que se possa fazer dos estudantes e dos atletas agentes transformadores da realidade de seu tempo, preocupados com a ética que lhes permita viver bem em qualquer caminho, seja do esporte ou de outra atividade por eles escolhida.

Entendemos que o ensino/treino do futebol deva contribuir com a formação integral – cognitiva, motora, afetiva e social – dos estudantes-atletas. Este processo depende da atuação efetiva do profissional, diretamente vinculada ao público alvo, considerando a sua formação enquanto indivíduo, conhecedor de seus direitos e deveres, dentro e fora do campo de futebol. Assim, a formação do profissional de EF, para trabalhar com futebol, deve ter objetivos, conteúdos, metodologias e sistema de avaliação bem definidos, na perspectiva da formação de indivíduos autônomos, com capacidade de atender a diversidade de aplicação do conhecimento nas diferentes possibilidades de atuação/trabalho.

Compreendemos que uma proposta mais ampla, para o ensino e treinamento do futebol no processo de formação dos jovens atletas, seria ideal, mas entendemos, também, que no mundo do futebol muitas pessoas querem proteger o status quo tradicional porque têm medo de se equivocar. É uma subsociedade na qual não se tolera a crítica e onde as pessoas preferem preservar e defender ideias pré-estabelecidas. O mundo do futebol não gosta das pessoas que questionam e criam demais porque isso incomoda, e ninguém gosta de se sentir incomodado. Mas para que aconteça uma mudança no ensino do futebol, é importante que os profissionais de Educação Física aprofundem seus conhecimentos sobre o que pode vir a ser o futebol, para além das quatro linhas que circunscrevem o campo de jogo.

O árbitro apita: final do primeiro tempo. O jogo está duro. A partida até esse momento foi muito disputa e continua empatada. As equipes estão mais preocupadas em se defender do que atacar. A equipe “Movimento Colonial” foi um pouco mais incisiva no ataque. O momento agora é de reestabelecer as forças no vestiário.

3 INTERVALO DA PARTIDA [JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA DA TEMÁTICA: OS POSSÍVEIS FATORES QUE LEVAM OS FUTUROS JOGADORES A SE TORNAREM SUJEITOS “PÉS DE OBRA”]

Imagem 7 – Intervalo (descanso e hidratação)

Imagem 8 – Intervalo (estratégias para o segundo tempo)

Imagem 9 – Intervalo (concentração dos jogadores para o retorno ao jogo)

3 INTERVALO DA PARTIDA[42] [Justificativa da escolha da temática: os possíveis fatores que levam os futuros jogadores a se tornarem sujeitos “pés de obra”]

Intervalo[43]. Hora de hidratar. Descansar um pouco, ouvir as instruções, as táticas diversas, as conversas, os incentivos, as promessas e as orações. “Se Deus quiser...” “Precisamos da vitória.” “Voltaremos com tudo, pois é clássico, e clássico não se joga, se ganha.”

“Jogador de futebol não precisa estudar...”

Brasileiros jogam bem porque não estudam, insinua o atacante francês Thierry Henry: “É difícil definir os jogadores do Brasil, pois eles já nascem com a bola nos pés. Por outro lado, quando eu era criança, precisava estudar das 7h às 17h. Pedia ao meu pai para jogar bola, e ele dizia que antes vinham os estudos. Já eles (brasileiros) jogam futebol das 8h às 18h [...]”[44]. (29 de junho de 2006).

Neste terceiro momento do clássico – o intervalo da partida –, apresentamos os possíveis fatores que levam os futuros jogadores a se tornarem sujeitos “pés de obra”. Iniciamos o intervalo chutando a bola a respeito deste conceito: para a sociedade do futebol[45], jogador de futebol não precisa estudar, mas depois é estigmatizado como analfabeto funcional. A afirmação do jogador de futebol francês Thierry Henry, acima, vem carregada de preconceito e discriminação, pois a realidade do jovem aluno-atleta no continente europeu é muito diferente

[42]O intervalo de um jogo pode ser o ponto de virada para muitas equipes, as quais entram para a segunda parte de um jogo com uma atitude e uma forma de jogar completamente diferentes das do primeiro tempo. Muito disso se deve ao treinador. A colocação da voz e a linguagem corporal, as táticas que deseja introduzir para o segundo tempo, são fatores que o treinador deve levar em conta na palestra para ‘atingir’ os jogadores. É preciso que o treinador conheça os atletas, que saiba bem aquilo que vai dizer e que, acima de tudo, seja um verdadeiro líder e ponha as coisas no devido lugar. O treinador, no intervalo, deve procurar sempre querer mais e melhor, mostrar que sempre é possível cada um fazer melhor.

[43]Identificamos o intervalo da partida com as imagens 7, 8 e 9. A imagem 7 – intervalo (descanso e hidratação) – mostra o momento em que os atletas e treinador descansam, hidratam-se e falam sobre o primeiro tempo. No segundo momento do intervalo, o treinador expõe as estratégias para o segundo tempo da partida, retratadas na imagem 8 – intervalo (estratégias para o segundo tempo) –, momento em que o treinador orienta os jogadores taticamente para a proposta de jogo no segundo tempo. A imagem 9 – intervalo (concentração dos jogadores para o retorno ao jogo) – ilustra o instante em que os atletas se reúnem para trocar palavras de incentivo, com intuito de retornar ao jogo motivados e concentrados. As três imagens fazem parte do acervo da DDU-UFC, e correspondem, respectivamente, às equipes masculina de futebol 7, futebol 11 e futsal da UFC, nos anos de 2015, 2016 e 2015, quando o professor/pesquisador/narrador era treinador dessas equipes.

[44]Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk0107200619.htm.

[45]Formada por jogadores, jornalistas, torcedores, empresários, olheiros, familiares e amigos de jogadores, árbitros e amantes do futebol – sem distinção de raça, gênero ou orientação sexual –, que de alguma forma circundam o meio futebolístico.

do aluno-atleta que reside no Brasil [46], principalmente oriundo de classes populares. Relacionamos a afirmação do atleta francês com o discurso do educador Paulo Freire (1977, p. 45), ao afirmar que "[...] para os opressores são sempre os oprimidos que são hostis, que são 'violentos', 'bárbaros', 'maus', 'ferozes' [...]", e também com o entendimento do semiótico Mignolo (2013) sobre "diferença colonial"[47]. Para o semiótico, o dominador utiliza múltiplos mecanismos de subjugação pelo convencimento de que o certo, o justo, o verdadeiro, é o que o ele faz, sua forma de ser, pensar e agir. Esta perspectiva hegemônica do colonizador, na sua visão, aconteceu pela invasão do território, pela eliminação – com frequência física – do colonizado. Estabeleceram-se, desse modo, regimes de verdade, onde os valores particulares passaram a circular como verdades universais, naturais, e cuja força de convencimento reside em sua reafirmação constante pelos discursos autorizados. Tomando por base tais postulados, pretendemos – nesse período da partida principal – ampliar o conceito de sujeitos "pés de obra", abordando alguns aspectos que dificultam a relação estudar e jogar futebol no processo de formação dos jovens/atletas brasileiros.

Começamos por Rocha *et al.* (2011), que consideram o futebol um esporte com grande prestígio no cenário nacional e internacional. Parte deste fascínio associa-se ao grande aporte midiático que recebe. Esta ampla divulgação fomenta o surgimento de inúmeras escolinhas de futebol, que cada vez mais cedo levam as crianças – em geral meninos de origem das camadas médias e populares – a almejarem seu desenvolvimento físico, técnico e tático, visando a uma oportunidade no restrito mercado do futebol profissional. Muitos jovens acreditam que tão somente por meio da prática do futebol conseguirão conquistar rapidamente seus objetivos: objetivos estes que perpassam a estabilidade econômica, o reconhecimento profissional e o respeito como membro integrante de uma comunidade. Mas, o sonho dos jovens de um dia ingressar em uma equipe profissional de futebol tem gerado problemas na continuidade da formação esportiva e escolar.

[46]Ao comparar a formação de atletas de futebol no Brasil e na França, Damo (2005) percebe que o mercado da bola possui um padrão hegemônico compartilhado, mas as características internas de regulamentações e maneiras de fiscalização são singulares e culturais. Enquanto na França se faz necessário diploma e certificado para atuar como profissional nas várias frentes profissionais, no Brasil o saber acumulado com a prática, no caso de ex-boleiros, aparece como requisito suficiente, o que supostamente com graduação ganharia outro tom. Assim, uma hipótese pode ser levantada: os ex-boleiros, que vivenciaram período anterior sem grande ênfase na escola, continuam a reproduzir a mensagem de que os estudos são desnecessários para galgar sucesso no mundo do futebol.

[47]Diferença colonial consiste em classificar grupos ou populações do planeta e identificá-los segundo suas faltas e excessos, marcando uma diferença e uma inferioridade com respeito a quem classifica. É o espaço onde as histórias locais inventam e implementam os projetos globais, o espaço em que estes projetos são adaptados, adotados, rejuntados, integrados ou ignorados. (MIGNOLO, 2013).

No Brasil, a responsabilidade pela educação da população está muito mais vinculada ao sistema institucional do que à própria família. As condições socioeconômicas das famílias são altamente diferenciadas no que se refere ao poder aquisitivo e ao nível social, em especial. Daí que são muitos os exemplos de atletas descendentes de negros escravos – famílias predominantemente marginalizadas – que conseguiram atingir camadas sociais superiores pelo sucesso obtido no futebol brasileiro e, atualmente, no futebol europeu. Consideramos que a estrutura de formação escolar e esportiva dos estudantes-atletas vigente está reduzindo estes à condição de "produtos" dentro dos clubes, os chamados sujeitos "pés de obra", situação em que a prática do futebol é mais valorizada – sonho de ascensão social – que a aprendizagem escolar na formação dos jovens.

Macedo (2006) relaciona a condição de sujeitos "pés de obra" ao fato de os estudantes-atletas terem dificuldade para estudar. Considera que os problemas para permanecer na escola poderão abrir caminho para que esses adolescentes fiquem vulneráveis a todo tipo de alienação e sofram com o assédio dos envolvidos diretamente com equipes de formação. Para o autor, a baixa capacidade de comunicação verbal dos futuros atletas de futebol, notadamente, induz parte da imprensa e da sociedade a uma rotulação de incultura como característica desse grupo.

Na continuidade de uma escrita decolonial, – no intervalo da partida – dividimos esse espaço em subcapítulos, utilizando – como no momento anterior da partida –, charges para exemplificar e ilustrar cada aspecto que entendemos dificultar a relação entre estudar e jogar futebol. Utilizamos charges por entendermos que facilitam a escrita deste professor/ pesquisador/narrador e auxiliam a compreensão do torcedor/leitor a respeito da temática. Além disso, pretendemos, de uma forma cômica, chamar a atenção para o problema.

3.1 Os sujeitos "pés de obra" [Jogador de futebol não precisa estudar...]

Visando a uma melhor elucidação sobre um dos conceitos-chave da partida principal – "pés de obra" (uma analogia ao conceito "mão de obra") –, buscamos apoio no autor do termo, o antropólogo Damo (2005). Para o antropólogo, o conceito apareceu com o processo de espetacularização do futebol e a necessidade de encontrar atletas que pudessem suprir a demanda dos clubes. Neste momento, para Damo, surgiram as categorias de base como instrumento de formação, que também servem como filtro por onde passam apenas os "merecedores" de estar no centro da arena, ou seja, aqueles passíveis de tornarem-se jogadores profissionais. É nas categorias de base, segundo o antropólogo, que a formação inicia, quando

os jovens começam a se dedicar exclusivamente ao futebol – as técnicas corporais são apreendidas, o dom[48] lapidado e a gramática futebolística trabalhada.

Figura 5 – O estereótipo do jogador "pés de obra" estigmatizado pela sociedade

Fonte: Revista digital Global Voices.
Disponível em: https://pt.globalvoices.org/2011/12/07/brasil-socrates-idolo-brasileiro/.
Acesso em: 21 set. 2020.

A sociedade do futebol cobra um comprometimento incondicional para melhora da *performance*, apesar de, atualmente, esse aspecto vir merecendo um pouco mais de atenção por parte de alguns dirigentes. Todavia, ainda assim, esse quadro está muito longe de ser alterado. Giglio e Rúbio (2013, p. 396), expõem como os jogadores são tratados no mercado de futebol:

> [...] os jogadores estão vinculados a uma dupla condição: pessoa e mercadoria. Essa dualidade faz com que os jogadores possam ser tratados como *"commodity"*. Esse duplo estatuto faz com que os jogadores fiquem reféns do sistema que os sustentam, pois qualquer contestação pode representar dificuldades de circulação dentro do sistema do futebol profissional.

Para os autores, os indivíduos, nesta condição, acabam por constituir o outro como "coisa" e os comportamentos que justificam todo o desrespeito às pessoas tornam-se, então, uma das bases da sociabilidade atual. Trata-se da coisificação do sujeito. Conforme Galeano

[48]O dom diz respeito a uma prodigiosa aptidão, que deve ser usada e usufruída como algo divino. Carrega uma mensagem de inato. Portanto, ter um dom significa não precisar de novos talentos ou atribuições diretamente relacionadas à escolarização ou outras fontes, pois já está predestinado a uma carreira que o livrará da fábrica ou do escritório. (DAMO, 2008).

(1995), os jogadores de futebol são submetidos a uma disciplina militar, sofrendo todo dia o castigo dos treinamentos ferozes e se submetem aos bombardeios de analgésicos e às infiltrações de cortisona com que esquecem a dor e enganam a saúde. Na véspera de partidas importantes, ficam presos num campo de concentração onde faz trabalhos forçados, consomem comidas sem graça, se embebedam com água e dormem sozinhos.

Entendemos que o jogador de futebol no Brasil/América do Sul, além de uma simples mercadoria, é também uma entidade que desperta diferentes sentimentos nos torcedores. Os jogadores possuem valores que vão muito além do que sua capacidade de jogar futebol. Há, também, uma certa áurea, quase religiosa, de que os jogadores conseguirão o melhor para a equipe e seus torcedores. Mas, no capitalismo isso pouco importa, e quando importa é somente se for para aumentar os lucros. Os jogadores podem ser mercadorias muito apreciáveis, sendo que o preço varia, nestes casos, não apenas pela relação entre oferta e demanda convencionais, mas por uma lógica especulativa, como no mercado de ações futuras. Neste sentido, muitos clubes com categorias de base desrespeitam direitos e funcionam como garimpo. Um garimpo cujo único objetivo é encontrar a pepita de ouro – e não importa a destruição que causou para encontrar. Não existe esforço para formar o atleta de forma integral. A estratégia é garimpo para exportação, os jogadores são tratados como objetos.

A respeito dos jovens atletas ser tratados como coisas e perderem parte considerável do controle sobre seu corpo e sua vida – não conseguirem se administrar –, fizemos a relação com uma das principais esferas que sustentam a equipe "Movimento Colonial", a colonialidade do ser [49]. Para Maldonado-Torres (2007), a colonialidade do ser tem como característica fundamental a experiência da negação do outro não eurocêntrico. De acordo com Restrepo e Rojas (2010), a inferiorização do subalternizado colonial é uma característica da colonialidade do ser, já que esta passa a identificar o modo de vida e saberes do subalternizado como inferiores aos modernos. Essa inferiorização e subalternidade a que os jovens atletas se submetem nos clubes e em relação aos empresários, na perspectiva de ingressar no futebol e alcançar a independência financeira, relacionamos com colonialismo, que, segundo Fanon (1983), obriga as pessoas que ele domina a se perguntar: em realidade, quem sou eu?

[49] Segundo Nelson Maldonado-Torres, o conceito de colonialidade do ser surgiu ao longo de conversas desenvolvidas por um grupo de acadêmicos das Américas sobre a relação entre a modernidade e a experiência colonial. Entre estes acadêmicos estavam Santiago Castro-Gómez, Fernando Coronil, Enrique Dussel, Arturo Escobar, Ramón Grosfoguel, Eduardo Lander, Eduardo Mendieta, Walter Mignolo, Aníbal Quijano, Ana Margarita Cervantes-Rodríguez, José David Saldívar, Freya Schiwy e Catherine Walsh, entre outros. Walter Mignolo teria sido o primeiro a sugerir o conceito de colonialidade do ser. (MALDONADO-TORRES, 2007).

O maior contingente de jovens que iniciam a carreira como jogadores profissionais de futebol é originário das classes mais pobres da população[50]. Como essa classe tem mais dificuldades de acesso à escola, isso também contribui para a falta de conhecimento nesse grupo. Macedo (2006) considera que pela falta de conhecimento cria-se uma imagem folclórica do jogador de futebol, caracterizado por ser analfabeto, inculto, logo sem capacidade de reflexão, tornando-o mais vulnerável à doutrinação. Em certos casos, a incapacidade de questionar e o deslumbramento pela carreira levam o jogador à obediência e confiança cega em empresários, dirigentes e, especialmente, integrantes da comissão técnica. Ainda para Macedo (2006), esses jovens, em consequência dessas rotulações, constroem um mundo particular de comunicação pertencente apenas ao ambiente do futebol, caracterizado por expressões corporais e idiomáticas peculiares. Macedo também faz outras considerações como: os jovens jogadores, quando ingressam em uma equipe de futebol, passam a ter semelhanças identificáveis, como o tipo de roupa, a marca do carro, o jeito de vestir, a religiosidade, as crenças, os objetos de consumo, os assessórios de moda – brincos, colares, joias, corte de cabelo –, e, finalmente, culminando com uma constituição física típica dos atletas de futebol.

Scaglia (2003) pondera que o tipo de formação oferecida aos jovens jogadores leva ao interesse individual em prejuízo do coletivo. Esses garotos sofrem a influência da família, dos professores, dos empresários, dos profissionais do futebol e principalmente da mídia, para que se sintam como estrelas do futebol, bem antes de se tornarem uma verdadeira estrela. Os futuros jogadores de futebol estão mais preocupados com roupas, baladas, acessórios, tatuagens, celulares, do que com uma formação esportiva e humana. Na figura 5 – o estereótipo do jogador tipo sujeito "pés de obra" estigmatizado pela sociedade – demonstramos, através de uma charge, o modelo de jogador descrito pelos autores citados acima, representando a forma como a sociedade do futebol visualiza e discrimina o jogador de futebol.

Para Macedo (2006), além dessas características, ocorre também uma incorporação dos tabus, fetiches e um modo de conduta e atitudes que se caracteriza como moral e imoral ou que não combina com a imagem da classe. Como regra para pertencer ao grupo é preciso aceitar os valores e as normas de comportamentos impostos pelo mesmo, o que os conduz à segregação e ao conformismo. O pertencimento a esse grupo gera uma cultura específica compreendida e valorizada entre os seus componentes. Exemplo disso é a música, que passa a exercer um papel importante na comunicação entre seus integrantes. Segundo Macedo, os ritmos musicais de

[50]Ver Marques; Samulski (2009) e Santos (2011).

maior preferência dos jogadores são os classificados como pagode e sertanejo e, geralmente, também, os conjuntos e duplas que cantam esses gêneros musicais.

Continuando, o sociólogo Santos (2000, p. 54) contribui:

> [...] na esfera da sociabilidade, os indivíduos dão adeus à solidariedade, à generosidade e à emoção, pois "levantam-se utilitarismos como regra de vida mediante a exacerbação do consumo, dos narcisismos, do imediatismo, do egoísmo, do abandono da solidariedade, com a implantação, galopante, de uma ética pragmática individualista.

A respeito do enunciado de Santos, percebemos que os futuros jogadores de futebol, na busca incessante de ingressarem no futebol profissional, muitas vezes, não medem esforços, deixando de lado princípios e valores coletivos, centralizando seus ideais no material. Conforme Kusch (1978), o problema do homem, é centralizar-se nas coisas – seus pensamentos e suas preocupações estão no econômico. Para o autor, foi isso que fez o ocidente nestes últimos tempos. Vivemos em um mundo "coisificado". Ainda para Kusch (2008), quando os europeus aportaram na América trouxeram consigo o sentido do "ser-alguém", isto é, o "ser que quer ter", relativo ao *status* socioeconômico que as profissões ou a origem lhes conferem. Entendemos que o ser-alguém é ter de viver de acordo com um papel social, pois segundo Kusch (2008), o mundo é comandado pelo "ser dos papéis", em geral alcançado pela via do trabalho ou do estudo, em nossa pesquisa relacionado ao jogar futebol.

Nesse cenário, a maioria das crianças e jovens que chegam aos clubes de futebol provém de famílias humildes, muitas vezes sem condição financeira, cultural e conhecimentos necessários para análise de um contrato. Esses indivíduos vêm embalados pelo sonho de ascensão social, que lhes parece tão distante dentro da realidade a que estão condicionados. Ao chegarem no clube e terem a possibilidade de assinatura de um contrato o farão em posição subalterna, não estarão em condições de negociar e rejeitar as cláusulas que lhes serão praticamente impostas. Acreditamos que os futuros jogadores de futebol vivem o dilema de ser-alguém, e, quando conseguem – ingressando no futebol –, esquecem ou não foram preparados para atuarem na sociedade. Segundo Giglio e Rubio (2013), o atleta de futebol, quando consegue tirar proveito financeiro na carreira, muitas vezes assume uma postura acrítica em relação ao sistema esportivo do qual faz parte e, como consequência, não opina sobre as instâncias superiores do futebol profissional. Neste sentido, Kusch (1978) relata que o pensar dos grupos humanos está condicionado pelo lugar, ou seja, faz referência a um contexto estruturado mediante a intersecção do geográfico com o cultural.

Interpretamos que o jogador de futebol, na busca quase sempre insana pelo seu reconhecimento no futebol, perde sua autonomia e se torna um produto para os clubes e empresários. Os atletas que buscam se estabelecer no futebol devem suportar não apenas a subordinação ao clube empregador, mas também a uma torcida exigente, a uma família esperançosa e a uma mídia sufocante. Nesse contexto, o jogador quase perde a sua identidade para ser – unicamente e a qualquer tempo –, jogador de futebol, ficando próximo de uma permanente disponibilidade.

São muitos os fatores que contribuem para a formação de sujeitos "pés de obra" no futebol brasileiro e a difícil relação de treinar futebol e estudar. Neste intervalo inserimos os seguintes aspectos: o sonho das famílias em obter ascensão social pelo futebol; a realidade da escola pública brasileira[51] para os jogadores "pés de obra"; a mídia esportiva, que enfatiza o lado positivo do futebol; e a atuação de empresários no futebol.

3.2 O sonho das famílias de ascensão social pelo futebol [Jogador de futebol não precisa estudar...]

Figura 6 – A família e o futebol como possibilidade de ascensão social

Fonte: Revista digital Hoje em Dia.
Disponível em: https://www.hojeemdia.com.br/acervo/charge-do-dia-1.44043. Acesso em: 21 set. 2020.

A família é o primeiro ambiente social em que o jovem convive. Assim sendo, é onde ele desenvolve inúmeras variáveis, como o desenvolvimento da sua identidade, a autoestima e a motivação necessária para a formação de um atleta. A convivência com a família é essencial

[51] Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2018-01/censo-aponta-que-escolas-publicas-ainda-tem-deficiencias-de-infraestrutura. Acesso em: 31 mar. 2020.

para a formação do sujeito, representando um espaço de segurança, carinho e reconhecimento para a criança, que vê nos entes familiares o seu primeiro ponto de apoio e intimidade. Tal entendimento é, inclusive, um dos preceitos da Convenção Internacional sobre os Direitos das Crianças, da qual o Brasil é signatário.

Conforme Souza *et al.* (2008), os atletas de categorias de base são geralmente oriundos de famílias pobres, que depositam no futebol as expectativas de ascensão econômica e social, dificilmente imaginada em outra profissão. Os autores, verificaram em suas pesquisas[52], que o grande apoio dado aos filhos/atletas pelos pais consiste na expectativa de esse jovem ter sucesso no futebol e alavancar a vida social e financeira de toda a família. A família, como ambiente social primário, apresenta um importante papel no auxílio, decisão, crença e atitudes em relação à formação que deseja para seus filhos, tendo em vista que a família, muitas vezes, subsidia todos os sacrifícios que esses jovens fazem para entrar nesse mercado. Porém, nas relações familiares também está o lado negativo da formação, como a forte exigência e cobrança vinda dos pais, o que pode resultar em uma situação de regras rígidas e de sonhos inalcançáveis.

Segundo Anjos, Saneto e Oliveira (2012), a redenção social da família encontra-se na consecução do alcance dos objetivos dos adolescentes, pois a leitura da realidade aponta as condições e possibilidades factíveis de se alcançar a ascensão social pela via do futebol. Trata-se, portanto, de um projeto familiar e de ascensão social, no qual o adolescente entende ser o "escolhido" para postular o status simbólico da profissão e fazer o caminho inverso dos demais em busca do sucesso profissional. O escolhido, na visão da família, possui o dom de jogar futebol e está apto a realizar esse projeto. Procuramos demonstrar de forma cômica, na figura 6 – a família e o futebol como possibilidade de ascensão social –, esse anseio/necessidade de muitas famílias brasileiras, principalmente de classes populares, de buscar a redenção econômica via futebol, através de um filho homem.

Nesse sentido, Damo (2008, p. 142) descreve:

> A crença no dom é muito frequente no entorno dos jogadores egressos de grupos populares, em que a ideologia individualista é mais difusa. Mas o simples fato de alguém ser reconhecido ou declarar-se portador de dom não implica, contudo, na constituição de uma cadeia mecânica de reciprocidades. Para tanto, será necessária a existência de uma configuração social de pequena escala, definida como *entourage*, a lembrar e até mesmo a exigir que os produtos do dom sejam partilhados – pode ser em espécie, presentes, imóveis, empregos, entre outros. A circulação do dom vai depender, portanto, de quão susceptíveis a fazê-lo circular estejam o seu portador e aqueles no seu entorno. Dizendo de outro modo, o dom não entra em circulação por haver nele uma força misteriosa – um *hau* ou algo que o valha – e muito menos pelo

[52]Ver Souza; Araújo; Vaz; Bartholo; Soares (2008).

> fato de essa força atuar, isoladamente, sobre a consciência daquele em quem o dom é reconhecido.

A perspectiva de uma rápida ascensão social por meio do esporte mexe com o imaginário das pessoas, pois em poucos anos um adolescente pode se tornar milionário como resultado de um bom desempenho esportivo. Esta expectativa é tal que muitos meninos, principalmente de famílias de classes populares, jogam futebol com o objetivo de enriquecer para oferecer uma boa qualidade de vida à família. Esse fato aproximou mais ainda o futebol das camadas populares da sociedade brasileira, tornando-o cada vez menos elitista.

Ainda para Souza *et al.* (2008), na visão dos jogadores das categorias de base e de seus familiares eles estão na "boca do gol"[53], isto é, o investimento precoce de profissionalização no futebol faz-se necessário. Este esporte aparece como um modo de ascensão social e econômica, fomentando um planejamento familiar intencional. O grande interesse dos jovens, com baixo capital cultural[54] pelo futebol – incorporado à precariedade da escola pública brasileira e a dificuldade de ingresso no mercado de trabalho para as novas gerações – transforma o futebol profissional em projeto familiar para aqueles que possuem "um varão" com habilidade com os pés.

Conforme Bossle e Lima (2013), para a família, a formação como atleta claramente supera a formação escolar, que se transforma em plano B caso ocorra o insucesso na investida no futebol, ou como um acessório à carreira de jogador de futebol para dar entrevistas, ler contratos e outras atividades complementares à carreira de jogador de futebol profissional.

O futebol, pela rede de significados que envolve no Brasil, torna-se um projeto de vida principalmente para as famílias de camadas populares, quando vislumbram, em casa, um filho com talento para o esporte. Os investimentos familiares transformam-se em histórias de sacrifício e dedicação, que resultam em sucesso ou em frustração na biografia de muitos daqueles que se aventuram na construção de uma carreira profissional. Tanto assim que, em alguns casos de jovens bem sucedidos no futebol, o primeiro contrato significa salários superiores aos dos familiares, e, em outros, a última oportunidade de dedicação total e plena à carreira.

---

[53]Expressão utilizada para caracterizar quando um atacante está na frente da meta pronto para marcar um gol.

[54]Capital cultural é o conjunto de prioridades adquiridas pelo indivíduo, identificado sob a forma de conhecimentos e habilidades adquiridos na família ou na escola. Partindo desse conceito, para Bourdieu, as crianças nascidas em famílias de melhor condição financeira levam vantagem na disputa escolar com as crianças oriundas de famílias carentes. (BOURDIEU, 1998, p. 50).

Para Anjos, Saneto e Oliveira (2012), o futebol pode ser uma "caixinha de surpresas"[55], pois, no mundo dos sonhos existem diferentes estágios: há o mundo da revelação das coisas e o mundo da ausência das coisas reais. Conforme os autores, essa ausência das coisas reais é justamente o mundo de nossos jovens jogadores, pois as ausências das coisas sociais/políticas permitem construir um mundo de coisas não reais, vendo no outro ou nos fetiches do mundo esportivo europeu o alcance desse sonho.

Em decorrência do anterior, poderíamos levantar a hipótese de que o destino da maioria dos jovens que tentam a carreira de jogador, caso sejam malsucedidos, não seria diferente fora do futebol. O futebol pode ser, para os membros das camadas populares, a "última volta do ponteiro"[56], isto é, uma aposta individual e familiar que proporcione poucas perdas para aqueles que possuem poucas oportunidades de ascensão social e econômica. Além disso, é uma aposta que gera prestígio, sociabilidade e aventuras, normalmente irrealizáveis do ponto de vista econômico para os pertencentes às camadas populares no Brasil. Portanto, para as famílias com poucas possibilidades, a escola pública talvez não represente um caminho que ofereça condições reais para a ascensão social e econômica.

3.3 A realidade da escola pública brasileira para os jogadores "pés de obra" [Jogador de futebol não precisa estudar...]

Figura 7 – A realidade da escola pública no Brasil

Fonte: Blog Professor Wladimir – Geografia.
Disponível em: http://profwladimir.blogspot.com/2014/09/charge-escola-publica.html.
Acesso em: 21 set. 2020.

[55]Termo utilizado para justificar a falta de lógica do futebol.
[56]Expressão usada por locutores, quando a partida entra no último minuto do jogo.

Considerando o mundo atual, em que a maioria dos pais trabalha fora de casa, independentemente das condições socioeconômicas das famílias, as crianças das diferentes camadas sociais são escolarizadas desde muito cedo, o que implica um processo educacional institucionalizado. Obviamente, há diferenças de ambientes no que se refere às condições ofertadas por escolas públicas e particulares, especialmente da educação básica, no tocante aos programas institucionais e ao contexto em que se inserem. Este panorama do mundo atual indica que a responsabilidade pela educação da população está muito mais vinculada ao sistema institucional do que à própria família.

Na idade de quatorze a vinte anos, as escolhas como a saída de casa, a necessidade de amadurecimento rápido, o convívio com inúmeras diferenças e novas regras, levam o jovem a tornar-se um atleta. Mas, ao mesmo tempo, em relação à essa faixa etária, a legislação[57] obriga o atleta, em idade escolar, a estar em sala de aula, completando sua escolarização básica. Dessa forma, devemos considerar a influência que o contexto familiar tem sobre as escolhas que esses jovens fazem quanto a investir a sua juventude nos campos de futebol ou nos bancos escolares. Segundo o estudo de Bossle e Lima (2013), a escola ainda carece de maior poder simbólico, pois apesar de ser valorizada, está longe de ser prioridade na vida dos jovens atletas e suas famílias. Poderíamos chamar a escola de "zebra"[58], pois conforme os autores, dificilmente a escola poderia confrontar à indústria de formação de futebolistas no Brasil. Como exemplo da valorização do esporte em detrimento da escola, Correia (2012) realizou pesquisa com jovens atletas de um clube poliesportivo do Rio de Janeiro, que possui escola própria para atender seus atletas. O resultado indicou a percepção deles sobre a possibilidade, em cada modalidade, e suas chances de praticar esporte e os planos de escolarização. Foi verificado na pesquisa que em todas as modalidades – atletismo, futebol, remo e vôlei –, existe um maior número de atletas que pretendem conciliar a escola com o esporte. Em relação à prática somente do esporte, os atletas de futebol foram de maior número entre as modalidades, demonstrando que o futebol no Brasil, na visão dos atletas de futebol, continua sendo a grande possibilidade de futuro profissional.

[57] A Constituição Federal Brasileira, a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/96) garantem o desenvolvimento integral da criança e do adolescente. Maus-tratos, violência, abuso, abandono, exploração e negligência são exemplos de fatores de risco que podem comprometer o bem estar e o desenvolvimento das crianças e dos adolescentes. Entendemos que é obrigação dos pais, da escola – aqui incluímos também os professores de Educação Física – e do Estado, proteger a criança e adolescente de qualquer uma destas formas de agressão. (BRASIL, 1990).

[58] Termo utilizado no futebol para justificar um resultado positivo de uma equipe que consegue vencer um adversário mais forte.

A permanência de jovens atletas futebolistas na escola vem diminuindo cada vez mais no decorrer dos anos[59]. Muitos meninos sonham com um futuro brilhante no futebol e ascensão financeira. Entretanto, após ingressarem em uma equipe de futebol, visando a uma oportunidade de crescimento, muitas vezes acabam abandonando os estudos sem concluir o ensino médio.

Para elucidar o problema, os pesquisadores Marques e Samulski (2009), realizaram pesquisa com jovens atletas promissores do futebol brasileiro para verificar o nível escolar que esses atletas cursaram ou estão cursando. A soma dos percentuais desde a 1ª série do ensino fundamental até a 2ª série do ensino médio indica que pelo menos 53,2% dos atletas estão defasados em relação à série correspondente à sua idade. Corroborando com os dados do trabalho dos pesquisadores, Almeida e Souza (2013), realizaram pesquisa que tinha como objetivo analisar o abandono dos estudos de atletas de futebol das categorias de base de Belém/PA. Os resultados encontrados mostraram que, em maioria significativa, os atletas estão matriculados na escola (86,9%), porém o percentual de repetência escolar é de 54,2%, o de atraso escolar atinge 71,2% e o de defasagem escolar é de 45,7%. Esses resultados indicam que, apesar de a maioria dos atletas não ter abandonado a escola, muitos têm *déficits* escolares consideráveis, além de dificuldades em conciliar a rotina do futebol com os estudos. Foi possível observar, também, que quanto maior é a idade do atleta e mais ele se aproxima do futebol profissional, maiores são as dificuldades nos estudos. Almeida e Souza (2013) constataram que, de um modo geral, os atletas demostram ter dificuldades na conciliação entre o futebol e os estudos. Eles chegam aos clubes com quatorze anos em níveis escolares razoáveis, e quando se aproximam do futebol profissional, migram cada vez mais para o ensino noturno. Neste caso, as taxas de abandono, repetência e defasagem escolar aumentam consideravelmente.

Para Souza *et al.* (2008), a permanência de jovens atletas futebolistas na escola vem diminuindo cada vez mais no decorrer dos anos[60]. Muitos meninos, após ingressarem em uma equipe, visam apenas a uma oportunidade de crescimento e acabam abandonando os estudos para se dedicarem aos treinamentos, não chegando a concluir o ensino médio. Ainda na mesma temática, Oliveira, Balzano e Morais (2017) pesquisaram, com jovens atletas, sobre a relação escolaridade e jogar futebol. O estudo foi realizado em dois clubes de futebol na cidade de Fortaleza. No critério dificuldade para estudar, os resultados demostraram que 42,0% acham

[59]Ver também Bossle; Lima (2013).

[60]Estudo realizado por Oliveira, Balzano e Morais (2017), com jogadores das categorias de base da cidade de Fortaleza, constatou que 64,4% dos atletas estão defasados em relação ao ano escolar correspondente com a sua idade, e apenas 35,5% deles estão no ano escolar compatível com a sua idade.

difícil conciliar os estudos com o futebol e 58,0% consideram normal estudar e jogar futebol. Em relação à importância de estudar para jogar futebol, 87,1% consideram relevante e 12,9% não acham necessário estudar para jogar. Nesta perspectiva, os dados mostraram uma contradição, pois 51,6% consideram que os estudos contribuem para seu desempenho no futebol e 48,4% não consideram importante.

Ainda sobre a temática, Neri (2009) expõe que a falta de interesse dos jovens jogadores "pés de obra" pela escola se relaciona, possivelmente, ao desconhecimento dos benefícios que podem ser obtidos nos bancos escolares. Outra justificativa para o desinteresse e desvalorização da educação pelos jovens resulta do desconhecimento de variáveis objetivas, bem como o fato de que os maiores ganhos resultantes da educação, para a juventude, estão longe no horizonte de tempo. Na mesma direção, Soares *et al.* (2011) assinalam que a ausência de significado dos conteúdos para a vida cotidiana do atleta, o cansaço físico, a falta de tempo para os estudos devido aos treinos e jogos, a falta de motivação e o interesse central no futebol, torna a escola um objetivo secundário em suas vidas, fazendo com que abandonem a escola.

É importante considerar também que a escola pública brasileira, com raras exceções, é incapaz de atrair e de estimular a frequência das crianças cujos pais não podem pagar pelo ensino privado. Neste sentido, procuramos demonstrar de forma cômica, na figura 7 – a realidade da escola pública no Brasil –, esse problema que assola a educação pública brasileira.

Comparamos essa situação como um "jogo embolado"[61]. Para Schwartzman e Cossío (2007, p. 11), "[...] a quase totalidade dos estudantes das escolas públicas, em todos os níveis, têm desempenho inferior ao prescrito pelas respectivas séries, e muitos permanecem como analfabetos funcionais através dos anos [...]". A afirmativa é corroborada pelos dados do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB)[62], que confirmam o baixo índice de desempenho dos estudantes.

Fonseca (1999, p. 148) considera que "[...] é importante entender que, com a exceção de meia dúzia de famílias 'ascendentes' – cujos filhos, os únicos diplomados do bairro, são todos egressos de escolas particulares –, a educação formal faz 'aparentemente' pouca diferença na vida das pessoas [...]". O autor esclarece:

> A escola não ocupa um lugar central nas preocupações das pessoas. Em geral, as rotinas cotidianas são ordenadas por outras prioridades. Nunca vi uma criança sacrificar sua novela ou qualquer outra brincadeira em nome do tema de casa. Nunca

[61]Jogo embolado é termo utilizado para caracterizar um jogo confuso, sem definição tática e de difícil resolução pelas equipes.

[62]Ver: https://epoca.globo.com/ideias/noticia/2015/01/bo-ensino-publico-no-brasilb-ruim-desigual-e-estagnado.html. Acesso em: 31 mar. 2020.

> ouvi uma mãe usar as aulas matinais como desculpa para mandar seu filho para cama mais cedo. Ninguém aloca ao aluno um espaço particular para estudar; ninguém pede para seus irmãos gritarem menos ou para eles baixarem o som da TV em nome de alguma prova do dia seguinte. Em certos aspectos, é a escola que se adapta à rotina das famílias locais. (FONSECA, 1999, p. 148).

Apesar de a descrição de Fonseca ser do final do século XX, ainda observamos descaso com a educação por parte de autoridades, da mídia e de famílias oriundas de classes populares. Como exemplo, podemos citar documentários expostos pela mídia sobre crianças ou jovens de classes populares que conseguiram ingressar no ensino superior em cursos "mais prestigiados", e este fato torna-se extraordinário e digno de um programa de televisão. Entendemos, portanto, ser necessário, por conseguinte, uma política que ampare a formação esportiva e escolar compatibilizada, para que a vitória de uma minoria não continue a camuflar o insucesso de milhares de garotos, principalmente em regiões menos favorecidas economicamente, onde os estudantes-atletas de futebol em formação, teoricamente, correm mais riscos de insucesso, devido à falta de estrutura dos clubes e à distância dos grandes centros do país. A obrigatoriedade da matricula e frequência escolar de atletas nas categorias de base, se bem fiscalizada – com auxílio da mídia, das famílias, dos clubes, das escolas e do Estado –, será um avanço para o trato dessa problemática no Brasil.

3.4 A mídia esportiva que dá ênfase ao lado positivo do futebol [Jogador de futebol não precisa estudar...]

Figura 8 – A mídia e a ilusão através do futebol

Fonte: Vila de Utopia com.br.
Disponível em: https://www.viladeutopia.com.br/pao-e-circo-tem-desde-a-antiga-roma-no-brasil-o-paotomaram- faz-tempo/. Acesso em: 21 set. 2020.

Neste momento introduzimos, no intervalo, a influência da mídia no futebol e sua influência na formação dos sujeitos "pés de obra". Desde que o futebol vem sendo utilizado como mercadoria[63], um objeto para ser vendido ao povo, produtos, marcas e bens de consumo vêm se ligando ao esporte com o objetivo de ditar o que vai ser vestido e utilizado pelas pessoas. O futebol, nesse momento, é tratado como mercadoria pela indústria cultural.

Segundo Costa *et al.* (2003), a indústria cultural pode ser definida como o conjunto de meios de comunicação. O cinema, o rádio, a televisão, os jornais e as revistas, por exemplo – que formam um sistema poderoso para gerar lucros –, por serem mais acessíveis às massas, exercem um tipo de manipulação e controle social, mercantilizando a cultura e legitimando a demanda desses produtos. Para os autores, a indústria cultural tem como objetivo manter acesa e crescente a taxa de consumo da população, fazendo com que sejam dependentes dos produtos que compram e que venham sempre a comprar mais produtos, atualizando-se. Expomos esse contexto de forma caricata na figura 8 – a mídia e a ilusão através do futebol –, pretendendo enfatizar o poder da mídia na vida das pessoas, principalmente sua influência "direcionada" em relação ao futebol.

Contribuindo, Gastaldo (2009, p. 353) descreve:

> O futebol no Brasil é uma atividade de enorme importância social, cujas consequências transcendem as linhas do campo de jogo, tornando-se mesmo questões de Estado. Os valores e número de pessoas envolvidas com este esporte chegam ambos à casa dos milhões. O dinheiro proveniente da veiculação dos anúncios sustenta toda a mídia: cada emissora de rádio, jornal, revista ou rede de televisão "comerciais" depende, para sua sobrevivência no mercado. A mídia, ainda exerce uma enorme influência na cultura contemporânea, não apenas no Brasil, mas em todo o mundo capitalista.

Percebemos que no mundo contemporâneo pós-globalizado há uma cultura de valorização da mídia, de forma que a exposição nos diversos meios de comunicação é vista de maneira extremamente positiva, pondo em evidência pessoas que têm fama e sucesso. Ainda auxiliando na temática, Leite (2008) considera que o capitalismo impõe que as pessoas estejam sempre buscando a melhoria de sua situação financeira. Sendo assim, o papel da indústria cultural é mostrar e idolatrar alguns pouquíssimos atletas – aqueles que conseguem obter

[63]O negócio futebol é uma indústria que gera expectativa no planeta e envolve 50 bilhões de dólares (cerca de 146 bilhões de reais – a cifra é da consultoria IBOPE Repucom). É um espaço/negócio no qual as instituições financeiras tornaram-se os maiores investidores e no qual a febre do futebol há muito tempo já ultrapassou a Europa e a América Latina. Agora o negócio se expande para China e países árabes em busca de alguns dos 1,6 bilhão de fãs que há no mundo. (VEGA, 2015).

sucesso através do esporte e fazer com que estes passem a servir como modelos para outros milhões de pessoas, que tentarão em vão conquistar esse mesmo sucesso.

Cooperando com o entendimento acima, Azevedo, Mezzaroba e Zoboli (2014) acrescentam que os jovens atletas sofrem influência midiática na construção dos ídolos, seja para estreitar a relação entre o clube e o torcedor, para vender produtos relacionados ou não ao esporte, para ampliar o olhar para determinado evento ou para tentar a carreira de jogador de futebol. O ídolo é um dos principais meios de manter a relação entre emissor/receptor quando se trata, principalmente, do aspecto mercadológico e lucrativo que se associa facilmente ao universo esportivo. Nessa lógica, Amaral, Thiengo e Oliveira (2007) consideram que a mídia esportiva tem grande influência nesse processo. Ela garante o "bicho do jogo"[64], pois enfatiza principalmente o lado "positivo" da profissão de jogador de futebol, destacando o sucesso de alguns dos nossos principais atletas, fazendo com que muitos jovens – seduzidos por uma vida social de status e independência financeira e incentivados por seus pais –, visualizem a carreira de jogador de futebol profissional como uma das mais promissoras.

O principal papel da mídia é mostrar, para a sociedade, o esporte como uma forma rápida, sem muito esforço e/ou prazerosa, de atingir a tão sonhada oportunidade de melhoria socioeconômica, ao que chamamos, no futebol, de devolver a bola quadrada[65], pois poucos são aqueles que conseguem ter sucesso na carreira futebolística, comparado ao grande número de jovens que ficam para trás, no caminho dos processos seletivos. Menor ainda é o número daqueles que se preparam para lidar com uma possível mudança de sua trajetória profissional, não priorizando o conhecimento acadêmico optando sempre pelos treinos e peladas.

Pesquisa realizada por Souza *et al.* (2011), sobre manipulação da indústria cultural na vida de jovens jogadores profissionais de futebol, no Rio de Janeiro, mostra que 62,0% dos entrevistados apresentavam uma moderada influência e 38,0% são muito influenciados pela indústria cultural. Segundo os autores, a indústria cultural enfatiza que para serem profissionais de futebol, os jovens não precisam estudar e sim treinar todos os dias, dedicando-se ao máximo ao esporte, o que, a longo prazo, constitui-se em malefício. Ao abdicarem dos estudos na adolescência, estes jovens não se preparam para o futuro, veem no futebol a única forma de ascensão social, deixando de lado uma segunda possibilidade de crescimento profissional e social.

[64]Garantir o bicho tem o significado de garantir a vitória de sua equipe, quando um atleta faz um gol ou quando o goleiro faz uma defesa importante.

[65]Devolver a bola quadrada é a expressão utilizada no futebol quando um companheiro passa a bola muito mal para o seu colega.

Para Souza *et al.* (2011), parte desse fascínio é devido à ampla contribuição midiática em torno da vida de um jogador de futebol no Brasil. Os jogadores são garotos-propaganda de empresas, muitos sendo tratados como verdadeiros ídolos. Para os autores, a imagem transmitida pela mídia – somente dos jogadores bem pagos e de sucesso na carreira de futebolista – cria, no imaginário social, a ideia de jogador de futebol como atleta de sucesso. Sendo assim, muitos jovens traçam como objetivo de vida tornar-se jogador e ascender socialmente. O mercado do futebol, por ser um espaço esportivo consolidado, passa a ideia de que há espaço para aqueles que possuem o "dom". Como a maioria dos jovens acredita possuí-lo, acabam apostando todas as suas fichas nesse projeto.

Conforme Guerra e Souza (2008), a influência externa dos veículos de comunicação de massa, o *marketing* esportivo, a publicidade e todo esse apelo popular desse esporte no Brasil, desperta nos adolescentes brasileiros, motivados por ilusões de sentidos, a vontade de tornarem-se astros dos gramados e, para isso, muitos dos atletas abandonam os estudos, acreditando que a realidade apresentada nos meios de comunicação seja amigável. Contribuindo com esta posição, Soares *et al.* (2011) consideram que notícias sobre a realidade dos jogadores brasileiros até são circuladas na mídia, porém não são enfatizados os problemas – o que chamamos de catimba[66], no futebol. O destaque é sempre para as carreiras de sucesso esportivo e financeiro. Colaborando com o exposto, Azevedo, Mezzaroba e Zoboli (2014) ressaltam que o poder midiático precisa sempre estar gerando algo que o sustente e o torne lucrativo, dando continuidade à sua atual situação. E influenciar o sujeito é a principal estratégia para se manter e não cair no esquecimento. O poder midiático tem a capacidade de criar mudanças que podem influenciar as pessoas.

Segundo Van Dijk (2013), as informações que a mídia transmite são, normalmente, passadas pelas maiores instituições da sociedade, como governo, corporações de negócio, clubes de futebol, ente outros. E os líderes dessas instituições – via de regra são pessoas da elite econômica – fornecem informações para a mídia, raramente colocando que o futebol é puro negócio e que os jogadores são tratados como produtos para gerar lucros. Assim, é importante aprender a entender a mídia e as formas como tendem a produzir e circular as notícias e seus conteúdos. Em geral, a mídia acaba gerando uma espetacularização para chamar mais atenção do público, visando a reforçar seus discursos e imagens.

[66]Catimba – caracteriza-se pelo sistema antiesportivo que tenta levar vantagem e irritar os oponentes por meio de simulações de contusão, reclamações e demora na reposição da bola em jogo, com o objetivo de tumultuar a partida ou ganhar tempo.

3.5 A atuação dos empresários no futebol [Jogador de futebol não precisa estudar...]

Figura 9 – A ganância dos empresários de futebol

Fonte: Site Dom Total.
Disponível em: https://domtotal.com/charge.php?chaId=1070.
Acesso em: 21 set. 2020.

Ainda no intervalo do jogo, mas agora na temática da ação dos empresários em relação aos sujeitos "pés de obra", encontramos na pesquisa realizada por Mendel e Santos (2108) – quando entrevistaram um funcionário das categorias de base de um clube de futebol –, a seguinte afirmação: "Empresários são um mal necessário." "Necessário", pois empresários conseguem suprir necessidades dos atletas que os clubes não têm capacidade ou estrutura para fazê-lo. "Mal", pois o empresário acaba se tornando um "parasita" do jogador, aproveitando-se de toda oportunidade que surgir, comparado ao "jogador sanguessuga"[67], ambos explorando os jogadores/colegas.

Conforme o entrevistado, infelizmente o trabalho das categorias de base ainda é muito dependente da ação desses agentes de jogadores. Neste sentido, Guerra e Souza (2008, p. 34) relatam:

> Os empresários são profissionais que viajam o País todo a fim de encontrar jovens promessas que possam ser futuros jogadores profissionais. Eles procuram meninos que não tenham vínculo contratual com time de futebol e nem com outros empresários. A partir daí, entram em contato com a família e oferecem casa, emprego aos pais, escola particular, plano de saúde pra família, etc., em troca de uma procuração que lhe conceda autorização para, em nome dos pais, assinarem contratos de trabalho ou estágio em clubes e até mesmo de levar o menor para o exterior. Os empresários são profissionais independentes, que fazem as transações de atletas diretamente com os clubes. Na Europa, eles são conhecidos como agentes de jogadores e a transação consiste na compra e venda de passes de jogadores, em nome do próprio. Essa atividade é regulamentada pela FIFA desde 1990. Atualmente se tornou indispensável aos jovens que pretendem se tornar jogadores profissionais a presença dos

[67] Sanguessuga (chupa-sangue) – o jogador que não se empenha na partida, aproveitando do esforço dos companheiros.

> empresários, pois sem alguém que possua positivas relações com técnicos e clubes de futebol, dito de ponta no cenário brasileiro fica praticamente impossível o acesso desses atletas a qualquer que seja o time.

O número de empresários de futebol amentou principalmente com a criação da Lei Pelé e do caso Bosman[68] na Europa, que instituíram novas regras para as transações comerciais de jogadores. O novo mapa cria facilidades e benefícios para todos os atores envolvidos nas transações. Em outras palavras, ocorrem ganhos financeiros para todas as partes a cada negociação: jogadores, empresários, times, patrocinadores, entre outros. De acordo com a CBF, em 2015, haviam 115 empresários registrados, número que pulou para 250 até julho de 2016 – data do último relatório divulgado (CBF, 2016). A ação dos intermediários – como a CBF classifica os empresários – é regida pela própria instituição. Segundo o Regulamento Nacional de Intermediários:

> Considera-se Intermediário [...] toda pessoa física ou jurídica que atue como representante de jogadores e/ou de clubes, seja gratuitamente, seja mediante o pagamento de remuneração, com o intuito de negociar ou renegociar a celebração, alteração ou renovação de um contrato especial de trabalho desportivo e/ou como representante de clube visando a negociar a transferência temporária ou definitiva, de jogador entre clubes. (CBF, 2016).

Cruz (2012) realizou pesquisa sobre os atletas de categorias de base para verificar se possuem ou não empresário. O trabalho mostrou que 65,0% dos atletas da categoria sub-15 já possuem empresários. Constatamos que neste momento do futebol brasileiro, cada vez mais cedo os empresários estão fazendo parte do dia a dia dos "meninos jogadores". Conforme Damo (2008, p. 142), isso acontece porque:

> As carências econômicas de origem dos atletas e o desgaste emocional que a disciplina e a competição dos centros de formação exigem tornam esses adolescentes vulneráveis aos agentes. Relógios, tênis, chuteiras, roupas de grife e outros fetiches de adolescentes misturam-se a dinheiro em espécie, emprego a familiares, falsificação de documentos e uma série interminável de itens disponibilizados estrategicamente pelos empresários. Eles sabem que é dando que se recebe, e com dádivas eles adquirem a confiança e, não raro, o direito de serem seus procuradores.

[68]Desde o caso Bosman, na década de 1990, julgado na Corte do tribunal da Comunidade Europeia, a figura jurídica do "passe" passou a ter seus dias contados. Na Europa, em 1995, o jogador Bosman ganhou na corte europeia a liberação do seu passe, depois que teve sua transferência para França negada pelo seu clube de origem, na Bélgica. Como consequência disto, as relações de trabalho entre jogadores e os clubes europeus mudaram radicalmente. No Brasil, o fim do passe dos jogadores ocorreu três anos após o caso Bosman, quando entrou em vigor a Lei Pelé (Lei n. 9.615, de 24 de março de 1998), que extinguiu a figura jurídica do passe, criando uma nova relação de trabalho entre clubes e jogadores. Mudanças foram introduzidas pela Lei n. 9.981/00, pela Medida Provisória n. 2.141/01 e, por último, pela Lei n. 10.672/03. Tais mudanças tentaram atenuar os efeitos produzidos pela Lei Pelé. (SOARES *et al*., 2011, p. 908).

Os empresários, para satisfazerem as famílias e conquistarem o vínculo dos garotos, viabilizam empregos para os pais, fornecem auxílios financeiros e protegem seus talentos, organizando o tempo e o espaço desses jovens, tornando esse período da formação nos centros de treinamento, e mesmo fora deles, uma proteção total. Ainda segundo Damo (2008), uma vez constituídos legalmente como empresários, estes podem negociar salários, direitos federativos e, em alguns casos, administrar os ganhos dos atletas, os problemas familiares e assim por diante. Como a procuração só tem validade legal depois de o jovem ter completado dezesseis anos, não é raro que esse contrato, de natureza legal, seja precedido por outro, de natureza moral, estabelecido há mais tempo e por intermédio de dádivas, pelo qual a família do atleta em formação se sente comprometida com o agente/empresário. Damo (2008, p. 143) continua:

> A capacidade de os agentes/empresários manipularem os códigos desses grupos (famílias), sobretudo no âmbito das classes populares, dos quais eles próprios são frequentemente egressos, é o que garante o estabelecimento de vínculos bem-sucedidos com os meninos e seus familiares, quase sempre com o pai, e não porque as famílias são incapazes de gerir seus próprios projetos, ainda que por vezes enfrentem obstáculos das mais diversas ordens de carência.

No momento em que os empresários se tornam procuradores, os jovens atletas passam a ser produtos desses agentes. O fato de os jogadores tornarem-se produtos dos empresários, procuramos evidenciar de forma cômica na figura 9 – a ganância dos empresários de futebol – , onde o atleta é caracterizado como “um boi” e vários empresários possuem um pedaço do seu corpo. Entendemos, também, que os empresários, a partir desse “domínio” sobre os sujeitos “pés de obra”, tentam influenciar, direta ou indiretamente, os profissionais (treinadores e coordenadores dos clubes) para que seus atletas sejam escalados ou contratados para as equipes de competição, na intenção de valorizar seu “produto”.

Mendel e Santos (2008) consideram que isto acontece da seguinte forma: nos clubes que não realizam peneiras abertas, a ação empresarial fica mais restrita à pressão sobre os membros das categorias de base, para que chamem atletas apadrinhados para compor o elenco. Conforme os autores, alguns empresários, na ganância de colocar seus pupilos nos clubes, muitas vezes, quando levam garotos para fazer testes em equipes, alteram a idade dos mesmos, para mais ou para menos. São os famosos “gatos”, prática conduzida, principalmente, por espertos agentes "caçadores de craques", os mesmos que se encarregam de levá-los para o exterior, até com passaporte falso. Os empresários podem comprá-los, vendê-los, emprestá-los, e eles se deixam levar pela promessa de mais fama e mais dinheiro. Quanto mais sucesso fazem e mais dinheiro ganham, mais dependentes ficam.

Os empresários se aproveitam da vulnerabilidade social e do anseio por prosperidade financeira e reconhecimento das crianças e adolescentes que pretendem se estabelecer no futebol. Desta forma, tornam-se alvos fáceis para a atuação de agentes, empresários e clubes, que captam essa mão de obra precoce, levando-a para a realidade, nem sempre glamorosa, da carreira de jogador de futebol. O aliciamento e o tráfico internacional de atletas menores de idade são escancarados. A fiscalização, em relação a isso, é frágil – quadrilhas agem, explorando o desejo de milhares de jovens humildes, que tentam no futebol um futuro melhor. Nesse comércio de horrores, o interesse econômico é prioridade.

Conforme Oliveira (2015), ocorre um o escravismo moderno no mundo do esporte, especialmente no futebol, algumas vezes patrocinado por empresários inescrupulosos mancomunados com alguns clubes pequenos e médios, mas também estimulados pela conivência de grandes clubes. Para o autor, o combate ao "escravismo moderno" no mundo do esporte sofre um certo distanciamento das atenções públicas, tendo em vista que o "bombardeio midiático" de altos salários e privilégios – de uma minoria de atletas – camufla a torpe realidade ocorrida no esporte. Assim, a exploração de atletas menores em formação constitui uma das mais modernas formas de escravismo na sociedade atual – os escravos da bola.

Defendemos que, mais uma vez, o foco não está na preocupação da formação integral dos jovens atletas – ainda mais em se tratando de meninos em sua maioria pobres e negros. Esse tipo de mercadoria já existiu antes, nos tempos em que o "Brasil era colonizado", apenas mudando a forma de comercialização/escravagismo. Agora saem os senhores de engenho, entram os clubes e os empresários/agentes desportivos. E, se antes o movimento era no sentido de importação de seres humanos para trabalharem nas fazendas, agora é de exportação de jovens para trabalharem em clubes do exterior.

As equipes voltam para o gramado. Os treinadores não fizeram modificações. O árbitro observa se está tudo em ordem, trila o apito e começa o segundo tempo.

4 OS MOVIMENTOS DO JOGO NO SEGUNDO TEMPO [JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA DA TEMÁTICA: PRECONCEITOS NO FUTEBOL]

Imagem 10 – Segundo tempo - Ação defensiva (desarme)

Imagem 11 – Segundo tempo - Ação ofensiva (cobrança de tiro livre direto)

Imagem 12 – Segundo tempo - Ação ofensiva (drible)

4 OS MOMENTOS DO JOGO[69] NO SEGUNDO TEMPO [Justificativa da escolha da temática: preconceitos no futebol]

O árbitro apita. Começa o segundo tempo[70]. A equipe "Giro Decolonial" inicia bem disposta, tocando muito a bola, dribles, belas jogadas, a vitória tem que chegar. Os atacantes recebem a bola, driblam o primeiro, o segundo adversário, finalizam a gol, mas o goleiro adversário defende. Estão empolgados. Mas, a bola agora está com a equipe "Movimento Colonial", bola para lá, bola para cá, cruzamento, cabeçada, bola na trave. O jogo continua disputado.

Prosseguindo em uma escrita decolonial – no segundo tempo do clássico –, também dividimos este espaço em subcapítulos e utilizamos charges para elucidar a escrita do professor/pesquisador/narrador e para chamar a atenção do torcedor/leitor a respeito do problema.

4.1 Heranças da modernidade/colonialidade

Começando o segundo tempo da partida, trazemos à tona heranças fortes da lógica modernidade/colonialidade – os preconceitos. Apresentamos esse tema para o jogo principal porque entendemos que possa ser um conteúdo a ser trabalhado tanto nas aulas de futebol da universidade, nos treinos das equipes de formação e na disciplina de EF da escola básica. Defendemos que se pretendermos ensinar futebol numa perspectiva "outra", que "desgaste" a produção de sujeitos "pés de obra", um dos pontos essenciais no processo de decolonização seria a percepção dos mecanismos de colonização no futebol em tempos atuais.

---

[69]São quatro os "momentos" distintos de um jogo de futebol: "organização ofensiva", "organização defensiva", a "transição ofensiva" e "transição defensiva". A dinâmica do futebol é simples: durante todo o jogo, sempre uma das equipes está com a posse de bola. A equipe que detém a bola está no momento de organização ofensiva e seu adversário, por consequência, está em organização defensiva. Quando uma equipe retoma a posse de bola, passa do momento da organização defensiva para o momento da transição ofensiva e a equipe que perdeu a posse de bola, passa do momento da organização ofensiva para o momento da transição defensiva.

[70]Procuramos exemplificar, através das imagens da página 83, algumas ações que acontecem no segundo tempo de uma partida de futebol. Começamos pela imagem 10 – segundo tempo (ação defensiva - desarme), demonstrando uma ação defensiva do atleta da equipe masculina de futebol 7 da UFC, no ano de 2015, realizada no JUB's do mesmo ano, quando o professor/pesquisador/narrador era o treinador dessa equipe. Na imagem 11 – segundo tempo (ação ofensiva - cobrança de tiro livre direto) –, imagem do acervo pessoal do pesquisador/narrador, mostramos um tiro livre sem barreira cobrado pela equipe masculina de futsal da ACM (Associação Cristã de Moços), na competição JAB's no ano de1987. O professor/pesquisador/narrador fazia parte dessa equipe como jogador. Na imagem 12 – segundo tempo (ação ofensiva – drible) – exemplificamos uma ação de ataque (drible) realizada por atleta da equipe masculina de futebol 7 da UFC, no ano de 2015, equipe da qual o professor/pesquisador/narrador era o treinador. As imagens 10 e 12 fazem parte do acervo de fotos da DDU-UFC.

Figura 10 – Heranças da colonização

Fonte: Site Pinterest.cl.
Disponível em: https://www.pinterest.cl/pin/371195194260796645/?amp_client_id=CLIENT_ID(_)&mweb_unauth_id={{default.session}. Acesso em: 22 set. 2020.

A lógica da modernidade/colonialidade ainda está muito enraizada na cultura das sociedades, tanto periféricas como do centro[71]. No futebol, por ser um esporte que envolve fortes questões ideológicas, fanatismo e paixão, há muitos casos em que esse pensamento aparece de forma clara. Um dos maiores problemas enfrentados ao redor do mundo é o racismo sofrido por jogadores negros no futebol, especialmente na Europa. Por extensão, casos de violência, homofobia, machismo e xenofobia envolvendo jogadores e torcedores também são frequentes nos mais diferentes lugares do planeta.

Nesse momento do jogo, abrimos com os discursos de teóricos decoloniais sobre colonialidade do poder[72], conceito que embasa as ações da equipe "Movimento Colonial" e

[71]Según el sociólogo estadounidense Immanuel Wallerstein, en *El moderno sistema mundial*, la división axial del trabajo en una economía-inundo capitalista divide a la producción en productos centrales y productos periféricos. El concepto centro-periferia es relacional. Lo que queremos decir por centro-periferia es el grado de ganancia del proceso de producción. Puesto que la ganancia está directamente relacionada al grado de monopolización, lo que esencialmente significamos por procesos de producción centrales son aquellos controlados por cuasi monopolios. Los procesos periféricos son entonces los verdaderamente competitivos. Cuando ocurre el intercambio, los productos competitivos están en una posición más débil y los cuasi monopólicos en una posición más fuerte. En consecuencia, hay un flujo constante de plusvalía de los productores de productos periféricos hacia los productores de productos centrales. Esto es lo que se ha denominado intercambio desigual. (WALLERSTEIN, 2005, p. 22).

[72]A expressão "colonialidade do poder" designa um processo fundamental de estruturação do sistema-mundo moderno/colonial, que articula os lugares periféricos da divisão internacional do trabalho com a hierarquia étnico-racial global e com a inscrição de migrantes do Terceiro Mundo na hierarquia étnico-racial das cidades metropolitanas globais. Os Estados-nação periféricos e os povos não-europeus vivem hoje sob o regime da "colonialidade global" imposto pelos Estados Unidos, através do Fundo Monetário Internacional, do Banco Mundial, do Pentágono e da OTAN. As zonas periféricas mantem-se numa situação colonial, ainda que já não estejam sujeitas a uma administração colonial. (GROSFOGUEL, 2008, p. 126).

introduz os mecanismos coloniais. Quijano (2005) chama de colonialidade do poder a esse processo de apropriação e violência realizado pelos europeus na conquista das Américas.

Procuramos demonstrar essa conquista/descobrimento, nada pacífica – que a história tradicional oculta, em relação à chegada dos europeus na América e seu processo de colonização –, em forma de charge, figura 10 – heranças da colonização.

Segundo Grosfoguel (2008), o que o conceito de colonialidade do poder traz de novo é a leitura de raça e racismo como o princípio organizador que estrutura todas as múltiplas hierarquias do sistema-mundo.

Quijano (1999) pondera que as noções de raça e de cultura operam, desde então, como dispositivos classificatórios que geram identidades opostas. A maldade, a ignorância, a selvageria e o atraso são considerados marcas identitárias do colonizado, enquanto a bondade, a civilização e a racionalidade passam a constituir as características inerentes ao colonizador. Conforme Mignolo (2013), o discurso da história do pensamento europeu é, de um lado, a história da modernidade europeia e, de outro, a história silenciada da colonialidade europeia. Enquanto a primeira é uma história de autoafirmação e de celebração dos sucessos intelectuais e epistêmicos, a segunda é uma história de negações e de rejeição de outras formas de racionalidade e história.

Essa lógica também foi levada para o futebol, segundo Pizarro (2014), em um mundo globalizado – raízes do colonialismo de há alguns séculos ainda permanecem vivas na sociedade. Mesmo após o processo de decolonização de países ao redor do mundo, as marcas da colonização existem e se reproduzem. Marcas como violência, racismo, machismo e xenofobia mostram que o pensamento colonial, na sua forma mais primitiva e preconceituosa, ainda está presente na sociedade e, por conseguinte, no futebol.

Entendemos que seja na universidade, e consequentemente na escola e no clube, que o professor de EF deveria abordar essas questões – preconceitos no futebol – como conteúdo de sua disciplina, para que os estudantes compreendam e combatam a herança da lógica modernidade/colonialidade, que ainda está enraizada na cultura das sociedades e, especialmente, no futebol. Segundo Darido (1999), é função do professor e da escola desenvolver conhecimentos produzidos pela sociedade, pois, como professores educadores têm o dever de abordar temas relevantes como os preconceitos, cultura local, dentre outros. Entendemos, também, que a EF, sob o ponto de vista das manifestações sociais, culturais e políticas, pode, com o futebol, auxiliar no processo de inserção social do estudante na escola e na sociedade.

Nesse momento do jogo vamos expor os preconceitos, que entendemos estarem mais presentes no futebol brasileiro: a visão do senso comum de que jogador de futebol não precisa estudar; o racismo; a homofobia e o machismo.

4.2 A visão do senso comum que jogador de futebol não precisa estudar [Heranças da modernidade/colonialidade]

Figura 11 – Jogador de futebol não precisa estudar

Fonte: Site Jus Brasil com.br.
Disponível em: https://encryptedtbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcS 1hHQmFmir7Bu9pLDcq GONyKgJGyw-_comkWtdmt77yD0J9dFo.
Acesso em: 22 set. 2020.

Começamos com o preconceito de que jogador de futebol não precisa estudar e sim jogar – impregnado na sociedade do futebol e corriqueiro no discurso do senso comum. Preconceito reiterado pela mídia – muitas vezes expondo ao público a dificuldade de os jogadores de futebol em escrever ou falar o português corretamente –, sem esclarecer e nem investigar o "porquê" dessa dificuldade. Para ilustrar esse entendimento, apresentamos algumas frases folclóricas[73], ditas por alguns jogadores de futebol no Brasil, divulgadas pela mídia, enfatizando, na maioria das vezes de forma cômica, um problema sério no Brasil, que é a educação. Da maneira caricata como é tratado, o problema passa desapercebido para o grande público do futebol.

"A bola ia indo, indo, indo. E iu!!!"
(Paulo Nunes, comentando um gol que marcou quando jogava no Palmeiras).

"Tenho o maior orgulho de jogar na terra onde cristo nasceu."
(Claudiomiro, ex-atacante do Inter de Porto Alegre, ao chegar em Belém do

[73]Ver: https://www.mentirasverissimas.com/2011/08/frases-folcloricas-jogadores-e.html.

Pará para disputar uma partida contra o Paysandu, pelo brasileirão de 72).
"Nem que eu tivesse dois pulmões eu alcançava essa bola."
(Bradock, amigo de Romário, reclamando de um passe longo).

"Quando o jogo está a mil, minha naftalina sobe."
(Jardel, ex-atacante do Vasco, Grêmio e da Seleção, hoje no Porto de Portugal).

Para o senso comum, jogador de futebol não precisa estudar, mas ao mesmo tempo o jogador de futebol é criticado, pelas mesmas pessoas, pela sua baixa capacidade de comunicação verbal e, consequentemente, de reflexão, induzindo parte da imprensa e da sociedade do futebol a rotula-los de semianalfabetos, considerando o analfabetismo como característica dessa classe. Conforme Loureiro (2007), as torcidas pensam apenas nas vitórias que os atletas, seus grandes ídolos, trarão para seus times, esquecendo-se que são seres humanos, com sentimentos como qualquer um de nós, e não máquinas de alto rendimento e *performance.* Nessa linha, o autor afirma que

> [...] são esses mesmos que esperam resultados positivos de seus atletas (neste caso não apenas torcedores, mas também as instituições futebolísticas) os que criticam quando jogadores de futebol, "jogam fortunas pela janela", ou vão à televisão e falam alguma "bobagem" com comentários que são pessoas sem conhecimento, chamadas, muitas vezes, de ignorantes. (LOUREIRO, 2007, p. 1).

E esclarece:

> Grande parte da sociedade sem fazer uma análise mais profunda, exige do jogador de futebol pouca capacidade intelectual, esquecendo que os mesmos atletas que defendem seus times também são cidadãos e, portanto, seus direitos devem ser garantidos igualmente, assim como o direito à educação dos jovens atletas, que abrem mão de sua infância e adolescência nos clubes de futebol. (LOUREIRO, 2007, p. 8).

Observando a descrição acima, não podemos deixar de enxergar a perversidade a que os adolescentes das instituições futebolísticas estão submetidos. São excluídos por um rótulo – o de ser jogador de futebol –, por ter o direito à educação banalizado pela sociedade que o considera incapaz ao aprendizado escolar. Esta cultura também está presente "no pensar" dos jovens atletas, que desconhecem que a educação escolar básica é um dever constitucional, pois faz parte da formação do ser humano, não apenas individualmente, mas também para as relações humanas e o desenvolvimento da capacidade de reflexão em contexto, quanto à sua posição na sociedade.

Para Macedo (2006), esse preconceito é reforçado pelo fato de que uma parcela desses jovens interrompe a vida escolar para dedicar-se exclusivamente à profissão, pois, muitas vezes, os horários de treinamento e as competições não são compatíveis com os da escola. Ainda conforme Macedo, em função das exigências de técnicos, dirigentes e das severas cobranças da carreira, como argumento para alcançar o sucesso profissional, ou ainda atrelado aos rígidos padrões de obediência aos clubes, os jovens atletas abandonam os estudos.

Segundo Conceição (2014), a formação do estudante-atleta passa por um sonho, projeto e profissionalização, que tem, no clube e no jovem, o desejo de uma atividade de alto rendimento. A escola, por sua vez, desenvolve suas atividades em paralelo. Nessa relação de mão dupla, acontecem conflitos de ambos os lados que produzem pouco a pouco o desinteresse do estudante-atleta. Para Conceição, ao participarem de uma atividade de alto rendimento e de grande exigência, podemos compará-los com o estudante-trabalhador, que também sofre de cansaço físico, falta de tempo para estudo e para assistir às aulas, acrescentando-se, no caso do estudante-atleta, constantes viagens para competições, falta de motivação pelo sucesso escolar e interesse central no futebol.

O jogador perde parte considerável do controle sobre seu corpo e sua vida em detrimento do crescente controle que os clubes assumem sobre o mesmo. Os treinamentos e as concentrações consomem muito tempo da vida destes atletas, numa fase em que não estão amadurecidos para tomar decisões sobre seu futuro. Percebemos que o processo de formação do jogador de futebol é especial, exigindo um tremendo sacrifício por parte do atleta. Mesmo os que se desdobram para concluir a graduação ainda encontram muitas dificuldades. A árdua rotina de treinos e jogos costuma ser o maior vilão dos jogadores estudantes. Quem ainda insiste em investir nos livros e cadernos enfrenta uma rotina diária de três turnos, em que é preciso conciliar treinos, aulas e trabalhos escolares, além de driblar sono e o cansaço.

Colaborando com o dito, Melo (2010) prossegue sobre estudantes-atletas e sua relação com capital futebolístico[74], ao descrever que a carga horária que um atleta em formação dedica ao futebol pouco difere do tempo dedicado para frequentar a escola. Para Melo (2010, p. 21):

> O atleta que começa na categoria mirim aos 12 anos (idade equivalente ao sexto ano escolar) se completasse o ensino médio aos 17 anos (quando estaria no último ano da categoria sub-17) teria tido, uma carga horária de 4.800 horas na escola contra 4.165 horas de treinamento no futebol, sem contarmos os jogos nos finais de semana. Isso nos permite vislumbrar o significado do tempo gasto para a formação no futebol.

[74]Capital futebolístico é uma modalidade de capital corporal que compreende um leque extenso de aptidões (inatas e desenvolvidas por meio dos treinamentos), definidas segundo as exigências de um dado estágio de desenvolvimento das *performances* visando ao espetáculo. (DAMO, 2008).

O caminho até o profissionalismo acontece por meio de um longo processo seletivo que os jovens têm de percorrer, e muitas vezes parte da sociedade do futebol e parte da mídia ignoram esses fatos.

Contribuindo sobre o tema, Souza *et al.* (2008) afirmam que ao fim do processo de formação no futebol, caso o jovem não consiga uma vaga nesse disputado mercado esportivo, ele tende a ingressar no mercado formal de trabalho com baixa formação escolar, dependendo da compatibilização entre o tempo de trabalho corporal e a escola. Desse modo, quando os jovens atletas são malsucedidos na carreira de futebol, podem enfrentar dificuldades para se estabelecer em outras atividades/profissões sem relação com este esporte. Se os malsucedidos tivessem diploma escolar, este poderia ser uma credencial que facilitaria a recolocação profissional. Para Neri (2009), a pouca dedicação à escola na educação básica reduz a perspectiva de empregabilidade e compensações financeiras futuras.

Segundo Melo (2010), o fato de o tempo de dedicação à formação no futebol ser igual ou superior ao de dedicação à escola pode criar percalços no processo de escolarização. Por exemplo, os jogadores da categoria sub-15 treinam uma vez por dia num dos turnos e estudam no outro. A partir da categoria sub-17, o clube pode programar treinos de manhã e à tarde. Isso conduz, naturalmente, os atletas a frequentarem a escola no período noturno. Melo (2010) indica que 50,0% dos atletas que atuam na categoria sub-17 permanecem na escola, frequentando o ensino noturno, enquanto que na categoria sub-20 esse número salta para 85,0% dos atletas. Nessa categoria, a maioria faz ensino médio, uma pequena parte estuda no nível fundamental, alguns abandonaram a escola e poucos estão no ensino superior. Ressaltamos que mesmo os estudantes-atletas que conseguem conciliar o "jogar e estudar" ainda passam muitas dificuldades.

Nesse momento do jogo, vamos trazer alguns exemplos de atletas que conciliam os estudos com a prática profissional do futebol. Os dados foram extraídos da reportagem "Vida de jogador que quer estudar não é fácil. Eles sofrem até *bullying*", publicada no portal esporte.uol.br, em 20 de março de 2013.[75] O primeiro exemplo é do zagueiro Hugo Gomes, hoje emprestado ao Mallorca, mas que jogou nas categorias de base no São Paulo. Hugo foi o primeiro atleta da base do clube a se formar em Educação Física, e hoje vê o quanto o estudo foi importante em sua vida. Mas admite que não foi fácil:

[75]Site uol. Disponível em: https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2016/03/20/vida-de-jogador-que-quer estudar-nao-e-facil-eles-sofrem-ate-bullying.htm.

> Eu fiquei um pouco fora do padrão. Todo mundo queria terminar o ensino médio para se dedicar só ao futebol, não aguentavam mais, e eu continuei estudando. No primeiro ano eu era o único do clube que estudava. Nos três anos seguintes, vinham matérias mais complexas na faculdade e eu já estava no júnior indo para o profissional. Por mais que eu tenha conseguido, passei noites estudando, fazendo trabalho em estádio e treinava de manhã, chega uma hora que é puxado. Querendo ou não teve uma questão de sorte também. Eu poderia ter sofrido com lesões por não descansar, o horário que eu tinha para descansar eu estava na faculdade.

Ainda que exija um esforço extra, o curso superior pode trazer muito mais benefícios do que a maioria acredita. Entendemos que muitos atletas, como a sociedade do futebol, não acreditam que um curso superior possa contribuir na formação do jogador de futebol. Procuramos demonstrar essa realidade na figura 11 – jogador de futebol não precisa estudar –, em forma de charge, enfatizando que para a sociedade do futebol é mais importante uma bola para o jogador em formação do que cotas ou bolsas de estudo em escolas e universidades. Para esse segmento social, o importante é fazer um gol e não formar um cidadão.

Hugo Gomes conta que a Educação Física ampliou seus conhecimentos para muito além do campo e da bola. Hoje, ele compreende um treino ou uma instrução do preparador físico com muito mais clareza:

> A faculdade de Educação Física abre a mente além do futebol. Você começa a conhecer o seu corpo, a sua musculatura, a sua alimentação, o que influencia. Se os atletas soubessem o quanto ajuda em questão de conhecimento, as funções de cada alimento, o que a proteína oferece para o músculo, o quanto o carboidrato é importante. O preparador passa um trabalho e eu questiono os métodos dele. Não é só chutar uma bola, abre o leque do que é o esporte para desempenhar da melhor maneira.

Estudo e esporte são instrumentos fundamentais para a formação de todo cidadão. O esporte de alto rendimento, nas instituições futebolísticas, promove, sem dúvidas, a inclusão dos jovens atletas na sociedade. Estes poderiam estar nas ruas, fazendo uso de drogas ou cometendo delitos, mas estão inseridos no futebol como meio de trabalho, podendo contribuir na renda familiar, como ocorre com a grande maioria dos atletas, tendo alimentação, transporte e oportunidade do exercício do seu direito à educação. Mas, como vimos, entre alguns jogadores de futebol, ao menos no Brasil, estudo e esporte andam bem separados. São raros os casos de atletas que têm interesse e condições de investir na formação escolar e chegam a fazer um curso superior.

Diante desse apanhado sobre a dificuldade em conciliar a carreira no futebol e a continuidade dos estudos, é importante refletir sobre o estereótipo que parte da sociedade do futebol e parte da mídia veem nos jogadores de futebol, caracterizando-os como analfabetos,

incultos e sem capacidade de reflexão. Esse preconceito é difundido, geralmente, sem ser feita a mínima análise de contexto.

4.3 O racismo no futebol [Heranças da modernidade/colonialidade]

Figura 12 – O racismo a brasileira no futebol

Fonte: site mercyzidane.org.
Disponível em: http://www.mercyzidane.org/2014/09/contra-o-racismo-aranha-e-muito-maior.html. Acesso em: 22 set. 2020.

"Matar negro não é crime, é adubar a terra."
(Entrevista com o ex-juiz de futebol gaúcho Márcio Chagas (negro), publicada pela Revista eletrônica UOL Esporte, em 29/4/2019)[76].

Teorizar sobre a experiência dos negros no futebol não é uma tarefa fácil. Em uma cultura que tem forte influência escravocrata, manifestada, entre outros setores, através de uma mídia racista, muitas pessoas, inclusive negras, estão convencidas de que suas vidas não são experiências complexas e que, portanto, não merecem reflexões. E isso ganha força, principalmente, quando quem está escrevendo não é e nem se considera de origem afrodescendente, pois não sentimos na pele, literalmente, as mazelas e os preconceitos racistas históricos e diários que sofre uma parcela significativa da sociedade brasileira.

O futebol no Brasil e, é claro, no Rio Grande do Sul, continua sendo um esporte tipicamente popular, jogado por pessoas de origens sociais distintas. Contudo, ele é percebido de maneiras também distintas. Para um negro pobre, com poucas oportunidades, o futebol, muitas vezes, se apresenta como um importante caminho de ingresso no mercado de trabalho para a ascensão social. Já a ascensão social pela educação, ainda parece ser privilégio da elite.

[76]Fonte: Site uol. Disponível em: https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/marcio-chagas-denuncia-racismo/.

Em pleno século XXI, o racismo e a discriminação persistem no futebol em relação aos negros, mesmo estes tendo realizado os maiores feitos na história do principal esporte do país. A discriminação e a exclusão dos negros das direções dos clubes, dos conselhos deliberativos, dos cargos de treinadores, enfim, de quem comanda, é um reflexo da sua rejeição na sociedade brasileira. A discriminação também é atestada por outros fatores: aos negros restam, via de regra, os piores trabalhos com menores salários, além de, pela condição de pobreza, serem moradores das periferias das cidades, ficando sujeitos, constantemente, ao massacre da guerra do tráfico e de confrontos com a polícia, o que Damo (2002) denominou de "racismo à brasileira".

Outro exemplo do "racismo à brasileira", segundo Eiras (2019), é percebido quando abrirmos uma revista ou livro, ou ligamos a televisão, quando acessamos a internet ou observamos fotos da população negra nos jornais: muito provavelmente vamos encontrar representações que reforçam ou reatualizam a imagem da negritude de forma inferior em relação à população branca. Estas representações tanto podem ter sido produzidas por pessoas brancas, despreocupadas e desinteressadas pela temática racial, como também por pessoas negras, que podem ver a sociedade através das lentes brancas do mundo, internalizando o racismo dentro de si. Neste sentido, utilizamos a figura 12 – o racismo a brasileira no futebol – para ilustrar de forma cômica esse problema estrutural que é o racismo no Brasil. A figura ressalta o descaso, ou mesmo o desinteresse, de pessoas influentes na sociedade com os casos de racismo.

Corroborando com o conceito de "racismo à brasileira", Giulianotti (2002) expõe que estes casos de discriminação acontecem desde o processo de seleção dos atletas na formação das equipes. Conforme Giulianotti (2002, p. 205):

> Para atletas não-brancos, a experiência do racismo começa na escola. Os professores esperam um nível acadêmico relativamente limitado dos estudantes negros, tacitamente conscientes de que suas oportunidades de trabalho são pequenas. O currículo é modificado para maximizar sua habilidade esportiva natural. Uma vez estabelecidos dentro do futebol, os jovens jogadores negros têm menos chances de compartilhar das brincadeiras e da camaradagem dos colegas de equipe brancos. Estereótipos raciais sobre as habilidades atléticas e a baixa inteligência dos negros continuam durante a seleção do time.

Ainda segundo Giulianotti, os jogadores de futebol são amontoados em posições "centrais" ou "não centrais periféricas". Jogadores centrais formam a espinha dorsal do time, como o goleiro, o volante, o meia-armador, o centroavante. Eles representam o "centro inteligente", dando o formato do jogo de acordo com as habilidades do time e as exigências de

cada partida. Os jogadores periféricos, como os laterais e atacantes de lado, não são valorizados intelectualmente, embora sua força física e seu individualismo sejam vitais para explorar a extensão do campo, principalmente no ataque. Os jogadores negros tendem a ser "empilhados" nessas posições periféricas. Para Giulianotti (2002), isso é decorrente de crenças raciais dos técnicos de que negros não possuem a capacidade de tomar decisões nem a consciência dos jogadores brancos, embora sua velocidade e seu estilo imprevisível os tornem essenciais nas pontas.

Também conforme Giulianotti, são os técnicos e os oficiais de futebol que decidem quando o jogador não-branco pode jogar e em que posição. Dessa forma, os técnicos de futebol e a mídia tendem a concluir que os jogadores negros possuem qualidades de origem – habilidade natural –, enquanto que os jogadores brancos têm habilidades mais controladas. Isso explica o fato de que os jogadores africanos e sul-americanos sejam vistos no ocidente como "mágicos e irracionais", o que é denominado por Soares (1998) como "racismo às avessas"[77]. Os clubes europeus contratam esse tipo de jogador para trazer algo de "imprevisível" na sua equipe, um toque de exotismo para quebrar as defesas organizadas cientificamente pelos ocidentais.

Outro exemplo que trazemos, para enfatizar essa diferenciação – racismo às avessas – entre negros e brancos no futebol, está exposto na pesquisa de doutorado realizada por Vieira (2001)[78] com 327 jogadores de 17 clubes do Rio de Janeiro. A pesquisa mostra que enquanto 26,6% dos atletas brancos ganham um salário mínimo, entre os negros essa proporção é de 48,1%, quase o dobro. No alto da pirâmide salarial estão os brancos, com 24,8% de atletas ganhando mais de 20 salários mínimos, enquanto que somente 17,1% dos negros recebem mais de 20 salários. O estudo também evidenciou que os salários de jogadores negros costumam atrasar mais que o de brancos, além de receberem menos convites para aparecerem ao lado dos dirigentes dos clubes, chegando até a serem tratados com desprezo pelos cartolas.

[77]São as representações positivas, atribuídas aos afro-brasileiros, no espaço do futebol, que contribuem para a afirmação e a manutenção de hierarquias sociais. O elogio ao negro, no período posterior à abolição, está cheio de ambiguidades. Sua integração no espaço do futebol – e em outras esferas da sociedade (samba, capoeira, exército) – teria como efeito perverso a delimitação dos seus lugares de atuação e, também, a forma como os negros foram integrados à sociedade brasileira. Nesses espaços sociais, o desempenho de afro-brasileiros seria louvável e contribuiria para a manutenção de hierarquias. No racismo às avessas existem espaços nos quais ser negro não dificulta e pode, às vezes, até dar prestígio. Abrange o domínio do lazer, particularmente espaços como os do futebol, samba, carnaval ou capoeira. Estes espaços funcionam ao redor daquelas atividades consideradas típicas da raça, nas quais o negro pode e deve brilhar. (SOARES, 1998).

[78]Apesar de a pesquisa de Vieira ter sido realizada em 2001, os números parecem não se alterem muito, pois pesquisa da CBF (2016) revela que 82,84% dos jogadores profissionais cadastrados em seu sistema recebem até mil reais. A pesquisa da CBF não diferencia cor da pele, mas entendemos que os números desta pesquisa e os apontados por Vieira são muito parecidos.

Para Vieira (2001), outra segregação está no tratamento: macaco, crioulo, gorila. Muitos nem consideram os apelidos discriminatórios. Ou seja, o racismo às vezes é tão velado que não é identificado nem pelas próprias vítimas. O estudo de Vieira ainda confirma a rara presença de goleiros (exceção Dida 2006 – inclusão nossa) e técnicos negros na seleção brasileira, correspondendo em proporcionalidade à ascensão socioeconômica de negros e mulatos no Brasil. Apesar da pesquisa de Vieira ter sido realizada no início do século XXI, esses fatos ainda persistem no futebol brasileiro, o que pode ser constatado na mídia esportiva[79] após cada rodada do futebol. Também é importante lembrar os poucos árbitros de origem negra que apitam na primeira divisão do futebol brasileiro. Outro caso, pouco relatado pela imprensa brasileira, refere-se à falta de dirigentes negros no comando das equipes de ponta do futebol brasileiro.

De tempos em tempos, o racismo contra jogadores negros volta a se apresentar, reatualizando-se sem ações de combate efetivas de parte das entidades esportivas, e com o silêncio constrangedor de clubes e atletas. Para um negro pobre, com poucas oportunidades, o futebol, muitas vezes, se apresenta como um importante caminho de inclusão no mercado de trabalho e uma forma de ascensão social para ele e sua família. Isso, talvez, seja um dos motivos do silêncio da maioria destes atletas que sofrem discriminação, mas não pode ser o motivo para o silêncio e a omissão de clubes e entidades a respeito do problema.

Segundo o Observatório da Discriminação Racial no Futebol (ODRF, 2017), nos últimos anos foi possível observar, nos estádios de futebol, algumas dezenas de campanhas contra o racismo, mas percebemos, também, que poucas – ou nenhuma – foram efetivas e envolveram torcedores e/ou atletas em ações educativas. Não basta apenas afirmar que racismo é crime. Precisamos educar os torcedores para que entendam que o futebol não é um microcosmo da sociedade em que - por ser um ambiente imerso em paixão cega – valham todos os tipos de demonstrações de preconceito e ódio para desestabilizar o adversário. Para mudar essa realidade, há que unir forças para lutar contra o racismo. E neste sentido, é preciso entender que podemos usar o poder e a paixão pelo esporte mais popular do Brasil para debater a discriminação racial. Precisamos, também, alertar que condutas preconceituosas e atitudes

[79]Caso do goleiro do Vasco da Gama, Sidão, que no dia 12/5/19 teve uma fraca atuação e levou três gols que pontuaram a derrota do clube para o Santos, em partida válida pelo Campeonato Brasileiro. Com isso, o atleta foi eleito como o "Craque do Jogo", prêmio concedido pela Rede Globo, por uma votação em massa feita por internautas, com o claro intuito de ridicularizar sua atuação no duelo. Numa análise da situação com o viés do preconceito, muitos desses internautas não se deram conta da discriminação racial sutilmente oculta e que, infelizmente, é banalizada e considerada como uma "brincadeira". A pior forma de racismo é o velado, pois as pessoas o cometem sem se enxergarem racistas, problema histórico no Brasil. Disponível em: https://www.diariodocentrodomundo.com.br.

racistas, nos estádios de futebol e na mídia, constituem-se um sério retrocesso à democratização das relações sociais no esporte e à construção de uma sociedade mais igualitária e justa.

4.4 A homofobia no futebol [Heranças da modernidade/colonialidade]

Figura 13 – O mundo do futebol não tolera *gay*

Fonte: site xadrez verbal.com.
Disponível em: https://xadrezverbal.com/2014/10/09/homofobia-masculinidade-e-futebol/. Acesso em: 22 set. 2020.

"Veado não, aqui é lugar de homem."
"Corinthians é o time do povo, não de veado."
(O diretor da Camisa 12 argumentava que a bitoquinha do jogador Sheik feria a ética da "corintiologia.")[80].

Segundo Almeida e Soares (2012), o futebol carrega os atributos de uma sociedade masculinizada – todas as formas de preconceito ao homossexual são expressas em um campo de futebol. A imagem do homossexual é incongruente aos olhos dos espectadores que entendem o futebol como reduto da força física, como se a liberdade sexual estivesse ligada a ter ou não força, ter ou não virilidade. Partimos do entendimento de que o futebol reproduz as regras rígidas da masculinidade – hegemônica. A questão das formas de masculinidade é tão forte e disseminada no âmbito esportivo que, aparentemente, imaginamos anulada a possibilidade de coexistência de atletas gays nesse espaço.

Almeida e Soares (2012) ainda apontam que o campo de futebol permanece como uma das maiores instituições segregadoras de gênero das culturas ocidentais. Para os autores, é interessante ressaltar que a hegemonia masculina do esporte – como valor necessário para "homens" – é tão persuasiva que passa despercebida pelo exame crítico daqueles que são

[80] Fonte: g1.globo.com. Disponível em: http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/08/policia-chama-sheik-e-camisa-12-apos-polemica-sobre-foto-com-selinho.html.

oprimidos por ela, dentre os quais estão, curiosamente, os gays. Almeida e Soares (2012) dizem que a homofobia – velada ou explícita no discurso das instituições – é o "remédio" contra a existência dos homossexuais no esporte. A homofobia não só é uma forma de resistência contra a invasão da subcultura gay no esporte, bem como funciona como elemento mantenedor da masculinidade. Os autores consideram que a violência homofóbica no futebol não é pontual, inesperada nem casual. É violência tramada sobre uma lógica, um pano de fundo, em que ainda é forte a presença do patriarcado e na qual a dominação masculina é a tônica.

Colaborando, Cecchetto (2004) considera que o futebol é uma importante instituição masculina. Ele é produzido por pressupostos de masculinidade ao mesmo tempo em que participa da produção, circulação e hierarquização de diferentes possibilidades de masculinidades. Pelos aspectos de competição, violência e combate – considerados atributos de masculinidade – o futebol é um local privilegiado para a construção de masculinidades específicas. O futebol profissional no Brasil é masculino. Apenas os jogos e campeonatos jogados por homens possuem calendário fixo; apenas o futebol jogado por homens carrega grandes multidões, principalmente de homens, aos estádios.

Para Bandeira e Seffner (2013), o estádio de futebol é um contexto cultural específico que institucionaliza práticas, ensina, produz e representa masculinidades. Os modos de construção das masculinidades no Brasil guardam íntima conexão com o futebol, seja para adesão ao esporte, seja para sua negação, que implica em geral a construção de masculinidades subalternas. Conforme Bandeira e Seffner (2013), nas construções de masculinidades existe uma preocupação com o grau de intimidade possível nas relações entre homens. Uma das formas mais importantes do afastamento das intimidades pode ser vista nas manifestações homofóbicas. A homofobia funciona como mais um importante obstáculo à expressão de intimidade entre homens. Segundo os autores acima, é preciso ser cauteloso e manter a camaradagem dentro de seus limites, empregando apenas gestos e comportamentos autorizados para o "macho".

Os estádios de futebol constituíram-se, historicamente, como um espaço legitimado para os homens e também como um espaço de construção da masculinidade. No caso das torcidas, a alteridade está posta na torcida adversária, carregando em suas representações um comportamento masculino inadequado. Como exemplo, trazemos Alabarces (2012, p. 76): "El fútbol es un mundo organizado de manera polar. De un lado están los machos y del otro los no-machos. (...). Los no-machos son aquellos que no son adultos – 'hijos nuestros' – o son homosexuales, 'putos' para la jerga de tribuna [...]".

Dentro dos estádios, os torcedores utilizam os palavrões como moeda corrente. O palavrão possui diversas funções, podendo ser utilizado para agredir ou para demonstrar afetos. Para Damo (2002), nos estádios existe uma estética da honra, da alteridade e da masculinidade. Os palavrões e os xingamentos podem acontecer entre torcedores de clubes distintos ou entre torcedores e qualquer outro agente do espetáculo como os árbitros, jogadores, policiais... Conforme Damo, o jogo de futebol possui códigos particulares que permitem, nesse local, que diferentes ações executadas não sofram as mesmas proibições de outros espaços do cotidiano. A homofobia é tratada com naturalidade dentro do futebol, os cânticos homofóbicos são corriqueiros e naturalizados. Esses cânticos permitem visualizar o entendimento que as torcidas e a sociedade do futebol possuem sobre masculinidade, sexualidade e futebol.

Partindo do pressuposto de que o estádio de futebol é um ambiente de predomínio heterossexual e de socialização destes indivíduos, a sociedade do futebol procura reforçar essa concepção, exaltando sua heterossexualidade e buscando oprimir tudo o que seja diferente deste predomínio. Conforme Welzer-Lang (2001), os homens que não mostram sinais redundantes de virilidade são associados às mulheres e/ou a seus equivalentes simbólicos: os homossexuais. Não basta apenas ser heterossexual, é necessário demonstrar isso em comportamentos que identifiquem sua heterossexualidade, é preciso enquadrar-se à masculinidade considerada adequada para este ambiente. Para Bandeira e Seffner (2013), a preocupação em relação a essa socialização masculina aumenta quando a aversão aos homossexuais é valorizada, entendida como desejável nessa socialização. Se a violência física tende a ser praticada eventualmente, a violência verbal é uma constante nos espetáculos futebolísticos.

Outra situação constrangedora instituída no futebol brasileiro é o uso do número 24 nas camisas de futebol. O número é associado aos gays. Isto aconteceu no Brasil porque o jogo do bicho teve uma influência muito forte na propagação do preconceito contra a numeração. E ainda hoje associa-se o número ao animal veado, que é o 24 no jogo. E o preconceito continua ainda nos uniformes das equipes. Os clubes e jogadores estão praticamente banindo o número 24 do futebol brasileiro[81]. Nos dez jogos da última rodada da Série A do ano passado, 419 jogadores estiveram em campo nas súmulas da CBF, mas apenas o jovem Brenno, terceiro goleiro do Grêmio, portava tal numeração. O caso mais recente aconteceu com a contratação do colombiano Cantillo, pelo Corinthians, no início de janeiro de 2020. Ele sempre usou a camisa 24 em seu país. Mas aqui, foi orientado a não usar tal número porque é popularmente

[81]Ver em: https://observatorioracialfutebol.com.br/numero-tabu-camisa-24-e-rejeitada-no-futebol-brasileiro/

associado aos gays. O fato fez com que o diretor do clube, Duílio Monteiro Alves, tivesse que se desculpar por um comentário homofóbico durante a apresentação do atleta.

Referente ao exemplo de inúmeros casos de homofobia no futebol brasileiro, procuramos enfatizar, de forma cômica, na Figura 13 – o mundo do futebol não tolera gay –, este preconceito que parece muito longe de ser extinto do futebol. A figura explora que o gol levado pelo goleiro foi culpa do beijo entre os dois jogadores, insinuando, de forma metafórica, quem é o errado/culpado na história.

No dia 25/08/2019, o futebol brasileiro, pródigo em polêmicas fugazes que se repetem a cada fim semana, presenciou um fato inédito em sua história. Aos 19 minutos do segundo tempo, o árbitro Anderson Daronco interrompeu o jogo entre Vasco da Gama e São Paulo, quando parte da torcida vascaína cantava "time de veado" nas arquibancadas de São Januário, para provocar os rivais. Foi a primeira vez que a arbitragem paralisou um jogo por causa de cânticos homofóbicos[82]. A reação dos torcedores e de boa parte da mídia foi de surpresa. Alguns falaram em tom de deboche sobre o "fim do futebol raiz" e a "vontade da FIFA e da CBF de acabar com a festa das torcidas nas arquibancadas". Outros levantaram questões mais rasas e classificaram gritos como "time de veado" como que fazendo "parte da cultura do futebol*".* Mas, depois desse episódio, todos os 20 clubes da Série A se uniram em combate à homofobia e publicaram, no mesmo horário, em seus *Twitters: "*São inaceitáveis práticas ainda existentes em nossos estádios: temos que dar um basta! Pior que prejudicar o seu time é cometer um crime. Grito homofóbico não é piada, muito menos cântico de torcida. Grito homofóbico é crime, dentro e fora dos estádios. Diga não à homofobia!"[83]

Certamente a homofobia não é originada no futebol. Ela aparece na instituição escolar, nas igrejas, na restrição de direitos civis, nas violências verbal e física. Mas, dada a importância que o futebol possui como manifestação cultural no Brasil e no mundo, é fundamental incentivar e contribuir com as formas de resistência a essa violência estrutural que aparece nesse esporte.

A nova revolução no futebol não é tática ou técnica. Ela passa por algo semelhante ao que Nelson Mandela falava*: "*O esporte tem o poder de mudar o mundo. Tem o poder de inspirar, tem o poder de unir as pessoas de um jeito que poucas coisas conseguem.*[84]*

---

[82] Fonte: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/26/deportes/1566852465_773027.html.

[83] Fonte: Observatório Racial do Futebol Brasileiro. Disponível em: https://observatorioracialfutebol.com.br/clubes-brasileiros-se-unem-e-postam-contra-a-homofobia-nas-redes-sociais-nao-e-piada/.

[84] Fonte: Site BBC News Brasil. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/12/131206_mandela_esporte_rm.

4.5 O machismo no futebol [Heranças da modernidade/colonialidade]

"Futebol não é coisa pra mulher."
"Mulher que bebe cerveja e vai para o estádio não é para casar."
"Mas você sabe o que é impedimento? Explica aí."
"Aposto que você só gosta de futebol por causa das pernas dos jogadores!"[85]

Figura 14 – Futebol é coisa para homem

Fonte: site hoje em dia.com.br.
Disponível em: https://www.hojeemdia.com.br/opini%C3%A3o/blogs/zona-do-agri%C3%A3o-1.446405/cultura-machista-1.722540. Acesso em: 22 set. 2020.

4.5.1 A inserção da mulher na prática do futebol

Apesar de o Brasil ser considerado o país do futebol, a prática deste esporte para mulheres foi regulamentada apenas em 08/01/1983, quando o Conselho Nacional de Desportos (CND) oficializou o exercício do futebol e do futebol de salão para mulheres. Mas o preconceito existente no futebol/futsal feminino é algo histórico e está fortemente ligado à nossa sociedade machista. Segundo Goellner (2001), gênero é a construção social do sexo e o que diferencia homens e mulheres não são apenas aspectos biológicos, mas também sociais, históricos e culturais. Observamos que os aspectos culturais ainda estão muito presentes na sociedade brasileira, em relação às práticas masculinas ou femininas.

Para Chaves e Capraro (2007), o menino pode sair para brincar na rua, correr, soltar pipa, jogar bola, andar de carrinho de rolimã, dentre outras atividades, desde pequeno para não atrapalhar a mãe em casa. Em contrapartida, as meninas devem ficar em casa, preservadas das

[85]Fonte: Site buzzfeed.com. Disponível em: https://www.buzzfeed.com/br/clarissapassos/frases-que-as-mulheres-que-curtem-futebol-nao-aguentam-ma.

brincadeiras de menino, e ajudar as mães nos trabalhos domésticos, que lhes serão úteis futuramente quando se tornarem esposas e mães. Tudo isso deixa um ar de delicadeza em torno da menina, o que é quebrado quando ela tenta "invadir" um espaço masculino, em sintonia com o pensamento da maior parte da sociedade. Ainda para Chaves e Capraro (2007), a mulher no esporte em geral é lembrada não por seu desempenho ou conquista, mas pela sua beleza e sexualidade como a mídia retrata. Assim, "o jogo bonito de se ver" não está relacionado ao jogo em si, nem ao aspecto estético das belas jogadas, mas às pernas das jogadoras, às "sainhas e bermudas", enfim, associado à imagem veiculada e vendida pela indústria cultural, determinando padrão de beleza feminina, que confunde a estética do jogo com a estética do corpo.

Na mesma linha, Goellner (2005) considera que no futebol masculino a competência dos jogadores é fundamental para transformar o esporte em um empreendimento comercial. Mas, no jogo das mulheres, ao contrário do dos homens, isso não é suficiente. Os clubes estão exigindo que, além de saber bater sua bolinha, as jogadoras sejam bonitas. O apelo à beleza das jogadoras e a erotização de seus corpos tem como um dos pilares de sustentação o argumento de que, se as moças forem atraentes, atrairão público aos estádios e, portanto, ampliarão os recursos captados com os jogos, propagandas, produtos e serviços a girar em torno da modalidade. Atrairão, sobretudo, patrocinadores, cuja ausência é comumente apontada pela mídia esportiva como um dos grandes problemas do futebol feminino no Brasil.

Ainda conforme Goellner (2005), a espetacularização do corpo feminino é aceita e incentivada em determinados locais da sociedade, em especial aqueles que valorizam a representação de feminilidade construída e ancorada na exacerbação, por exemplo, da beleza e da sensualidade. Em outros, como o campo de futebol, essa espetacularização se direciona para o estranhamento a estes corpos femininos performáticos. Isso ocorre, fundamentalmente, porque às mulheres – cuja aparência corporal é excessivamente transformada pelo exercício físico e pelo treinamento contínuo – são atribuídas características viris que, não apenas questionam sua feminilidade, mas também, colocam em dúvida a autenticidade do seu sexo.

Embora o futebol seja considerado uma paixão nacional, parece não assumir este papel social quando a questão é o futebol feminino. Torna-se importante reforçarmos a necessidade de redirecionar o *status* social dessa questão na sociedade brasileira, despertando-a de seu estado de dormência, pela forma como tem sido tratado o futebol feminino na mídia, não apenas pelo que é dito, mas também pelo silêncio. Este silêncio começa na estrutura do futebol feminino com a falta de mulheres ocupando cargos de comando nas federações estaduais, na (CBF) – no caso do Brasil –, na FIFA, nos quadros de arbitragem, nas diretorias dos clubes, nos

departamentos médicos, enfim, em tudo que envolve o futebol feminino. Esse cenário não se restringe apenas ao futebol brasileiro, sendo, na realidade, percebido na maioria dos países, embora nem todos possuam uma estrutura de futebol feminino com tal predomínio de homens quanto no Brasil.

Na Copa feminina da França, em 2019, de 24 seleções apenas nove eram treinadas por mulheres. Na seleção brasileira, por exemplo, a única técnica a comandar o Brasil em três décadas foi Emily Lima, que ficou apenas dez meses no cargo e foi demitida em 2017. Já na comissão técnica que Vadão levou para a Copa da França existia apenas uma mulher, a auxiliar Beatriz Vaz, que foi chamada pela CBF para atender a uma determinação da FIFA, que exige pelo menos uma representante feminina nas comissões. Diante do contexto, não é de surpreender que todo o ciclo preparatório para a referida Copa estivesse a cargo de homens e que a presença de uma mulher na equipe técnica tenha sido apenas para cumprir uma exigência legal da federação internacional.

Em 2018, a CBF obrigou cada clube da série A do Campeonato Brasileiro a manter um time de futebol feminino adulto e um de base[86]. Esta obrigação fez com que novos problemas estruturais viessem à tona no debate da visibilidade do futebol feminino no Brasil. Quando faltava menos de quatro meses para iniciar o campeonato brasileiro, dos vinte clubes que estavam disputando a série A, apenas sete tinham time de futebol feminino estruturado e cinco nem sequer existiam. Diante dessa realidade, os clubes brasileiros tiveram que reaproveitar a mesma estrutura do futebol masculino, reproduzindo o problema de falta de mulheres pensando futebol, bem como a ausência de um planejamento específico para as equipes femininas. Além disso, uma pesquisa realizada pelo jornal Extra revelou que apenas 1,0% do orçamento dos clubes vai para as equipes femininas. São dados como estes que evidenciam a falta de representatividade da mulher nos cargos de comando, sejam eles técnicos ou burocráticos. Estes dados também demonstram o sinuoso caminho a ser enfrentado pelas mulheres que vivem deste – e para este – esporte.

4.5.2 A inserção da mulher na mídia e nos estádios de futebol

Historicamente, a quantidade de mulheres nas redações e programas esportivos é muito pequena em relação aos homens. E esta proporção diminui à medida que analisarmos as

[86] Ver em: https://www.hypeness.com.br/2019/07/por-que-a-estrutura-do-futebol-feminino-ainda-e-ocupada-por-homens-no-brasil/.

características das funções de cada profissional dentro de veículos. Hoje, a maioria das jornalistas ocupa o cargo de repórter em seus canais. Pouquíssimas são comentaristas ou integram mesas-redondas sobre futebol. Os programas analíticos do futebol têm, como integrantes, apenas homens e, quando, na apresentação há uma mulher, seu papel é apenas fazer as perguntas para os comentaristas darem sua opinião. Na narração, a presença feminina é ainda mais reduzida, praticamente nula.

Segundo Baggio (2012), além dos obstáculos inerentes à construção bem-sucedida de qualquer carreira, existe o preconceito e o assédio que muitas mulheres enfrentam. Essa realidade é claramente acentuada quando se trata do mundo esportivo. O futebol, esporte que ocupa a maior parte do espaço na imprensa brasileira, é um meio ainda dominado pelos homens, e a sua cobertura pela mídia não é diferente. Ainda conforme Baggio, as mulheres que querem seguir carreira no jornalismo esportivo precisam enfrentar o preconceito, tanto dos veículos de comunicação, quanto por parte do público. Muitos homens não veem com bons olhos a presença feminina na cobertura esportiva, por acharem que mulheres não entendem do assunto ou por, simplesmente, não quererem que essa atividade, sempre dominado por eles, perca essa característica.

Em relação ao público, para Aragão (2010), as jornalistas, muitas vezes, convivem com xingamentos e assédio por parte dos torcedores nos estádios, nas ruas e de internautas nas redes sociais. Já com os colegas de trabalho o preconceito é velado, podendo acontecer boicotes ao seu trabalho no veículo de comunicação, por exemplo. Além disso, as jornalistas estão à mercê de assédio dos próprios entrevistados, sejam eles jogadores, técnicos ou dirigentes, seja no rádio, TV, internet ou impresso, seja ao vivo ou gravação. Aragão, destaca que os meios de comunicação, principalmente a televisão, têm muita influência na sociedade brasileira, na medida em que ajudam a estabelecer e/ou perpetuar padrões de comportamento. A representação da mulher na cobertura esportiva, de forma indireta ou presencial, é limitada a determinado espaço na dinâmica de programas e transmissões, o que contribui fortemente para a manutenção da mentalidade excludente por parte do público. A mulher no futebol, entendemos, não é analisada apenas pelo seu conhecimento, mas muito pela sua aparência, pelo modo como se comporta diante das câmeras, como se veste, etc. Todo o seu esforço, anos de estudo, dedicação ao conhecimento do esporte, empenho para obter uma vaga, são diminuídos diante desse público que põe a beleza no centro das atenções, em detrimento do resto.

Já em relação à presença das mulheres nos estádios de futebol, atualmente, podemos dizer que tal presença nas arquibancadas dos estádios tem sido destaque, pois cada vez mais elas vêm participando da construção desse espetáculo, tornando-o uma atividade de lazer e contribuindo

para a construção de valores e (re)significados do futebol. No entanto, essa incorporação apresenta ainda alguns obstáculos e preconceitos, entre os quais a dificuldade de legitimação da mulher como cidadã capaz de ter um pertencimento ao clube e realmente interessar-se pelo jogo de futebol, compreendendo-o em seus aspectos técnico-tático, econômico, social, político e cultural.

De acordo com Costa (2007), embora a presença das mulheres tenha aumentado nos estádios, elas têm dificuldades para se expressarem na torcida. Uma das dificuldades é que, além de terem que se afirmar na posição perante os homens, precisam também valorizarem-se em relação às próprias mulheres. Frente aos homens, têm que passar pelo crivo para serem aceitas, provando que têm conhecimento de futebol, via comentários inteligentes e o domínio da regra do impedimento, já que esta é tida como um dos fatores de distinção entre as que compreendem ou não o futebol. Diante das próprias mulheres, é necessário fazerem a distinção entre o tipo de torcedora por que pretendem ser reconhecidas, já que cada uma tem um *status*. Para a autora, existem três tipos de torcedoras: as verdadeiramente interessadas no futebol, que sabem conversar sobre o assunto e não olham para os jogadores; aquelas que não sabem nem o que é a bola; e as Marias-chuteiras, que não têm interesse pelo jogo, apenas pelos jogadores. Em relação a situação apresentada pela autora, fizemos uma analogia na figura 14 – futebol é coisa para homem –, mostrando, na charge, a barreira que as mulheres enfrentam ao tentar inserir-se no meio futebolístico, mesmo sendo a melhor jogadora de futebol do mundo (Marta).

Para além disso, Campos (2010) considera que foi sendo criada uma série de normas para a ocupação do estádio como espaço social, tomando como base os códigos masculinos. Essas concepções e práticas foram e são apreendidas e interiorizadas, tornando-se, aparentemente, naturais. Algumas mulheres, com presença frequente nos estádios, embora reconheçam e dominem os códigos locais, não os consideram ainda um local seguro para que possam ir e vir, independentemente de estarem acompanhadas da figura masculina ou não. Outras buscam sua autonomia e o exercício de sua cidadania, comparecendo sozinhas aos estádios. O que verificamos nessa relação é que algumas torcedoras, na tentativa de legitimarem-se nesse espaço, conseguindo o aval e o respeito principalmente dos homens, buscam a sua diferenciação, reforçando estereótipos e preconceitos outrora criados pelos homens e introjetados e reforçados pelas próprias mulheres.

Mesmo diante do espaço conquistado ao longo do século XXI, a participação feminina representa apenas uma das faces do discurso sobre as relações de gênero que se espelha no esporte. Ela é peça de uma engrenagem maior e mais complexa que se encontra presente em todos os nichos sociais e que contribui para reproduzir as relações de gênero no esporte. São

inegáveis as muitas diferenças no comportamento de meninos e meninas. Reconhecê-las e trabalhar para não as transformar em desvantagens é papel de todo educador. Estar atento às questões de gênero que ocorrem numa aula de Educação Física, por exemplo, é uma forma de ajudar os jovens a construir relações de gênero com equidade, respeito às diferenças, somando e complementando o que os homens e as mulheres têm de melhor, compreendendo o outro e aprendendo com isso a serem pessoas mais abertas e equilibradas. Entendemos que a prática do futebol como desporto de equipe pode atuar como meio eficaz de ensinar aos jovens a tolerância e aceitação das diferenças individuais. Em se tratando de um país como o Brasil, onde o futebol é discursivamente incorporado à identidade nacional, torna-se necessário pensar o quanto este ainda é, para as mulheres, um espaço não apenas a conquistar, mas, sobretudo, a ressignificar alguns dos sentidos que a ele estão incorporados. E isso com o firme propósito de afirmar que esse espaço é também das mulheres, como espaço de sociabilidade e de exercício de liberdade.

Momentos finais do segundo tempo. A equipe “Movimento Colonial” tomou conta da partida, “alugou o meio campo”. A equipe “Giro Decolonial”, pressionada, está com dificuldade para atacar. A bola está com a equipe “Movimento Colonial”, a pressão é grande. A defesa da equipe “Giro Decolonial” faz o que pode para afastar a bola da área. O ataque adversário troca passes, chega perto da área, cria grande chance de gol, chuta. O zagueiro tira a bola encima da linha. Contra-ataque do “Giro Decolonial”, grande chance para sair da pressão. O atacante é lançado, invade a área, dribla o goleiro, vai chutar com o gol vazio, sofre a falta. O árbitro marca pênalti. Grande oportunidade para marcar o gol. O jogo está terminando, com pênalti para equipe “Giro Decolonial”. O pênalti foi cobrado com categoria, sem chances para o goleiro. Gol, gol, gol!

5 GOL, O GRANDE MOMENTO DO FUTEBOL [DECISÕES METODOLÓGICAS]

Imagem 13 – Momento do gol I

Imagem 14 – Momento do gol II

Imagem 15 – Momento do gol III

5 GOL, O GRANDE MOMENTO DO FUTEBOL [Decisões metodológicas]

O "gol" é o momento maior no futebol, é uma explosão de emoção para atletas, torcedores e técnicos[87]. O coração fica acelerado, as pupilas dilatadas, a pressão vai às alturas, a adrenalina vem de forma prazerosa e, em poucos instantes, vivemos um carrossel de emoções. Já dizia o folclórico jogador Dadá Maravilha: "Não existe gol feio, feio é não fazer gol." O futebol é algo que tem como característica a paixão e o "gol do seu time" é o momento de êxtase, de felicidade plena, difícil de descrever!

Utilizamos a expressão "Gol, o grande momento do futebol" para representar as decisões metodológicas da pesquisa, porque entendemos que esse é o momento muito importante da partida, quando jogadores, comissão técnica e torcedores chegam ao delírio. Relacionamos, também, o gol no futebol com as decisões metodológicas de uma pesquisa, porque é nessa fase do trabalho que o professor/pesquisador/narrador escolhe as melhores táticas – caminhos – com o intuito de atingir o objetivo final, a vitória na partida principal – a tese. E existe caminho melhor do que o gol para chegar à vitória e ao êxtase no futebol?

Visto que todo trabalho científico se apoia nas concepções ontológicas, epistemológicas e metodológicas do professor/pesquisador/narrador, sua elucidação torna-se fundamental para a continuação da partida principal ter sentido. Dessa forma, é importante apresentar concepções nas quais direcionamos o clássico. E como vimos em outros momentos do clássico, o professor/pesquisador/narrador possui um grande vínculo com o futebol: "Sempre brinco: eu não nasci, eu entrei em campo".

No aspecto ontológico, marcamos um – gol de letra[88] – quando concordamos com Maturana e Varela (1995, p. 15) a respeito do envolvimento do professor de futebol no trabalho:

> O observador como sistema vivo, pela sua constituição, não pode apresentar esclarecimentos ou alegações que desvendem ou conotem qualquer coisa que seja independente dos processos através dos quais ele profere suas explicações e alegações.

Os biólogos sugerem a existência de um vínculo entre aquele que conhece e o objeto a ser conhecido. Assim, a interferência de aspectos pessoais do pesquisador sobre sua maneira de perceber o real é inevitável, não existindo a possibilidade de retirar sua subjetividade,

[87]Procuramos demonstrar a emoção do gol nas imagens 13, 14 e 15 – momento do gol I, II, e III –, todos jogos das equipes masculinas de futsal e futebol 7 da UFC, no campeonato cearense universitário de futsal e no JUB's de futebol 7, ambas competições disputadas no ano de 2015. Nesse ano, o professor/pesquisador/narrador era o treinador dessas equipes. Essas imagens fazem parte do acervo de fotos da DDU-UFC.

[88]"Gol de letra" – gol de calcanhar ou quando o jogador trança as pernas, mudando o pé que chuta.

desenvolvendo um sistema de representações verdadeiras. Em efeito, toda a experiência de conhecimento envolve, necessariamente, um conhecedor de maneira pessoal e está enraizada na sua própria estrutura biológica. Desta forma, na intenção de mostrar sua maneira de ver o mundo, destacando o aspecto pessoal, o professor/pesquisador/narrador transita com o futebol e suas relações durante todo o percurso da partida principal.

Na mesma jogada, para Mills (2009), a pesquisa é um processo intimamente ligado à vida cotidiana do pesquisador. A cotidianidade serve de nutriente para o trabalho intelectual, o que permite um processo de contínua reflexão e interpretação da produção intelectual. O autor afirma: "[...] é uma escolha tanto de um modo de vida quanto de uma carreira; quer o saiba ou não, o trabalhador intelectual forma-se a si próprio na medida em que trabalha para o aperfeiçoamento de seu ofício; para realizar suas próprias potencialidades [...]." (MILLS, 2009, p. 22).

Nessa linha, apresentamos, como "arremate"[89], o que expõe a colega Rosa (2017, p. 67):

> O pesquisador, enquanto sujeito, não precisa estar oculto, desvinculado do texto ou do resultado político de seu trabalho – ainda que este seja teórico e que a possibilidade de diálogo se limite apenas às leitoras e leitores do produto final da dissertação – e, neste sentido, produzir um texto de fácil leitura e com fluidez também é uma forma de democratizar o método e o diálogo com quem não caminha pelo universo acadêmico.

Entendemos, como a colega, que o pesquisador deve se sentir dentro do trabalho – a tese deve fazer parte de sua vida. Neste sentido, torna-se importante o pesquisador mostrar-se no trabalho, isto é, o leitor deve facilmente identificar na narrativa o autor e suas particularidades/características.

Neste momento da partida principal escolhemos a perspectiva decolonial como referencial epistemológico, marcando, desta forma, um "gol de placa"[90], pois pretendemos decolonizar, isto é, "desgastar" (YEDAIDE, 2015) a prática tradicional de pesquisa. As pesquisas orientadas pelas correntes decoloniais visam, de forma geral, a discutir, demonstrar e transformar esse vasto conjunto de relações entre sujeitos e países que compartilham a herança cultural, econômica, social e política deixada pela colonização europeia. Assim, este professor de futebol lança mão de uma forma "outra" de ver, viver e compreender a realidade de nosso pensamento e de nossa cultura.

---

[89] "Arremate" – finalizar a gol.

[90] "Gol de placa" – gol feito após uma jogada sensacional. O termo teve origem quando Pelé foi homenageado com uma placa após ter feito um gol memorável contra o Fluminense.

Nesse sentido, nos reportamos a Mignolo (2014), quando considera que ao aderirmos à opção decolonial na pesquisa estamos definindo uma opção de vida, de um modo de pensar e de fazer. Para o pensador:

> [...] la opción descolonial no es sólo una opción de conocimiento, una opción académica, un dominio de estudio sino una opción de vida, de pensar y de hacer. Es decir, de vivir y con-vivir con quienes encuentran que la opción descolonial es la suya y con quienes han encontrado opciones paralelas y complementarias a la descolonial" (MIGNOLO, 2014, p. 44).

Compreendemos que, ao optarmos pela perspectiva decolonial, aproximamo-nos de "nossa" realidade, de "nosso dia a dia", e como diz Freire, do "chão da escola", enraizados em nossa cultura, em nossos sentimentos e crenças pessoais. Em efeito, concordamos com Mignolo quando expressa que a opção decolonial não é referência apenas para a pesquisa – a opção decolonial deve se expressar nas "arenas da vida". Concordamos, também, com Boaventura de Souza Santos (2008) quando expõe que o modelo tradicional da racionalidade científica é totalitário, uma vez que nega o caráter racional a todas as formas de conhecimento que não seguem seus princípios epistemológicos e suas regras metodológicas.

Neste momento da partida principal, trazemos pensadores decoloniais para referenciar histórica, social e politicamente nossa escolha. Para Quijano (2005), a América constitui-se no primeiro espaço/tempo de um padrão de poder de vocação mundial e, desse modo e por isso, como a primeira identidade da modernidade. Um processo histórico se tornou fundamental para o novo padrão de poder europeu: foi a codificação das diferenças entre conquistadores e conquistados sob a ideia de raça, ou seja, uma suposta distinção na estrutura biológica que colocava alguns em situação natural de inferioridade em relação a outros. Essa ideia foi assumida pelos conquistadores como o principal elemento das relações de dominação. Conforme Mignolo (2013), a respeito dessa dominação, os espanhóis julgavam e hierarquizavam a inteligência e a civilização dos povos, tomando como critério a escrita alfabética. Já nos séculos XVIII e XIX, o critério de avaliação passa a ser a história, isto é, os povos "sem história" situam-se em um tempo anterior ao presente. Esse domínio geoepistêmico continua forte, ainda no século XXI, na maioria das instituições universitárias sul-americanas, principalmente no Brasil. A academia segue à risca os preceitos eurocêntricos do conhecimento.

Na intenção de uma alternativa epistemológica "outra" de ser/estar/agir no mundo e com o mundo, Mignolo (2013) introduz o conceito de "pensamento de fronteira", não como forma de restituir conhecimento, mas de reconhecer conhecimentos "outros" em um horizonte epistemológico transmoderno, ou seja, construído a partir de formas de ser, pensar e conhecer

diferentes da modernidade europeia, porém em diálogo com esta. Para o autor, o pensamento de fronteira torna-se, então, a epistemologia necessária para desvincular e decolonizar o conhecimento e, no processo, construir histórias locais decoloniais, restaurando a dignidade que a ideia ocidental da história universal tirou de milhões de pessoas.

Na "mesma jogada", Abdalla e Faria (2015, p. 922) expõem:

> A opção decolonial é concebida não apenas por um conceito ou por uma definição, mas principalmente, por ação e engajamento. Estes requerem desobediência para desafiar a colonialidade do conhecimento imposta há mais de cinco séculos pela modernidade eurocêntrica universalista, em detrimento da transmodernidade pluriversal.

Entendemos, como os pensadores decoloniais – no que diz respeito a uma "outra" maneira de produzir, criar, elaborar conhecimento –, que "nessa partida" pretendemos "ousar", "transformar", "ser diferente", mas nunca perdendo a cientificidade. Utilizamos, em nosso trabalho, uma escrita "outra", tendo o futebol como metáfora, isto é, um modo de prática desobediente e indisciplinada como dispõem Borsani e Quintero (2014) a respeito da decolonialidade. Pensamos que, partindo do pressuposto de que o pensamento decolonial tem origem na cultura local, ao utilizarmos uma escrita metafórica sobre futebol estamos marcando um "gol de peixinho"[91], pois nada mais brasileiro do que o futebol. O Brasil é um dos países da América Latina que melhor sabe expressar esses sentimentos e oportunidades geradas pelo futebol. A cultura do futebol gera hábitos e costumes e, principalmente, identidades. Hoje, conforme Betti (1997, p. 21), "[...] até achamos que o futebol foi uma invenção brasileira."

Realizando a partida principal na perspectiva decolonial, isto é, tornando visíveis outras lógicas e outros modos de pensar, diferentes da lógica eurocêntrica dominante, pretendemos apresentar o professor de futebol numa perspectiva diferente da do lugar comum, cuja referência encontramos no trabalho de Rosa (2017, p. 67-68):

> Teses e dissertações podem ser mais do que momentos de formação e, portanto, não devem ter por finalidade apenas a discussão "interna"; ou seja, os trabalhos devem ter acessibilidade e intencionalidades que ultrapassem o espaço acadêmico. Para tanto, é necessário que a escolha metodológica e a escrita do trabalho possibilitem a fluidez do texto. Um texto fluído, além de ser de fácil leitura pelo vocabulário, permite que os leitores "caminhem" pelos capítulos sem "tropeços", com continuidade.

Aderimos à proposta da colega Rosa ao utilizarmos metáforas do futebol, pois acreditamos que assim o leitor se identifique com o mundo do futebol e, desta forma, seja

[91]"Gol de peixinho" – quando a bola vem baixa, e o jogador atira-se para acertá-la com a cabeça.

atraído para leitura. Isso porque pretendemos alcançar, com este trabalho, leitores de além muros da universidade.

Como que colaborando com o jogo, Walsh (2005b) propõe que a partir do pensamento decolonial criem-se novas comunidades interpretativas, que nos ajudem a ver o mundo de uma perspectiva "outra". Essa perspectiva "outra", citada por Walsh, visa a discutir, evidenciar e transformar a vasta teia de relações entre sujeitos e nações que partilham a herança cultural, econômica, social e política deixadas pela colonização europeia. Conforme a pesquisadora, o "pensamento outro" tem um significado intimamente ligado a um projeto social, cultural, educacional, político, ético e epistêmico em direção à decolonização e à transformação. Pretendemos, neste jogo, concordando com a autora, a construção de um novo espaço epistemológico que inclui os conhecimentos subalternizados e ocidentais, numa relação crítica e mais igualitária. Aderimos à Walsh em reconhecimento à produção de um "conhecimento outro", pois não se pretende esquecer o conhecimento produzido no ocidente, mas entendemos que o trabalho gerado no Sul também deve ser visto de maneira igualitária aos conhecimentos produzidos no Norte.

Acreditamos, como Calderón e Guedes (2017), que seja possível a adoção de uma abordagem metodológica híbrida e decolonizada que, na sua diversidade, conteste o paradigma hegemônico do Norte. Segundo Calderón e Guedes (2017, p. 8):

> As vozes do Sul não podem ser subalternizadas, nem apagadas, é preciso coragem para que pesquisadores adotem práticas desobedientes, e sejam capazes de desprendimentos e indisciplinas, no intuito de utilizar alternativas metodológicas emancipadoras, compatíveis com as denominadas epistemologias do Sul.

Todos os métodos e técnicas de pesquisa são legítimos para aplicação a uma pesquisa. Segundo Fals Borda (2009, p. 327), "[...] desde que tais métodos e técnicas encaixem-se no que fora acordado em decisão conjunta do pesquisador/a e comunidade, inspirado pela filosofia participativa, segundo a qual a iniciativa deve partir, de preferência, dos grupos de base [...]". Na mesma linha, Kusch (1978) salienta que o informante da pesquisa não é visto como um objeto a ser pensado, mas como um sujeito que define o próprio olhar interpretativo – e muitas vezes imperativo – do pesquisador. Complementando, afirmamos que é importante aprender a conviver com as diversas alternativas teóricas que teremos a nossa disposição em cada um destes campos do saber e entender que nenhum deles trará uma solução definitiva.

Na busca de um projeto epistemológico e metodológico alternativo, percebemos que o objeto do nosso clássico se encaixa nas concepções e nos conceitos defendidos pelo Grupo

M/C. Ao investigar a formação em Educação Física – ensino/conhecimento do futebol – podemos, ou não, estar contribuindo com a produção de sujeitos "pés de obra". Escrevendo de uma forma "outra" através da cultura do futebol e pesquisando com os sujeitos envolvidos, estaremos, de alguma maneira, realizando uma reflexão crítica. Desta forma, buscamos a harmonia entre sujeitos, visando a qualificar o entendimento de mundo, construindo e reconstruindo saberes para intervir no cotidiano do futebol.

Ao considerar os estudantes-atletas como sujeitos "pés de obra" – decorrência do modelo epistêmico adotado nas Instituições de Ensino Superior (IES) de Educação Física (EF) e nos clubes de futebol (CF), mais especificamente no ensino/conhecimento do futebol, oficializando o modelo de formação do *status quo* e também considerando o futebol como possibilidade de construção do pensamento decolonial na universidade, na escola e no clube –, estamos fazendo uma crítica à modernidade ocidental em seus postulados históricos, sociológicos e filosóficos. Desta forma, pretendemos, através desta partida com ênfase na reflexão crítica, propor alternativas ao caráter dominante monocultural e ocidental que está configurado no processo de formação futebolística profissional e escolar.

Ao nos relacionarmos com os pressupostos decoloniais do Grupo M/C, observamos uma mudança radical na visão de mundo do professor/pesquisador/narrador. Nesse sentido, expressamos esse sentimento através das palavras do físico Rovelli (2015, p. 17), quando faz considerações a respeito da chegada a um novo conhecimento:

> [...] um olhar em direção realidade, um pouco menos velado do que o da nossa ofuscada banalidade cotidiana. Uma realidade que parece feita da mesma matéria de que são feitos os sonhos, e ainda assim mais real do que nosso enevoado sonho cotidiano".

5.1 "Gol do meio da rua" [Tipo de pesquisa]

Ao adotar a opção metodológica decolonial – "gol do meio da rua"[92] –, buscamos nos aproximar da realidade da América Latina, que requer outras visões de mundo capazes de lidar com as crises da modernidade, levando em consideração os conhecimentos e experiências das culturas locais.

Nesse sentido, apoiamo-nos em conceitos de Fals Borda (1973, p. 9):

[92]"Gol do meio da rua" – gol marcado com chute de longa distância – por exemplo, desde antes da imaginária linha intermediária. Fizemos essa analogia do tipo de pesquisa com o gol do meio da rua, por ser este um gol difícil de ser marcado. Entendemos que a escolha do tipo de pesquisa também é um momento difícil no trabalho, pois muitas são as possibilidades.

> [...] trabajar arduamente con nuestros materiales y realidades, tratando de articular nuestras respuestas con fórmulas, conceptos y marcos de referencia de aquí mismo [...] fortalecer la investigación autónoma e independiente de los hechos sociales, estimulando el pensamiento creador y la originalidad.

Fals Borda propõe um pensamento sobre a região, elaborado na própria região, preocupado em interpretar e dar soluções próprias e originais aos principais dilemas sociais e políticos da América Latina. Segundo Kusch (1978), o pensar dos grupos humanos está condicionado pelo lugar, ou seja, faz referência a um contexto estruturado mediante a intersecção do geográfico com o cultural. Apresenta uma nova dimensão de cultura, tomando-a não só como acervo, mas como atitude. Em nossa partida principal buscamos o conhecimento na nossa região – universidade e clube –, os nossos saberes, para futuramente espraiá-lo a outros locais.

Nessa direção do jogo, compreendemos que um dos principais desdobramentos do paradigma decolonial, termos metodológicos, é problematizar a lógica tradicional de pesquisa. Segundo Freire (2000), a produção do conhecimento se assenta na valorização dos diversos saberes provenientes da leitura de mundo dos sujeitos sociais, promovendo a equidade epistêmica. Apoiarmo-nos nos pensamentos de Orlando Fals Borda e Paulo Freire significa, portanto, mantermos acesa uma perspectiva crítica na construção de interpretações alternativas da sociedade e de projetos de transformação da sociedade capitalista.

Para Rosa (2017), a pesquisa, seja ela de modalidade participante, um estudo de caso, um levantamento ou uma análise documental, serve para (re)invertarmos nossas ações e a nós mesmos. Afinal, segundo Freire (1996, p. 32) "[...] pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo, educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade [...]".

Na perspectiva da transformação, Fals Borda (1973) expõe que não basta para o pesquisador apenas conhecer o real, é preciso transformar as desigualdades e injustiças sociais que acontecem no campo da pesquisa que será explorado. É necessário aprofundar o conhecimento da realidade e denunciar os mecanismos de exploração e desigualdades que nele estão propostos. Outro passo importante para o pesquisador, segundo Fals Borda, é o agir com o intuito de transformar, para que a realidade investigada seja mais justa e digna. Neste sentido, para Kusch (1978), é no pensamento popular que há uma religação com o absoluto, uma conjugação, um "estar sendo"[93], aspecto este que foi perdido pela cultura ocidental. Para

[93]Kusch (1978) entende que o símbolo harmoniza o humano frente ao desequilíbrio dos opostos cósmicos: é o *ser* do *mero-estar*, condição prévia a todo o *ser*. No entanto, a condição comum do latino-americano é a de *estar-sendo*, pois se dá como tentativa de afirmar um *ser* que é comprimido pelo *mero-estar*. A condição

recuperar o mistério de nosso estar, temos que recuperar os sentidos de nossos símbolos e de nossa relação com o solo, que de certa maneira traduzem a vinculação com o absoluto. Neste sentido, entender de onde vem nossa experiência é um passo importante para a construção de estruturas teóricas e metodológicas que possam servir de referência para uma pesquisa, condizente com o nosso modo de ser e estar no mundo, nosso "estar-sendo".

Escolhemos, para nossa partida principal, a pesquisa de abordagem qualitativa, entendendo que o processo de construção da tese e, posteriormente, a intervenção na formação dos futuros profissionais de EF, possam contribuir para a transformação do modelo epistêmico abordado nas IES de EF, na escola e no clube, modelo este que colabora com a produção de sujeitos "pés de obra". Para tanto, foi necessário entrarmos fundo no campo empírico, observando a prática – "gramando"[94] – dos participantes da pesquisa no próprio ambiente de pesquisa e conhecendo – "gramando" – a opinião dos participantes envolvidos nesse processo.

O diferencial das pesquisas qualitativas, em relação às quantitativas, refere-se à inclusão da subjetividade, pois não é possível pensá-las sem a participação do sujeito. Conhecendo o evento profundamente, poderemos melhor descrever, interpretar, explicar e compreender as percepções e os significados deste grupo em particular – os profissionais de EF que trabalham com o ensino do futebol no clube e na universidade – e a sua relação ou não com a produção de sujeitos "pés de obra". Complementando, é observando suas práticas, o ambiente, as vivências e, principalmente, conhecendo suas "falas" que poderemos compreender o papel desses profissionais na formação dos estudantes-atletas.

Pensar a EF e o ensino do futebol na perspectiva decolonial implica compreender os fenômenos sociais, culturais e historicamente situados no Sul, desde o Sul. Assim, entendemos que o caminho investigativo sobre o evento no contexto real passa pela busca do máximo possível de evidências em fontes múltiplas, como entrevistas, observações, documentos e artefatos.

---

do *estar-sendo* é própria ao latino-americano, já que nesses solos o *mero-estar* é prévio e predominante sobre o *ser*. Conforme Kusch, o humano se fecha à vida e seus sentidos acessíveis no modo de *mero-estar*, restringindo, assim, sua sensibilidade ao outro e a si mesmo, pois na busca de *ser-alguém* resta uma insatisfação ansiosa que sempre busca e nunca se adéqua. Segundo Kusch, é o de perder o já frágil papel que traz a falsa sensação de se *ser-alguém*. Para o autor, as crises econômicas e a instabilidade política comuns em nosso continente afetam a empregabilidade, que é uma das formas onde o indivíduo tem a sensação de continuidade histórica. O clima competitivo incentivado por políticas neoliberais termina por formar uma classe média ansiosa ao tentar *ser* mais do que seu papel e ao mesmo tempo angustiada por perder o papel e não *ser* mais.

[94]"Gramar" – significa comer grama; sofrer para conseguir o resultado; nunca desistir da jogada; persistir sempre no jogo até o final.

5.2 “Gol de bicicleta” [Inserção temática]

Iniciamos o clássico realizando uma pesquisa empírica – um “gol de bicicleta”[95] –, visando a familiarizarmo-nos com o problema da partida principal, tendo como temática investigativa a formação no futebol e a formação escolar. Para tanto, verificamos se o assunto está contemplado nas ementas e nas bibliografias básicas das disciplinas de futebol, de cursos de licenciatura em Educação Física de IES da Região Metropolitana de Porto Alegre. Essa pesquisa, abrangendo a análise de nove cursos de licenciatura em EF, “abriu uma avenida”[96] para a nossa partida principal. A coleta dos dados começou em 2017, realizada em *sites* das instituições e em contato com coordenadores dos referidos cursos, por meio de comunicação via telefone e *WhatsApp*. Como resultado da pesquisa, foram produzidos três artigos.

O primeiro artigo, intitulado “A universidade pós-colonial e o ensino do futebol nos cursos de licenciatura em Educação Física”, analisa as ementas das disciplinas de futebol, tendo sido apresentado no Congresso *Sociology of Law* 2019 e publicado nos anais do evento. Quanto aos resultados, em nenhum dos cursos pesquisados a temática formação futebolística e escolar estava contemplada nas ementas. A ênfase dos conteúdos recai na visão prática do futebol, isto é, os fundamentos técnicos, regras, metodologias de ensino e estratégias de jogo. Em conclusão, as ementas das disciplinas pesquisadas seguem o modelo tradicional de ensino do futebol, qual seja, foco no ensino tecnicista, formando um profissional que segue o modelo hegemônico vigente. Tal modelo tem como consequência futura a produção de sujeitos “pés de obra”, que passam a ser objetos nos domínios de investidores e de clubes, deixando de serem os responsáveis por administrar a própria força de trabalho.

Entendemos que a formação em EF tem como compromisso a transformação da sociedade, no sentido da instauração e sustentação de uma relação horizontal entre os seres humanos. Deve trazer uma concepção de educação que vise a transformação da pessoa humana no contexto social, entendida como o direito à vivência em uma sociedade democrática.

O segundo artigo, “A universidade moderna e o ensino do futebol nos cursos de licenciatura em Educação Física”, trata de bibliografias básicas das disciplinas de futebol e foi apresentado na SEFIC 2019, da Universidade La Salle, sendo publicado em seus anais. Em relação aos resultados, constatamos que na bibliografia básica de dois cursos (PA3 e SL) consta

[95]“Gol de bicicleta” – jogada na qual o jogador salta e, de costas para a direção em que quer chutar, deita o corpo no ar e joga a bola para trás, por cima da cabeça. Um gol lindo e muito difícil. É o famoso golaço. Fizemos essa analogia com a inserção na temática, porque, ao realizarmos uma pesquisa prévia nas IES de EF em relação às bibliografias e ementas da disciplina de futebol, marcamos um gol de bicicleta, isto é um golaço.

[96]“Abrir uma avenida” – realizar uma jogada ou um movimento ofensivo que abra espaço na defesa adversária.

o livro “Modernização da gestão no futebol brasileiro: perspectivas para a qualificação do rendimento competitivo”. Nesta obra, o professor e doutor em futebol Élio Carravetta (2006) se refere à temática pesquisada. É louvável que as duas instituições contemplem essa literatura na sua bibliografia básica da disciplina de futebol, pois a temática é um dos maiores problemas enfrentados na formação de jogadores no futebol brasileiro. Em relação às análises das bibliografias básicas das outras instituições, constatamos que a ênfase dos conteúdos está nos aspectos históricos, socioculturais, de treinamento técnico-tático-físico e metodologias. Dois cursos ainda incluem bibliografias de futsal. Os destaques das bibliografias estão relacionados à visão prática do futebol, o que leva a considerar estudantes-atletas como mercadoria.

O terceiro artigo – “O ensino do futebol nas licenciaturas dos cursos de Educação Física da Grande Porto Alegre/RS” – foi publicado na Revista Conhecimento & Diversidade, Niterói, v. 12, n. 26, p. 77-88, jan./abr. 2020. O artigo teve como temática investigativa a análise das ementas das disciplinas de futebol de nove cursos de licenciatura em Educação Física da Grande Porto Alegre/RS. Objetivamos verificar se está sendo contemplado o aspecto sociocultural do futebol, mais especificamente o protagonismo do afro-brasileiro no esporte. Os resultados mostraram que apenas três cursos abordam a história do futebol no viés do contexto sociocultural, todavia sem citarem o protagonismo do afro-brasileiro no esporte. Nos outros seis cursos aparecem, em suas ementas, somente a visão prática do futebol, abordando a tática, os fundamentos técnicos, as regras, as metodologias de ensino, planejamentos e estratégias de jogo. Os achados corroboraram a hipótese de que as ementas são compostas por conhecimentos e metodologias hegemônicas de ensino.

Defendemos que ensinar o futebol deva ir além das quatro linhas do campo de jogo. A formação em EF, do ponto de vista educacional, tem como compromisso a transformação da sociedade, no sentido da instauração e sustentação de uma relação horizontal entre os seres humanos. Nesse sentido, é mister pensar a formação de professores de EF na perspectiva da educação intercultural[97], diferente dos paradigmas da universidade moderna universalizante.

5.3 “Golaço” [Campo empírico]

O estudo foi realizado em três IES que possuem cursos de EF, na Região Metropolitana de Porto Alegre, e em três clubes de futebol do Rio Grande do Sul. A escolha dessas instituições

[97]A educação intercultural pressupõe superar o individualismo, os velhos discursos, as estruturas excludentes e as posturas discriminatórias em prol de um trabalho cooperativo, colaborativo, reflexivo e dialógico. (MUNSBERG; SILVA, 2018).

visou a atender interesse deste pesquisador, considerando que nesses locais tivemos facilidade de acesso, face ao bom relacionamento profissional com os coordenadores das instituições. Isso tem o efeito de um "golaço"[98].

Quanto a esse aspecto, nos reportamos a Umberto Eco (2006), no seu livro "Como se faz uma tese em ciências humanas", quando descreve que uma tese deve ser viável, compatível com as possibilidades do pesquisador em relação a tempo, local, tema, problema, entre outros. Também colocamos nessa discussão Walsh (2007, p. 111), pois ela entende que os espaços de formação devam ser

> [...] locais de pensamento que permitem transcender, reconstruir e superar as limitações impostas pela "ciência" e os sistemas de conhecimento (epistemologia) da modernidade. Lugares, que, ao mesmo tempo, colocam em debate, diálogo e discussão racionalidades lógicas e diversas". (tradução nossa).

No que tange aos critérios de escolha, as IES, além de estarem localizadas na Região Metropolitana de Porto Alegre, deveriam ter cursos presenciais de EF, currículo em que constem disciplinas que envolvam o desporto futebol e profissionais que ministrem a disciplina de futebol. Segundo Pimenta (1996), muitas pesquisas têm demonstrado que os cursos de formação inicial e continuada, ao desenvolverem seus currículos, mostram-se distanciados da realidade. A ênfase está na teoria, dissociada da prática. Escolhemos estas IES de EF por serem espaços formais de ensino do futebol e possuírem, em seus quadros, profissionais de EF, podendo contribuir no processo de formação de futuros profissionais do futebol. Para preservar a identidade das IES, adotamos as seguintes designações: IES1; IES2 e IES3. Já as instituições esportivas, os Clubes de Futebol (CF), além de estarem localizados no Estado do Rio Grande do Sul, deveriam possuir: profissionais formados ou que estejam cursando EF; equipe sub-16/17 que participe de campeonatos na categoria; equipe principal que participe da série A do campeonato gaúcho de futebol; e comissão técnica específica para a categoria sub-16/17. Para preservar o nome dos clubes de futebol, adotamos como identificação: CF1, CF2 e CF3.

Escolhemos profissionais de instituições esportivas que trabalham com a categoria sub-16/17, porque a partir desta faixa etária os treinos se tornam diários e têm uma maior cobrança do clube no âmbito da *performance* futebolística. Outra justificativa é porque no Brasil a Constituição Federal (1988) proíbe que menores de 14 anos trabalhem e, dos 14 aos 16 anos,

[98] "Golaço" – gol muito bonito, quando o jogador consegue finalizar utilizando sua criatividade, num momento inesperado. Fizemos analogia do golaço com o campo empírico, porque na escolha dos locais o professor/pesquisador/narrador recorreu à criatividade e às oportunidades mais acessíveis que foram disponibilizadas. Entendemos que essa prática foi um golaço na sua pesquisa.

somente como aprendizes. Portanto, qualquer projeto de prática do esporte promovido pelo clube com participação de menores de 14 anos deve possuir caráter educacional, evitando a seletividade e a hiper competitividade, como disposto na Lei Pelé (BRASIL, Lei nº 9.615/1998) e na Nova Lei Pelé (BRASIL, Lei nº 12.395/2011)[99], em seu artigo 3º inciso I (BRASIL, 1998a – 2011). Weineck (1999) não vê prejuízos para o jovem atleta nesta faixa etária, quando submetido a treinamentos específicos mais intensos, desde que esse aumento seja em menores proporções do que o treino de um adulto. Para o autor, é importante estar atento a todas as características físicas, mentais e psicológicas e suas inconstâncias típicas da adolescência, a fim de oferecer o trabalho mais adequado possível, sem o comprometimento da prática ótima do esporte futebol.

De acordo com o que estabelece a Lei Pelé nº 10.672/1998, em seu artigo 29, "[...] a entidade de prática desportiva formadora do atleta terá o direito de assinar com esse, a partir de dezesseis (16) anos de idade, o primeiro contrato de trabalho profissional, cujo prazo não poderá ser superior a cinco anos." O Clube de Futebol, no que tange às negociações com o atleta, tem o direito, como clube formador, à assinatura do primeiro contrato profissional com esse atleta.

De outra parte, conforme Costa (2000, p. 65), "[...] nesta faixa etária, dos 15 aos 17 anos, os adolescentes pensam, dizem e fazem podendo transcender os limites do seu entorno pessoal e familiar e influir no curso dos acontecimentos da vida comunitária e social mais ampla." Nessa faixa etária, segundo Bergamin (2007), existe desenvolvimento do senso crítico à sociedade e seus valores, e, em geral, esses jovens gostam de se envolverem em grupos e é também comum o início da vida sexual. É período de mudanças, um novo corpo e construção de uma nova autoimagem, circunstâncias que favorecem o entendimento, pelos estudantes, das propostas da escola e do clube.

Considerando o exposto, a escolha dessa faixa etária para intervenção com os participantes da pesquisa que trabalham com esses jovens se justifica, corroborada pelo fato de que várias pesquisas[100] sobre a temática formação no futebol mostram que é nesta faixa que acontece uma maior defasagem escolar. Além disso, é nesta faixa etária que os clubes estabelecem um "contrato de trabalho" com esses jovens, tornando-os "patrimônio do clube".

[99]A lei Pelé, de 1998, institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. Em seu artigo 29 consta: § 2º É considerada formadora de atleta a entidade de prática desportiva que: I - forneça aos atletas programas de treinamento nas categorias de base e complementação educacional; e (Incluído pela Lei nº 12.395, de 2011).

[100]Oliveira, Balzano e Morais (2017); Melo, Soares e Rocha (2014); Rocha *et al.* (2011); Marques e Samulski (2009).

5.3.1 "Catimba" [Os contatos com as instituições]

Utilizamos o termo "catimba"[101], no que se refere aos contatos com as instituições, porque tivemos muitas "idas e vindas", "encontros e desencontros" de horários e compromissos com as instituições e seus responsáveis. Numa partida de futebol chamamos a estas situações de "catimba", quando o adversário quer atrasar o jogo de forma intencional. Mas na pesquisa, sabemos que esses atrasos acontecem por circunstâncias de compromissos do professor/pesquisador/narrador e/ou dos participantes.

O primeiro passo para a realização da partida principal, em relação a investida no campo empírico, foram contatos com os coordenadores de EF das IES e das categorias e base dos clubes de futebol, o que ocorreu via *WhatsApp*, em julho de 2019. No primeiro contato pessoal com os coordenadores das instituições, levamos a carta de apresentação (Apêndice A) para informar a finalidade do estudo e convidar os possíveis participantes da pesquisa para participar da partida principal. Também apresentamos um termo de consentimento (Apêndice B) aos coordenadores com intuito de formalizar a participação da instituição no estudo e nosso acesso às instituições.

O segundo passo, foi o recebimento da carta de aceite (Apêndice C)[102] dos coordenadores das instituições. Foram contatadas cinco IES de EF, sendo que quatro aceitaram participar da pesquisa. Mas, durante o processo da pesquisa uma das instituições foi retirada, por problema de ordem interna da instituição, restando três IES para participar do trabalho. Em relação aos CFs dos cinco convidados, três aceitaram, mas sem nenhuma razão aparente, um dos clubes parou de responder aos contatos e foi retirado do projeto, ficando dois. A partir do desligamento de um dos clubes, convidamos um sexto clube, localizado na região sul do Estado, que prontamente atendeu nosso convite. Desta forma, três clubes a participaram do estudo.

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo comitê de ética de duas IES de EF, via plataforma Brasil. A primeira foi a IES3: CAAE – 19579019.2.0000.5307; Parecer n. 3.622.692. O pesquisador atendeu a todas as recomendações do Parecer nº 3.568.544. O Projeto foi aprovado em 04/10/2019. A segunda foi IES1: CAAE – 19579019.2.3001.5308; Parecer nº 3.751.358. O projeto está aprovado conforme a Resolução nº 466/12 do CNS, em 20/11/2019.

Após aprovação do Comitê de Ética da IES3, retomamos os contatos com as instituições e realizamos nossa primeira entrevista no dia 29/10, às 8h30min, com o coordenador de EF da IES3. Por fim, contatamos com a IES1, após aprovação pelo comitê de ética da instituição.

---

[101]"Catimba" – atitudes adotadas por jogadores para atrasar o jogo ou deixar os adversários nervosos.
[102]Colocamos no apêndice C um exemplo de Carta de Aceite das instituições.

5.4 “Gol olímpico” [Os participantes da pesquisa]

O número de jogadores da equipe[103] – participantes da pesquisa – que escalamos para compor nosso “escrete”[104] e participar da partida principal, foi de dezessete profissionais de EF – um “gol olímpico”[105]. Os participantes foram distribuídos da seguinte forma: três professores de EF de IES que ministram ou ministraram disciplinas de futebol; três coordenadores de EF, que ministram ou ministram a disciplina de futebol na IES; quatro treinadores da categoria sub-16-17 de CFs; três preparadores físicos da categoria sub-16-17 de CFs; dois coordenadores técnicos dos CFs que trabalham com a categoria sub-16-17; e dois coordenadores gerais das categorias de base dos CFs. Para preservar a identidade das instituições e dos profissionais de EF participantes da pesquisa, utilizamos letras e números para identificá-los. Letras para designar a função do jogador e depois o local do trabalho, se na IES ou no CF. Utilizamos números para diferenciar as instituições.

A seguir, relacionamos instituições e profissionais: CoEF-IES1 – coordenador de Educação Física da Instituição de Ensino Superior 1; PF-IES1 – professor de futebol da Instituição de Ensino Superior 1; CoEF-IES2 – coordenador de Educação Física da Instituição de Ensino Superior 2; PF-IES2 – professor de futebol da Instituição de Ensino Superior 2; CoEF-IES3 – coordenador de Educação Física da Instituição de Ensino Superior 3; PF-IES3 – professor de futebol da Instituição de Ensino Superior 3; CGCB-CF1 – coordenador geral das categorias de base do clube de futebol 1; CoT-CF1 – coordenador técnico das categorias sub-16 e sub-17 do clube de futebol 1; TF17-CF1 – treinador da categoria sub-17 do clube de futebol 1; PF17-CF1 – preparador físico da categoria sub-17 do clube de futebol 1; TF16-CF1 – treinador da categoria sub-16 do clube de futebol 1; PF16-CF1 – preparador físico da categoria sub-16 do clube de futebol 1; CoT-CF2 – coordenador técnico da categoria sub-17 do clube de futebol 2; TF17-CF2 – treinador da categoria sub-17 do clube de futebol 2; CGCB-CF3 – coordenador geral das categorias de base do clube de futebol 3; TF17-CF3 – treinador da

[103]São os personagens que compõe uma equipe de futebol. Denominamos os participantes da pesquisa de jogadores de futebol, porque eles serão os principais componentes do trabalho, bem como os jogadores que formam uma equipe de futebol.

[104] Seleção de jogadores para uma equipe.

[105]“Gol olímpico” – gol marcado em cobrança direta de um escanteio. Um gol muito difícil de fazer. Tem esse nome porque o primeiro gol marcado dessa maneira ocorreu nos Jogos Olímpicos de 1924, na Antuérpia, por um jogador uruguaio. Fizemos analogia do gol olímpico com os participantes da pesquisa, porque entendemos que esse é um gol difícil de realizar e a escolha dos participantes também foi um momento difícil da pesquisa. Muitos foram contatados, outros tantos demoraram para responder, várias foram as “idas e vindas”. Nesse aspecto, quando conseguimos o “time completo”, entendemos ter marcado um gol olímpico, de extrema dificuldade, mas de muita beleza.

categoria sub-17 do clube de futebol 3; PF17-CF3 – preparador físico da categoria sub-17 do clube de futebol 3.

Conforme Santos (2000), é importante que cada sujeito reconheça o seu papel como integrante de um grupo social que pode questionar o mundo como ele se apresenta, mas que precisa entender este mundo. A partir daí, a ação social do conjunto da população pode fazer a diferença. O poder local constitui-se a partir da força do lugar. Os jogadores da equipe foram escolhidos para a partida principal, porque suas funções de poder[106] podem ser exercidas por profissionais de EF. E o professor de futebol como formador de profissionais em EF, tem interesse em discutir suas conclusões da pesquisa "com" esses profissionais. E, futuramente, compartilhar "com" outros formadores de jovens atletas.

Continuando com a intenção de uma escrita metafórica relacionada às práticas do futebol, criamos uma figura, distribuindo os jogadores da equipe num campo de futebol e denominamos funções específicas do futebol para representá-los.

Figura 15 – O escrete – jogadores da equipe [Participantes da pesquisa]

Fonte: Autoria própria (2020).

A figura do escrete (Figura 15) foi criada pelo professor/pesquisador/narrador para representar a posição dos participantes da pesquisa. Distribuímos nossos jogadores no sistema

[106] Segundo Van Dijk (1999), os grupos que têm (mais ou menos) poder, são os capazes de controlar (mais ou menos), em seu próprio interesse, atos e mentes de (membros de) outros grupos. Esta habilidade pressupõe um poder básico consistente em um acesso privilegiado a recursos sociais escassos, como força, dinheiro, status, fama, conhecimento, informação, "cultura", ou mesmo várias formas de discurso público e comunicação.

tático 1.4.3.3, sistema clássico no futebol brasileiro da década de 70, quando este pesquisador começou a dar os primeiros chutes na bola.

5.4.1 O "goleiro capitão" [O coordenador geral das categorias de base do clube de futebol]

O termo capitão é aplicado para o jogador líder da equipe, correspondente ao coordenador geral, porque a este profissional competem muitas tarefas gerenciais e de poder num clube de futebol. Muitas vezes, é visto por seus funcionários como autoritário. O coordenador geral das categorias de base de um clube de futebol, representado metaforicamente pelo "goleiro capitão"[107], tem como função a coordenação e elaboração, juntamente com as comissões técnicas, do planejamento macro do clube, bem como dos planos de expectativas e manuais de treinamento.

Para Frisselli e Mantovani (1999), esse profissional trabalha na execução, controle e avaliação do treinamento de todas as categorias do clube, dos que estão em formação aos profissionais. É responsável pela seleção e avaliação dos profissionais que irão compor as comissões técnicas e equipes de apoio. Juntamente com o médico, seleciona profissionais como fisiologista, fisioterapeuta etc. Além disso, é também responsável pela elaboração de planos de carreiras, bem como meios e materiais necessários para uma constante reciclagem e desenvolvimento profissional dos membros das diferentes comissões superiores e/ou gerentes.

5.4.2 O lateral "Armandinho" [O coordenador técnico de clube de futebol]

O coordenador técnico – lateral "Armandinho"[108] – foi escolhido para participar da partida principal porque possui a função de facilitar e fazer funcionar, na forma e no conteúdo, cada aspecto do trabalho técnico esportivo de maneira integrada – trabalho interdisciplinar –, com uniformização de diretrizes e princípios, estimulando o desempenho e a produtividade de todos os envolvidos no complexo processo de funcionamento de um departamento de futebol ou de uma comissão técnica.

Segundo Barrionuevo (2007), em alguns casos, dependendo do perfil dos profissionais e do clube, podemos estender estas funções técnicas às dimensões administrativas e mesmo

[107]"Goleiro capitão" – o capitão de uma equipe de futebol é um membro do time escolhido para ser o líder desta. Tem a função de dirigir a equipe dentro de campo e de conversar com o árbitro sobre as regras do jogo.

[108] Lateral "Armandinho" – atacante que joga recuado, fugindo da área adversária, tendo como característica a armação do jogo.

políticas, pois o coordenador técnico e o de *performance* podem também fazer a interface com a direção do clube e os funcionários administrativos, facilitando o alcance de um rendimento ótimo sustentado por meio de um canal de comunicação mais específico entre direção, comissões técnicas – incluídas aqui as categorias de base –, funcionários e atletas das diversas categorias.

A participação do lateral "Armandinho" é importante para o clássico, pois ele permeia todas as equipes de formação do clube, conhece os atletas, empresários, familiares e outros profissionais, além de conhecer as parcerias com outras instituições, no que tange à melhoria da *performance* das categorias de base.

5.4.3 O zagueiro "*beque de fazenda"* [O preparador físico *das categorias sub-16 ou sub-17* do *clube de futebol]*

O preparador físico – zagueiro "beque de fazenda"[109] – foi indicado para participar da partida principal porque, além de treinar a capacidade física dos atletas, este profissional muitas vezes está mais perto e ganha a confiança dos jogadores, mais que os próprios treinadores, pois não tem a função de escalar, dispensar e substituir atletas. Em muitos casos, o zagueiro beque de fazenda torna-se conselheiro no dia a dia dos atletas. Foi adjetivado como zagueiro beque de fazenda por exigir muito dos atletas nos aspectos físico e psicológico, muitas vezes cobrando em excesso dos jogadores.

No "meio do futebol" existe uma máxima diferente sobre a formação de quem deve atuar como treinador, que é a função de preparador físico. No futebol, só devem exercer esta função profissionais formados na área de EF.

Segundo Matta, Bara Filho e Coimbra (2008), cabe a esse profissional a aplicação de testes físicos, o controle das cargas dos treinos, o equilíbrio entre as capacidades físicas a serem treinadas, a economia de energia, a recuperação pós-exercício, o aquecimento específico para o treino e para o jogo, a periodização durante a temporada e, ultimamente, o *scout* físico durante os jogos.

[109] Zagueiro "beque de fazenda" – jogador de defesa bruto, que costuma tirar a bola do atacante com uso de jogadas duras ou violentas. Fizemos a analogia do termo com os preparadores físicos, pois estes têm a função árdua e antipática de preparar fisicamente os atletas, muitos dos quais não gostam de realizar trabalhos físicos.

5.4.4 O volante "catimbeiro" [O coordenador de EF das IES]

O volante "catimbeiro"[110] representa o coordenador de EF das IES. É a pessoa que gerencia, coordena e supervisiona todas as atividades relacionadas com o processo de ensino e aprendizagem, visando sempre à permanência do aluno com sucesso.

Conforme Almeida e Placco (2003), este profissional tem que ir além do conhecimento teórico, pois, para acompanhar o trabalho pedagógico e estimular os professores, é preciso de percepção e sensibilidade para identificar as necessidades dos estudantes e professores. Para isto, tem que se manter sempre atualizado, buscando fontes de informação e refletindo sobre sua prática. Para os autores, as relações interpessoais permeiam a prática do coordenador que precisa articular-se com as instâncias universidade, professores e estudantes. Na parceria universidade/estudantes, esse profissional deve estreitar esses laços e mantê-los, visando à formação efetiva dos educandos, à medida que cada instância assume seu papel social nessa relação indispensável e intransponível. Normalmente o volante "catimbeiro" está sempre facilitando o jogo, pois conhece os problemas dos estudantes, dos professores e da instituição.

5.4.5 O meia armador "curinga" [O professor de futebol das IES de EF]

Escolhemos o meia armador "curinga"[111], que ministra a disciplina de futebol, por entendermos que é formador dos futuros técnicos, dos coordenadores técnicos e dos preparadores físicos que orientarão e formarão os futuros atletas de futebol. Segundo Gomes (2004), o sucesso da educação dos estudantes depende muito da capacidade do professor. Dentre as características do dito bom professor estão o talento pedagógico, a firmeza e o entusiasmo.

Entendemos que os meias armadores "curingas", dada a natureza de sua prática pedagógica, poderão contribuir para a formação de indivíduos autônomos e críticos, capazes de formular seus próprios juízos de valor e decidir, por si mesmos, como agir em diferentes circunstâncias da vida. Os curingas na IES são aqueles jogadores que fazem o papel do jogador "formiguinha"[112], fundamentais na equipe de trabalho dos cursos de EF, contribuindo de diversas formas para o curso, tais como: reconstrução cultural do futebol, realização de eventos

[110] Volante "catimbeiro" – jogador manhoso, que faz catimba (deixar o jogo lento, levar na experiência). Entendemos que a experiência e o jogo de cintura sejam fundamentais para esse cargo e os associamos às características desse tipo de jogador.
[111] Meia armador "curinga" – jogador capaz de atuar em diversas posições no time.
[112] Jogador "Formiguinha" – jogador que anda na defesa e no ataque a todo o momento.

esportivos na instituição, como treinador das equipes de futebol da instituição e, também, por trabalhar com a disciplina que se relaciona com à cultura da sociedade brasileira.

Para Polito (2009), os professores de EF que trabalham com futebol, além de conhecer o desporto de maneira específica, muitas vezes, possuem conhecimentos em fisiologia, anatomia, biomecânica, pedagogia, aprendizagem motora, nutrição, psicologia, sociologia, medicina do esporte e antropologia do esporte. Temos convicção de que "bons professores" marcam profundamente a vida de seus estudantes.

5.4.6 O atacante "craque" [O treinador das categorias sub-16 ou sub-17 de clube de futebol]

O atacante "craque"[113] do time de futebol está sempre na "zona do agrião"[114], pois esse profissional é o responsável pela organização da equipe, elaboração dos treinamentos e muitas vezes faz o papel de pai, irmão, professor e amigo dos sujeitos "pés de obra". Para Gomes (2004), a principal figura em todo trabalho educativo é o treinador, que não se limita à sua função educativa, ou seja, somente à orientação do atleta no treinamento e na competição. Esse profissional, além de ser um especialista em futebol, precisa entender de evolução psicobiológica do ser humano, pois vai lidar com a atividade física dos jovens ainda em formação.

Conforme Santana (1996), o técnico de futebol é aquele que trabalha com jovens em clubes e equipes competitivas (participam de campeonatos oficiais). Esclarece que este profissional deve possuir competência técnica, compromisso político e domínio das dimensões técnicas, humanas e sócio-políticas, para que possa assumir a função fundamental de atuar no período em que o esporte é introduzido na vida do jovem. Segundo Marques (2002), o treinador, mesmo no desporto profissional, exerce uma função pedagógica importantíssima. Através de sua ação, ele educa e forma homens: os desportistas, os dirigentes, os espectadores.

---

[113] Atacante "craque" – jogador de grandes qualidades técnicas e táticas. Jogador que joga fino e elegante, que joga bonito. Fizemos analogia do craque do time com o treinador, pois ele é o jogador mais famoso do time. Em relação a nossa pesquisa, ele é quem trabalha diretamente com os sujeitos "pés de obra", daí sua denominação de craque.

[114] "Zona do agrião" – local pantanoso, portanto perigoso para pisar. Em analogia, grande área, local onde ocorrem as jogadas importantes para o ataque e para a defesa.

5.4.7 O "bandeirinha" [Os critérios de inclusão para escolha do escrete]

Nesta seção, o "bandeirinha"[115] simboliza os critérios para a escolha rigorosa dos integrantes do escrete, especificados, a seguir, para IES e CF.

a) Critérios para escolha dos participantes das IES em EF:
   - Ter formação em EF com, no mínimo, nível de mestrado;
   - Estar vinculado ao quadro de pessoal do curso de EF da IES localizada na Região Metropolitana de Porto Alegre que participará do estudo;
   - Trabalhar ou ter trabalhado como professor das disciplinas de futebol no curso de EF da IES;
   - Ter, na sua formação, evidências de participação esportiva ou inicial no futebol;
   - Ter disponibilidade em participar da partida principal.

b) Critérios para escolha dos participantes dos Clubes de Futebol:
   - Devem ter ou estar em processo de formação – já ter concluído a disciplina de futebol – no curso de EF;
   - Integrar o quadro pessoal do CF localizado no estado do Rio Grande do Sul;
   - Trabalhar com a categoria sub- 16 ou 17 do CF localizado no estado do Rio Grande do Sul e a equipe principal participar do Campeonato Gaúcho da série A de futebol;
   - Desenvolver a função de coordenação geral, coordenação técnica, preparador físico ou treinador da categoria sub- 16 ou 17 do clube;
   - Ter disponibilidade em participar da partida principal.

O Quadro 1, na próxima página, apresenta uma síntese do perfil dos integrantes do escrete da partida principal, participantes da pesquisa.

Os jogadores/participantes estão distribuídos nos seguintes cargos na partida principal: três coordenadores de EF de IES, três professores de futebol nas IES, quatro treinadores de futebol das categorias sub-16 e 17, três preparadores físicos de futebol das categorias sub-16 e 17, dois coordenadores técnicos de futebol das categorias sub-16 e 17 e dois coordenadores gerais de base de futebol.

Em relação ao sexo dos jogadores/participantes, o clássico conta com duas jogadoras e quinze jogadores. Esses dados ainda indicam, apesar da pequena amostragem, que o meio do

[115] O "Bandeirinha" – auxiliar do juiz que usa uma pequena bandeira para indicar infrações que observou. Relacionamos o "bandeirinha" com os critérios de inclusão para escolha do "escrete", pois essa função no futebol deve ser rigorosa, principalmente a marcação de impedimentos.

futebol é dominado por homens. Em alguns cargos, como os de professor de futebol, preparador físico e técnico de futebol, o predomínio do sexo masculino é quase que absoluto.

Quadro 1 – Perfil dos jogadores participantes da partida principal

Cargo	Sexo	Idade	Cidade	Formação Acadêmica	Tempo de Graduação	Tempo de trabalho com Futebol
CoEF-IES1	M	47	POA	DOUTOR	26 anos	26 anos
PF-IES1	M	64	POA	MESTRE	41 anos	44 anos
CoEF-IES3	M	58	Canoas	MESTRE	35 anos	37 anos
PF-IES3	M	31	Esteio	MESTRE	8 anos	8 anos
CoEF-IES2	F	37	POA	DOUTORA	13 anos	5 anos
PF-IES2	M	60	POA	ESPECIALISTA	37 anos	5 anos
CGCB-CF1	M	35	POA	ESPECIALISTA	13 anos	17 anos
CoT-CF1	F	33	POA	ESPECIALISTA	10 anos	10 anos
TF17-CF1	M	38	Rio Pardo	GRADUADO	10 anos	13 anos
PF17-CF1	M	33	POA	ESPECIALISTA	10 anos	11 anos
TF16-CF1	M	46	POA	ESPECIALISTA	17 anos	24 anos
PF16-CF1	M	34	Uruguaiana	ESPECIALISTA	10 anos	13 anos
CoT-CF2	M	32	São Leopoldo	GRADUADO	4 anos	7 anos
TF17-CF2	M	44	São Leopoldo	GRADUADO	12 anos	5 anos
CGCB-CF3	M	39	Pelotas	MESTRE	10 anos	13 anos
TF17-CF3	M	29	Pelotas	GRADUANDO 8º sem.	-	9 anos
PF17-CF3	M	32	Restinga Seca	MESTRE	10 anos	2 anos

Fonte: Autoria própria (2020).

A faixa etária dos jogadores/participantes apresenta como idade mínima um jogador atacante com 29 anos e como idade máxima, um jogador meio campo, de 64 anos. A média de idade dos jogadores é de 47,7 anos. Percebemos que a idade não influencia no cargo que ocupam. Todavia, parece que o PF-IES3 apresenta um diferencial em seu cargo, apesar da pequena amostragem e do conhecimento que o professor de futebol tem de outras IES em EF. Para comprovarmos essa hipótese, é importante pesquisar em um número maior em IES de EF.

No que diz respeito às cidades de origem dos jogadores: oito são de Porto Alegre, dois de São Leopoldo, dois Pelotas e um de cada uma das cidades de Canoas, Esteio, Rio Pardo, Uruguaiana e Restinga Seca. Observamos que os jogadores/participantes são oriundos de diversas regiões do Estado do RS, com maioria natural da capital local, que conta com maior número de IES em EF. Essa pequena amostragem das cidades indica que para trabalhar no futebol não interessa a localidade.

Em relação à formação acadêmica dos jogadores/participantes, temos dois doutores, cinco mestres, seis especialistas, três graduados e um graduando. Essa amostra evidencia que a formação continuada é importante para trabalhar no futebol.

O tempo de graduação dos jogadores/participantes tem uma variação muito grande. O grupo tem um jogador com 41 anos de graduação e um jogador ainda não graduado trabalhando no futebol. A média de graduação dos jogadores é de 15,6 anos. Seis jogadores possuem dez anos de graduação. Verificamos, apesar da pequena amostra, que o cargo de preparador físico no futebol exercido pelos jogadores/participantes com menor tempo de graduação. Esse resultado está ratificando algumas opiniões da sociedade do futebol, como a de que os profissionais formados em EF têm espaço para trabalhar como preparadores físicos no futebol.

Quanto ao tempo de trabalho com o futebol: um professor de futebol trabalha há 44 anos e um preparador físico trabalha há dois anos. Levantamento sobre esta questão indica que a média dos jogadores/participantes dedicados ao trabalho com o futebol é de 14,6 anos. Como curiosidade, o jogador TF17-CF3, que ainda está em processo de graduação, não é o que menos tem experiência com o futebol. Já os jogadores/participantes com mais idade são os que há mais tempo trabalham no futebol, o que demonstra que esses profissionais dedicaram grande parte de sua vida profissional ao futebol.

5.5 “Gol do meio da rua” [Instrumentos para a coleta de dados]

O conhecimento pode ser adquirido de várias maneiras, em diversas fontes, respeitando diferentes etapa. O pensamento deve ter uma âncora como ponto de partida e uma problematização anterior ao método, pois sem esta ordem dificilmente chegaremos a uma nova perspectiva.

Conforme Geraldi (2004), renunciar à ideia de um método único que nos conduza sempre à verdade, e que a garanta, não implica de nenhuma maneira que estamos dispostos a desistir de instrumentos, técnicas e procedimentos. Só indica que não preferimos o método à experiência, que não cremos que haja um só caminho ou um só dispositivo adequado para pensar, explorar, inventar e conhecer. Adotamos, na partida principal, a hibridização como alternativa, uma vez que acreditamos, como Calderón e Guedes (2017, p. 9), que pesquisadores “engajados” com a opção decolonial “[...] comungam com as propostas de estudar ‘com’ uma multiplicidade de métodos sem perder a criticidade e levar em consideração o *lócus* de enunciação para trazer contribuições que vão ao encontro de uma postura decolonial Latino-Americana.”

Nesse sentido, arriscamos o "gol do meio da rua"[116], a utilização de múltiplos instrumentos na partida principal foram: a entrevista semiestruturada, o diário de campo, a observação participante, a análise documental e a leitura de imagens. Com o objetivo de chegar à análise de resultados, entendíamos que naquele momento do jogo precisávamos valorizar a "posse de bola"[117], isto é, trocar passes entre os instrumentos, selecionar as melhores jogadas para ficar com a bola e garantir o melhor resultado, o que significa chegar à vitória – a tese.

5.5.1. "Gol com bola e tudo"[118] *[Entrevista semiestruturada]*

Autores destacam a entrevista como um dos principais instrumentos de coleta de dados em pesquisa qualitativa. Negrine (1999, p. 73) diz que a finalidade da entrevista está em permitir o aprofundamento das questões e esclarecer os problemas observados. Ressalta:

Se constitui em estratégia utilizada para obter informações frente a frente com o entrevistado o que permite, ao entrevistador, o estabelecimento de um vínculo melhor com o indivíduo e maior profundidade nas perguntas que previamente elaborou como roteiro.

Na entrevista semiestruturada existe um roteiro básico que permite a interferência do pesquisador para complementar informações, como a formulação de perguntas que não estavam previstas e que surgiram no decorrer da entrevista. (NEGRINE, 1999). De acordo com Manzini (2003), o roteiro tem várias funções, sendo uma das principais, auxiliar o entrevistador a buscar informações sobre o objetivo da pesquisa, na sua forma de condução.

Realizamos três entrevistas[119] piloto com profissionais de EF que tinham experiência na universidade e no clube, para auxiliar na adequação do roteiro de perguntas e servir de ensaio e familiarização com a arte de entrevistar. Essas entrevistas serviram como um "amistoso"[120] para o clássico. Os primeiros contatos com possíveis participantes da pesquisa foram realizados via WhatsApp. As entrevistas com os três profissionais que aceitaram participar do estudo

[116] "Gol do meio da rua" – gol marcado com um chute de longe do gol, uma das jogadas mais difíceis no futebol. Fizemos essa relação com instrumentos da pesquisa porque é um momento difícil na investigação, bem como um gol do meio da rua no futebol.

[117] Valorizar a posse da bola significa ficar com a bola para fazer o tempo passar, trocando passes entre os companheiros para segurar o resultado positivo.

[118] "Gol com bola e tudo" – Fizemos essa analogia do "gol com bola e tudo" e a entrevista semiestruturada, pois, entendemos que acertamos "em cheio" com esse instrumento para o modelo de pesquisa proposto. Esse instrumento, na nossa opinião, é o que mais atende as nossas necessidades e questionamentos no trabalho. É como se fizéssemos um gol entrando com a bola na trave/goleira, sem ninguém a impedir.

[119] Este trabalho serviu como artigo para avaliação final da disciplina de Seminário V do PPG em Educação da Universidade La Salle.

[120] Jogo que não vale pontos para torneio ou campeonato.

foram realizadas entre os dias 9/4 e 10/5/2019. A entrevista com o professor 1 (P1)[121] ocorreu no dia 9/4, às 11h, em uma sala de aula da instituição 1 entrevista com P2, dia 12/4, às 9h, na sala da coordenação de EF da instituição 2; a entrevista com P3 ocorreu dia 10/5, às 9h30min, em uma sala de aula da instituição 3. Cada entrevista durou em torno de 30 minutos e utilizamos um celular da marca Samsung Galaxy G16 para a gravação. A transcrição das entrevistas foi realizada via áudio do google chrome.

A partir do trabalho piloto, escolhemos a entrevista semiestruturada, por entender que melhor se adapta ao desenho de investigação proposta. Essa técnica permite um maior contato do pesquisador com o entrevistado e, ao mesmo tempo, a interferência do pesquisador para o complemento das informações por meio de novas perguntas. Desta forma, faremos uma tabelinha[122] entre os jogadores/participantes e o professor/pesquisador/narrdor, que possibilita fazer um "gol com bola e tudo".

5.5.1.1 "Drible da vaca" [Procedimentos nas entrevistas semiestruturadas]

Depois da realização do projeto piloto, adequamos junto com o juiz principal[123]/orientador, nosso roteiro de perguntas conforme (Anexo 1) para as entrevistas semiestruturadas, numa estratégia de "drible da vaca"[124]. As perguntas tinham ênfase: na formação dos jogadores/participantes; na metodologia de trabalho utilizada; na relação sujeitos "pés de obra"/escola e jogar futebol; nos preconceitos relacionados ao futebol; nas dificuldades de trabalhar com o futebol; e nas alternativas para resolução desses problemas.

Após a aprovação do Comitê de Ética da IES3, no dia 03/10/2019, começamos a organizar as entrevistas, isto é, "abafamos a bola"[125]. A primeira entrevista ocorreu no dia 29/10/19, com CoEF-IES3, às 8h30min, na sala da coordenação de EF. Utilizamos um celular da marca Samsung Galaxy G16 para gravar todas as entrevistas, bem como nosso diário de campo para anotar situações que consideramos relevantes para a partida principal e reflexões importantes.

---

[121] Para preservarmos o anonimato, utilizamos P1, P2 e P3 para os profissionais e I1, I2 e I3 para as instituições.

[122] Troca rápida e eficiente de passes entre jogadores de um mesmo time. Utilizamos este termo para ilustrar a entrevista semiestruturada, pois na entrevista ocorre uma espécie de tabelinha entre os sujeitos investigados e o entrevistador.

[123] Juiz principal – nome popular dado ao árbitro principal do jogo. Estabelecemos essa relação com o orientador da pesquisa, pois é ele quem vai avaliar o que está certo ou errado na partida principal – a tese.

[124] "Drible da vaca" – quando o jogador chuta a bola por um lado do adversário e passa pelo outro lado, pegando-a logo adiante. Relacionamos entrevista com o "drible da vaca", por entendermos que os procedimentos realizados nas entrevistas se assemelham: realizamos um drible e pegamos a bola adiante.

[125] "Abafar a bola" – exercer pressão sobre o time adversário, com bolas pelo alto, por baixo; não deixar o adversário respirar, nem sair da defesa até conseguir marcar um gol.

Passos para realização das entrevistas, “abrindo o jogo”[126]:

1º passo: Cumprimentávamos o jogador, falávamos sobre o objetivo do trabalho e como realizaríamos a entrevista.

2º passo: Mostrávamos o TCLE, o “jogador lia” e, na concordância com o termo, ambos assinávamos.

3º passo: Apresentávamos o roteiro de perguntas para o jogador, durante cinco minutos, para que se ambientasse com as perguntas, enquanto preenchíamos a primeira folha do roteiro com alguns dados do jogador.

4º passo: Após uma leitura rápida das perguntas pelo jogador, perguntávamos se ele se sentia à vontade para responder, e, após o aceite, começávamos a entrevista.

5º passo: Iniciávamos com perguntas relacionadas à formação do jogador e depois sobre a metodologia de trabalho. Ingressávamos diretamente na temática da pesquisa a partir da oitava pergunta. Quando não ficávamos satisfeitos ou queríamos explorar mais o jogador, fazíamos perguntas complementares sobre a temática. Essas perguntas variavam de jogador para jogador, consideradas as respostas anteriores.

6º passo: No final da entrevista, agradecíamos ao jogador e perguntávamos como se sentiu na entrevista e se queria complementar ou comentar alguma resposta.

7º passo: No mesmo dia, já em casa, transcrevíamos as entrevistas, ouvindo as gravações.

8º passo: Depois de transcrever as entrevistas, selecionávamos as falas e organizávamos em cinco grandes blocos temáticos, de acordo com os objetivos da partida principal: bloco 1 - Formação e vivências; bloco 2 - Modelo epistêmico; bloco 3 - Relação escola x futebol, suas razões e efeitos; bloco 4 - Preconceitos e dificuldades; bloco 5 - Alternativas para solução de problemas.

9º passo: Nessa etapa, subdividimos os cinco grandes blocos temáticos em quatorze temas. Esses temas ficaram dentro de quatro amplos eixos. Eixo 1 análise individual: 1.1 formação esportiva e no futebol, 1.2 vivências no futebol, 1.3 métodos de trabalho, 1.4 referências no futebol, 1.5 liberdade para escolher conteúdos, e 1.6 a importância do futsal. Eixo 2 análises por função: 2.1 a formação inicial e continuada em EF, 2.2 as razões da dificuldade de conciliar escola e futebol, 2.3 os efeitos do abandono da escola. Eixo 3 análises por orientação profissional/social/cultural (futebol ou universidade): 3.1 as dificuldades no seu contexto do futebol, 3.2 os preconceitos no futebol. Eixo 4 alternativas para solução de

[126] “Abrir o jogo” – lançar a bola para as laterais do campo; jogar pelas pontas, dar amplitude ao jogo, clarear a jogada.

problemas: 4.1 alternativas para conciliar escola e futebol, 4.2 alternativas para dirimir as dificuldades no contexto do futebol, 4.3 alternativas para combater os preconceitos no futebol.

Diferenciamos as entrevistas dos jogadores por cores. Um exemplo de transcrição das entrevistas está no Anexo 2. Para um melhor entendimento do leitor, estruturemos a operacionalização das entrevistas no Quadro 2.

Quadro 2 – Operacionalização das entrevistas

Jogador	Insti-tuição	Data	Local	Duração e horário das entrevistas	Observações
Volante CoEF-IES3	IES3	29/10	Sala da coordenação de EF da IES3	28’41” 8h30min	Foi uma entrevista excelente e emocionante. O volante tinha muita experiência no esporte. Fomos interrompidos uma vez pela secretária do curso de EF. Foi emocionante porque o volante, no final da entrevista, emocionou-se e citou uma passagem de Paulo Freire que tinha em sua dissertação de mestrado. Quando finalizou a entrevista, o volante tirou uma cópia desta passagem e nos entregou.
Lateral CoT-CF2	CF2	30/10	Sala administrativa das categorias de base do CF2	18’24’’ 9h	A entrevista foi tranquila, sem nenhuma interferência, pois o clube estava vazio, era um dia chuvoso. No começo o lateral estava um pouco tenso, relatando que era sua primeira entrevista. Tentei deixá-lo mais à vontade, descontraindo em algumas perguntas. Com o transcorrer da entrevista, o lateral foi relaxando e tudo deu certo.
Atacante TF17-CF1	CF1	06/11	Banco de reservas do campo principal do CT das categorias de base do CF1	18’28” 11h30min	Foi uma ótima entrevista, pois o atacante tinha bastante experiência no futebol. O inusitado da entrevista foi o local onde a realizamos: o banco de reservas do campo principal do CT das categorias de base do clube. Tivemos a companhia de uma família de quero-quero. Outro problema que enfrentamos foi o calor. Naquele momento, devido ao grande fluxo de pessoas no clube, concluímos que aquele foi o melhor lugar para a entrevista.
Goleiro CGCB-CF1	CF1	13/11	Sala do coordenador geral das categorias no prédio administrativo do CT da base do CF1	39’29” 9h	O goleiro teve muita desenvoltura na entrevista. Entendemos que isso aconteceu porque já está acostumado a ser entrevistado pela imprensa esportiva. Foi uma entrevista muito rica. O goleiro falou de todos os projetos e objetivos do clube com as categorias de base. Ele demonstrou muito conhecimento do seu trabalho. Apesar de toda a burocracia

					para ingressar no clube, o goleiro abriu as portas para o professor/pesquisador.
Lateral CoT-CF1	CF1	13/11	Sala de reuniões no prédio administrativo do CT da base do CF1	47'02" 10h	Essa foi a entrevista mais longa. Uma ótima entrevista. Como curiosidade, a lateral foi a única mulher participante da pesquisa que trabalhava em clube de futebol. Esse fato motivou o professor/pesquisador a fazer mais perguntas, além das previstas no roteiro de trabalho.
Meia armador PF-IES3	IES3	16/11	Sala de professor do complexo esportivo da IES3	28' 11h30min	A entrevista foi um pouco conturbada. A todo momento os professores entravam na sala e atrapalhavam a entrevista. Tivemos que interromper quatro vezes, como também trocar de local na sala duas vezes. O meia armador parecia ser inexperiente, era seu primeiro semestre na instituição, estava um pouco tenso. Mas com paciência e tranquilidade, conseguimos concluir a entrevista.
Atacante TF17-CF2	CF2	18/11	Sala administrativa das categorias de base do CF2	21'10" 9h	Tivemos um pouco de dificuldade em entrevistar o atacante. Marcamos duas vezes, mas o atacante não conseguia ir ao encontro, apesar de já termos realizado uma observação no seu local de trabalho. Quando conversamos pela terceira vez por *WhatsApp*, ele relatou que estava nervoso para a entrevista. Tentei acalmá-lo, explicando que era uma tese de doutorado, mais uma vez, dizendo que seu nome e o da instituição não seriam abordados. Concluí afirmando que sua entrevista iria colaborar para o desenvolvimento do futebol nas categorias de base do RS. Após esse terceiro contato, conseguimos realizar a entrevista. No início, o atacante estava tenso. Buscamos descontraí-lo, falando de futebol profissional e, assim, reduzindo a tensão, realizamos a entrevista. No final "deu tudo certo".
Volante CoEF-IES1	IES1	22/11	Sala de aula da IES1	28'50" 11h30min	Entrevista tranquila. Rapidamente "quebramos o gelo", pois o professor/pesquisador já tem muita intimidade com o volante. A entrevista foi tão descontraída que, algumas vezes, tivemos que retomar o foco das perguntas.
Meia armador PF-IES1	IES1	25/11	Restaurante da IES1	17'41 12h30min	O meia armador foi muito atencioso, pois já tinha sido professor do professor/pesquisador na sua formação inicial. A maior dificuldade na entrevista foi o local, pois alguns estudantes passavam e queriam conversar com o meio campo, o que nos fez, algumas

					vezes, desligar o gravador e depois recomeçar.
Atacante TF16-CF1	CF1	27/11	Em um dos bancos que fica ao redor do campo de treinamento 4, do CT da base do CF1	33’22” 9h	Essa foi uma entrevista muito descontraída. O atacante, mais de 20 anos no clube, já tinha passado por todas as funções, o que colaborou significativamente com o trabalho. O local da entrevista era bucólico, pois tivemos a “parceria” de alguns pássaros, cujo canto ficou registrado no gravador, dando um fundo sonoro â entrevista.
Zagueiro PF16-CF1	CF1	27/11	Em um dos bancos que fica ao redor do campo de treinamento 4, do CT da base do CF1	15’01” 11h	Como curiosidade, esta foi a entrevista mais rápida, realizada também no mesmo local de TF16-CF/PA1. Desta vez os pássaros já não estavam no local. O zagueiro foi muito sucinto nas respostas e entendemos deveria estar cansado, pois acabara de terminar o treino. Levantamos a possibilidade de ele ir ao vestiário, tomar banho e depois realizaríamos a entrevista. Ele preferiu realizá-la naquele momento. O zagueiro foi ex-jogador de futsal, o que nos permitiu explorarmos mais esse assunto com ele.
Zagueiro PF17-CF1	CF1	27/11	Banco de reservas do campo principal do CT das categorias de base do CF1	38’12” 12h	Uma ótima entrevista, pois o zagueiro tinha boa experiência no futebol e vinha de uma família de professores de EF. O único problema que tivemos na entrevista foi que, naquele momento, um dos funcionários do clube estava cortando a grama do outro lado do campo. O ruído desconcentrava um pouco, mas não interferiu na gravação. Conseguimos explorar bastante a fala do zagueiro.
Meia armador PF-IES2	IES2	29/11	Sala de aula do curso de EF do IES2	33’10” 12h	Tivemos muita dificuldade para entrevistar esse meia armador. Fomos duas vezes à IES/PA2 – apesar de ter marcado com antecedência – e o meio campo não conseguiu nos atender. Só no terceiro encontro foi que conseguimos entrevistar o meio campo. O encontro foi muito bom, pois o jogador possui muita experiência no esporte e o relato sobre a sua formação foi emocionante. Sua “fala” mostrou, na prática, a importância social do esporte.
Volante CoEF-IES2	IES2	03/12	Sala de coordenação do curso de EF do IES2	20’43” 11h	Também tivemos dificuldade para entrevistar essa volante, pois marcamos duas vezes por *WhatsApp,* mas não deu certo. Na terceira tentativa, conseguimos. A volante é a segunda mulher que participou da nossa partida principal. Ela não tinha muita experiência com futebol,

					mas exploramos o fato de ser mulher e ocupar um cargo de coordenação num curso de EF e também ter dado aulas de futebol para homens na IES.
Goleiro CGCB-CF3	CF3	18/12	Sala do coordenador geral das categorias no prédio administrativo do CT da base do CF3	37'02 16h10min	O goleiro recebeu o professor/pesquisador muito bem. Buscou-o na rodoviária e depois o levou para almoçar, num excelente restaurante da cidade. Abriu as portas do clube para o professor/pesquisador, mudou o horário dos treinos das categorias, para que pudéssemos observar e depois realizar entrevistas com os profissionais da categoria sub 17. O goleiro não tinha muita experiência na função, mas já tinha passado por vários cargos no clube. Tivemos três interrupções na entrevista, pelo cargo que ele exercia, pois vários funcionários vinham fazer perguntas para o goleiro. Apesar de o local ser reservado, era todo envidraçado. Tivemos uma ótima entrevista. Ao final o goleiro perguntou se o professor/pesquisador não queria dar consultoria para o clube.
Atacante TF17-CF3	CF3	18/12	Sala do coordenador geral das categorias no prédio administrativo do CT da base do CF3	46'25" 16h50min	A entrevista do atacante foi uma das mais longas. O atacante, muitas vezes, saía do foco das perguntas ou repetia suas falas. Pareceu que o atacante não tinha muita experiência com entrevistas, apesar de já trabalhar no futebol há algum tempo. O professor/pesquisador teve que interromper algumas vezes o atacante, para focarmos no assunto das perguntas. Pode ser coincidência, mas o atacante era o único jogador não graduado que participou das entrevistas.
Zagueiro PF17-CF3	CF3	18/12	Sala do coordenador geral das categorias no prédio administrativo do CT da base do CF3	31'07" 17h50min	Outra ótima entrevista. O zagueiro não tinha muita experiência no futebol, mas tinha uma boa experiência na área da pesquisa, pois estava realizando seu doutoramento. As respostas eram claras e com conteúdo. Com a entrevista do zagueiro, finalizamos essa etapa da partida principal.

Fonte: Autoria própria (2020).

As entrevistas foram realizadas entre os dias 29/10 a 18/12. Como curiosidade a média de duração das entrevistas foi em torno de 29'. A entrevista mais longa foi do lateral CoT-CF1 com 47'02", e a mais curta foi do zagueiro PF16-CF1 com 15'01".

5.5.2 "Gol de bate-pronto" [Análise documental]

Identificamos que há uma lacuna em relação às metodologias decoloniais e que ainda é necessário percorrer um longo caminho para a sua legitimidade. Contudo, existem pesquisas na área da educação que têm avançado nesse sentido, como, por exemplo, a tese da colega Rosa (2017), que utilizou a análise documental, num "gol de bate-pronto"[127], e trabalhou por metáforas, como proposta metodológica decolonial, indo ao encontro das epistemologias do Sul.

Documentos são uma fonte "natural" de informações, pois apresentam evidências que fundamentam afirmações ou declarações do pesquisador, no contexto deste estudo. Fazendo uma analogia com o futebol, a análise de documentos é como um "passe do jogador"[128]. Para André (1995), os documentos são usados no sentido de contextualizar o fenômeno, explicitar suas vinculações mais profundas e completar as informações coletadas através de outras fontes. Muitas vezes, os documentos registram elementos que não aparecem nas entrevistas e observações, constituindo-se em outro importante instrumento de coleta de dados.

Os documentos que verificamos, estavam disponibilizados nos *sites* oficiais dos clubes de futebol e das IES. Informações que não constavam nos sites – plano de ensino ou missão e infraestrutura dos clubes – solicitávamos aos coordenadores das IES ou dos CFs que nos enviassem por *e-mail*. Relacionamos os documentos da pesquisa com o "tapetão"[129] no futebol.

Os documentos solicitados e analisados nas IES de EF foram: plano de ensino, contendo as ementas e as bibliografias básicas das disciplinas, cujo o conteúdo se refere ao esporte futebol. Também solicitávamos informações sobre a missão e a proposta do perfil de profissional que a IES pretende formar. Já, nos CF, verificamos a proposta do clube para os atletas das categorias de base e a estrutura do clube para estas categorias.

---

[127] "Gol de bate-pronto" – lance em que um jogador chuta logo depois que a bola quica no campo e faz um gol.

[128] "Passe do jogador" – documento pelo qual um indivíduo cede a um clube a exclusividade de seus serviços de futebolista profissional. Nele está o histórico do jogador, para que o clube tenha conhecimento do atleta.

[129] "Tapetão" – jogo disputado na justiça desportiva. Fizemos essa analogia com a análise documental, porque quando um jogo vai ser decidido na justiça desportiva, os clubes envolvidos devem levar a melhor documentação possível para ganhar a disputa.

5.5.2.1. “Chuveirar na área” [Descrição dos documentos]

Nesta seção fazemos “chuveirar na área”[130], apresentando a descrição dos documentos obtidos nas instituições pesquisadas.

A IES1 tem como missão: “produzir, desenvolver, divulgar e preservar a ciência, a tecnologia e a cultura, visando ao desenvolvimento da consciência crítica e do compromisso com a transformação da sociedade segundo os princípios cristãos, fortalecendo os laços comunitários e expandindo a educação nas áreas desfavorecidas através de ações que promovam a vida”. Essa IES realiza uma educação comprometida com a formação de qualidade nas suas diversas fases, possibilitando aos acadêmicos o desenvolvimento de uma consciência crítica e compromisso com a transformação da sociedade.

O curso de EF da IES1 estuda o movimento humano e as diversas manifestações da cultura corporal a partir do trinômio educação, saúde e lazer, como instrumentos para estimular o desenvolvimento de hábitos e práticas que conduzam a um estilo de vida mais saudável, refletidos em ações que promovam o desenvolvimento social e humano. O Projeto Político Pedagógico (PPP) estabelece que o curso se propõe a formar profissionais competentes, críticos e comprometidos com a transformação social e com a humanização da profissão. O curso de EF possui duas habilitações: bacharelado, que capacita para atuação dos profissionais nas áreas de desporto, lazer, saúde, recreação e gestão, nos diversos campos de ação da EF, e licenciatura, voltada à formação de profissionais que atuam na esfera da educação básica, também em espaços públicos e/ou privados, interagindo com diversas áreas do conhecimento para a formação integral do indivíduo.

O currículo contempla a disciplina futebol, obrigatória e com carga horária de 80 horas semestrais em ambas modalidades, cuja ementa prevê: Fazer planejamento e execução de ações pedagógicas do futebol de campo e futebol 7 em diferentes contextos sociais. A bibliografia básica da disciplina é composta de: BARROS NETO, T. L. de; GUERRA, I. *Ciência do Futebol.* Barueri, SP: Editora Manole, 2004. FERNANDES, J. L. *Futebol:* da "escolinha" de futebol ao futebol profissional. São Paulo: EPU, 2004. FREIRE, J. B. *Pedagogia do futebol.* Campinas: Autores Associados, Barueri, SP: Editora Manole, 2006. SANT'ANNA, M.; ÁVILA, M. A. *Preparação física do futebol*: metodologia e estatística. Florianópolis: Cuca

[130] “Chuveirar na área” – cruzar a bola da lateral para dentro da área, pelo alto. Relacionamos com a descrição dos documentos, pois entendemos que ao “chuveirar a bola na área” estamos realizando um ataque promissor, da mesma forma que descrevemos os documentos das instituições.

Fresca, 2010. TENROLLER, C. A.; MERINO, E. *Métodos e planos para o ensino dos esportes*. Canoas: ULBRA, 2006.

A IES1 também mantém um projeto de extensão chamado "Futebol Itália", que atende crianças e adolescentes da Escola Estadual de Ensino Médio Itália, localizado no CETE (Centro Estadual de Treinamento Esportivo), da Secretaria de Esporte e Lazer do RS. Esse projeto possibilita que estudantes da IES1 realizem seus estágios obrigatórios. A IES1 disponibiliza para a disciplina de futebol uma sala de aula, uma quadra de futsal e uma quadra de futebol 7, localizada em outra instituição, a uma quadra da IES1.

A IES2 nasceu da idealização de um clube, visando a disponibilizar para a comunidade uma IES focada na promoção do esporte, saúde, recreação e lazer, na perspectiva do desenvolvimento da sociedade a partir de um único curso de graduação em EF – bacharelado. A IES2 tem como missão: "promover a educação integral de profissionais socialmente comprometidos, éticos e qualificados, construindo, disseminando e compartilhando saberes por meio de uma formação continuada nas diferentes áreas do conhecimento".

Para a IES2, "[...] a formação do profissional de EF deve fundamentar-se no rigor científico, na reflexão filosófica e na aplicação prática das técnicas desenvolvidas em sala de aula". No seu currículo, a disciplina de futebol é optativa, com 4 créditos, 60h semestrais, e sua ementa contempla: Estudo da história do futebol, sua evolução e importância cultural, biológica e social. Aborda os aspectos didáticos, pedagógicos e metodológicos que envolvem o ensino e a aprendizagem dos fundamentos técnicos, sistemas táticos, estratégias, gestos próprios, individuais e coletivos, além de apresentar as estruturas de funcionamento dos clubes, associações e escolinhas esportivas. Promove o aprendizado das regras básicas, preenchimento de súmulas, bem como relaciona os aspectos da saúde dos praticantes e seus benefícios na qualidade de vida. A bibliografia básica é composta de: GORSKI, M. B. F. (org.). *Liderança e gestão técnica do futebol***.** Porto Alegre, RS: Faculdade SOGIPA de Educação Física, 2011. SORIANO, F. *A bola não entra por acaso:* estratégias inovadoras de gestão inspiradas no mundo do futebol. São Paulo, SP: Larousse do Brasil, 2010. A instituição tem como *slogan* "DNA de campeão", na perspectiva da "Faculdade que prepara seu aluno para ser um vencedor em um mercado de trabalho competitivo". A IES2 disponibiliza para a disciplina de futebol uma sala de aula, três quadras de futsal e uma quadra de futebol 7, localizada em outra instituição, a duas quadras da IES2. No local do projeto de extensão de futebol é utilizada uma quadra de futsal e uma quadra de futebol 7.

A IES3 tem como missão: "[...] promover a formação integral e continuada da pessoa, por meio do ensino, da pesquisa e da extensão de excelência, para o desenvolvimento sustentável da

sociedade, fundamentado nos princípios e na tradição cristãos". O curso de EF da IES3 possui a modalidade presencial nas habilitações de bacharelado e licenciatura, com duração de oito semestres e no noturno. Segundo o *site* da instituição, o curso de EF da IES3, "[...] possibilita uma nova forma de valorizar o novo profissional de Educação Física: versátil, criativo e empreendedor!" O desporto futebol integra, juntamente com futsal, a disciplina Metodologia de Ensino dos Esportes Coletivos I, obrigatória, com 80h semestrais, a qual está contemplada no módulo comum das duas habilitações. Sua ementa: Futebol e futsal: histórico; fundamentos; noções técnicas, táticas e prática individual e coletiva. Regras, regulamentação, noções de arbitragem e adaptações. Jogos técnicos-táticos. A bibliografia básica é composta de: BALZANO, O. N. *Metodologia dos jogos condicionados para o futsal e educação física escolar*. [Porto Alegre]: Ed. do Autor, 2007. LEÃES, C. G. *Futebol*: treinamento em espaço reduzido. Porto Alegre: Movimento, 2003. MUTTI, D. *Futsal:* da iniciação ao alto nível. 2. ed., rev. e ampl. São Paulo: Phorte, 2003.

A IES3 mantém parceria com um dos principais clubes de futebol de Porto Alegre, desde o segundo semestre de 2014. A IES oferece quinze bolsas de estudo aos jogadores desse clube e, atualmente, 12 atletas frequentam os cursos de EF e Fisioterapia da IES3. A disciplina de futebol usa, além da sala de aula, três quadras de futsal, um campo de futebol 11 e futebol 7, localizados num parque público da cidade. Esse parque fica localizado a doze quadras da IES3. A administração do parque tem parceria com a instituição.

O CF1 possui um Centro de Formação e Treinamento (CFT) em futebol localizado a vinte quilômetros do centro da cidade. É neste local que o CF1 incentiva o crescimento profissional de seus atletas, disponibilizando infraestrutura de qualidade, adequada à formação de "grandes jogadores". O CFT do CF1 tem como objetivo formar atletas de qualidade para o clube que a mantém, no intuito de formar cidadãos.

O quadro funcional do CFT do CF1 conta com 90 funcionários, incluindo supervisores, comissões técnicas, avaliadores e profissionais de logística, que atendem as demandas necessárias para os cerca de 100 meninos que treinam em um turno, diariamente, divididos nas seis categorias. O CFT possui oito campos de futebol com dimensões oficiais, além de seis salas administrativas. A área médica e física – com equipamentos especializados – é composta por sala de fisioterapia, de atendimento médico, de recuperação, de massagistas e academia. Possui vestiário para as seis categorias**,** como também copa, sala para comissão técnica, vestiários e rouparias. Além desta estrutura, também possui vestiários para visitantes e vestiário para arbitragem. No complexo há, ainda, outras dependências importantes que completam a

infraestrutura, como: sala de controle de dados de atletas, almoxarifado, depósitos, sala de monitoramento do circuito interno de TV, portaria e oficinas.

No caminho de quem se dirige para o CFT do CF1 está localizada a residência esportiva das equipes de base do CF1. Um espaço adaptado, com ampla infraestrutura, concebido estrategicamente para ser referência em hospedagem e local de convivência para os atletas. Na residência, os jogadores são acompanhados por uma equipe de profissionais de diferentes áreas, como pedagogos, assistentes sociais, psicólogos e educadores sociais, além dos funcionários envolvidos diretamente com o futebol. São ao todo 36 apartamentos nos quais estão hospedados atualmente 100 atletas. Os cômodos possuem banheiro completo, ar-condicionado, balcão, frigobar, TV por assinatura, internet, armários, poltronas e camas-beliches. Nas áreas de lazer, as opções são variadas, incluindo sala de jogos, jardim, biblioteca, laboratório de informática, videoteca e um mini auditório. Uma cozinha industrial e um espaço para o refeitório completam as instalações da residência. Todo o local é monitorado 24 horas por dia por seguranças, que têm o apoio de 25 câmeras de vigilância distribuídas por todo o prédio.

As categorias de base do CF2 têm como objetivo fortalecer a formação de atletas no clube. O primeiro passo foi firmar uma parceria com uma universidade local para a criação de núcleos dentro da universidade e no seu estádio, onde será construído um campo com medidas reduzidas, aproximando a escolinha do clube. O público-alvo é formado por meninos e meninas dos 5 aos 15 anos. Além de iniciar as crianças no esporte, o projeto busca uma nova geração de torcedores do CF2, fortalecendo o vínculo com a comunidade.

O CF2 possui um estádio com dois vestiários profissionais para visitantes, um profissional para o CF2, um para a arbitragem e dois para as categorias de base – que não estão disponíveis –, além de um alojamento com capacidade para hospedar 20 atletas profissionais. Também possui um refeitório com capacidade para 100 pessoas; duas quadras de esportes – de futebol de areia e vôlei –; parque aquático com duas piscinas – adulta e infantil –, cercadas por bar, vestiários e área de lazer; uma sede social com salão de eventos, sala de estar, cozinha e banheiros. Para as categorias de base, o CF2 disponibiliza uma pequena sala administrativa e uma sala que é utilizada como lavanderia e almoxarifado. Todos os jogos e treinos das categorias de base do CF2 ocorrem em campos fora do complexo esportivo, alugados pelos professores/coordenador.

O CF3 desenvolve, segundo seu *site*, o trabalho com base em conceitos científicos relacionados ao esporte na infância e adolescência, desde o desenvolvimento motor aos aspectos físicos, técnicos e táticos do futebol. Somam-se a isto, conceitos relacionados aos

aspectos sociais inerentes ao ensino dos esportes, como: organização, disciplina, respeito, educação, amizade, valorização familiar e escolar.

O CF3 também possui um CFA, localizado em bairro afastado do centro da cidade, onde as categorias de base realizam seus jogos e treinam para competições. A equipe principal também desfruta do CFA, que abriga os profissionais quando for necessário. A estrutura conta com dois campos tamanho padrão de estádios para jogos, um campo sintético de futebol 7, alojamentos para os atletas, área de lazer para momentos de descanso dos atletas, sala de jogos, lanchonete, área para churrasco, academias, sala de musculação, departamento médico, vestiários, refeitórios, estacionamento, cancha de futevôlei, praça para crianças, ou seja, toda estrutura de um CT de times de elite do futebol brasileiro.

5.5.3 "Pintura de gol" [Observação participante]

Desde que nascemos e participamos do mundo em que vivemos, somos dotados da capacidade de observar. Observamos tudo aquilo que de alguma forma nos diz respeito. A partir do momento em que acordamos, começamos a observar. Este é o nosso método básico para conseguir informações sobre o mundo que nos cercam. Fazendo a relação com o futebol, o papel do observador em uma pesquisa é o de "olheiro"[131] em um clube de futebol, isto é, observa atletas com objetivo de encontrar talentos para o clube.

A observação é um instrumento importante para o desenvolvimento dos estudos qualitativos. Sua importância reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas. Observados diretamente na própria realidade, esses elementos transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real. (CRUZ NETO, 1994).

Para Negrine (1999), as observações são classificadas por modalidades e estratégias de observação. Nesse caso, a observação poderá ser: participante ou ativa; não participante ou passiva. No que diz respeito ao nosso estudo, a categoria a que vamos nos inserir é a observação participante ou ativa, uma "pintura de gol"[132]. Para André (1995), a observação é chamada

[131] "Olheiro" – observador, espião a serviço de um clube, tendo como tarefa analisar jogadores com potencial para jogar no clube. Seu trabalho é obter o maior número possível de informações de jogadores para o clube. Fizemos analogia com nossa pesquisa, pois observamos o máximo de situações que estiveram ao nosso alcance no campo empírico.

[132] "Pintura de gol" – gol muito bonito, gol lindo, gol belíssimo. Fizemos analogia com observação participante, pois a observação no campo empírico nos deu muitos subsídios para as análises dos dados. Desta forma, marcamos um belíssimo gol.

participante porque parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado.

A observação é uma atividade que envolve muita atenção, percepção e memória. No estudo qualitativo, é interessante que seja realizada no contexto real dos indivíduos que estão sendo observados, no local onde desenvolvem suas práticas. Nesse sentido, também comparo o observador numa pesquisa ao "Geraldino"[133] no futebol.

5.5.3.1 "Bola onde a coruja dorme" [Procedimentos nas entrevistas semiestruturadas]

Os procedimentos nas entrevistas – uma "bola onde a coruja dorme"[134] –, visam a captar todos os elementos que possam ser úteis ao desenvolvermos a discussão de acordo com a ACD, de Van Dijk[135]. Começamos nossas observações no dia 30/10/2019, às 14h30min, no CF2, com o treino do atacante TF17-CF2, em uma quadra de futebol 7 cedida por dirigente do clube. Para facilitar nossas observações, criamos uma pauta – Anexo 3 –, com passagens que entendíamos serem relevantes para a partida principal e que dividimos em oito grupos. Também utilizávamos nosso diário de campo para anotar as situações que não estavam na pauta de observações e algumas reflexões importantes para a partida principal.

Passos para realização das observações – "bola venenosa"[136]:

1º passo: Cumprimentávamos o jogador, falávamos sobre o objetivo da observação, o que iríamos observar e como realizaríamos a observação.

2º passo: O jogador apresentava-nos ao grupo – atletas ou estudantes–, explicando o que estávamos fazendo ali.

3º passo: Normalmente, o jogador passava a palavra para o professor/pesquisador/narrador e comentávamos sobre quem éramos, o que estávamos fazendo e o que faríamos naquele momento. Muitos – estudantes-atletas – achavam que analisaríamos como eles jogam.

4º passo: Depois da explicação inicial, pegávamos nosso diário de campo e nossa pauta de observação e começávamos o trabalho.

---

[133] "Geraldino" – torcedor da geral, que se senta na arquibancada para observar o jogo. Essa característica do torcedor é parecida com a função do observador na pesquisa (analisar o jogo).

[134] "Bola onde a coruja dorme" – quando a bola entra no ângulo da goleira, entre a trave e o travessão, um golaço. Fizemos essa analogia com a ACD de Van Dijk, pois entendemos que nesse momento da partida a ADC é a análise que mais se adapta ao nosso jogo.

[135] Vamos no capítulo análise dos dados aprofundar os conceitos e o modelo de ACD de Van Dijk.

[136] "Bola venenosa" – bola chutada com efeito, levando muita dificuldade para o goleiro. Fizemos analogia com esse termo, pois nas observações tivemos algumas dificuldades, da mesma forma que um chute venenoso torna-se difícil para o goleiro defender no futebol.

5º passo: No final da observação, agradecíamos ao jogador e ao grupo – estudantes ou atletas – pela oportunidade.

6º passo: No mesmo dia, já em casa, transcrevíamos as passagens anotadas no diário de campo e na pauta de observações.

7º passo: Depois de transcrever todas as observações, selecionávamos as passagens e colocávamos nos oito grupos, de acordo com o interesse do professor/pesquisador/narrador e os objetivos da partida principal.

Os grupos são: Grupo 1 – Características das aulas/treinos de futebol nos cursos de Educação Física/Clubes de Futebol; Grupo 2 – Os espaços físicos disponíveis para as aulas/treinos; Grupo 3 – As características das turmas/equipes; Grupo 4 – Os conteúdos e metodologias aplicados treinos/aulas; Grupo 5 – O perfil do treinador/professor/preparador físico e a relação com os estudantes-atletas; Grupo 6 – Relação aluno-professor e aluno-aluno; Grupo 7 – As "situações-problema"; Grupo 8 – Situações "extras" relevantes para pesquisa.

A transcrição das observações está no Apêndice C. Demonstramos apenas um exemplo de observação, no anexo 4, em função da extensão da tese.

Pretendíamos fazer duas observações em cada campo empírico – "gol olímpico" –, num total de doze observações. Realizamos dez observações. Na IES2, fizemos uma observação no dia 29/11/2019, pois tínhamos combinado com o meio campo PF-IES2 para assistir a uma aula prática na quadra de futebol 7, no início de março de 2020. Mas, com a interrupção das aulas devido à COVID-19, não realizamos a segunda observação.

No CF3 fizemos a primeira observação no dia 18/12/2019 e, como o clube fica a mais de 350 km da cidade do professor/pesquisador/narrador, e já estávamos no final do ano de 2019, combinamos com o "goleiro"/CGCB-CF3 que iríamos realizar a segunda observação em março de 2020, quando a equipe sub- 17 já estaria treinando. Mas com a suspensão dos treinos, ficamos com apenas uma observação no CF3.

Para uma maior compreensão dos torcedores/leitores, organizamos a descrição das observações no Quadro 3, a seguir.

Quadro 3 – Descrição das observações

Obser-vação	**Local**	**Data e Horário**	**Jogador**	**Aula/ Treino**	**Aspectos Relevantes**
1	CF3 Quadra de futebol 9 de um diretor do clube. O local	30/10/19 Das 14h30min às 16h30min	TF17-CF3	Treinos técnicos e táticos de futebol	Nesse dia chovia muito e o jogador atacante teve que marcar o treino para uma quadra sintética de futebol 9, afastada do clube. Chamou nossa atenção a participação das mães no

	era muito afastado do clube de futebol.				treino e suas falas a respeito de quanto envolviam-se com o futebol de seus filhos e reclamavam da pouca participação dos seus parceiros nessa questão.
2	CF1 Campo 3 do CT de treinamento das categorias de base do clube.	06/11/19 Das 9h às 11h	TF17-CF1 e PF16-CF1	Aquecimento. Treino coletivo e treino por funções.	Foi nossa primeira investida no clube. Para realizarmos as observações, tivemos que passar por vários setores - segurança, secretária, auxiliares -, "todos mandavam um pouco". Um fato foi marcante nesse primeiro dia: a fala da secretária e da auxiliar de limpeza. As duas faziam crítica a alguns atletas do clube, sobre postura em relação à escola, como vestiam-se ou falavam. O mais interessante era que ambas pareciam ser da mesma classe social dos meninos.
3	IES3 Sala de aula do complexo esportivo e quadra 1 de futsal do complexo esportivo da instituição.	16/11/19 Das 8h às 11h	PF-IES3	Aula teórica sobre a prova prática. Aula de passe, marcação e sistemas táticos do futsal.	Nessa observação, o jogador meio campo na aula teórica me apresentou para turma e pediu que falasse sobre a pesquisa e a importância da pesquisa na EF. Um fato interessante foi que no quadro da sala de aula tinha um adesivo institucional sobre racismo. Perguntei para o jogador se já tinha abordado o assunto com os estudantes e ele disse que não. Na aula prática, a ênfase foi nos exercícios técnicos e táticos do futsal, no qual os estudantes participavam com muita dificuldade na execução dos movimentos e o professor tinha alguma dificuldade no controle da turma.
4	IES1 Aula no Ginásio e na quadra de futebol 7 do CETE.	21/11/19 1ª turma: das 14h às 15hh30min 2ª turma: das 15h30min às 17h	PF-IES1	Testes técnicos no ginásio e jogos reduzidos na quadra de futebol 7.	Essa observação era na disciplina de estágio obrigatório. Era realizada num centro esportivo público, com estudantes de uma escola pública. Os estudantes da IES em EF, que faziam o estágio, pouco participavam da prática, anotavam alguns valores dos testes que as crianças realizavam e depois observavam o trabalho do professor e de seu estagiário. A ênfase da aula foi exercícios e jogos técnicos e táticos de futebol.
5	IES1 Aula na sala de aula e na quadra 1 de futsal da instituição	25/11/19 Das 9h às 11h15min	PF-IES1	Aula teórica sobre valências físicas utilizadas no futebol e aula prática de ataque e defesa através	Na primeira parte da aula, em sala, o jogador meio campo apresentou-me para a turma e pediu que falasse um pouco sobre o que estava fazendo ali. A temática dessa parte da aula foi sobre as valências físicas do futebol. A segunda parte da aula seria numa quadra de futebol 7, em outra instituição, mas, como começou a chover, a aula foi em uma das duas

				de jogo reduzido.	quadras do ginásio da IES. O jogador meio campo teve que dividir o espaço com mais duas turmas do curso de EF. A turma do nosso jogador tinha uns 50 estudantes, as outras duas turmas juntas, mais uns 40, o que totalizou cerca de 90 estudantes nas duas quadras de futsal. A aula prática do nosso jogador foi muito prejudicada, mas foi bom para observarmos a realidade dos cursos de EF.
6	CF1 Campo 3 e sala de musculação do CT de treinamento das categorias de base do clube.	27/11/19 Das 9h às 11h30min	TF16-CF1 e PF16-CF1	Treino físico, treino tático com jogo reduzido e treino técnico para funções no futebol.	Mais uma vez tivemos que passar por toda a burocracia para ingressar no CT do clube de futebol. O fato que chamou nossa atenção foi o número de atividades que aconteciam ao mesmo tempo no CT - jogos, treinamentos, entre outras - e o número de profissionais envolvidos, tudo acontecendo de forma sincronizada e sem problemas. Muita organização e entendimento das tarefas de cada profissional.
7	IES2 Quadra 1 do ginásio de um clube esportivo de Porto Alegre, que tem parceria com a IES.	29/11/19 Das 10h às 11h45min	PF-IES2	Aula prática de fundamentos técnicos de futsal. Os estudantes, em grupos, treinavam para a prova prática.	Essa observação foi a penúltima aula do semestre do jogador meio campo. Ele oportunizou que os estudantes, em grupos, treinassem para apresentar a prova prática. Chamou nossa atenção a relação do jogador com seus estudantes. Ele combinava com a turma um churrasco, à noite, na instituição.
8	IES3 Sala de aula do complexo esportivo e quadra 2 de futsal do complexo esportivo da instituição.	30/11/19 Das 8h às 11h	PF-IES3	Prova teórica e prova prática de futebol. Estudantes, em grupos, apresentavam trabalhos práticos.	Essa foi nossa segunda observação com o jogador meio campo. No primeiro momento, a aplicação da prova teórica. No segundo momento, a apresentação da prova prática pelos estudantes, semelhante à primeira observação. Os estudantes com problemas de entendimento do esporte e o professor com alguma dificuldade para controlar a turma.
9	CF2 Campo de futebol 11 de um parque público da cidade onde está localizado o clube.	05/12/19 Das 14h30min às 16h30min	TF17-CF2	Treinos técnicos táticos com exercícios e jogos reduzidos.	Esta foi a segunda observação com o jogador atacante. Ela foi em um dos campos de futebol 11, de um parque público da cidade. Chamou nossa atenção a dedicação do jogador ao seu trabalho. Ele cuidava do campo (mandava cortar a grama, pintava, levava as redes para as traves, entre outras tarefas). Fazia muito calor naquele dia, só tínhamos sombra de uma árvore e não tínhamos onde beber água. O professor era responsável, também, pela água. Nesse sentido, podemos observar o descaso do clube

					de futebol pela sua categoria de base e a dedicação do jogador à sua profissão.
10	CF3 Campo principal de futebol 11 do CT de treinamento para as categorias de base do clube.	18/12/19 Das 14h às 16h	TF-CF3 e PF-CF3	Aquecimento e preparação física (velocidade). Treino coletivo para avaliação de atletas.	Nossa última observação foi num clube de futebol a 350 km de Porto Alegre. Foi o local onde fomos melhor recebidos. A hospitalidade, a generosidade, o respeito pelo nosso trabalho e a dedicação dos jogadores observados ao professor/pesquisador foi de sensibilizar. Em nenhum dos outros locais que observamos tivemos tamanha receptividade e consideração.

Fonte: Autoria própria (2020).

Foram realizadas dez observações no campo empírico. Entendemos que seria interessante realizar mais algumas, para termos uma representação maior sobre o trabalho prático dos jogadores. Também seria interessante, para confrontar com as "falas" dos jogadores, verificarmos se a prática segue o discurso. Outra análise, que ficaremos devendo, refere-se à época das observações, pois todas foram feitas no último trimestre de 2019. Nesse sentido, abordamos o fim dos semestres nas IES em EF e o final do ano nos clubes de futebol, período em que as equipes estão em fases decisivas dos campeonatos ou iniciando a preparação para o próximo ano. Mas, como já comentamos anteriormente, por motivos maiores – COVID-19 –, não tivemos essa possibilidade.

Das cinco observações nas IES-EF, três aulas foram teóricas e práticas e duas práticas. Nas aulas teóricas, o tema foi sobre o esporte futsal nos aspectos técnicos e táticos. As outras duas aulas práticas trataram de futebol, uma relativa à preparação física e treinamento técnico/tático e a outra apenas sobre treinamento técnico/tático. Em nenhuma das observações, nas IES em EF, a temática preconceito no futebol, formação humana e formação escolar e futebolística dos futuros atletas foram abordadas, mesmo nas três aulas teóricas.

Em relação às cinco observações nos clubes de futebol, duas foram treinos coletivos, isto é, jogo de 11 contra 11 e, nas outras três o treinamento teve ênfase na preparação técnico-tático das equipes e dos atletas. Mais uma vez, em nenhum momento observamos alguma preocupação ou abordagem sobre a temática relativa aos preconceitos no futebol ou sobre a importância a escola.

5.5.4 – "Gol relâmpago" [Diário de campo]

O diário de campo constitui-se instrumento de grande uso pessoal para o investigador. Nele o pesquisador pode colocar seus sentimentos, suas reflexões e suas percepções a respeito de como está observando o fenômeno estudado. Cruz Neto (1994, p. 63), define o diário de campo:

> Como o próprio nome já diz, esse diário é um instrumento ao qual recorremos em qualquer momento da rotina do trabalho que estamos realizando. Ele, na verdade, é um 'amigo silencioso' que não pode ser subestimado quanto à sua importância. Nele diariamente podemos colocar nossas percepções, angústias, questionamentos e informações que não são obtidos através da utilização de outras técnicas.

Segundo Bodgan e Biklen (1994), as anotações de campo devem conter uma parte descritiva e outra reflexiva. A primeira parte deve registrar o que ocorre no campo, a descrição dos sujeitos, locais, diálogos, eventos, atividades, ações e comportamentos. Já na segunda parte, ficam registradas as anotações pessoais do observador, tais como, os conflitos, problemas, dúvidas, surpresas, decepções.

Utilizamos o diário de campo como um "companheiro de time" para as observações participativas e entrevistas semiestruturadas. Comparo o diário de campo a uma "bola com açúcar"[137], passada para o professor/pesquisador/narrador nas suas observações e entrevistas. Começamos a utilização do diário de campo "gol relâmpago"[138], no dia 29/10/19, na entrevista com CoEF-IES3, e terminamos na entrevista com PF17-CF3, no dia 18/12/19. Em muitos momentos utilizávamos o nosso "companheiro de time", na saída das entrevistas ou observações, dentro do carro ou no ônibus – volta da pesquisa no CF3 –, pois as ideias e reflexões estavam latentes.

[137] "Bola com açúcar" – bola recebida com qualidade e pronta para fazer o gol. Relacionamos o diário de campo com "bola com açúcar", porque as informações que registrarmos nesse instrumento facilitarão e complementarão as observações para o estudo.

[138] "Gol relâmpago" – gol marcado nos primeiros segundos de jogo. Fizemos analogia com a pesquisa, porque no diário de campo temos que anotar a observação e o fato, o mais rápido possível, para não perdemos nada. O gol relâmpago segue a mesma ordem, é muito rápido. Não podemos ficar desatentos, para não tomarmos gol no início do jogo.

5.5.5 "Olho no lance"[139] *[Leitura de imagens]*

Segundo Sardelich (2006), a expressão leitura de imagens começou a circular na área de comunicação e artes no final da década de 1970, com a explosão dos sistemas audiovisuais. Para a autora, a proposta da leitura de imagens, de tendência formalista, fundamenta-se em uma "racionalidade" perceptiva e comunicativa que justifica o uso e desenvolvimento da linguagem visual para facilitar a comunicação. Conforme a autora, a faceta semiótica introduziu, no modelo de leitura da imagem, as noções de denotação e conotação. A denotação refere-se ao significado entendido "objetivamente", ou seja, o que se vê na imagem "objetivamente" – a descrição das situações, figuras, pessoas e ou ações em um espaço e tempo determinados. A conotação refere-se às apreciações do intérprete, aquilo que a imagem sugere e/ou faz pensar o leitor.

Em nossa partida principal/tese, entendemos que as imagens[140] alocadas durante o decorrer do trabalho, possuem o significado de denotação, pois pretendemos mostrar, de maneira objetiva, os momentos de um jogo de futebol. Já em relação as figuras[141] colocadas em nossa pesquisa, acreditamos caracterizarem-se pela noção de conotação, pois as charges selecionadas sugerem que o leitor pense e reflita a respeito da imagem proposta. Neste sentido, entendemos como a autora, – que considera a produção de imagens como um dos mecanismos educativos presentes nas instâncias socioculturais –, que as imagens não cumprem apenas a função de informar ou ilustrar, mas também de educar e produzir conhecimento.

Freire (1985) já sustentava que a leitura do mundo precede a leitura da palavra e, nesse caso, toda leitura é influenciada pela experiência de vida do leitor. Acreditamos que a leitura

---

[139] "Olho no lance" – expressão utilizada por Sílvio Luís em jogadas onde há a possibilidade de gol. Fizemos a analogia de "olho no lance" com a leitura das imagens, pois entendemos que as imagens chamam a atenção do leitor, no mesmo sentido de uma chance de gol no futebol em relação ao expectador, ambas impactam o observador.

[140] As imagens expostas na pesquisa fazem parte do acervo de fotografias da DDU-UFC, relativas aos anos de 2012 a 2016. Essas imagens pretendem ilustrar os momentos de um jogo de futebol. Nessas imagens estão as equipes masculinas da UFC de futebol 11, futsal e futebol 7 e as equipes femininas da UFC de futsal e futebol 7, todas orientadas, naquela época, por este professor/pesquisador/narrador. Também estão compondo esse trabalho visual imagens do acervo pessoal do professor/pesquisador/narrador, nos anos de 1982, 1987 e 2019. As imagens de1982 e 1987 correspondem à época em que o professor/pesquisador/narrador jogava futsal de alto rendimento. Já as imagens do ano de 2019 identificam palestras ministradas pelo professor/pesquisador/narrador e seu filho.

[141] As figuras expostas em forma de charge em nossa pesquisa, tiveram inspirações na obra de Felipe Guaman Poma de Ayala. Nesta obra, o escritor indígena fez uso do recurso visual junto ao escrito, forma por ele encontrada para melhor se comunicar com o "outro". Ao utilizarmos charges na partida principal/pesquisa, temos a intenção que o nosso torcedor/leitor possa refletir sobre a temática exposta. As figuras foram retiradas de pesquisa na internet. Operacionalizamos essa pesquisa da seguinte forma: acessávamos o *google* imagens e escrevíamos a palavra charge e depois escrevíamos o assunto que queríamos pesquisar. Selecionávamos a charge que melhor representava o nosso propósito.

da imagem é traduzida nos termos da nossa própria experiência, isto é, uma leitura que parta das emoções do leitor, ou seja, de como as emoções do leitor afetam e são afetadas pela leitura das imagens.

Conforme Samain (2012), a imagem quer ser criadora. Ela não gosta da banalização, desses dilúvios de imagens que conhecemos, excessos que nos cegam; ela não suporta as censuras e os amordaçamentos, privações que nos paralisam, nos silenciam e tornam-nos mudos. Para a autora, a imagem pede que a gente se "inquiete" diante dela. Uma imagem precisa abrir um mistério novo, uma inquietação maior, que desperte a inquietude do contato entre esta imagem e o real, do contato entre imagem e corpo, da imagem e a história, da imagem e a política. Pretendemos que as imagens que utilizamos nesse trabalho também despertem nos leitores/torcedores essa inquietude em relação as heranças da colonização – que essas imagens importunem, provoquem e levem há atitudes "outras". A imagem não é um objeto, não é uma coisa. Ela é um ato posto diante de nós, oferecido aos nossos destinos. (SAMAIN, 2012).

Termina o jogo. A equipe "Giro Decolonial" vence a partida, mas não ganha o campeonato, pois a equipe "Movimento Colonial" já acumulava muitos pontos no decorrer do campeonato. Foi vencido o primeiro obstáculo. Depois de muita luta, garra, determinação, criatividade e inspiração aconteceu a primeira vitória, no tempo regulamentar. Que sensação gostosa, de alívio, satisfação, alegria e orgulho! Mas, essa vitória não dá o título – ainda não tem nada decidido. A equipe deve superar a prorrogação. O adversário é forte e também vai tentar vencer.

6 PRORROGAÇÃO [ANÁLISE DOS DADOS]

Imagem 16 – Prorrogação - conversa sobre as ações que a equipe realizou no jogo

Imagem 17 – Prorrogação - ação ofensiva (contra-ataque)

Imagem 18 – Prorrogação - ação defensiva (roubada de bola)

6 A PRORROGAÇÃO[142] [Análise dos dados]

Depois dessa vitória, os jogadores da equipe "Giro Decolonial" estão mais fortes, motivados, unidos e coesos. O momento agora é de concentração absoluta, dedicação total ao trabalho no campo, união de forças e partir para uma nova conquista, agora o título. Vamos à prorrogação[143]. Começa o primeiro tempo. A equipe "Giro Decolonial" está com a bola e realiza os primeiros movimentos de ataque. O momento é de tensão, com algumas faltas de lado a lado. As equipes ainda estão tentando entender o jogo. A equipe "Giro Decolonial" toma a iniciativa, demonstrando firmeza de propósito em analisar, de forma individual, cada movimento de ataque e defesa. Isso faz com que a equipe "Movimento Colonial" se preocupe com as ações.

6.1 "Ganhar de Virada"[144] [Análise Crítica de Discurso – T. A. Van Dijk]

Ao participarmos das atividades propostas pelo Grupo de Pesquisa em Educação Intercultural (GPEI) e dos seminários temáticos com ênfase na abordagem decolonial, ambos coordenados pelo professor Gilberto Ferreira da Silva, no PPGE da Universidade La Salle, identificamos que há uma lacuna quanto às metodologias decoloniais. Percebemos que ainda é preciso percorrer um longo caminho para a legitimidade dessas metodologias. Verificamos, também, que ocorre um movimento de hibridização[145] no que diz respeito à adoção de metodologias "outras" para as pesquisas decoloniais. Em termos metodológicos, observamos, no embasamento das propostas teóricas decoloniais, que ainda há uma adaptação das metodologias "interpretativistas" do Norte. Como exemplo citamos a Análise Crítica de

[142] Prorrogação – tempo adicional de uma partida de futebol. Em campeonatos que não permitem o empate são utilizadas as prorrogações para definir quem foi o vencedor da partida. Essas prorrogações geralmente são de 15 minutos com dois tempos e a equipe que ganhar é considerada a vencedora da partida.

[143] Utilizamos a imagem 16 – prorrogação (conversa sobre as ações que a equipe realizou no jogo) –, para ilustrar o momento da prorrogação, em que os atletas recebem as últimas informações do treinador para voltar ao jogo. Na imagem 17 – prorrogação (ação ofensiva – contra-ataque) –, demonstramos uma ação que acontece muita nas prorrogações, o contra-ataque, devido ao cansaço das equipes. Na imagem 18 – prorrogação (ação defensiva - roubada de bola) –, também aludimos a outra ação que ocorre nas prorrogações, as roubadas de bola que geram os contra-ataques. As três imagens fazem parte do acervo de fotografia da DDU-UFC, e identificam as equipes masculinas de futsal e futebol 7 da UFC, no ano de 2015, quando esse professor/pesquisador/narrador era o treinador dessas equipes.

[144] "Ganhar de virada" – quando um time que começa perdendo consegue ganhar o jogo. Relacionamos o "ganhar de virada" com a ACD de Van Dijk, pois, ao conhecer essa metodologia, viramos o jogo no trabalho. Conforme Borsani (2014, p. 162) "[...] ainda não se tem consolidado uma metodologia sobre esta perspectiva". Desta forma, utilizamos a abordagem teórico-metodológica da ACD, atrelada aos estudos decoloniais, como uma alternativa metodológica alternativa às abordagens tradicionais no contexto latino-americano.

[145] A palavra híbrido assume, neste contexto, um conceito próximo ao proposto por Canclini (1990) ao estudar os movimentos socioculturais na América Latina. Ou seja, o sentido de um entrelaçamento, uma justaposição de tensões entre medidas conservadoras e libertadoras na construção das políticas. (ROSA, 2017, p. 18).

Discurso (ACD), a qual tomamos como referência para a partida principal, em consonância com nosso orientador/árbitro principal. Em vista da dificuldade de uma metodologia decolonial, e observando na literatura propostas híbridas[146] para pesquisas nessa perspectiva, identificamos na ACD sócio cognitiva de Teun A. Van Dijk uma proposta de análise de dados alinhada com nossa pesquisa. Assim, nos propomos a analisar criticamente o modelo epistêmico abordado no ensino do futebol pelos profissionais de EF, na universidade e no clube, através de uma análise social, cultural e política do professor/pesquisador/narrador.

Segundo Van Dijk (2013), a ACD não fornece um método pronto para o estudo dos problemas sociais, mas enfatiza que, para cada problema social, é necessário fazer escolhas e selecionar as estruturas mais relevantes a serem analisadas no estudo de um problema social. Para o autor, a ACD pode ser aplicada em combinação com qualquer tipo de abordagem ou subárea das ciências humanas e das ciências sociais. A ACD é uma perspectiva – crítica – de produção do conhecimento: análise do discurso "com uma atitude". Na mesma linha, para Maciel, Saraiva e Martins (2018), a ACD tem foco em problemas sociais, em especial no papel do discurso, na produção e reprodução do abuso do poder ou da dominação. Sempre que possível, ocupa-se dessas questões a partir de uma perspectiva coerente com os melhores interesses dos grupos sociais dominados.

A abordagem sócio cognitiva, de Van Dijk, analisa o meio de produção discursiva, levando em conta não apenas os aspectos linguísticos e gramaticais, mas também os aspectos socioculturais em determinado contexto. Para Van Dijk (2012), o discurso sempre é representado por uma ideologia que possui uma estrutura cognitiva complexa, estrutura essa que controla a formação, transformação e aplicação de outros tipos de cognição social, tais como o conhecimento, as opiniões, as posturas e as representações sociais. Conforme Van Dijk (2013), para atingirmos tal fim na ACD, algumas ideias, mesmo que informais, de relações entre evento-contexto[147] são necessárias para que saibamos quais propriedades discursivas podem variar em função das estruturas sociais. Neste sentido, para o autor, a pesquisa em ACD está, frequentemente, interessada em estudar discursos ideologicamente enviesados, bem como as formas pelas quais tais discursos polarizam as suas representações do "nós" (endogrupo) e do "eles" (exogrupo). Em ambos os níveis de análise do significado – o local e o global –,

[146] Ver Carvalho Filho *et al.* (2015).

[147] Para Van Dijk (2013), a interpretação dos eventos está relacionada aos modelos mentais que as pessoas têm a respeito do evento/fato. Essas interpretações são pessoais, subjetivas, enviesadas, incompletas ou até imaginárias. Já os modelos de contexto podem ser vistos como tipos específicos de modelos mentais subjetivos que as pessoas constroem a partir de várias experiências diárias. Esses modelos permitem identificar a interface entre a informação mental e o conhecimento a respeito de um evento – no nosso caso, o futebol – e os discursos que o permeiam.

frequentemente podemos verificar uma estratégia geral de “representação-positiva-de-si” e de “representação-negativa-do-outro”, em que as “nossas coisas boas” e as “coisas ruins dos outros” são enfatizadas, e as “nossas coisas ruins” e as “coisas boas dos outros” são minimizadas.

Van Dijk (1999, p. 23) deixa claro que é fundamental, para os analistas críticos, “[...] a consciência explicita do seu papel na sociedade [...]”. A ACD “[...] é uma perspectiva crítica de produção do conhecimento que não nega, mas assume e defende a sua posição social e política. Ou seja, a ACD é tendenciosa – e orgulhosa disso [...]”. (VAN DIJK, 2003, p. 144); “[...] é uma investigação que tentará contribuir para empoderar quem não têm poder, com a finalidade de ampliar a justiça e a igualdade social [...]”. (VAN DIJK, 1999, p. 24). Ainda para Van Dijk (2013), a ACD deve ser acessível e compreensível para ser compartilhada com os outros grupos, em especial com os grupos sociais dominados. Se os estudantes não entenderem, eles não poderão aprender conosco, tampouco nos criticar.

Nesse sentido, o resumo que apresenta Van Dijk (1999) sobre os princípios básicos da ACD, demonstrado na Figura 16, também é útil para uma melhor compreensão de fundamentos-chave da ACD.

Figura 16 – Princípios básicos da ACD

Análise Crítica do Discurso	
1. A ACD trata de problemas sociais 2. As relações de poder são discursivas 3. O discurso constitui a sociedade e a cultura 4. O discurso faz um trabalho ideológico 5. O discurso é histórico 6. A ligação entre o texto e a sociedade é mediato 7. A análise do discurso é interpretativo e explicativo 8. O discurso é uma forma de ação social	Princípios Básicos

Fonte: Dijk (1999).

Na “nossa partida”, analisamos as falas dos profissionais de EF e observarmos algumas situações de prática laboral dos participantes. Ao realizar esses movimentos, procuramos verificar se a prática estava em sintonia com a teoria e se o discurso de poder, do domínio e da desigualdade estava por trás das falas e das práticas. Ao analisarmos e interpretarmos os instrumentos da pesquisa, nosso posicionamento crítico tem como referência a nossa formação política, acadêmica, cultural e social, a respeito do que foi exposto. Nesse sentido, segundo Van

Dijk (2003), quando analisamos, é importante mostrar o nosso "eu", isto é, "quem sou como profissional e cidadão", sem esquecer de qual o nosso papel ético, político e social como formador de formadores.

6.2 "Camisa doze"[148] [Procedimentos de análise dos dados]

Com a bagagem adquirida nas entrevistas, observações e documentos das instituições, dividimos esse momento do jogo em três etapas. Na primeira, descrevemos e analisamos individualmente cada participante. Na segunda, dividimos os participantes em grupos, de acordo com as funções que executam: os treinadores, professores, preparadores físicos e coordenadores. E na terceira etapa, os participantes foram divididos em dois conjuntos: o conjunto dos participantes dos clubes de futebol e o conjunto dos participantes das IES-EF.

Conforme Van Dijk (2012), o conhecimento deve ser distinguido nas suas diferentes formas, por exemplo: o pessoal, de grupo e o cultural. O primeiro é representado em modelos mentais, como eventos específicos, vivenciados por cada pessoa. O segundo tipo é compartilhado por grupos sociais singulares, como por exemplo, categorias profissionais, movimentos sociais ou corporações comerciais. A terceira forma de conhecimento apresentada é a cultural, compartilhada por todos os membros de uma sociedade de forma atemporal e contextualizada.

Relacionamos também essa divisão em três etapas, considerando o trabalho do treinador/professor de futebol com sua equipe. Primeiro, ele treina a tática individual[149] dos atletas, em seguida, realiza o trabalho da tática em grupo[150], e finaliza o treinamento da equipe com a tática coletiva/conjunto[151].

Na primeira etapa do trabalho fizemos uma análise individual de cada participante – num total de dezessete –, por meio de entrevistas com foco nas seguintes temáticas: a) formação esportiva; b) vivências no futebol; c) métodos de trabalho; d) escolha dos conteúdos; e)

[148] "Camisa doze" – termo usado para fazer referência a torcida de um time. Fizemos essa relação da torcida com os procedimentos da análise dos dados porque, antes de jogarmos a prorrogação, precisamos do apoio de todos, principalmente da "nossa torcida".

[149] Tática individual – conjunto de ações particulares dos jogadores por meio das capacidades físicas, técnicas, táticas, teóricas e psicológicas, e habilidade de percepção da situação de jogo com o propósito de alcançar uma finalidade delimitada. (GRECO, 2001).

[150] Tática de grupo – ações coordenadas e combinadas entre dois ou três jogadores harmonizando a continuidade da ação e o objetivo final do jogo. (GRECO, 2001).

[151] Tática coletiva – ações de três ou mais jogadores que ocorrem ao mesmo tempo, sendo verificada preliminarmente por um projeto de ação determinado, de acordo com as regras do jogo, relacionando as ações do adversário e as respostas como situações ofensivas para alcançar o alvo desejado. (GRECO, 2001).

referências no esporte; e f) influência do futsal[152]. Mediante observações, averiguamos as seguintes situações: a) os conteúdos e metodologias aplicadas nos treinos/aulas; b) o perfil do treinador/professor/preparador físico e sua relação com os estudantes-atletas; c) a relação estudante-professor/técnico/preparador físico. Das observações participaram dez profissionais: três professores das IES-EF, três preparadores físicos e quatro treinadores de clubes de futebol. Além das entrevistas e observações, analisamos documentos com relação às estruturas das disciplinas de futebol: as ementas e bibliografias; os objetivos das IES nos cursos de EF e os objetivos dos clubes de futebol nas categorias de base. Nesta etapa, classificamos os discursos que indicaram os aspectos relevantes da investigação, aplicando o critério amostra por saturação[153], pois entendemos que se deixássemos todas as "falas" dos participantes nessa etapa nosso jogo principal/pesquisa ficaria muito extensa, desinteressando o leitor/torcedor.

Na segunda etapa efetuamos uma análise dos participantes segundo as funções que exercem. Nesse sentido, os grupos ficaram classificados em: G1 – três coordenadores de EF das IES; G2 – dois coordenadores gerais de futebol; G3 – dois coordenadores técnicos; G4 – três preparadores físicos; G5 – quatro treinadores de futebol; e G6 – três professores de futebol das IES. A análise concentrou-se nas seguintes temáticas: a) o processo de formação inicial e continuada na EF; b) razões da dificuldade de conciliar futebol x escola; c) efeitos do distanciamento da escola. Já os documentos verificados foram: a) as estruturas das instituições para aulas/treinos de futebol; b) as possibilidades/propostas para uma melhor relação entre estudar e jogar; c) objetivos das IES com os cursos de EF; e d) os objetivos dos clubes de futebol com as categorias de base. Conforme Van Dijk (2013), há uma inter-relação das experiências cotidianas, como a intervenção profissional, com a linguagem e o contexto cultural que se reflete no discurso. Também aqui optamos em limitar os discursos que possuíam contextos semelhantes, conforme amostra por saturação.

Já na terceira etapa do trabalho analisamos os participantes divididos em dois conjuntos a partir da orientação profissional/social/cultural, quais sejam: a) participantes das IES-EF (C1 – seis participantes) e b) participantes do clube de futebol (C2 – onze participantes). O foco

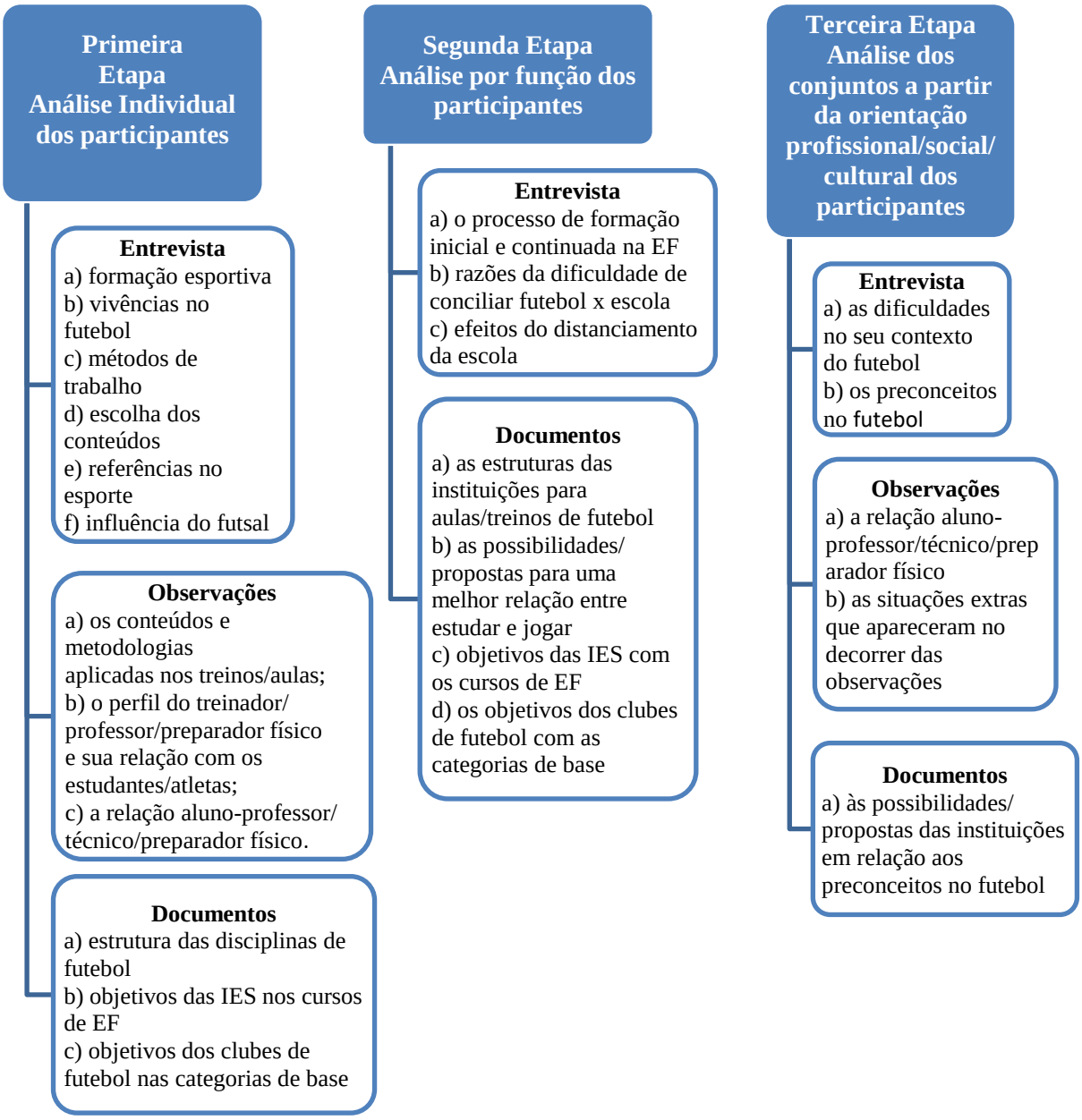
[152] Perguntamos sobre o futsal para os jogadores/participantes, pois entendemos que o futsal está alinhado com o futebol. Em muitos cursos de formação em EF, a disciplina de futebol está em conjunto com futsal. Exemplo: esportes coletivos I (futsal e futebol). Além disso, constatamos a dificuldade, tanto na universidade como nas escolas, de dispor um campo de futebol. Já uma quadra poliesportiva muitas instituições de ensino possuem. Entendemos que o futsal nada mais é que um jogo adaptado do futebol. Em nossa opinião, "o futsal é um filho do futebol", pois o futebol de salão foi criado na década de 30 para suprir as necessidades da prática do futebol de campo.

[153] Amostragem por saturação é uma ferramenta conceitual frequentemente empregada nos relatórios de investigações qualitativas em diferentes áreas. É usada para estabelecer ou fechar o tamanho final de uma amostra em estudo, interrompendo a captação de novos componentes/assuntos. (MINAYO, 1993).

recaiu sobre as seguintes temáticas: a) as dificuldades no seu contexto do futebol; b) os preconceitos no futebol. Em relação às observações, analisamos: a) a relação estudante-professor/técnico/preparador físico; e b) as situações extras que apareceram no decorrer das observações. Já os documentos verificados foram relativos às possibilidades/propostas das instituições em relação aos preconceitos no futebol. Para Van Dijk (2013), a escolha das categorias do discurso na ACD é guiada pela teoria, bem como pelo seu objetivo principal, o estudo crítico da reprodução discursiva da dominação social.

Para uma melhor compreensão do movimento analítico – suas etapas de análise – apresentamos o fluxograma a seguir (Figura 17).

Figura 17 – Etapas de análise dos dados



Fonte: Autoria própria.

Para Van Dijk, a ACD está preocupada, especialmente, com o papel do discurso na respectiva instância e na reprodução do poder ou do abuso de poder (dominância), e, portanto, interessada no estudo detalhado de interface entre o local e o global, entre as estruturas do discurso e as estruturas da sociedade.

6.2.1 1ª etapa – Agora é "correr para o abraço"[154] *[Análise individual dos participantes]*

6.2.1.1 CoEF-IES3 – Volante

Começamos descrevendo – na prorrogação/análise dos dados – as experiências de CoEF-IES3 com o futebol/futsal, as quais foram poucas. Conforme o volante: *"[...] um estágio do curso de EF com uma escolinha de futsal no SESI/Esteio, em 1982 [...]".* Mesmo assim, foi convidado a assumir a disciplina de futebol e futsal no curso de EF da IES3. *"Em 2012 assumi a aqui na Instituição, a disciplina de esportes coletivos I – futsal e futebol – que ministrei até 2019".*

Observamos que CoEF-IES3 trabalha em uma IES privada. Muitas vezes essas instituições, para reduzir custos, colocam seus profissionais em áreas para as quais não estão habilitados. Alviano Junior e Neira (2019) afirmam que as características das instituições privadas e de seus currículos refletem a precarização e a intensificação da função docente para atender as demandas do mercado, em uma estrutura de empresa educacional voltada ao lucro.

Analisando a disciplina Esportes Coletivos I (futsal e futebol) da IES3, observamos que se trata de uma disciplina obrigatória, com 80h semestrais, lecionada tanto no bacharelado como na licenciatura. Neste sentido, entendemos ser relevante a formação e a experiência do profissional que vai ministrá-la, pois o futebol e o futsal continuam sendo os esportes mais praticados no Brasil (VOSER; GIUSTI, 2015) e o futebol, como esporte, ainda é a maior expressão popular do Brasil (GUTERMAN, 2009).

Em relação à metodologia de trabalho e às referências na área, CoEF-IES3 enfatiza o aspecto metodológico e didático: *"Eu sempre me preocupei como professor da disciplina de futsal e futebol, oportunizar aos estudantes o conhecimento pedagógico e metodológico da modalidade." [...] "Eu sempre me preocupei em trabalhar a questão metodológica e didática, na formação do futuro profissional de EF." [...] "Eu sempre me preocupei com o aspecto metodológico e, por isso fui fazer um curso com o professor francês Claude Bayer, nos anos 90 [...]".* Conforme Saravia e Flores (2005), a formação inicial de professores é tanto uma ciência quanto uma arte. O que é bom para um grupo de estudantes não é bom para outros, pois não se trata apenas de conhecer a didática especializada e aplicá-las. Os recursos a serem adotados pelo futuro professor precisam ter opções metodológicas e didáticas para a obtenção

[154] "Correr para o abraço" – alguém fez tudo certo e agora só vai receber os cumprimentos pelo que realizou, comemorar. Estabelecemos essa relação porque já realizamos as entrevistas e as observações, um momento complexo da partida/pesquisa.

dos resultados desejados. Neste sentido, apesar de CoEF-IES3 não ter grande experiência com futsal e futebol, é um profissional com experiência pedagógica, preocupado com uma prática contextualizada e interdisciplinar para a formação docente em EF.

A análise do discurso de CoEF-IES3 evidência a relação do "nós" e "eles". Para Van Dijk (2013), a pesquisa em ACD está frequentemente interessada em estudar discursos ideologicamente enviesados, bem como as formas pelas quais tais discursos polarizam as suas representações do "nós e eles". Neste sentido, CoEF-IES3 enfatiza, em seu discurso, o seu lado positivo, quando destaca: *"Eu sempre me preocupei [...]"*, expressando o lado bom de suas ações. De outra parte, percebemos, em uma das suas falas, uma insinuação negativa ao "eles": *"Não adianta trabalhar a técnica, se os atletas não têm as qualidades básicas"*. Nesta frase, CoEF-IES3 faz uma crítica ao trabalho de outros profissionais que destacam o trabalho técnico em detrimento de uma formação básica. A ênfase no *"eu sempre me preocupei com o aspecto metodológico"*, destaca uma posição de algo bom e legítimo na metodologia que ensina. Mas, mostra, também, uma avaliação negativa de outros profissionais, que não se preocupam com o aspecto metodológico ou que utilizam uma metodologia que prioriza a técnica.

Esse discurso de CoEF-IES3, conforme Van Dijk, parece ser enviesado, pois se os estudantes-atletas não possuem qualidades básicas para a prática, é importante trabalhar a técnica, a qual faz parte das qualidades básicas para a prática no futebol. Entendemos que o método é importante, mas o conteúdo é um aspecto determinante no processo ensino-aprendizagem. Afinal, se o conteúdo ensinado não produzir reflexões e transformações, o método passa a ser apenas uma maneira de transmissão/reprodução.

Quanto aos conteúdos desenvolvidos nas disciplinas, CoEF-IES3 expõe sentir-se um pouco *"[...] engessado pela instituição [...]".* Neste sentido, relacionamos o caso com a proposta de Van Dijk (1996), quando destaca que as instituições possuem um discurso dominante que tem o poder de determinar o que é aceito ou não em uma sociedade, independentemente da qualidade do que ele legitima. Para Barros *et al.* (2020), muitas vezes as escolhas dos conteúdos atendem a interesses econômicos, reduzindo o papel das universidades apenas à transmissão de um conhecimento neutro e padronizado, necessário somente para competir no mundo de hoje. Mas, CoEF-IES3, no seu discurso, preocupa-se em *"[...] flexibilizar os conteúdos [...]" e "[...] possibilitar que os estudantes saíam da sua bolha, da sua caixinha".* Na fala de CoEF-IES3 – afirmando que os estudantes devem *"sair da bolha, da sua caixinha"* – percebemos um discurso influenciado pelo poder. Conforme Van Dijk (2005), os professores/coordenadores controlam o discurso acadêmico. Pois, considerando a mensagem que o professor não vive numa bolha e ele pode tirar os estudantes da bolha, além

de um pretenso domínio sobre o que é certo, verificamos um distanciamento entre professor e aluno. O professor pouco se interessa pelo mundo do aluno, pois, por estar no seu mundo acadêmico, passa a estabelecer patamares de conhecimento e vivência.

Essa fala de CoEF-IES3 também nos remete à crítica de Castro-Gomez (2007) em relação às universidades. Para o filósofo, as disciplinas nas universidades modernas materializam a ideia de que a realidade deve ser dividida em fragmentos e que a certeza do conhecimento é alcançada na medida em que nos concentramos na análise de uma dessas partes, ignorando as suas ligações com todas as demais partes. Neste sentido, interpretamos que a universidade e o professor estão "dentro da caixinha", excluindo a vivência e a realidade dos estudantes. Numa perspectiva de giro decolonial, se a universidade escutar os estudantes, é bem provável que estes a ajudarão a sair de sua caixinha eurocêntrica. Esta fala de "sair da bolha, da sua caixinha" também pode ser relacionada com a rotina dos sujeitos "pés de obra" nos clubes de futebol, pois, nesse espaço, o treinador e a comissão técnica aplicam seus modelos de treinamento, sem conhecer nem ouvir a bagagem esportiva e cultural dos seus atletas.

Em uma outra perspectiva de ensino do futebol, concordamos com Scaglia (1999) ao defender que uma proposta de ensino do futebol deve visar ao pensar, ao respeito e à prática educativa, propiciando aos estudantes a aquisição de hábitos saudáveis, a conscientização sobre os aspectos culturais e o desenvolvimento da autonomia. Acreditamos que a EF – o ensino do futebol/futsal – deva constituir-se, também, em uma disciplina comprometida com o processo educacional e com o desenvolvimento de relações interpessoais e aspectos sociais da formação do indivíduo.

6.2.1.2 CoEF-IES1 – Volante

Agora, na continuidade da prorrogação, analisamos as vivências e experiências do volante CoEF-IES1. Para este, o futebol faz parte de sua vida: *"O futebol sempre permeou a minha vida acadêmica como pessoal." [...] "Não sei se eu escolhi o futebol ou o futebol me escolheu [...]".* Segundo Damo (2005), a sociedade brasileira está impregnada de futebol e o maior exemplo disso pode ser visto no nascimento de uma criança – homem de preferência –, quando recebe um nome, uma religião e um time de futebol. Relacionamos essa fala de CoEF-IES1 com o discurso do escritor Mills (2009, p. 22), quando este expõe sobre a escolha do conhecimento e sua relação com a vida. Para o escritor: *"[...] é uma escolha tanto de um modo de vida quanto de uma carreira; quer o saiba ou não, o trabalhador intelectual forma-se a si*

próprio na medida em que trabalha para o aperfeiçoamento de seu ofício; para realizar suas próprias potencialidades".

Como muitos jovens brasileiros CoEF-IES1, também tentou a sorte no futebol: *"Joguei futebol na base do Grêmio"*. O futebol, pela rede de significados que envolve no Brasil, torna-se um projeto de vida, principalmente para as famílias de camadas populares, quando vislumbram, em casa, um filho com talento para este esporte. Conforme Souza *et al.* (2008), os atletas de categorias de base depositam no futebol expectativas de ascensão econômica e social, dificilmente imaginada em outra profissão, situação esta que parece ter sido vivenciada por EF-IES1.

Em relação às experiências com o futebol, o volante possuí bastante, pois trabalha há vinte seis anos no esporte e divide suas vivências em três fases: *"[...] atleta da base; minha graduação; e professor da graduação das disciplinas de futsal e futebol desde 2005"*. CoEF-IES1 é um dos exemplos de quem começou no esporte e sua escolha profissional deu-se por influência da sua prática esportiva. O volante chegou até a qualificação de doutor na sua profissão. Este é um caso que podemos descrever como uma exceção no meio esportivo, pois muitos relatos apontam para poucas possibilidades fora do futebol. Em geral, jogadores que não conseguiram afirmação no futebol declinaram para atividades secundárias no mercado de trabalho. Segundo Rosa (2009), caso o atleta não seja selecionado, pode ter que parar de jogar, involuntariamente, por falta de uma equipe que o acolha. Muitos acabam em subempregos, à margem da sociedade. CoEF-IES1 é um exemplo de que continuar a estudar, mesmo tentando ser jogador futebol, pode dar resultado.

Ao observarmos as referências de CoEF-IES1, visualizamos uma tendência em profissionais ligados à prática do futebol/futsal: *"Minhas referências principais são as pessoas que ajudaram minha trajetória, pessoas da área".* Em muitos casos, os professores de EF, no discurso do senso comum, têm sua imagem associada ao esporte, ao prático. Grande parte das práticas da EF, principalmente dos esportes, têm seu discurso baseado na alta *performance* esportiva. Esta fala reflete-se quando o volante relata sobre sua metodologia de trabalho: *"Eu trabalho muito com a questão da formação básica, o aluno tem que sair das minhas disciplinas, sabendo os fundamentos básicos do jogo, os fundamentos técnicos, táticos e as regras, e a partir daí ele vai aprender outros conhecimentos como em todas as áreas"*. Conforme Mizukami *et al.* (2002), existe um predomínio da racionalidade técnica no processo pedagógico e metodológico no ensino dos esportes nas universidades. Coutinho e Silva (2009) complementam que esta forma de ensino foi adotada por muitos anos em praticamente todos os cursos de formação universitária em EF. O discurso de CoEF-IES1, mais uma vez, nos remete

ao lugar do estudante no processo de formação. Entendemos que a formação do estudante – em que suas habilidades, sua cultura, elementos de história de vida pouco são aproveitados – segue o modelo eurocêntrico de formação. Isto é, a referência para a formação contínua é o conhecimento erudito, da racionalidade, do pragmatismo, o chamado conhecimento universal, formação esta que acontece na universidade e no clube de futebol.

No sentido do anterior, podemos relacionar o discurso de CoEF-IES1 com a teoria sócio cognitiva de Van Dijk (2005), quando descreve que a construção da memória social de uma determinada categoria profissional, no caso a EF, perpassa, principalmente, pelos conhecimentos teóricos que são transmitidos durante a formação acadêmica e/ou continuada. CoEF-IES1 enfatiza, em seu discurso, o aspecto técnico do seu trabalho. CoEF-IES1 fala: *"Entendo que temos que dar ferramentas para os estudantes, os quais têm que sair das disciplinas sabendo os fundamentos básicos." [...] "Não estamos trabalhando com essa temática da formação de jogadores nas aulas, estamos preocupados em ensinar a técnica, tática e regras." [...] "Eu não trabalho com esse problema das categorias de base na minha aula, eu não faço."*

Nessa fala o volante aborda uma proposta tecnicista de ensino, aparece uma incoerência em relação ao PPP do curso, que se propõe a formar profissionais competentes, críticos e comprometidos com a transformação social e com a humanização da profissão. Os objetivos do PPP do curso de EF da IES1, coadunam com a visão de Santos (2004) sobre o principal papel da EF, que é o de educar, formando cidadãos críticos, autônomos e conscientes de seus atos, visando a uma transformação social. Ainda, no objetivo de formar estudantes críticos, para Freire (1996, p. 46) uma das tarefas mais importantes da prática educativa-crítica é propiciar as condições em que os educandos possam "assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque é capaz de amar". Entendemos que esses objetivos também deveriam permear a formação dos atletas nos clubes de futebol, para mitigar a produção de sujeitos "pés de obra".

Mas, no discurso de CoEF-IES1, percebemos que a ênfase do seu trabalho está na formação técnica/prática, existindo um distanciamento da formação sociocultural e humana. Segundo Borsani e Quintero (2014), nas universidades ainda seguimos uma imposição colonial em conformidade com os padrões de conhecimento eurocêntricos, que responde a uma estandardização do saber com a pretensão de universalidade e neutralidade. Observamos que o modelo eurocêntrico dominante, institucionalizado nas universidades, também se refletiu nos cursos de formação de professores em EF. Neste sentido, podemos fazer a relação com o discurso de poder na ACD de Van Dijk (2018). Para o autor, os membros de grupos ou

instituições socialmente mais poderosos têm acesso mais ou menos exclusivo e controlam um ou mais tipos de discurso público.

Quanto à questão da liberdade para escolha dos conteúdos, o volante relata que: *"[...] tive total liberdade para escolher nos locais que trabalhei até agora, eu é que escolho." "[...] na escolha de conteúdos e no processo de ensino aprendizagem tenho total liberdade".* Assim, fica com o professor/coordenador a responsabilidade de trabalhar com seus estudantes o objetivo da IES, que é: "[...] desenvolver uma educação comprometida com a formação de qualidade nas suas diversas fases, possibilitando aos acadêmicos o desenvolvimento de uma consciência crítica e compromisso com a transformação da sociedade". Percebemos que quando o volante expressa sua total liberdade nas escolhas dos conteúdos, abre a possibilidade de uma proposta de EF – ensino do futebol – comprometida com a formação do homem como ser social, instrumentalizando-o e fazendo com que ele vivencie situações onde os relacionamentos interpessoais sejam um alicerce para que este homem conheça a si próprio e ocupe um lugar na sociedade. Mas, parece que está não é a prática de CoEF-IES1.

Ainda no que se refere a liberdade, CoEF-IES1 expõe: *"Nós como professores temos essa prerrogativa, pelo menos aqui é assim, quando fechamos a nossa porta da sala de aula ninguém sabe o que estamos fazendo, nem a instituição".* Nesta fala de CoEF-IES1 podemos observar, mais uma vez, a prática do discurso do poder/domínio segundo Van Dijk (2005), pois a locução mostra que os professores/coordenadores controlam o discurso acadêmico. Visualizamos, neste caso, que cabe ao professor a responsabilidade, quase que integral, da formação dos estudantes. Entendemos que o professor/coordenador, se tiver interesse e competência, tem a possibilidade de executar uma proposta de ensino – também no futebol – que contribua para a formação humana. Mas, por outro lado, esse discurso de CoEF-IES1 – *"[...] quando fechamos a nossa porta da sala de aula ninguém sabe o que estamos fazendo, nem a instituição"* – pode ser preocupante se o professor não tiver interesse nem competência para determinada disciplina. Neste caso, a formação dos futuros profissionais em EF fica comprometida. A fala em destaque também está mostrando que as IES – direção e coordenação – têm pouco ou nenhum controle sobre o discurso e trabalho dos seus professores.

Essa realidade acontece na formação dos estudantes-atletas nos clubes de futebol, não ocorrendo interferência no trabalho dos treinadores, pois o importante é o resultado de campo, não a formação do estudante-atleta. O modelo treino/ensino visa à melhor *performance*, não interessando os métodos/caminho/meios – o importante é o fim. Acreditamos que nesse caso, quanto mais os jovens atletas tornarem-se sujeitos "pés de obra", mais facilidades o clube terá para atingir seus objetivos, pois não vai ter contestação no seu trabalho.

6.2.1.3 CoEF-IES2 – Volante

Passamos à análise das vivências e experiências da CoEF-IES2. No que diz respeito à formação e vivências no esporte, a volante CoEF-IES2 é um caso diferenciado, pois, segundo ela, sobre gostar de e jogar futebol afirma: *"Não tive influência familiar nem na escola".* De acordo com Damo (2005), o pertencimento a um clube de futebol é herdado da parentela masculina sanguínea – avô, pai, tio, irmão – ou de amigos tão próximos que, do ponto de vista afetivo, são considerados como parte da família. Esta situação pode ter ocorrido, porque a volante é mulher e, como sabemos, a sociedade brasileira, em relação ao futebol, ainda é muito machista. Para Chaves e Capraro (2007), o menino pode sair para brincar na rua e realizar atividades referentes a esse espaço. Em contrapartida, as meninas necessitam ficar em casa, preservadas para tornarem-se esposas e mães. Conforme as autoras, essas atitudes são excludentes em relação ao gênero, contribuindo para a formação da sociedade patriarcal. Verificamos que o discurso do poder e do preconceito social está implícito em *"[...] foi uma escolha particular [...]"*, neste caso um discurso social.

Para Van Dijk (2013), o discurso sempre é representado por uma ideologia que, segundo o autor, possui uma estrutura cognitiva complexa que controla a formação. Mas, como mais uma brasileira apaixonada pelo futebol, a volante também tentou jogar futebol: *"Sempre fui uma apaixonada desde criança pelo futsal e pelo futebol." [...] "Com 15 anos eu fui jogar no time feminino do GFBPA".* Embora o futebol seja considerado uma paixão nacional, parece não assumir este papel social quando a questão é o futebol feminino. Conforme Goellner (2005), no futebol masculino a competência dos jogadores é fundamental para transformar o esporte em um empreendimento comercial. Mas no jogo das mulheres, isso não é suficiente. Os clubes estão exigindo que, além de saber bater sua bolinha, as jogadoras sejam bonitas.

Em relação às experiências profissionais da volante no futebol, antes de começar a dar aulas nas IES, que não foram muitas, CoEF-IES2 teve cinco anos de experiência no desporto, conforme comenta: *"Comecei a trabalhar no futebol ajudando um professor que tinha uma escolinha de futsal perto da minha casa, logo quando entrei na faculdade de EF." [...] "Depois que terminei o mestrado, apareceu uma oportunidade para ministrar as disciplinas de futsal e futebol em uma IES particular".*

Um fato muito interessante e diferenciado, nessa fala, é que a volante é mulher e ministra aulas de futsal e futebol em uma IES-EF. CoEF-IES2 comentou que naquela instituição ela era a única profissional que tinha algum vínculo com o futsal/futebol – outro fato inusitado – e, por isso, foi convidada. Aqui observamos um discurso ambíguo, pois é acompanhado de

oportunidade e, ao mesmo tempo de praticidade, considerando que a oportunidade foi dada para a volante por ser a única com experiência na área. No que diz respeito à oportunidade, segundo Costa (2007), embora a presença das mulheres tenha aumentado no meio do futebol, elas ainda passam por muitas dificuldades. Quanto à praticidade, verificamos que muitas IES-EF, em vários casos, – para ajustar a carga horária dos professores e as demandas do mercado em uma estrutura de empresa educacional (ALVIANO JUNIOR; NEIRA, 2019) – colocam professores em disciplinas para quais não são especialistas. Observamos isso em muitas IES-EF, em que professores ministram disciplinas sem terem conhecimento específico sobre o assunto, sem a formação curricular específica na matéria.

Em relação à metodologia utilizada pela CoEF-IES2, constatamos que a ênfase está nos aspectos técnicos do esporte como o discurso de CoEF-IES1. CoEF-IES2 fala: *"No ensino do futsal e do futebol, buscava trabalhar as questões dos fundamentos que são básicos para os esportes e, depois partia para questões táticas e de desenvolvimento do jogo".* Suas referências na área também seguem a linha mais tradicional de ensino do futebol/futsal. Quando perguntada sobre a influência do futsal no seu trabalho, afirma: "*Minha principal referência no esporte é o professor V., na linha do futsal, utilizo muito os livros dele. O futsal teve muito influência nas minhas aulas no meio acadêmico, principalmente o trabalho do professor V".* Para Januário, Oliveira e Garcia (2012), a tendência tradicional tecnicista é embasada num conjunto de normas que regulamentam a transmissão de um conhecimento pronto, que deve ser passivamente recebido e incorporado pelo estudante, para posterior reprodução.

Considerando a teoria apresentada por Van Dijk (2012), discursos podem receber distintas influências de grupos hegemônicos, como por exemplo nos sistemas de ensino e mídias, para criar um contexto que favoreça um controle mental. A construção da memória social de uma determinada categoria profissional, no caso da EF, perpassa, principalmente, pelos conhecimentos teóricos que são transmitidos durante a formação acadêmica e/ou continuada, que pode ter reforçado os aspectos técnicos do esporte em detrimento de uma discussão mais crítica. Estermann e Gomes (2017) expõem que as universidades latino-americanas são resultado da influência dos modelos europeus, mantendo o seu caráter elitista e colonial, quer na estrutura, quer no conhecimento que produzem e reproduzem.

Podemos observar esse modelo tradicional na proposta da IES2 e na ementa da disciplina. A Instituição tem como *slogan* "DNA de campeão", na perspectiva da "Faculdade que prepara seu aluno para ser um vencedor em um mercado de trabalho competitivo". Identificamos, aqui, uma contradição na fala da volante em relação à proposta da instituição para formação dos estudantes e à ementa da disciplina de futebol em relação às particularidades da disciplina de

futebol, pois a disciplina é optativa. Observamos, no seu discurso, que a instituição valoriza o futebol, a coordenação valoriza o esporte: *"Aqui na instituição a questão do futebol é muito forte." [...] "Nossa aula magna normalmente é voltada para o futebol." [...] "Estamos organizando um pós-graduação aqui na instituição de futsal." [...] Temos aqui na instituição muitos estudantes que são jogadores e jogadoras de futebol profissional." [...] "Nossa instituição prepara bastante o aluno que queira trabalhar com o futebol e futsal, o futebol é muito forte aqui".* A ementa apresenta muitos conteúdos a serem desenvolvidos, conforme documento da instituição. Mas a disciplina é optativa, possui quatro créditos e 60 horas semanais para um curso de bacharelado.

Para Matta (1982), é fundamental que se visualize o futebol além do seu caráter funcional, pois só desta maneira torna-se possível compreender a função política e social deste esporte. Entendemos que, para conseguir uma mudança nas IES-EF, o programa curricular deva proporcionar aos estudantes a oportunidade de examinar seus próprios conhecimentos e crenças anteriores sobre o ensino. E mais para que a formação não seja mera retórica e efetivamente atinja os estudantes, é importante conciliar o currículo com o interesse destes e com a realidade prática.

Em relação à escolha dos conteúdos, CoEF-IES2 fala em total liberdade, mas faz relação com a avaliação do MEC e uma ementa a seguir: *"Como professores temos total liberdade para escolher os conteúdos e autonomia na sala de aula." [...] "Em relação à instituição temos apenas que obedecer a uma prova de avaliação institucional do MEC." [...] "[...] converso com eles, pois existe uma ementa da disciplina e questões a seguir [...]".* Neste sentido, observamos que a escolha dos conteúdos fica a critério de cada professor. Esse fato parece ser louvável, desde que o professor esteja engajado com a proposta da instituição no intuito da melhor formação possível aos estudantes.

Cremos que os professores devam entender que a atividade futebolística exige mais do que a simples aplicação de técnicas e procedimentos pré-estabelecidos. Acreditamos que o professor formador deva ir além do ensino das técnicas: deve atuar de forma crítica e comprometida, refletindo sobre a realidade. Percebemos, no discurso da volante que, apesar da liberdade dada aos professores, existe uma certa cobrança da instituição por resultados. Aqui apresenta-se o discurso do poder/domínio pela instituição, *"[...] obedecer a uma prova [...]".* Para Van Dijk (2013), os significados implícitos estão relacionados às crenças fundamentais, entretanto, não são claros, diretos, completos ou precisamente declarados por várias razões contextuais. Segundo Barros *et al.* (2020), existem políticas oficiais e documentos normativos que subsidiam a construção da formação profissional, porque respaldam objetivos outros, como

o do mercantilismo do ensino. A formação inicial dos professores não pode ser apenas embasada na transmissão de conteúdos descontextualizados com a realidade. A formação deve enfatizar competências básicas que um professor deve ter, para assim conduzir os processos de ensino-aprendizagem de qualidade no século XXI.

6.2.1.4 CGCB-CF1 – Goleiro

Seguimos a prorrogação, agora analisando as vivências e experiências do CGCB–CF1, que ocupa um cargo muito importante num dos maiores clubes de futebol da América do Sul. O goleiro começou sua relação com o futebol na escola, experiência que o levou a cursar EF e trabalhar com o futebol: *"Eu me interessei pelo futebol desde a escola." [...] "Quando fui fazer EF tinha certeza que queria trabalhar com futebol".* Nesta fala podemos observar a importância da EF escolar e do esporte da escola (STIGGER, 2001). Conforme Garganta (1997), cerca de dois terços dos conteúdos do currículo desenvolvidos em aulas de EF escolar dizem respeito aos esportes coletivos. Apesar de muitas críticas ao ensino do esporte na escola, principalmente do grupo "coletivos de autores", aqui no Brasil, foi na escola que muitos profissionais de EF tiveram seus primeiros contatos com o esporte, sendo motivados a se profissionalizarem nessa área. Outro relato do goleiro refere-se à profissão a seguir no futebol: *"[...] como todo mundo, de preparador físico ou treinador".* Esta é quase uma visão do senso comum das pessoas que cursam EF e querem trabalhar com o futebol.

Segundo Van Dijk (2005), há uma memória cultural coletiva, compartilhado pelos membros competentes de uma sociedade ou cultura. Esse fato pode explicar a ideologia em torno da EF e de quem vai trabalhar com o futebol, relacionada à profissão de treinador ou preparador físico. O futebol oferece outras oportunidades de trabalho além de treinador ou preparador físico. Conforme Barros (2015), se considerarmos os cargos disponíveis na gestão de campo – treinadores, assistentes, analistas, coordenadores, fisiologistas, preparadores, entre outros –, existem cerca de 50 vagas no Brasil para cada uma destas funções que representam o topo do mercado de trabalho.

Em relação aos métodos que CGCB–CF1 utiliza e a liberdade de escolha dos conteúdos para o trabalho, observamos pela fala do goleiro que este é um profissional com experiência e que aproveitou os saberes adquiridos na sua vivência no clube e na sua capacitação, principalmente para uma melhor formação dos atletas, sempre guiado pelos objetivos do clube. CGCB–CF1 narra: *"[...] ao conhecer muitas áreas no clube fui me especializar mais na gestão – fiz uma especialização – e menos no campo. Em 2015 comecei como coordenador técnico e*

em 2017 assumi como coordenador geral." [...] "Tento fazer com que as pessoas conversem, para primeiro beneficiar os atletas, depois as equipes e por último os objetivos pessoais." [...] "As comissões técnicas das categorias, têm a liberdade para atingir os objetivos." [...] "Os objetivos do clube estão bem claros para todos: 1º colocar atletas no profissional, 2º diminuir o número de dispensas e 3º aumentar o ativo com os atletas".

Observamos que o discurso do goleiro também está condizente com os documentos analisados, pois o CF1 incentiva o crescimento profissional de seus atletas, disponibilizando infraestrutura de qualidade, adequada à formação de "grandes jogadores". O CF1 tem como objetivo formar atletas de qualidade para o clube que a mantém, visando também a formar cidadãos. Verificamos que o discurso está muito relacionado com o "futebol negócio", apesar de também falar em formar cidadãos. Analisando as falas, constatamos que todo o trabalho é direcionado para o atleta, que deve se tornar um ativo do clube, o que leva a subentender que o negócio está em primeiro lugar.

Conforme Vieira (2016), o futebol é uma indústria que movimenta US$ 250 bilhões. Para Favero (2009), o futebol hoje é puro negócio, enquanto que os jogadores são as "mercadorias". O futebol como negócio não se restringe aos clubes e jogadores, pois grandes empresas também se beneficiam deste esporte, obtendo grandes lucros. O futebol constitui-se um negócio milionário, com inúmeras empresas investindo milhões de reais nesse esporte. Esse discurso também demonstra a relação de poder/domínio do clube com seus profissionais, pois, quando o objetivo é: "formar grandes jogadores e ativos para o clube", está definindo o caminho que os profissionais devem traçar, isto é, formar jogadores para obtenção do lucro.

Segundo Van Dijk (2005), os membros de grupos ou instituições socialmente mais poderosos têm acesso quase exclusivo e controlam um ou mais tipos de discurso público. Para o autor, aqueles que desfrutam de mais controle sobre discursos cada vez mais influentes também são, por definição, mais poderosos. Verificamos que expressões do discurso dominante não apenas representam, mas exercem o poder dominante, como também se adaptam às representações sociais desejadas, influenciando e manipulando pessoas. Essa questão de os jogadores em formação serem "ativos para o clube", é presente no discurso do senso comum. Para Giglio e Rúbio (2013) os jogadores são tratados como *"commodity"*. Esquecemos, muitas vezes, de que são seres humanos.

6.2.1.5 CGCB-CF3 – Goleiro

Continuando, analisamos agora as experiências do CGCB-CF3: *"Comecei a trabalhar com treinador de futsal nas categorias de base." [...] "Aos 31 anos comecei a trabalhar no futebol de campo onde estou até hoje, mas agora na área da gestão." [...] "Em 2016 ingressei aqui no clube como treinador, e em 2019 assumi o cargo de coordenador geral".* Como o CGCB-CF1, CGCB-CF3 teve experiência em várias funções para chegar ao cargo de coordenador geral. Entendemos ser esse o caminho mais correto. Também consideramos importante a atitude do clube de futebol em valorizar os profissionais da "casa", pois observamos, em várias instituições, que a valorização do profissional de fora em detrimento do profissional da "casa". Esse fato nos remete ao escritor Nelson Rodrigues (1993, p. 51), ao comentar: "[...] Por 'complexo de vira-latas' entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo."

Nesse sentido, também podemos relacionar o descrito com o discurso de Memmi (2007) sobre a criação da imagem do colonizado – profissionais da casa – em relação ao colonizador – instituições –, ao destacar que a principal característica associada ao colonizado é a da preguiça. Sua incapacidade para o trabalho também vai justificar os baixos salários. Relacionamos esse discurso do colonizador/instituições com a teoria de Van Dijk (2005), ao afirmar que instituições detêm o discurso do poder, podendo expandir para a sociedade, principalmente através da mídia. Um discurso repetido várias vezes – que o de fora é melhor – pode ficar cristalizado na mente da sociedade. Isso posto, enaltecemos a atitude do CF3 em valorizar seus profissionais oriundos da cidade, considerando a grande dificuldade para manter essa convicção. Consideramos que a cultura e o conhecimento local podem se adaptar melhor ao seu ambiente, contribuindo para a resolução dos seus problemas.

Em relação aos métodos e escolha dos conteúdos, CGCB-CF3 parece ser bem democrático: *"[...] gosto de ouvir a todos, estou aberto a novas ideias." [...] "[...] tenho a humildade de trocar o rumo das coisas." [...] "[...] a gente tem a liberdade para trabalhar, [...]" [...] "Acredito que em 2020 vamos dar os primeiros passos para criar uma metodologia de trabalho que inclua o futsal".* Neste aspecto, relacionamos o discurso do goleiro e sua metodologia de trabalho com a proposta de Munsberg e Silva (2018), sobre a educação intercultural. Para os autores, a educação intercultural pressupõe superar o individualismo, os velhos discursos, as estruturas excludentes e as posturas discriminatórias em prol de um trabalho cooperativo, colaborativo, reflexivo e dialógico. A educação intercultural pode

construir possibilidades "outras" de trabalho com o futebol, diferentes dos tradicionais modelos hegemônicos.

Conforme Homrich e Souza (2013), devemos ter como foco principal no ensino do futebol a questão do esclarecimento aos que nele se inserem, procurando desta forma contribuir para a ampliação da percepção e entendimento destes no campo social. Nessa atitude de relação *"[...] aberta, de troca de ideias [...]",* entendemos que trabalhar com o futebol numa perspectiva "outra" é importante a construção coletiva do conhecimento. Desta forma, estaremos mitigando a produção de sujeitos "pés de obra" no futebol. No sentido de uma proposta "outra", Ocaña, Lopes e Conedo (2018, p. 1999), relatam:

> "Es posible también ver docentes desarrollando clases sobre democracia e imponiendo su criterio sobre el pensar/sentir de sus estudiantes. Es preciso que los profesores reconozcamos la pluralidad y diversidad de formas de vivir, estar, ser, pensar de nuestros estudiantes, para no incurrir en estas acciones excluyentes en las que subyace la colonialidad en alguna de sus dimensiones".

Acreditamos que hoje já não seja mais possível fazer reflexões sobre práticas educacionais ou formativas que não envolvam as relações interpessoais, que se desenvolvem no espaço da sala de aula/clube ou fora dele, entre os professores/treinadores e os estudantes/atletas, pois, o conhecimento e a vivência dos estudantes/atletas são importantes na organização dos conteúdos curriculares/treinamentos.

Ainda sobre a escolha dos conteúdos, CGCB-CF3 também segue algumas determinações do clube, pois CF3 valoriza muito sua torcida e identidade quando o assunto é modelo de time: *"[...] essa metodologia não pode fugir das características do clube e da sua identidade." [...] "Não podemos fazer alguma coisa muito diferente da equipe profissional, pois ela já possui sua identidade e temos muito a influência da torcida".* Entendemos ser fundamental que o clube tenha uma identidade própria, não copie modelos de outros, principalmente de grandes clubes europeus, que não são compatíveis às nossas características e realidade. Segundo Rodrigues (2004), a modernização do futebol trouxe a mudança no estilo brasileiro de jogar. Os clubes adotaram novos métodos de treinamento, dando ênfase à preparação física e à armação tática da equipe em campo, isto é, seguindo o modelo europeu, fugindo das características sul-americanas do futebol arte. Conforme Pizarro (2014), o "futebol moderno" está impregnado de discursos de quem detém o poder, voltados para o futebol negócio, no qual apenas os grandes clubes, confederações e grandes empresas ganham. Para Damo (2008), o clube como uma empresa visa ao lucro para manter seu produto futebol, que arregimenta uma população de consumidores.

Já em relação à influência da torcida no modelo de trabalho do clube, entendemos que pode proporcionar uma relação muito tênue entre os profissionais e os torcedores, pois os mesmos torcedores que hoje aplaudem, amanhã sentem-se no direito de reivindicar através da violência. Segundo Loureiro (2007), a falta de uma legislação pertinente, o descaso perante à atitude de violência das torcidas, por parte das autoridades e das instituições futebolísticas, geram uma sensação de impunidade e poder para essas pessoas. E a violência sempre foi um dos mecanismos da colonialidade do poder. Para Quijano (2005), a colonialidade do poder reprime os modos de produção de conhecimento, os saberes, o mundo simbólico, as imagens do colonizado e impõe novos procedimentos, muitas vezes pela força.

Retomando a questão referente à interferência da torcida no trabalho dos profissionais do futebol, pensamos de modo analógico: Já parou para pensar: "alguém narrando e comentando a sua vida particular e profissional na mídia?" Com treinadores e jogadores isso acontece para além dos gramados. Já parou para pensar: "um médico mostrando os seus defeitos, por medicar alguém de forma errada, ou de um professor que chegar atrasado na escola, fossem crucificados por isso?" Com jogadores e treinadores isso acontece; basta um atleta fazer um gol contra ou um treinador errar num momento decisivo que esses profissionais ficam marcados para o resto da vida. "Não se pode tratar os iguais como desiguais."

6.2.1.6 CoT-CF2 – Lateral

Passamos, agora, à análise de experiências profissionais do CoT-CF2, que são poucas, pois o lateral é formado há quatro anos e milita no futebol há sete anos. O profissional diz: *"[...] comecei aqui no clube em 2014 estou até hoje e só tive essa experiência no futebol.".* Apesar de ter pouca experiência, CoT-CF2 está encarregado de muitas funções: *"[...] aqui eu sou treinador e professor das equipes, sou coordenador, faço todo o trabalho extra campo (material, lavanderia, campeonatos)".*

O caso do lateral corresponde à descrição de Barrionuevo (2007) sobre essa função. Segundo o autor, em alguns casos, dependendo do perfil dos profissionais e do clube, pode-se estender estas funções técnicas às dimensões administrativas, e mesmo políticas, pois o coordenador técnico também faz a interface com a direção do clube e com os funcionários administrativos. Esse acúmulo de funções do CoT-CF2 também corresponde às informações do clube sobre as categorias de base. Para as categorias de base o CF2 disponibiliza uma sala administrativa e outra que é utilizada como lavanderia e almoxarifado. Todos os jogos e treinos das categorias de base do CF2 ocorrem em campos fora do complexo esportivo, alugados pelos

professores/coordenador. Na análise deste contexto do CF2, consideram-se insuficientes as condições de trabalho aos profissionais das categorias de base. A precariedade dos alojamentos, dos campos e do tratamento dos jogadores da base é característica da maioria dos clubes de futebol no Brasil, principalmente dos menos abastados.

Os fatos narrados podem ser associados com o que defende Memmi (2007) sobre a imagem do colonizado, atendendo às mais variadas necessidades do colonizador: a relação é cômoda porque justifica as atitudes do opressor, enobrece ao refletir no colonizador qualidades opostas e ainda é economicamente proveitosa. Relacionando com o futebol, vários clubes ganham muito com esses profissionais, mas dão pouco em troca. Os jovens jogadores e os jovens treinadores/coordenadores temem reclamar e sofrer algum tipo de retaliação que atrapalhe seus sonhos.

Esse silêncio velado tem a ver com a teoria de "Vigiar e Punir" do francês Foucault (2004), este centra sua análise no surgimento do regime moderno de poder, o qual busca a adaptação aos instrumentos que vigiam a identidade, os gestos, as atividades e os comportamentos cotidianos dos indivíduos. Esse discurso do lateral – *"[...] faço todo o trabalho extra campo [...]"* – e sua fala sobre a liberdade da escolha dos conteúdos – *"[...] tenho total liberdade para organizar meus treinos, eu é que faço tudo, eu que gerencio faço tudo ninguém se mete [...]"* – também nos induzem a uma possível exploração e descaso do clube com seus profissionais. Ainda pautando esses fatos da exploração e descaso dos clubes com seus profissionais, reportamo-nos ao discurso de Quijano (2007) sobre a colonização no século XV que se mantêm até hoje. Para o autor, o colonialismo representa todas as formas de desigualdade, discriminação, exploração e dominação, empregadas pelos colonizadores aos povos nativos das Américas. Entendemos que em muitos clubes os investimentos destinados às categorias de base no Brasil não são suficientes, o que se constata na falta de estrutura e materiais para o desenvolvimento das atividades nos clubes. Com a falta de investimentos, a qualidade dos profissionais envolvidos com as categorias de base acaba sendo prejudicada e os atletas não conseguem ter uma formação adequada.

6.2.1.7 CoT-CF1 – Lateral

Dando continuidade, analisamos a formação esportiva da lateral CoT-CF1, a quem podemos considerar um exemplo de quebra de paradigma no contexto machista do futebol no Brasil*: "[...] quando criança eu brincava com os meninos de jogar bola na rua, eu era a única menina".* O preconceito existente no futebol/futsal feminino é algo histórico e está fortemente

ligado à nossa sociedade machista. Os preconceitos e estereótipos existentes no futsal/futebol feminino mostram-se muito nítidos, especialmente quando vemos pessoas questionando a sexualidade das jogadoras e referindo-se às atletas como meninas masculinizadas. Além disso, justificam o receio da prática por motivos de perigos à saúde reprodutiva causada no choque com a bola.

Mas não é só no esporte que as mulheres precisam fazer muito esforço para serem reconhecidas. Segundo Grosfoguel (2016), o conhecimento produzido por mulheres – ocidentais ou não ocidentais – é também visto como inferior e fora do elenco do cânone do pensamento eurocêntrico machista. Observamos que CoT-CF1 teve uma influência e um exemplo positivo na família, em relação a prática esportiva: *"[...] eu gostava desde criança de futebol, pois meu pai jogava futebol".* A família pode influenciar a inserção no esporte de duas formas: de forma positiva, incentivando à prática esportiva, ou de forma negativa, tendo como base um país em que o futsal/futebol é um esporte socialmente masculinizado, desestimulando a sua da prática. A sociedade em geral descrimina as crianças já desde o nascimento, condicionando-as a agir de determinado modo e ter certas preferências: se for menino, ganha carrinhos, armas, bonecos de super-heróis e bolas; se menina ganha boneca, miniaturas de eletrodomésticos e utensílios. Isso mostra que o aspecto cultural exerce grande influência na prática esportiva da mulher.

Em relação a esse discurso machista, impregnado na sociedade, podemos trazer a ACD de Van Dijk (2013), quando propõe que o conhecimento cultural é compartilhado por todos os membros competentes de uma sociedade ou cultura e, sem dúvida, todo conhecimento socialmente compartilhado pode ser pressuposto no discurso público. Kusch (2008) ressalta a tendência a universalizar o pensamento dos países centrais, como os da França, Itália, Alemanha, Inglaterra e EUA. Ao fazer isso, não possibilitamos que nossos construtos teóricos se aprimorem ou sejam revistos, tendo como base a originalidade de nosso "mundo-da-vida".

Com CoT-CF1 aconteceu uma relação tríade (prática esportiva – formação acadêmica – experiência profissional) no que diz respeito a formação, vivências e experiência profissional. A CoT-CF1 praticava esporte e, a partir do esporte, foi cursar EF. No curso de EF teve oportunidade para trabalhar com o futebol. A partir dessa oportunidade, seguiu a carreira profissional nesse esporte: *"Na minha juventude dos 12 aos 20 anos, eu praticava handebol, ... eu queria dar continuidade no esporte e resolvi cursar EF." [...] "No curso de EF, tinha a cadeira de estágio obrigatório, fui sorteada para fazer estágio aqui no clube." [...] "Iniciei dando aulas na escolinha para crianças de 5 e 6 anos, cheguei dar aulas até os de 16 anos." [...] "fazem 3 anos que trabalho na coordenação técnica das equipes de categorias de base*

(sub 14 a sub 20), aqui no CT". O caminho que a lateral percorreu é um percurso de mitos profissionais em EF, isto é: praticar esporte/cursar EF/trabalhar no esporte. Conforme Chagas (2015), para trabalhar no futebol, em cargos de coordenação técnica, é importante ser professor de EF, pois esse profissional acumularia, a partir da sua trajetória acadêmica em um curso interdisciplinar, um saber-fazer significativo, que serviria como suporte para ensinar e trabalhar com o futebol.

Entendemos que a formação acadêmica para trabalhar no futebol é extremamente importante, pois o futebol tão avançado e com tantas variáveis – desde as tecnologias, culturas, metodologias, relações pessoais, entre outras – necessita de profissionais capacitados. Além da formação acadêmica, as experiências em vários setores do clube e a sua determinação também podem ter subsidiado uma formação profissional, como é o caso de CoT-CF1 para alcançar o cargo de coordenação técnica, num espaço tão machista como o futebol. Segundo Goellner (2005), esse cenário machista não se restringe apenas ao futebol brasileiro, sendo percebido na maioria dos países, embora nem todos possuam uma estrutura de futebol feminino com tal predomínio de homens – técnicos, preparadores físicos, diretores – quanto no Brasil. CoT-CF1 é uma exceção em se tratando de um país como o Brasil, onde o futebol é discursivamente um esporte para homens. A lateral conseguiu ressignificar alguns dos sentidos incorporados ao futebol, como de identidade nacional, e afirmar que esse espaço também é seu. Um espaço de sociabilidade, igualdade de gêneros e exercício de liberdade, pois CoT-CF1 mostra que o importante é a competência, não o gênero.

No que diz respeito à liberdade para escolha dos conteúdos, CoT-CF1 fala em socialização de ideias e liberdade para trabalhar: *"[...] existe uma pré-organização, o coordenador geral pede algumas coisas, o coordenador técnico apresenta alternativas, mas todos temos a possibilidade de contribuir e opinar, não existe nada imposto nem fechado." [...] "eu posso opinar e contribuir junto com meus pares, depois que existe um consenso executamos o trabalho, temos liberdade para trabalhar".* O discurso da lateral está em consonância com o do seu superior CGCB–CF1. Segundo o goleiro: *"Tento fazer com que as pessoas conversem, para primeiro beneficiar os atletas, depois as equipes e por último os objetivos pessoais".* Observamos que o trabalho realizado no CT da base do CF1 parece ser bem democrático, oportunizando que todos possam opinar. Cremos que esse deva ser o caminho num ambiente de trabalho onde muitas pessoas convivem e possuem opiniões diversas, mas todos na busca do mesmo objetivo, a melhor formação possível dos atletas. Esse exemplo de relacionamento e oportunidade para que todos se expressem, realizado nas categorias de base do CF1, também

parece ser diferenciado no senso comum do futebol, pois, o mundo do futebol não gosta de pessoas que questionem ou opinem demais. Temem que isso possa incomodar.

Quanto às referências que pautaram a formação profissional da CoT-CF1, observamos que a lateral se apropriou de diversos saberes em várias áreas do esporte: "*Minhas referências vieram dos profissionais do curso de EF que se assemelhavam com as minhas características." [...] "O professor A. da disciplina de futebol do IPA é o maior exemplo, a relação interpessoal e as questões de valores na formação." [...] a professora A. da UFRGS, me inspirou bastante na questão da postura, conhecimento e domínio de conteúdo." [...] "Aqui no clube o professor W. me ajudo muito com a parte técnica e tático, o coordenador geral que conhece muito o clube, e o treinador C. também me ajudou muito".*

Percebemos que a CoT-CF1, buscou conhecimento em diversas fontes e através dessas experiências moldou seu perfil profissional. O caminho que a lateral percorreu nos parece ser o mais adequado, pois para trabalhar com o futebol, um esporte com muitas vertentes, cercar-se do conhecimento e do convívio de pessoas de diversas áreas, de múltiplas vivências e saberes, e entendendo que esses conhecimentos devem interagir, essa profissional está próxima de uma formação intercultural.

Para Kusch (1978), todo diálogo, de alguma forma, é intercultural, implicando processos necessários de negociação com o "outro". Neste sentido, relacionamos a experiência formativa da lateral ao significado de interculturalidade, para Walsh (2001) *apud* Candau e Oliveira (2010), pois para a autora a interculturalidade também significa um processo dinâmico e permanente de relação, comunicação e aprendizagem entre culturas em condições de respeito, legitimidade mútua, simetria e igualdade.

A partir desta perspectiva, acreditamos que podemos estabelecer novas formas de convivência na cidadania, na diversidade e na harmonia – novos modos de vida, que tornam visíveis as cosmovisões, epistemologias, filosofias, práticas e pensamentos "outros"; modos de vida que se baseiam em diferentes verdades e razões. No caso do futebol, um modo de vida que valorize o conhecimento e as experiências dos futuros jogadores e os saberes da cultura futebolística brasileira.

6.2.1.8 PF16-CF1 – Zagueiro

Prosseguindo, analisamos o discurso de PF16-CF1, relacionando a metodologia que caracteriza PF16-CF1 com a liberdade para escolher de conteúdos de trabalho. Nestas duas situações o zagueiro prioriza a formação humana, como se constata nos seguintes excertos de

sua fala: *"O que caracteriza o meu trabalho é a parte educacional a formação humana." [...] "Eu tento educar, baseado nos meus princípios familiares e de formação acadêmica." [...] "No início tenho dificuldade de relacionamento com os atletas, porque eles não estão acostumados com essa cobrança mais humana".*

Verificamos que no caso de PF16-CF1 a teoria está relacionada com a prática, pois, o zagueiro relata sobre formação educacional e humana, com destaque a compromisso e responsabilidade. Na observação do dia 27/11/19, constatamos essa coerência. O técnico e preparador/auxiliar trabalham juntos, em sintonia. Elogiam bastante os atletas, principalmente quando estes tomam iniciativas diferentes e produtivas no treino. A comissão técnica não grita com os atletas, e também não fala palavrões. Os atletas chamam o técnico e o preparador/auxiliar pelo nome. Também questionam o preparador e participam das atividades dando opiniões. Os atletas auxiliam no recolhimento do material, distribuídos conforme um cronograma semanal. Há respeito dos atletas à comissão, ficando atentos e em silêncio durante as explicações. (DIÁRIO DE CAMPO).

Entendemos, como fala o zagueiro, que o trabalho do profissional de EF, tanto no clube como na universidade e na escola, deve priorizar uma prática humana que busque contribuir para a formação integral dos estudantes-atletas, proporcionando reflexões sobre sua realidade e possibilidades de transformá-la. Para Scaglia (1999), ensinar no futebol não é uma simples transmissão de conhecimento ou imitação de gestos, onde o estudante-atleta seja apenas um receptor. Entendemos que o profissional de EF deve promover a prática social – alicerçada na participação coletiva, desenvolvimento da autonomia, criatividade e sociabilidade – e não apenas um treino que enfatize os aspectos técnicos-táticos.

Uma fala do zagueiro chamou nossa atenção em relação à formação dos jogadores de futebol: *"[...] também tento fazer do atleta um jogador." [...] "[...] mesmo num clube de futebol, onde os fins justificam os meios".* Identificamos sinais de poder nesse discurso, principalmente na relação clube de futebol, formação de jogadores e o trabalho dos profissionais. Segundo Van Dijk (2003), a ACD exige uma abordagem "funcional" que vá além dos limites da sentença e da ação e interação, pois é importante tentarmos explicar o uso da linguagem e do discurso também nos termos mais amplos das estruturas sociais, políticas, culturais e históricas.

O abuso de poder dos grupos e instituições dominantes deve ser analisado criticamente, a partir de uma perspectiva consistente com a dos grupos dominados. Segundo Damo (2008), o clube, como uma empresa, visa ao ganho e seus jogadores são o resultado de uma linha de produção em que o celeiro, a matéria prima, está nas categorias de base. Os clubes, atualmente,

têm implantado políticas internas de maior investimento nas categorias de base, em decorrência das mudanças e exigências do mercado. Conforme Melo (2010), o tempo de treinamento nas categorias de base é semelhante ao das equipes profissionais. Para Scalon (2004), o fato de o modelo esportivo dos adultos ser muitas vezes levado também para crianças/jovens, ao mesmo tempo em que este modelo atrai pelo alto nível da competição, outras vezes afasta por fatores como o excesso e rigidez de exigências advindas deste tipo de competição. Segundo Giglio e Rúbio (2013), no futebol moderno, os clubes procuram fabricar o jogador disciplinado, tornado útil e produtivo, sobretudo dócil às práticas de poder.

Nesse sentido, Medina (2007) coloca que está mais do que na hora de compreendermos que um jogador não é em absoluto uma máquina que se soma a outras dez máquinas para compor uma máquina maior, a qual chamamos de time ou equipe de futebol. Um atleta é, antes de qualquer coisa, um ser humano, dentro de toda a sua individualidade e complexidade. Frequentemente constatamos que as instituições formadoras enfatizam o aprendizado e desenvolvimento dos jovens futebolistas, mas a partir dos primeiros resultados adversos, o discurso inicial fica em segundo plano e a busca de meios para vencer supera os meios formativos. Muitas vezes as soluções encontradas são a exclusão dos jogadores menos preparados e a busca de jogadores de outros clubes, bem como, a troca de metodologias formativas por trabalhos que exigem mais dos jogadores do que eles possam realizar. Em efeito, relacionamos essa situação com a pedagogia moderna/ocidental, que não é capaz de reconhecer ou tornar visíveis as diferenças entre os seres humanos, pois sua intenção formativa é homogeneizar e padronizar.

6.2.1.9 PF17-CF1 – Zagueiro

Na sequência, analisamos o discurso de PF17-CF1 a respeito de sua formação esportiva geral e no futebol. O zagueiro, como muitos meninos brasileiros, começou a jogar desde criança com o intuito de se tornar um jogador profissional. Diferentemente da realidade da maioria dos jogadores, em parte conseguiu alcançar seu objetivo. PF17-CF1, também diferente de muitos jogadores, teve o suporte familiar para jogar e depois retomar os estudos: *"Comecei no futebol muito cedo, como todo menino, tinha o sonho de ser jogador de futebol." [...] "Comecei em escolinhas, depois passei por categorias de base, até chegar o profissional." [...] "Com 25 anos parei de jogar, e como tinha o suporte do estudo, retornei à universidade".*

A respeito de jogar futebol desde criança, Rocha *et al.* (2011) consideram que o futebol é um esporte com grande prestígio no cenário nacional e internacional. Parte deste fascínio

associa-se ao grande aporte midiático que recebe. Esta ampla divulgação fomenta o surgimento de inúmeras escolinhas de futebol que, cada vez mais cedo, levam as crianças a almejarem seu desenvolvimento técnico e tático, visando a uma oportunidade no restrito mercado do futebol profissional.

Para Conceição (2014), os clubes formadores atraem inúmeros jovens provenientes das mais rêmoras regiões do Brasil na busca de um sonho. Conforme Soares *et al.* (2011), todo o investimento de tempo na formação esportiva pode influenciar a qualidade da dedicação à escola. Além disso, caso os atletas sejam mal sucedidos no esporte, dificilmente o capital corporal [155] adquirido em anos de formação futebolística converter-se-á em outras oportunidades de carreira no mercado de trabalho. O futebol é uma oportunidade de ascensão social, mas que pode se tornar fracasso pessoal. E isso acontece porque, no auge da formação escolar e na condição juvenil de desenvolvimento, os jovens não são preparados e devidamente orientados a buscar alternativas e outras experiências de ocupação fora e além do futebol.

Mas, no caso de PF17-CF1 foi diferente da maioria dos jogadores de futebol. Ele teve uma influência muito grande da família para continuar os estudos, principalmente, porque seus pais são profissionais da educação: *"Tive uma cobrança muito forte em casa para continuar com estudos, apesar de querer estar sempre jogando futebol." [...] "Tive muita influência em casa pois meu pai e minha mãe são professores de EF".* Acreditamos que a carreira bem-sucedida dos jovens, muitas vezes, pode ser creditada aos familiares, pelo encorajamento, aquisição de valores, além de todo amor e suporte necessários durante a carreira. Entendemos a família como parte fundamental do ambiente pedagógico, contribuindo ativamente para o desenvolvimento da criança e do jovem, já que é a principal responsável pela educação dos mesmos no exercício da cidadania.

Por outro lado, Loureiro (2007) entende que é importante ressaltar a contradição de atitudes dos atletas, deixando de frequentar a escola por obrigação e cobrança e não como um direito e dever constitucional. Para a autora, a frequência do adolescente à escola, além de ser um direito básico, garantido pelo governo, a matrícula é dever da família. Além disso, é na escola que se desenvolve a base para a construção da cidadania e a base para a participação na

[155] Bourdieu (2002) utiliza a noção de capital corporal, afirmando que as propriedades corporais podem funcionar como capital para obtenção de lucros sociais, para conceder à representação dominante do corpo um reconhecimento incondicional. Ao considerar atletas profissionais que utilizam seu corpo e suas capacidades físicas em prol do rendimento, tem-se com mais clareza a utilização do capital corporal em prol da ascensão em um determinado campo, ou seja, a busca pelo reconhecimento e pelas vantagens financeiras obtidas nos esportes. O atleta profissional faz um investimento corporal, têm cuidados com o corpo, desenvolve sua funcionalidade biodinâmica, toma atitudes cotidianas que podem auxiliar na maximização da utilização do corpo na atividade a que se propõe.

vida social do jovem adolescente como cidadão. No Brasil, estudo e esporte andam bem separados. São raros os casos de atletas que têm interesse e condições de investir na formação escolar e fazer um curso superior. No caso do zagueiro, a família teve papel fundamental para a sua formação profissional. A família, como ambiente social primário, tem papel principal quanto à decisão sobre a continuidade dos estudos e, especialmente, em relação à formação de nível superior.

Em relação à metodologia de PF16-CF, o zagueiro, no seu trabalho, está preocupado com o bem estar de seus atletas: *"Eu me vejo fazendo tudo isso, mas de uma forma não tão pesada, de uma forma mais descontraída, tento deixar o ambiente mais leve, pois o ambiente do futebol é muito pesado." [...] "Eu acho que os atletas me enxergam como um cara que cobra na hora que precisa cobrar, porque esse é o ambiente do futebol, mas também me enxergam como um cara que tenta deixar o ambiente mais leve, tirar a pressão do ambiente, para os atletas não terem essa pressão extra".*

Na observação do dia 06/11/2019, constatamos que esse discurso do PF16-CF1 está em consonância com sua prática: o zagueiro deixou o ambiente tranquilo e cobrava algo quando tinha que cobrar. O preparador físico passa o treino e não dá explicação – "façam e pronto". Quando os atletas o questionam na hora de correr, não dá explicação. Por outro lado, brinca com os atletas – "tu és bunda gorda", "tens que perder as cartucheiras" – e dá liberdade para as brincadeiras, mas sempre com respeito. Percebemos que a comissão técnica é muito organizada, com as tarefas prontas para treino – estilo profissional. Orientam bastante os atletas, mas não se utilizam de palavrões para intervir no treino. Observamos, também, que há diferenças no relacionamento dos atletas com o preparador físico e com o treinador. Os atletas questionam o preparador, o treinador não; chamam o preparador físico pelo nome e o treinador de "Sor". (DIÁRIO DE CAMPO).

Em muitos casos, os preparadores físicos tornam-se conselheiros no dia a dia dos atletas. Além de treinar a capacidade física dos jogadores, estes profissionais, em geral, estão mais perto e ganham a confiança dos jogadores – mais que dos próprios treinadores –, pois não têm a função de escalar, dispensar e substituir atletas. Entendemos que é fundamental no futebol que esse profissional seja confiável e responsável, pois o rendimento do atleta dependerá principalmente das orientações, para que desenvolva ao máximo o seu potencial.

6.2.1.10 PF-CF3 – Zagueiro

Seguindo a prorrogação, consideramos o discurso de PF-CF3. Sobre suas características, o zagueiro fala ser uma pessoa tranquila e conciliadora: *"Sou uma pessoa muito tranquila para trabalhar e conviver em equipe." [...] "Acho que as pessoas me enxergam como um cara que quer auxiliar e colaborar com todos." [...] "Tento ser um cara que faz o 'meio campo', entre os atletas e os treinadores, com a intenção de harmonizar as relações".*

Na observação que realizamos dia 18/12/2019, identificamos esse relacionamento de PF-CF3 com seus companheiros de comissão e atletas. Existia uma relação de respeito da comissão com os atletas – em nenhum momento os professores levantaram a voz, ou falaram algum palavrão. Nos erros dos atletas, os professores corrigiam e elogiavam os meninos. Os atletas tinham total respeito pela comissão: executavam as tarefas tranquilamente, motivados e sem reclamações. A comissão ficava observando os atletas novos e conversavam entre si para selecioná-los. (DIÁRIO DE CAMPO).

Observando o discurso de PF-CF3 e sua prática, acreditamos que o zagueiro seja um profissional talhado para trabalhar em equipe, pois possui espírito cooperativo, respeito e humildade, valores necessários para o trabalho coletivo. Observamos, no discurso de PF-CF3, que a importância da preparação física no futebol mudou com o tempo: *"Antes eu achava que o aspecto físico era o que mais importava no futebol, hoje eu acredito que a parte técnica, o dom, o refino com a bola pelo atleta é o mais importante".* Acreditamos que essa fala mudou devido à interação com a comissão técnica e uma maior vivência no clube, observando treinos e jogos.

O discurso do zagueiro sobre a importância da preparação física está relacionado com o "futebol força" ou "futebol total", preconizado pelos europeus no início da década de 70. Conforme Giglio (2003), no futebol força o preparo físico dos jogadores é exaltado como a principal qualidade. Esse é mais um discurso do poder, advindo da Europa, e foi copiado pelo futebol brasileiro. Segundo Rodrigues (2004), a mudança no estilo brasileiro de jogar tornou-se mais evidente no período dos anos 90, especialmente quando os clubes e a seleção nacional adotaram novos métodos de treinamento, dando ênfase à preparação física e à armação tática da equipe em campo. Quijano (2005) retrata essa circunstância como fetichismo cultural que o europeu cria em torno de sua cultura, estimulando forte aspiração à cultura europeia por parte dos sujeitos subalternizados.

O importante foi que PF-CF3 modificou sua opinião a respeito do que é mais importante no futebol. O zagueiro percebeu que a técnica do jogador é o que faz a diferença numa partida.

Neste sentido, enfatizamos que os sul americanos, em especial os brasileiros, são protagonistas nesse estilo de jogar. Segundo Paoli (2007), o futebol-arte é caracterizado, entre outros fatores, pelo jogador que, de forma individual, desequilibra a partida com lances de rara habilidade técnica, possuidor de uma inteligência apurada do jogo. Essa foi uma marca cultural carregada pelos brasileiros. Esta auto representação que nos impusemos criou uma forma particular de praticar o futebol, pensá-lo e vivenciá-lo em nosso cotidiano, que nos identifica no mundo futebolístico.

Outra situação que destacamos como relevante na fala de PF-CF3, diz respeito à parceria do clube com a universidade e à liberdade para trabalhar: *"Temos uma parceria com a Universidade Federal no trabalho de força com os atletas." [...] "Tenho total liberdade para trabalhar, converso bastante com os treinadores, pois eles também são da área da EF".* Julgamos que esse discurso do zagueiro seja relevante, contribuindo para quebrar um preconceito que há muito tempo está enraizado no futebol e na academia. Mas, ao mesmo tempo, de maneira sutil, levanta um tema polêmico em relação aos profissionais da EF e os ex-jogadores de futebol. Essa é uma discussão recorrente no meio do futebol e na academia, pois as "pessoas do futebol" não abrem as portas para academia. E as "pessoas da academia" consideram o futebol como um esporte popular, que passa longe da ciência. Segundo Chagas (2015), quando falamos em formação no futebol brasileiro, um debate corrente coloca em confronto duas tendências. De um lado, aqueles que acreditam que a acumulação de um determinado *habitus* profissional, ao longo da trajetória como futebolista, garante a possibilidade de transferir um saber-fazer aos jovens. E, de outro lado, colocam-se aqueles que defendem que a função de formação no futebol deva estar centrada na figura do professor de EF, que acumularia, a partir de uma trajetória acadêmica em um curso multidisciplinar, um saber-fazer significativo como suporte para ensinar e trabalhar com jovens.

Durante algum tempo, a metodologia vigente no futebol era o empirismo. Esse método foi uma das ferramentas mais comuns para alcançar o sucesso no futebol, sendo empregado pela maioria de treinadores/ex-jogadores, valendo-se de suas experiências adquiridas nos gramados para aplicar esses conhecimentos aos treinamentos, bem como, do *feeling* desenvolvido para lapidar os jovens talentos. Com o passar dos anos, a ciência entrou no futebol com a missão de aumentar a qualidade e o controle dos treinamentos, além de auxiliar na detecção de jovens talentos. Sua função seria reduzir a subjetividade do treinamento empírico "sem base científica". Mas a ciência ainda encontra barreiras, principalmente do núcleo mais tradicional do futebol. Compreendemos que o futebol e a ciência possam andar juntos. O futebol possui áreas específicas, como a tática, a psicologia, a fisiologia, entre outras, que necessitam

do trabalho científico. Mas, o futebol possui uma porcentagem aleatória em seu jogo, que dificilmente a ciência poderá explicar, pois, o dia em que a ciência calçar chuteira e entrar em campo, o futebol deverá perder sua paixão e magnetismo. Observamos, que o CF3 está na vanguarda, isto é, conseguiu trazer a universidade para dentro do clube e essa relação de "mão dupla" – pesquisa aplicada ao futebol – deverá propiciar vantagens para ambas as instituições.

Em relação à importância do futsal no seu trabalho, CF3 comenta que esta modalidade tem influência na sua vida e um pouco no trabalho: *"O futsal teve influência na minha escolha pela EF, pois praticava na escola".* Neste sentido, a fala do zagueiro vem ao encontro da formação esportiva de muitos meninos e meninas brasileiros(as), que começam sua prática esportiva no futsal, até porque este pode ser praticado em pequenos espaços num campo de futebol. Segundo J.B. Freire (2003), há indícios de que as crianças brasileiras constituem grande parte dos que praticam futsal. Isso pode ser entendido se considerarmos o processo de urbanização de boa parte das cidades brasileiras, que fez com que possíveis locais onde as crianças brincavam e jogavam as suas primeiras "peladas" dessem lugar a complexos residenciais e comerciais.

Já no que se refere à influência, o zagueiro afirma: *"Tem um pouco de influência do futsal no meu trabalho, principalmente quando as atividades são em campos menores".* Neste sentido, o discurso do zagueiro relaciona-se com o objetivo do trabalho no futsal, isto é, realizado em pequenos espaços para desenvolver ações mais rápidas. Conforme Ré e Barbanti (2006), o futsal é jogado em quadra retangular, plana, medindo 40mx20m. Com os espaços reduzidos, ocorre um contato físico constante entre os atletas na disputa pelo espaço de jogo. Desta forma, os jogadores necessitam desenvolver capacidade elevada de velocidade e agilidade de movimentos, valências importantes no futebol atual.

Uma outra fala de CF3, foi relevante na nossa observação. O zagueiro comentou que alguns jogadores trazem "manias" do futsal: *"Às vezes tenho que tirar algumas manias (pisar na bola, postura do corpo) que os atletas que advém do futsal trazem e atrapalham um pouco no futebol de campo".* Entendemos que essas manias relatadas pelo zagueiro sejam um dos aspectos que diferenciam, para melhor, um jogador advindo do futsal – e que depois vai jogar futebol – de jogador que não teve iniciação no futsal. Segundo Daólio (2006), o futebol é um esporte jogado basicamente com os pés. Esta prática com os pés é comparada com a capoeira, samba e algumas danças indígenas. É possível que, por isso, o brasileiro tenha maior facilidade histórica e cultural com os pés para a prática do futebol do que indivíduos de outros países.

Conforme Brasil (2003), o povo brasileiro recriou o futebol com a inteligência corporal específica de sua formação étnica cultural. E aí entram em cena o poder do improviso e a

intuição do posicionamento, do estar no lugar exato na hora certa. A habilidade de livrar-se da marcação, adivinhando ou inventando espaços, lacunas e brechas. Já para Bueno (2013), a maneira como se recebe e tem-se domínio da bola no futsal é, quase unanimidade, feita com a sola dos pés, a conhecida "entrada na bola", esteja o atleta de frente, de costas, em diagonal, ou lateralmente ao gol e ao atleta adversário, facilitando a próxima tomada de decisão. Somos sabedores de que no futebol a automatização desse gesto é complicada. A imprevisibilidade é maior e nunca se sabe o que encontrar em campo, seja de maneira quantitativa ou qualitativa. Entretanto, temos exemplos que comprovam o quanto é importante o treinamento deste recurso. Arthur, Luan e Maicon, jogadores e ex-jogadores do Grêmio, além de Everton Ribeiro e Arrascaeta (Flamengo) e D'Alessandro (Internacional) utilizam amplamente esse recurso em suas atuações.

6.2.1.11 TF17-CF1 – Atacante

Continuando a prorrogação, analisamos o discurso de TF17-CF1 sobre sua formação esportiva e no futebol. Uma questão relevante expressa nesse discurso foi o fato de enxergar que o futebol não é esse paraíso, como muitas vezes é apresentado. Aliando esse entendimento às condições financeiras e formação esportiva, buscou seu desenvolvimento profissional no curso de EF. Relata: *"Tive alguns desgostos com o futebol, e pelo fato de ter uma família como uma certa condição econômica parei de correr atrás, e continuar como a maioria dos meninos que precisam." [...] "Depois acabei me dedicando aos estudos onde terminei a escola e depois me formei em EF".*

Em relação aos "desgostos" relatados pelo atacante, relacionamos com o discurso de Damo (2005), quando expõe que os futuros jogadores de futebol são adolescentes, boa parte vinda de grupos populares, investidos por representações de masculinidade que os fazem propensos aos desafios do futebol, dentro e fora de campo. Uma vez integrados aos centros de treinamentos, os jovens são solicitados de corpo e alma para cumprir a tarefa, sendo colocados em forma física e preparados para jogar. Conforme Rodrigues (2004), os treinamentos físicos, táticos e técnicos manipulam o corpo, na tentativa de alcançar o padrão ideal de jogador, resistente e habilidoso. Trata-se de um poder disciplinar em forma de técnicas, dispositivos, métodos de controle do corpo e dos atos dos indivíduos, almejando docilidade e utilidade.

Quanto à questão de dedicar-se à formação em EF, o atacante, na sua fala parece ser uma exceção no meio futebolístico, pois teve o apoio dos pais na sua decisão de não permanecer no futebol, diferente da maioria dos seus colegas. Esse discurso contrapõe-se a consideração de

Fonseca (1999), quando este descreve que é importante entender que, com a exceção de meia dúzia de famílias "ascendentes" – cujos filhos, os únicos diplomados do bairro, são todos egressos de escolas particulares –, a educação formal aparentemente faz pouca diferença na vida das famílias de jovens pretendentes a jogadores de futebol.

Em relação à metodologia que o caracteriza, o discurso do atacante remeta para a associação com o seu trabalho: *"Eu tive influência da escola nova e da escola antiga do futebol, esta questão da organização, da cobrança de horários, do comprometimento com o trabalho, eu peguei da escola antiga. A maneira que meu time joga, com posse de bola, com jogo rápido e agressivo durante 90 minutos, com compactação defensiva, eu peguei da escola nova [...]".*

Já quanto às referências, fala: *"Não tenho um ídolo como referência, eu tento pegar um pouco de cada treinador." [...] "Eu leio muitos livros de treinadores, não só do futebol mais de muitos esportes, pois acho que tudo agrega".* Observarmos, na fala do atacante, a influência do meio esportivo futebol, pois segundo Van Dijk (2005), as vivências culturais criam uma memória que permite a expressão de valores e percepções de maneira subjetiva, idiossincrática e compartilhada coletivamente. Também observamos, no discurso de TF17-CF1, uma situação quase que inusitada no debate hoje presente na profissão de treinador de futebol no Brasil: treinador formado em EF e treinador ex-atleta de futebol. TF17-CF1 diz que é adepto dos dois modelos de treinador.

Esse discurso também foi verificado na observação do dia 06/11/2019. Como exemplo do modelo "das antigas", apresentamos algumas percepções, situações e expressões registradas em nosso Diário de campo. O técnico é treinador sério, não brinca com seus jogadores. Existe muito respeito entre jogadores e técnico. Em determinado momento disse: "Na idade deles têm que aprender que devem ter respeito." Quando um atleta exagerou com a bola no pé, lascou: "Isto aqui não é *freestyle* para dar uma passadinha a mais, passa a bola ...". Quando alguém erra um lance, o técnico para o treino e corrige. Além disso, o técnico rotula alguns dos seus atletas: "O bonzinho vai ter dificuldade na carreira, vai tomar ferro, é dodói". "O vileiro, não vai se intimidar quando subir de categoria". No final do treino, todos os jogadores apertam a mão do treinador. (DIÁRIO DE CAMPO).

Quanto ao exemplo do modelo de "escola nova", observamos que a comissão técnica é muito organizada, traz as tarefas prontas para treino – estilo profissional. Passa as orientações com educação e não utiliza palavrões para orientar e intervir no treino. O técnico elogia quando um atleta acerta – "boa, boa", "é isso mesmo" – e chama alguns atletas individualmente e dá conselhos para eles melhorarem no treino. Os atletas chamam o treinador de "Sor", como forma de respeito e admiração. (DIÁRIO DE CAMPO).

Entendemos que o futebol brasileiro esteja passando por um processo de mudança que abre dois caminhos, correspondentes a dois perfis de profissionais/treinadores. O perfil do ex-jogador, que reina há anos no futebol brasileiro, usando a sua experiência de jogador para administrar seu time na beira dos gramados, utilizando seu instinto, na maioria das ocasiões, na parte tática. De outro lado, o perfil do estudioso formado em EF, que se dedica muito mais ao trabalho com a parte tática, é detalhista e tenta aprimorar-se para atingir seus objetivos. Segundo Procópio e Procópio (2016), a especificidade do futebol demanda tratamento motor e pedagógico diferenciado, o que torna necessário compreender os efeitos que podem ter no trabalho com o futebol. Daí a necessidade de avançar na maneira de ensinar a jogar e a treinar, rompendo permanentemente com as formas convencionais, avançando na modalidade, em seus vários aspectos.

Para Chagas (2015), no meio do futebol há muito preconceito em relação a quem não foi "boleiro". Desde dirigentes, torcedores e até os próprios jogadores, existe desconfiança em relação a quem não jogou bola e tenta a vida dentro da área técnica. Pode ocorrer de alguém – em caso de uma aposta dar errado – ter que justificar porque colocou o professor de EF como treinador do time. Para muitas pessoas ligadas ao futebol, a partir do momento em que estudar começou a fazer parte da rotina dos treinadores, o Brasil não ganhou mais nada. Para uma grande parte da sociedade do futebol, o estudioso não leva a lugar nenhum, utilizando como justificativas explicações tipo "porque ele não tem o conhecimento do campo. Só quem jogou muitos anos é que pode orientar direito o jogador". Esse discurso do senso comum é sustentado pelo sucesso de treinadores ex-atletas no Brasil, que no passado conquistaram títulos e prestígio.

Em conclusão do anterior, entendemos que este seja mais um discurso ideológico, de pessoas que se achavam "donos do futebol" e que agora estão tendo que disputar esse espaço com profissionais de outro perfil. Esse discurso, repetido muitas vezes por ídolos do futebol e/ou profissionais da imprensa esportiva, acabou se tornando verdade, armazenado na memória do senso comum. Compreendemos que, para ter sucesso como treinador no futebol, o profissional tem que dominar um vasto conjunto de conhecimentos e competências na área, pois somente com intuição e inspiração dificilmente alcançará bons resultados.

Em relação à importância do futsal, destacamos na fala do atacante, em qual fase da formação o futsal é importante: *"Eu acho que o atleta novo até os doze anos no máximo, tem que treinar futsal junto com o campo, pelo menos duas vezes por semana, e os mais novos mais vezes na semana".* Esse é mais um discurso estabelecido no "meio do futebol" e enraizado no senso comum. Observamos, em alguns discursos, que o estudante-atleta de futsal deve fazer a transição do futsal para o futebol a partir dos 12 ou 13 anos. Não entendemos dessa forma,

porque consideramos que o trabalho no futsal deva ser contínuo e integrado com o futebol de campo. Alguns citam os exemplos de Neymar, Robinho e Ronaldinho Gaúcho que jogaram futsal até os 13 anos e depois se transferiram para o campo. No caso desses atletas, não foi o futsal que contribuiu, nem o momento da "transição", pois, julgamos que poderia ter sido qualquer prática – futebol de areia, futebol 7, futebol de rua – e que a "transição" poderia ser feita em qualquer idade, pois todos já eram "craques" nos primeiros contatos com a bola. A respeito dessa justificativa, podemos citar os casos de Ronaldo Nazário – jogou futsal até os 15 anos –, Renato Augusto, Maicon, Luan, Alex, Tcheco e Ricardinho, entre outros, que jogaram futsal até os 16, 17 e 18 anos, respectivamente. Percebemos que não deva ser feita essa ruptura aos 13 anos. Precisamos, isto sim, fazer uma conciliação entre as modalidades, pois o futsal pode contribuir no processo de ensino-aprendizagem e treinamento do futebol. Assim, consideramos importante explorar ao máximo a contribuição do futsal na formação do atleta de futebol. Acreditamos que uma grande contribuição do futsal esteja relacionada com a intensidade do jogo e as multifunções – ataque e defesa – exercidas pelos jogadores na quadra. O fato de os jogadores cumprirem, o tempo todo, funções de defensores e atacantes em alta intensidade no treino/jogo, é um diferencial do futsal que fica no arcabouço motor, físico, tático e cognitivo dos atletas, devendo ser um processo contínuo de treinamento.

6.2.1.12 TF16-CF1 – Atacante

Prosseguindo, consideramos o discurso de TF16-CF1 sobre sua formação esportiva e experiências no futebol. Como muitos casos já analisados, o atacante começou jogando futebol na rua e tinha o sonho de ser jogador. Contando com o incentivo da família e motivado pelo esporte foi cursar EF. No curso de EF teve que realizar estágios, sendo um deles no CF1, onde está até hoje. TF16-CF1 tem bastante experiência no futebol, vivenciando várias funções, mas sempre no mesmo clube. Fala: *"Comecei com jogos de rua, é um padrão do menino brasileiro da minha geração, jogava em campos pequenos de areia, depois com adultos, é a vontade que todo menino brasileiro tem de jogar futebol." [...] "Fui incentivado pela família para jogar futebol, depois futsal, a partir daí fui fazer faculdade de EF, morava perto do clube, e foi fácil conseguir estágios, onde estou até hoje." [...] "Trabalhei com auxiliar de PF, PF, auxiliar técnico, treinador, analista de desempenho, coordenador técnico. Hoje sou treinador da categoria sub-16, onde avalio e preparo os jogadores para a categoria sub-17".*

TF16-CF1 destaca que muitos meninos da sua geração – década de 70 do século XX – jogavam futebol na rua, queriam ser jogador de futebol e muitos tiveram o apoio da família. O

futebol, pela importância e significado que tem no Brasil, torna-se um projeto de vida, principalmente para famílias de camadas populares, que vislumbram, um futuro melhor para o filho com talento para o esporte.

A rua é o primeiro espaço para a realização do sonho de jogar futebol. Segundo Martins (2019), a rua é a descoberta do jogo, porque na rua jogamos. Na rua não driblamos cones, não buscamos a técnica perfeita pela repetição descontextualizada, não colocamos a técnica acima de tudo, pois na rua não fazemos outra coisa além de jogar. Para o autor, a rua é descoberta de si – o individual –, exatamente porque não existe a técnica perfeita, a decisão correta, não existe nada no singular. Existem caminhos, decisões plurais que nos levam ao mesmo lugar, existem, sim, formas diversas de enxergar e sentir o jogo.

Concordamos com o autor, pois entendemos que na rua temos liberdade, não precisamos seguir padrões e regras pré-determinados por adultos que, muitas vezes, seguem modelos de ensino pré-estabelecidos, distantes da realidade em que estão inseridos. Sabemos que essa prática está cada vez mais difícil, devido à violência urbana e à expansão imobiliária. Neste sentido, defendemos a necessidade de implementação, pelos órgãos competentes, de uma política de segurança pública e planejamento dos espaços públicos, para promover de forma intensiva o esporte/futebol na sociedade, principalmente a mais carente.

Em relação à metodologia aplicada, o atacante relata ser um profissional formador, experiente e leal: *"[...] eu procuro me direcionar para ser um profissional formador. Demonstrar bons exemplos, bons conselhos, mostrar o melhor caminho para o atleta atingir o êxito. Acredito que as pessoas me veem como um profissional formador." [...] "Como tenho muita experiência de clube, o pessoal me respeita muito, eles me veem como uma referência, passo alguns conselhos, procuro dizer sempre a verdade para quem quer que seja." [...] "Hoje já é claro para mim, a diferença entre 'ganhar e formar' ... esses caminhos que são paralelos, não sejam tão distantes".*

TF16-CF1 se considera um profissional formador, o que identificamos no seu discurso e também na sua prática por ocasião da visita de observação.

Durante a observação realizada dia 27/11/2019, percebemos algumas ações que identificam a característica formadora em TF16-CF1. O técnico faz intervenções educadas com os atletas durante o treino. Ele é muito calmo e faz o papel de paizão e de amigão, pois tem muita experiência na instituição. Técnico e preparador/auxiliar trabalham juntos e em sintonia. Eles elogiam bastante os atletas, especialmente quando estes tomam umas iniciativas diferentes e produtivas no treino, e em momento algum usam palavrões. Suas intervenções são através do "linguajar da bola": "sai no pé", "bota no chão", "simplicidade, o simples não é fácil", "faz o

teu, não terceiriza", "vamos, tens que acordar para vida". Observamos que o técnico explica e conversa com os atletas durante o treino, sempre num tom baixo. Os atletas respeitam a comissão, ficam todos em silêncio durante as explicações e chamam o técnico pelo nome. Alguns atletas o auxiliam no recolhimento do material, pois já existe um cronograma semanal de quem deve auxiliar a comissão naquele dia. (DIÁRIO DE CAMPO).

TF16-CF1 parece ser um treinador/professor, pois suas aparentes características condizem com o que alguns autores descrevem sobre tal perfil. Segundo Mutti (2003), o treinador/professor é um educador, é uma pessoa que exerce a ação educativa influenciando outras pessoas com o propósito de melhoria de desempenho. Para o autor, o treinador/professor é um homem cuja superioridade pessoal é imediatamente sentida pelas crianças, caracterizando-se por ser disciplinador, sincero e estimulador, com muito amor pela juventude. Conforme Gomes (2004), a principal figura em todo o trabalho educativo é o treinador, que não se limita à sua função educativa. Este profissional, além de ser um especialista em futebol, precisa entender de evolução psicobiológica do ser humano, pois vai lidar com jovens ainda em formação. Entendemos que o profissional do futebol precisa propiciar as condições para que os estudantes-atletas, em suas relações uns com os outros, e todos com o profissional do futebol, ensaiem a experiência profunda de assumir-se como ser social e pensante. Pois, conforme Ocaña, López e Conedo (2018, p. 199): "[...] é inútil para um professor proferir um excelente discurso sobre inclusão se eles se relacionarem com seus estudantes com base em sua etnia, situação econômica, orientação sexual, filiação religiosa ou ideologia política".

Outra fala de TF16-CF1 é relevante para o jogo principal: "*Procuro agir na minha profissão sempre com lealdade, falo sempre na frente das pessoas o que tem que ser dito, a minha formação não deixaria eu falar pelas costas das pessoas".* Percebemos, no discurso do atacante, uma maneira sutil de dizer que no futebol muitas vezes a lealdade não é um princípio que se impõe; é a falsidade, como dita em "falar pelas costas das pessoas*",* que algumas vezes impera. Um exemplo dessa deslealdade no futebol é o trabalho de alguns empresários. Para Mendel e Santos (2018), existem certos empresários que, na ganância de colocar seus pupilos nos clubes, alteram a idade dos jovens, para mais ou para menos. São os famosos "gatos", prática conduzida, principalmente, por espertos agentes "caçadores de craques", geralmente os mesmos que se encarregam de levá-los para o exterior, até com passaporte falso. Hoje, o aliciamento e o tráfico internacional de atletas menores de idade são escancarados. Não havendo fiscalização, quadrilhas agem explorando o desejo de milhares de jovens humildes, que tentam no futebol um futuro melhor. Nesse comércio de horrores, o interesse econômico é prioridade. E tudo com o "de acordo" dos pais, já que serão beneficiados, caso o craque tenha sucesso.

Neste sentido, quanto mais os jovens atletas tornarem-se sujeitos "pés de obra", na sua formação, mais fácil e contínuas serão essas práticas.

6.2.1.13 TF-CF3 – Atacante

No discurso de TF-CF3, a respeito de suas experiências, há uma fala que entendemos ser relevante para nossa análise. É, quando o atacante começou a trabalhar no futebol e conviver com profissionais do meio, percebendo a necessidade de aperfeiçoar-se para crescer no esporte: *"Trabalhando com o futebol comecei a conviver com muitas pessoas da área da EF, e nesse momento, percebi que precisava me especializar na área, pois tinha muita insegurança em debater com esses profissionais a respeito do futebol." [...] "Em 2011 ingressei no curso de EF. E comecei como estagiário aqui no clube, fiquei dois anos nessa situação, e hoje sou treinador da categoria sub-17 aqui no clube".*

TF-CF3 é o único dos participantes do jogo principal que não concluiu o curso de EF, apesar de trabalhar há nove anos no futebol. Mas, pelo fato de o atacante perceber a importância de qualificar-se para trabalhar com o futebol, compreendemos ser um discurso relevante, pois muitos ao ingressarem nessa área, principalmente ex-jogadores, acreditam que não precisam mais estudar, por "já saberem tudo da bola".

No sentido do acima, cabe citar a afirmação de Renato Gaúcho, após ganhar a Copa do Brasil com o Grêmio, ironizando os técnicos que buscam conhecimento sobre futebol: "Quem precisa aprender, estuda, vai para Europa... Quem não precisa vai para praia. Futebol é como andar de bicicleta. Quem sabe, sabe. Quem não sabe, vai estudar."[156] Pensamos o contrário sobre essa declaração. Entendemos que TF-CF3 está fazendo o caminho correto, até porque ele não é um jogador consagrado, fato importante no discurso do senso comum, sobre o perfil de treinador que deve trabalhar nos seus times. Conforme Chagas (2015), o preconceito do treinador não jogador permanece e vai estar no Brasil até que o amadorismo pare de reinar nos gramados brasileiros e que o futebol seja profissionalizado de verdade. Percebemos que o futebol brasileiro está muito atrasado no aspecto organizacional. E muito desse atraso está relacionado ao empirismo dos treinadores. Acreditamos que existe necessidade de atualização e capacitação dos profissionais que dirigem as equipes de futebol. Cabe aos treinadores começarem a mudar essa realidade, considerando que quem deveria comandar o futebol deveria ser o mais bem preparado.

[156] Disponível em: https://www.acidadeon.com/ribeiraopreto/NOT,2,2,1217579,Divisao+entre+tecnico+estudioso+e+ boleiro+ganha+forca.aspx.

No que diz respeito às referências que o atacante nomeou em seu discurso, dividimos em dois motes. O primeiro diz respeito a como ele enxergava o futebol e como, depois de conviver com pessoas da área, mudou sua postura: *"Eu comecei a trabalhar com o futebol antes de cursar EF, nesse trabalho conheci pessoas que mudaram radicalmente a minha visão sobre futebol, antes eu enxergava o futebol como um torcedor. Eu era um treinador torcedor".* Como muitos brasileiros, TF-CF3 agia como um treinador-torcedor, isto é um indivíduo mais voltado para paixão do que a razão – e aqui razão no sentido de observar e analisar o jogo com mais frieza do que emoção. Esta fala do atacante nos reporta a uma descrição no livro "Brasil Bom de Bola", do escritor Viggiani (1998), citado em Brasil (2003), no qual o romancista Joel Rufino afirma que em nenhum outro país do mundo o futebol incorporou-se tanto à alma popular quanto no Brasil. Hoje são mais de 210 milhões de "técnicos" que aguardam a chegada da Copa do Mundo.

Esse perfil de treinador – "o torcedor" –, exposto por TF-CF3 é muito característico do futebol brasileiro, pois, segundo Brito (2011) *apud* Fernandez *et al.* (2013), cada vez mais ex-jogadores e comentaristas esportivos têm tentado a carreira de treinador no Brasil. Muitos afirmam que essa carreira é uma forma de manter-se perto do esporte. Entendemos que apenas a experiência de atleta ou de comentarista, não é mais condição suficiente para ter sucesso como treinador. O fato de terem acumulado capital simbólico, na época de jogadores e jornalistas, no primeiro momento parece ser relevante no discurso do senso comum, mas face às exigências atuais da profissão – conhecimento técnico-tático, tecnologia, gestão de pessoas, planejamento organizacional, entre outros –, só esse valor acumulado não nos parece suficiente para exercer essa carreira.

Um segundo ponto que destacamos no discurso de TF-CF3, a respeito de suas referências, foi o destaque que fez para profissionais brasileiros e não para treinadores estrangeiros. *"Eu poderia citar como referência vários treinadores europeus que admiro, mas prefiro citar como referência treinadores que trabalhei como, L. E., C., C. de S., V. M., que ajudaram no meu trabalho indicando leituras, conteúdos e principalmente foram exemplos de profissionais para mim".*

A fala do atacante diferencia-se do discurso que vemos e ouvimos na imprensa esportiva brasileira, que destaca os profissionais estrangeiros e desvaloriza os profissionais nacionais. Identificamos esse discurso da imprensa uma **"**colonialidade futebolística", caracterizada pelo jornalista Nelson Rodrigues em 1958, como "complexo de vira-lata". Por "complexo de vira-lata" o jornalista entendia ser a inferioridade em que o brasileiro se coloca,

voluntariamente, em relação ao resto do mundo. Isso em todos os setores, mas sobretudo no futebol.

Ainda sobre esse discurso de inferioridade, acrescentamos a crítica do sociólogo português Santos (2007) sobre a divisão de hierarquias de conhecimento. Segundo o autor, no lado "Sul" não há conhecimento real – existem crenças, opiniões, magia, idolatria, entendimentos intuitivos ou subjetivos, que na melhor das hipóteses, podem tornar-se objeto ou matéria-prima de investigações científicas. De outra parte, apenas do lado "Norte" é que existe o conhecimento racional. Na mesma linha, para Kusch (2008) estamos todo o tempo reproduzindo conceitos de autores europeus e estadunidenses, cujas propostas teóricas exprimem uma experiência de seu tempo-espaço específico, muitas vezes pouco relativizadas por nós que nos inspiramos nessas mesmas propostas.

Mas o discurso de TF-CF3 mostrou uma valorização do trabalho realizado aqui no Brasil, uma "decolonização do saber e do ser". Neste sentido, nos atrevemos a relacionar a questão com o discurso de Walsh (2005a) que propõe descolonizar relações e conhecimentos, questionando a colonialidade do poder. Esse processo possibilita reconhecer identidades e a diferença colonial, fortalecendo o pensamento próprio. Para a autora, reconhecer e fortalecer a si próprio remete ao processo de construção de uma sociedade intercultural, caracterizada por novas condições sociais de poder, ser e saber.

Entendemos que processo de decolonização é interno, muitas vezes intersubjetivo. Contudo, o futebol surge como uma maneira de ajudar nesse processo, servindo de ferramenta para que se possibilite "desgastar" as barreiras da hegemonia eurocêntrica. Conforme Pizarro (2014), o futebol pode ser visto como um ponto de referência para que entendermos problemas que ocorrem cotidianamente no mundo inteiro e, desta forma, buscarmos através dele iniciar um processo de descolonização. Percebemos que o futebol possui um grande potencial socializador e, hoje, quebra paradigmas impostos dentro do sistema-mundo moderno. Segundo o autor, o futebol, por si só, já possui para os sul-americanos um sentimento decolonial, do "sul global" tornar-se "norte global", devido à força de suas seleções e de seus clubes em âmbito mundial, fato de alta relevância no processo de decolonização e, inclusive, na própria autoestima de povos da América Latina.

6.2.1.14 TF-CF2 – Atacante

Progredindo na prorrogação, passamos a analisar a metodologia utilizada e escolha dos conteúdos pelo atacante TF-CF2, pois as observações que realizamos refletem esses dois

discursos: *"Estou sempre planejando treinos diferentes para atrair os estudantes e atingir meus objetivos no time." [...] "Os meus estudantes me enxergam como um louco por que faço um pouco de tudo (lavo roupa, cuido do material, organizo treinos)." [...] "Tenho total liberdade para planejar os treinos e escolher os conteúdos, o clube não interfere em nada. É tudo comigo".*

O clube em que o atacante trabalha oferece poucas condições para as categorias de base. Como exemplo, o CF2 possuí um estádio com dois vestiários profissionais – um para visitantes e um para a equipe profissional –, que não podem ser usados pelas categorias de base. O fato de TF-CF2 trabalhar em um clube de pequeno porte, que oferece poucas condições de trabalho, faz com que o atacante tenha de vivenciar diversas funções no futebol: treinador de várias categorias, preparador físico, massagista, treinador de goleiro, dirigente, entre outras.

Essa situação, da pouca condição de trabalho e das multifunções exercidas pelo TF-CF2, foi verificada quando das observações que realizamos. No dia 30/10/2019 constatamos que: o professor atua sozinho; a equipe sub-17 é terceirizada pelo clube para o professor; o treino foi realizado numa quadra de futebol 7 sintética, longe do clube, alugada pelos atletas e pelo TF-CF2; os atletas pagam mensalidade para jogar no clube; alguns atletas voltam de carro com o professor; a direção do clube não deixa a equipe sub-17 utilizar o seu campo de jogo, ou seja, não treinam no clube; o material disponível se resume a bolas velhas, coletes e cones; o professor vai até o clube, pega todo o material e leva-o no seu carro até o local do treino; o treino teve várias atividades – aquecimento, treino técnico-tático e de goleiros; o professor foi quem executou todas as funções; mesmo sozinho, o professor acompanha o trabalho de todos os grupos. Além de todas estas constatações, percebemos que o professor tem bastante intimidade com os pais, mantendo bom relacionamento, inclusive frequentando a casa de alguns deles. Verificamos que até remédio os pais já deram ao professor. Os atletas são colaborativos: ajudam a carregar o material do professor, enchem garrafas de água. Em síntese, todos participam e executam as atividades sem questionamentos, atendem as ordens e orientações e respeitam o professor. (DIÁRIO DE CAMPO).

No segundo dia de observações, em 05/12/2019, o treino foi realizado em um campo de futebol 11, num parque público da cidade. No local não tem vestiário nem banheiros. Para as necessidades fisiológicas e a troca de roupa os estudantes utilizam o "mato" do parque. Para sentarem há apenas um tronco de árvore. A única sombra é de uma árvore antiga. Ao lado do campo existe um acampamento cigano. O professor é quem cuida do campo – paga pela marcação e pelo corte da grama. As redes das traves são do professor. Não há água perto do campo – o professor é quem traz a água de casa para o treino. As bolas, coletes e cones foram

trazidos pelo professor no seu carro. O treino foi muito dinâmico, com diversas atividades – mesmo que o professor tenha que cuidar de todas ao mesmo tempo –, utilizando metodologia ativa através de jogos táticos e trabalhos técnicos de chutes a gol. Observamos que quando o professor fala todos os atletas respeitam. Mais uma vez TF-CF2 realizou as multifunções de uma comissão técnica. (DIÁRIO DE CAMPO).

O exemplo de CF2, com pouco apoio e estrutura para as categorias de base, é uma realidade no futebol brasileiro, até mesmo em alguns clubes da série A. Instalações precárias, alimentação escassa, relatos de assédio sexual, tratamento inadequado aos jogadores e falta de representatividade são características das categorias de base de muitas equipes, mas pouco se falava no assunto até a ocorrência do incêndio no centro de treinamento da base do Flamengo, acontecido no dia 08/2/2018. Essas realidades nas categorias de base, em muitos clubes no futebol brasileiro, estão diretamente relacionadas com a produção de sujeitos "pés de obra".

Apesar de todas as dificuldades, TF-CF2, é diferente, exerce sua função com muita competência, dignidade e alegria, estando muito próximo do conceito que a FIFA (2010) entende de treinador. Para a FIFA, "[...] treinador é a pessoa que se encarrega do treinamento e da formação de uma equipe, preparando-a para um bom rendimento, para obter resultados positivos." O treinador é um especialista na direção técnica e tática, do desenvolvimento psicológico e físico do jogador. Suas tarefas podem se ampliar, em função de suas competências. Compreendemos que o processo de ensino-aprendizagem está diretamente relacionado ao professor/profissional. É ele quem orienta e estimula os estudantes. O planejamento das atividades depende muito da sua atuação, principalmente de sua conduta profissional e dos objetivos que pretende alcançar no processo. E tudo isso ficou caracterizado no trabalho de TF-CF2.

6.2.1.15 PF-IES2 – Meia armador

Avançando, analisamos agora PF-IES2 na sua formação esportiva e no futebol. Sobre o início suas vivências em um centro comunitário, PF-IES2 relata que o esporte – handebol – oportunizou sua formação escolar, sua escolha profissional e seu ingresso na universidade. Fala: *"Eu tive a sorte com 10 anos de idade, de participar de um projeto da prefeitura de POA, que foi o surgimento dos centros comunitários nos bairros menos favorecidos, para oportunizar a prática de esportes as pessoas menos privilegiadas, e um dos bairros favorecidos foi o meu, a Vila Ingá." [...] "No centro comunitários eu começo a aprender e conhecer muitos esportes, as aulas eram ministradas por estagiários da ESEF/UFRGS. E ali surgiu o meu interesse pelo*

esporte, principalmente o futebol." [...] "O esporte me oportunizou muitas coisas." "[...] fui estudar em uma escola particular onde ganhei bolsa para jogar handebol." "[...] entrar na faculdade de EF, e no primeiro semestre dar treinos de handebol para meninas em uma escola, e também dar aulas de natação com remuneração." [...] "Me formei em 1982 em EF, e em 1983 comecei a dar aula de handebol na universidade que me formei".

Observando o discurso de PF-IES2, verificamos a importância dos centros comunitários, nas regiões mais carentes das cidades, e principalmente o esporte trabalhado no viés social. Foi através dessa possibilidade que PF-IES2 e muitas crianças e jovens brasileiros seguiram o caminho da escola e depois da universidade. Infelizmente, o esporte nos centros comunitários das grandes cidades está cada vez mais reduzido. As políticas públicas com viés no esporte social parecem não atrair o interesse dos governantes. E isto é uma lástima, pois os esportes praticados nos centros comunitários têm valor social importante, considerando a participação da comunidade e alianças ou parcerias desenvolvidas. Além do mais, há o fortalecimento da integração dos grupos e das comunidades, tornando-os ativos e com mais possibilidades de percepção do conceito de direito e deveres sociais e, desta forma, tornando-se agentes do seu próprio destino.

Segundo Tubino (2001), o esporte pode ser um dos meios mais importantes na formação dos jovens. A prática esportiva como educação social é indispensável no desenvolvimento da personalidade e nos processos de formação humana. Entendemos que o esporte apresenta atrativos capazes de retirar crianças e jovens da marginalidade, abrindo possibilidades para que a juventude desenvolva uma perspectiva de vida. Esta perspectiva deve visar à inclusão social dos cidadãos, como acesso à educação, à saúde e à segurança. O esporte, independentemente da modalidade, é considerado um meio de inclusão social. Através dele, várias pessoas, instituições públicas e privadas, que têm a consciência da importância da prática de exercícios físicos na vida de todos, tomaram a iniciativa de aproximar e incluir a rotina esportiva na vida das pessoas e crianças mais carentes.

Em relação ao esporte e a possibilidade de acesso à bolsa de estudo, Gutierrez Filho (2004) realizou um trabalho com indivíduos beneficiários de programas, cujo resultado demonstra que a ascensão social – ou "a mudança para um novo espaço social" – conquistada por esses indivíduos decorreu da forte influência do "novo campo educacional" a que esses beneficiários tiveram acesso. Para o autor, o esporte na escola pode ser um dos meios mais importantes de formação dos jovens, pois a prática esportiva como educação social é indispensável no desenvolvimento da personalidade e da formação para a cidadania. No que diz respeito ao esporte universitário, que também beneficiou PF-IES2, para Coelho (1984) *apud*

Silva, Machado e Dias (2014) é muito importante a contribuição do desporto acadêmico para a formação do caráter dos estudantes. Através da prática do esporte, ocorre melhoria no relacionamento entre os estudantes que participam, incentivando o coleguismo, o espírito de coletividade e a formação de novas lideranças. Hoje encontramos projetos de esportes universitários como o da Universidade Federal do Ceará (UFC), que possui uma política de incentivo ao desporto universitário, contemplando desde o desporto de rendimento até o desporto educacional, com o objetivo de abranger o maior número de universitários com interesse pela prática esportiva na universidade, sempre que esta participação não comprometa o seu rendimento acadêmico. Para Silva, Machado e Dias (2014), além de todos os benefícios que o desporto universitário pode oferecer, deve ser considerada a oportunidade de frequentar um curso superior e ao mesmo tempo não abandonar a prática desportiva competitiva.

Quanto à metodologia de trabalho de PF-IES2 na disciplina de futebol na universidade, o meia armador enfatizou a dificuldade de trabalhar com turmas mistas na universidade e a relação universidade e ensino do futebol: "*Busco muito trabalhos atuais, na universidade é importante conscientizar os estudantes, pois eles não vão sair daqui sabendo tudo." [...] "Trabalho muito com meus estudantes os processos pedagógicos de ensino, porque na universidade pegamos grupos muito heterogêneos, meninos que gostam de futebol, meninas que não gostam de futebol".*

No discurso de PF-IES2 a respeito do seu trabalho com o futebol na universidade em relação aos processos pedagógicos, notamos sua experiência em aulas mistas. A observação que realizamos no dia 29/11/2019 comprova o discurso. Na ocasião, o professor estava realizando uma avaliação prática com os estudantes. A turma estava dividida em seis grupos de quatro pessoas, todos mistos, e cada grupo organizava as suas atividades com materiais diversos. A aula foi realizada na quadra de futsal porque estava muito calor naquele dia. Os grupos tinham que organizar aulas para crianças, adaptando os materiais (bola, cones, traves, arcos, entre outros). O professor respondia a todas as perguntas dos estudantes. Ele passava nos grupos para auxiliar os estudantes na organização das atividades e distribuía o cronograma das apresentações. O professor também parecia ter bastante intimidade com os estudantes, pois ocorriam brincadeiras propostas mutuamente. Os estudantes respeitavam e tinham bastante consideração pelo professor. (DIÁRIO DE CAMPO).

Segundo Galvão (2002), quando analisamos a ação do professor de EF devemos levar em conta quando desempenha a função dentro do seu ambiente de trabalho, observando se ele atua como um exemplo para os estudantes e se sua conduta deixa marcas positivas para eles. Ele deve atuar como mediador de conhecimento e ter respaldo suficiente para trabalhar com

aspectos físicos, motores, sociais e culturais. Deve, também, ensinar conhecimentos específicos de sua área, ser responsável por estimular a formação de estudantes críticos e capazes de questionar sobre diversos assuntos. Analisando o discurso e a prática de PF-IES2 verificamos que o meia armador é coerente no seu trabalho, utiliza-se muito da sua experiência, do seu saber de mundo ou mundo-da-vida (KUSCH, 2008), e do seu carisma, nas suas práxis. Entendemos que a teoria e a prática devem complementar-se na formação inicial, pois precisam promover transformações significativas nos estudantes durante o período universitário.

6.2.1.16 PF-IES1 – Meia Armador

Partimos, agora, para a apreciação de PF-IES1 sobre sua formação esportiva e no futebol, O meia armador foi influenciado pelo irmão e, como muitos jovens da sua idade, começou jogando futebol na rua. Desde cedo vislumbrou a profissão de professor de EF: *"Comecei aos 13 anos na rua, jogando com meu irmão." [...] "Eu queria ser professor de EF e de futebol pelo prazer de fazer uma coisa que gosto, de jogar de ter liberdade e poder trabalhar ao ar livre".* No discurso de PF-IES1 verificamos sua paixão pelo futebol e pela profissão, com destaque para a possibilidade de escolher uma profissão que pudesse unir as duas dimensões, tralhando junto à natureza. Em relação ao seu gosto e prazer pelo futebol, buscamos Rinke (2007), quando expõe que o futebol é a última paixão verdadeira e um dos mecanismos de mobilização social mais eficaz dos nossos dias.

Ainda a respeito do gosto e prazer do meia armador pela EF e pelo futebol, referimos que essa condição é compartilhada pelo professor de futebol/pesquisador, pois nosso interesse pelo esporte – e em especial pelo futebol – "nasceu comigo". Conforme Helal e Gordon (2001), o futebol para o brasileiro, incorporou-se no imaginário coletivo do povo, tornando-se expressão da cultura e do "ser brasileiro". Segundo Giulianotti (2002), este esporte é amado por muitos, principalmente porque não necessita de luxo nem muito acessório. Só precisa de algumas pessoas, uma bola e um espaço.

PF-IES1 foi professor de futebol do professor/pesquisador/narrador, ele é um exemplo do que podemos chamar de "professor", pois bons professores constituem-se modelos, não só sob o ponto de vista da profissão, mas também como exemplo de cidadania. Outro aspecto a considerar a respeito do prazer do meia armador pela EF, verificamos na observação do dia 25/11/2019: O professor tem muito entusiasmo na sua aula e sempre que pode faz relação da disciplina com as possibilidades de pesquisa e do mercado de trabalho. Fala: "Quando a atividade é lúdica, quando é prazerosa, ela é prazerosa quando consigo participar/fazer/jogar."

O professor tenta, sempre que possível, incentivar o protagonismo dos estudantes em aula. “Invistam em vocês!”. “Aqui vocês são os protagonistas.” (DIÁRIO DE CAMPO).

Conforme Galvão (2002), é importante que o professor tenha um laço afetivo com seus estudantes, pois a afetividade é essencial para que as aulas tenham um clima agradável e prazeroso. Com isso, é possível estabelecer relações de respeito e amizade entre professor e aluno, trazendo como benefício a satisfação no trabalho desse professor e fazendo com que ele demonstre interesse, entusiasmo e motivação com o que ensina. Para Freire (1996, p. 26), “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. No discurso de PF-IES1, um aspecto que compreendermos ser relevante é o da sua decepção com o esporte de alto rendimento é superado pela sua paixão pelo futebol: *“No Grêmio senti a 1ª realidade do futebol, a política do clube, um departamento inteiro (amador) foi demitido. E o que me segurou no esporte, foi meu olhar de criança que o futebol não e só clube, muito mais, é prazer, é sociedade [...]”.*

O treinador é um trabalhador como outro qualquer e, como tal, vende sua força de trabalho em troca de salário. O clube, como um ótimo capitalista, vê este profissional como mão de obra barata, que deve produzir resultados para a instituição. O treinador, tratado como mercadoria pelo clube, é visto como descartável, pois a oferta de profissionais é maior que a procura. Essa é a mesma relação que acontece com os sujeitos “pés de obra” no processo de formação no futebol.

Essa lógica dos clubes vem ao encontro do pensamento de Homrich e Souza (2013), para quem o ensino do futebol nos clubes está sendo levado pela lógica do mercado esportivo, restringindo-se a ensinar futebol com um objetivo final do “rendimento”. Percebemos que dessa forma os profissionais tornam-se descartáveis. Também relacionamos esta situação da visão do treinador como mercadoria com o pensamento de Kusch (1978), quando o autor considera que o problema do homem – assim tratado como mercadoria –, seria transferido para um problema de coisas, e é isto que se fez no ocidente nestes últimos tempos. Vivemos praticamente em um mundo “coisificado”, pois o pensamento e nossas preocupações centram-se no econômico, convertendo-o em fator determinante de toda e qualquer leitura sobre o meio popular. Para o autor, é importante não só se preocupar com a distribuição dos bens, mas adequar o econômico ao humano.

Em relação à metodologia de trabalho de PF-IES1 na disciplina de futebol, o meia armador traz o futebol competitivo, mas destaca a formação no seu trabalho: *“A parte competitiva do futebol sempre esteve presente, mas hoje vejo o futebol com um olhar universal, o clube, a competição, estão presentes, mas muito mais do que isso, é a realização das*

pessoas." [...] "Um profissional comprometido com aquilo que faz, motivado, gostando do que faz. Penso que posso fazer mais. No meu trabalho o mais importante é crescer dentro e fora do campo".

Verificamos, no discurso de PF-IES1, que no seu exercício da docência em EF, a participação e a motivação dos estudantes nas aulas têm sido um dos seus principais objetivos. O conhecimento dos estudantes, seus interesses, suas dificuldades e diferenças, é fundamental para o planejamento do seu trabalho. Nesse sentido, para Homrich e Souza (2013), os professores e educadores devem contribuir para a formação de um processo de ensinar futebol que não se limite apenas ao ensinar utilitarista, advindo de uma concepção de jogo voltada para a lógica de mercado e do espetáculo.

Compreendemos que a inserção do futebol na universidade depende muito do método ou ação pedagógica do professor. Se o professor não transformar o espaço esportivo em uma área pedagógica, o local fica simplesmente como área de lazer ou de competição, desvinculado do aspecto social e cultural do esporte. Constatamos que PF-IES1, além de trabalhar com o futebol no viés esporte competição, também busca nas suas ações pedagógicas a formação integral dos estudantes. Neste sentido, o discurso e as ações de PF-IES1 estão de acordo com PPP do curso, que se propõem a formar profissionais competentes, críticos e comprometidos com a transformação social e com a humanização da profissão. E também em conformidade com a ementa da disciplina de futebol, que prevê fazer planejamento e execução de ações pedagógicas do futebol de campo e futebol 7 em diferentes contextos sociais. Essas ações, de alguma maneira, visualizamos nas observações realizadas com PF-IES1.

Na observação da disciplina de estágio em futebol, realizada no dia 21/11/2019, constatamos que estudantes do curso de EF, junto com o professor da disciplina, ministram aulas de futebol 7 para estudantes de uma comunidade carente. As turmas são mistas, com estudantes na faixa etária de 10 a 16 anos, e mantém uma relação de respeito com o professor do projeto. Em relação aos estudantes do estágio, estes cumpriam as tarefas que o professor determinava. A atenção desse professor estava direcionada aos estudantes do projeto, os quais respeitavam muito o professor e executavam todas atividades com alegria. Destacamos uma fala interessante do professor: "Aqui eu faço um acompanhamento individual, me preocupo com todos os aspectos (família, escola, alimentação), pois considero que todos estes elementos de contexto têm relação com a forma como as coisas acontecem. Converso com eles e com os pais deles." (DIÁRIO DE CAMPO).

Já na observação da disciplina de futebol feita no dia 25/11/2019, duas falas do professor a respeito de suas ações nas aulas foram muito interessantes. A primeira: "Tenho um olhar

global sobre os estudantes que chegam à minha mão. Estimulo sempre o lado positivo deles, pois entendo que temos que sair juntos e crescer juntos. 'Eu os ganho na motivação'. O ponto de partida é fazer crescer nunca os diminuir. Estar dentro do grupo e fazer o grupo crescer, pois o importante é o coletivo." A segunda fala: "Os estudantes vão ter que resolver sozinhos os problemas que ocorrem na prática, aos quais nós apresentamos alguns caminhos, mas eles é que vão ter que resolver." (DIÁRIO DE CAMPO).

Compreendemos que PF-IES1 é um professor de EF que vai além da visão restrita do futebol, trabalha num sentido amplo, para além da mera prática. Conhece o futebol e sua história, seu significado, suas ações e intervenções sociais, culturais e políticas.

Quanto à liberdade para desenvolver os conteúdos na disciplina de futebol, PF-IES1 relata que possui liberdade para trabalhar, e procura conversar com colegas para conhecer outras opiniões: *"Sempre me amparo com meus colegas, trocamos ideias, conversamos muito, pois não tem dono da verdade, e sempre é bom conhecer outros olhares".* Em relação ao compartilhar conhecimentos com os colegas, PF-IES1, mais uma vez, demonstra seu perfil de companheirismo e humildade. Com toda a sua experiência, e já no final de sua carreira, continua a dialogar com colegas, trocando informações, aprendendo e ensinando. Neste sentido, Saravia e Flores (2005) consideram importante que professor troque ideias com outros colegas sobre estratégias metodológicas que visem a um desempenho adequado. Entendemos, como PF-IES1, que na tarefa docente é necessário um trabalho em equipe, ou seja, a docência como uma tarefa de pesquisa coletiva, de produção de conhecimento sobre o ensino e a aprendizagem.

Segundo Barros *et al.* (2020), a profissão docente exige ir além de uma visão lógico-formal, com outras possibilidades interpretativas que considerem o tempo e o espaço de formação, na integração de conhecimentos acadêmicos e pedagógicos desenvolvidos no exercício da docência. Ainda sobre a liberdade para a escolha de conteúdos: *"Existe uma súmula na disciplina, mas tenho total liberdade para trabalhar".* PF-IES1 fala que existe uma súmula da disciplina, mas é livre para trabalhar no que se refere à metodologia. Na ementa da disciplina de futebol verificamos a proposta de "execução de ações pedagógicas [...] em diferentes contextos sociais". Apesar de ter liberdade para escolher conteúdos e a ementa referir-se ao trabalho em "diferentes contextos sociais", na observação da prática de PF-IES1, percebemos uma direção ao trabalho técnico no futebol e conteúdos específicos de uso da "*performance*".

Na aula observada no dia 25/11/2019 verificamos o desdobramento das atividades em duas partes. A primeira consistiu em aula teórica, tendo por temática as capacidades físicas no futebol, desenvolvida com apresentação de slides e colocação de exemplos práticos sobre

"valências físicas do futebol". A segunda parte foi aula prática, com a turma dividida em grupos de sete estudantes, realizando o aquecimento na quadra. Na sequência, o professor comandou um jogo adaptado (misto) de 5 x 3 com quatro apoios, na quadra de voleibol. Os demais estudantes observavam a aula prática. No final de cada jogo, os estudantes que estavam fora mediam a frequência cardíaca dos estudantes que estavam jogando, fazendo a relação com a aula teórica das capacidades físicas no futebol. O objetivo do professor era verificar se o jogo adaptado tinha intensidade para um treino de futebol. (DIÁRIO DE CAMPO).

Apesar de a amostra ser pequena, verificamos que o meia armador, em seu discurso – *"A parte competitiva do futebol sempre esteve presente [...]"* – e na sua prática, trabalha conteúdos técnicos do futebol. Essa amostragem identifica-se com a pesquisa de Procópio e Procópio (2016) que, segundo os autores, apesar dos mais variados temas abordados e linhas de pensamento apresentados na pesquisa, todo o trabalho na disciplina de futebol passa pelos quatro pilares do futebol: a técnica, a tática, a parte física e psicológica. Os autores complementam, relatando que nas bibliografias utilizadas pelas instituições podemos perceber que há uma preocupação nas abordagens técnicas, táticas, físicas e psicológicas. Identificando-nos com a bibliografia básica do curso de EF da IES1, entendemos que os cursos de EF na disciplina de futebol, além dos conteúdos específicos do jogo e da prática pedagógica, deveriam acrescentar, na sua proposta, um espaço para os preceitos históricos, éticos e socioculturais do futebol, importantes para a aprendizagem e a formação discente.

6.2.1.17 PF-IES3 – Meia Armador

Avançando na prorrogação, vamos analisar as experiências de PF-IES3 no futebol, em grande parte na vida escolar. Como professor de futebol em IES, começou no segundo semestre de 2019: *"Minhas experiências profissionais com o futebol, foi mais na área do futsal, comecei em 2011 numa ONG em Porto Alegre, com o futsal recreativo. Depois, em 2012 trabalhei no município de Esteio com futsal e futebol 7, participando dos jogos escolares. E 2012 também começo no município de Nova Santa Rita, numa escola e trabalho, aí sim, com o futebol".*

PF-IES3, apesar de ser um professor jovem (31 anos) e não ter muito tempo de graduação (oito anos), já possui algumas experiências significativas no futsal e no futebol com crianças e jovens, principalmente em escolas. Entendemos, que o percurso realizado pelo meia armador, a nível profissional, foi muito interessante em relação às suas vivências esportivas e de formação. Ao mesmo tempo em que aprendia na prática realizava sua formação continuada (mestrado).

Muitos são os exemplos de professores que não tiveram experiência prática e já ministram aulas em IES, principalmente por já terem a titulação de mestre ou doutor. Alguns professores, por razões e interesses variados, que ingressam no campo universitário são de diversas áreas de atuação. Assim sendo, que muitos deles não tiveram nenhum contato com conhecimentos de áreas específicas, pois foram contratados ou passaram em concursos públicos, o que observamos em vários casos na área da EF. Para Cunha (2001) *apud* Bispo e Santos Junior (2014), assegurar a docência como profissão significa dizer que ela não é simplesmente ocupação, uma vocação ou que ela se traduz em mera "semi-profissão". Percebemos a docência como uma profissão que tem particularidades e especificidades relativas no contexto social, pois o próprio fenômeno educativo tem uma natureza diferenciada, mas relacionada aos demais fenômenos sociais e naturais. Na mesma linha, para Vaillant (2013), muitos professores na América Latina são mal preparados e, diante disso, os docentes de cursos superiores necessitam de que as instituições formadoras promovam, através de um esforço intensivo e permanente, programas de formação continuada.

Em relação a sua experiência no ensino superior, PF-IES3 está iniciando na atividade docente – *"Minha experiência como professor de futebol no Ensino Superior começou nessa instituição em 2019/2 [...]"* – e como todo começo, muitas situações novas e aprendizados estarão por vir. Na observação das aulas de PF-IES3, verificamos aspectos relacionados à da falta de experiência do meia armador, o que é normal e até esperado para quem está começando uma nova experiência. Por ocasião da observação realizada no dia 16/11/2019, constatamos que o professor, apesar de ser muito jovem e estar no primeiro semestre de atuação na instituição, é muito dinâmico e motivado e tem domínio do conteúdo da disciplina. Mostra-se muito cuidadoso com os estudantes e busca a amizade deles. Participa ativamente das aulas práticas, inclusive jogando com os estudantes, como se fosse um deles. Complacente com os estudantes quando da organização do cronograma final de aulas, adaptando datas e dispondo-se a novos horários. (DIÁRIO DE CAMPO).

De acordo com a classificação de Hüberman (1992), PF-IES3 encontra-se no estágio de descoberta, que se caracteriza pela exploração das possibilidades que existem no desenvolvimento do seu trabalho. Há entusiasmo, experimentação e exaltação em torno de diferentes formas de agir e de pensar, que podem melhorar a sua prática. A sensação de responsabilidade e pertença ao corpo profissional da instituição são também evidenciadas.

A respeito da metodologia de PF-IES3 na disciplina de futebol, o meia armador destaca seu conhecimento no futsal e sua participação ativa nas aulas práticas: *"Sou um professor participativo e com bastante conhecimento do futsal." [...] "Os estudantes me veem como um*

professor participativo, tanto que me convidam para jogar nas aulas práticas e depois da aula também. Não sei se é característica da instituição, os professores, pouco se envolverem nas aulas práticas com seus estudantes. Os estudantes gostam que eu participe." [...] "Até hoje ninguém veio me perguntar sobre o meu plano de aula, enviei para o coordenador e foi isso".

Segundo Hüberman (1992), o professor iniciante dificilmente contará com algum tipo de apoio no ingresso de sua carreira. Em algumas situações, até a própria instituição e os colegas de trabalho não oferecem suporte pedagógico ao docente em início de carreira. Compreendemos que PF-IES3, diante da necessidade de construir respostas urgentes para as situações complexas que enfrenta como iniciante, é levado a buscar em suas experiências vividas como estudante para resolver os problemas que se apresentam.

Alguns desses problemas enfrentados por um professor iniciante foram evidenciados na aula prática do meia armador. Na aula observada, percebemos que em determinados momentos da aula prática alguns estudantes desafiavam o professor e em outros momentos brincavam ou reclamavam de alguma coisa. Quando o professor foi jogar de goleiro, no jogo, dois estudantes chutavam forte para intimidá-lo e diziam: "Eu quero chutar no goleiro." "Todo mundo quer machucar o professor?" "Sim." Além disso, verificamos que alguns estudantes eram irônicos com o professor, outros ficavam olhando o celular. Apesar disso, o professor não entrava em conflito com os estudantes, relevando falas e atitudes e agindo democraticamente. Uma das estratégias de PF-IES3 para enfrentar os problemas foi participar das aulas práticas: jogando com os estudantes, auxiliando-os na execução dos exercícios, fazendo intervenções positivas e não criticando os erros. Quando alguém cometia um erro, incentivava com "Vamos, vamos!" e quando executavam o movimento corretamente elogiava com "Boa, boa!". (DIÁRIO DE CAMPO).

Segundo Lima (2004), os professores buscam diferentes alternativas para as dificuldades enfrentadas, desde que estas contribuam para amenizar sua angústia e ansiedade, seja rememorando os estudos de sua formação inicial, investindo em alguma possibilidade formativa no seu contexto de trabalho, utilizando outros meios e procurando outros espaços formais e informais de aprendizagem profissional.

Outra questão que entendemos ser relevante no discurso de PF-IES3 foi o despreparo dos estudantes no esporte: *"Me vejo impossibilitado de passar mais conhecimentos, principalmente a respeito dos fundamentos táticos, nas aulas, pelo tempo e conhecimento dos estudantes".* Esse problema também apareceu nas falas de outros profissionais: a) CoEF-IES2: *"[...] o aluno porque já jogou na várzea, chega na disciplina, e acha que entende tudo, mas na maioria das vezes se surpreende quando faz a disciplina, porque não conhecia muitos dos conteúdos do*

futebol [...]; b) CoPF-IES1: *"Hoje nossos estudantes na formação inicial, têm dificuldade com esportes coletivos, porque tem poucas experiências na escola.";* c) PF-IES2: "*Hoje em dia tu vê os estudantes com muita dificuldade motora para tu começares alguma coisa. Tu tens que começar pelo 'beabá', porque é muito difícil fazer diferente [...]".*

O problema foi confirmado na observação da aula. No acompanhamento da aula prática (16/11/2019), constatamos que: alguns estudantes não participavam; outros evidenciaram pouca experiência prática no futsal; os estudantes não dominavam os sistemas táticos 3.1 e 4.0 do futsal, propostos pelo professor, e muitos não entendiam a linguagem técnica utilizada pelo professor. (DIÁRIO DE CAMPO).

Verificamos, nos discursos dos participantes da partida principal, a preocupação de muitos estudantes dos cursos de EF das IES com o nível técnico, motor e cognitivo no esporte – futsal e futebol. Esse problema também foi identificado nas observações (cinco) que realizamos com os participantes das IES. Já conhecíamos essa realidade, em nossa experiência de dezessete anos na EF das IES. Mas esse discurso, de alguma forma, confronta-se com alguns discursos e pesquisas realizadas na área da EF. Percebemos que uma corrente, mais identificada com a abordagem sócio cultural do esporte, enfatiza que as aulas da disciplina de EF na escola possuem uma tendência tecnicista e mecanicista (DAÓLIO, 2010; KUNZ, 2001; HOMRICH; SOUZA, 2013; BETTI; RANGEL-BETTI, 1996; NEIRA, 2007). Ao observarmos o discurso dos participantes e as observações, relacionados à nossa experiência na EF, identificamos que os estudantes que estão chegando aos cursos de EF das IES não são os mesmos que estão participando das aulas de EF na escola básica, segundo os autores dessa abordagem. Constatamos que, na realidade, a EF escolar "não está mais enfatizando a abordagem tecnicista em suas aulas", "tão pouco o fez", como foi abordado no capítulo 3, considerado pelos autores citados acima, na reflexão sobre o aspecto sócio cultural do esporte. Diante disso, concluímos que a EF escolar está pautada pela "futebolização", conforme Garganta (1997), ou pelo "largobol", segundo Voser e Giusti (2015). Isto é, os professores largam a bola de futebol e os estudantes jogam à vontade. Em decorrência, só os melhores se destacam; os que "não querem ou não sabem jogar", não participam das aulas. Percebemos, também, que os estudantes que não dominam a técnica para jogar futebol não têm a oportunidade de participar ativamente das aulas de EF, pois na disciplina de EF escolar "nem o gesto motor dos esportes é ensinado". Parece que os estudantes que buscam os cursos de EF das IES são aqueles que não participam ativamente das aulas de EF nas escolas básicas.

Relacionamos esse discurso que se refere às aulas de EF nas escolas básicas – com abordagem tecnicista – à ACD de Van Dijk (2018) que, segundo o autor, os modelos mentais

não representam apenas as crenças pessoais, mas também representações sociais como conhecimento, atitudes e ideologias relacionadas às estruturas dos grupos e das organizações, este caso, a uma corrente de professores/pensadores da EF. Também relacionamos o discurso "que os estudantes que não dominam a técnica para jogar futebol", com a pedagogia moderna/ocidental, que está inserida na formação dos professores, não reconhecendo e não tornando visível as diferenças entre os seres humanos. Sua intenção foi sempre de homogeneizar e padronizar as pessoas. Diante da diversidade/diferença/outro/diferente/heterogêneo, a resposta foi fazer com que tudo se parecesse com o modelo colonial europeu.

Quanto à liberdade para desenvolver os conteúdos na disciplina de futebol, PF-IES3 fala que tem total liberdade para escolher, além de trabalhar abordagens tecnicistas e cognitivas do esporte: *"Tenho liberdade total para escolher meus conteúdos".* Esse discurso de liberdade já tinha sido exposto por PF-IES3, quando perguntado sobre sua metodologia de trabalho: *"Até hoje ninguém veio me perguntar sobre o meu plano de aula, enviei para o coordenador e foi isso".* Mesmo a ementa da instituição abordando o ensino do futebol e futsal em seus vários aspectos, verificamos no discurso, na prática (observação I – dia 16/11/2019) e na prova teórica e prática (observação II – dia 30/11/2019) que PF-IES3 trabalhou na disciplina quase que somente o conteúdo do desporto futsal. Conforme PF-IES3: *"Pelo fato de os estudantes terem pouca experiência no esporte, e o campo ficar muito longe da instituição e só dei uma aula prática de futebol".* Entendemos as dificuldades do meia armador, mas não se justifica a sua abordagem quase que única do futsal, pois, por mais problemas que existissem, possui um campo à disposição para as aulas práticas. Além disso, o futebol poderia ser abordado nas aulas teóricas, num viés sociocultural e político. Segundo PF-IES3: *"Pretendo futuramente trabalhar com a temática de gênero e raça nas minhas aulas de futebol".*

Para Homrich e Souza (2013), uma proposta de ensino do futebol deve dar relevância à questão da reflexão e inserção no futebol, não só pela prática, mas também, e principalmente, pela formação humana. Acreditamos que os estudantes chegam à universidade com uma série de saberes consolidados, o que lhes fornece uma possível visão de mundo e realidade advinda das interações no ambiente onde nasceram e cresceram, sendo produto e processo do seu envolvimento com as diversas situações vivenciadas. Ensinar é buscar, indagar, constatar, intervir, educar. O ato de ensinar exige conhecimento e, consequentemente, a troca de saberes.

O árbitro apita. Final do primeiro tempo da prorrogação. Jogo empatado. O primeiro tempo teve movimentos de ataque de lado a lado, só faltou o gol. As equipes têm cinco minutos

de intervalo para, então, recomeçarem a prorrogação. A temperatura está muito alta no campo de jogo.

PRORROGAÇÃO – INTERVALO E TROCA DE LADO

Imagem 19 – Intervalo da prorrogação (conversa e hidratação)

Imagem 20 – Intervalo da prorrogação (mobilização final)

Imagem 21 – Reinício da prorrogação

6.2.2 2ª etapa – "Batemos um bolão"[157] *[Análise dos grupos de participantes]*

Final do primeiro tempo da prorrogação. Intervalo[158]. O árbitro pede para as equipes trocarem de lado. Alguns jogadores correm para beber água. Nesse momento o professor/técnico passa algumas instruções para sua equipe, pois o tempo para troca de lado é pequeno. Últimos quinze minutos para correr atrás da vitória.

No intervalo da prorrogação analisamos as temáticas: a) o processo de formação inicial e continuada na EF; b) razões da dificuldade de conciliar futebol x escola; c) efeitos do distanciamento da escola. Selecionamos para análise os discursos congruentes dos participantes sobre a temática. Segundo Van Dijk (2013), na ACD é necessário fazer escolhas e selecionar as estruturas mais relevantes a serem analisadas no estudo de um problema social. Novamente optamos em limitar os discursos que possuíam contextos semelhantes entre os grupos, isto é, amostra por saturação.

6.2.2.1 Grupo 1 – Os volantes [Coordenadores de EF das IES]

Prosseguindo na prorrogação, analisamos o processo de formação inicial e continuada na EF e sua relação com o futebol na perspectiva dos volantes. Ao analisarmos os discursos dos volantes, concentramos nossas atenções em dois aspectos: espaço da disciplina futebol no currículo da EF e o profissional que ministra a disciplina de futebol.

No que diz respeito ao espaço da disciplina futebol no currículo da EF, os volantes falam: *"O processo de formação inicial, para trabalhar com o futebol é um pouco superficial, não se aprofunda como deveria, pois, em um ou dois semestres é muito difícil desenvolver um trabalho integral" (CoEF-IES3). [...] "Hoje nossos estudantes na formação inicial, têm dificuldade de trabalhar com esportes coletivos, porque o currículo mudou e muitas escolas/universidades não tem campo" (CoEF-IES1). [...] "Os currículos das universidades mudaram, temos que fazer uma meia culpa, enquanto universidade que forma professores, não só no futebol, os*

[157] "Bater um bolão" – ser muito bom em determinada coisa, ou jogar muito bem futebol. Fizemos a analogia com a análise de grupo dos participantes, pois nesta etapa os participantes contribuíram muito com o jogo/pesquisa.

[158] Identificamos o intervalo da prorrogação com a imagem 19 – intervalo prorrogação (conversa e hidratação) –, momento em que os atletas e o treinador debatem sobre o primeiro tempo da prorrogação, fazem alguns ajustes táticos e técnicos e hidratam-se. A imagem 20 – intervalo prorrogação (mobilização final) – é o momento em que os jogadores se reúnem antes de recomeçar a prorrogação e conversam entre eles com palavras de incentivo e cobranças. A imagem 21 – reinício da prorrogação – demonstra o instante em que as equipes estão na quadra, aguardando o sinal do árbitro para recomeçar a prorrogação e o treinador já está posicionado e atento ao recomeço do jogo. As três imagens fazem parte do acervo de fotos da DDU-UFC e correspondem às equipes masculina de futebol 7 e futsal da UFC, no ano de 2015, quando o professor/pesquisador/narrador era treinador dessas equipes.

outros esportes coletivos são piores ainda, temos que achar um meio termo no currículo" (CoEF-IES1). [...] "Tem instituições que falta muito para um bom trabalho voltado para o futebol, é só a disciplina e para por aí" (CoEF-IES2). Observamos, nas falas dos volantes, uma lacuna no currículo quando o tema é esportes coletivos (futebol). Os volantes alegam o pouco espaço para o futebol no currículo do curso.

Observando a grade curricular das três instituições, apenas numa delas a disciplina de futebol é obrigatória e ministrada de forma isolada, ou seja, não é acompanhada pelo desporto futsal. A carga horária destina à disciplina de futebol na IES-EF1 é de 80h. Na IES-EF2, a disciplina de futebol não é obrigatória e a carga horária é de 60h. Já na IES-EF3 a disciplina de futebol ocorre juntamente com futsal e é obrigatória, com carga horária de 80h. Além disso, nenhuma da IES-EF pesquisadas possuí um campo de futebol 11. Em trabalho realizado por Procópio e Procópio (2016), em todas as instituições pesquisadas, a disciplina de futebol é contemplada em sua grade curricular, com carga horária que varia entre 30h à 75h. Conforme os autores, o ensino do futebol ocupa entre 0,93 % a 2,56 % do total da carga horária dos cursos de EF das instituições pesquisadas. Adentrando no estudo de Procópio e Procópio (2016) e nos discursos dos volantes, vemos que o futebol – mesmo sendo o esporte hegemônico no Brasil, assunto de muitas rodas sociais (bares, clubes, reuniões sociais, etc.), fazer parte da cultura do brasileiro e praticado em muitos espaços (escolas, clubes, ruas, praças, entre outros) –, ainda se encontra na condição de certa marginalidade científica (FREITAS JÚNIOR, 2006), ou melhor, há um certo descaso pela academia em relação ao futebol.

Conforme Rezer (2010), a aparente redução do número e carga horária de disciplinas esportivas, nos currículos dos cursos de EF, passa mais por uma questão de quantidade de disciplinas do que por uma transformação qualitativa no entendimento do fenômeno esportivo no campo do ensino superior em EF. Em pesquisa realizada a respeito da disciplina de futebol em IES de EF, Kruse (2004) verificou que a disciplina de futebol, mesmo sendo valorizada por todas as instituições pesquisadas, ocupa *status* diferente em cada uma delas, desde o seu entendimento como esporte rendimento até a sua concepção educativa. Considerando os discursos dos volantes sobre o espaço da disciplina no currículo e o cargo que ocupam – coordenadores do curso de EF – um cargo de poder, verificamos uma certa condição de *mea culpa*, como um dos volantes expõe a respeito da desvalorização do futebol nos currículos das IES-EF. Entendemos que se os coordenadores de curso "não levantarem essa bandeira", dificilmente o futebol terá mais espaço nos currículos das IES-EF. Mais uma vez enfatizamos o discurso de poder de Van Dijk (1999), quando considera que os professores/coordenadores controlam o discurso acadêmico e o discurso educacional. Cremos ser necessário que os cursos

de EF – mais especificamente a disciplina de futebol – aprofundem o conteúdo futebol, relacionando-o aos conhecimentos de outras áreas, ultrapassando a dimensão exclusivamente procedimental tradicional do futebol, ampliando sua área de alcance para as dimensões conceituais e atitudinais do esporte.

Quanto ao profissional que ministra a disciplina de futebol, os discursos dos volantes enfatizaram a autoridade, a influência e o domínio que o professor/profissional de EF possui ministrando a disciplina. Muito do que é apresentado para os estudantes na disciplina é responsabilidade desse profissional: *"Eu não trabalho com esse problema na minha aula, eu não faço. Falta essa abordagem na formação dos professores, não estou fazendo nada, nem nos currículos" (CoEF-IES1). [...] "Aqui na instituição a questão do futebol é muito forte, as vezes alguns estudantes dizem: 'Pô é só futebol'. Nossa aula magna normalmente é voltada para o futebol. Nossa instituição prepara bastante o aluno que queira trabalhar com o futebol e futsal, o futebol é muito forte aqui" (CoEF-IES2). [...] "Muitas vezes, o profissional desenvolve seu trabalho com aquilo que ele gosta com aquilo que ele acha ser o mais importante, até para ficar na sua zona de conforto, mas devemos sair da zona de conforto, e possibilitar para nossos estudantes o maior e melhor número de informações possíveis" [...] (CoEF-IES3). "Nós temos, na hora de formar o nosso futuro professor, que mostrar a responsabilidade social que ele tem com seu futuro trabalho" (CoEF-IES3).*

Como já foi verificado anteriormente, na análise individual dos participantes, os profissionais de EF possuem liberdade para escolher os conteúdos e ministrar suas aulas. Mas, verificamos, nos discursos dos volantes, uma valorização distinta da disciplina de futebol, ou até mesmo uma transferência de obrigações quando da realização de uma abordagem mais ampla da disciplina, "para além das quatro linhas do campo". Observamos que os discursos são diversos: um volante fala que seu curso prioriza o futebol, mas na grade curricular a disciplina é optativa; outro diz que faz pouco a respeito de uma abordagem mais ampla sobre o futebol; e, um terceiro transfere o problema para o "nós" e o "eles", como refere-se Van Dijk (2013), na ACD. Segundo Rezer (2010), é possível inferir que o contexto universitário carece de uma cultura acadêmica para o ensino do esporte. Conforme Bispo e Santos Júnior (2014), os professores, na realidade, desempenham um conjunto de funções que ultrapassam as tarefas de ministrar aulas. As funções formativas convencionais, como ter um bom conhecimento sobre a disciplina e como explicá-la, foram se tornando mais complexas com o tempo e com o surgimento de novas condições de trabalho. Para Pimenta e Anastasiou (2008), quando os professores chegam à docência na universidade, trazem consigo inúmeras e variadas experiências do que é ser professor. Experiência que lhes possibilita dizer quais eram seus

bons professores. Formaram modelos positivos e negativos, nos quais se espelham para reproduzir ou negar.

A fala da volante CoEF-IES2 *"[...] as vezes alguns estudantes dizem: 'Pô é só futebol'''*, traz a ideia, mais uma vez, do discurso de poder, onde o professor e a universidade não escutam seus estudantes. Entendemos que não acontece uma relação de escuta e horizontalidade de saberes, onde os professores deveriam escutar os estudantes, e estes interagirem com os formadores. Portanto, não encontramos uma universidade que produza conhecimento sem imposição, privilegiando o diálogo e a troca, indicando uma formação mais coerente com a ideia de cidadão e de respeito ao outro. Percebemos nessa fala uma tendência a modelo tradicional eurocêntrico de produção do conhecimento. Conforme Ocaña, López e Canedo (2018), o professor não permite que seus estudantes façam perguntas; apenas ele fala, desenvolvendo apenas uma aula expositiva, baseada em modelos pedagógicos tradicionais e abordagens comportamentais. Para os autores, esse é um modelo obsoleto, cujos postulados epistêmicos estão em crise, expiraram, e por isso os educadores devem assumir os preceitos da virada decolonial e juntar-se à resistência e lutar por um "outro" modelo.

Ainda a respeito "do só futebol", pensamos ser importante questionar: que futebol? Parece que a abordagem do futebol nas aulas magnas dessa IES-EF se relaciona com o futebol de rendimento, o de *performance*, o futebol que ocupa grande parte da grade da mídia esportiva. Neste sentido, deixamos outra indagação: Será que os estudantes não estão querendo ouvir ou apreender sobre "outro" futebol?

Compreendemos que a docência do ensino superior requer atenção especial aos estudantes, para incentivá-los no processo ensino-aprendizagem. O papel do docente é o de orientador e incentivador, realizando a interação entre a teoria e a prática. Acreditamos que "bons professores" marcam profundamente a vida de seus estudantes. São modelos a seguir, não só sob o ponto de vista da profissão, mas também como exemplos de ser humano. Cremos que o aluno se identifica com professores, quando observa e admira suas atitudes – o relacionamento com estudantes e colegas, a ética profissional, o conhecimento e visão crítica a respeito dos fatos.

Defendemos que o professor de EF deva estar comprometido com o desenvolvimento das relações interpessoais, proporcionando vivências em que os relacionamentos sejam alicerce para o autoconhecimento, respeitando às diferenças e aceitando os limites de cada um. Compreendemos que um bom desempenho do professor depende das oportunidades que surgem, mas fundamentalmente do empenho e dedicação empreendidos, tanto em sua formação quanto na sua atuação, no ambiente de trabalho. Acreditamos que o professor nas IES precisa

incentivar o protagonismo dos estudantes, oportunizando a preparação para a intervenção na realidade, neste caso, na realidade de formação de jovens jogadores.

Em relação às razões que dificultam a conciliação estudar e jogar futebol para os jovens atletas, os volantes enfatizam a influência de aspectos positivos do futebol divulgados na mídia, muitas vezes, desinformando, ou mostrando apenas o lado positivo desse esporte: *"Outro fator que atrapalha muito, é que tem muita gente falando muito o que não sabe, infelizmente no Brasil culturalmente, temos milhões de técnicos, árbitros, e pessoas que pensam que sabem muito sobre o futebol, pois muitas vezes tem o microfone e a câmera a disposição" (CoEF-IES3). [...] "Muitas vezes se cria a polêmica no futebol, porque a polêmica 'faz parte do negócio', porque se não tem polêmica não vende, não cria audiência" (CoEF-IES3). [...] "A mídia influencia muito nessa questão que jogador de futebol não precisa estudar" (CoEF-IES2). [...] "A gente vê a mídia dizendo muita bobagem, a mídia atrapalha muito, principalmente esta questão da educação, o ensinar futebol" (CoEF-IES2).*

Neste sentido, Amaral, Thiengo e Oliveira (2007) consideram que há uma grande influência da mídia esportiva, pois enfatiza principalmente o lado positivo da profissão, destacando o sucesso de alguns dos principais jogadores de futebol. Compartilhando com o pensamento anterior, Rocha *et al.* (2011) e Soares *et al.* (2011) expõem que não é difícil entender os porquês de muitos jovens que, em sua maioria, são advindos das camadas populares, sonham em fazer parte desse mundo que, aparentemente, é um "oásis de riqueza e sucesso", como divulga parte da mídia esportiva brasileira.

Entendemos, que os aspectos negativos do futebol – como a dificuldade para o jovem tornar-se um jogador profissional de futebol, os salários de jogadores de futebol no Brasil, que de um modo geral são baixos se considerarmos o desejo de mobilidade social e econômica dos jovens e suas famílias – são pouco apresentados pela mídia. Conforme Soares *et al.* (2011), notícias sobre a realidade dos jogadores brasileiros até são circuladas na mídia, porém, não são enfatizadas – o destaque é dado para as carreiras de sucesso esportivo e financeiro. Para Souza *et al.* (2008), as histórias dos poucos bem-sucedidos continuarão a aparecer na mídia para alimentar o sonho dos jovens talentosos das camadas populares; as dos malsucedidos seguirão se multiplicando e ficando apenas guardadas na memória daqueles que apostaram o melhor de suas vidas e vivem apenas da lembrança de que a sorte um dia lhes escapou dos pés. Conforme Van Dijk (2013), novamente, os discursos dominantes não apenas expressam e exercem o poder dominante, mas também se adaptam à construção de modelos mentais e representações sociais desejados, ou seja, propõem-se a influenciar, manipular ou controlar a mente desses jovens.

Percebemos que a mídia, de forma indireta, incentiva que o lugar do futuro jogador de futebol é no campo e não na escola, bem como que o jogador de futebol tem que jogar e não pensar, deve treinar para ser um "produto" que conquiste títulos e lucros para suas equipes, torcedores e empresários. Desta forma, a mídia passa a mensagem de que o futuro jogador profissional não precisa estudar como os outros estudantes, pois seu objetivo para com a sociedade do futebol é fazer gols e alegrar seus torcedores. Ou seja, a mídia, à sua maneira, incentiva a produção de sujeitos "pés de obra".

Na mesma linha do anterior, relacionamos o discurso dominante com os mecanismos de subjugação colonial, conforme traz Mignolo (2004). Para o autor, o dominador utiliza múltiplos mecanismos de subjugação pelo convencimento de que é o certo, o justo, o verdadeiro, estabelecendo regimes de verdade, onde os valores particulares passaram a circular como verdades universais, naturais, e cuja força de convencimento reside em sua reafirmação constante pelos discursos autorizados. Ainda nesse sentido, para Van Dijk (2018), quem determina o tipo de notícia/discurso, que será divulgado na imprensa, é quem manda, ou seja, a elite. O repórter pode até ser contrário, mas quem define é o editor, que segue as normas do dono da empresa, que faz parte da elite, bem como o diretor do clube de futebol. Conforme Van Dijk (2018), é na alta cúpula (elite) que os interesses básicos são formulados, negociados e decididos. Desta forma, concluímos que os editores de jornal precisam ter acesso aos principais dirigentes do futebol, para seus repórteres conseguirem as melhores notícias, trazendo os melhores patrocinadores para sua empresa, e os diretores de clube precisam que a imprensa noticie aspectos positivos de seus clubes, para terem também os melhores patrocinadores. Assim, é conveniente para ambos mostrar o lado positivo do futebol, pois só assim continuarão atraindo mais torcedores, patrocinadores e aumentando seu capital.

A respeito dos efeitos do distanciamento da escola pelos jovens atletas, vamos analisar dois aspectos evidenciados nos discursos dos volantes: a dificuldade de planejar a carreira e a pouca capacitação para exercer a profissão de jogador. Sobre a dificuldade de planejar a carreira, os volantes enfatizaram a falta de informação: *"A maioria dos jogadores não ganham o que todos pensam, não sabem administrar suas carreiras, e muitos perdem praticamente tudo, por falta de informação e de estudo. Falta de planejamento para o final de suas carreiras" (CoEF-IES3). [...] "Sabemos que jogador de futebol tem uma carreira curta, tem os que têm nome terminam a carreira e conseguem seguir, mas quem não tem nome acaba entrando por outros caminhos" (CoEF-IES2). [...] "No futebol a não preparação dos atletas para o final das suas carreiras, faz muitas vezes que eles levem 'um choque' em suas vidas, pois não se preparam e não foram preparados para essa etapa" (CoEF-IES3).*

Marques e Samulski (2009) realizaram uma pesquisa que vem ao encontro com discurso dos jogadores/volantes. Os resultados da pesquisa sobre essa temática apontaram que planejam ter outra profissão depois de parar de jogar futebol: 49% afirmaram que "Sim" e 51%, que "Não". Deste total que planeja ter outra profissão, 81,9% pensam ter uma profissão associada ao futebol e 18,1% tem a intenção de escolher uma profissão não associada ao futebol. Em pesquisa realizada por Oliveira, Balzano e Morais (2017), sobre a mesma temática, 67% dos participantes também não planejam suas carreiras. Para Rosa (2009), muitos atletas, pelo distanciamento da escola, quando não conseguem firmarem-se no futebol acabam à margem da sociedade, ou até mesmo na criminalidade, nas drogas e em outros vícios decorrentes do fracasso, da frustração e da desilusão. Conforme Carravetta (2001), a realidade tem mostrado que muitos atletas estão cada vez mais cedo iniciando suas carreiras profissionais, deixando para trás a escola, a família e, como consequência, acabam perdendo o pilar principal para a formação e desenvolvimento do atleta. Os atletas não pensam no que farão depois do término da carreira profissional – alguns ignoram a relevância desta transição, acreditando que a fama irá durar para sempre.

Compreendemos que o fim da profissão faz parte da carreira dos atletas e necessita ser realizado com sucesso para não comprometer a vida dos mesmos. Entretanto, no meio do futebol, essa fase parece ser uma das que menos atenção desperta nos diferentes atores – dirigentes, treinadores, jornalistas, público e os próprios jogadores. Neste contexto, é importante considerar um fato apontado na pesquisa de Rigo, Da Silva e Rial (2018) e que não foi exposto nos discursos e raramente é mostrado na mídia esportiva: a ausência de um planejamento continuo de médio e longo prazo dos clubes brasileiros em relação a seus jogadores em formação, o que contribui para acelerar e antecipar o processo de circulação e migração de jogadores, tanto entre diferentes clubes nacionais como para os clubes do exterior. Entendemos a importância deste tema, que acreditamos deva ser objeto de reflexão na formação em EF, considerando que estes jovens poderão ser nossos estudantes e esta abordagem pode ter importante papel para suas vidas, especialmente para o contexto da carreira futebolística, aconselhando-os, ao menos, a pensarem em outros projetos de vida.

Em relação ao distanciamento da escola pelos jovens atletas e como consequência menor capacidade para exercer a profissão, os discursos dos volantes focaram na falta de posicionamento dos jogadores no campo e fora dele: *"Um aspecto relacionado a estudar porque jogador de futebol não pode ser inteligente? Poder falar de coisas importantes, que são sociais, eles são mecanismos de divulgação, assuntos como racismo, homofobia. Como vão falar desses assuntos do futebol hoje em dia se não tem formação para isso" (CoEF-IES1).*

Conforme Giglio e Rúbio (2013), os clubes procuram fabricar o jogador obediente, a rebeldia é transformada em mais uma das figuras da loucura, requer a vigilância atenta, o controle minucioso do corpo-máquina. Os jogadores que enfrentam a estrutura sofrem com as consequências de um sistema capaz de expeli-los. Afinal, dificilmente algum clube aceitará ter um desafeto declarado de uma estrutura que valida a profissão de futebol.

Observamos que no Brasil os jovens atletas de futebol estão destituídos das benesses da vida, pela falta de um instrumento sem precedentes, o qual Bourdieu (1989) dirá ser na vida o elemento que os distingue e os define, a educação. Os discursos apontam: *"Não é que o futebol vai melhorar se eles estudarem, mas se eles estudarem: vão sair daquele ambiente que é só futebol; vão tratar com outras pessoas que não são do meio do futebol; e eu não tenho dúvida que ao estudar, ao ler, ao se capacitar intelectualmente vai melhorar a condição dele de jogador" (CoEF-IES1). [...] "Temos como exemplos os nossos estudantes/atletas aqui da instituição e os seus comentários sobre a importância de estudar, principalmente quando o preparador físico aplica os treinos e eles entendem para que serve e porque estão fazendo aquela atividade" (CoEF-IES2). [...] "Quando o técnico no clube pede para eles fazer alguma atividade, os que não estudam reclamam, mas os estudantes/atletas compreendem para que serve a atividade, e como vai beneficia-los futuramente" (CoEF-IES2).*

Nesse sentido, Carravetta (2006) narra que a interrupção das atividades escolares acarreta restrições à educação formal, limitações no que se refere à visão de mundo, cidadania, amizades, experiências, senso de lógica e convivência com outras lideranças de fora do contexto do futebol. Verificamos que, pela falta de formação cultural básica, os contratos dos atletas são mal feitos, possuem pouco cuidado com a imagem e acontece o despreparo frente aos veículos de comunicação, deslizando frequentemente nas suas declarações.

Compreendemos que essa falta de conhecimento, devido ao abandono ou descaso com a escola, influencia também diretamente no campo de jogo. Segundo Filgueira e Greco (2008), a grande variabilidade e complexidade de situações de jogo apresentam-se como obstáculo para aqueles jogadores que não conseguem perceber e compreender os elementos presentes, como é o caso dos iniciantes e dos que se afastam da escola básica. Acreditamos que para jogar no futebol, atualmente, faz-se necessário o conhecimento, comportamento, reflexão e a inteligência para o esporte.

Identificamos que os clubes de futebol, na formação de seus futuros atletas, não se preocupam com a formação humana e cognitiva dos seus atletas – o saber administrar-se, conhecer sua posição, o conhecimento para o jogo e a responsabilidade com/na sociedade. Essa

formação é substituída pela formação técnico-tática e física que, neste aspecto, contribui para a produção de sujeitos "pés de obras" no futebol.

Acreditamos que a escola/universidade pode contribuir muito para este aprendizado, pois o futebol praticado atualmente é um esporte complexo e dinâmico, com variabilidade de situações, trazendo importantes contribuições para o desenvolvimento da personalidade das crianças e jovens. E isso requer não só força e velocidade, mas também coordenação e, sobretudo, inteligência tática, formação crítica que se expressa na relação dos processos cognitivos de percepção e tomada de decisões necessárias às soluções dos problemas do jogo e fora dele**.** Além, da contribuição desenvolvimento cognitivo, a escola/universidade pode contribuir para uma formação pessoal e autônoma dos seus estudantes-atletas. Através da autonomia, o jovem jogador pode encontrar a possibilidade de direcionar o rumo de sua própria história, e ao atuar de forma crítica na sociedade, poderá transformar a sua realidade no futebol.

6.2.2.2 Grupo 2 – Os goleiros [Coordenadores gerais das categorias de base dos clubes de futebol]

Neste momento da prorrogação, analisamos os discursos dos goleiros sobre o processo de formação inicial e continuada na EF e sua relação com o futebol. Para isto, destacamos dois temas: o modelo de ensino da EF na universidade e o aspecto generalista e técnico da disciplina de futebol.

Visualizamos, nos discursos dos goleiros, que o modelo de ensino da EF na universidade, para esses participantes, não os prepara para enfrentarem os desafios da vida fora do campo profissional específico. "*A universidade te mostra o caminho, mas ela não te conduz ao caminho, ainda falta algumas situações que a universidade poderia se aprofundar mais na formação" (CGCB-CF3). [...] "A universidade prepara basicamente para EF escolar e no bacharelado para a preparação física, deixando muito a desejar as questões referentes a formação humana. A universidade não prepara, muitas vezes, para as coisas da vida, como exemplo cuidar e ter responsabilidade com 18 atletas que moram aqui no CT, dar amparo em todos os aspectos – médicos, psicológicos, alimentação, família, escola –, a gente aprende na dor" (CGCB-CF3).*

Esse discurso de a universidade estar distante da realidade profissional do futebol também foi comum aos jogadores/participantes, ao falarem a respeito da disciplina de futebol nos cursos de EF. Ao verificarmos os objetivos das IES pesquisadas, apesar de muitos participantes da

pesquisa não terem realizado cursos nessas instituições, observamos que todas possuem a tendência da formação integral dos estudantes.

Diante desse cenário, consideramos importante a necessidade de busca individual pelo saber para quem quer trabalhar com o futebol. Logo, a universidade e o curso de EF não podem ser isentos nesse processo, devendo rever seus currículos e direcioná-los ao mercado de trabalho da área, não esquecendo que no Brasil o futebol se destaca como profissão. Como exemplo, citamos os estágios obrigatórios que poderiam ser direcionados aos interesses profissionais dos estudantes. Outro exemplo, são as disciplinas do curso de EF que, na sua maioria, são teóricas. Defendemos que o curso deveria ter maior carga horária de aulas práticas, para que os estudantes não só tenham informações, mas conheçam a realidade desses campos de atuação. Além disso, consideramos que as disciplinas dos cursos deveriam interagir entre elas, não se constituir em núcleos/conteúdos que não se relacionam. Entendemos que o modelo tradicional de curso não está adequado à realidade da EF, considerando que os cursos devem formar profissionais competentes, críticos e comprometidos com a transformação social e com a humanização da profissão. O modelo acadêmico brasileiro, conforme Tavares e Romão (2015), ainda é resultado do modelo ocidental de universidade, com os seus paradigmas epistemológicos e tendência à fragmentação, disciplinarização e dualização dos saberes, que, conforme Santos (2000), levam à fragmentação intelectual, bem como à redução da visão de possibilidades profissionais e visão do mundo.

O relato dos goleiros também enfatiza a necessidade de o currículo e o curso de EF abrirem mais espaço para a formação humana, em detrimento da formação técnica. Neste sentido, compartilhamos com o pensamento de J. B. Freire (2003), sobre o ensino do futebol. Segundo o autor, devemos ensinar o aluno a gostar do esporte, ensinar o futebol com brincadeiras, com diversão, com carinho, com atenção, com liberdade, pois antes de qualquer ensinamento, o aluno precisa aprender a gostar do que faz, sem precisarmos enganar os estudantes com promessas de um futuro glorioso e levá-los a engolir treinamentos exaustivos, práticas desagradáveis, tristes, repetitivas ou autoritárias e fazer com que acreditem que isso os transforme em futuros craques. Para o autor, é importante ensinar os estudantes de uma maneira simples e de fácil entendimento, para que eles gostem do esporte e tenham prazer em praticá-lo, desenvolvendo suas habilidades com qualidade e competência. Acreditamos, que o principal objetivo do ensino é transformar esse aluno num futuro cidadão e essa tarefa é uma das mais difíceis empreitadas humanas – quem ensina e educa sabe disso.

Um tema que está em congruência nos discursos de todos os jogadores/participantes diz respeito ao aspecto generalista e técnico da disciplina de futebol, mas os goleiros destacaram o

distanciamento do futebol ensinado na universidade em relação à realidade do trabalho com o futebol de campo. *"A faculdade te dá um repertório, mas é muito pouco para trabalhar com futebol, acho que não existe tempo para especificar" (CGCB-CF1). [...] "Não culpo os professores, pois entendo que 4 anos é pouco para uma formação mais completa, acho que a formação ainda é superficial" (CGCB-CF3). [...] "Para trabalhar em clube de futebol a formação na universidade está muito distante, pois muitas vezes passamos por situações que nem sabíamos que existia na nossa formação" (CGCB-CF3).*

É muito comum observarmos nos cursos de EF os conteúdos esportivos sendo transmitidos superficialmente, apenas na ótica do saber fazer, o que acaba ocasionando a falta de aprofundamento dos conteúdos específicos propostos para o futebol. Neste sentido, a pesquisa realizada por Kruse (2004), sobre a disciplina de futebol nas universidades, traz importantes conclusões. O autor identificou a ocorrência de: currículos fragmentados, discursos distantes da prática, lógica disciplinar regida por questões de conhecimento e não de ação. Resultados esses que vieram de encontro do que Balzano e Munsberg (2019) concluíram com uma pesquisa: que as ementas são compostas por conhecimentos "monoculturais" e "universais", com uma visão tecnicista do futebol, pouco contribuindo para uma formação crítica dos profissionais de EF. Colaborando com as duas pesquisas anteriores, o trabalho de Procópio e Procópio (2016) também encontrou resultados semelhantes. Conforme os autores, o futebol é uma modalidade com particularidades tão específicas em diversos aspectos que não podem ser tratadas na universidade como outras modalidades. Para Kruse (2004), o professor da disciplina de futebol, na formação em EF, deve trabalhar também o futebol como um fenômeno social, em constante desenvolvimento dentro da própria dinâmica da realidade social da qual faz parte e não apenas tratá-lo como um desporto prático e técnico. Conforme o estudo de Procópio e Procópio (2016), 74,0% dos títulos dos livros analisados tratavam o futebol como um fenômeno específico – como ensinar e o que ensinar sobre esta modalidade –, onde a abordagem recaia sobre aspectos físicos, técnicos, táticos e pedagógicos do jogo. Entendemos que as disciplinas de futebol na universidade podem ultrapassar a racionalidade científica e não apenas abordarem conceitos como treino, competição e incentivo ao consumo do esporte como mercadoria da sociedade capitalista.

Analisando o discurso dos goleiros sobre as razões que dificultam a conciliação estudar e jogar futebol, três aspectos foram destacados: a formação deficiente dos profissionais de futebol, a obrigação legal do estudo e a influência das redes sociais. Quanto à formação deficiente dos profissionais que trabalham com o futebol, para os goleiros os profissionais deveriam ter um conhecimento para além da *performance* de jogo: *"Falta uma melhor*

formação hoje, eu falo para as pessoas que não é só futebol, a formação é mais que isso, hoje eu leio livros de educação e não de futebol" (CGCB-CF1). [...] "Hoje existe muitos cursos de especialização no futebol, o principal é o da CBF, mas ele é muito específico na parte tática, falta uma formação mais humana, que é muito importante hoje para trabalhar com pessoas" (CGCB-CF1). [...] "As pessoas depois de formarem-se, fecham-se muito na parte técnica e tática, e as vezes, é a questão humana que faz toda a diferença" (CGCB-CF1).

A fala dos goleiros colabora com a afirmação de Estermann e Gomes (2017), quando estes afirmam que os educadores são formados para reproduzir fielmente a epistemologia dominante. Na mesma linha, conforme Grosfoguel (2016), a ideia de conhecimento como produto de um monólogo interior, sem laços sociais com outros seres humanos e a universalidade entendida como algo além de qualquer particularidade, continuam sendo os critérios utilizados para a validação do conhecimento das disciplinas nas universidades ocidentalizadas. Segundo Drubscky (2014), para trabalhar no futebol é importante que o profissional tenha o domínio de um saber-fazer-ensinar. Para Procópio e Procópio (2016), os cursos de EF primam pela formação integral do profissional, dando a ele formação geral em muitas áreas para que possam orientar-se diante da diversidade da profissão.

Entendemos que a formação do profissional de EF para trabalhar com futebol deva ter objetivos, conteúdos, metodologias e sistema de avaliação bem definidos, na perspectiva da formação de indivíduos autônomos, com capacidade de atender a diversidade de aplicação do conhecimento nas diferentes possibilidades de atuação/trabalho. Defendemos, também, que para uma formação profissional para trabalhar no futebol, há necessidade de uma formação ampla, que ainda está vinculada a situações como ter sido ou não um jogador, o tempo de atuação profissional, entre outros aspectos, pois, "só sabe de futebol quem sabe mais do que futebol".

No sentido do referido acima, o conceito de "epistemes disruptivas" de Achinte (2014) corrobora nosso entendimento, pois, segundo a autora, é necessário buscarmos outros locais de produção do conhecimento que tragam novas referências, novas formas de ser e estar no mundo, novas formas de construção de sujeitos, desvinculadas do conhecimento tradicional. Na mesma direção, relacionamos o pensamento popular de Kusch (1978), que nos apresenta outro modo de "ser" e isso exige outra postura filosófica e novas metodologias que sejam capazes de reconhecer o saber popular como um pensar legítimo. Para o autor, dentro de uma lógica ocidental construímos o saber ancorado na necessidade de definição – devemos sempre responder à pergunta "o que é?". No pensamento popular, "tudo está," nem tudo é determinável, pois com relação aos deuses, por exemplo, não se pode afirmar "isto é".

No sentido do anterior, compreendemos que existe, hoje, a necessidade fundamental dos profissionais que objetivam trabalhar no futebol, buscarem uma capacitação voltada para a formação humana *próxima da sua realidade, envolvido em seu próprio viver, perto do "seu" social e cultural. Este profissional deve superar o modo convencional de trabalhar no futebol, deve primar pela relação sujeito-sujeito, que permita encontrar o fundamento do humano.*

A outra temática enfatizada nas suas falas dos goleiros é a obrigação para os jovens atletas estudarem. A palavra "lei" foi citada em seus discursos, bem como "exigência": *"Nós tentamos de todas as formas que eles frequentem a escola, primeiro porque é importante para formação deles, depois porque é lei" (CGCB-CF1). [...] "É porque é lei como me ensinou uma pedagoga aqui do clube. E se é lei temos que cumprir" (CGCB-CF1). [...] "A gente aqui exige que todos os atletas com idade escolar estejam matriculados na escola, pois a federação de futebol exige matricula na escola quando são federados" (CGCB-CF3).*

Sabemos da importância dos jovens frequentarem a escola. Segundo Dayrell (2001), a escola representa um papel sociocultural importante na vida dos jovens – o estar na escola visa a integrar, socializar a criança/adolescente ao meio/vida. Também sabemos que é obrigação, por lei, que crianças e jovens frequentem a escola. O direito social à educação está consagrado no preâmbulo da Constituição Brasileira, que representa a carta de intenção e de compromisso do Estado soberano. Conforme o ECA, a criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho, sendo dever do Estado, conforme Art. 20, I da CF, garantir: "o ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso quando estavam na idade própria".

Para Rosa (2009), a partir do momento em que um clube recebe um garoto em sua idade escolar obrigatória torna-se corresponsável junto à família, pelo atendimento à legislação (Lei nº 9.394/96) que trata da obrigatoriedade da frequência escolar no ensino fundamental, contribuindo para formar cidadãos no amplo sentido do termo. Mas, conforme a autora, o que ocorre na prática é o contrário: os clubes são os primeiros a afastar ou a não contribuir para a frequência escolar dessas crianças/adolescentes. Segundo Rosa, infelizmente alguns clubes enxergam nestes menores a perspectiva de ganho/capital. O desejo do acúmulo desenfreado de dinheiro prevalece, em detrimento da obrigação social que essas instituições teriam para a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Em relação à formação cidadã dos estudantes-atletas referida pela autora, identificamos que a escola e a universidade pouco estão contribuindo, pois transferem essa responsabilidade de formar jogadores e cidadãos livres de preconceitos para os clubes, mesmo sendo a profissão de jogador de futebol uma das mais procuradas pelos jovens das classes populares. Neste

sentido, os clubes também se abstêm dessa formação, pois, seus objetivos estão relacionados à *performance* esportiva e econômica que esses atletas poderão proporcionar no futuro. Essa pouca ou nenhuma dedicação da escola, da universidade e do clube à formação integral dos jovens atletas contribui para que estes se tornem futuros sujeitos "pés de obra".

Percebemos que, para os clubes, é uma posição muito cômoda de não formar jogadores conscientes da sua imagem na sociedade, pois quanto menor for o conhecimento do jogador sobre a sua influência na sociedade e seu poder de "fala", mais facilmente serão manipulados por clubes, imprensa, torcedores e empresários. Segundo Giglio e Rúbio (2013), os jogadores com algum posicionamento crítico, e que enfrentam essa estrutura, quando não atingem os resultados no campo são descriminados por colegas, imprensa e, muitas vezes, até pelos torcedores de seus clubes.

Estabelecemos uma relação do discurso de Rosa (2009) sobre como alguns clubes enxergam seus atletas em formação – apenas na perspectiva de ganho/capital, do desejo do acúmulo desenfreado, em detrimento da obrigação social – com a teoria da colonialidade do poder, de Quijano (2005). Para o autor, a conquista das Américas resultou uma supostamente distinta estrutura biológica, que situava a uns em situação natural de inferioridade em relação a outros. Conforme Quijano, essa ideia foi assumida pelos conquistadores como o principal elemento constitutivo, fundacional, das relações de dominação que a conquista exigia. Neste sentido, também foram estabelecidas a articulação de todas as formas históricas de controle do trabalho, de seus recursos e de seus produtos. Para os conquistadores, as benesses do capitalismo, para os conquistados as agruras da escravidão e servidão. Complementando o discurso de Rosa (2009), em pesquisa realizada por Damo (2005), apontou que os centros de formação de atletas de futebol no Brasil, apesar dos limites legais[159], são totalmente livres na gestão de sua política pedagógica de formação de atletas, alguns desconsiderando até o dever de escolaridade na idade própria.

Ainda nessa temática, para Loureiro (2007) as instituições futebolísticas trazem o ECA em sua documentação, como referência para atendimento às crianças e adolescentes. Porém, a exigência de *performance* e de exploração do corpo dos adolescentes são preocupantes a partir das relações estabelecidas entre capital e trabalho – na realidade, muitos atletas não recebem nem mesmo ajuda de custo pelo seu "pé de obra". Ao analisarmos os discursos dos volantes

[159] Apesar das inciativas de desenvolvimento psicossocial e pedagógico serem previstas na lei 12.935/11, que ampliou a redação no artigo 29 da lei 9.615/98 – a popular Lei Pelé. Os clubes que pretendem ter a chancela da CBF como clubes formadores, precisam fornecer programa de treinos, alojamento e instalações adequadas, assistência social, educacional, pedagógica, médica, odontológica, assim como alimentação, transporte e convivência familiar. Mas o que observamos são ações pontuais dos clubes em relação a formação cidadã.

ficou uma dúvida: eles entendem que os jovens deveriam estar na escola por lei – obrigação – ou têm convicção da importância da frequência dos jovens à escola? Pela formação dos goleiros, com especialização e mestrado e pelo discurso a respeito da importância de estudar

"Acho que todo mundo precisa estudar" (CGCB-CF1); "Quando ingressei no futebol fiz muitos cursos para aprimorar-me na área" (CGCB-CF3) –, acreditamos que os volantes têm convicção da importância da escola. O que questionamos é se no momento de confrontação entre os objetivos do clube e as obrigações escolares, qual a tomada: obrigação e convicção ou preservação do emprego e nem tanta convicção. Entendemos que os clubes de futebol têm a obrigação social irrefutável de exigir dos seus atletas não só a frequência, mas também um bom aproveitamento escolar, deixando claro que só joga quem estuda.

Um discurso chamou nossa atenção como fator da dificuldade dos jovens de frequentar a escola – a influência das redes sociais. Segundo os volantes, as redes sociais fazem parte do dia a dia dos jovens atletas e muitas vezes mais atrapalham do que ajudam. *"Para mim está claro que os meninos sabem jogar futebol, mas as vezes, eles não têm educação nem cultura para tornarem-se atletas. Hoje as redes sociais atrapalham muito" (CGCB-CF1).* Atualmente existem diversas opções de redes sociais que fazem as pessoas acessarem por horas mensagens e visualizações e, obviamente, os jovens jogadores de futebol fazem parte desse grupo. Conforme Alcântara (2013), existe o costume de estarmos presentes em diversas redes sociais *online*, muitas vezes com mais de um perfil e endereços de *e-mails*, possibilitando trocas de informações em grandes velocidades. Sabemos que no contexto atual, existe uma pressão social muito grande, que nos força a agir de modo a acompanhar a preferência dos demais. Ocorre que, nas redes sociais, essa pressão aumenta de uma forma exponencial, pois nossas ideias não estão expostas aos pequenos grupos, como ocorria antes. Agora são divididas e multiplicadas com algumas centenas ou milhares de pessoas, o que nos coloca, muitas vezes, sob pressão para aceitação de algo que em geral não acataríamos, o que acontece intensamente com os jovens atletas. Verzani (2017) realizou uma pesquisa relacionada a redes sociais e jogadores de futebol. O resultado demonstrou que 94,0% dos participantes fazem uso das mesmas redes, todos os dias da semana, o que revela a sua importância no cotidiano das pessoas. Outro dado apontado na pesquisa: metade de todos os participantes já tiveram problemas nas redes sociais com torcedores e jornalistas. Em relação ao estresse e o enfrentamento por parte dos atletas, face às situações que as redes sociais proporcionam, 77,0% dos participantes responderam preocupar-se com o que é postado em seus perfis e também em outros ambientes *online* ligados a estes.

As tecnologias trouxeram a exposição das pessoas nas redes sociais, fazendo com que muitos acabem expondo exageradamente sua vida pessoal, de acordo com Alcântara (2013),

face ao grande desejo de saber cada vez mais sobre pessoas, que passam a ter sua vida mais pública. Desta forma, a tecnologia possibilita uma exposição que pode virar uma armadilha, pois não sabemos como estas informações serão usadas, para o bem ou para o mal. É notório que os usuários – aqui, no caso, os jogadores – usam o tempo livre que tem para bater papo no *Facebook* e *Twitter,* ou então ver fotos no *Instagram.* No entanto, o que eles não percebem são os segundos preciosos que gastaram. São minutos e horas que poderiam ser utilizados em outras atividades, mais produtivas e instigantes, mas que acabam sendo empregadas em curtidas e compartilhamentos desnecessários. Neste contexto, relacionamos a situação ao que pensa Kusch (1978) a respeito de nosso estar. O autor alerta para o fato de que somos marcados pela ocidentalização e, em consequência, analisamos a realidade a partir de um ponto de vista já internalizado, que surge como a única referência possível para pensarmos. Desse modo, pensar de outras formas significa agir irracionalmente, fora de uma ordem estabelecida que não aceita novas racionalidades, como a de "estar no mundo", isto é "contempla-lo". Concordamos com o autor, pois hoje vivemos na busca de uma existência que precisa ser constantemente afirmada.

Em relação aos efeitos futuros que os jovens atletas teriam com o abandono da escola, destaca-se, nos discursos dos goleiros, a dificuldade de outra alternativa profissional para além do futebol. Os goleiros enfatizaram a dificuldade que o jovem atleta terá no futuro para reintegrar-se em alguma profissão depois de ter ficado muito tempo longe da escola. *"Quem não consegue terminar o ensino médio, a gente vê que vai ter muita dificuldade no futuro, principalmente para ingressar no mercado de trabalho" (CGCB-CF1). [...] "Muitos querem ser treinadores depois, mas se tiverem o ensino superior dificilmente conseguirão, principalmente porque não estão acostumados a estudar, o cérebro não está mais aquecido" (CGCB-CF1).*

Sobre a fala "o cérebro não está mais aquecido", entendemos que esse distanciamento da escola ou da universidade – a que os jovens atletas são submetidos no processo de formação esportiva – é um dos principais motivadores para a dificuldade de esses jovens administrarem-se, caracterizando-os como sujeitos "pés de obra". Consideramos que esse afastamento, além de prejudicar na sua vida futura, também afeta o seu presente no clube e nas relações extra campo. No clube, afeta na percepção do entendimento do jogo, do trabalho que está sendo efetuado, e da sua importância como jogador – ativo do clube –, quando na valorização do seu trabalho. No extra campo, implica sua relação de subordinação e dependência ao empresário, bem como sua interação, muitas vezes, ingênua nas mídias sociais, com os torcedores e imprensa. Além disso, este distanciamento das atividades escolares/conhecimento, gera dificuldades para o atleta inserir-se em outra esfera do mercado de trabalho e fazer a

"reconversão do capital cultural"[160], visto que, nos anos em que deveriam estar estudando, treinaram para jogar. Damo (2005) relata que os capitais corporais/futebolísticos são praticamente impossíveis de serem reconvertidos para além do futebol, fazendo com que os investimentos realizados ao longo da formação tornem-se inócuos em caso de interrupção desse processo.

O "não deixar o cérebro aquecido" – distanciamento da escola e universidade –, na relação com a colonialidade do poder, no sentido proposto por Quijano (2005), demonstra todas as relações sociais de exploração e dominação que a colonialidade e o capitalismo impuseram às classes menos favorecidas.

Conforme Neri (2009), a baixa dedicação à escola na educação básica reduz a perspectiva de empregabilidade e consequentemente um futuro com uma perspectiva financeira mais elevada, o que no futebol é o grande estimulador. Entendemos que a dedicação aos estudos dá uma maior possibilidade de ocupação na vida adulta, mas a recompensa não atende o imediatismo dos jovens atletas. Nesta relação, Souza *et al.* (2008) expõem que os capitais corporais – adquiridos nos anos de formação de um atleta de futebol – dificilmente serão aproveitáveis para outras profissões no mercado de trabalho. Tal fato aponta para um futuro bastante limitado aos que dedicam a infância e a adolescência exclusivamente ao futebol, sem a compatibilização com a escola. Ainda, segundo os autores, ao fim do processo de formação no futebol, caso o jovem não consiga uma vaga nesse disputado mercado esportivo, ele tende a ingressar no mercado formal de trabalho com baixa formação escolar. Neste caso, podem enfrentar dificuldades para estabelecer-se em outras atividades/profissões sem relação com este esporte.

Para os malsucedidos no futebol, com baixo capital cultural, se tivessem o diploma escolar, este poderia ser uma credencial que facilitaria a recolocação profissional. Diante disso, defendemos que é papel dos profissionais envolvidos com o futebol – sejam eles professores, assistentes sociais, psicólogos, pedagogos, dirigentes, técnicos – entenderem a realidade deste esporte no mundo do trabalho, para desenvolverem um processo educativo/formativo que possibilite um futuro digno para estes jovens atletas.

[160] A reconversão para o capital cultural é a reconversão do capital futebolístico, adquirido pelos atletas durante os anos de treinamento no futebol, em capital cultural. Esse processo de reconversão os auxiliaria a se inserirem no mercado de trabalho formal, após um insucesso no futebol, sendo um fator importante no destino que esses jovens tomarão depois de não conseguirem um posto de trabalho no mercado futebolístico (SOARES *et al*., 2008).

6.2.2.3 Grupo 3 – Os laterais [Coordenadores técnicos dos clubes de futebol]

Partimos para análise dos discursos dos laterais sobre o processo de formação inicial e continuada na EF e sua relação com o futebol. Nesses discursos aparece em destaque o aspecto que os estudantes devem buscar conhecimento também fora da universidade, pois a formação é processo de resultado individualizado.

De modo enfático, os laterais comentaram que os estudantes necessitam buscar conhecimento também fora do âmbito universitário, considerando que, para trabalhar com o futebol, a formação deve ter iniciativa individual. *"Eu fui aprender mais sobre tática fora da faculdade por iniciativa pessoal, principalmente na internet" (CT-CF2). [...] "A formação depende de cada aluno. Depende de cada aluno explorar ao máximo os profissionais que estão ali na faculdade" (CT-CF1). [...] "Eu aprendi muito mais no pós-aula com os professores, que nas aulas propriamente" (CT-CF1). [...] "Na minha opinião o que diferencia os profissionais no mercado de trabalho é o interesse de cada um em buscar as coisas" (CT-CF1). [...] "A universidade abre as possibilidades, mas depende de cada aluno aproveita-las" (CT-CF1).*

Com o mesmo entendimento, Procópio e Procópio (2016) consideram que seria apressado dizer que essa formação futebolística interdisciplinar acumulada nos cursos de EF seria suficiente para garantir uma boa formação como profissional do futebol. A literatura utilizada nas grades curriculares não dá margem para pensar a imprevisibilidade do jogo e seu dinamismo, além da lacuna na formação social, cultural e humana através do esporte, conhecimentos importantes para quem pretende trabalhar com o futebol de rendimento.

No sentido do anterior, entendemos que a universidade tem como um dos seus objetivos, na formação dos estudantes, promover sua autonomia, ou seja, fazer com que os estudantes se autogovernem, principalmente no âmbito profissional, com reflexo no aspecto pessoal. Paulo Freire (1996), em seu livro "Pedagogia da Autonomia", refere-se ao processo de contínua construção da autonomia, como um processo "inconcluso" de formação do ser humano. A "inconclusão*"* do ser humano é um movimento permanente de aprender a ser, ou seja, em formação continuada. Entendemos que existe hoje a necessidade fundamental de os profissionais do futebol buscarem uma formação de qualidade. Assim, é necessário dedicarem-se com afinco à melhoria das metodologias de treino, ao desenvolvimento da capacidade de liderança e de muitas outras capacidades que fazem diferença na profissão.

Julgamos que essa formação "incompleta", comentada pelos laterais, é decorrência do modelo epistêmico hegemônico e eurocentrado que as universidades latino-americanas foram submetidas com a colonização. Nesse sentido, Castro-Gómez e Grosfoguel (2007) colocam que

no Ocidente há uma longa tradição de pensamento acerca do universal, fundamentado no discurso de Descartes, fundador da filosofia moderna com seu lema “Eu penso, logo existo”, entendendo o universal como um conhecimento eterno, além do tempo e espaço.

Sobre o anterior, Ocaña, López e Conedo (2018) consideram que na América Latina está geopolítica se evidencia na imposição do eurocentrismo como única e/ou dominante ideologia, epistemologia e metodologia do conhecimento. O conhecimento gerado pelos Estados Unidos e pela Europa é um saber local que se impôs ao resto do mundo (exterioridade) com pretensões de universalidade. Para os autores (2018, p. 201): [...] este é um legado do imperialismo e do colonialismo, presente nas instituições de ensino e universidades, que valorizam mais a produção intelectual dos EUA e da Europa, contribuindo para a sua nociva universalização”.

Acreditamos, como Ocaña, López e Conedo (2018, p. 201), que para a ocorrência de um novo modelo epistêmico nas universidades não podemos continuar com a visão fragmentária de mundo. Faz-se necessário buscarmos uma perspectiva holística, integrativa e relacional, na qual várias configurações abrangentes sejam integradas em um entrelaçamento harmônico e coerente: “biológico-social, emoção-razão, espaço físico-consciência, genético-cultural, interno-externo, material-espiritual, mente-corpo, objetivo-subjetivo, ser humano-natureza, sujeito-objeto, tangível-intangível, entre outras relacionalidades”. (tradução nossa).

Analisando o discurso dos laterais sobre as razões que dificultam a conciliação estudar e jogar futebol, destacamos o futebol visto como um negócio que visa ao lucro. Para os laterais, os clubes só enxergam o *business*: *“Os clubes profissionais enxergam os atletas como um produto” (CT-CF2). [...] “Agora tem outro fator o econômico, como vou cobrar do Ronaldinho para ele estudar? Ele ganha 1 milhão por mês, o fator econômico é muito importante, neste sentido, até o pai tira o menino da escola” (CT-CF2).*

O futebol, um negócio milionário, conta com inúmeras empresas investindo milhões de reais nesse esporte, principalmente para pagar os altos salários dos jogadores de futebol na atualidade. Este é um dos principais motivos que levam milhares de jovens e suas famílias a ver no futebol um meio possível de rápida ascensão social, tornando-se uma das razões de abandono precoce da escola. Para Rosa (2009), o desejo do acúmulo rápido de dinheiro prevalece em detrimento da obrigação social que essas instituições teriam para a construção de uma sociedade mais justa e solidária. O futebol negócio, com a influência da mídia, segundo Leite (2008), impõe que as pessoas, especialmente das camadas sociais de menor poder aquisitivo, mais pobres, busquem nele a possibilidade de melhoria de sua situação financeira. Sendo assim, o papel da mídia é mostrar e idolatrar alguns pouquíssimos atletas que conseguem obter sucesso através do esporte e fazer com que estes passem a servir como modelos para

milhões de pessoas que tentarão em vão este mesmo sucesso. Relacionando com ACD, para Van Dijk (2013), as informações que a mídia transmite normalmente são passadas pelas maiores instituições da sociedade, como governo, corporações de negócio, clubes de futebol, entre outros. Normalmente, os lideres dessas instituições são pessoas da elite econômica, e as informações que eles enviam para a mídia, raramente irão colocar que futebol é puro negócio e que os jogadores são tratados como produtos visando a gerar lucros.

A fala do lateral *"vou cobrar do Ronaldinho para ele estudar?"* remete ao imaginário do jovem atleta, que pensa que apenas treinando e jogando futebol se tornará uma pessoa "bem-sucedida". Acreditamos que esse imaginário também esteja interiorizado no pensamento dos formadores. Nesse sentido, nos reportamos, novamente, ao conceito de colonialidade do poder, pois se trata de um discurso que se insere no mundo do colonizado, porém também se reproduz no *lócus* do colonizador – o colonizador destrói o imaginário do outro, inviabilizando-o e subalternizando-o, enquanto reafirma o próprio imaginário.

Entendemos que o fato de enriquecer através do futebol, muito enfatizado pela mídia e pela sociedade do futebol, não torna o atleta um cidadão. Mesmo que muitos jogadores sejam bem-sucedidos financeiramente, esses não deixam de caracterizarem-se como sujeitos "pés de obra". Fatos, neste aspecto, se sucedem cotidianamente com as estrelas mais bem-sucedidas do futebol brasileiro. O não se posicionar sobre o racismo e depois ser vítima dele; embarcar em negócios escusos, influenciado por seus pares, e ser preso por essas negociatas; ser enganado por empresários e explorados por "pseudo-amigos"; envolver-se com drogas; ser acusado de estupro; ficar na falência financeira e moral; ser utilizado e explorado politicamente por clubes e candidatos; proporcionar exemplos negativos dentro e fora do campo, para crianças e adolescentes que têm esses jogadores como ídolos. Acreditamos que o objetivo dos jogadores de futebol e dos que os cercam, deva ir além da ascensão econômica. Mas, para isso, eles têm que ser estimulados com um "outro" pensar.

A respeito dos efeitos do abandono da escola pelos jovens atletas, em detrimento do futebol, os discursos dos laterais enfatizam a formação futura como cidadão. Discursos diferentes do que falam os demais jogadores. Para os laterais, a escola é importante para a formação cidadã dos jovens. *"Se eles não estudarem vai influenciar na questão social, daqui 10 anos eles vão estar no trem junto comigo, e se eles seguiram o caminho errado como eles vão estar no aspecto social" (CT-CF2). [...] "O menino de 17 anos já tem o caráter pré formado, os pais têm que ajudar, se não ajudar os meninos vão para o lado ruim da vida" (CT-CF2). [...] "Vejo a necessidade deles frequentarem a escola, porque a escola possibilita mais*

experiências, mais clareza no entendimento das ações, interpretar mais coisas, além de possibilitar mais relações sociais como pessoas da mesma faixa etária" (CT-CF1).

Conforme Rosa (2009), a educação é um direito e um dever fundamental de todos os homens, em qualquer lugar do mundo. É a educação que constrói uma nação justa e igualitária, efetivamente participante na democracia e na vida política de um país. Para Loureiro (2007), a frequência do adolescente à escola, além de ser um direito básico a ser garantido, enriquece o desenvolvimento do jovem adolescente como cidadão e suas relações sociais. Para a autora, a escola é um espaço privilegiado de encontro cotidiano com um grande grupo, um espaço de aprendizado e socialização.

Na mesma linha, para Freitag (2001), o homem somente pode vir a ser homem através da educação. Ele não é outra coisa senão o produto de sua educação. Sem a educação, nos diz Freitag, perdemos a nossa essência humana, encontramo-nos mutilados e daí inferimos a impossibilidade de inclusão a determinados grupos sociais, faltando-nos para isso os elementos essenciais para participar da vida no amplo sentido. A ausência deste instrumento essencial aos homens, a educação, acrescenta-lhes certa incapacidade emocional e intelectual para enxergar a complexa realidade e exigências presentes no mundo contemporâneo. Entendemos que a escola é uma das instituições que pode contribuir com esses elementos essenciais para a formação efetiva. A escola representa um papel sociocultural importante na vida dos jovens sujeitos "pés de obra", pois é na escola que eles aprendem o seu fazer cotidiano. São agentes ativos que socializam, integram-se e influenciam o meio em que vivem e convivem. Aprendem a construir valores e a tomar decisões importantes para a sua vida. Acreditamos que "os meninos da bola", a julgar pela formação, não teriam estrutura para atender a falta que a educação lhes fará no futuro.

Consideramos que para mudar a relação escola, clubes e jovens atletas – sujeitos "pés de obra" –, seria necessário, conforme Walsh (2013), pedagogias que configurem diferentes formas de agir, ouvir, ser, fazer, olhar, pensar, sentir, ser, teorizar – em perspectiva decolonial –, não apenas individualmente, mas no/do/pelo/para o coletivo. Ou seja, uma pedagogia da comunidade[161].

Dessa forma, compreendemos que seria o momento oportuno de o clube contribuir, como uma espécie de tutor, para a formação daqueles que, de certa forma, lhe são entregues em uma

[161] A escola, na perspectiva de construção da cidadania, precisa assumir a valorização da cultura de sua própria comunidade e, ao mesmo tempo, buscar ultrapassar seus limites, propiciando às crianças pertencentes aos diferentes grupos sociais o acesso ao saber, tanto no que diz respeito aos conhecimentos socialmente relevantes da cultura brasileira no âmbito nacional e regional como no que faz parte do patrimônio universal da humanidade (BRASIL, 1998, p. 30).

fase decisiva da vida. Diante do cenário descrito, postulamos que os clubes de futebol além de exigir dos jovens atletas a frequência à escola na idade certa, precisam auxiliar no processo pedagógico, intermediar a relação atleta/clube/escola, manter a família ciente do processo formativo (escola e futebol), entre outros, para que, caso não alcancem sucesso como profissional de futebol, saiam dos clubes como cidadãos, preparados para enfrentar o mundo do trabalho e/ou buscar o ingresso no ensino superior.

6.2.2.4 Grupo 4 – Os zagueiros [Os preparadores físicos dos clubes de futebol]

Quanto aos discursos dos zagueiros sobre a formação inicial e continuada para trabalhar com futebol, destacamos o caso dos professores que não são da área do futebol e ministram a disciplina. Esta temática também foi abordada na análise individual de alguns jogadores/participantes, ao reportarem-se às suas experiências no esporte. Os zagueiros destacaram que ex-atletas ministravam aulas nos cursos de EF, e isso era um prejuízo para a formação. *"Na minha formação aqui na Universidade Federal, em relação as disciplinas de esportes coletivos elas foram ministradas por ex-atletas e por pessoas 'leigas no assunto'". (PF-CF3). [...] "Em relação ao futebol, o professor era mais da área qualitativa, trabalhava mais a parte da história do futebol, em relação a parte prática eu vi muito pouco" (PF-CF3).*

Quanto a ex-atletas ministrarem aulas em cursos de formação inicial em EF, sem formação adequada, asseguramos ser essa uma prática não só indevida, mas ilegal. A formação inicial requer a abordagem uma diversidade de aspectos, como sociais, culturais, políticos, pedagógicos, metodológicos do futebol, além da prática de campo. Pensamos, que um ex-atleta, sem formação na área, dificilmente teria condições pedagógicas e de conhecimento para desenvolver estas temáticas. De outra parte, um ex-professor de EF, que não se especializou no futebol, dificilmente teria condições de treinar adequadamente uma equipe de rendimento. Também é preciso considerar que um professor de EF, mesmo com titulação, mas sem atuação/experiência no futebol, não deveria ministrar essa disciplina nos cursos de formação inicial, pois na sua classe poderão estar futuros profissionais de EF interessados no futebol. Se o professor não "ensina bem futebol a todos" (FREIRE, 2003), dificilmente esses estudantes prosseguirão nesse caminho, pois estarão marcados por experiências negativas.

No que diz respeito à fala *"[...] o professor era mais da área qualitativa, trabalhava mais a parte da história do futebol" (PF-CF3)*, conforme Van Dijk (2005), esse é um discurso institucionalizado, que faz parte da memória social de uma determinada categoria profissional, nesse caso dos profissionais de EF. A EF tem sido, ao longo de décadas, identificada como uma

atividade essencialmente prática. Os professores desta disciplina têm sua imagem associada ao exercício, à ginástica, ao esporte, enfim, ao prático. As disciplinas práticas na EF, principalmente os esportes, tem sua ênfase na *performance* esportiva. Sustentamos que a disciplina de futebol precisa contemplar tanto a prática como a teoria – aspectos socioculturais. É importante que exista um equilíbrio entre os saberes, pois, para uma formação integral do aluno, ambos os saberes precisam constar no currículo e serem praticados nas aulas.

Acreditamos que o professor, neste caso, deva procurar, no mínimo, meios para interessar sua turma, utilizando ferramentas para compreender o mundo e agir sobre ele; que deva também, tirar proveito da experiência acumulada pelos estudantes, propondo novos conhecimentos e problematizando situações da vida real, justificando a necessidade e a utilidade de cada conhecimento. Nessa linha, conforme Ocaña, López e Conedo (2018), é preciso que os professores reconheçam a pluralidade e diversidade de formas de viver, estar, ser e pensar dos estudantes, para que sua ação pedagógica tenha sentido e desperte interesse dos estudantes. Reforçamos essa prática pedagógica decolonial, citando Palermo (2014b, p. 108): "Trata-se de uma articulação entre o local e o global que se alimentam mutuamente em uma posição de defesa do local como força política que usa a tecnologia global em seu próprio benefício".

Em relação às situações em que ao professor ministra disciplinas que não integram sua área de formação/especialização, consideramos uma ilegalidade, com prejuízo para os estudantes. Isto ocorre principalmente no ensino privado. E, neste sentido, Pimenta e Anastasiou (2008) colocam que as instituições de ensino superior não se preocupam com a formação pedagógica de seus docentes, mas apenas com suas titulações exigidas pelo MEC. Ou seja, o profissional é selecionado, em geral, a partir de seus títulos, sem avaliação do conhecimento da prática pedagógica docente. Essa realidade, de o professor ministrar disciplinas que não são da sua área, também acontece nas IES públicas. Considera-se que o critério de seleção referente à prática docente/experiência profissional deveria ter um peso significativo na seleção de professores, independente se instituição pública ou privada.

Analisando os discursos dos zagueiros, sobre as razões que dificultam a conciliação estudar e jogar futebol, dois aspectos se destacam: a visão do senso comum sobre o jogador de futebol e a escola no modelo tradicional que desperta pouco interesse. O discurso do senso comum de que "jogador de futebol não precisa estudar", foi abordado também nas falas de outros jogadores/participantes. Os zagueiros ressaltaram que os torcedores são os principais agentes dessa afirmativa. *"Os meninos ainda são afetados por esse discurso do senso comum, principalmente quando começam a destacar-se" (PF-CF3). [...] "A gente vê muito isso aqui*

no dia a dia, o torcedor quer ver o atleta dando alegria para ele, o torcedor não quer saber como o atleta está como pessoa, como ser humano, isto não importa" (PF17-CF1). [...] "A gente vê ex atleta que não estudaram em situação difícil, o torcedor olha e comenta que lembra dele e diz que ele jogava muito, mas não quer saber se ele estudou e como está a vida dele [...]" (PF17-CF1).

Analisando essas falas a respeito dos torcedores, verificamos um direcionamento no problema. Isto é, os torcedores (eles) são os grandes influenciadores para que esse discurso se mantenha. Já os profissionais do futebol (nós) não concordam com esse discurso. Entendemos que nessas falas, mais uma vez aparece o discurso ideológico que representa "nós" versus "eles", considerado por Van Dijk (2018) como "nós os certos" e "eles os errados".

Para além disso, fica um questionamento: Será que esses profissionais que estão criticando os torcedores, num momento de decisão do seu time abririam mão dos seus atletas em detrimento da escola? Acreditamos que não, tanto para os torcedores, jogadores, diretores e profissionais o futebol, o jogo está em primeiro lugar, e a formação escolar em segundo ou terceiro. Segundo Rosa (2009), muitos clubes de futebol estão "presos a uma única cultura", a do lucro e do capital, esses clubes tornam-se "não apenas cegos, mas míopes" quando se trata deles mesmos. Um fato noticiado no site globoesporte.com [162] causa inveja para alguns professores de EF que entendem que a formação está em primeiro lugar: "Aos 17 anos, meia do *Bayer* tem prova na escola e fica fora contra Atlético de *Madrid*". O jogo era pela maior competição da Europa, a *Champions League*. Não sabemos se um dia nossos clubes conseguirão realizar uma atitude dessas, mas acreditamos que o discurso que "jogador de futebol não precisa estudar," deve ser condenado em todos os espaços em que esta opinião for emitida.

Relacionamos esse discurso do senso comum, de que jogador não precisa estudar, com mais um discurso estigmatizado na sociedade brasileira, que considera que o brasileiro possui o "dom" para jogar futebol. Observamos discursos em programas esportivos, conversas de bares, na família e outros meios sociais, enfatizando que "brasileiro nasceu para jogar" – frase de uma campanha de uma marca internacional de artigos esportivos. Para Damo (2008), a força do "dom" reside na crença dos grupos que o reconhecem e o manipulam. Para o autor, são as configurações sociais – que geram o "dom" – as responsáveis por orientar a sua manipulação. Na mesma linha, para Loureiro (2007), a desmistificação do jogador de futebol, numa relação

[162] Disponível em: http://globoesporte.globo.com/blogs/especial-blog/brasil-mundial-fc/post/aos-17-anos-meia-do-bayer-e-cortado-de-jogo-pela-liga-dos-campeoes-por-prova-na-escola.html

com a educação, está vinculada à cultura pré-estabelecida na sociedade quando se fala na paixão nacional, o futebol.

Consideramos que essa visão distorcida do senso comum – de que "jogador de futebol não precisa estudar" – corroborado por parte da mídia, tem afetado diretamente jovens e suas famílias que buscam no futebol um projeto "único de vida". Esse pensamento institucionalizado tem afastado os jovens atletas dos bancos escolares, bem como de uma formação que contemple, além da prática esportiva, aspectos socioculturais e de formação humana/cidadã. O discurso que jogador deve apenas jogar e produzir resultados esportivos, tem levado muitos jovens jogadores a tornarem-se sujeitos "pés de obra", isto é, passando a ser um item para os clubes e empresários.

Outra razão relatada nos discursos dos zagueiros, também presente nos discursos de outros jogadores/participantes, diz respeito à escola tradicional, pouco atrativa para os jovens atletas. Segundo os zagueiros, o currículo não atende expectativas dos jovens atletas, pois está longe da sua realidade. *"Conversamos muitos com os atletas, mas eles fazem de tudo para não ir as aulas, porque estão pensando nos treinos, e a aula acaba sendo uma coisa mais monótona para eles. Para eles o mais importante é o desgaste físico, e a escola acaba ficando em segundo plano, por mais que a gente fale da importância dela" (PF17-CF1). [...] "O problema é de questão social educacional, nunca tive aula de educação financeira na escola nem na universidade, isso, poderia ser acrescentado ao currículo escolar" (PF17-CF1).*

Compreendemos que, entre as dificuldades pelas quais passa a escola no Brasil, destaca-se, atualmente, o desinteresse por parte de muitos estudantes, principalmente dos jovens atletas de futebol. Frequentam as aulas por obrigação, participando pouco das atividades básicas. São descrentes de qualquer iniciativa dos professores e não vislumbram, como já foi dito antes, possibilidade de uma ascensão profissional imediata via escola, em comparação com o que podem alcançar pelo futebol. Neste sentido, Soares *et al.* (2011) consideram que a dedicação aos estudos está longe do imediatismo dos jovens, principalmente os que frequentam esse modelo de escola.

De acordo com Marques (2008), seria importante a criação de um currículo que atendesse as expectativas dos estudantes, pois, diminuiria a defasagem escolar, considerando que o estudante-atleta possui uma rotina diferenciada em função da necessidade de conciliar estudo, treinamentos, competições e viagens. O autor propõe que uma parceria escola/clube pode oferecer um calendário adaptado e um currículo com disciplinas que abordem temas específicos do esporte, inclusive com orientação vocacional para melhor definição da carreira. Entendemos que esse currículo deva partir da realidade dos estudantes, com "disciplinas" relacionadas com

suas vivências e contextos sociais. Nesta direção, os clubes, em seu ambiente de trabalho, contribuiriam na formação, em consonância com a escola, complementando o currículo escolar com temas direcionados a realidade de seus atletas. Mas, infelizmente, ainda estamos presos ao modelo eurocêntrico de currículo, distanciado da realidade "deles".

Nessa lógica, nos reportamos novamente a Grosfoguel (2016), pois, para o autor, estamos reduzidos a aprender teorias e experiências de uma região particular do mundo, com suas dimensões muito particulares, e aplicá-las em outras realidades, mesmo que as experiências sejam completamente diferentes das outras regiões. Acreditamos que seja necessário, uma política urgente, no Brasil, que ampare a formação esportiva e escolar compatibilizada, para que a vitória de uma minoria não continue a camuflar o insucesso de milhares de garotos, principalmente em regiões menos favorecidas economicamente. Interpretamos que esta ação corresponde à velha e ingênua crença do progressismo de libertar a todos pela educação ou pelo trabalho, sem querer aprofundar o problema. Concordamos com Kusch (1978), conjecturando que a subjetividade/conhecimento popular pode ser um ponto de partida para trabalhar na relação com as políticas públicas.

Além de trabalhar com conhecimento popular, entendemos que a escola pode relacionar esse conhecimento com a tecnologia. Consideramos que, hoje, a tecnologia está ocupando muito o tempo dos jovens, e, se a escola não entender isso, vai ficar cada vez mais distante de seus estudantes. Percebemos que grandes transformações estão acontecendo, principalmente pelo avanço tecnológico, onde cada dia são criados novos produtos, feitas novas descobertas e os jovens lidam facilmente com essas mudanças. Compreendemos também que a escola tem que "se reinventar" se deseja sobreviver como instituição educacional. Cremos também, ser essencial que o professor se aproprie da gama de saberes, advindos das tecnologias digitais e da comunicação, para aplicar em sua prática pedagógica, visando a atrair a atenção dos "novos estudantes".

Além disso, acreditamos que para minimizar essa visão – pouco atrativa, que os jovens jogadores têm da escola – seja importante que a escola e clube compreendam as diferenças entre os estudantes-atletas enquanto indivíduos que possuem uma historicidade, visões de mundo, escalas de valores, sentimentos, emoções, desejos, projetos, com lógicas de comportamentos e hábitos que lhe são próprios. Ao continuarmos com os mesmos hábitos e tradições, na escola e no clube, continuaremos formando sujeitos "pés de obra". Faz-se necessário que as escolas com presença de estudantes-atletas contribuam para o atendimento das necessidades e demandas desse grupo diferenciado. Isso significa não apenas mudar serviços, mas trabalhar em outra perspectiva, que contemple a diversidade cultural e social desses estudantes-atletas. Cremos,

também, que o clube deve dar suporte pedagógico aos atletas e manter um canal de comunicação efetivo entre as instituições.

A respeito dos discursos dos zagueiros sobre os efeitos do distanciamento dos jovens atletas da escola, ressaltamos o aspecto da falta de conhecimento que os leva a confundir crença, religião e superstição: "*Acredito que está falta de conhecimento, faz com que ele acredite que existe um tipo de fé que impõe o medo (por isso ele errou), e a que faz que ele acerte a jogada. Porque as religiões são baseadas na história, e o fato dele não conhecer a história dificilmente ele vai entender as religiões e seus propósitos" (PF16-CF1).*

Para analisarmos essa consequência, é importante considerar como o futebol é visto pelos brasileiros. Consoante Daólio (2006), no Brasil o futebol é mais do que uma modalidade esportiva; é uma expressão cultural como o carnaval, samba e outras práticas tradicionais. Conforme Witter (1982) *apud* Daólio (2006), estudar futebol é estudar o povo brasileiro, a história de um confunde-se com a história do outro.

Isso posto, temos que procurar no futebol as expressões do homem brasileiro. E uma das formas de se expressar é através de crenças e superstições, buscando explicações sobrenaturais para o que não consegue entender. Segundo Daólio e Zoppi (1993), o futebol brasileiro, desde o seu início apresentou manifestações de cunho supersticioso entre seus participantes e admiradores. De acordo com os autores, inúmeros são os exemplos dessas práticas: jogadores rezam antes do jogo, ou fazem o sinal da cruz quando perdem um gol, técnicos utilizam a mesma roupa de quando ganham um jogo, torcedores fazem promessas e peregrinações a igrejas quando os times são campeões, pais de santo são convocados em finais de campeonatos, entre muitas outras. Ainda segundo os autores, não podemos falar em futebol brasileiro sem considerar o aspecto religioso que o envolve – um verdadeiro ritual sobrenatural. Os fatores sorte/azar perpassam pelo futebol, apresentando uma visão de mundo, tanto para o jogador como para o torcedor, em que os fatos se explicam pelo sobrenatural. Na concepção de Van Dijk (2005), isto acontece porque há uma memória cultural coletiva, entendida como senso comum, que é armazenada em uma complexa rede cognitiva que se manifesta por meio das práticas sociais. Ora, os jovens atletas estão inseridos neste contexto e supõem que seus erros e acertos dependem do sobrenatural.

Essas chamadas crenças do futebol – que alguns dizem "dos populares", mas que "não são só os populares" que as avocam – remetem-se ao pensamento de Kusch (1978), ao considerar que é a partir da tradição mítica presentes em suas culturas que muitas pessoas orientam sua vida. No nosso caso, é a partir das crenças e mitos que muitas pessoas compreendem o futebol. Interpretamos que a sociedade brasileira, pelo futebol, mostra seus

desejos e sentimentos, além de suas crenças e superstições. Nesta perspectiva, compreendemos o futebol como um fenômeno sociocultural, que possuí raízes na sociedade e sua prática é alvo de significações pelo brasileiro.

Também entendemos que muitas vezes essas crenças podem tomar um caminho desfavorável na formação dos jovens atletas. Como a crendice de que se não está fazendo gols ou se as coisas não estão dando certo é devido fatores extraordinários. Apesar das crenças fazerem parte da cultura popular, muitas vezes atrapalham o desempenho e a interpretação real dos fatos ou dos problemas. Outra situação recorrente no futebol, pela disputa acirrada de uma vaga no time ou no clube, diz respeito às curas milagrosas, que prometem uma recuperação mais rápida que a medicina esportiva. Acreditamos que muitas dessas situações acontecem pela falta de conhecimento dos jovens e dos que os cercam. Essas situações exemplificam a falta de conhecimento dos jovens jogadores, caracterizando-os como sujeitos "pés de obra".

6.2.2.5 Grupo 5 – Os atacantes [Os treinadores dos clubes de futebol]

No que tange aos discursos dos atacantes sobre a formação inicial e continuada para trabalhar com futebol, enfatizamos o aspecto dá importância da universidade para a formação docente. Os atacantes destacaram a relação faculdade/sonho/futebol e maturidade para contextualizar os aprendizados na faculdade com a prática no futebol. *"Quando eu entrei na faculdade, eu vi o meu sonho de trabalhar no futebol mais próximo" (TF16-CF1). [...] "Depois de eu ter conquistado um pequeno espaço no esporte, foi que eu trouxe coisas da faculdade para aplicar no futebol" (TF16-CF1).* Percebemos, nestes discursos, um viés diferente do que encontramos nos discursos de outros jogadores/participantes, já analisados, mas muito parecidos com o discurso de um dos laterais: *"A universidade abre as possibilidades, mas depende de cada aluno aproveita-las" (CT-CF1).* Para ambos, a universidade, mais especificamente o curso de EF, foi "a porta de entrada" para trabalhar com o futebol e, mais uma vez, há transferência de responsabilidade ao estudante pela busca de seus objetivos. Julgamos que essa opção é importante, mas não com tanta ênfase, pois os próprios cursos de EF deveriam contribuir de maneira mais significativa no processo de formação. Os cursos de EF, na figura de seus docentes, deveriam fomentar a formação social do aluno, isto é, estudantes com postura crítica e produtores do conhecimento. Assumimos que não basta apenas o professor de EF transmitir aquilo que ele acredita ser o suficiente, sem o compromisso de saber se o conteúdo e a prática da aula foram significativos para o estudante e se houve entendimento, clareza e alcance dos objetivos propostos.

Ao analisarmos os discursos dos jogadores – laterais e atacantes –, apreendemos que suas falas parecem ser exceções no contexto da partida principal. Em grande parte dos discursos, observamos um distanciamento dos cursos de EF em relação aos elementos formativos essenciais. Em geral, não desafiam o estudante a pensar, a refletir sobre o tema da aula, a contextualizar e, assim, sendo capaz de ir além do conteúdo pelo conteúdo. Nesta compreensão, concordamos com J. B. Freire (1989) quando diz que a essência da função do educador é ter como objetivo a educação do indivíduo como um todo, uma "educação de corpo inteiro", respeitando o indivíduo biológica, social e psicologicamente.

Consideramos que a realização de um curso no ensino superior, além de qualificar o futuro profissional do futebol, também pode ser uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional dos jovens atletas. Alguns clubes de futebol já possuem parcerias com IES. Pensamos que essas parcerias deveriam ser obrigações dos clubes de ponta no futebol brasileiro, pois, ações como essas, na nossa percepção, minimizam a formação de sujeitos "pés de obra". Todavia, sustentamos que não basta apenas realizar a parceria – é fundamental desenvolver um canal de comunicação mais efetivo entre o clube e a universidade, onde ambos tenham informações sobre o desempenho e as necessidades dos estudantes-atletas, para que possam, dessa forma, acompanhar e avaliar a evolução e o resultado dos mesmos nas duas instituições e assim contribuir para um melhor desempenho escolar e esportivo desses jovens.

Em relação às razões que dificultam a conciliação estudar e jogar futebol para os jovens atletas, os atacantes enfatizam o aspecto da alta carga de treinamento que os clubes submetem os jovens atletas. Narram: *"O meio do futebol não é favorável ao atleta dedicar-se paralelamente a uma outra situação, se o atleta vai mal num jogo importante porque estava cansado, pois treina dois turnos e estuda à noite, o que tu vais ouvir é 'porque está estudando, ele tem que estar bem é para jogar'" (TF-CF3). [...] "Um tempo maior de descanso, ainda mais aqui que a gente cobra bastante, no alto nível como aqui" (TF17-CF1). [...] "Conciliar os dois é difícil, uma vez que o atleta "trabalha", ele não está jogando como brincadeira, ele está jogando numa exigência de performance" (TF16-CF1).*

Analisando esses discursos sobre a carga de trabalho como causa da dificuldade de conciliar futebol e estudo, em que há prioridade dos treinos em detrimento dos outros fazeres, verificamos uma certa contradição quando os jogadores/participantes exaltam, em suas falas, a importância da escola e da formação humana. Em verdade, os discursos evidenciam que os jovens são tratados como profissionais, mesmo estando numa fase de formação.

Mais uma vez, o discurso do poder de forma "enviesada", conforme enfatiza Van Dijk (2013) na ACD, está demonstrado, pois há discurso apregoando a importância da escola, mas

o treino prevalece como prioridade: *"[...] ele não está jogando como brincadeira, ele está jogando numa exigência de performance" (TF16-CF1); "[...] a gente cobra bastante, no alto nível como aqui" (TF17-CF1).* Entendemos que a relação clube/treinador/jogador caracteriza-se, em conformidade com Van Dijk (2013), pelo discurso do abuso do poder, pois as falas evidenciam uma conotação de hipocrisia. No momento da confrontação da carga de treino/jogo, com o espaço para escola ou outros espaços sociais, o discurso do objetivo da *performance* no futebol prevalece. Conforme Scaglia (2003), o tipo de formação oferecida aos jovens atende interesses do treinador e do clube, em prejuízo da formação integral dos jovens. Nesta linha, para Damo (2006), a conversão de pessoa em produto é um processo ao qual são submetidos todos os futebolistas, pela simples razão de que existe um mercado de compra e venda muito bem estruturado.

Temos conhecimento de que, nos clubes de futebol, muitos meninos chegam com 13 ou 14 anos, de muitos lugares distantes, para tentar a sorte. Com esperança de que os filhos alcancem o sucesso no futebol, os pais delegam poderes aos clubes para a formação dos jovens, o que cria a oportunidade de as instituições priorizarem a formação futebolística. Nessa formação, muita coisa da infância/adolescência se perde – o menino com 13 ou 14 anos, quando ingressa num clube de futebol, deixa de ser criança para ser um profissional. Já não pode sair, conviver com amigos, ir ao cinema ou ao shopping, brincar, jogar bola na rua, levar uma vida de criança/adolescente, pois não pode se machucar, tem que ficar concentrado para o jogo ou tem que descansar para o próximo treino. Em decorrência disso, presumimos que os clubes de futebol não estejam preocupados em formar um cidadão, querem produzir um robô/produto. E esse robô/produto tem que ir para dentro do campo e resolver os problemas do clube. Se não resolver, é retirado e substituído por outro robô/produto. Analisando os discursos, percebemos que muitas falas são "para inglês ver", isto é, um discurso oficialista – no fundo, o que importa é o "gol". Diante das evidências, acreditamos que os clubes, na figura de seus treinadores, dirigentes e coordenadores, falam da importância da escola na formação dos jovens só porque as leis determinam a obrigatoriedade da escolarização, não por "convicção de vida".

Outra questão que destacamos no discurso sobre a carga de trabalho refere-se aos interesses dos clubes e dos treinadores: *"Os treinadores não podem pensar só em si, eu quero só jogador" (TF-CF3).* Consideramos que o objetivo dos treinadores nas categorias de base difere do objetivo dos clubes. Os treinadores se utilizam de equipes de base como trampolim para um dia serem treinadores da categoria profissional. Já os clubes têm como objetivos, com as categorias de base, a formação de jogadores para a equipe profissional e, também, que os atletas sejam negociados com outras agremiações, como forma de manutenção e saneamento

das finanças. Na perspectiva de se tornar treinador da equipe principal, os treinadores da base tentam possibilitar aos jovens uma incorporação mais rápida do conceito de atleta, habituando-os a uma vida regrada e disciplinada, com treinos em horário integral e preparações específicas, além do aprimoramento dos aspectos técnicos e a consolidação das noções táticas.

Segundo Brüggemann (2004) *apud* Freitas e Balzano (2012), essa pressa no treinamento de base pode ocasionar, posteriormente, limitações de rendimento irrecuperáveis de forma plena. Isso pode se transformar em algo determinante, de forma negativa, no desenvolvimento da autonomia e da criatividade dos jovens, interferindo no aspecto psicológico, inclusive para além do campo desportivo. Percebemos que treinadores e preparadores físicos da base aplicam treinos no modelo de equipes profissionais, determinam em que posições os jogadores devem atuar e o que precisam fazer, tratando as crianças e os jovens como adultos, não abrindo espaço para os questionamentos, muitas vezes pela falta de capacidade para responder às questões. Treinam, por longo tempo, o corpo para a *performance* física, técnica e tática, deixando de lado a dimensão humana. Os futuros jogadores são formados sob o modelo do famoso ensino bancário (FREIRE, 1996), para ser a geração *Mac Donalds*, onde não podem "pensar fora do modelo", são formados para serem sujeitos "pés de obra" e não atrapalharem o processo e a estrutura já estabelecidos no clube e futebol.

Nessa temática, conforme Cunha (2018), é possível perceber uma forte relação de subordinação entre as partes, que se aproxima muito mais de um vínculo de aprendizagem profissional do que do esporte educacional. As crianças/jovens possuem horário fixo de treino, não podendo se eximirem da rotina de competições, treinamento e preparo fixo – são cobradas pela vitória, ficam, muitas vezes, afastadas das famílias, que moram no interior, a alimentação é feita com base em uma rotina de atleta e não de uma criança comum. O modelo de gestão de muitos clubes de formação enfatiza o treinamento de crianças e adolescentes apenas para serem vendidos ao exterior. Neste sentido, é preciso considerar o aspecto meramente econômico que o futebol vem assumindo no Brasil. O aspecto identitário, nacional e agregador do esporte, perde lugar a cada dia para o estabelecimento de um mercado de meninos e homens.

Em uma alusão pouco sutil, as crianças são bezerros, encaminhados para a engorda nas escolinhas e depois vendidos para o abate internacional (CUNHA, 2018). Nesta lógica, podemos fazer a relação ao modelo escravocrata do século XVI, em que negros e índios foram dominados e explorados pelos europeus na conquista da América. Conforme Quijano (2005), é nesse momento que se configurara um novo padrão global de controle do trabalho, do qual colonizados e colonizadores eram conjunta e individualmente dependentes histórico-

estruturalmente, condição muito parecida com a relação de hoje, entre sujeitos "pés de obra"/clube/empresário.

Em relação aos efeitos futuras que os jovens atletas teriam com o abandono da escola, vamos analisar, nos discursos dos atacantes, a dificuldade de preparo para outra alternativa profissional, para além do mundo do futebol, e o mecanismo de avaliação a que são submetidos os jovens. *"Esses meninos dependem para ficar no futebol, da avaliação de pessoas, e todos somos seres humanos e podemos errar, e aquele funil no final do processo pode não ser ao teu favor, pode não ser justo para todos os atletas, então se o processo terminar ali, o que vai acontecer com aquela pessoa? Ela vai sair para onde?" (TF16-CF1). [...] "O futebol pode ser uma carreira que renda muito, mas para a grande maioria, e as estatísticas estão aí, não rende muito. E se tu ainda fores eliminado no início do processo, tu vais ter que trabalhar e não vais ter formação para isso" (TF16-CF1). [...] "Se tu só tiveres parte do conhecimento e do estudo quase zero, o teu futuro pode ser ruim, trazer situações muito difíceis para a maior etapa da tua vida, que é a fase adulta e da velhice. E o pior vai te deixar mais longe dos sonhos que tu tinhas quando jogavas futebol" (TF16-CF1).*

O sonho desse tronar um jogador de futebol, muitas vezes, provoca alienação dos jogadores e de seus familiares, que se focam apenas na possibilidade alcançar tal objetivo. O processo de formação até chegar a profissional no futebol é árduo e, em geral, não é divulgado para o grande público pela mídia. Muitas são as fases que o futuro jogador tem que passar, desde a sua seleção, transições nas categorias e profissionalização.

Durante essa jornada formativa, muitas situações imprevisíveis podem acontecer como: um treinador novo; a chegada de um atleta para sua posição melhor naquele momento; atletas indicados por empresários influentes no clube para sua posição; uma lesão; ser emprestado para um clube menor; e uma das principais situações é o momento das transições de uma categoria para outra, que às vezes não é feita com total profissionalismo ou competência. Esse é um momento relevante do relacionamento dos clubes/profissionais com os jovens atletas, é o momento da transição de categoria e da dispensa desses jovens. Assim, como no início do processo de formação, chega o momento desse atleta transitar para uma categoria superior no clube. Após o período de treinos e jogos com a equipe e normalmente no fim de cada temporada, os clubes avaliam quais atletas estão aptos a seguirem em frente e quais ficarão pelo caminho.

Conforme Paoli, Silva e Soares (2008), devido à tendência de perfil físico e fisiológico do jogador para a comercialização com a Europa, o talento é selecionado com base na estatura e no desenvolvimento físico e não nas habilidades técnicas, táticas e psicológicas, fazendo com que os que possuem um desenvolvimento mais tardio sejam preteridos por aqueles que não têm

muito talento, mas que têm porte de jogador ainda jovem. Esta é uma situação que ocorre com frequência no futebol brasileiro. Devido ao imediatismo e à pressão pela descoberta de novos talentos, esta avaliação – ou pseudo-avaliação – inicial aumenta a possibilidade de equívocos. Este processo de seleção ocorre principalmente com as categorias sub-17 e sub-20 anos, que por diversas vezes passam por processo de dispensa do clube. São estas categorias que definem o futuro do jogador de futebol, por serem as últimas antes da categoria profissional.

Para Paoli, Silva e Soares (2008), esse processo que visa a identificar, em praticantes de futebol, os requisitos necessários para definir investimentos no processo de formação de atletas, tem que ser planejado, na medida do possível, segundo o uso dos conhecimentos científicos. Visto que muitas vezes esse processo não é o mais adequado nem o mais justo, faz-se necessário que os jogadores, clubes, familiares, durante o processo de formação e transição na carreira, preocupem-se com o seu encerramento precoce ou não, ou seja, com uma segunda opção profissional para facilitar sua readaptação social, que é dificultada pela abstração a que estes se submetem quando ainda estão atuando. Consideramos que outras estratégias de reinserção no mercado de trabalho, para que este jovem siga o caminho fora ou dentro do futebol, são necessárias, não somente no encerramento da vida na base, mas em todo o processo de formação.

Em efeito, o afastamento da escola ou a não continuidade dos estudos em um curso superior, limitam muito as possibilidades de perspectiva no mercado de trabalho, ou mesmo de formação pessoal dos jovens atletas que não foram selecionados para ingressar em um clube de futebol. Conforme Souza *et al.* (2008), no Brasil, grande parte dos atletas que chegam à categoria sub-20, não são aproveitados pelo mercado. Desta forma, para os não selecionados, o diploma escolar seria uma credencial que facilitaria a recolocação profissional.

6.2.2.6 Grupo 6 – Os meias armadores [Os professores de futebol das IES-EF]

A respeito dos discursos dos meias armadores sobre a formação inicial e continuada para trabalhar com futebol, analisamos a dificuldade motora para os estudantes realizarem as disciplinas práticas. Os meias armadores relatam: *"Antigamente quando se cobrava prova prática para ingressar nos cursos de EF, os estudantes já vinham com uma bagagem motora, conseguíamos avançar muito mais no ensino dos esportes" [...] (PF-IES2). "Hoje em dia tu vê os estudantes com muita dificuldade motora para tu começares alguma coisa. Tu tens que começar pelo 'beabá', porque é muito difícil fazer diferente" (PF-IES2).*

Esse discurso apareceu na partida principal, quando analisamos a fala de um dos professores de futebol sobre a metodologia utilizada em suas aulas. Mais uma vez, esse aspecto aparece no discurso dos meias armadores, mesmo que a temática seja outra.

Nesta abordagem, andamos pelo caminho da ACD de Van Dijk (2018), na relação "nós" e "eles". Visto que os cursos de EF dão ênfase aos aspectos técnicos nas suas disciplinas práticas, entre elas a de futebol (PROCÓPIO; PROCÓPIO, 2016), e, como foi aludido pelos meias armadores, há o problema da dificuldade motora dos estudantes. Cremos que, nesse caso, exista uma transferência de responsabilidades e um discurso de poder do professor comprometido/induzido, da seguinte maneira: "eles" não sabem, não conseguem executar a aula prática por deficiência motora – aspecto negativo do "eles" – e "nós" não temos culpa por essa dificuldade motora dos estudantes. Começamos as aulas práticas pelo *"beabá"*, somos compreensivos – aspecto positivo do "nós" –, em nenhum momento somos responsáveis pelo problema. Julgamos que, nesta situação, ambos devem rever suas práticas. Os estudantes procurando melhorar sua capacidade motora para as aulas práticas, pois estão num curso de EF, e os professores, como o curso é de EF, não supervalorizar o aspecto motor nas suas disciplinas práticas. A formação para o esporte/futebol deveria valorizar e trabalhar todos os aspectos: humanos, sociais, técnicos, culturais, políticos, entre outros. Faz-se necessário que os professores formadores escutem seus estudantes e reconheçam suas formas de viver, sentir e pensar.

Segundo Ocaña, López e Conedo (2018), não se admite mais formadores de professores desenvolvendo um discurso sobre o construtivismo pedagógico e sobre a abordagem histórico-cultural, fazendo eloquência da teoria piagetiana e as contribuições inestimáveis de Vygotsky, e mesmo assim esse professor não permitindo que seus estudantes perguntem e interajam em aula – só ele que fala, desenvolvendo uma aula expositiva, baseada em modelos pedagógicos tradicionais. O modelo de educação que acreditamos é aquele que ensina os valores, para um estudante tornar-se um cidadão crítico, além de um conteúdo sistematizado com a realidade e interesse dos mesmos.

Em relação às razões que dificultam a conciliação estudar e jogar futebol para os jovens atletas, os meias armadores destacaram, em seus discursos, a influência da família em decorrência de situação econômica, tida como determinante para a escolha do futebol pelas famílias mais pobres. Neste caso, também consideramos relevante a falta de políticas públicas para o esporte. Os meias armadores falam: *"As crianças que abandonam o estudo por causa do futebol, tem pouca estrutura familiar, para conseguir conciliar os dois. O rico não abandona nem a escola nem o esporte, porque tem uma boa estrutura familiar que lhe dá condições*

(transporte, alimentação, professor particular) de conciliar os dois. É a perpetuação das desigualdades sociais" (PF-IES3). [...] "Eu vejo essa questão de estudar e jogar futebol ainda muito difícil aqui. Nós não temos no Brasil uma política de desenvolvimento para o esporte, principalmente para os jovens de classes populares" (PF-IES2).

Meninos, principalmente de classes populares, jogam futebol com o objetivo de enriquecer para oferecer uma boa qualidade de vida à família. Souza *et al.* (2008) consideram que, para jovens homens de classes populares, o futebol representa – para quem tem o "dom" (DAMO, 2008) – a grande possibilidade de ascensão social e econômica tão esperada pela família. Para essa classe, a perspectiva de ingressar em uma universidade de prestígio é mínima, pois na sua maioria são oriundos de escolas públicas, restando a eles sonhar com poucas alternativas.

Os investimentos das famílias de classes populares transformam-se em histórias de sacrifício e dedicação, que resultam em sucesso ou frustração na biografia de muitos jovens. Em contrapartida, o jovem com uma condição financeira melhor, que também tenta o futebol, como sonho de todas as classes sociais, tem em sua família o suporte que lhes garante outra possibilidade de futuro, além do futebol. Esses jovens abastados, consequentemente, se não ficarem no futebol, têm na universidade a possibilidade de garantia para uma futura profissão, pois a maioria frequenta escolas particulares e conta com maior capital cultural (BOURDIEU, 1998), para competir. Segundo Moraes, Rabelo e Salmela (2004), os pais de classe média e rica encorajam seus filhos no esporte, fornecendo recursos e materiais, enfatizando o valor do trabalho e ajudando-os na prática diária, proporcionando tempo e recursos para outras atividades, ensinando as primeiras habilidades na área e lhes proporcionando acesso aos professores, os quais os introduziam na atividade de maneira prazerosa. Os autores consideram, ainda, em sua pesquisa, que o baixo poder aquisitivo pode ter representado uma restrição para os pais oferecerem apoio aos seus filhos, pelo custo relativo a transporte, material, aulas, incluindo as práticas de diferentes esportes. Todavia, a liberdade permitida pelos pais para a prática do futebol e a não cobrança de contribuição para ajudar no sustento da casa, frente à paixão dos filhos pelo futebol e facilidade contextual para a prática, ajudaram estes jovens no seu desenvolvimento profissional futuro.

Consideramos que esse investimento de famílias de classes populares em filhos com "dom" para jogar futebol esteja relacionado diretamente com a situação política e econômica do Brasil, que possibilita poucas oportunidades aos jovens oriundos das camadas mais pobres da população. Neste sentido, conforme Bossle e Lima (2013), para a família de classe popular, a formação como atleta claramente supera a formação escolar, que se transforma em "plano B",

caso ocorra o insucesso na investida no futebol. Na mesma linha, segundo Souza *et al.* (2008), na visão dos jogadores das categorias de base e de seus familiares, o investimento precoce de profissionalização no futebol faz-se necessário, pois o futebol aparece como um modo de ascensão social e econômica, fomentando um planejamento familiar intencional.

Compreendemos o fato de que um filho alcançar as fileiras de clube de elite no futebol seja uma atração para grande parte das famílias, mas cremos que essa conquista possa ser de forma mais consciente, principalmente com auxílio do clube e da escola. Afinal, é preciso evitar que quando esse jovem estiver desfrutando da carreira de jogador de futebol não se constitua em um produto nas mãos de empresários e clubes, tornando-se mais um sujeito "pés de obra" na fila do vasto número de jogadores que formam esse "time" no Brasil. Aceitamos que muitas famílias não possuem discernimento para entender essa situação, mas clube, escola e Estado têm o dever de informá-los, instruí-los e conscientizá-los para mudar essa realidade.

Para amenizar essa desigualdade, reputamos como relevante construir políticas positivas – envolvendo clubes, escolas, imprensa e estado – que contribuam para diminuir essa desigualdade, para quem pretende concorrer a uma vaga no futebol e não consiga. Entendemos que as políticas devam beneficiar, principalmente, os jovens de classes populares, pois os pertencentes a classes média e rica, no Brasil, têm estágios de desenvolvimento semelhantes aos modelos de desenvolvimento dos jovens na América do Norte e Europa, segundo pesquisa de Moraes, Rabelo e Salmela (2004).

Quanto aos efeitos futuros que os jovens atletas teriam com o abandono da escola, identificamos, nos discursos dos meias armadores, a dificuldade de planejar a carreira, fato também citado por outros jogadores/participantes. No discurso dos meias armadores, identificamos dois aspectos: o primeiro relacionado à falta de preparação dos jogadores para uma profissão futura e o segundo relacionado a um certo preconceito oculto nas suas falas, quando se referem a alternativas ligadas ao futebol para jogadores que não estudaram: *"Se eu souber só jogar futebol, e não souber fazer outra coisa na vida, é como jogar cartas sem ter cartas na manga" (PF-IES1). [...] "Hoje quem não tem educação e formação não consegue trabalhar no esporte, ou entro área. Antes eles até conseguiam ser massagistas ou treinadores no futebol amador. Hoje nem isso eles vão terminar como 'mais um brasileiro'" (PF-IES3). [...] "Provavelmente aquele cara pobre que abandona a escola e não se estabelece no esporte, não vai conseguir nada, nem no esporte, no máximo no futebol amador ou em projetos sociais" (PF-IES3).*

No que diz respeito ao primeiro aspecto do discurso dos meias armadores concordam com a interpretação de Almeida e Souza (2007), ao descreverem que após o encerramento da

carreira, a grande maioria dos jogadores passa por enormes dificuldades ao tentar reintegrar-se à sociedade, pois a alienação é um dos fatores responsáveis por períodos de transição conturbados. Segundo os autores, em suas pesquisas, nenhum dos ex-jogadores vivenciou atividades culturais, artísticas e políticas, dedicando-se exclusivamente ao futebol. Assim, após a fase de transição/encerramento, por não terem estudado e se dedicado exclusivamente ao futebol, ex-jogadores ficam desempregados e sem perspectivas de adaptações a outras atividades/funções.

A pesquisa dos autores mostra uma realidade muito comum no futebol brasileiro, o conceito já impregnado na sociedade do futebol, de que "jogador não precisa estudar, apenas jogar". Dificilmente observamos, principalmente na mídia, ações de clubes de futebol em relação a uma formação extracampo para seus jogadores. O máximo que vemos são parcerias de clubes com as IES, mas em relação à operacionalização de estudar e jogar. As IES ainda realizam algumas ações para conciliar o futebol e o estudo, já os clubes pouco colaboram para essa conciliação. O fato de criar essas parcerias e oportunizar que alguns jogadores frequentem o meio acadêmico parece tirar um "peso dos ombros" dos clubes – o famoso "jogar para torcida" –, deixando o peso nas costas dos atletas e da boa vontade do corpo diretivo e de professores das IES. Suspeitamos que os clubes até prefiram que os atletas não se especializem em algum outro segmento, pois, quanto menos esclarecidos, mais fácil de serem manipulados. Acreditamos que para os clubes e para grande parte da sociedade do futebol valha mais muitos sujeitos "pés de obras" do que um jogador esclarecido, crítico, politizado, e atuante em relação aos seus direitos. Este modelo de jogador, não parece ser benéfico para os clubes, pois este poderia contaminar os outros e "incomodar" essa relação de poder já estabelecida no futebol. É voz corrente que no futebol o *status quo* não gosta de ser incomodado.

Em relação ao segundo aspecto dos discursos dos meias armadores, consideramos que a intenção foi chamar atenção para a necessidade de que os jogadores estudem ou se preparem para outra alternativa profissional, fora do futebol. Mas, relacionar esse despreparo com a profissão de massagista, treinador de futebol amador, projetos sociais, entre outros, parece ser um discurso preconceituoso. Para Van Dijk (2012), mais uma vez, essas opiniões ocorrem porque o discurso é representado por uma ideologia que possui uma estrutura cognitiva complexa, que controla a formação, a transformação e a aplicação de outros tipos de cognição social, tais como o conhecimento, as opiniões, as posturas, as representações sociais. Para o autor, o discurso reflete muito do contexto de uma sociedade ou algum de seus segmentos. Os meias armadores, de alguma forma fazem parte de uma elite (acadêmica) e a profissões de massagista, treinador amador, atuação em projetos sociais, sempre foram vistas, pela elite,

como profissões ligadas ao futebol e executadas por pessoas "menos capazes". Discordamos dessa representação, pois julgamos que essas atividades sejam essenciais no contexto do futebol, pois este, como espaço democrático, atende a todos os públicos. A mídia nos faz acreditar que o futebol relevante seja apenas o de clubes e seleções de elite. Todavia, o futebol é muito maior do que isso – o futebol alcança todos os espaços e níveis sociais e essas atividades, de alguma forma menosprezadas pela elite, são fundamentais para uma formação social pelo esporte.

Fazemos a analogia do discurso – a respeito da inferiorização do futebol amador – com as relações estabelecidas entre colonizador e colonizado, descritas por Memmi (2007), quando o autor explica como os colonizados interiorizam o discurso colonizador "de ser para o outro". Para Memmi, os discursos coloniais silenciaram os colonizados, disseminando a ideia de que suas práticas e sua cultura eram exóticas, místicas e bárbaras. Memmi (2007) ainda destaca a ambiguidade vivida pelos colonizados. De um lado, a necessidade de não perderem totalmente os elementos da sua história, os costumes, os valores e as tradições, ou seja, a cultura – o futebol raiz; de outro, a necessidade de incorporarem e reproduzirem determinadas práticas e comportamentos oriundos dos colonizadores – o futebol espetáculo – na tentativa de se parecerem com o colonizador, negando, assim, sua identidade. Corroborando, Quijano (2005) relata que essa operação se realizou de várias formas. Uma delas foi com a sedução pela cultura colonialista – fetichismo cultural que o europeu criou em torno de sua cultura, estimulando forte aspiração à cultura europeia por parte dos sujeitos subalternizados.

Conforme o Observatório da Discriminação Racial no Futebol (ODRF, 2017), a várzea[163] no Brasil tem origem no futebol marginalizado, no futebol do barro, no futebol proibido de estar nos clubes de elite das cidades brasileiras. Tudo indica que a várzea foi formada por mulheres consideradas sujas, sem padrão para estarem nas arquibancadas assistindo os clubes aristocráticos. Também negros, humilhados no futebol oficial, que podiam no máximo frequentar os campos, mas não a sede e os bailes dos clubes, integravam a várzea. De acordo com o ODRF (2017), existe uma conotação pejorativa, instituída no futebol de elite, que confunde várzea com bagunça, desorganização e coisa ruim, concepção que também data do início do futebol no Brasil, considerado de segunda categoria. O futebol de várzea hoje é

[163] Após a abolição da escravatura, os negros recém-libertos, sem qualquer tipo de reparação, proibidos inclusive – pela lei de terras vigente – de adquirir um pedaço de chão, passaram a residir próximo às fazendas onde foram escravizados, exatamente nas várzeas dos rios. Neste período, ancorados na premissa higienista e eugênica, o Estado e a burguesia local consideravam estas áreas como locais de "vagabundagem, criminalidade e sujeira", sendo necessárias ações de cunho coercitivo (policial) e de saúde, evitando, assim, a contaminação das áreas nobres da cidade. Portanto, a conotação depreciativa que se dá à várzea tem origens racistas e discriminatórias. (ODRF, 2017).

frequentado e praticado pela população trabalhadora que assumiram a nomenclatura e se esforçam para manter vivo o futebol “amador”, levando consigo a paixão e organização desta modalidade de futebol. Esta descrição pode justificar, de certo modo, o discurso da elite em relação às profissões menores ligadas ao futebol amador. Defendemos que o futebol de várzea tem a vida, dá vida ao cotidiano da periferia, pois tem o lazer desprendido sem amarras e sem custos: Tem a “festa”.

O árbitro apita. Início do segundo tempo da prorrogação. Agora é tudo ou nada. Se não for decidido na prorrogação, teremos a disputa por pênaltis.

SEGUNDO TEMPO DA PRORROGAÇÃO

Imagem 22 – Segundo tempo da prorrogação - ação de ataque (condução para de bola)

Imagem 23 – Segundo tempo da prorrogação - ação de ataque (troca de passes)

Imagem 24 – Segundo tempo da prorrogação - ação de defesa (dobra de marcação e cobertura)

6.2.3 3ª etapa – "Barba, cabelo e bigode"[164] *[Análise dos participantes em conjunto – universidade e clube de futebol]*

Início do segundo tempo da prorrogação[165]. A prorrogação continua tensa, alguns ataques de lado a lado. As duas equipes continuam concentradas na marcação, poucas são as chances de gol. A equipe "Movimento Colonial" continua mais audaciosa que o oponente, estão procurando atacar nos pequenos espaços cedidos pelo adversário, seus jogadores parecem estar em melhores condições físicas. A equipe "Giro Decolonial", nesse momento, está na defesa, dificilmente conseguirá suportar essa pressão. A equipe "Movimento Colonial" troca passes perto da área. A defesa da equipe "Giro Decolonial" está com dificuldade para marcar os atacantes "coloniais". Eles realizam bela jogada, finalizam a meta, e gol. Gol da equipe "Movimento Colonial". A equipe "Giro Decolonial" têm que buscar o resultado adverso, para levar a partida, pelo menos, para os pênaltis.

Nessa etapa da prorrogação, dividimos os participantes em dois conjuntos, a partir da orientação profissional/social/cultural, ou seja: participantes das IES-EF (Conjunto I) e participantes do clube de futebol (Conjunto II). Agora o foco está nas seguintes temáticas: a) as dificuldades no contexto do futebol; e b) os preconceitos no futebol. Em relação às observações analisamos: a) a relação estudante-professor/técnico/preparador físico, e b) as situações extras que apareceram no decorrer das observações. No que diz respeito aos documentos, analisamos as propostas das IES, as ementas das disciplinas de futebol. Em relação aos clubes, consideramos as propostas para as categorias de base.

Nesse momento do jogo principal, procedemos à análise sobre os preconceitos no futebol, um legado colonial que, segundo Pizarro (2014), ainda está enraizado na cultura das sociedades, tanto periféricas como de centro. Como sabemos, o futebol envolve fortes questões ideológicas, como o fanatismo e a paixão, casos de racismo, xenofobia, homofobia, machismo, entre outros,

[164] "Barba, cabelo e bigode" – três vitórias de um time sobre outro, nas diversas divisões, no mesmo dia. Fizemos essa analogia com a etapa 3 da análise de discurso, pois, finalizando essa etapa, concluímos as três análises que este pesquisador teve interesse em realizar.

[165] Mais uma vez, utilizamos imagens do acervo de fotografias da DDU-UFC para mostrar as ações que acontecem na prorrogação de uma partida de futebol. As imagens são da equipe feminina de futebol 7 da UFC, no ano de 2015, quando este professor/pesquisador/narrador era o treinador dessa equipe. Na imagem 22 – segundo tempo da prorrogação (ação de ataque - condução para de bola) – exemplificamos uma das ações ofensivas mais recorrentes numa partida de futebol, quando o atleta conduz a bola para realizar um ataque. Na imagem 23 – segundo tempo da prorrogação (ação de ataque - troca de passes) – demonstramos uma ação ofensiva de ataque importante para as equipes realizarem na prorrogação – a troca de passes –, pois, esse tipo de ação desgasta o adversário e possibilita que a equipe com posse de bola controle o jogo. A imagem 24 – segundo tempo da prorrogação (ação de defesa - dobra de marcação e cobertura) – ilustra um movimento defensivo muito importante – dobrar a marcação e realizar a cobertura – que a equipe sem a posse de bola deve realizar para recuperar a bola e proteger sua meta.

que ainda fazem parte dos campos de futebol – e agora aparecendo com mais frequência nas mídias digitais. Os acontecimentos dessa índole, que ainda cultivam o pensamento colonial na sua forma mais primitiva e preconceituosa, acabam gerando atos de violência, com finais trágicos em muitos casos.

6.2.3.1 Conjunto I – Participantes da universidade

No modelo de ACD proposto por Van Dijk (1999), o contexto social – onde ocorre a prática discursiva – é muito importante para análise do discurso, sendo fundamental o papel que o orador desempenha em seu grupo social. A abordagem elaborada por Van Dijk (1999) pretende analisar o meio de produção discursiva, levando em conta não apenas os aspectos linguísticos e gramaticais, mas também os aspectos socioculturais em determinado contexto.

Em relação aos professores das IES, Bispo e Santos Junior (2014) consideram que, geralmente, os professores do ensino superior identificam-se através da sua área de atuação e não como professor de algumas disciplinas que leciona. Para o autor, muitos professores universitários, ao lecionarem várias disciplinas fora da sua área – e muitas vezes do seu curso –, o fazem como uma forma de complementação salarial, principalmente em instituições privadas. Segundo Favero e Marques (2013), nas últimas décadas, em função da expansão da educação superior, criou-se uma ampla demanda de docentes para dar conta do crescimento de matrículas, cursos e instituições. Isso fez com que o magistério nas IES fosse exercido por profissionais das mais variadas áreas do conhecimento. No que diz respeito aos professores de EF que ministram a disciplina de futebol, muitos não são da área, pois esta disciplina, via de regra, é apenas "mais uma" na grade horária. Em muitos casos, os professores abordam o esporte/futebol num discurso dirigido com valores de produtividade, eficácia e rendimento – no viés do futebol profissional – que se sobrepõem a valores referentes ao ensino do futebol "fora das quatro linhas do campo de jogo".

Quanto ao contexto social – a universidade –, Bispo e Santos Junior (2014) consideram-na como instituição educacional cuja finalidade é o permanente exercício da crítica, que se sustenta na pesquisa, no ensino e na extensão. Ou seja, na produção do conhecimento por meio da problematização dos conhecimentos historicamente já produzidos, de seus resultados na construção da sociedade humana e das novas demandas e desafios que esta apresenta. No que se refere aos cursos de formação de professores, o estudo de Gatti (2014) mostrou que os jovens que escolhem a profissão docente, fazem isso, em grande parte por eliminação, pois se consideram sem condições para acessar outras carreiras. Constatamos que a profissão docente

no Brasil, atualmente, perdeu valor social e, por essa razão, é desvalorizada na comparação com outras profissões também de formação superior. Conforme pesquisa de Favero e Marques (2013), muitos desses profissionais que mal terminam a graduação foram contratados para exercer a docência, desempenhando a função de maneira improvisada, muitas vezes repetindo práticas dos "velhos mestres", ou simplesmente testando maneiras aleatórias de "dar aulas". Também entendemos, que nas IES é preciso que os professores universitários não apenas sejam bons cientistas ou bons administradores, mas também bons formadores. E sob essa concepção, fica implícito o papel das relações interpessoais nesse processo com esses estudantes.

Partindo da abordagem do contexto social e do papel dos participantes, analisamos na perspectiva do Conjunto I, as dificuldades no contexto do futebol. Neste sentido, os participantes responderam à seguinte pergunta: Na sua opinião, quais são as dificuldades mais comuns no futebol? No discurso dos participantes, quatro aspectos foram abordados: a) a falta de espaço físico para trabalhar a disciplina de futebol; b) o mercado de trabalho no futebol; c) a falta da formação humana no futebol; e d) o descaso do Estado com o futebol amador.

Em relação à falta de espaço físico para trabalhar a disciplina de futebol, os integrantes do Conjunto I enfatizaram que poucas IES em EF possuem campo de futebol 11. *"Sobre o ponto de vista da especificidade dificulta muito, no momento que tu tens campo o teu campo de visão é outro, teu rendimento é outro, teu contexto é outro" (PF-IES1). [...] "O problema aqui é o espaço físico, a disciplina é futebol de campo e futebol 7, e não tem campo" (PF-IES1). [...] "Qual IES em EF privada, que tem campo? Poucas" (CoEF-IES1). [...] "Outra dificuldade na minha realidade é não ter um campo de futebol próximo da instituição, pelo campo ficar muito longe da instituição e só dei uma aula prática de futebol" (PF-IES3).*

Esses discursos refletem o descaso das IES, e de muitos cursos de EF, com a disciplina de futebol, mesmo o futebol sendo o esporte mais praticado no mundo (FIFA, 2018) e a maior expressão popular do Brasil (GUTERMAN, 2009), além de seu significado no contexto brasileiro, um tema latente na sociedade (DAMO, 2002). Julgamos que essa realidade mostra uma grande contradição, pois, se os currículos dos cursos de EF possuem uma tendência "esportivizada", num viés tecnicista (BETTI; RANGEL-BETTI, 1996), perguntamos: onde estão os locais para essa prática? Observando as propostas dos cursos de EF nas IES, muitos pretendem formar profissionais competentes, críticos e comprometidos com a transformação social, baseados nas manifestações da cultura corporal do movimento

Elucidando os discursos do Conjunto I, as observações feitas nas IES mostraram essa realidade. Na observação da disciplina de futsal e futebol na IES3, em 16/11/2019, constatamos

que ela é obrigatória, ministrada aos sábados, com ênfase no futsal. Ocorre apenas uma aula prática de futebol, pois, segundo o professor, o campo disponível pela IES fica muito longe e os estudantes não gostam de ir. A primeira parte aula observada foi teórica, na sala de aula, e a segunda, foi prática, no ginásio de esportes, com a participação de 18 estudantes. Segundo o professor, essa aula era para ser de futebol. (DIÁRIO DE CAMPO).

Em outra observação, agora da disciplina de futebol na IES1, realizada no dia 25/11/2019, verificamos que se trata de disciplina obrigatória do 2º semestre, ministrada às segundas-feiras, das 9h às 11h30min, para turma mista com 45 estudantes. A primeira parte foi teórica, em sala de aula, e a segunda, das 10h15 às 11h30min, foi no ginásio de futsal, pois naquele dia choveu. A aula era para ser realizada numa quadra de futebol 7, em uma instituição de ensino que fica a três quadras da IES1. Nesse dia o professor teve que dividir o espaço físico com mais duas disciplinas (disciplina de basquete, com 15 estudantes, e disciplina de treinamento físico, com 36 estudantes). Sua aula prática, com 45 estudantes, muito tumultuada pelo grande número de estudantes que estavam no ginásio, foi realizada na quadra de vôlei. (DIÁRIO DE CAMPO).

A terceira observação, também de disciplina de futebol, foi realizada no dia 29/11/2019, na IES2. Observamos que a disciplina é optativa a partir do 3º semestre, sendo ministrada às sextas-feiras, das 10h às 11h45min, para turma mista com 24 estudantes. O professor ministrou a aula em uma das quadras do ginásio poliesportivo de uma instituição esportiva, com a qual a IES2 possui convênio. Essa instituição fica localizada a duas quadras da IES2. Naquele dia, a aula seria realizada na quadra de futebol 7 da instituição esportiva, local destinado para as aulas de futebol do curso de EF da IES2, mas foi realizada no ginásio por estar muito quente, segundo o professor. Este comentou, que às vezes, a quadra de futebol 7 também é ocupada por outra instituição de ensino. (DIÁRIO DE CAMPO).

Constatamos, com as observações, a dificuldade enfrentada pelos professores em relação ao espaço físico para a prática da disciplina de futebol, nas três IES pesquisadas. Considerando que o futebol é uma prática cultural em nosso país, conforme Ferreira (2014), o menino brasileiro joga bola no terreno baldio, na rua, na quadra, no pasto, na areia da praia, em qualquer lugar. Na mesma linha, segundo Busso e Daólio (2011), estas vivências e compreensões ou aprendizagens extraescolares fundamentam-se na simplicidade do pensar e agir, de modo a constituírem uma concepção de aprendizagem discente que deve ser considerada e aprofundada na escola. Essas crianças levam saberes para escola e, se pretendemos formar profissionais para trabalhar em escolas/clubes, nada mais coerente do que desenvolver saberes para as práticas docentes baseados na nossa cultura. Mas, na realidade, o

que observamos nas IES-EF é um distanciamento da cultural nacional – o futebol –, principalmente pela carência de espaços físicos para a prática do futebol.

Relacionamos, também, a questão de uma proposta de valorização do futebol nas IES com o pensamento de fronteira (WALSH, 2005b), que significa tornar visíveis outras lógicas e formas de pensar – conhecimento popular do futebol –, diferentes da lógica eurocêntrica dominante. O pensamento de fronteira se preocupa com o pensamento dominante, mantendo-o como referência, mas sujeitando-o ao constante questionamento e introduzindo nele outras histórias e modos de pensar. Também associamos a valorização do ensino do futebol nas IES com a proposta de EF de Daólio, (2004), denominada de abordagem plural, com ênfase na perspectiva cultural, considerando a EF como parte da cultura humana, constituindo área de conhecimento que estuda e atua sobre um conjunto de práticas ligadas ao corpo e ao movimento, criadas pelo homem ao longo de sua história. Admitimos que o futebol faz parte das práticas do conhecimento ligadas ao brasileiro na sua história, visto a criação, segundo Penna (1998) do "futebol-arte".

Outro aspecto, em relação ao descaso com o futebol que podemos considerar são as perspectivas de trabalho que o futebol oferece para os futuros profissionais: clubes de futebol (diversas áreas), escolinhas de futebol, EF escolar, curso de EF nas universidades, *personal soccer*, futebol amador, projetos sociais, além da possibilidade de trabalhar no exterior, pois o futebol brasileiro é referência em outros países, entre outras possibilidades. Mais uma questão para refletir sobre os discursos do Conjunto I, a respeito da dificuldade em relação ao espaço físico para a disciplina de futebol, refere-se aos cargos exercidos pelos participantes. Alguns deles são coordenadores dos cursos de EF e todos foram professores de futebol. Nesse sentido, seriam as pessoas indicadas a reivindicar – seguidos da solicitação dos seus professores da disciplina – junto às IES, os espaços necessários para a boa prática da disciplina.

Sobre o problema em questão, observamos a relação de poder da IES com seus coordenadores e professores. Depreendemos que essas instituições se preocupam, acima de tudo, com o aspecto financeiro, não investindo em espaços necessários para a prática do futebol. Os profissionais, com o intuito de preservar seus empregos, sentem-se intimidados em solicitar, de forma mais veemente, condições estruturais de melhor qualidade para suas práticas. Desta forma, os professores continuam a improvisar nas suas aulas. Pensamos que improvisação não é sinônimo de criatividade e nem de movimento intencional, voltado para a construção do conhecimento e da aprendizagem. Assim, reputamos que urge a necessidade de as IES em EF valorizarem a disciplina de futebol em seus cursos, ampliando a carga horária, selecionando professores habilitados e comprometidos para ministrar a disciplina, estimulando pesquisas na

área, promovendo projetos de extensão com o futebol, possibilitando estágios nesse esporte e, no caso, principalmente, dispondo de espaço físico adequado para a sua prática.

Outra dificuldade que o Conjunto I relacionou ao futebol, refere-se ao mercado de trabalho nesse esporte e para além do futebol profissional. Os participantes falam: *"Um ponto crítico hoje nos cursos de EF é o mercado de trabalho, pois falta uma formação mais empreendedora nos cursos, pois o mundo caminha para isso" (PF-IES1). [...] "Nós vivemos num país que tem muitas dificuldades de emprego" (CoEF-IES1). [...] "Temos excelentes profissionais que se adaptaram somente nos clubes de futebol, e parece que o mundo não existe fora disso" (PF-IES1). [...] "Formamos profissionais para o mercado capacitados e com alguma experiência, mas falta nos cursos de formação em EF, em todas as áreas, inclusive no futebol, uma formação empreendedora para além do clube" (PF-IES1).*

O fato de a mídia esportiva enfatizar o lado positivo do futebol (AMARAL THIENGO; OLIVEIRA, 2007), e de o futebol profissional ser assunto em inúmeros programas esportivos durante o dia, não mexe apenas com o imaginário dos jovens que ambicionam a carreira de jogador de futebol. Mexe, também, com os futuros profissionais de EF que pretendem trabalhar nesse esporte. O mercado de trabalho no futebol profissional disponibiliza vários cargos – treinadores, assistentes, analistas, gestores, preparadores, adjuntos, entre outros. Esses cargos representam o topo do mercado de trabalho, mas, como citamos anteriormente, muitas são possibilidades de trabalhar com o futebol. Assim, entendemos que o discurso relatado pelos participantes do Conjunto I, quanto à busca de estudantes pelo mercado do futebol profissional, é influenciado pelo discurso do senso comum, que por sua vez é influenciado pela mídia esportiva. Esta, como já referimos, transforma o futebol profissional como única possibilidade de fama e rentabilidade de trabalho nesse esporte.

De acordo com a teoria de Van Dijk (2012), os discursos podem receber distintas influências de grupos hegemônicos, por exemplo, as mídias, criando um contexto que favoreça um controle mental. Para Van Dijk (2018), existe uma reciprocidade nessa situação, pois as empresas e os produtos precisam de uma boa imprensa. Neste sentido, a ênfase da mídia nas notícias do futebol profissional dos clubes de elite, que abarcam 90,0% dos torcedores do país (DAMO, 2005), relaciona-se com o retorno financeiro que esses clubes oferecem à mídia e às empresas patrocinadoras. Sendo muitas as possibilidades de trabalho no futebol, verificamos que nas ementas das disciplinas relativas ao futebol e na proposta político-pedagógica dos cursos de EF das IES, a ênfase é por um modelo de ensino do futebol voltado para o futebol profissional. A IES1 é diferente: sua ementa contempla planejamento e execução de ações pedagógicas de futebol de campo e futebol 7 em diferentes contextos sociais. Procópio e

Procópio (2016), em sua pesquisa, constataram que os cursos de EF estão formando especialistas na matéria.

Mesmo com a formação futebolística sendo voltada para licenciatura, que prepara o aluno para a EF escolar, segundo Kruse (2004), o ensino de futebol nas IES também se utiliza de muitas práticas do futebol que reproduzem a versão do esporte espetáculo e de alto nível. Isso implica que só os mais habilidosos joguem e os menos habilidosos sejam excluídos, restando-lhes a condição de expectadores. A mídia e o senso comum/sociedade do futebol não apontam, em seus discursos, a perspectiva de mercado de trabalho no futebol – restrito nos clubes de elite – apesar de que hoje o futebol apresente possibilidades de várias funções para os profissionais de EF. Segundo Damo (2005), o mercado do futebol no Brasil é formado por 800 clubes filiados à FIFA, sendo que apenas 2,5% desses clubes possuem a preferência dos consumidores do espetáculo futebolístico. Sabemos que não está errado sonhar em trabalhar em clubes de futebol profissional de elite, nem convergir esforços na tentativa de atingir essa meta. Assim, entendemos a importância que os cursos de EF, principalmente na disciplina de futebol, mostrem a realidade e as possibilidades de trabalho que os futuros profissionais possam atender nas diversas áreas do futebol.

No sentido do anterior, traçamos a relação do discurso do Conjunto I, sobre a dificuldade do mercado de trabalho no futebol com os sujeitos "pés de obra". Verificamos que as IES em EF enfatizam o futebol *performance* em seus currículos – a essência da disciplina está no aspecto prático, mesmo com a dificuldade dos espaços físicos. Os futuros profissionais do futebol procuram espaços no mercado de trabalho, também relacionados ao futebol competitivo. Daí que o destaque do saber está nos modelos de treinamentos, esquemas táticos, entre outros. Visto que a formação humana não é o aspecto principal na formação dos profissionais, acreditamos, desta forma, que esses profissionais também não vão transmitir tais conhecimentos – formação humana/práticas de liberdade – para seus futuros estudantes-atletas, levando, mesmo que de forma indireta, à produção de novos sujeitos "pés de obra".

Quanto a isso, a formação de novos sujeitos "pés de obra" parece ser conveniente para todos os setores – IES, clube, profissionais de futebol, futuros jogadores –, pois, dessa forma, não se altera a estrutura estabelecida pela elite dominante no futebol. Ou seja, a máquina continua rodando da mesma maneira: as IES em EF valorizando pouco a disciplina de futebol, os professores de EF enfatizando o aspecto técnico-tático e físico na disciplina de futebol, os futuros profissionais de futebol/treinadores replicando esses conhecimentos, os futuros atletas asilados de outras realidades e conhecimentos, tornando-se sujeitos "pés de obra", e os clubes continuando a explorar seus jogadores e lucrando com o trabalho deles.

No que diz respeito à dificuldade "falta da formação humana no ensino do futebol", o Conjunto I ressaltou a desqualificação dos profissionais e a busca por resultado imediato, ocasionando a falta de uma formação integral: *"Falta muito essa parte humana no futebol, e no futebol é muito importante isso, as vezes o cara é bom na parte técnica e tática, mas não na humana e o trabalho dele não vai pra frente" (CoEF-IES1). [...] "A relação irracional torcida, dirigentes e jogadores" (CoEF-IES3). [...] "O futebol sendo o esporte que mexe com mais valores, o esporte mais profissional do Brasil, ainda é dirigido e administrado por amadores. A falta de formação de profissionais qualificados" (CoEF-IES3). [...] "Uma das coisas que mais atrapalha o futebol e outros esportes também, é a iniciação precoce, observamos que se pula muitas etapas na formação dos atletas" (PF-IES2). [...] "Outra dificuldade no futebol, é a busca por resultados imediatos nas categorias de base, e a pouca preocupação com um a formação integral dos atletas" (PF-IES2). [...] "Em muitos clubes ainda quem trabalha na formação são ex atletas, que infelizmente não tem preparo para trabalhar com esse tipo de público, eles trabalham com crianças como se eles fossem adultos" (PF-IES2).*

A falta de uma formação mais humana/integral no ensino do futebol, é um discurso que atinge a academia. O ensino futebol no curso de EF é caracterizado pelo aspecto técnico-tático e físico (REZER, 2010; KRUSE, 2004; HOMRICH; SOUZA, 2013; DAÓLIO, 2006). Ainda hoje, esse discurso é institucionalizado nos cursos de EF. Conforme Van Dijk (2012), é o discurso de grupo, isto é, compartilhado entre categorias profissionais.

Em relação ao ensino do futebol na EF, alguns autores como Scaglia (2003), J.B. Freire (2003), Kunz (2001), Darido (1999), dentre outros, consideram que o trabalho com o futebol deve ser mais abrangente do que o aspecto técnico, ou seja, ensinar apenas a jogar o futebol no modelo de *performance*. Para esses autores, os aspectos culturais, sociais e humanos devem estar inseridos nessa prática, principalmente, relacionados com o aspecto lúdico. Defendemos que tanto na escola como no clube competitivo deve acontecer um meio termo entre processo de ensino-aprendizagem e treinamento. No clube, enfatizamos o aspecto mais técnico, mas não podemos esquecer a formação humana, pois jogadores não são máquinas. Temas com preconceito, mídia digitais, imprensa, torcida, educação financeira, entre outros, poderiam fazer parte dos treinamentos. Na escola, além do ensino da técnica, podemos trabalhar o aspecto cultural, social e lúdico do futebol, além de temáticas do futebol que fazem parte do cotidiano dos estudantes. O objetivo na escola não deve ser o rendimento; na escola a competição deve ser meio, não fim. Necessitamos conciliar os dois aspectos, o técnico e o humano, numa perspectiva de formação integral. Em continuação, fazemos uma analogia com a teoria de Mignolo (2013) sobre diferença colonial, expressa no pensamento "outro". Para o autor, é

fundamental propor outros conhecimentos e cosmovisões, num diálogo crítico com os conhecimentos e modos de pensar associados ao mundo ocidental. Com isso, não se está propondo esquecer ou abandonar o conhecimento universal eurocêntrico – formação pela técnica – a que todos foram submetidos e influenciados durante a vida acadêmica, mas assumimos, também, uma "reflexão outra" – enfatizando a formação humana. Acreditamos neste "pensar outro" como "outra" formação nos cursos de EF e consequentemente uma alternativa para mitigar a produção de sujeitos "pés de obra".

Nos discursos dos participantes do Conjunto I, o profissional e os meios utilizados também foram alvo de críticas. Consideramos que os profissionais que trabalham com futebol, principalmente com crianças e jovens, mesmo em equipes de rendimento, devem ser os mais competentes nessa área. Esses profissionais estão trabalhando com crianças e jovens, que estão em fase de formação física e de caráter, fase em que o resultado não deve ser o principal objetivo. Neste caso, em hipótese alguma os fins podem justificar os meios. Acreditamos, também, que nessa fase o profissional de EF deveria estar à frente dos projetos dos clubes, pois, conforme a pesquisa de Procópio e Procópio (2016), já há uma preocupação em alguns cursos de EF em trabalhar abordagens técnicas, táticas, físicas e psicológicas na disciplina de futebol. E assim, trabalhar a prática pedagógica a partir de conhecimento teórico e prático através de uma metodologia de ensino eficaz, acrescida de preceitos históricos, éticos e socioculturais, importantes para a aprendizagem.

Os discursos do Conjunto I, a respeito dessas dificuldades elencadas – formação humana, a relação irracional das pessoas com o futebol, a falta de qualificação dos profissionais, a metodologia inadequada, e formação integral – inferem serem discursos de transferência de responsabilidades. A análise das ementas e bibliografias da disciplina de futebol das instituições pesquisadas, aliada às observações das aulas, mostram que os discursos estão em uma direção, mas as ações dos participantes estão em outra. Se os participantes são os responsáveis pelas disciplinas de futebol e pela formação dos futuros profissionais do futebol – e criticam o modelo atual do futebol –, não seria coerente trabalharem essas temáticas em suas aulas? Mas, como já vimos anteriormente no decorrer da partida principal, os participantes/jogadores seguem o modelo tradicional de ensino do futebol, não trabalhando essas temáticas em suas aulas. Como enfatizam Homrich e Souza (2013), o ensino do futebol é pautado pela lógica do mercado esportivo, com o objetivo único do rendimento.

Consideramos que, ao seguir esse modelo tradicional, o trabalho fica mais cômodo para os profissionais. Isto acontece porque não foram estimulados a práticas de liberdade e também porque, desta forma, não estariam confrontando o modelo institucionalizado no futebol, isto é,

a produção de sujeitos "pés de obra". Percebemos que esse acomodamento ocorre, via de regra, pela "preguiça cognitiva/acadêmica" dos profissionais/professores do futebol. Para pensar e agir em uma outra realidade trazemos, mais uma vez, Walsh (2005) com o conceito de interculturalidade, propondo um giro epistêmico capaz de produzir novos conhecimentos e outra compreensão simbólica do mundo, sem perder de vista a colonialidade do poder, do saber e do ser. A interculturalidade concebida nessa perspectiva representa a construção de um novo espaço epistemológico que inclui os conhecimentos subalternizados e os ocidentais, numa relação tensa, crítica e mais igualitária.

A última dificuldade, não menos importante, abordada pelo Conjunto I, diz respeito ao descaso do estado pelo futebol amador, enfatizando a falta de campos públicos para a prática do futebol: *"Outra questão é que existe poucos campos de futebol nas grandes cidades" (PF-IES2). [...] Infelizmente os centros comunitários não funcionam como antigamente, auxiliando na formação dos jovens e crianças" (PF-IES2). [...] "Temos muitas dificuldades no futebol, principalmente a dificuldade ao acesso aos campos de futebol, reduziram-se muito o número de campos nas cidades" (PF-IES3).*

As falas do Conjunto I, sobre a falta de espaços públicos para a prática do futebol, seja ele para competições amadoras ou diversão, é um fato que se repete desde o século passado. Esse discurso também, já foi destacado pelos meias armadores. Em relação a questão da falta de campos, encontramos elementos explicativos, como exemplo, na história da cidade de Porto Alegre. Segundo Pesavento (1995), no início do século XX, os negros libertos que moravam nos arrabaldes da cidade, desciam em direção à várzea do "Caminho do Meio", do "Campo do Bom Fim" ou da "Volta do Cordeiro" – hoje bairro Rio Branco – para praticar o futebol em campos públicos. Observando Porto Alegre de hoje, constatamos que não temos mais campos públicos, sendo que o local referido é, atualmente, habitado pela classe média branca. Outro local, também frequentado por negros, que tinha campos de futebol – lugar onde jogava a Liga das Canelas Pretas[166] – era o bairro da "Baronesa do Gravataí". Hoje, este bairro ainda continua com um pequeno núcleo de negros, mas não tem mais os campos de futebol, pois a área está ocupada, em grande parte, por edifícios com inquilinos da classe média branca. Muitos são os exemplos da ocupação imobiliária dos campos de futebol em Porto Alegre: Estádio dos Eucaliptos, Campos do Colégio Irmão Pedro/Arena do Grêmio, Parque Marinha do Brasil, entre muitos outros. Consideramos que a diminuição dos campos públicos representa um grande

[166] Segundo Jesus (1999), a "Liga das Canelas Pretas" foi o primeiro movimento de combate ao racismo de que temos notícia no futebol brasileiro. Essa liga foi formada por negros e mulatos, com a intenção de combate à discriminação racial orquestrada pela elite branca da época.

prejuízo social e cultural para a população menos abastada da cidade, além de afetar diretamente na essência a formação dos jogadores brasileiros.

Mais uma vez, entendemos que o discurso do Conjunto I é de transferência do problema. Temos ciência de que o poder público é parte responsável pela situação. Mas também sabemos que o futebol profissional é um negócio que mexe com muito dinheiro. Diante disso, cabe uma pergunta: Os profissionais de EF, que foram protagonistas dessas falas, abordam essas questões em suas aulas de futebol? Se observarmos as ementas e as bibliografias, diremos que não. Quando não tratamos desses problemas em nossas aulas, estamos no mínimo sendo coniventes com o discurso da elite, que valoriza apenas o futebol de *performance* e entende ser interessante a expansão imobiliária. Defendemos que o profissional de EF que trabalha com o futebol, principalmente na escola e na universidade, deve dar mais valor e visibilidade a espaços como o futebol amador e ao futebol produzido e organizado pelos que amam o esporte futebol, e não aos que amam o dinheiro do futebol. "Se as histórias, campeonatos, festivais e organização popular não forem contados e, ficar apenas nos olhos e nos corações dos sobreviventes, depois, quando não sobrar mais ninguém, as novas gerações jamais saberão da onde saiu o verdadeiro futebol brasileiro." (ODRF, 2017).

Neste momento da Etapa 3, analisamos, ainda na perspectiva do Conjunto I, os preconceitos no futebol. Sobre o assunto, os participantes responderam à seguinte pergunta: Você entende que existem preconceitos no futebol? Se sim, quais? Nos discursos dos participantes, cinco temas foram levantados em relação aos preconceitos: a) o esporte futebol é preconceituoso; b) o machismo no futebol; c) a homofobia no futebol; d) o racismo no futebol; e e) a obesidade no futebol.

Em relação ao primeiro tema – o futebol é preconceituoso –, os discursos do Conjunto I enfatizam a formação sociocultural. *"O preconceito tá muito forte no aspecto social, mas quando eu tenho um olhar muito forte para as questões sociais, eu não consigo conceber essas coisas" (PF-IES1). [...] "Os preconceitos no futebol refletem na sociedade, pois o futebol é uma manifestação social. Os problemas do futebol são mais ou menos, os mesmos problemas sociais que o Brasil tem" (PF-IES3). [...] "O futebol é um antro de preconceito" (CoEF-IES1). [...] "O futebol é o segmento da sociedade mais preconceituoso, muito pelo espaço que a mídia dá para ele. Hoje todos os dias têm futebol" (CoEF-IES1). [...] "Existem vários tipos de preconceitos no futebol, com a mulher, racial, preconceitos homo fóbicos, preconceito com quem joga futebol que não sabe nada é burro só sabe jogar bola" (PF-IES3). [...] "O preconceito no futebol é uma questão cultural, todo mundo entende de futebol" (CoEF-IES2).*

Os discursos do Conjunto I em relação ao futebol ser preconceituoso, principalmente por ser uma manifestação sociocultural, confirmam o que já se sabemos. O preconceito tem origem na base da sociedade brasileira – considerada preconceituosa por sua "própria natureza".

Van Dijk (2005), mediante a ACD, corrobora com essas constatações quando considera que o conhecimento cultural, também entendido como senso comum, é socialmente compartilhado, presente no discurso público e manifestando-se em práticas sociais. Na mesma linha, Kusch (1978) enfatiza a importância da geocultura, afirmando que o pensar dos grupos humanos está condicionado pelo lugar. Na perspectiva da geocultura, o futebol preconceituoso é visto com naturalidade na sociedade. E essa condição nos permite fazer uma relação com a influência da colonialidade do poder eurocêntrica, que, segundo Mignolo (2004), estabeleceu regimes de verdade, onde os valores particulares passaram a circular como verdades universais, naturais, cuja força de convencimento reside em sua reafirmação constante nos discursos autorizados.

O discurso preconceituoso que circula naturalmente no mundo do futebol, e que em poucos momentos é condenado de forma veemente, parece estar relacionado à cultura perversa estabelecida no Brasil, no sentido de que "em prol da paixão pelos clubes podemos fazer qualquer coisa" no âmbito do futebol. Para Loureiro (2007), o futebol é um espetáculo aclamado pela torcida que gera alienação do povo. A alienação está na forma como as pessoas lidam com o futebol, não apenas quando respiram esta paixão, mas também quando têm o futebol como a sua única ou maior preocupação. Aliado à crítica de Loureiro sobre a alienação provocada pelo futebol, a linguagem do futebol, no discurso de Damo (2002), é posta como "um suposto álibi" para essas manifestações preconceituosas da sociedade do futebol. Para o autor, o futebol pode ser visto como uma linguagem, ele é um código que todos devem ser minimamente capazes de utilizar. Em países como o Brasil, em que o futebol é um esporte extremamente popular, partimos do pressuposto de que todos estão interessados nele e que são capazes de falar sobre ele. Assim, falar sobre o futebol passa a ser uma forma de falar sobre o país e sobre a identidade nacional.

Entendemos, como os autores acima, que o futebol faça parte da cultura nacional, e que deveria ser tratado como uma manifestação sociocultural e não como uma possibilidade de expressar seus sentimentos mais perversos. Julgamos que muitos desses sentimentos ou preconceitos/atitudes em nome do futebol acontecem pela impunidade, pois, as punições para essas ações ainda são brandas, ou nem são levadas em consideração pelo poder público e pelos clubes de futebol. Defendemos que os profissionais de EF, em seus espaços, devem manifestar indignação a respeito desses fatos, trazendo essa temática para suas aulas, conscientizando seu

público em relação a essas atitudes preconceituosas, pois, como professor/orientador, compete-lhe também a responsabilidade da formação para a cidadania.

No que diz respeito à questão do machismo no futebol, o Conjunto I enfatizou que o preconceito em relação ao futebol feminino diminuiu, mas ainda existe. *"Existe o preconceito sem dúvida no futebol feminino, do futebol masculino" (PF-IES1). [...] "Já o machismo melhorou um pouco em relação a década de 90 quando comecei a ir aos jogos. Hoje a mulher até consegue frequentar os estádios com mais tranquilidade, mas ainda é um ambiente machista" (CoEF-IES1). [...] "Existe preconceito com o futebol feminino, apesar de estar crescendo" (PF-IES2).*

O preconceito existente no futebol em relação à mulher é algo histórico[167] e social, e está fortemente ligado à sociedade machista. Conforme Chaves e Capraro (2007), a sociedade em geral age dessa forma: quando uma criança nasce ela é condicionada, desde cedo, a agir de determinada forma e ter certas preferências. Se for menino, ganha carrinhos, armas e bolas, enquanto as meninas ganham bonecas, miniaturas de eletrodomésticos e utensílios. Em consequência, o futebol faz parte das preferências e ações dos meninos, pois socialmente, jogar uma bola no fim de semana ou sair com os amigos para assistir a um jogo de futebol, são importantes instrumentos de socialização masculina.

Conforme Van Dijk (2018), o preconceito não é inato, mas aprendido. Logo, ninguém nasce machista. Para o autor, devemos considerar o meio sociocultural para esse processo de aquisição ideológica e prática. As pessoas aprendem a ser preconceituosas no seu dia a dia, na família, na escola, no trabalho, com a mídia, entre outros. Segundo Pizarro (2014), o preconceito é um legado vivo de colonialismo nas sociedades contemporâneas, sob várias formas de discriminação social, integrando-se às muitas ordens sociais, inclusive, ao futebol. Para o autor, o "futebol moderno" está ligado ao discurso de quem detém o poder, através de atitudes preconceituosas, como o machismo. Esse mecanismo de subjugação – machismo – utilizado pelos homens para exercer o poder, segundo Grosfoguel (2016), torna o racismo/sexismo epistêmico um dos problemas mais importantes do mundo contemporâneo. Para o autor, o privilégio epistêmico dos homens ocidentais sobre o conhecimento produzido por "outros" tem sido um dos mecanismos usados para favorecer projetos imperiais/coloniais/patriarcais no mundo. A inferiorização dos conhecimentos produzidos por mulheres tem dotado os homens ocidentais do direito epistêmico de definir o que é verdade. O futebol, sendo social e culturalmente um espaço masculino, é um local onde esses mecanismos

[167] A prática do futebol para mulheres foi regulamentada apenas em 08/01/1983, quando o Conselho Nacional de Desportos (CND) oficializou o exercício do futebol e do futebol de salão para mulheres.

se constituem. Nesta relação de desigualdade entre os homens e mulheres, segundo Goellner (2005), no futebol masculino a competência dos jogadores é fundamental para transformar o esporte em um empreendimento comercial, mas no jogo das mulheres isso não é suficiente. O interesse da sociedade do futebol é que as jogadoras, além de saber bater sua "bolinha", sejam bonitas.

Em relação às falas de que o preconceito com a mulher e com o futebol feminino vem diminuído – como: *"Hoje a mulher até consegue frequentar os estádios com mais tranquilidade" (CoEF-IES1); "apesar dele estar em crescendo" (CoEF-IES2); "com o futebol feminino, apesar de já estar diminuindo" (PF-IES2)* – admitimos que esse fato seja uma realidade. Hoje as mulheres frequentam mais os estádios de futebol e os campeonatos de futebol feminino são divulgados, mas ainda ocupam um pequeno espaço na imprensa esportiva em comparação ao dedicado aos homens. Neste sentido, para Aragão (2010), a representação da mulher na cobertura esportiva, de forma indireta ou presencial, é limitada a determinado espaço na dinâmica de programas e transmissões, o que contribui fortemente para a manutenção da mentalidade excludente por parte do público. Já em relação à presença nos estádios, segundo Campos (2010), algumas torcedoras, na tentativa de legitimarem-se nesse espaço – conseguindo o aval e o respeito, principalmente dos homens –, buscam a sua diferenciação reforçando estereótipos e preconceitos outrora criados pelos homens e reforçados pelas próprias mulheres. Uma situação relevante, que pouco aparece nos discursos sobre a presença da mulher, diz respeito às mães dos jogadores de futebol e dos futuros jogadores. Durante muito tempo, o discurso era que "o pai estimulava o menino" – "pertencimento" (DAMO, 2003) – para praticar futebol e era o responsável por esse acompanhamento. Mas, observamos que essa realidade mudou um pouco – hoje as mães estão fazendo parte dessa realidade. Conforme Menezes (2019), a matéria publicada sobre as mães solteiras dos jogadores da Seleção Brasileira de Futebol na Copa de 2018, mostra o protagonismo das mulheres negras e mães solteiras, no acompanhamento dos filhos, netos, sobrinhos e "agregados", como uma realidade nas categorias de base do futebol brasileiro, situação pouco divulgada pela mídia.

Para exemplificar a realidade analisada acima, trazemos algumas constatações decorrentes da observação do dia 30/10/2019 no CF2. Percebemos que pais e mães – estas em maior quantidade – assistem aos treinos. Em suas falas, as mães demonstraram que estão muito envolvidas com o futebol: "Este clube é uma passagem para meu filho, aqui é para eles aparecerem para clubes grandes"; "O atleta X ficou no clube grande porque tinha empresário"; "Sem uma pessoa que seja empresário do meu filho, ele não vai entrar num clube grande"; "Vou contratar um empresário para meu filho"; "Estou vendendo várias camisas de times europeus,

Barcelona PSG, Real Madrid"; "Meu filho fez teste no Inter jogou bem, mas como não tinha empresário não ficou". As mães acreditam mais do que os pais na possibilidade de seus filhos serem jogadores profissionais, como comprovam suas manifestações: "Vou levar meu filho na peneira do time A e do time B"; "Somos nós que resolvemos os maridos não resolvem nada"; "Meu marido nem entende de futebol"; "Pelo meu marido o meu filho nem jogava"; "O meu marido não ajuda em nada"; "Somos nós que patrocinamos o material de nossos filhos". (DIÁRIO DE CAMPO).

Verificamos que a participação das mulheres no futebol é um fato, mas ainda não sabemos o quanto são respeitadas pelos clubes e treinadores. Essa presença de mulheres acompanhando seus filhos no futebol está transformando uma realidade do passado, que era a presença dos pais no futebol. Mas esse discurso da presença feminina no futebol é pouco comentado. Dificilmente ouvimos ou vemos alguma alusão a esse fato. Neste sentido, para Menezes (2019) parece que existe uma relação contraditória nas famílias que têm como projeto tornar seu filho um jogador de futebol, uma vez que é possível observar o protagonismo feminino na manutenção desta empreitada, seja na chefia da "família solo" ou na agência da gestão familiar e, por outro lado, é preciso considerar a invisibilidade das mesmas. Mais uma vez, observarmos o discurso de poder conforme Van Dijk (2013), mas agora ocultando a presença feminina no futebol, pois historicamente o futebol "é coisa de homem" e o discurso patriarcal precisa continuar sendo transmitido pela sociedade.

O preconceito em relação às mulheres reflete-se também no meio acadêmico, como vimos no discurso do Conjunto I, quando a professora de futebol é mulher: "*A primeira vez que fui dar a disciplina de futebol, em outra instituição, fiquei muito feliz, porque amo o futebol, mas quando entrei na sala de aula, muitos estudantes disseram: 'bah! uma mulher dando aula de futebol'" (CoEF-IES2). [...] "Ainda existe muito preconceito com a mulher sendo professora de futebol na universidade, principalmente dos estudantes homens mais velhos e de quem já trabalha com o futebol, já os estudantes mais jovens entendem melhor a situação" (CoEF-IES2).*

O preconceito está instituído em todos os espaços da sociedade, inclusive na universidade, que deveria ser um espaço democrático de liberdade, diversidade, respeito. O preconceito com a mulher no futebol é histórico, em muitos espaços é evidente e em outros é sútil. Nas aulas práticas de futebol na universidade, percebemos que existe essa sutileza "em preservar" a mulher – normalmente só jogam as que possuem condições técnicas, as outras não participam, seja para se preservarem ou porque o tipo de atividade proposta só beneficia quem tem mais habilidade. Essa prática parece muito comum nas aulas de futebol nos cursos de EF, e de alguma

forma não incomoda o professor, nem a maioria dos estudantes. Mesmo no curso de EF o "futebol não é para mulher".

Sobre o acima, buscamos relação com Grosfoguel (2016) e a estrutura do conhecimento das universidades ocidentalizadas. Para o autor, nas universidades ocidentalizadas o conhecimento produzido por epistemologias, cosmologias e visões de mundo "outras", considerados não ocidentais, são reputados como "inferiores" em relação ao conhecimento "superior" produzido por uns poucos homens ocidentais. Ainda para Grosfoguel, o conhecimento produzido por mulheres – ocidentais ou não ocidentais – é também visto como inferior e fora do elenco do cânone do pensamento. As estruturas fundacionais do conhecimento das universidades ocidentalizadas são epistemicamente racistas e sexistas ao mesmo tempo.

As observações de aulas realizadas em duas IES ratificam o anterior. Na observação do dia 16/11/2019, na IES3, presenciamos o seguinte: turma com dezoito estudantes presentes, dos quais, seis mulheres; turma heterogênea quanto à idade (entre 19 a 45 anos); heterogeneidade em relação à experiência prática no futsal, principalmente das mulheres; dos dezoito estudantes, apenas onze participaram da aula prática, dos quais só duas mulheres. Quanto à observação efetuada na IES1, em 21/11/2019, constatamos: o professor principal atuou com a 2ª turma, no ginásio, com duas estagiárias (mulheres) que anotavam o número de ações técnicas das crianças; o professor auxiliar e um estagiário (homem) acompanhavam a 1ª turma no campo de futebol 7; as estagiárias não participaram das aulas práticas no campo; o estagiário apitava os jogos e jogava quando precisavam de goleiro. Já na observação do dia 25/11/2019, na mesma instituição, verificamos: turma mista, com 45 estudantes dos quais onze mulheres; faixa etária heterogênea, entre 19 e 40 anos de idade; aula prática muito tumultuada devido ao grande número de estudantes, com três disciplinas ao mesmo tempo no ginásio; grande maioria dos estudantes com pouca experiência; apenas três meninas participaram da aula prática. (DIÁRIO DE CAMPO).

Segundo Pimenta e Anastasiou (2008), os professores quando chegam à universidade, trazem consigo inúmeras e variadas experiências do que é ser professor. Experiências que adquiriram como estudantes de diferentes professores ao longo de sua vida escolar. Contribuindo, Gomes (2010) destaca que alguns estudos sobre a constituição do ser professor consideram que a maioria dos docentes adquiriram uma conduta na escola a partir da experiência que tiveram como estudantes, aprendizagens que hoje integram o eu profissional. Seguindo essa lógica, os professores repetem, nas suas práticas, as mesmas situações que vivenciaram quando estudantes. Assim, se a menina não jogar e não participar, não tem problema. Neste sentido, Silva e Campos (2014) apontam que comumente vemos, nas escolas,

as quadras de futebol serem entregues aos meninos, enquanto às meninas é reservado um espaço periférico para jogarem queimada, vôlei ou qualquer outra coisa. Isso quando não são convidadas a assistirem os jogos dos meninos e fazerem parte da torcida durante as aulas de EF.

Esse discurso parece estar instituído no meio da EF. Considerando a teoria apresentada por Van Dijk (2012), mais uma vez enfatizamos, que os discursos podem receber distintas influências de grupos hegemônicos – como nos sistemas de ensino –, contribuindo na construção da memória social de uma determinada categoria profissional, no caso da EF, que reforçou os aspectos preconceituosos referentes à participação da mulher no futebol. Compreendemos que o professor, em seu fazer pedagógico, pode ser o mediador e o facilitador para a transformação dessas realidades, ensinando e mostrando que existem "outras" formas de agir no mundo, principalmente com ações em que todos possam participar com dignidade. Segundo J.B. Freire (2003), o importante é ensinar futebol – e bem – a todos. Como exemplo de uma prática de futebol "decolonial" citamos o trabalho realizado por Belmonte e Gonçalves Junior (2018), denominado *fútbol callejero.* Segundo os autores, o futebol moderno preconiza a separação obrigatória de sexo em sua prática justificada por características anatomofuncionais. Diferentemente, no *fútbol callejero*, homens e mulheres, bem como, pessoas mais habilidosas e menos habilidosas, são incluídos, jogam juntos/as na mesma equipe, com possibilidade de conformação das regras, favorecendo a participação justa dos/as participantes em equidade, alicerçada na convivência respeitosa, cooperativa e solidária – premissas do *fútbol callejero*. Algumas manifestações estão sendo realizadas para diminuir essas diferenças instituídas na sociedade, entre a mulher e o homem no futebol. Mas, essa prática ainda persiste, apesar de diversas atitudes e manifestações contrárias. Julgamos que esse discurso deva partir da escola, afetando estudantes, pais e comunidade escolar em geral, mas para isso, os professores, agentes transformadores, devem acreditar na premissa: "o futebol não tem gênero".

Por outro lado, o preconceito homofobia foi pouco citado no discurso do Conjunto I. Apenas dois participantes comentaram sobre esse preconceito, mas não se aprofundaram no tema: *"Têm a questão da homofobia também, não se admite num grupo de futebol um jogador homossexual" (CoEF-IES1). [...] "O que cada pessoa faz da sua vida, isso eu não me meto, é uma questão social" (PF-IES1).* Vamos destacar, na análise, a questão de o futebol não admitir jogadores homossexuais. Como vimos na análise anterior, está instituído no discurso do senso comum e na cultura nacional "que futebol é para homem". O homossexualismo é um preconceito muito enraizado no futebol. Muitos autores enfatizam que o futebol é o mais

democrático dos esportes (GIULIANOTTI, 2002; RODRIGUES FILHO, 2003; GUTERMAN, 2009; MATTA, 1982; RINCK, 2007; DAÓLIO, 2006), pois possibilita que todos joguem pela sua facilidade, principalmente pessoas das classes populares. Mas, para o homossexual, a realidade não é bem assim, pois só podem jogar entre eles. Mesmo os torcedores com a maior paixão pelos seus times não aceitam jogadores com esse perfil. O torcedor aceita jogador, branco, preto, amarelo, índio e até oriundos do seu principal adversário, mas jogador *gay*, não. Ele pode até fazer o gol na final de um campeonato e dar o maior título da história do clube, mas, se ele no outro dia falar que é *gay*, a torcida pede para ele vá embora e esquece todos os seus feitos. Muitos são os exemplos, no futebol brasileiro, de casos de jogadores que são *gays*, ou que tiverem atitudes que o discurso popular entende como homossexuais, que foram condenados por torcedores, jogadores, imprensa e até diretores. São exemplos mais conhecidos os casos de Richarlyson, no Guarani, Emerson Sheik, no Corinthians, Poltrona 36, no Grêmio, e o atacante Didi, do Internacional, entre outros. O preconceito é tamanho, que os times mais famosos, no Brasil, não colocam jogadores utilizando a camisa número 24, que faz alusão ao "veado".

Para Almeida e Soares (2012), a violência homofóbica no futebol não é pontual, inesperada nem casual. É violência tramada sobre uma lógica, um pano de fundo, em que ainda é forte a presença do patriarcado e na qual a dominação masculina é a tônica, um legado do colonialismo. Ainda para Almeida e Soares (2012), o campo de futebol permanece como uma das maiores instituições segregadoras de gênero das culturas ocidentais. Na mesma linha, para Grosfoguel e Castro Gomez (2007), nas Américas chegou o homem heterossexual, branco, patriarcal, cristão, militar, capitalista europeu e, com ele, a reprodução dos padrões hierárquicos globais já existentes. Contribuindo, Silva e Campos (2014) consideram que não há questionamentos sobre o fato de o futebol ser um dos poucos espaços da sociedade onde os homens não podem se manifestar sobre outra opção que não seja a heterossexual. Violências simbólicas são cometidas com permissividade e isso também não é tema de reflexão na sociedade, principalmente na EF da universidade e da escola.

Não existem números precisos sobre o percentual da população brasileira homossexual. Segundo o *site* jusbrasil.com[168], gira em torno de 18 milhões, que corresponde a quase 8,6% da população brasileira. Se fizermos uma análise simples, 4.3% da população *gay* são mulheres, sobrando 9 milhões de homens *gays*. Relacionando com o futebol, se tivermos 20 times de futebol na primeira divisão, cada time em média com 35 jogadores, terá um total de 700

[168] Ver: site jusbrasil.com (2018). Disponível em: https://espaco-vital.jusbrasil.com.br/noticias/145829/estimativa-aponta-que-numero-de-brasileiros-homossexuais-ja-chega-a-17-9-milhoes Acesso em: 20 jan. 2029.

jogadores nos clubes de elite. Assim, teríamos, no mínimo, 30 jogadores *gays* jogando a série A do campeonato brasileiro. Neste sentido, mais uma vez nos aportamos no conceito da diferença colonial (MIGNOLO, 2013), que traz como um de seus aportes, o "próprio veneno do colonizador", que é a primeira premissa do conhecimento hegemônico – da ciência maior[169] –, o da "indagação".

Quantos casos de jogadores *gays* das equipes da série A do futebol brasileiro foram noticiados pela mídia em 2019-2020? O futebol sendo um negócio, onde muitos – clubes, mídia, patrocinadores, jogadores – ganham dinheiro, caracterizado pela masculinidade, nos leva à outra indagação: Seria interessante para a mídia noticiar esses fatos? Conforme Van Dijk (2018), quem coordena a mídia é a elite branca/patriarcal que precisa dos patrocinadores, bem como os clubes de futebol. Dessa forma, cabe mais uma indagação: Será que os patrocinadores querem seus "produtos" vinculados aos jogadores *gays*? E os clubes de futebol e suas torcidas – que caracterizam suas instituições e jogadores com adjetivos como "Deus Raça", "Imortal", "Academia", "Leão", "Bando de Loucos", "*Superman*", "Nação", "Coração Valente", entre outros – querem seus clubes representados por jogadores *gays*? Questões a serem respondidas num próximo estudo.

O racismo no futebol foi um dos preconceitos mais destacados nos discursos do Conjunto I, em que os participantes enfatizaram o pequeno espaço dos negros nos cargos de poder no futebol. *"No futebol têm muitos preconceitos, como racismo" (PF-IES2). [...] "Um dos maiores preconceitos no futebol é com profissionais negros, principalmente os técnicos e a "retaguarda", preparador, treinador de goleiro, dirigentes" (CoEF-IES1). [...] "Nos programas de TV de futebol para ser apresentador tem que ser branco, homem e bonito" (CoEF-IES1). [...] "Numa reportagem apareceu que dos 20 clubes da série A do futebol brasileiro apenas dois técnicos são negros, o problema não é a quantidade. A questão são o número de oportunidades, se tu ofereceres oportunidade para todos desde a escola. Se ofereceres oportunidade de formação pessoal para todos, isso não vai mais acontecer" (CoEF-IES3).*

Acreditamos que o preconceito de cor seja uma das heranças mais fortes da lógica modernidade/colonialidade. Segundo Quijano (2007), a codificação das diferenças entre conquistadores e conquistados com base na ideia de raça, ou seja, uma suposta distinção na estrutura biológica, passou a situar uns em situação natural de inferioridade em relação a outros. Para o autor, essa ideia foi assumida pelos conquistadores como o principal elemento

[169] Ver Duarte e Taschetto (2013).

característico das relações de dominação. Foi a partir do século XVI que surgiram os discursos que hierarquizavam as raças e possibilitaram criar adjetivos que indicavam a suposta inferioridade dos negros de forma idiossincrática e homogeneizante. Conforme Munanga (1988), o negro torna-se, então, sinônimo de ser primitivo, inferior, dotado de mentalidade pré-lógica. No máximo foram reconhecidos nele os dons artísticos ligados à sua sensibilidade de animal superior. Relacionamos a descrição de Munanga com o discurso do Conjunto I: *"O maior preconceito é com os negros, mas isso é contraditório, pois o maior jogador do mundo é negro" (CoEF-IES1).* Nessa linha, para Rosenfeld (1993), entre os estereótipos "positivos", os negros seriam talentosos para a música, para a dança, para o esporte, ou qualquer outra atividade que a emoção sobrepujasse a razão. Ainda na mesma direção, segundo Giulianotti (2002), os atletas de futebol negros, quando selecionados nas equipes/escolas, têm menos chances de compartilhar das brincadeiras e da camaradagem dos colegas de equipe brancos. Para o autor, os estereótipos raciais sobre as habilidades atléticas e a baixa inteligência dos negros continuam durante a seleção do time.

O "futebol moderno", como parte do processo modernidade/colonialidade (PIZARRO, 2014), sendo uma das estruturas sociais modernas, também carrega o preconceito do racismo em suas entranhas. Mesmo considerando que o racismo que está enraizado no Brasil é uma herança do colonialismo e uma das formas de domínio social, cultural e econômico das elites brancas, o racismo não é inato, mas aprendido (VAN DIJIK, 2018). Além da família, dos amigos, da escola, o futebol também é um dos locais que aprendemos a ser racistas. Como exemplo Giulianotti (2002) considera que os casos de discriminação acontecem desde o processo de seleção dos atletas para a formação das equipes. Conforme o autor, para atletas não-brancos, a experiência do racismo começa na escola. Os professores esperam um nível acadêmico relativamente limitado dos estudantes negros, tacitamente conscientes de que suas oportunidades de trabalho são pequenas. O currículo é modificado para maximizar sua habilidade esportiva natural. Conforme Vieira (2001), outra forma de segregação racial está no tratamento entre, torcedores, jogadores, dirigentes e treinadores, adjetivos como macaco, crioulo, gorila, nego, são comuns no futebol. Para o autor, muitos nem consideram os apelidos discriminatórios. Ou seja, o racismo, às vezes, é tão estrutural, que não é identificado nem pelas próprias vítimas. Neste sentido, algumas observações no Conjunto I realizadas na partida principal demonstraram essa realidade.

Durante a observação realizada na IES3, dia 16/11/2019, verificamos que na sala de aula existe um cartaz sobre o racismo colado no quadro, porém, o professor disse que não trabalha essa temática nas suas aulas de futebol. Na aula prática observada na IES1, dia 21/11/2019, o

preconceito foi percebido no vocabulário utilizado pelo professor com os estudantes. Ele utiliza uma linguagem típica mundo do futebol. Exemplos: “Te liga, nego!”; “Não perde tempo meu galo.”; “Não complica a vida.”; “Faz a bola andar, nego!”; “Perna de subir no ônibus.”; “Te apresenta, nego!” O professor chamava de “nego” tanto estudantes brancos como negros. Já em outra observação do dia 21/11/2019, também na IES1, um aluno começou a brincar com a bola e o professor chamou sua atenção: “Larga a bola aí, negão!”, pois estás prejudicando o outro grupo. Os estudantes levavam os materiais para o local da aula prática e depois os recolhiam e levavam de volta para a sede da instituição. O professor disse: “O negão, leva o material pra mim.” Ao organizar um churrasco com os estudantes da disciplina, falou: “O negão, não esquece de comprar o carvão”. O curioso foi que para todos os estudantes que ele se dirigiu dessa forma, nenhum era negro. (DIÁRIO DE CAMPO).

Essa forma de falar e não entender como preconceito, parecendo ser uma forma de expressão sem maldade, para Damo (2002), é o “racismo à brasileira” ou racismo sutil que está impregnado na sociedade. Na mesma direção, para Pereira e White (2001) essas atitudes correspondem aos “Abeces”[170] em relação aos negros – tradição popular –, que a sociedade fala, muitas vezes sem maldade, mas que indicam uma visão de mundo que sustenta a supremacia do grupo dominante de brancos com apoio da Igreja e do Estado, sobre os negros. Para os autores, os Abeces não são chistes inocentes – eles criam significados psicológicos e sociológicos com intuito de desqualificar o outro e criar um discurso de dominação. Segundo Van Dijk (2018), esse discurso de poder da elite branca é aprendido nas conversações, nos livros, nas histórias diárias, no cinema, no jornal, nos programas de TV e, para nós, também no futebol. Como exemplo de racismo no futebol, pouco comentado pela sociedade do futebol, é a constatação de Vieira (2001): a rara presença de goleiros e técnicos negros na seleção brasileira. Colaborando com a pesquisa, Imbiriba (2003) destaca que quanto aos técnicos, cuja cor da pele denuncia, no mínimo, ancestrais trabalhadores, apenas dois foram admitidos no comando da seleção: Gentil Cardoso, em 1957, e Wanderley Luxemburgo, que não se considera negro ou pardo. Também é importante lembrar que poucos árbitros de origem negra apitam na primeira divisão do futebol brasileiro. Outro caso, pouco relatado pela imprensa brasileira, refere-se à falta de dirigentes negros, no comando das equipes de ponta do futebol brasileiro. Mais um exemplo de racismo com jogadores negros no futebol é apontado por Giulianotti (2002): os técnicos de futebol e a mídia tendem a concluir que os jogadores negros possuem qualidades erráticas – habilidade natural –, enquanto que os jogadores brancos têm habilidades

[170] “Abeces” – “A coisa da preta”, “Negro de luva, só mecânico”, “Tinha que ser negro”, “É coisa de negro”, “Esse é negro branco”, entre muitos outros.

mais controladas. Como exemplo os jogadores africanos e sul-americanos são vistos no Ocidente, como "mágicos e irracionais". Os clubes europeus contratam esse tipo de jogador para trazer algo de "imprevisível" para sua equipe, um toque de exotismo para quebrar as defesas organizadas cientificamente pelos ocidentais. Esse modelo de racismo exposto por Giulianotti é um exemplo de "racismo às avessas", conforme Soares (1998).

Entendemos que o combate ao racismo deve ser prática comum nas aulas de futebol nos cursos de EF. Acreditamos que a modalidade futebol deve ser utilizada como tema gerador, proporcionando a possibilidade para a reflexão e que novas atitudes/ações, sejam tomadas sobre os preconceitos que circundam no futebol. Outra questão relevante, para tratarmos nas disciplinas e futebol, é a importância da contribuição do afrodescendente nesse esporte. A população ainda desconhece a cultura e a história negra, pois ela está ausente na prática pedagógica escolar, principalmente na EF. Mas, a contribuição importantíssima do afrodescendente na construção do Brasil foi reconhecida e deu origem a uma lei federal na área da Educação, nº. 10.639 de 9 de janeiro de 2003, que dispõe em seu Art. 26-A§ 2º: "Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira." (BRASIL, 2005). Além disso, enfatizamos que é obrigação do professor de EF destacar a contribuição afrodescendente, valorizando e divulgando os processos históricos da resistência negra, desencadeada pelos africanos escravizados no Brasil e por seus descendentes na contemporaneidade, principalmente em relação ao futebol. O resgate da autoestima do afrodescendente passa pelo professor de EF, que poderá mostrar, através do futebol, que ele possui valores culturais tão fundamentais, tão ricos, quanto os de quaisquer outras culturas, e, desta forma, estará combatendo e denunciando o racismo sutil institucionalizado na sociedade.

Entendemos também, que o estudante-atleta precisa conhecer, respeitar e valorizar a digna história do afrodescendente/classes populares para com o futebol brasileiro. Desta forma, estará consciente de quanto o afrodescendente foi e é importante na cultura esportiva desse país, não aceitando e repudiando atitudes racistas cometidas nesse esporte. Acreditamos assim, que ao tomar atitudes, nesse sentido, contribuirá para diminuir o conceito de sujeitos "pés de obra" verbalizado pela sociedade do futebol, e estará contribuindo para um "outro" olhar a respeito dessa classe.

Em relação a um preconceito no futebol, relatado nas falas dos participantes do Conjunto I, que reputamos ser importante, diz respeito à obesidade no futebol: *"Existe preconceito no futebol na iniciação com o gordinho com a criança que tem mais dificuldade para jogar" (PF-IES2).* Mais uma vez, observarmos nos discursos que o modelo ideal de homem é o colonial:

patriarcal/hétero/branco/alto/magro/olhos claros, isto é, europeu, em geral nórdico. Esse modelo eurocêntrico também é estimulado na pratica do futebol, tanto na escola como no futebol profissional. Em relação ao futebol na EF escolar, observamos que o "gordinho", ou não está jogando, ou está jogando como goleiro. Existe uma máxima no futebol de rua que diz: "o 'gordinho' para jogar ou é o dono dá bola, ou só de goleiro". Em geral, na EF escolar, o "gordinho" sofre preconceito no futebol, principalmente, pelo modelo de ensino deste esporte, que na maioria das vezes segue o padrão do futebol profissional, seja no tipo de treinamento ou no jogo formal. Isto acontece, muitas vezes, porque os professores iniciantes, geralmente tiveram pouca ou nenhuma experiência significativa como docente durante a formação inicial, o que gera insegurança e dificuldade para dar suas aulas, apoiando-se no modelo que aprenderam quando estudantes na fase escolar. Além disso, é comum, professores mais experientes, já cansados da rotina da escola, "largarem uma bola" para os estudantes jogar nas aulas de EF, e desta forma, não se incomodam.

Nessa linha, para Pertence *et al*. (2009), a EF escolar encontra-se um pouco desprestigiada, por ainda não ter mostrado a relevância de sua prática pedagógica para a formação integral dos estudantes. E pior que isso, está servindo apenas para a seleção e classificação dos mesmos de acordo com suas habilidades motoras, promovendo a exclusão de muitos estudantes das práticas esportivas. Ainda na mesma direção, Silva e Campos (2014) consideram que na EF escolar não se dá atenção ao menino que não quer jogar futebol ou à menina que tem desejo em aprender as habilidades do jogo – ambos, muitas vezes, são estereotipados pelo grupo. Conforme os autores, o futebol não é apenas um esporte – entendido como um conjunto de regras, organizado em federações, corpo técnico, jogadores, administradores e público assistente. Ele é muito mais que isso, pois faz conexões históricas com temas e dilemas sociais, o que nos leva a inferir que deveria estar presente de maneira reflexiva no cotidiano escolar, principalmente nas aulas de EF. Pensamos que o problema central esteja no fato de que na escola ainda não se reconhece e nem entende o futebol de forma mais ampla, no contexto da história da humanidade, como uma possibilidade de educação e de formação para a vida social. No futebol profissional/performance, o preconceito com relação à obesidade também é uma realidade, pois o modelo de estereótipo de jogador de futebol são os "Deuses gregos". Como exemplo desse discurso, do estereótipo do jogador de futebol, trazemos uma das nossas observações, para a partida principal. Na observação de CF3, dia 18/12/2019, *u*m pai, conversando com o coordenador geral a respeito do reingresso de seu filho na escolinha do clube disse: "o guri tá gordo tem que meter um físico nele." (DIÁRIO DE CAMPO).

Segundo a pesquisa de Rodrigues (2004), a produção do jogador de futebol moderno consiste num processo de disciplinamento, adaptação, socialização, adestramento, desenvolvimento e aperfeiçoamento das potencialidades físicas e técnicas do atleta, além da administração do seu potencial genético. No futebol atual, o estereótipo de jogador perfeito está relacionado com a figura do jogador português Cristiano Ronaldo. Admitimos que o futebol profissional é um negócio e que, desta forma, os patrocinadores querem vincular seus produtos a modelos de jogadores "perfeitos", quase que inatingíveis pela "população", incumbindo a mídia de executar o papel de divulgação. Sobre o assunto, Gastaldo (2009), com um viés crítico, confere à mídia o papel de definidora da realidade na sociedade contemporânea. Segundo o autor, uma das formas de representação utilizadas pela mídia é o recurso dos estereótipos. Entendemos que o problema desse tipo de construção simplificadora seja o reforço a certos preconceitos, ideologias e visões deturpadas de determinados grupos sociais. O preconceito é colocado pelos meios de comunicação de tal forma que o gordo se torna grotesco. Não importam as qualidades, se a balança denuncia ele é um mau exemplo. Pela mídia, associamos esse corpo ideal a um imaginário social de beleza e sucesso. Se não o seguimos, somos vítimas de preconceitos. Walter centroavante do Athletico-PR, hoje é o mais criticado, mas ele não é o único. Ronaldo Fenômeno virou "Fofômeno" e viu uma carreira brilhante como atleta de alta competição arranhada na reta final. Maradona não escondia que a parte física não era o seu forte. Das muitas brigas de Neto, ex-Corinthians, uma das principais era com a balança. Puskas, um dos maiores futebolistas da história, também sofreu com os ataques ao tamanho da sua barriga. Nessa "ditadura da magreza" em que estamos, ser Cristiano Ronaldo, de barriga tanquinho, forte e seco, é o que importa.

6.2.3.2 Conjunto II - Participantes do clube de futebol

Em relação aos participantes dos clubes de futebol – treinadores, coordenadores técnicos, preparadores físicos e coordenador geral da base – e a importância do papel dos "oradores" na ACD, segundo Van Dijk (1999), entendemos que existem dois perfis de profissionais que trabalham com o futebol *performance* no Brasil: os ex-atletas e os professores de EF. No meio do futebol também existe um debate para saber qual dos perfis é o mais adequado para trabalhar nesse segmento.

Os profissionais do primeiro perfil – os ex-jogadores de futebol – tiveram uma vivência prática muito grande. Passaram por inúmeras situações em que são fundamentais para a prática esportiva, como diferentes métodos de treinamento, diferentes tipos de comando, vivenciaram

as experiências boas e ruins que ocorrem no futebol, desde a formação ao profissional (CUNHA, 2009). Acreditamos que o problema esteja em não possuírem conhecimentos sobre fisiologia, biomecânica, aprendizagem motora, pedagogia e outras áreas científicas. Infelizmente, muitos não possuem nível intelectual para conduzir um trabalho mais complexo. Já os profissionais do segundo perfil – os professores de EF – possuem alguns conhecimentos em fisiologia, anatomia, biomecânica, crescimento e desenvolvimento humano, pedagogia do esporte, aprendizagem motora, nutrição, psicologia, sociologia, antropologia do esporte, didática e métodos de treinamento (CHAGAS, 2015). Neste caso, consideramos que o problema esteja em relação à falta de experiência quanto aos aspectos importantes no futebol, como vestiário, imprensa, torcedores, convívio com os "boleiros" e em competições, principalmente de alto nível. Consideramos que os dois perfis de profissionais deveriam trabalhar juntos no futebol, pois, o mais importante é que o futebol esteja nas mãos de pessoas competentes e preocupadas com o correto desenvolvimento da modalidade esportiva.

Em relação ao contexto social, os clubes de futebol são organizações sem fins lucrativos, que possuem equipes profissionais e amadoras. Os mais tradicionais no Brasil possuem torcida que os apoiam e acompanham durante as competições e participam de torneios de grande publicidade. Segundo Helal (1990), os clubes de futebol são locais públicos que sancionam e exprimem os mais profundos sentimentos da sociedade. A importância do clube de futebol decorre do simples fato dos seus adeptos se identificarem, de um modo muito profundo, com suas equipes, tornando-se torcedores. Um adepto sente, de forma mais ou menos inconsciente, que a identificação com um clube é uma parte intrínseca da sua personalidade, uma característica que faz parte de si e o distingue dos demais. Como resultado, poderá enfrentar a frustração, tristeza ou desânimo com a derrota da sua equipe. Por outro lado, quando o clube vence, a euforia evidencia-se, como se algo tivesse sido acrescentado a si próprio. Naturalmente que a vitória ou a derrota de um clube pouco adiciona à vida do seu adepto/torcedor. No entanto, é o processo de identificação com o clube que o faz assumir esse comportamento. O clube de futebol, para seus torcedores, é um "organismo vivo".

Partindo da abordagem do contexto social e do papel dos participantes, analisamos, na perspectiva do Conjunto II, as dificuldades no contexto do futebol. Para tanto, os participantes responderam à seguinte pergunta: Na sua opinião, quais são as dificuldades mais comuns no futebol? No discurso dos participantes, quatro aspectos foram abordados: a) as pessoas que cercam os atletas em formação – *entourage*; b) especialização precoce; c) o processo de seleção de atletas; e d) o fator econômico no futebol.

Em relação à dificuldade *entourage/*pessoas "ao redor dos atletas", mencionada nos discursos do Conjunto II, também foi tema do discurso dos atacantes, quando abordaram a necessidade de apoio de outras pessoas para administrar suas carreiras. Nas falas do Conjunto II foi enfatizada a difícil relação clube e *entourage*: *"A maior dificuldade que temos são com as pessoas do entorno dos atletas" (CGCB-CF1). [...] "É complicado porque as expectativas são diferentes, eu enxergo um menino de 16 anos que está ganhando uma oportunidade do clube ao assinar seu primeiro contrato, a pessoa que representa o menino enxerga a redenção financeira, as expectativas não se batem" (CGCB-CF1). [...] "O clube dá toda a infraestrutura, acompanhamento pedagógico, e as vezes para alguns não está bom, porque o salário não é o que eles esperam, os meninos têm apenas 16 anos" (CGCB-CF1). [...] "A maior dificuldade é o sonho do menino se tornar um jogador de futebol, porque transcende o atleta, passa pela família também esse sonho, isso atrapalha na formação e no nosso trabalho, porque é difícil administrar a família e a frustração do atleta" (CGCB-CF3).*

Conforme Cruz (2012), em pesquisa realizada com atletas de categorias de base para verificar se possuem ou não empresário, o resultado mostrou que 65,0% dos atletas da categoria sub-15 já possuem empresários. Na mesma linha, Damo (2008) considera que os atletas reconhecidos pelo seu "dom de jogar bola", para ter direito à redistribuição dos ganhos tidos como produtos do "dom" é preciso "fazer por merecer". Para o autor, existem muitas estratégias para tal, dentre as quais a contração de um crédito por intermédio de favores, o que parece ser um privilégio para esses meninos que se valem de presentes e bajulações para avaliar seus *status*, o que é também uma abertura para os agentes/empresários. Mas essa relação atleta-empresário-família e clube/dirigente não é tão harmônica. As famílias, principalmente de classes populares, colocam suas esperanças de ascensão social, "nos pés dos filhos que possuem o suposto 'dom' para o futebol" e, desta forma, exercendo uma pressão psicológica num jovem que ainda está em formação. Mas a pressão da família não é só sobre o jovem, também atinge o técnico e os dirigentes do clube, pois segundo Damo (2008), a crença no "dom" é muito frequente no entorno dos jogadores egressos de grupos populares, em que a ideologia individualista é mais difusa.

Ampliando a visão do problema, os empresários enxergam, nesses meninos, "um cheque ao portador" e, para estabelecer laços de confiança com as famílias, as presenteiam com casas, empregos para os pais, relógios, tênis, chuteiras, roupas de *grife* e outros fetiches para os jovens jogadores. Mas, no meio dessa relação está o clube, na imagem dos seus dirigentes, que também enxergam os meninos como "um ativo" para o clube. Nesse sentido, oferecem toda a infraestrutura possível para que esses jovens se tornem atletas profissionais, com retorno

esportivo e financeiro para o clube, entendendo que todo esse acompanhamento é "dado" e os atletas devem valorizar. Conforme Tega (2004), em entrevista com o agente de jogadores na revista digital Universidade do Futebol, considera que geralmente o dirigente/clube é preparado somente para beneficiar-se, mesmo que não seja financeiramente, mas em outros aspectos, como a exploração positiva da sua imagem na mídia. Ainda, segundo Tega (2004), os dirigentes/clubes sempre irão arranjar desculpas para "prender" o atleta. O dirigente/clube deveria preparar-se mais para realizar as suas funções, como fazer um contrato mais longo, realizar uma multa contratual melhor, aperfeiçoar seus planejamentos, contratar de maneira mais sensata, pois às vezes contratam três ou quatro jogadores para a mesma posição. Hoje, alguns dirigentes/clubes defendem o interesse de agentes e, em compensação, estes defendem os interesses de alguns dirigentes/clubes.

Constatamos, nos discursos do Conjunto II e nos objetivos das famílias dos jovens e na finalidade dos agentes/empresários, que todos querem "levar vantagem", a famosa "Lei de Gerson"[171]. No futebol brasileiro, essa lei se disseminou, virando expressão de malandragem, esperteza e de "se dar bem a qualquer preço".

Consideramos que essa difamada "Lei de Gerson" está diretamente relacionada com a produção de sujeitos "pés de obra" no futebol brasileiro. Conforme, o dito anterior, todos querem levar vantagem encima do "dom" e do trabalho do jovem jogador. As famílias almejam a independência financeira; a *entourage* de alguma forma quer tirar algum proveito – festas, presentes, status, entre outros – do que o jovem jogador possa oportunizar; os clubes, pela falta de esclarecimento das famílias e dos jovens jogadores, exploram seus corpos ao máximo, para depois lucrar em futuros negócios; e, os empresários, na mesma linha dos clubes, dão um pouquinho antes – na formação – para receber "muito" depois, e, caso não consigam lucrar com os jogadores, optam, simplesmente, por descartá-los como coisas. No mundo globalizado, o futebol profissional é tratado como um negócio lucrativo para os investidores. No Brasil, os

[171] A "Lei de Gerson" tem origem em uma propaganda que Gerson, um dos melhores meio-campistas da história do futebol brasileiro e ex-jogador de grandes times como o São Paulo Futebol Clube, fez para os cigarros Vila Rica, no ano de 1976. Na peça publicitária, o boleiro fala sobre as vantagens do cigarro e pronuncia a seguinte frase: "É gostoso, suave e não irrita a garganta." Na sequência diz: "Por que pagar mais caro se o Vila me dá tudo aquilo que eu quero de um bom cigarro?". Depois de propagandear o cigarro e falar sobre o quanto o produto era bom, Gerson dá um sorrisinho malandro e solta a última e infeliz frase da propaganda: "Gosto de levar vantagem em tudo, certo?". Desta forma, sintetizou, de uma vez só, o jeitinho brasileiro de fazer o errado parecer certo. Com os escândalos políticos que ocorrem frequentemente na política brasileira, tais como fraude, corrupção, lavagem de dinheiro, superfaturamento, entre outros, a expressão "Lei de Gerson" acaba surgindo na boca do povão todos os anos. Enraizada na cultura popular, virou sinônimo de levar vantagem em cima de tudo, sem respeitar códigos éticos ou morais. Disponível em: https://www.infoescola.com/curiosidades/lei-de-gerson/ Acesso em: 14 abr. 2020.

estudantes-atletas oriundos de ambientes de vulnerabilidade – os sujeitos "pés de obra" – são considerados como mercadoria.

Identificamos também, nos discursos do Conjunto II, segundo Van Dijk (2018), sinais tendenciosos nas suas falas, enfatizando os aspectos negativos do "eles": *"A maior dificuldade que temos são com as pessoas; a pessoa que representa o menino enxerga a redenção financeira; as vezes para alguns não está bom; isso atrapalha na formação; a pressão que é colocada pela família [...] (CGCB-CF3)",* e aspectos positivos do "nós": *"[...] está ganhando uma oportunidade do clube; o clube dá toda a infraestrutura; é difícil administrar a família e a frustração do atleta; eu enxergo um menino de 16 anos [...] (CGCB-CF1)"*. As formas usadas pelos discursos dominantes para enfatizar características negativas dos "outros", muitas vezes, influenciam as mentes dos receptores, nesse caso torcedores, imprensa, jovens atletas e suas famílias. Nesse contexto, o clube/dirigente sempre se passa por "vítima" e os agentes/empresários e algumas famílias – quanto mais exigentes –, são os "malfeitores" nessa relação de trabalho. Desta forma, o clube consegue ocultar a verdadeira relação clube-jovens atletas, em que os jovens são "mercadorias" dos clubes, o que Giglio e Rúbio (2013) chamam de coisificação do sujeito. Defendemos que, nessa relação as únicas possíveis vítimas, caso o jovem não vire um atleta profissional, são ele e sua família, pois, tanto dirigentes/clubes quanto agentes/empresários estão pensando no lucro e enxergam esses jovens como um futuro capital.

No que diz respeito à dificuldade "especialização precoce no futebol", os discursos dos participantes do Conjunto II destacam a pressão dos clubes e famílias para formar atletas: *"Eu vejo como a maior dificuldade do futebol, a questão que as coisas têm que ser muito imediatas, se têm pouca tolerância, principalmente no profissional, querem que um menino de 17 anos chegue no profissional e resolva" (CT-CF1). [...] "A gente sabe que o profissional tem que ganhar a qualquer custo e isso atrapalha muito no processo de formação" (CT-CF1). [...] "Hoje em dia um menino de 6 anos treina 5 vezes por semana, por 60 minutos em um estúdio de futebol, só movimentos do futebol" (PF16-CF1). [...] "Essa especialização precoce, além dos prejuízos à saúde futura, está desenvolvendo pais doentes também, pois eles só conseguem ver o produto final que é ser jogador, e se não for jogador a culpa é do professor" (PF16-CF1).*

Essa dificuldade, exposta pelo Conjunto II, é uma questão bastante discutida e refletida nos meios acadêmicos. E, apesar de uma grande evolução nas pesquisas, constatamos claramente que a maioria dos profissionais, que trabalha com o futebol, têm optado por uma metodologia imediatista, ou seja, buscando resultados a curto prazo, mesmo que isso acarrete em uma especialização precoce. Segundo Daólio e Velozo (2008), a concepção tradicional para

o treinamento esportivo está baseada nas tradições da sociedade moderna, portanto, preenchida com os valores capitalistas: a especialização, fragmentação e aumento da produção. Nesse contexto entra a especialização precoce, dotada de valores do esporte de rendimento, que se caracterizam pelo rendimento atlético, competição exacerbada, comparação de rendimentos, exclusão, seleção, não respeito as faixas etárias e às fases do desenvolvimento físico e cognitivo das crianças e adolescentes. Na mesma linha, para Kunz (2001), a especialização precoce é o termo utilizado para expressar o processo pelo qual crianças/adolescentes tornam-se especializados em um determinado esporte, mas numa idade não apropriada para tal. Ao realizarmos algumas observações nos clubes de futebol, verificamos que o trabalho realizado é homogêneo e muito semelhante, independentemente da idade, na maioria das vezes, seguindo modelo de trabalho da equipe profissional.

Na observação do CF2, no dia 30/10/2019, assistimos a um treino com 22 atletas, na faixa etária dos 15 aos 17 anos, em uma quadra de futebol 9. O treino foi dividido em quatro partes: aquecimento com treino físico, treinos técnicos, jogos táticos e coletivo adaptado. O professor gritava muito com seus atletas: “Firma a perna!”; “Olha o passe!”; “Vai pra dentro!”; “Olha a barreira, vamos lá pô!”; “Vamo, vamo!”; “Mais rápido, mais rápido.”; “Acelera, acelera!”; “Pressiona, pressiona!”. No CF1, dia 06/11/2019, acompanhamos o treino com 36, na faixa etária de 16 e 17 anos. O treino foi dividido em duas partes: aquecimento com treino físico e coletivo 11 contra 11. No final do treino foram realizadas atividades específicas para zagueiros e meio campo. O treinador fala alto, mas não grita. Suas intervenções são para elogiar, nos acertos, e chamar atenção dos atletas ao cometerem algum erro. Quando o atleta acerta, fala: “Boa, boa!” ou “É isso mesmo!”. Ao ver que um atleta exagerou com a bola no pé, disse: “Isto aqui não é *freestyle* para dar uma passadinha a mais. Passa a bola!”. No mesmo clube – CF1 –, observamos outro treino, no dia 27/11/2019, com 24 atletas, na faixa etária dos 15 e 16 anos. O treino foi dividido em três partes: aquecimento com preparação física, jogos táticos e exercícios técnicos para as funções no futebol. O treinador e o preparador físico não gritam com os atletas, mas utilizam um linguajar do futebol, como: “Inteligência para jogar, pensar para jogar, não joga para pensar.”; “Sai no pé!”; “Bota no chão!”; “Simplicidade, o simples não é fácil!”; “Faz o teu, não terceiriza!”. (DIÁRIO DE CAMPO).

Analisando os treinos, constatamos que o modelo é muito parecido em todas as instituições. Começa com aquecimento, depois jogos e exercícios técnico-táticos e finaliza com coletivo – seguindo o modelo tradicional de treinamento, utilizando como exemplo a equipe profissional. As atividades são as mesmas independentemente da faixa etária. Os gritos dos treinadores com os atletas também estão presentes nos treinos. Observamos, nos discursos do

Conjunto II, mais uma vez um direcionamento no discurso, segundo Van Dijk (2018), mais uma vez, o discurso do negativo do "eles" – clubes, famílias –, fazendo pressão por resultados imediatos e o positivo do "nós" – professores e treinadores –, vítimas dessa pressão. Mas, quem está na linha final da preparação/formação são os professores e treinadores, apesar de toda a pressão exercida pelos clubes e familiares, são eles que executam o trabalho com as crianças e jovens. Daí que cabe uma pergunta: Será que não é interessante, para a ascensão profissional, dos treinadores/professores, alcançarem resultados imediatos?

Entendemos que, em muitos casos, os treinadores das categorias de base têm como objetivo final a equipe profissional, e a maneira mais rápida de ascender profissionalmente é obtendo resultados positivos. Na mesma linha, Almeida Neto (2010) considera que, para muitos treinadores, essa metodologia imediatista é eficaz para descobrir novos talentos esportivos e, por isso, a especialização esportiva precoce vem sendo cada vez mais usada por professores e treinadores em clubes e escolas. Para o autor, nos clubes e nas categorias de base, o que mais acontece é a especialização precoce. Nesses espaços, os técnicos tratam mal seus atletas pelos erros cometidos, os pais xingam as crianças, treinadores e adversários com frases agressivas, as seções de treinamento são exaustivas e, muitas vezes, incompatíveis com a continuação dos estudos dos atletas. Pensamos que muitos treinadores, nas categorias de base, têm usado essa metodologia imediatista por entenderem que descobrirão jogadores talentosos, mesmo que, muitas vezes, os danos serão maiores que os benefícios. Acreditamos que a especialização esportiva precoce vem sendo cada vez mais usada por professores/treinadores em clubes e escolas, na busca dos treinadores por mais *status* e afirmação de seus nomes nas instituições esportivas.

Compreendemos que esse modelo de treinamento, enfatizando a especialização esportiva precoce, muito está relacionado ao objetivo dos jogadores e dos treinadores de alcançarem o sucesso rapidamente, mas principalmente pela falta de conhecimento dos jovens jogadores, a respeito do trabalho que realizam nos clubes de futebol. Segundo Rodrigues (2004), os treinamentos físicos, táticos e técnicos manipulam o corpo, na tentativa de alcançar o padrão ideal de jogador, resistente e habilidoso. Trata-se de colocar os jogadores em forma, preparados para jogar. Esse modelo de treinamento controla o corpo e os atos dos jogadores, isto é, produz sujeitos "pés de obra".

A dificuldade "processo de seleção de atletas" foi enfatizada nos discursos dos participantes do Conjunto II: *"No momento de definir se o atleta deve fazer um contrato profissional ou não, pelo fato deles oscilarem bastante muitas vezes ficamos em dúvida na hora da decisão, pois não podemos errar isto é ser injusto com os atletas" (CT-CF1). [...] "Temos*

que entender que o processo de dispensa é normal para um grande clube como o nosso, porque se trata de um grande clube e temos que elevar o nível dos atletas no máximo" (CT-CF1). [...] "A questão da dispensa dos atletas é uma dificuldade, é difícil dizer que eles não servem mais, muitos não entendem" (PF-CF3). [...] "A maior dificuldade no futebol para os meninos, é que eles têm que ser um atleta de alto nível, um atleta de excelência, a margem de erro deles é muito pequena, e isso acaba gerando uma pressão na qual nem todos conseguem suportar" (PF17-CF1).

Ao analisarmos os discursos do conjunto II, observamos a dificuldade dos profissionais do futebol em dar a notícia para o atleta de que ele não serve mais para o clube. Esta é mais uma questão que não aprendemos nos bancos da universidade. Julgamos que é só com a experiência que essas situações possam ser menos traumáticas para o profissional do futebol. Acreditamos, também, que se o clube/profissionais do futebol têm critérios, sendo éticos e responsáveis, essa situação fica menos dolorosa para ambos. O que não concordamos com clubes/profissionais de futebol é quando, diante dos primeiros resultados adversos mudam toda a política de formação nas categorias de base.

Nessa linha, para Rocha *et al.* (2011), uma das soluções encontradas pelos clubes, quando não são campeões, é a dispensa de jogadores e comissão técnica. Apesar do processo de seleção ser uma tarefa difícil, é uma situação muito comum no futebol. Segundo a pesquisa realizada por Paoli (2007), com sete clubes da primeira divisão do futebol brasileiro, o autor constatou que o percentual de jogadores da categoria sub-20 que passavam para a profissional girava em torno de 5 a 10 %. Em âmbito nacional, menos de 3% dos garotos que iniciam no futebol concretizam seus sonhos de jogadores (AMARAL; THENGO; OLIVEIRA, 2007). Na mesma linha, segundo Sales (2019), existem 448 clubes com categorias de base no Brasil, num total de 40.320 jogadores. Esses jogadores vão disputar as 2.700 vagas de qualidade no futebol profissional, na próxima década, com jogadores que já estão nesses postos e vão demorar anos para se aposentar. Conforme Paoli, Silva e Soares (2008), apesar de o futebol ter evoluído de forma significativa, ainda não foi possível encontrar um processo de seleção eficaz para a identificação de jogadores. Isso acaba se refletindo na ausência de critérios básicos, o que consequentemente pode levar os profissionais componentes de comissões técnicas do futebol a fazerem suas avaliações e observações de forma subjetiva. Esse processo subjetivo pode originar equívocos, tanto na seleção quanto no prognóstico de sucesso de um determinado jogador.

No sentido do anterior, constatamos, na observação do CF3, realizada em 18/12/2019, que nos modelos de seleção de atletas ainda continua imperando o aspecto subjetivo dos

profissionais. O treino observado tinha por objetivo avaliar novos atletas, destinado à passagem para a categoria sub-17, e durou duas horas. Participaram 29 atletas pertencentes à faixa etária de 15 e 16 anos (atletas nascidos em 2003 e 2004), provenientes de várias regiões do estado do RS. O treino começou com uma conversa, depois um aquecimento e o coletivo – jogo de 11 contra 11 – para avaliação. A todo instante, o técnico ficava se desculpando com o pesquisador, pelo tipo de treino que estava realizando, fora do comum. No final, a comissão técnica conversou com os atletas, indicando aqueles que deveriam voltar no dia seguinte. (DIÁRIO DE CAMPO).

O que causa estranheza é o fato de os clubes ainda avaliarem seus atletas de forma subjetiva, considerando que o "futebol moderno" é um negócio e que as suas categorias de base são um dos maiores patrimônios dos clubes, fonte de renda que muitas vezes salva o clube da falência econômica. Conforme Somoggi (2013), cerca de 15% das receitas dos principais clubes do Brasil foram oriundas das transferências de jogadores. Para Paoli, Silva e Soares (2008), esta é uma situação que ocorre com frequência no futebol brasileiro. Devido ao imediatismo e à pressão pela descoberta de novos talentos, esta avaliação – ou pseudo-avaliação – inicial, aumenta a possibilidade de equívocos, pois nem sempre aqueles que apresentam determinados requisitos nas categorias sub-15 e sub-17 são os que irão despontar em categorias superiores e até mesmo na categoria profissional. Além da falta de um documento orientador para avaliar jogadores, os profissionais do futebol sofrem pressão de familiares e, principalmente, de empresários para que seus pupilos fiquem nas equipes. Segundo Mendel e Santos (2008), nos clubes que não realizam peneiras abertas, a ação empresarial fica mais restrita à pressão destes profissionais nos membros das categorias de base para que chamem atletas apadrinhados por eles para compor o elenco. Para isso, encaminham vídeos das melhores jogadas dos jovens. Outro fato preocupante nas categorias de base no Brasil, segundo Sales (2019), é o número de clubes com certificado de clube formador. Esses representam apenas uma pequena parcela dos filiados à CBF. Dos 448 clubes que disputaram competições em faixas etárias nas quais o alojamento é permitido por lei em 2018, 406 clubes não possuíam o certificado.

O processo de seleção é normal nos clubes e na vida. Assim, o futebol, como elemento cultural, também passa por esse processo de seleção. Os discursos do Conjunto II, a respeito desse processo, ressaltam a dificuldade enfrentada pelos clubes nesse momento. Cremos que, se os clubes tiverem critérios e políticas sólidas para a escolha dos atletas, respaldando seus profissionais, tanto cientifica como emocionalmente, a margem de acerto será maior do que a de erro. Entendemos que as categorias de base têm uma participação fundamental no futebol brasileiro. É nela que, desde cedo, o atleta aprende muito sobre o esporte, desde os conceitos

fundamentais, formas de refinar sua técnica, até o seu desenvolvimento pessoal e emocional. Para os clubes, a categoria de base é uma forma de manter uma equipe de qualidade e ainda um investimento que pode trazer excelente retorno. Neste sentido, é fundamental a qualificação dos profissionais do futebol, a abordagem da temática seleção de atletas, tanto na imprensa como nos cursos de EF, e critérios mais objetivos para selecionar atletas, diminuindo a margem de erro.

Consideramos o processo de seleção de atletas uma das etapas mais duras na formação do jogador de futebol, pois, estamos mexendo com sonhos e ambições de jovens e suas famílias.

Asseveramos que ao descartar/excluir um jovem, é importante ter muito cuidado, pois, podemos comprometer muito sua vida futura. Acreditamos que os clubes e seus profissionais deveriam ter uma melhor preparação para esse momento. Essa situação está relacionada com a produção de sujeitos "pés de obra", pois, a não preparação dos profissionais se reflete na não preparação dos atletas para esse momento de seleção, tornando-os descartáveis, coisas. Compreendemos que essa etapa poderia ser amenizada se os jovens jogadores fossem preparados para esse momento, entendendo e contextualizado que essa é apenas uma etapa de muitas outras oportunidades que virão se estiverem preparados e conscientes de sua condição de jogador.

A dificuldade "fator econômico" também foi enfatizada nos discursos do Conjunto II: *"Fazer futebol também não é nada fácil, principalmente no que diz respeito a questão financeira, para participar de campeonatos, ter que administrar um maior número de atletas" (CGCB-CF3). [...] "A grande dificuldade que vejo no futebol é a diferença de investimentos, é uma pena para um país tão rico e tão grande, uns têm muito e outros tem tão pouco" (TF16-CF1). [...] "Têm alguns clubes que não tem o café nem o alojamento, e outros que têm muita coisa a disposição dos atletas" (TF16-CF1). [...] "O futebol pode ser considerado 'A' dificuldade, tirando os clubes grandes, tu encontras dificuldade para muitas coisas, como participar de competições, deslocamentos, dinheiro" (TF-CF3). [...] "A dificuldade para fazer futebol nas categorias de base passa muito pelo aspecto financeiro. O dinheiro possibilita muitas coisas no futebol, contratar melhores profissionais, jogadores, infraestrutura" (TF-CF3).*

As categorias de base dos clubes de futebol, no Brasil, possuem diversos objetivos para a formação de um atleta. Dentre os principais, podemos destacar a venda de jogadores para um mercado futebolístico maior e a formação de jogadores para compor o elenco do time principal. Diversos clubes utilizam as categorias de base apenas como um meio para conseguir lucros com a venda de atletas, ao passo que outros utilizam apenas para fins de fortalecimento dos

times profissionais e sucesso nos campeonatos disputados. Mas, para alcançar os seus objetivos, muitas são as diferenças entre os clubes.

Ao observarmos os discursos do Conjunto II, constatamos a dificuldade de fazer futebol, principalmente em equipes de menor expressão. Este é mais um fato que a mídia e o senso comum não abordam com frequência em suas discussões. Mais uma vez, o que é apresentado é o *glamour* dos times de ponta no futebol, mascarando a realidade da maior parte das equipes que fazem futebol. Se observarmos os exemplos sobre o futebol citados na mídia, nas aulas de EF em escolas e universidades, são de clubes como Internacional, Grêmio, Flamengo, Corinthians, Barcelona, Real Madrid, entre outros. Dificilmente o exemplo recai sobre clubes de menor expressão. O discurso do poder enfatizado pela imprensa e pelas instituições, conforme Van Dijk (2013), mostrando apenas o lado positivo do futebol – que interessa à elite desse esporte para trazer mais adeptos e dividendos –, também é traduzido pela ocultação do discurso da difícil realidade das equipes de pequeno e médio porte que tentam fazer futebol.

Relacionamos o discurso da diferença econômica entre os pequenos e grandes clubes no futebol com o conceito de "sistema mundo" de Wallerstein (2005). Para o autor, esse sistema impede o desenvolvimento dos países pobres e garante que os ricos continuem sendo os principais beneficiários das cadeias globais de matérias-primas e de produtos e riquezas criados pelo capitalismo industrial. Julgamos que essa situação também acontece no futebol, com um modelo de gestão que inclui a mídia, as taxas, o volume de repasse dos patrocinadores, entre outros, das entidades mandatárias – FIFA, Confederações, Federações –, contribuindo para que essas diferenças persistam.

Essa diferença de estruturas entre os clubes grandes e clubes pequenos de futebol também foi uma realidade verificada nas nossas observações. De uma observação realizada no CF1, no dia 06/11/2019, percebemos que a categoria sub-17 utiliza, para treinamentos, um dos 8 campos oficiais do CT, sala de musculação, vestiário e almoxarifado para a categoria. O treino é ministrado por um grupo de trabalho: o aquecimento, pelo preparador físico; o coletivo, pelo técnico; as atividades técnicas, por três auxiliares técnicos, treinador de goleiro, massagista, fisioterapeuta e fisiologista. Já no CF2, dia 05/12/2019, encontramos um ambiente bastante precário, comparativamente. O campo de treinamento fica localizado num parque público da cidade. Não tem vestiários, os atletas utilizam o mato do parque para trocarem de roupa e fazerem as necessidades fisiológicas. Todo o material para o treino é levado pelo professor, do clube para o local. O professor pinta o campo, leva as redes para as traves. Não há água perto do campo – o professor é quem traz a água desde o clube. Não tem espaço para sentar, a única sombra é de uma árvore e, ao lado do campo, existe um acampamento cigano, onde

seguidamente vão parar as bolas do treino. O treinador trabalha sozinho. (DIÁRIO DE CAMPO).

A observação do CF2 é a realidade de grande parte dos clubes pequenos que fazem futebol pelo Brasil. Nessa linha, o estudo de Sales (2019) apontou que, pela grande heterogeneidade de suas estruturas, é difícil definir com precisão o número de jogadores em cada clube nas categorias de base. Os maiores e mais ricos clubes do país podem ter equipes de futebol de campo e de futsal que vão desde o sub-9 até o sub-23, enquanto equipes menores e/ou de estados mais periféricos, do ponto de vista econômico e futebolístico, podem ter apenas duas ou três equipes de base. Na mesma linha, estudo de Araújo e Pinheiro (2016) constatou que os investimentos destinados às categorias de base no Brasil não são suficientes, acarretando falta de estrutura e materiais para o desenvolvimento das atividades nos clubes. Com a falta de investimentos, a qualidade dos profissionais envolvidos com as categorias de base acaba sendo prejudicada e os atletas não conseguem ter uma formação ideal. No mesmo estudo, Araújo e Pinheiro apontaram que nos clubes do futebol brasileiro considerados grandes, os investimentos são adequados, porém, esses clubes representam uma pequena parcela do futebol no Brasil. Sendo assim, em sua totalidade, os investimentos nas categorias de base do Brasil são insuficientes.

Notamos que essa realidade é desconhecida do grande público do futebol, pois o que visualizamos na grande mídia é que o Brasil forma muitos jogadores, é um celeiro de craques de ótima qualidade que fazem sucesso na Europa. Mas a realidade não é bem assim. Se compararmos a formação de jogadores no Brasil com a de países de população menor do que a de algumas cidades brasileiras, esses países formam quase tantos bons jogadores quanto o Brasil, como é o Uruguai, por exemplo, com 3,45 milhões de habitantes, a Bélgica com 10,7 milhões, e a Croácia, com 4,15 milhões. (SALES, 2019). Consideramos importante que os estudantes dos cursos de EF, que pretendem ingressar nessa profissão, conheçam esses fatos como possibilidade para refletir se o caminho que pretendem seguir é esse mesmo.

Neste momento da Etapa 3, passamos a analisar, na perspectiva do Conjunto II, os preconceitos no futebol, sobre que os participantes responderam à seguinte questão: Você entende que existem preconceitos no futebol? Se sim, quais? Nos discursos dos participantes do Conjunto II, quatro temas foram levantados em relação aos preconceitos: a) o machismo no futebol; b) o racismo no futebol; c) xenofobia (atletas de fora); e d) o profissional do futebol.

Em relação ao preconceito machismo, nos discursos do Conjunto II, destacamos dois aspectos: a mulher é quem deve adaptar-se ao mundo do futebol e é pequeno número de mulheres que trabalham no futebol: *“Machismo também, temos muitas meninas trabalhando*

aqui, mas eu sei que é uma exceção ter uma coordenadora técnica mulher" (CT-CF1). [...] "A visão no futebol é que mulher tem que trabalhar com mulher, e homem tem que trabalhar com homem, pois olhamos a figura e não o contexto" (CGCB-CF1). [...] "No departamento de futebol aqui no clube desde 2009, eu sou a única mulher" (CT-CF1). [...] "Aqui no clube quantas mulheres trabalham? Só a secretária. Porque não posso ter uma mulher como auxiliar? As mulheres têm capacidade igual ou superior aos homens, mas muitas delas não acreditam que tem capacidade para trabalhar no futebol" (TF-CF2).

Em relação aos discursos referentes ao pequeno número de mulheres trabalhando no futebol profissional, apesar do futebol ser o esporte nacional, esse assunto ainda tem sido silenciado na mídia, pois são pequenos os espaços para o futebol feminino e para mulheres em cargos relacionados a esse esporte. Entendemos que este silêncio começa na estrutura do futebol feminino, com a falta de mulheres ocupando cargos de comando nas federações estaduais, na CBF – no caso do Brasil –, na FIFA, nos quadros de arbitragem, nas diretorias dos clubes, nos departamentos médicos, enfim, em tudo que envolve o futebol feminino. Ao refletir sobre esses fatos, verificamos que, em geral, para uma mulher fazer parte de um cargo de comando no futebol, tem que ser muito diferenciada na profissão, já para os homens basta um "bom QI".

O discurso preconceituoso da elite branca e machista, na perspectiva da teoria de Van Dijk (2018), também se reflete no campo das oportunidades de cargos de comando no futebol feminino. Se observamos as características dos comandantes da CBF, temos: homens, brancos, da elite econômica e tradicional da sociedade brasileira. Neste sentido, julgamos que enquanto for esse o modelo de comando na CBF, dificilmente mulheres terão mais espaço no futebol. Relacionando o perfil dos comandantes do futebol brasileiro ao preconceito em relação à mulher, verificamos que esse é um discurso histórico, criado por eles e que internalizado na sociedade.

Conforme Goellner (2005), são esses preconceitos historicamente construídos pela e na nossa cultura que mantêm estas questões na atualidade. Preconceitos relacionados às representações de masculinidade e feminilidade, isto é, aquilo que cabe fazer aos homens e às mulheres na sociedade. Para a autora, o fato de o futebol ser criado, modificado, praticado, comentado e dirigido por homens, parece pertencer somente ao gênero masculino, como também o julgamento de quem pode praticá-lo ou trabalhar com ele. Segundo a autora, é como se a mulher dependesse da autorização masculina para participar. Garantimos que é na escola que poderemos reverter esse quadro relativo aos conceitos e práticas no futebol, isto é, levantar dúvidas em relação a essas verdades. É importante mostrar aos estudantes que o futebol e o acesso ao seu universo podem ser diferentes, construindo uma prática que valorize a

participação da mulher no mundo do futebol, o que já se constitui num ato de ousadia no cenário atual, visando a atingir igualdade, solidariedade, companheirismo e aprendizagem.

Outros discursos do Conjunto II em relação ao machismo foram referentes à adaptação da mulher ao mundo machista do futebol: *"Eu nunca senti preconceito aqui no clube. Eu acho que devemos saber que meio estamos inseridos, eu me inseri num meio de maioria masculina, desta forma eu não posso querer que as pessoas mudem tudo que se faz por causa minha" (CT-CF1). [...] "Eu não queria que o clube se adapte a mim, tivesse um vestiário só para mim, eu é que me adaptei ao clube, chegava mais cedo para utilizar o vestiário" (CT-CF1). [...] "Eles nunca mudaram a maneira de conversar porque eu estava presente, eu brinco com meu marido que sei todas as curvas do futebol" (CT-CF1). [...] "O cara que disse que não tinha condição de trabalhar com os meninos mais velhos, depois queria que eu trabalhasse com todas as categorias, eu entendia o lado dele, entendia que não era preconceito" (CT-CF1). [...] "Também existe a questão do machismo, principalmente quando uma menina da universidade vem fazer uma pesquisa aqui, elas são todas tratadas com respeito, mas sempre tem uma piadinha, não é para denegrir ninguém, é pelo simples fato de ser de um gênero ou cor diferente" (CGCB-CF3).*

Ao analisarmos os discursos do Conjunto II, em relação à mulher ocupando um cargo no futebol, verificamos como o machismo estrutural está presente nos discursos. Frases como: *"devemos saber que meio estamos inseridos", "Eles nunca mudaram a maneira de conversar", "Eu não queria que o clube se adapte a mim", "entendia que não era preconceito" (CT-CF1), "mas sempre tem uma piadinha, não é para denegrir ninguém" (CGCB-CF3),* só enfatizam o machismo nos espaços de trabalho relacionados ao futebol. Entender que a mulher deve se adaptar ao mundo machista do futebol, e que brincadeiras de gênero não devem ser entendidas como preconceitos, só corroboram com a diferenciação entre os gêneros no futebol.

Essa fala de CGCB-CF3 – *"mas sempre tem uma piadinha, não é para denegrir ninguém, é pelo simples fato de ser de um gênero ou cor diferente"* – denuncia situações comuns no "mundo do futebol", onde aparece o machismo estrutural. Não obstante, na maioria das vezes esses acontecimentos não são repreendidos e os jovens jogadores não são alertados sobre o equívoco dessas atitudes. Julgamos que se esse tipo de atitude fosse abordado de "outra" forma, contribuiríamos para um "outro" tipo de formação no futebol – estaríamos minimizando a produção de sujeitos "pés de obra" e incentivando a formação de cidadãos.

De outra parte, constatamos nos discursos do Conjunto II que, mesmo quando uma mulher está num cargo de comando no futebol, ela repete o discurso machista, seja por convicção ou para manter seu trabalho. Neste caso, nos parece que é por convicção. Essa convicção é fruto

de um discurso histórico, como já exposto anteriormente e, conforme Van Dijk (2018), aprendido na EF escolar, pois, se observarmos todo o discurso a respeito do futebol na escola, ele é relacionado aos homens e a presença da mulher é ignorada ou descrita com estereótipo negativo para a prática desse esporte. Essa crença de que a mulher não deve fazer parte do futebol é reproduzido na sociedade pelos grupos dominantes de forma estereotipada, negativa e tendenciosa, mas, na maioria das vezes não é notado pelas pessoas, transformando-se no famoso discurso do machismo sútil ou estrutural.

No sentido do anterior, para Daólio (2006), no Brasil as diferenças entre homens e mulheres estão tão arraigadas à dinâmica cultural da nossa sociedade que não basta a conscientização e o desejo para efetivar o processo de mudança da realidade. Para o autor, o processo de transmissão de hábitos e valores culturais é realizado por meio de imitação que se torna força da tradição e prestígio de um determinado valor ou costume cultural. Neste contexto, para uma menina inserir-se no meio do futebol estaria indo contra uma tradição social e cultural histórica, considerada uma atitude rebelde. Por isso, na maior parte dos casos, para as mulheres que pretendem ingressar no futebol é mais cômodo cumprir os ditames sociais e não os contestar e, assim, ser valorizada como uma pessoa bem sucedida. Muitos são os exemplos dessas manifestações de aceitação do discurso do machismo estrutural. Para Goellner (2005), os professores de EF já estão tão mergulhados nesses discursos preconceituosos que, ao invés de questioná-los, colaboram para legitimar sua força. Ao separarem meninos das meninas nas aulas de EF estão consolidando essas convenções dominantes. Quando silenciam a esses e outros fatos, também estão aceitando essas segregações, mistificações e convenções de que o futebol é quase exclusividade dos homens. Mais uma vez, sustentamos, apesar da forte influência cultural, que é na escola que se deve ter um novo discurso a respeito da participação da mulher no futebol, começando pela pergunta: Mulher pode praticar futebol?

Um aspecto relevante nos discursos do Conjunto II, a respeito do racismo, refere-se à visão quase imperceptível dos participantes em relação a esse preconceito no futebol, que denominamos de racismo estrutural, uma ação mais branda e muitas vezes não o enxergamos. Essa forma de racismo tende a ser ainda mais perigosa por ser de difícil percepção. Trata-se de um conjunto de práticas, hábitos, situações e falas enraizadas em nossos costumes que, direta ou indiretamente, promovem a segregação e/ou o preconceito racial. Sobre o tema, as falas do Conjunto II foram as seguintes: *"Eu não vejo racismo aqui, mas lá fora com as torcidas tem muito" (CGCB-CF1). [...] "O preconceito racial me chama muito atenção, embora ele já esteja intrínseco no futebol, isto é, eu entendo que as pessoas não fazem para agredir, já é natural tu estereotipar as pessoas pela cor, raça, região" (CGCB-CF3). [...] "Aqui é uma cidade alemã,*

mas eu nunca vi preconceito na prática, mas eu sei que tem em outros lugares" (CT-CF2). [...] "Ainda tem um pouco a questão do racismo, mas aqui é muito pouco, eu acho que as pessoas estão conseguindo lidar melhor e respeitando o espaço do outro" (TF17-CF1). [...] "A nível de racismo no futebol acredito que seja mais de cunho individual, ou briga entre torcidas" (TF16-CF1). [...] "A gente sempre diz que o futebol tem uma ética própria em relação a questão do preconceito" (PF16-CF1). [...] "Eu noto que muitos meninos negros não se reconhecem negros, e que muitos meninos morenos se reconhecem brancos, existe um auto preconceito" (PF16-CF1). [...] "Tive muitos treinadores chamavam todo mundo de "negão", era natural para eles, mas quando tu usas uma palavra desse porte, ela pode não ter a mesma conotação para todo mundo" (PF17-CF1).

Observamos, nesses discursos, que os participantes sabem que existe o racismo, mas para eles este é uma coisa individual e entre as torcidas é uma manifestação que faz parte do futebol, considerada natural no relacionamento entre eles. Esses discursos são exemplos do racismo estrutural que assola a sociedade brasileira. O racismo é histórico no dia a dia dos brasileiros, levando muitas pessoas a não enxergar ou não entender que suas ações são de cunho racista. Fazendo uma análise dos discursos com o viés do preconceito, muitos dos participantes não se deram conta da discriminação racial sutilmente oculta em suas falas e que, infelizmente, é banalizada e considerada como uma "brincadeira".

Constatamos, nos discursos do anterior, que mais uma vez, ao não abordar ou ter uma "outra" postura a respeito dessas situações de racismo – que parecem ser irrelevantes no "mundo do futebol" – estamos contribuindo para a produção de sujeitos "pés de obra". Ao não conscientizarmos os profissionais do futebol e os jovens atletas de que essas ações não são "brincadeiras", colaboramos para que no futuro esses atletas não se manifestem nem repudiem os casos de racismo, tão frequentes no futebol. Desta forma, continuamos formando jogadores/pessoas funcionais, sem poder de reflexão e criticidade, desconhecedores do valor, do exemplo e da influência que possuem e representam para a sociedade. Entendemos que seja incumbência de uma formação "outra" revelar os processos de dominação, de opressão que ainda existem – denunciar a colonialidade e formar para a leitura do mundo (FREIRE, 1977). Continuar com o mesmo modelo de formação no futebol é continuar tornando os jovens atletas sujeitos "pés de obra", é seguir impondo-lhes a visão fragmentada da realidade.

Sustentamos que a pior forma de racismo é a velada, pois as pessoas têm atitudes racistas sem considerar como tal. Neste aspecto, Eiras (2019) considera que o racismo está localizado nas mídias, revistas ou livros, espaços em que vamos encontrar representações que reforçam a imagem da negritude de forma inferior em relação à população branca. O caso mais recente de

racismo estrutural ocorreu no dia 12/5/19, com o goleiro Sidão, que teve uma fraca atuação e levou três gols em uma partida válida pelo Campeonato Brasileiro. Com isso, o atleta foi eleito como o "Craque do Jogo", prêmio concedido pela Rede Globo, por uma votação em massa feita por internautas com o claro intuito de ridicularizar sua atuação na partida.

Esse modelo de racismo, existente no Brasil, desenvolveu-se particularmente pelo mito da democracia racial[172]. Segundo Amaro (2015), esse pensamento sociológico tendeu a minimizar, ou mesmo a rejeitar, a forte discriminação racial no *status* socioeconômico dos indivíduos no Brasil, cristalizando a ideia de que o preconceito racial era uma herança cultural do passado escravocrata. Desta forma, diante da ausência de hostilidade racial contra os negros, tornou-se recorrente acreditar e difundir que no Brasil não há desigualdade racial, e sim que os negros são pobres porque são acomodados e preguiçosos. Esse discurso da elite, criando mitos e estereótipos, instaurou-se na consciência da opinião pública e passou a justificar as injustiças sociais. O mito da democracia racial esconde o racismo e reforça a exclusão dos negros na sociedade. Segundo Santos (1999) *apud* Amaro (2015), a democracia racial, além de obscurecer a verdade sobre as relações étnicas e raciais, também cria falsas consciências e aliena o indivíduo negro, naturalizando o racismo. Para a autora, um dos efeitos mais sinistros dessa ideologia é a pouca ou a nenhuma percepção do racismo pelas suas vítimas. As constantes repetições dos estereótipos de inferioridade vão sendo, sejam gradualmente internalizados, o que resulta em desagregação individual e desmobilização coletiva. Como exemplo dos discursos dos participantes e da influência do mito da democracia racial, ainda muito presente na sociedade brasileira, verificamos nas observações da nossa partida principal, muitas incidências de racismo estrutural ou velado.

De acordo com o anterior, na observação realizada no CF2, dia 30/10/2019, constatamos que o professor grita muito com os estudantes/atletas durante o treino. Para um pai que estava assistindo ao treino, isso é necessário: "Nessa idade tem que gritar, senão os guris tomam conta." O treinador chama alguns meninos por apelidos: "O Negão!", "O Alemão!", "O Negão, joga sério!" Os colegas e as mães também o chamam pelo apelido de Negão: "Toma Negão, essa bolada!"; "O Negão, vai para o time do meu filho!"; "O Negão merece jogar no time, ele é o que mais se esforça." A situação se repete na observação no CF1, dia 27/11/2019. Os atletas falam muitos palavrões entre eles durante o treino ao se cobrarem. Chamam um colega de

[172] A origem mais forte e sociologicamente descrita do mito da democracia racial aqui no Brasil advém dos escritos do sociólogo brasileiro Gilberto Freyre, em seu livro "Casa-Grande & Senzala", escrito em Portugal e publicado no ano de 1933. Essa obra foi precursora da noção de democracia racial no Brasil, com relações harmônicas interétnicas que mitigariam a influência social do passado da escravidão no Brasil, que, segundo Freyre, fora menos segregadora do que a norte-americana. (SOARES, 1998).

Neguinho, outro de Negão, outro de Ceará, outro de Alemão, e outro de Café. O técnico e o preparador físico também chamam os atletas por apelidos: Neguinho, Negão, Café, Alemão e Ceará. Em nova observação no CF2, dia 05/12/2019, a linguagem é a mesma, carregada de estereótipos: "O pai!", "Se mexe aí no meio, pai!", "O Negão!". Quando ocorreu uma jogada violenta entre os atletas, um pai comentou: "Na próxima senta a mão nos cornos dele. Se fosse comigo eu dava no meio." "Futebol é assim. Eu já falei para ele que é muito bobinho para jogar bola. Futebol tem que ser malandro, tem que usar o corpo com força." (DIÁRIO DE CAMPO).

Constatamos, nessas observações, que o preconceito racial, de tão assimilado que está na sociedade, pode até passar despercebido. Em muitos casos, o locutor nem sempre tem claro o que está falando, tampouco que está reproduzindo rótulos racistas, pois age por mera repetição de um discurso que ouve há décadas, cristalizado em sua memória. Se grande parte da população pratica esse racismo estrutural, por negar ou desconhecer o contexto de discriminação étnica ao qual os negros foram e são submetidos, essa visão deve-se, em grande parte, à ideia errônea, veiculada nacionalmente, de que o Brasil é o país da miscigenação e da democracia racial, onde a escravidão foi mais branda que em outros países, onde os negros foram integrados à sociedade, convivendo harmoniosamente com os seus antigos algozes.

Outro preconceito identificado no futebol, alegado nos discursos do Conjunto II, refere-se à xenofobia. Preconceito praticado por atletas que já estão no clube em relação aos atletas que chegam de fora, a xenofobia aqui aparece com o sentido de rejeição, direcionado a alguém que não faz parte do local onde se vive ou habita. Segundo o Conjunto II: *"Tem preconceito, principalmente com os atletas que chegam de fora e são mais humildes e inexperientes no mundo do futebol, muitas vezes esses ficam de lado" (CGCB-CF1). [...] "Nós temos aqui no clube, muitos meninos de outras localidades, e se o ambiente de trabalho não estiver leve, mas com responsabilidade, dificilmente esses atletas irão se sentir bem, pois o ambiente do futebol já muito competitivo por si só" (TF-CF3).*

Esse discurso do preconceito com os atletas que chegam de fora para tentar uma vaga no clube também apareceu nas falas do Conjunto II em relação às dificuldades enfrentadas no futebol. Entendemos que o caminho para um jovem atleta chegar até o profissionalismo, acontece por meio de um longo processo seletivo, com muitas dificuldades para ultrapassar, principalmente para os atletas oriundos de outras cidades ou países. Este processo, para Marques e Samulski (2009), é extremamente conflituoso e, muitas vezes, envolve uma série de obstáculos como a separação da família e do seu meio social, a dificuldade de continuação dos estudos, o alto grau de cobrança nos treinamentos e competições e a incerteza quanto à continuidade de sua carreira profissional. Além de todas as dificuldades extracampo, a

concorrência para uma vaga é muito grande. Segundo análise de Rappa (2018), em média um a cada 11 jogadores do sub-15 e um a cada 11 jogadores do sub-17 serão profissionais em clubes das distintas séries. Pensamos que essa dificuldade para conquistar uma vaga no futebol, estimula a competitividade entre os candidatos e, em consequência, o preconceito, a discriminação e a pressão psicológica afloram entre os jovens.

Em relação à dificuldade de manter-se no meio do futebol, Balzano (2008), em pesquisa realizada, sustenta que os estudantes-atletas relataram a dificuldade de conviver e vencer no meio esportivo: "De diferença no jogo assim, os jogadores que jogam no Inter, os meus amigos lá, o problema é que tem muita "trairagem", uma coisa assim "desamada", ... lá no Inter briga um dia, fica um mês sem falar com o cara"; "Me relaciono melhor com os estudantes do colégio, porque lá no Grêmio é muita competição, e às vezes eles não são leais com as pessoas". "Acho que no colégio eles são mais verdadeiros tentam me ajudar mais que lá no Grêmio*"*. Comparando os resultados dessa pesquisa com os discursos do Conjunto II e pelas falas dos atletas, verificamos que as relações no futebol continuam as mesmas. Conforme Rappa (2018), clubes, famílias, empresários e empresas investem muito em questões físicas, técnicas e materiais para os jogadores e quase nada em aspectos humanos e sociais. Investem milhões em equipamentos e treinamentos, mas muito pouco em assistência social, educação e outras questões que iriam ajudar muito na adaptação dos meninos aos clubes ou a outra profissão fora do futebol.

Na mesma linha do acima, Aquilina (2013) *apud* Souza e Salles (2018) adverte sobre a necessidade de os atletas que buscam a carreira de futebol terem perspectiva, isto é, ao mesmo tempo em que buscam esse objetivo, devem ter outra alternativa profissional. Segundo Souza e Salles (2018), são poucos os atletas de alto rendimento recompensados financeiramente e que conseguem reconverter suas experiências esportivas pregressas em ocupações no mercado do esporte. Sustentamos que o profissional/professor de EF pode ter um papel muito importante, como orientador, auxiliando e preparando os atletas em relação às profissões relacionadas à área de EF, como o futebol, incentivando-os a não abandonar seus estudos, e orientando-os a organizar seu tempo e suas prioridades.

Outra confirmação dos discursos do Conjunto II com relação à xenofobia, diz respeito às falas dos participantes sobre o preconceito do clube grande com o clube pequeno. Nesse sentido, a xenofobia manifesta-se envolvendo as relações e percepções do "endogrupo" em relação ao "exogrupo". Neste caso, as pessoas tendem a identificar com os grupos aos quais pertencem, incorporando-os ao seu autoconceito. Assim, geralmente avaliam o próprio grupo de uma forma mais positiva, aderindo a uma estratégia que favoreça a sua preservação. Para o Conjunto II:

No futebol o maior preconceito que passo é com a relação de clube pequeno e clube grande" (TF-CF2). [...] "O pessoal do clube grande acha que a gente não faz nada, não tem capacidade, que nosso time não existe. Mas será se trocarmos de lugar, eu só me preocupar em treinar, será que não vou ter capacidade?" (TF-CF2). [...] "Entendo que no futebol existe preconceito da equipe maior com a equipe menor" (PF-CF3).

O que os participantes apontam como preconceito também podemos interpretar como desconsideração/desvalorização. As diferenças entre clubes e estados é histórica. Desde as primeiras convocações para seleção brasileira, no início do século XX, esta era composta apenas por jogadores do eixo RJ/SP. Outras situações que marcam diferenças: a imprensa esportiva transmitia apenas jogos do Sudeste para os estados do Nordeste, Centro-oeste e Norte; a valorização do campeonato RJ-SP; o canal 100 divulgava, no cinema, apenas documentários do eixo RJ/SP/MG; a formação do Clube dos 13; e hoje as cotas de TV, entre outras situações. Tudo isso aumentou as diferenças e preconceitos durante muitos anos. O fato de o futebol ter se transformado em um grande negócio e o crescimento dos cubes do Sudeste e Sul, abrangendo 90,0% dos torcedores, segundo Damo (2005), concorreram para ratificar essa situação. Esse preconceito não atinge apenas os clubes, mas também sofrem discriminação os profissionais oriundos dos times menores ou de estados com menos *glamour* no futebol. Dificilmente assistimos um profissional – dentre jogadores e treinadores – de clube menor ser convocado para uma seleção, e quando isso acontece, os profissionais contratados para clubes da elite chegam acompanhados de desconfiança.

Ao analisarmos as falas dos participantes, observamos que esse discurso da xenofobia está enraizado na sociedade e, conforme Van Dijk (2018), é reproduzido nos meios sociais pois, de forma sútil, replicamos diariamente, sem darmos conta, um sentimento de superioridade sobre o "outro", sem fazermos nenhuma autocrítica das nossas atitudes. Um exemplo desse discurso é como tratamos os nordestinos e o futebol do Nordeste. O futebol nordestino, apesar de possuir imensas torcidas e grandes jogadores, sempre foi menosprezado no contexto nacional. Hoje (2020), o futebol nordestino apresenta apenas quatro times na elite do futebol brasileiro, número pequeno se comparado aos do Sul e Sudeste, que juntos somam quatorze. A xenofobia contra os nordestinos segrega milhares de trabalhadores e trabalhadoras e se reflete no futebol. É comum ouvir torcidas gaúchas xingarem torcedores de clubes paulistas de "filhos de nordestinos". Torcidas nordestinas são alvo de todo o tipo de xingamento. O preconceito arraigado na sociedade pula os muros e toma as arquibancadas, fazendo com que o futebol, como expressão popular, seja catalizador dessas manifestações. Neste sentido, replicamos a visão dos europeus colonizadores sobre os latinos americanos, isto é, os inferiores.

Da mesma forma do exposto, visualizamos esse sentimento nos discursos do Conjunto II, em que os clubes pequenos e seus profissionais são vistos como inferiores pelos grandes clubes, sem nenhuma avaliação de competência, mas apenas por ser daquele local. Relacionamos esse preconceito em relação aos clubes pequenos ao conceito de geopolítica do conhecimento[173], de Mignolo (2002), pois, para o autor, o poder, o saber e todas as dimensões da cultura definiam-se a partir de uma lógica de pensamento europeu. Cremos que esse preconceito dos grandes clubes com os clubes pequenos seja uma questão de manutenção do *status quo* do poder, impondo divisões sociais, culturais, esportivas e econômicas aos clubes menores, dificultando, assim, o processo competitivo, que tem por regra favorecer os grandes em detrimento dos menores.

Ainda em relação aos discursos do Conjunto II e o preconceito xenofobia, as falas dos participantes evidenciam que alguns jovens/atletas são chamados, no clube, por apelidos preconceituosos como neguinho, negão, Ceará, entre outros. Segundo os discursos do Conjunto II, esses apelidos são uma brincadeira, mas entendemos que caracterizam as pessoas pelo lado negativo. Neste caso, a xenofobia está aparecendo como uma brincadeira, mas também pode expressar um certo achincalhamento de outras culturas. Os participantes do Conjunto II falam: *"A questão do linguajar (negão, neguinho, Ceará) entre a comissão e entre os atletas, nós devemos ter muito cuidado, pois quem fala, não está sentindo como quem está ouvindo, tem uma questão de alteridade aí, é importante colocar-se no lugar do outro" (PF17-CF1). [...] "Essas falas já se tornaram comuns no dia a dia, tornaram-se um hábito no nosso meio do futebol, mas se levarmos essas falas para fora do futebol podemos ofender muita gente e isso se torna preconceito" (PF17-CF1). [...] "Entre os atletas a gente não vê o preconceito explícito, mas a gente vê brincadeiras, que a gente até sabe que é brincadeira, mas se levassem essas brincadeiras para fora do clube, a pessoa se sentiria ofendida, e isso é uma forma de preconceito" (PF17-CF1).*

Ao analisarmos as falas do Conjunto II, verificamos que, muitas vezes, o profissional do futebol, apesar de conviver com essa realidade preconceituosa, não percebe a complexidade das relações que se estabelecem neste contexto. A *priori*, optam por ignorar o problema ou não tomar partido para evitar conflitos. Conforme Amaro (2015), aqueles que agem com indiferença, assim como os que executam as estratégias de desqualificação, se complementam

[173] O filósofo decolonial Walter D. Mignolo, argentino, denuncia o que chama "geopolítica do conhecimento". Os modos de conceber, produzir e transmitir saberes na modernidade-colonialidade alçam a produção científica de base racionalista a conhecimento neutro e universal – mas, em verdade, eurocêntrico e dependente da expropriação e do apagamento de outros saberes.

ao agirem com maldade, pois estão atuando de forma perversa e sútil, reproduzindo discriminações e segregações. Para a autora, tais estratégias investem também na construção de situações e condições que neutralizam e, literalmente silenciam e fragilizam o sujeito discriminado.

Entendemos ser importante, nos espaços de formação, tanto no clube como na universidade e na escola, que o profissional do futebol seja orientado para atuar em favor da pluralidade étnica e cultural, e contra qualquer tipo de preconceito no cenário formativo. O futebol brasileiro, para Matta (1882), enquanto esporte de massa é uma forma de expressão de nossa cultura. Constitui-se numa série de dramatizações da população, representando uma espécie de reflexos das atitudes, anseios e manifestações da sociedade brasileira. O Brasil é um país muito grande e de norte a sul encontram-se costumes muito diferentes. As danças populares são típicas de cada lugar, assim como a comida, as músicas e as atividades econômicas e, às vezes, a própria língua tem diferenças de vocabulário e sotaque, até gerando dificuldade de entender o que dizem as pessoas de outras regiões. Consideramos que essas diferenças não podem ser motivo de discriminação tampouco de preconceito, devem ser valorizadas e respeitadas como diversidade cultural que nos identifica e aperfeiçoa. Nesta perspectiva, lançamos uma analogia com o conceito de interculturalidade de Walsh (2013), e até mesmo, como proposta de mudança de atitude dos profissionais do futebol. Para a autora, a interculturalidade é entendida como a possibilidade de diálogo entre as culturas, pensada na perspectiva crítica, propondo a transformação da realidade latino-americana por meio de práticas insurgentes de resistir, (re)existir e (re)viver.

O preconceito para com os profissionais do futebol, jogadores ou comissão técnica, foi um aspecto sinalizado nos discursos do Conjunto II. Algumas falas – como*: "mundo deles, jogador é burro e as pessoas acham que é fácil, é divertido"* –, entendemos serem relevantes para nossa análise. *"Entre os atletas acredito que não existe preconceito, pois eles vivem no mundo deles do futebol" (PF-CF3). [...] "Ainda tem essa questão do preconceito que jogador de futebol não estuda, que jogador é burro. Mas as coisas mudaram muito, principalmente com a chegada da internet, isso nivelou muito os atletas" (TF17-CF1). [...] "Outro preconceito que vejo é em relação ao trabalhar com o futebol, as pessoas (sociedade), acham que é fácil, é divertido, é tranquilo, a gente viaja bastante o clube paga nossa alimentação, mas esquecem que saímos de casa e ficamos vários dias fora, não temos finais de semana, viajamos muito e corremos risco de vida, ficamos pouco em casa com a família, não é fácil" (PF-CF3).*

Em relação à imagem que os jogadores passam, de que "vivem no mundo deles", é um discurso estabelecido na sociedade. A sociedade, muitas vezes influenciada pela mídia,

caracteriza os jogadores de futebol como alienados, principalmente quando assistem documentários da vida social desses jogadores, ou quando ouvem entrevistas nas quais a maioria deles, principalmente os menos instruídos repetem as mesmas falas". Esses, segundo Damo (2005), são caracterizados como os sujeitos "pés de obra".

Esse discurso "eles vivem no mundo deles", apesar da sutileza, caracteriza-se como um mecanismo preconceituoso na fala (VAN DIJK, 2018), pois a sociedade classifica como um aspecto negativo "deles", e a sociedade, o "nós", vive no mundo real e sabe o que está acontecendo no mundo, valorizando o seu aspecto positivo. A sociedade classifica, estigmatiza, estereotipa os jogadores, mas, na maioria das vezes não sabe os motivos que os tornam alienados. Segundo Macedo (2006), em função das exigências de técnicos, dirigentes e das severas cobranças da carreira, como argumento para alcançar o sucesso profissional, ainda atrelado aos rígidos padrões de obediência aos clubes, os jovens atletas abandonam os estudos e se fecham no seu mundo, onde todos possuem os mesmos objetivos. Além das cobranças, os jogadores convivem com críticas diárias da imprensa e da torcida, muitas vezes em tons de violência. Neste contexto, é preciso considerar que os jogadores possuem família e, neste sentido, podemos relacionar esse "viver no mundo deles", como um extinto de preservação, prevenção e estratégia de defesa. Ainda sobre o discurso "eles vivem no mundo deles", concebemos ser mais uma atitude de descompromisso com a formação de sujeitos "pés de obra" no futebol, pois, "estar no mundo deles" é estar fora da realidade, é não ser um sujeito ativo na sociedade, é manter-se analfabeto funcional, é continuar sendo explorado e dominado pelos outros, é não possibilitar que jovens refaçam suas histórias, que "tenham autonomia" de ler o roteiro que precisam seguir.

Outra fala que apareceu nos discursos do Conjunto II e está relacionada com a fala anterior, diz respeito a "jogador é burro". Esse discurso, que está estabelecido na sociedade, relaciona-se ao discurso de que jogador de futebol não precisa estudar. É um discurso pleno de preconceito, influenciado pelo contexto histórico, que remete à divisão de classes. Se quando chegou ao Brasil, o futebol era praticado pela elite da sociedade – fase amadora –, com a profissionalização do esporte na década de 30 do século XX, o futebol passou a ser uma oportunidade de trabalho para a classe social mais desprovida, composta, na sua maioria, por negros "libertos" da escravidão. Esse discurso preconceituoso de separação de classes persiste até hoje no futebol, revelado nas falas como: "jogador é burro, jogador é alienado, jogador não precisa estudar, jogador não sabe dar entrevista, jogador é analfabeto, jogador não sabe se vestir, jogador ganha dinheiro já quer comprar carrão, entre outras muitas". Sustentamos que o preconceito acontece porque a elite não tem interesse em modificar esse panorama, pois lhe é

interessante continuar mantendo seu lugar hegemônico na sociedade. A busca pelo poder, enunciada pela sua falta ou necessidade de ampliá-lo, é a origem de toda essa violência simbólica, que transformam em crenças nos discursos.

Segundo Van Dijk (2018), essas crenças são a base da interação da elite com e sobre os "outros", transparecendo em seus discursos, reproduzindo o sistema de dominação preconceituoso que continuará, pelo menos, até o momento que os grupos atingidos sejam capazes de adquirir poder ideológico, político e social suficientes para desafiar essa dominação. Mas, o que observamos hoje são grupos minoritários – os jogadores – que, como mecanismo de defesa, optam por adotar uma atitude alienada em relação às situações preconceituosas. Julgamos que esse caminho nem sempre seja uma alternativa consciente, adotada pelos jogadores, mas, muitas vezes ocorre de forma inconsciente, trazendo problemas à sua saúde física e mental. Esse discurso preconceituoso, imposto aos jogadores de futebol e entranhado na sociedade do futebol, é tão perverso que, quando alguns jogadores, como Alex, Sócrates, Raí, Tostão, Leonardo, Reinaldo, Rogério Ceni, Paulo André, Tinga, Roger, entre outros, se manifestam e se posicionam politicamente, são ridicularizados ou sofrem algum tipo de discriminação da sociedade do futebol. Mas, compreendemos, como Van Dijk (2018), que essas minorias – jogadores –, adquirindo poder político e de fala, poderão reverter esse processo, pois, conforme o ex-jogador Sócrates: "os jogadores de futebol unidos não sabem o poder de influência que possuem".

No que diz respeito aos discursos do Conjunto II sobre os preconceitos das pessoas em relação aos profissionais do futebol, entendendo que a vida deles "é fácil e divertida", lembramos que esse tema também apareceu, de certo modo, nas dificuldades do futebol. Consideramos que esse é mais um discurso preconceituoso, equivocado, que não demonstra a realidade da maioria dos profissionais do futebol. Como dito anteriormente, é um discurso mostrado pela mídia, caracterizando apenas as grandes estrelas do futebol, que também sofrem com a pressão das direções, torcedores, viagens desgastantes, afastamento da família, entre outros, mas a diferença é que são muito bem remunerados para exercerem sua profissão. Todavia a realidade, para a grande parte dos profissionais do futebol, é estarem longe da badalação, das cifras milionárias, das viagens de avião, das transmissões em alta definição, da tietagem e dos estádios lotados, ou seja, o famoso futebol que quase ninguém vê, e que a imprensa não faz questão de mostrar. Esse futebol que ninguém vê é o dos salários atrasados, da falta de estrutura para trabalhar, das intermináveis viagens de ônibus, do afastamento da família e de outros problemas que fazem parte da rotina que a TV não mostra, e que, na verdade,

é a realidade dos profissionais do futebol nacional. A realidade é que são mais de 650 clubes profissionais no país, dos quais apenas 40 estão nas principais divisões do Brasil.

Outra situação pouco comentada, e que leva a esse discurso equivocado, é a de que os clubes, quando estão com dificuldade financeira, pagam apenas os atletas e atrasam o salário dos funcionários, o que entendemos serem os que mais precisam, porque ganham muito menos do que os jogadores. A instabilidade dos profissionais do futebol, que são reféns dos resultados de campo, é outra dificuldade. Mas parece, segundo a mídia, que somente os profissionais da elite do futebol passam por esse problema. Na verdade, com a falta de emprego nos clubes menores, que são a maioria, os problemas passam despercebidos pela sociedade do futebol/mídia. Mais uma vez, o discurso transmitido pela elite/mídia é tendencioso e oculta a realidade, privilegiando uma minoria que não deseja mostrar as dificuldades do futebol, pois essas poderiam prejudicar seus negócios. Essa é uma estratégia de discurso, conforme Van Dijk (2018), que serve para consolidar os grupos dominantes e cada vez mais distanciá-los das minorias. Julgamos que esse discurso se aproveita do aspecto emocional que envolve o futebol, isto é, a paixão dos torcedores por seus clubes, e que, por essa devoção, não enxergam o lado humano do futebol, tendo os resultados de campo como o único alvo/prazer em suas vidas.

A prorrogação está chegando ao fim e a vantagem ainda é da equipe “Movimento Colonial”. Última volta do ponteiro. A equipe “Giro Decolonial” retoma a posse de bola – parece ser a última chance para empatar o jogo –, realiza uma boa jogada pelo lado esquerdo do campo. Bola na área adversária. Cabeçada e, gol! Reclamação da equipe adversária. O árbitro consulta o VAR, não vê nenhuma irregularidade e aponta para o centro do campo: gol da equipe “Giro Decolonial”! Jogo empatado no final da prorrogação. O árbitro apita o final. Agora, tudo está reservado para as cobranças de tiros livres da marca do pênalti. As equipes haviam treinado muito a cobrança. O goleiro da equipe “Giro Decolonial” e os batedores estão bem preparados. Vamos às cobranças!

7 DECISÃO POR PÊNALTIS [ALTERNATIVAS PROPOSTAS PELOS PARTICIPANTES]

Imagem 25 – Concentração coletiva para decisão por pênaltis

Imagem 26 – Goleiro defende o pênalti

Imagem 27 – Cobrança de um pênalti

7 DECISÃO POR PÊNALTIS [Alternativas propostas pelos participantes]

Momento decisivo do jogo principal – entramos na decisão por pênaltis[174]. A equipe "Movimento Colonial" vai cobrar seus cinco primeiros pênaltis: 1) modelo de ensino do futebol nas IES; 2) modelo de ensino do futebol nos clubes; 3) dificuldades no futebol; 4) preconceitos no futebol; e 5) dificuldades para conciliar escola e futebol. Todos esses "pênaltis", possivelmente, contribuem para a produção de sujeitos "pés de obra" no futebol. Já os pênaltis da equipe "Giro Decolonial" foram definidos a partir de indagações respondidas pelos jogadores/participantes. Em sua opinião, como os profissionais de EF podem contribuir para conciliar a formação escolar com a formação futebolística dos futuros jogadores? Como você tem lidado com essas dificuldades no seu campo de atuação no futebol? Se existem preconceitos, como os profissionais de EF podem contribuir para a diminuição desses no futebol? Com base nas respostas dos "jogadores/participantes", programamos a seguinte sequência de cinco cobranças de pênaltis pela equipe "Giro Decolonial": 1) alternativas para um modelo "outro" de ensino do futebol nas IES; 2) alternativas para um modelo "outro" de ensino do futebol nos clubes; 3) alternativas para mitigar as dificuldades no futebol; 4) alternativas para mitigar os preconceitos no futebol; e 5) alternativas para possível conciliação entre escola e futebol.

As cobranças vão ser alternadas. Após cada pênalti cobrado pela equipe "Movimento Colonial", será cobrado um pênalti pela equipe "Giro Decolonial". Os pênaltis cobrados pela equipe "Giro Decolonial" têm a intenção de diminuir/amenizar/mitigar a produção de sujeitos "pés de obra" no futebol. Também neste momento do jogo, optamos por limitar os discursos que se referem a contextos semelhantes, seguindo o critério de amostra por saturação.

Para facilitar o entendimento do leitor/torcedor, elaboramos quadros para elucidar as cobranças de pênaltis. O Quadro 4, a seguir, apresenta as alternativas para um modelo "outro" de ensino do futebol nas IES. Que comecem as cobranças!

Admitimos que os cursos de EF enfrentam dificuldades para darem conta de toda a formação e constituir profissionais prontos e acabados (FREIRE, 1996), até porque não é este

[174] Pretendemos mostrar, nas imagens 25, 26 e 27, alguns momentos de uma decisão por pênaltis no futebol/futsal. Na imagem 25 – a concentração coletiva para decisão por pênaltis – mostramos o momento em equipe se reúne e troca palavras de apoio ao goleiro e aos colegas que irão cobrar as penalidades. Na Imagem 26 – o goleiro defende o pênalti – demonstramos a defesa do goleiro na cobrança de um pênalti no futebol 7. Já na imagem 27 – a cobrança de um pênalti – visitamos o momento da cobrança do pênalti da equipe de futsal masculina da UFC. As imagens utilizadas fazem parte do acervo de fotografias da DDU-UFC. As imagens são das equipes masculinas de futebol 7 e futsal da UFC, no ano de 2015, quando este professor/pesquisador/narrador era o treinador dessas equipes.

o seu objetivo. Entretanto, isto não pode servir como desculpa para o descaso das instituições formadoras, e de professores, com o esporte (futebol) que simboliza a maior expressão popular do Brasil (GUTERMAN, 2009).

Quadro 4 – Alternativas para um modelo “outro” de ensino/conhecimento do futebol nas IES

Equipe Movimento Colonial	**Equipe Giro Decolonial**
O pequeno espaço da disciplina futebol/futsal no currículo da EF	*- Temos um projeto de extensão muito forte com nossa equipe de futsal feminino.* *- Hoje na instituição as disciplinas de futsal e futebol têm a mesma carga horária e são obrigatórias.* *- Estamos tentando trazer o futebol essência, para dentro da faculdade, o futebol jogado de maneira natural, motivador, alegre, mas sem fugir dos princípios científicos.* *- Estamos organizando um pós-graduação aqui na instituição de futsal.* *- Nossa aula magna normalmente é voltada para o futebol.* *- Disciplina de futsal e futebol estão juntas até pela questão da carga horária, têm que colocar essas duas disciplinas dentro da grade.*
O modelo tradicional do profissional que ministra a disciplina de futebol	*- Não adianta a ação partir de um só professor, tem que ser um projeto da universidade e do clube, pois a universidade tem que se preparar para receber esse tipo de aluno, e oferecer essa possibilidade para os clubes.* *- Nós marcamos posição sobre os assuntos, pois somos referência, principalmente para a graduação. Nós professores da graduação não temos noção da força que a gente tem. Somos uma minoria privilegiada em nosso país, no que diz respeito à formação e conhecimento, desta forma nós somos os responsáveis pelas mudanças.* *- É importante que o professor traga questões para a sala de aula, que transcendam os conteúdos técnicos (específicos) do futebol, como também o assunto do preconceito para aula.* *- Entendo que a questão de empatia é muito importante para o coordenador e, eu me coloco sempre no lugar deles e ouço o que eles têm para dizer, e tenho sempre um tempo para eles.* *- É importante que os futuros professores sejam professores motivadores, suas aulas devem motivar as crianças para prática do futebol, suas aulas devem ser atraentes e com variedades de conteúdo.* *- O profissional de EF tem que tentar tratar todo mundo igual, não pode fazer no grupo diferenças.*

O aspecto generalista e tecnicista da disciplina de futebol.	*- Fazer um evento de futebol, e ter um momento para discutir sobre outros assuntos do futebol, por exemplo trazer um ex-atleta profissional para dar um testemunho da sua vida, falar da vivência dele.* *- Trouxemos vários palestrantes de renome, para mostrar que o futebol não é tão simples.* *- Incentivo os estudantes a fazerem seus TCCs na área do futebol como formação social, para conhecer outra realidade do futebol.* *- Os preconceitos deveriam ser temas transversais que perpassassem por todas as disciplinas da graduação. Quanto mais se falar, mais discutir mais vamos conseguir minimizar essas questões. Todos os dias devemos nas aulas devemos bater um pouquinho nessa tecla, trazer o assunto para dentro da sala de aula, através de exemplos, devemos trazer mais exemplos do dia a dia.* *- Aqui na universidade trabalhamos essa questão mais direta, principalmente em relação essa questão do senso comum que o futebol profissional vai dar o máximo, a gente fala que é um caminho longo.*
O pouco aprofundamento no futebol que obriga os estudantes a buscar "muito mais" conhecimentos fora da Universidade	*- Procuro fazer com que os estudantes busquem essas novas informações e tragam para a sala de aula, para que se sintam corresponsáveis da sua formação e protagonistas na sala de aula.* *- Hoje temos a obrigação nos clubes que os treinadores tenham o diploma da CBF para atuar, acho que em breve será cobrado de outras funções.* *- Entrar na graduação, ver o que ele (aluno) quer e depois entrar no mercado de trabalho.*
Os professores que não são da área do futebol e ministram a disciplina.	*- Eu sempre indico para os meus estudantes (futuros professores) que querem trabalhar com o futebol, começarem pelo futsal e trabalhar com crianças. E digo também que só o ensino técnico não adianta, é importante saber lidar com pessoas, principalmente com crianças para saber se tu tens o dom para a coisa.* *- Vejo que o principal é ser um bom exemplo como professor.* *- É importante tu motivares os estudantes (futuros professores) para terem a ideia de como trabalhar com o futebol, desenvolver aspectos críticos, fazer os estudantes pensar, não aplicarem nos seus trabalhos formulas prontas.* *- O futuro profissional de EF que vai trabalhar com o futebol, deve saber que a formação do atleta de futebol no Brasil não é a ideal, nossos atletas/estudantes chegam com dificuldade cognitiva.*
A dificuldade motora dos estudantes para realizarem as disciplinas práticas (futebol/futsal) na EF	*- Deveríamos fazer um trabalho com os estudantes que ingressam nos cursos de EF de desenvolvimento motor, para depois ensinar a prática dos esportes.* *- Tento trazer atividades que todo mundo consiga desenvolver, trago atividades não tão fáceis para os estudantes com mais habilidades e não tão difíceis para os que tem menos habilidade. Tento fazer uma aula que possa atender a todos, mais é difícil.* *- Em relação às turmas mistas no ensino do futebol nas universidades, tendo de adaptar atividades para que todos participem.* *- Tento diversificar e simplificar o máximo as atividades, pois a turma é heterogênea na universidade.*

A falta de espaço físico apropriado para trabalhar a disciplina de futebol	*- Na minha visão a instituição de ensino que tem um campo de futebol para trabalhar, tem "ouro" nas mãos.* *- Apesar das dificuldades de infra estrutura das escolas, nós temos que ensinar nosso futuro professor adaptar seu trabalho, em locais de que não tem goleira faz com chinelos. O importante é proporcionar que os estudantes possam jogar o futsal e o futebol, mesmo que seja adaptado.* *- Eu tento adequar o meu trabalho as minhas condições e a minha realidade, com aquilo que eu tenho, não dando o passo maior que as pernas, desta forma, acho que contribuo para melhorar as condições dos meninos.* *- O futsal é uma ferramenta muito importante para o futebol.* *- Nós temos que adaptar toda a sistemática do processo de ensino e aprendizagem do futebol nos espaços que a gente tem.*

Fonte: Autoria própria (2020).

Entendemos que a EF e o futebol, possuem conhecimentos didáticos e pedagógicos inovadores, porém, as mudanças na forma de atuação dependem principalmente do interesse e da perspectiva profissional dos gestores, professores e estudantes.

Defendemos que as IES-EF, devam valorizar o futebol em seus currículos, promovendo ações pedagógicas e projetos institucionais, pois, muitos são os incentivos e programas governamentais com o futebol. O governo federal anterior (2009) criou uma secretária do torcedor e do futebol, dentro do Ministério do Esporte. O governo atual (2020) instituiu um programa chamado "Academia & Futebol"[175], destinado ao fomento da produção e da difusão de conhecimentos e à formação continuada de profissionais relacionados ao futebol. O programa foi criado com o intuito de permitir, no Brasil inteiro – mediante parceria com as universidades federais –, a possibilidade de um desenvolvimento mais qualificado dos profissionais que trabalham na área do futebol, por meio da realização de cursos, seminários e estágios. Neste sentido, entendemos que as IES-EF, na figura de seus gestores e professores, deveriam estar em consonância com as propostas governamentais e os interesses da sociedade, pois como já mencionado, muitas vezes, nesta partida, o futebol faz parte da formação sociocultural do brasileiro. Reafirmamos nossa convicção de que academia/universidade deveria ter um "outro olhar" para o futebol, desconstruir o conceito "marginalizado" que o futebol possuí no meio científico e desmitificando a ideia de que o futebol seja o "ópio do povo".

No sentido anterior, acreditamos que uma das ações para essa "desconstrução" deva partir dos cursos de EF – disciplina de futebol –, promovendo o aprofundamento do conteúdo,

[175] Ver BRASIL (2020). Disponível em: https://www.gov.br/cidadania/pt-br/noticias-e-conteudos/esporte /noticias_esporte/secretaria-especial-do- esporte-lanca-edital-para-estruturar-programa-academia-futebol-nas-universidades-federais. Acesso em: 20 ago. 2020.

relacionando-o aos conhecimentos de outras áreas[176] e ao contexto social, ultrapassando a dimensão exclusivamente procedimental tradicional do futebol e, assim, ampliando sua área de alcance para as dimensões conceituais e atitudinais do esporte. Pensamos que a docência, principalmente na formação inicial de professores em EF, possa contribuir para formar um sujeito crítico, questionador e pesquisador, corresponsável pela construção da sociedade em que se insere.

Na sequência, o Quadro 5 traz as alternativas para um modelo "outro" de ensino/conhecimento do futebol nos clubes.

Quadro 5 – Alternativas para um modelo "outro" de ensino/conhecimento do futebol nos clubes

Equipe Movimento Colonial	**Equipe Giro Decolonial**
A alta carga de treinamento que os clubes submetem os jovens atletas	*- Os estudantes têm que treinar pela manhã e estudar à tarde alguns já fazem isso. Têm que ser uma política institucional, o atleta treinar num turno e estudar noutro, aí o treinador vai se obrigar a cobrar isso.* *- Nós tentamos trabalhar de forma mais leve, para que eles possam levar as coisas com mais espontaneidade e não tragam a pressão que já é natural do futebol, para o seu dia a dia.* *- O clube dá alojamento, alimentação, educação, plano de saúde, treino, viagens, infra estrutura, acompanhamento pedagógico.*
A formação deficiente dos profissionais de futebol	*- É importante que o profissional de EF tenha felling, tenha a sensibilidade que não é apenas um atleta de futebol que está ali, ali está um ser humano que precisa ser desenvolvido de forma integral.* *- Uma coisa importante que o clube tem feito é tentar integrar os setores, não deixar a psicologia sozinha, não deixar o pessoal do campo sozinho, não deixar a assistente social sozinha e outros, porque o produto final é o atleta no campo, e quando ele vai para o campo ele não vai sozinho, ele vai carregando o trabalho de muitas pessoas que estão a sua volta.* *- É importante que todo o corpo diretivo e as comissões tenham formação acadêmica, pois trabalhamos com jovens e crianças e somos espelhos para eles, todos tendo formação também incentiva os jovens a seguir esse caminho.* *- Como professora de EF eu sou uma educadora e desta forma, que tenho que fazer a diferença, para fazer o clube evoluir.* *- O treinador que vai trabalhar na base do futebol, deve ter a percepção para buscar as melhores estratégias e metodologias, para que possa contribuir, tanto com a formação técnica como a pessoal dos atletas.* *- O profissional de EF tem que contribuir com o processo porque ele é diferenciado, ele está mais próximo dos atletas, trabalha com o lado humano, ele toca nas pessoas, e por isso pode influenciar muito esses meninos.*
O empírico processo de seleção de atletas	*- Aqui no clube o coordenador geral tenta não mandar ninguém embora, caso ele não fique aqui no clube, tentamos coloca-los em outro clube que seja nosso parceiro. Assim a gente não descarta porque eles não são mercadorias.*

[176] Ver Rezer (2010).

	- Hoje no clube nós temos tantas ferramentas de avaliação, nós damos muitas oportunidades para eles jogarem e, quando tomamos a decisão, a gente consegue minimizar o nosso sofrimento. *- Aqui no clube ouvimos várias pessoas no momento de definir se o atleta vai ficar ou não.*
A especialização precoce dos jovens atletas	*- O clube hoje trabalha na formação integral dos atletas, em outros anos pensava-se nas conquistas das categorias de base. Hoje a gente para formar procura trata-los como seres humanos, e não como mercadorias que ganharam e depois de conquistarem os títulos não servem mais.* *- Trabalho em aula a questão da iniciação precoce, tenho uma aula sobre esses assuntos em todas as minhas disciplinas de esporte. Nesta aula mostro os métodos adequados para a iniciação para a especialização.*
A falta da formação humana no futebol	*- Nós profissionais de EF formadores de professores devemos contribuir nessas questões nas nossas aulas. Podemos trabalhar com situações problemas na sala de aula tipo: Tu sendo um treinador da base e teu jogador que parar de ir à escola o que farias?* *- Nós temos que dar uma formação humanista na nossa área, para nossos estudantes saberem lidar com o outro, se preocupar com o outro. Isso impactaria na formação e na atuação profissional.* *- Também trabalhamos com palestras e conversas para conscientiza-los da importância da escola, junto aos setores da psicologia e da pedagogia. É importante mostrar e dar experiências de vida fora do CT, e mostrar que lá a vida é bem mais difícil. Mostrar para eles que devem dar valor para família, é por eles que saem de casa e vem trabalhar, mostrar como eles podem orgulhar seus familiares.* *- Aqui no clube temos projeto de doações de materiais para as comunidades carentes do município. Temos um projeto terça à tarde com crianças de escolas carente da comunidade, onde os campos e os profissionais de EF do clube ministram treinos para essas crianças.* *- Duas a três vezes no ano, nossos atletas vão a universidade para participar de palestras com os profissionais da universidade, e esse convívio na universidade para nossos atletas é muito importante.* *- Eu penso que os clubes deveriam ter áreas multidisciplinares que ocupassem o tempo dos meninos além da escola e além do treino. Algo relacionado com a escola (sala de estudos, pedagogos), algo para completar o aluno-atleta.* *- Temos que trabalhar valores com os pequenininhos com os de 10 anos.* *- Trabalhar sempre com auto estima, sempre procurar valorizar quem está do teu lado, procurar valorizar as coisas boas que as pessoas fazem, procurar valorizar sempre mais o positivo do que o negativo.*

Fonte: Autoria própria (2020).

Avaliamos que o Brasil apresenta uma lacuna de conhecimento no futebol em diversos segmentos, prejudicando a formação de seus profissionais e, consequentemente, de seus futuros jogadores. Desde os primeiros passos no processo de formação de futuros atletas – na escola ou na escolinha de futebol – até a chegada ao clube, na sua formação em suas categorias de base, há muito ainda que melhorar em termos de conhecimento e qualidade na prática do processo de ensino-aprendizagem e treinamento.

O processo de qualificação dos profissionais deve ser continuo. A busca pelo conhecimento não pode parar quando o profissional ingressa em um clube de futebol. Reputamos a supervisão e/ou orientação de cargas de treinamento devam ser de responsabilidade dos profissionais que trabalham na formação de atletas, pois esses estão trabalhando com a formação de crianças e adolescentes. Defendemos que a carga horária de treinamento de um atleta em formação deva estar adequada a sua faixa etária, conforme indicação da ciência esportiva[177]. Durante sua formação, os meninos devem continuar convivendo com os amigos, indo ao cinema, shopping, brincando, jogando bola na rua, namorando, levando uma vida de criança/adolescente. Além disso, devem ter tempo destinado à escola e ao descanso.

Em atenção ao anterior, compreendemos que os profissionais que irão trabalhar na formação precisam ser escolhidos pelos clubes com base na sua qualificação, bem como que os clubes devam dispor de uma boa infraestrutura nos centros de treinamento para o desenvolvimento integral dos atletas, proporcionando a formação continuada de seus profissionais. Assim, consideramos que uma proposta de treinamento para o futebol deva dar relevância à questão da reflexão e inserção no futebol não só pela prática, mas também, e principalmente, pela formação humana[178].

O Quadro 6, a seguir, sintetiza as alternativas para reduzir as dificuldades no futebol, confrontando ideias das perspectivas colonial e decolonial.

Quadro 6 – Alternativas para mitigar as dificuldades no futebol

Equipe Movimento Colonial	**Equipe Giro Decolonial**
O difícil mercado de trabalho no futebol	*- Uma ideia nova que os clubes de futebol estão tendo, é fazer parcerias com universidades e colocar seus atletas para estudar, aqui temos vários casos. Porque se ele não virar jogador profissional vai ter uma outra possibilidade na vida ao concluir o ensino superior.* *- Temos um projeto com a Universidade La Salle, onde vários atletas nossos estudam na Universidade. Nossa propaganda é: "você pode ver nosso jogador na sala de aula e também defendendo as cores do nosso clube". Nós tentamos mostrar que uma coisa não exclui a outra.* *- Em relação ao futebol falamos para os estudantes que eles podem trabalhar em outras dimensões: com o futebol feminino, futebol saúde, futebol veterano.* *- Tenho que ampliar minhas possibilidades de sucesso na vida. Eu estou no futebol, mas tenho que olhar para o outro lado, qualquer outro lado, apreender outro ofício. Aprender o clube da vida.*
O descaso do Estado com o futebol amador	

[177] Ver Gomes (2009).
[178] Ver Hitora; Paiano (2007); Scaglia (1996).

	- Temos que lutar contra isso, mas não adianta 2 ou 3 levantarem essa bandeira e ficar sozinhos no meio da multidão, dessa forma não vai resolver muita coisa. Acho que está questão deve ser revista num plano maior, de estado. *- Nós somos agente de mudança, o clube tem parceria com a prefeitura, e disponibiliza que uma vez por semana as crianças carentes venham treinar aqui no CT com nossos profissionais. Em troca a prefeitura sede professores particulares para auxiliar nossos atletas.* *- O incentivo para os pequenos clubes poderia ser maior, e isso nós vemos num país aqui perto que é o Uruguai, lá é bem regionalizado, são clubes de bairro com campos próprios e com torcida própria, sobrevivem e forma muitos jogadores, com muito menos condições que aqui no Brasil.*
A difícil relação com as pessoas que cercam os atletas em formação – *entourage*	*- Tem que ter paciência e uma comunicação boa, porque a vontade de estourar é muito grande, mas tem que ter paciência porque muitas vezes não é o que o atleta quer e sim o representante.* *- Nós mostramos para eles que aos 16 anos eles vão assinar seu primeiro contrato com o clube, e seria importante que eles lessem o contrato e não ficarem nas mãos de alguém para negociar por eles.* *- A conversa cara a cara é melhor solução, tem que conhecer as necessidades de cada um pois eles são muito diferentes, tem jovens rico, pobres, com família, sem família, os que querem mandar os submissos, a conversa é a melhor solução.*
A diferença econômica no futebol	*- Se eu fosse empresário, ofereceria bolsas de estudos para meus atletas 50%, 100%, seria mis uma coisa que poderia oferecer além do material esportivo, suplementação alimentar, seria mais uma forma de atrai-lo para eu gerenciar a sua carreira.* *- A gente aqui no clube prima pela conscientização dos atletas, mostrando se eles estivessem em outros clubes as condições seriam muito piores, tentamos fazer com que eles valorizem onde eles estão, e que aqui no CT eles têm todas as condições de se tornarem jogadores.* *- Conscientizo os meninos, através da conversa, sobre a nossa realidade. Falo muito com eles a respeito do futuro, para a gente desenvolver alguma coisa na vida, a gente vai ter que ultrapassar algumas coisas, quanto maior for a dificuldade agora, mais fácil vai ser lá na frente. Porque se tu não tiveres dificuldade agora, tu não vais obter êxito lá na frente.* *- O clube deve procurar aporte financeiro na comunidade para suprir as dificuldades financeiras.* *- No aspecto competitivo nós criamos alternativas através da criatividade para continuar jogando e não prejudique o orçamento do clube.* *- Para diminuir as diferenças os meios de comunicação devem dar mais espaços na mídia para os clubes pequenos.*

Fonte: Autoria própria (2020).

Trabalhar com futebol parece ser o sonho de muitos jovens que ingressam na EF. Ser jogador e técnico no alto rendimento são apenas algumas das opções – as mais difíceis de alcançar – dentre um vasto campo de atuação. No futebol o profissional pode exercer funções de fisioterapeuta, coordenador metodológico, *personal soccer*, educador físico, nutricionista, analista de jogo, entre outras. Para atingir esse objetivo, o profissional precisa ter boa formação

em uma IES, realizar estágios na área de interesse, formação continuada – cursos de especialização – e, principalmente, acreditar e si e no seu trabalho.

Para que os futuros profissionais do futebol possam ingressar no mercado de trabalho com qualificação, é fundamental o apoio do Estado nos diversos segmentos do futebol, inclusive o futebol amador, pois é nesse segmento que está a essência do futebol brasileiro. É do futebol amador que saíram/saem muitos dos nossos jogadores. Além disso, o futebol amador envolve famílias, amigos, comunidades inteiras. É o futebol que revela talentos, que descobre valores, que exerce um importante papel de integração social, de confraternização, de aproximação dos excluídos. Também significa, muitas vezes, a única fonte de lazer para as populações da maioria das vilas, bairros, zonas rurais e até de cidades inteiras. E, como toda modalidade esportiva, auxilia na promoção da saúde do corpo e da mente e se constitui instrumento para tirar muitos jovens dos vícios.

Nesse sentido, o Ministério do Esporte deu um passo importante no apoio ao futebol amador. No dia 25/02/2016 foi lançado o programa "Futebol para Todos"[179], com o objetivo de fomentar o futebol amador em suas diferentes categorias no Brasil. Cerca de 10 mil atletas de dez municípios já foram beneficiados com o programa e a meta é atender 100 mil jovens. Já em 2020, a Secretária Especial do Esporte criou o programa "Academia & Futebol" com intuito de qualificar os profissionais que atuam ou pretendem atuar no futebol, futsal e *beach soccer*. O programa tem como estimativa, no primeiro momento, que quatro mil pessoas sejam atendidas diretamente com a prática do futebol e que sejam realizados 108 cursos de formação, atendendo 21 mil pessoas.

Entendemos que propostas como essas podem qualificar os profissionais do futebol, amenizando as diferenças de possibilidades de crescimento profissional, preparando-os para tratar com as pessoas que permeiam o futebol. Para isso, acreditamos que a primeira ação nos programas de formação deve tratar a prática do futebol, futsal e *beach soccer* como direito de cidadania.

Interpretamos que o futebol faz parte da cultura nacional e que, como tal, deveria ser tratado pela sociedade do futebol como uma manifestação sociocultural e não como uma possibilidade de expressar seus sentimentos mais perversos. Acreditamos que muitos desses sentimentos/preconceitos/atitudes, em nome do futebol, acontecem pela impunidade, pois, as punições para essas ações ainda são brandas, ou nem são levadas em consideração pelo poder público e clubes de futebol. Compreendemos que os profissionais de EF, em seus espaços,

[179] Ver Brasil (2016).

devem manifestar indignação a respeito desses fatos, trazendo essa temática para suas aulas/treinos [180] com o objetivo de conscientizar seu público a respeito de atitudes preconceituosas, considerando que, como professor/orientador, cabe-lhe também a responsabilidade pela formação para a cidadania.

Apresentamos, na sequência, o Quadro 7, com as alternativas para mitigar os preconceitos no futebol, ainda marcantes em decorrência da colonialidade.

Quadro 7 – Alternativas para mitigar os preconceitos no futebol

Equipe Movimento Colonial	**Equipe Giro Decolonial**
O esporte futebol é preconceituoso (cultural).	*- As pessoas que tem oportunidade de falar, não podem omitir-se, não podem calar, tem que falar, pois existe o preconceito e ele deve ser debatido e combatido, devemos reduzir as diferenças, ficar igual, pois todos somos iguais.* *- A gente trabalha com 25 atletas diariamente, estamos muito perto deles, a gente tenta mostrar alguma coisa que aconteceu na sociedade e conversar com eles a respeito, a gente tenta plantar uma sementinha, mas a gente sabe o que afeta a sociedade também afeta o futebol.* *- Procuramos sempre conversar com os atletas e com as pessoas que trabalham no clube, para procurar não praticar qualquer tipo de preconceito, seja ele agressivo ou recreativo.* *- A única forma da gente acabar com a cultura do preconceito é de uma forma radical, não abrir nenhuma exceção e não aceitarmos nada.* *- Eu acredito que a escola, a universidade e o clube deveriam abordar a temática do preconceito, seja através de palestras com pessoas capacitadas, ou com atletas que sofreram preconceitos.*
O machismo no futebol	*- Em relação aos preconceitos com mulheres aqui na instituição nós passamos nas aulas para divulgar os resultados da nossa equipe feminina de futsal, e convidamos os estudantes para assistirem os treinos e jogos das meninas. Muitas vezes os homens se surpreendem como elas jogam bem.* *- A EF é ampla deve trabalhar diversos temas, principalmente sobre o machismo no futebol.* *- O que eu tenho feito para trabalhar a temática do preconceito é de forma indireta nas aulas, eu trago vídeos para mostrar o futebol no aspecto técnico, tático de estrutura de jogo com mulheres jogando. Eu tento desconstruir algumas coisas deles indiretamente, não forço direto, trago exemplo de mulheres para eles perceberem que as mulheres também sabem jogar futebol.*
A homofobia no futebol	*- Uma coisa que temos conversado e estamos nos preparando é que vamos ter atletas homossexuais de forma explicita, atletas namorando entre eles. Nós vamos ter que lidar com essa realidade que é natural.*
O racismo no futebol	*- Nós trazemos para dar palestras aqui na instituição muitas pessoas da área do futebol. Tivemos uma palestra sobre racismo no futebol com o árbitro Márcio Chagas.* *- Aproveitamos situações de preconceito que ocorrem no futebol, e trazemos para debates na aula, principalmente sobre o racismo. Em uma das aulas*

[180] Ver Balzano; Pereira Filho; Oliveira (2010); Balzano; Silva (2018); Balzano; Silva; Munsberg (2018).

	levei um artigo sobre racismo e fizemos um debate e depois um trabalho sobre o assunto do artigo. *- Nós vamos levar alguns meninos para uma palestra sobre racismo no futebol na PUC.* *- Nós mostramos aqui no clube para nossos atletas, que tivemos vários jogadores negros que se destacaram e levaram o nome do clube para história.* *- No dia a dia de maneira informal, a gente traz esse tema, falamos de exemplos de atletas negros e brancos que estão em destaque, para não fomentar mais essas diferenças.* *- Pretendo futuramente trabalhar com a temática de gênero e raça nas minhas aulas de futebol, trazendo pessoas para falar sobre esses assuntos com os estudantes, pessoas capacitadas que pesquisem sobre esses temas e pessoas do meio do futebol, como o treinador Roger Machado.* *- A gente tenta trazer muito para eles, situações que aparecem na TV, a respeito de racismo, que atleta não estuda e é chamado de burro, de atletas que se aposentaram e não souberam administrar o dinheiro, tudo isso a gente trás e mostra para os atletas o que é certo e o que é errado.*
As diferenças no futebol	*- Eu trabalho a parte humana nas minhas aulas, faço que todo mundo participe, trabalho com as diferenças, os que tem mais e os que tem menos habilidade tem que participar, mais é difícil.* *- Tenho um menino com problemas mentais, organizo situações no jogo e treinos para que ele se sinta importante, onde ele possa ganhar tipo 3x1, faço com que os outros também confiem nele.* *- Quando algum menino debochava do menino com deficiência conversava isoladamente com ele e mostrava que ele era mais dos nossos colegas, e que ele tinha que ajuda-lo.* *- Em relação aos atletas eu falo que o futebol é para todos, todos podem buscar sua realização através do futebol, não é por ter mais condições financeiras que tu não podes tentar uma chance no futebol, tem que ter talento não interessa a classe social.* *- Aqui no clube joga quem é melhor tecnicamente não interessa a cor tem que ser bom de bola.* *- É papel nosso fomentar nos meninos que todos são iguais.* *- Dou oportunidade para todos se destacarem e mostrarem-se através de jogos de todos os níveis amistosos e de campeonatos.*
A xenofobia (atletas de fora)	*- O clube busca escolas para os atletas que chegam de fora.* *- Nós temos mudado a nossa prática, estamos trabalhando o dia a dia, principalmente a questão do respeito e de enxergar o outro.* *- Nós aqui tentamos conscientizar nossos atletas que o mais importante é aceitação do outro, seja ele um novo componente da comissão, ou um novo colega que passou na avaliação, aqui nós queremos trabalhar com a inclusão para que todos cresçamos fortes.*
O profissional do futebol (cultural)	*- Eu procuro, quando não estou trabalhando, ficar o maior tempo possível com minha esposa e com minha filha, converso com elas, explicou que a vida do futebol é assim mesmo.* *- Acho que a interação entre os ex atletas e os profissionais de EF ajudariam muito na diminuição desse preconceito, a troca de experiências entre eles seria muito importante, pois ambos têm muito para contribuir com o trabalho no futebol, o ideal seria uma comissão formada por ex atletas e profissionais de EF.* *- Trago como exemplo o profissional de EF ele trabalha com todos os tipos de pessoas, não faz discriminação e isso deve ser um exemplo.*

	- O preconceito no Brasil é cultural, mas a cultura é dinâmica, as coisas estão mudando, hoje já tem muitos jogadores profissionais estudando, aqui na instituição nós facilitamos para que jogadores de futebol possam estudar.

Fonte: Autoria própria (2020).

O clube de futebol no Brasil que melhor explora o esporte para combater os preconceitos institucionalizados no mundo do futebol é o Esporte Clube Bahia, aproveitando a voz que tem com o seu público para tratar de temas estigmatizados pela sociedade e que, talvez, não fossem ouvidos se abordados por outros meios. O clube já realizou campanhas[181] sobre assédio no estádio, homofobia, racismo, intolerância religiosa, entre outras. Essas ações surgiram a partir da compreensão de que a instituição tem poder junto à população, especialmente sua torcida, levando as pessoas a refletirem sobre temas importantes – que vão muito além do esporte –, visando à construção de uma sociedade melhor.

Sabemos que ainda existe um longo caminho a trilhar para que os casos de preconceito e discriminação deixem de existir. Afinal, eles são reflexos de uma sociedade preconceituosa e racista. Sustentamos que tantos os clubes quanto as instituições de ensino devam divulgar e condenar publicamente os casos de discriminação, bem como desenvolver ações informativas e educacionais que visem erradicar essas ações que tanto mancham nossa sociedade. O Quadro 8 apresenta as alternativas para uma "possível" conciliação entre escola e futebol.

Quadro 8 – Alternativas para "possível" conciliação entre escola e futebol

Equipe Movimento Colonial	**Equipe Giro Decolonial**
O modelo de escola tradicional que não atrai os jovens atletas	*- Nós os incentivamos de todas as maneiras para que eles entendam a importância da escola.* *- Quanto mais a gente conseguir mostrar que é para o bem deles e não uma tortura ir à escola.* *- Pelo fato de a gente trabalhar com a coisa que eles mais gostam e estar mais perto deles, temos mais facilidade de intervir em questões que envolvam a escola, em relação as próprias pessoas da escola e da pedagogia aqui do clube.* *- Hoje no clube nós fazemos atividades e estímulos para que eles entendam a importância da escola e se possível gostem de ir para aula.* *- Temos uma pedagoga que auxilia muito nessa relação do clube, meninos e escola. Inclusive ela organizou junto às escolas a participação de todos os meninos do clube no desfile de 7 de setembro.* *- Esse convívio das pessoas da universidade aqui no clube, fazendo pesquisa e atendendo nossos atletas é*

[181] Ver Observatório da Discriminação Racial no Futebol (2019).

	muito importante para a formação integral dos nossos atletas, é uma via de mão dupla. *- Tem uma escola aqui do município que todo ano faz uma feira de ciências, é sensacional ver nosso atleta fazendo coisas diferentes.*
A pressão da família na formação esportiva dos jovens atletas	*- A gente chama os pais para conversar, a maioria apoia o nosso trabalho, principalmente porque temos uma estrutura muito boa com psicóloga e pedagoga.* *- O que eu acho que dá para fazer é perguntar para escola se o menino pode sair mais cedo, adaptar as vezes o horário aos treinos, mas isso quem tem que fazer é os pais.* *- Aqui no clube eu tento ajudar conversando principalmente com os atletas que não tem pais. Muitas mães me ligam relatando os seus problemas e pedindo para eu ajudar, pois em casa falta a figura paterna. Eu sempre tento ajudar com conselhos.* *- Eu gosto que os pais assistam os jogos para conhecer quem são seus filhos, e conhecer também as condições deles no futebol, se podem ser titulares ou reservas. Eu conto muito com a presença dos pais no meu trabalho, tento mostrar que são seus filhos.*
O discurso do "senso comum" que jogador não precisa estudar.	*- Hoje eu mostro para eles através de conversas, que todas as pessoas que trabalham com eles aqui no clube, têm sua formação fora do futebol. Eu mostro que todas as pessoas que trabalham com eles chegaram até ali, porque têm formação e esse é ponto mais importante que temos para mostrar para eles.* *- Acho que as federações poderiam criar regras tipo clube que tem estudantes em evasão escolar ou muita distorção de série não participa de campeonatos.* *- Outro dia pagamos um professor particular de matemática para que 6 atletas pudessem fazer a prova.* *- Nós já tiramos jogador de viajem porque faltou na escola. Nós combinamos com ele se faltar a escola vai ficar 15 dias correndo e não vai tocar na bola, mesmo ele sendo titular da equipe aqui na base é assim, quando ele chegar no profissional vai ser diferente.* *- Temos parcerias com 3 escolas do munícipio, o clube é quem paga o ônibus, para os estudantes da escola participarem de trabalhos extra classe em atividades fora do município.* *- O profissional de EF tem o poder sobre os meninos, como exemplo coloco que só será convocado que foi na escola a semana toda. Eu tenho esse poder até para selecionar quem eu quero que jogue como também para forçar eles irem na escola.* *- O que eu faço aqui é pedir o atestado escolar dos meninos.* *- Aqui no clube os atletas até 18 anos são obrigados a estarem matriculados nas escolas. Depois dos 18, como são adultos não tem obrigatoriedade. Nós temos um atleta que chegou no meio do ano e não estava estudando, ele já foi avisado se quiser seguir aqui vai ter que estudar em alguma escola.*

Influência da mídia mostrando "somente" o lado positivo do futebol.	*- Trabalhar na escola com a temática da mídia no esporte mostrando a realidade.* *- É importante mostrar e dar experiências de vida fora do CT, e mostrar que lá a vida é bem mais difícil. É importante mostrar para eles o lugar que eles estão, mostrar que eles têm que valorizar isso, que aqui eles têm mordomias que muitos lugares não têm, e a TV não mostra isso.*

Fonte: Autoria própria (2020).

Observamos que na escola básica/tradicional o ensino ainda tem foco na teoria/repasse de conteúdo. Ora, esse lado puramente intelectual do ensino, na prática, não atende à expectativa dos estudantes/adolescentes. É fundamental mudar essa realidade para dialogar com esse "novo aluno", que exige motivação para aprender e aplicação cotidiana do que foi ensinado/aprendido – o que significa desafios com foco na realidade. Percebemos que o mundo atual exige uma escola e uma educação que desenvolvam os conteúdos relacionados à prática[182], o que exige mudança de metodologia para desenvolver capacidades que desafiem os estudantes a construírem a sua identidade.

Julgamos que um aspecto importante a ser destacado na contribuição para a conciliar treinamento de futebol com o rendimento escolar seja o acompanhamento dos jovens pela família. Quando os pais acompanham, com proximidade, o desenvolvimento do aluno junto à escola e o treinamento desportivo, os jovens sentem-se amparados para conciliar as duas situações de forma harmônica. Apostamos que a preparação esportiva e a formação integral do aluno devam ser buscadas através de uma adequada atenção ao tempo e à qualidade do trabalho desenvolvido entre o treino e estudo. Assim, destacamos a importância dos técnicos e dos professores das escolas, motivando e controlando o processo – relacionamento, notas e frequência – realizado pelos estudantes-atletas, visando à melhoria de desempenho educacional e esportivo.

A cobrança dos cinco pênaltis alternados termina empatada. Agora vamos para a cobrança alternada de um pênalti por equipe. Quem levar vantagem, ganha o jogo e fica com o título. O goleiro da equipe "Giro Decolonial" está confiante e o melhor batedor de pênalti da equipe foi guardado para esse momento.

[182] Ver Darido; Souza Júnior (2010); Homrich; Souza (2013).

8 O PÊNALTI DECISIVO, O GOL, A VITÓRIA NO CLÁSSICO E O TÍTULO [INDICADORES PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA PROPOSTA DE ENSINO DO FUTEBOL NA PERSPECTIVA DECOLONIAL]

Imagem 28 – Cobrança do pênalti decisivo

Imagem 29 – Comemoração do título

Imagem 30 – Foto da equipe campeã

8 O PÊNALTI DECISIVO, O GOL, A VITÓRIA NO CLÁSSICO E O TÍTULO [Indicadores para a construção de uma proposta de ensino do futebol na perspectiva decolonial]

Última cobrança de pênalti[183]. A equipe "Movimento colonial" cobrou o seu pênalti para fora. A oportunidade está toda nos pés do capitão da equipe "Giro Decolonial". O momento é tenso. Torcedores, comissão técnica e jogadores aguardam a batida. Muita expectativa, pois foram quatro anos para chegar até o título. O capitão caminha para a marca do pênalti, arruma a bola. Nesse momento, muitas coisas devem estar passando por sua cabeça, pois o trabalho para chegar até aqui foi árduo, mas prazeroso. O jogador dá seis passos para trás em relação à marca da cal. Corre em direção à bola, chuta de pé esquerdo e, é goooool!

Temos o entendimento de que, ao propormos indicadores para uma proposta de ensino do futebol na perspectiva decolonial, um dos pontos essenciais no processo de decolonização seria a percepção do que é a colonialidade. Acreditamos que a *"*compreensão do que é colonialidade*"* seria o "primeiro indicador" para essa proposta de ensino, pois, a partir desse momento – compreensão –, iniciamos um processo de libertação intelectual e, posteriormente, política, social, religiosa, esportiva, entre outras. Uma implicação fundamental da noção de "colonialidade do poder" é que o mundo não foi completamente decolonizado. Ainda existem ordens hierárquicas nas relações raciais, étnicas, sexuais, epistêmicas e de gênero. Os legados do colonialismo europeu, tanto em ordens sociais como em formas de conhecimento, continuam impondo valores para certos povos e privando direitos a outros.

Compreendida a extensão da colonialidade, é possível visualizar as ligações de dominação ainda persistentes na sociedade[184], e que precisam ser desfeitas para uma completa democracia e liberdade das minorias que foram segregadas. A violência epistêmica exercida pelos colonizadores europeus manifestou-se em uma série de discursos que possibilitaram e

[183] Na intenção de mostrar momentos do jogo de futebol, apesentamos na imagem 28 – cobrança do pênalti decisivo –, instante em que o capitão da equipe de futebol 7 da UFC cobra o pênalti na final do campeonato brasileiro universitário de futebol 7, realizado em Goiânia no ano de 2015, dando o título nacional à IES. Na imagem 29 – comemoração do título – a equipe de futebol 7 masculina da UFC comemora o título brasileiro da modalidade, no ano de 2015, sendo a primeira IES pública a ganhar um título nacional em esportes coletivos. Já a imagem 30 – foto da equipe campeã – mostra o momento em que a equipe de futsal masculina da UFC tira a foto como campeã metropolitana adulto de futsal (série prata), no ano de 2015. As imagens fazem parte do acervo de fotos da DDU-UFC e mencionam as equipes masculinas de futebol 7 e futsal da UFC, no ano de 2015, quando este professor/pesquisador/narrador era o treinador dessas equipes.

[184] Problemas oriundos das raízes coloniais ocorrem de forma constante na sociedade. Um dos locais em que podemos observar, com frequência, acontecimentos como preconceito racial, xenofobia, violência, homofobia, entre outros, é no mundo do futebol. Este é um esporte em que a busca pelas vitórias acirra os ânimos e a capacidade de entendimento, de compreensão moral e ética, por vezes, desaparecem. (PIZARRO, 2014).

racionalizaram a dominação colonial, produzindo, assim, certas maneiras de ver "outras sociedades e outras culturas". A linguagem e os diferentes tipos de discursos são os instrumentos daqueles que usam esse tipo de violência, o que exige certa visão de mundo ou paradigma intelectual em que "o outro" é visto como segundo ou sub-humanos – animal, selvagens, etc. (CUNHA, 2018).

Em relação à colonialidade, é preciso promover a ruptura das estruturas e dos discursos eurocentristas de poder, colocando as minorias – e também maiorias subalternizadas – no centro de suas histórias, como protagonistas da narrativa histórica, e de forma a ser contribuinte direto na formação do conhecimento. A lógica decolonial seria, assim, uma desobediência epistêmica que desafiaria os modos de pensar eurocentrados e tradicionais, que produzem as formas de desigualdade, discriminação, exploração e dominação.

A decolonialidade é um confronto contínuo de desvincular a ótica eurocentrista, isto é, quebrar a ideia de que a história europeia seja a história da humanidade, acabando com as diferenças do sujeito europeu e não-europeu. O processo decolonial trataria, assim, de um deslocamento do lugar do pensar e da produção do saber: em vez de pensar dentro da lógica eurocentrista, sob o ponto de vista do europeu, passaríamos a pensar na perspectiva sócio histórica a partir da narração dos excluídos. Seria o Sul, geoepistemicamente situado, pensando para o Sul (CUNHA, 2018). Assim, ao optarmos pela perspectiva decolonial, concordamos, mais uma vez, com Mignolo (2014, p. 44), pois não estamos apenas aderindo a uma opção epistemológica "[...] uma opção de conhecimento, uma opção acadêmica, um domínio de estudo, mas uma opção de vida, de pensar e de fazer". A decolonização como um processo social interno propicia a ocupação de ambientes de reafirmação de seus discursos, de forma a concretizar o seu potencial libertador, sendo o futebol um desses espaços.

Julgamos que para acontecer a decolonização no campo educacional, os pesquisadores, no âmbito da academia, precisam passar por mudanças de atitude e de postura. Não basta teorizar, é preciso agir. Não basta dialogar, é preciso colaborar. Daniel Mato (2017) propõe a "colaboração intercultural" como projeto decolonial, articulando teoria e prática nas mais variadas modalidades de experiências colaborativas. Para o autor, o trabalho acadêmico precisa estar articulado com o ativismo social, cuja produção de conhecimento requer articulação com as práticas sociais dentro e fora da academia, em colaboração com outros atores sociais, promovendo o "diálogo intercultural" e a "construção de modalidades concretas de colaboração intercultural", para conquistar mudanças efetivas nas normas, nas políticas e nas práticas educacionais. Percebemos que essas mudanças também devem influenciar a EF, principalmente nos cursos de formação de professores e nas aulas dessa disciplina na educação básica.

Em continuidade do anterior, concebemos que o "futebol possa ser um espaço e uma 'ferramenta decolonial'". Este seria o "segundo indicador" para a construção de uma proposta decolonial de ensino do futebol. Mais do que um esporte, o futebol tornou-se um meio social complexo de representatividade da sociedade e da cultura popular brasileira. Apesar de um início marcado pela elitização, hoje é um espaço democrático, que agrega negros, mestiços, mulatos e brancos, no qual as minorias podem exercer um papel de centralidade e as nações do Sul podem quebrar a lógica da periferia-centro (PIZARRO, 2014) do tradicional sistema atual.

Em nenhum outro país do mundo o futebol incorporou-se tanto à alma popular quanto no Brasil (RINKE, 2007). O Brasil passou a se ver como o país do futebol. Segundo Guterman (2009), o futebol tornou-se a maior expressão popular do Brasil. Aos olhos de muitos aficionados é o último amor verdadeiro. Segundo Santos (1998, p. 32),

> [...] os ingleses nos deram um esporte. Nós, os pretos-índios-portugas, o transformamos numa arte [...].
> O futebol civilizou o Brasil. Foi ele que nos permitiu juntar o que era negro com o que era índio com o que era europeu. A bola é o índice de nossos defeitos e de nossas qualidades [...].

Para corroborar com essas afirmações, apresentamos dados do trabalho realizado pelo Ministério do Esporte, no ano de 2015, que se intitulava Diagnóstico Nacional do Esporte[185]. Conforme a pesquisa, 59,8% da população brasileira praticava futebol. Em relação ao gênero, 66,2% são homens e 19,2% são mulheres os praticantes de futebol no Brasil.

Defendemos que, para realizarmos essa transformação – quebra da lógica colonial –, necessitamos valorizar o futebol com "saber nosso", oriundo das classes populares, que faz parte da "nossa cultura" [186]e é significativo no contexto sociocultural da vida das minorias – ou, quem sabe, no somatório, maioria. O Brasil é um dos países do mundo que melhor sabe expressar esses sentimentos e oportunidades produzidos pelo futebol. Através da cultura do futebol revelamos hábitos e costumes e, principalmente, as identidades. O futebol é, sem dúvida, um fenômeno de grande valor no quadro da cultura desportiva contemporânea, principalmente das camadas mais pobres da sociedade. Paradoxalmente, é possível ainda constatar a existência de significativas "resistências" no que concerne ao reconhecimento do potencial educativo e formativo, que esta modalidade tem enquanto matéria de ensino e valor cultural. Mas apesar dessas desconfianças, o futebol no Brasil demonstra bem este processo de

[185] Ver BRASIL (2015). Ministério do Esporte. *Diesporte.* Diagnóstico Nacional do Esporte – Caderno I. Junho/2015.
[186] Ver Balzano, Oliveira e Pereira Filho (2010).

assimilação e transformação cultural. Hoje, até achamos que o futebol foi uma invenção brasileira. Talvez seja mais apropriado falar, conforme (BETTI, 1997), em uma reinvenção brasileira.

Nesta linha, J. B. Freire (2003, p. 13), acrescenta que

> [...] basta dar uma volta por aí, pelas areias das praias, pelas quadras de futsal, pelas ruas de terra ou de asfalto, por cada pedacinho de chão onde dê para rolar uma bola, que o observador atento descobrirá que o futebol para o brasileiro é uma grande brincadeira.

Nas descrições acima, constatamos que os meninos brasileiros nascem e crescem brincando/jogando com uma bola. Desta forma, tornando o futebol um produto cultural, originário de ressignificações de jogos e brincadeiras populares, representando simbolicamente a sociedade em que estão inseridos. O brasileiro foi um dos povos que mais incorporou a cultura futebolística no seu dia a dia. Milan (1989, p. 5) traduz essa ideia com as seguintes palavras:

> Sentir-se, por exemplo, querido ou cobiçado, garante que o outro lhe "deu bola". Se tiver enganado o opositor, vangloria-se com o verbo "driblar". Tendo se enganado, confessa que "pisou na bola". Se excluído de atividade ou grupo, está "fora da jogada". Se em dificuldade, mas com intenção de vencer, "vai derrubar a barreira" e ele então chama "bola pra frente". Caso, no entanto, abrir mão da luta, anuncia que "tira o time de campo". Ameaça aposentar-se "pendurando as chuteiras", seja do homem ou da mulher.

O futebol é uma prática social que expressa a realidade da sociedade brasileira, com todas as suas aspirações mais antigas, seus desejos mais profundos e suas contradições mais camufladas. O futebol é uma reportagem do seu tempo. O futebol brasileiro apresentou nosso país ao mundo, é parte da nossa personalidade coletiva, de nossos contornos. O Brasil é, sim, relevante no futebol. E boa parte do que somos é fruto de uma confluência de gerações e talentos futebolísticos únicos – de nossa imagem às nossas características individuais e coletivas mais íntimas.

Foi através do "futebol-arte" que a seleção brasileira e o Brasil tornaram-se referência mundial no "mundo da bola", onde esse estilo de jogo reflete a ginga, a flexibilidade, a criatividade e a inteligência para tomadas de decisão. Essa "maneira de jogar" começou a ganhar destaque com a seleção de 1938 comandada por Leônidas da Silva e Domingos da Guia, afirmando-se com a conquista da Taça Jules Rimet em 1958, 1962 e 1970 onde apareceram Pelé, Garrincha, Didi, Nilton Santos, Jairzinho, Carlos Alberto Torres, entre outros jogadores e, consolidando-se em 1994 e 2002, com Romário, Aldair, Rivaldo, Ronaldinho, Roberto

Carlos, Cafu e Ronaldo Nazário, seleções e jogadores que contribuíram decisivamente para construção da identidade e da autoestima futebolística nacional.

É fundamental, numa prática decolonial, que o professor de EF perceba que o futebol vai além dessa visão restrita – futebol de resultados –, entendendo-o num sentido amplo, para além da mera prática. Deve, para tanto, conhecer o futebol e sua história, seus significados, suas ações e intervenções sociais, culturais e políticas. Esta proposta deverá estar pautada numa prática pedagógica que desenvolva os valores éticos, combata qualquer tipo de preconceito e valorize a cultura local. Entendemos que para promover uma alternativa "outra" no ensino do futebol, o professor de EF é peça fundamental nessa engrenagem. Para isso, ele deve ser capaz de romper com a dicotomia de que o lugar do físico é fora da sala de aula e o do intelecto no seu interior. É preciso repensar o esporte escolar/universitário como prática social de participação coletiva, promovendo solidariedade, criatividade, integração, autonomia e socialização do educando. Portanto, oferecendo condições para a que a habilidade física dialogue de forma fértil com a sensibilidade e o conhecimento. Ademais, o professor de EF precisa incorporar o movimento, o jogo, o lúdico, o prazer e a alegria no conjunto da vida escolar, como dimensões indissociáveis do ser humano. Em suma, para responder às dimensões de competência exigidas para uma alternativa "outra", o professor de EF deve conhecer o corpo teórico que sustenta o seu campo de conhecimento e sua relação com as demais áreas, bem como o saber popular como parte do pensar e do fazer da ciência.

Para além disso, acreditamos também que, para construir uma proposta de ensino do futebol na perspectiva decolonial, seja preciso demonstrar que as classes populares são protagonistas na cadeia esportiva, começando por desconstruir o discurso do senso comum de que jogadores de futebol são sujeitos "pés de obra" – possibilitando que esses sujeitos sejam valorizados pelos seus feitos e potencializando a sua importância social, cultural e esportiva.

Esses movimentos constituem o "terceiro indicador" da proposta de ensino na perspectiva decolonial. Neste sentido, começaríamos pela "desconstrução do conceito de 'racismo às avessas'" (SOARES, 1998), utilizado pelo autor, para evidenciar como mais um dos mecanismos de subjugação protagonizados pela elite branca.

O "racismo às avessas" consiste nas representações positivas, atribuídas aos afro-brasileiros no espaço do futebol, que contribuem para a afirmação e a manutenção de hierarquias sociais. O elogio ao negro, no período posterior à abolição da escravatura, está cheio de ambiguidades. Sua integração no espaço do futebol – e em outras esferas da sociedade (samba, capoeira, exército) – teria como efeito perverso a delimitação dos seus lugares de atuação e, também, a forma como os negros foram integrados à sociedade brasileira. Nesses

espaços sociais, os desempenhos dos afro-brasileiros seriam louváveis e contribuiriam para a manutenção de hierarquias (ABRAHÃO, 2006). Os afrodescendentes seriam diferenciados por valores positivos, mas, ainda assim, diferenciados. As representações dos afrodescendentes aproximam-se da identidade do futebol brasileiro e da crença na existência de potencialidades que se materializariam pelo extraordinário desempenho das atividades que requerem apenas o uso do corpo[187].

Conforme Brasil (2003), há algo mais no jogador afro-brasileiro/classes populares do que a sua formação cultural no samba e na capoeira levada para dentro do campo, numa partida. O autor destaca o "conjunto de inteligências" que vemos em ação num jogo de futebol – o que não quer dizer que jogadores de futebol usem a cabeça apenas para cabecear, pelo contrário –, a rapidez de raciocínio distingue os craques. Ainda para Brasil (2003), quando falamos que o povo brasileiro recriou o futebol com o seu conjunto de inteligências vivenciadas na sua formação étnico-cultural, essas estão demonstradas na manifestação de tudo ao mesmo tempo: mestiçagem, capoeira, samba, malandragem, barroquismo, inteligência para o jogo, entre outros. Em outras palavras, as expressões culturais identificadas com a cultura afrodescendente foram traduzidas e transformadas em técnicas no campo de futebol e na vida. Conforme Brasil (2003), esses fatores geram um atleta técnico, inteligente e habilidoso. Capaz de encontrar soluções para as tarefas/problemas inerentes ao jogo com rapidez, precisão e economia de energia.

Em efeito, na intenção da desconstrução do conceito e da prática do "racismo às avessas", relacionamos o futebol recriado pelo povo brasileiro (BRASIL, 2003) com a habilidade da ginga dos capoeiras (RUFINO, 2015), onde também encontramos saídas para as arapucas que obstruem nossas liberdades. Neste sentido, Rufino (2015, p. 79) traz o conceito de "rolê epistemológico" para exemplificar os espaços que devemos buscar para "jogar" no cotidiano colonial.

> A noção de *rolê epistemológico* inspira-se nas sabedorias da capoeira para propor ações de desvio e avanço. Imprime, nesse sentido, a lógica do jogo. Os rolês caçam tempos/espaços para a prática das viragens, esquiva-se, rola-se de um lado para o outro, finge que vai, mas não vai e aí se dá o bote, certeiro, eis que o *cruzo* então acontece. O *rolê* é ao mesmo tempo o movimento de desvio, de fuga, de ganho de espaço e de montagem de estratégias para a operação de golpes. A lógica do jogo não presume a aniquilação do outro com que se joga, mas permite a sedução, o destronamento, o drible e o golpe. *Se tentar me prender, eu giro; pronto escapuli, já estou do outro lado*! Assim, o conceito encarna as manhas do jogo de corpo para praticar no campo dos conhecimentos outras viragens que potencializem a prática das frestas.

[187] Ver Balzano; Munsberg; Silva (2020).

Nesse sentido, o que responderá acerca da nossa capacidade de invenção no confronto com a dominação do poder/ser/saber são as nossas invocações, incorporações e *performances* orientadas por um outro senso ético/estético. Acreditamos que assim como a capoeira, o futebol também possa se transformar em uma ação decolonial.

Ainda na perspectiva do anterior, sendo o futebol um contexto complexo, é necessário que o jogador seja capaz de solucionar problemas. Mas, é na formulação de uma organização não austera e nos planos de resolução dos problemas estabelecidos pelos treinadores que reside a magnitude da criatividade. Conforme López e Navarro (2008) *apud* Casarín (2011), a criatividade deve ser entendida pela complexidade, por meio da interação individual e coletiva com o ambiente específico. Esta tendência enaltece a importância da capacidade de interagir, inovar, resolver problemas, assumir riscos, em contextos marcados por mudanças constantes de ações que requerem divergência e modificações de pensamento. Para o jornalista e escritor Rodrigues Filho (2003), foi o jogador afro-brasileiro – aqui caracterizando os jogadores de classes populares – que imprimiu um estilo próprio de magia e arte no futebol, diferente das formas arcaicas do jogo de bola, de sua descendência inglesa.

Futebol é um jogo de cognição e não só de execução. Não podemos cair na ilusão do *"basta saber fazer"* para termos sucesso nos diversos e distintos confrontos que ocorrem durante os 90 minutos e na vida. Precisamos pensar sobre o que se estamos fazendo, mesmo quando não há tempo para pensar. É necessário captarmos e selecionarmos as informações relevantes de forma rápida; é preciso conscientizarmo-nos e decidirmos rapidamente para que os mecanismos de tomada de decisão e execução sejam também rápidos, eficazes e eficientes. Foi também essa inteligência que os atletas afrodescendentes trouxeram para a prática do jogo. Como não valorizar? A desvalorização pode ter vindo porque "muitos" não sabem fazer igual.

É preciso que a sociedade – todas as raças – dê importância a esse conhecimento, isto é, "potencialize e dê confiabilidade as classes populares", pois foi através da criatividade destas classes que o futebol virou uma paixão nacional e admirada no mundo. Neste sentido, representará sempre uma possibilidade de superação para aqueles que, na prática esportiva, ascendem e transcendem graças ao talento e às qualidades ímpares de um grande jogador.

Entendemos que nas aulas EF, tanto na escola como na universidade, também possamos "desgastar" o pensamento hegemônico universal e a violência epistêmica. É nas aulas de EF que ações podem ser realizadas para o desvelamento e combate ao "racismo às avessas" que persiste na sociedade do futebol. Mas, para que esse processo seja efetivo, depende da atuação ativa do profissional de EF com seu público alvo, os estudantes. O profissional, nas suas aulas, deve considerar a formação do estudante enquanto indivíduo, conhecedor de seus direitos e

deveres, dentro e fora do campo de jogo. Acreditamos que o professor de EF possa, em suas aulas, produzir uma alternativa "outra", construindo uma posição de combate ao "racismo às avessas" no futebol, alicerçado pelo "pensamento decolonial", isto é, valorizando o conhecimento do afrodescendente no futebol como uma episteme importante para a cultura. Entendemos que o professor deva valorizar os conhecimentos científico e popular de forma análoga, mostrando que a produção de ambos não está relacionada à cor, pois Machado de Assis e Pelé são negros, Zico e Carlos Drummond de Andrade são brancos. Consideramos que o professor, não tratar desta forma, continuará mantendo as relações de diferença praticadas pela colonialidade – negros com habilidades motoras e brancos com habilidades intelectuais –, sendo essa um "conhecimento maior" que os diferencia.

O "quarto indicador" está relacionado com a "disciplina de futebol na Universidade." Para nós, a disciplina de futebol na proposta da perspectiva decolonial deve dar relevância à reflexão e a criticidade em relação ao futebol. A disciplina deve trabalhar não apenas a prática pela prática, mas, também, a ação reflexiva e crítica para compreender o fenômeno futebol enquanto prática sociocultural. Para tanto, buscamos apoio na abordagem intercultural, conforme Walsh (2005a), pois a interculturalidade deve ser entendida como projeto destinado à transformação estrutural e sócio histórica para todos. A autora afirma que a interculturalidade "[...] es herramienta, estrategia y manifestación de una manera 'otra' de pensar y actuar." (2005a, p. 47). A interculturalidade, portanto, é um projeto e um processo contínuo por construir.

Walsh (2005b) propõe interculturalizar estruturas, instituições, relações e conhecimentos, promovendo o que se pode designar como filtrar conceitos mediante a decolonização das mentes, isto é, a decolonialidade. Tal processo tem como ponto de partida o questionamento ao poder dominante e à colonialidade do poder, do ser e do saber. Questionar essas condições possibilita reconhecer identidades e a diferença (colonial) e fortalecer o pensamento próprio, "pensamento outro". Reconhecer e fortalecer a si próprio remete ao processo de construção de uma sociedade intercultural, caracterizada por novas condições sociais de poder, ser e saber. Corroborando com o pensamento de Walsh, Candau (2016) defende a perspectiva da interculturalidade crítica como concepção de educação intercultural. A pesquisadora destaca a necessidade de as práticas educativas buscarem o aprofundamento "[...] no processo de *interculturalizar a escola, o currículo e a sala de aula*." (CANDAU, 2016, p. 349).

No sentido do anterior, apostamos numa educação intercultural para construir possibilidades de processos de formação em EF e, consequentemente, no ensino do futebol, diferentemente dos tradicionais modelos hegemônicos eurocêntricos institucionalizados nas

escolas e universidades modernas. Nesse contexto, para uma prática do ensino da EF com ênfase no aspecto intercultural, consideramos que o ensino do futebol, nas aulas, possa ser um mecanismo gerador da discussão de questões que modifiquem a realidade do modelo tradicional de ensino dos esportes. Afinal, o futebol é o esporte mais praticado no Brasil e faz parte da realidade sociocultural dos estudantes, um saber constituído no senso comum.

Como exemplo de prática intercultural – conforme aponta Daniel Mato (2017) quando propõe articular teoria e prática através das mais variadas modalidades de experiências colaborativas –, descrevemos alguns aspectos do trabalho/experiência realizada por Balzano e Pereira Filho (2011)[188], na disciplina de futebol, do curso de EF da Universidade Federal do Ceará (UFC), onde, na época, exercitamos alguns indicadores decoloniais de forma intuitiva. O trabalho teve como objetivo apresentar uma proposta de atividade teórico-reflexiva na disciplina de esportes coletivos II (futebol e futsal) no curso de EF da UFC. A atividade foi realizada com 52 estudantes de graduação do quinto semestre do curso. A proposta foi idealizada a partir da necessidade de os estudantes conhecerem a importância do futebol, como objeto de estudo teórico e reflexivo para uma formação "outra", pois, a abordagem de ensino do futebol nos cursos de EF, normalmente, enfatiza os aspectos físicos, técnicos e táticos do jogo, voltado, muitas vezes, somente para prática. Em relação à metodologia do trabalho, começamos dividindo a turma em dez grupos. Os temas foram escolhidos pelos estudantes e depois sorteados pelo professor. Todos os temas deveriam ter relevância sociocultural, relacionados ao futebol – violência, saúde, racismo, política, mídia, economia, gênero, cultura, entre outros. Os estudantes tiveram cinco aulas para desenvolver e expor os trabalhos. Os grupos apresentavam os trabalhos e, após as apresentações, abríamos para considerações/debates. Nas análises finais, os estudantes relataram uma visão mais abrangente e crítica sobre a EF, o futebol e a importância sociocultural desse esporte na sociedade.

O "quinto indicador" para uma proposta de ensino de futebol na perspectiva decolonial também está relacionado ao "curso de EF na universidade", mas agora direcionado aos projetos de extensão com comunidades de baixa renda. Segundo Jezine (2004), a extensão universitária foi repensada em busca da superação da ideologia de prestação de serviços assistencialistas, caminhando para uma relação dialógica entre universidade e sociedade que oportunize a troca de saberes, com ênfase na relação teoria-prática. Para a autora, este novo modo de compreender a extensão torna-a integrante da dinâmica pedagógica do processo de formação e produção de

[188] Ver Balzano e Pereira Filho (2011).

conhecimento, envolvendo professores, estudantes e comunidade, de forma dialógica e possibilitando a formação crítica.

Na intenção de mostrar outra experiência que serviu como elemento intuitivo decolonial, há tempos atrás, onde também exercitamos alguns indicadores decoloniais que apontados aqui. Apresentamos o trabalho/experiência realizada por Balzano, Gonzáles e Pereira Filho que iniciou em 2011, intitulado Projeto de Extensão em Esportes Coletivos II e iniciação esportiva de futsal e futebol do IEFES-UFC. O objetivo do projeto foi oportunizar atividades físicas, culturais e desportivas orientadas no futsal e futebol, contribuindo para a formação de estudantes-cidadãos, introduzindo-os no universo esportivo e social, como importante fator de inclusão e formação para a cidadania.

O público que frequentava o projeto era composto por 53 crianças e adolescentes, moradores dos agrupamentos habitacionais do entorno do Campus do PICI, de menor índice de condição social. Nesse projeto construímos uma melhor relação com a comunidade de moradores dos conjuntos habitacionais do entorno do Campus do PICI, pois existia uma longa história de violência – invasões, represálias e conflitos – entre a comunidade do entorno do Campus e a UFC. Com a proposta de novos programas sociais, como o de iniciação esportiva no futebol e futsal, os moradores começaram a ver a UFC com outros olhos, já que seus filhos estavam participando de atividades que lhes dava formação e prazer. Hoje acontece um maior engajamento da comunidade com os projetos propostos pelo IEFES/UFC.

Outra experiência positiva que o projeto nos proporcionou foi o compartilhamento de vivências e conhecimentos entre os estudantes da comunidade e os estudantes e professores da IEFES/UFC. Constatamos que esse projeto de extensão oportunizou a pratica do futebol e do futsal orientados, mostrando outra realidade na prática esportiva e social para crianças e adolescentes da comunidade carente do entorno do bairro do PICI. Igualmente, o projeto proporcionou a estudantes e professores do IEFES-UFC o conhecimento, na prática, sobre o viver, estar, ser e pensar da comunidade do entrono do PICI.

Acreditamos que os projetos de extensão não podem ser taxados como assistencialismo, onde os intelectuais ensinam e os menos privilegiados aprendem. Entendemos que projetos de extensão – que busquem ensinar o futebol numa perspectiva decolonial – precisam manter uma relação dialógica, onde os dois lados – universidade e comunidade – compartilhem contribuições positivas na busca pela produção de novos conceitos ou refazer outros pré-estabelecidos.

O “sexto indicador” para uma proposta de ensino de futebol na perspectiva decolonial está relacionado à “participação do Estado no desenvolvimento e manutenção do futebol

amador/cultura popular". Entendemos que o futebol como negócio cresceu muito e que, na mesma medida, há uma tendência ao afastamento do "futebol raiz" – a pelada de rua, das praias, dos campos de várzea, das praças públicas e dos subúrbios.

Com a falta de espaços públicos para a prática do futebol, perdeu-se o talento e a técnica do jogador brasileiro, que era "treinado" quase que de forma intuitiva. Hoje existe uma "produção de jogadores" com método "puramente científico" e "uma linha de montagem" para abastecer o mercado europeu e os grandes clubes brasileiros. Até o final da década de 80 do século XX, a geração era praticamente espontânea – o futebol era aprendido nas ruas. Era todo mundo junto – pobre, rico, branco, negro, gordo, magro, pequeno, grande. O futebol era original, palpável, aprendido no dia a dia, e não em imagens de *vídeo game.* Segundo Brasil (2003), esse estilo à brasileira teve como base e campo experimental a "pelada", isto é, o jogo improvisado, informal, simplificado em regras e equipamentos, na várzea, na praça, na rua plana ou enladeirada, no terreno baldio, no quintal do fulano, na margem do rio, na beira da lagoa ou na areia da praia. E a bola podia ser feita com um maço de folhas de jornal enfiadas numa meia feminina, de jornal amarrado num barbante, ou, simplesmente, era utilizada uma laranja, uma abóbora, uma lata velha amassada ou chapinha de cerveja como se fosse a esfera mágica dos manuais. Todavia, muitos desses espaços foram se perdendo ao longo do tempo, principalmente pela explosão imobiliária. Em consequência, os meninos e jovens brasileiros, principalmente das classes populares, estão tendo menos oportunidades e espaços para praticar o "futebol raiz" e sendo capturados pelo exército das drogas.

Mas, nem tudo está perdido, pois já existem projetos em algumas cidades que restabelecem a prática dessa modalidade de futebol e as suas relações socioculturais em espaços públicos. Um desses projetos é o das "Areninhas"[189] na cidade de Fortaleza, implantado em 2014. As "Areninhas" são campos de futebol urbanizados e requalificados pela Prefeitura de Fortaleza, localizados em bairros com alto índice de vulnerabilidade social e baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). O projeto tem como objetivo oferecer à população equipamentos esportivos de qualidade, onde a comunidade possa, além de praticar atividades físicas, ter um espaço seguro de convivência, lazer e formação cidadã. Cada "Areninha" contém gramado sintético, bancos de reserva, arquibancadas, redes de proteção, alambrados, vestiários, depósito para materiais esportivos, iluminação, paisagismo, pavimentação e rampa de acesso para cadeirantes. Além do campo de futebol, as novas "Areninhas" contam com parque infantil e academia ao ar livre. Ao todo, já são 23 "Areninhas" e cinco "minis Areninhas" distribuídas

[189] Ver Prefeitura de Fortaleza (2017).

pela cidade, realizando aproximadamente 35 mil atendimentos por semana. Outro projeto importante, como já ressaltamos anteriormente em nosso jogo principal, é o programa Academia & Futebol, desenvolvido por intermédio da Secretária Nacional de Futebol e Defesa dos Direitos do Torcedor (SNFDT), que proporcionará a prática de futebol, futsal e *beach soccer* a crianças, adolescentes e pessoas com deficiência. Além disso, o programa apoia a produção e difusão de trabalhos científicos, com aporte de recursos para a realização de pesquisas, produção de artigos e livros, participação de pesquisadores em congressos e realização de cursos e eventos.

Acreditamos que iniciativas como essas, além da importância sociocultural, podem trazer novamente o nosso "futebol arte". Não estamos aqui desprezando a ciência nem a evolução dos clubes e métodos de treinamento, mas entendemos importante resgatar o "futebol brasileiro raiz", que se consagrou pela alta capacidade de improvisação e criatividade de seus jogadores. Além disso, iniciativas como estas contribuem com a autoestima dos cidadãos das classes populares, pois no projeto "Areninha" foram oferecidos equipamentos de qualidade para usufruto desses cidadãos, que, na maioria das vezes, são esquecidos pelas autoridades após as eleições.

O "sétimo indicador" para uma proposta de ensino do futebol na perspectiva decolonial está relacionado à "desconstrução do discurso do senso comum que jogador de futebol não precisa estudar"[190]. Este discurso é ambíguo e contraditório, pois, ao mesmo tempo em que afirma que o jogador não precisa estudar, o jogador é criticado pela sua baixa capacidade de comunicação verbal e, consequentemente, de reflexão, sendo rotulado de semianalfabeto. O analfabetismo, inclusive, é tido como característica dessa classe. Conforme Loureiro (2007), as torcidas pensam apenas nas vitórias que os atletas, seus grandes ídolos, trarão para seus clubes, esquecendo-se de que são seres humanos com sentimentos como qualquer um de nós e não máquinas de alto rendimento e *performance*. Porém, são esses cidadãos que esperam resultados positivos de seus atletas – neste caso não apenas torcedores, mas também as instituições futebolísticas – são os mesmos que os criticam quando "jogam fortunas pela janela" ou vão à televisão e falam alguma "bobagem", tratando-os como ignorantes.

É importante refletir sobre o estereótipo, propagado por parte da sociedade do futebol e da mídia, de que os jogadores de futebol são analfabetos, incultos e sem capacidade de reflexão. Esse preconceito é difundido, geralmente, sem a mínima análise do contexto, pois, o maior contingente de jovens – que iniciam a carreira como jogadores profissionais de futebol – é originário das classes mais pobres da população. Como esse segmento social tem mais

[190] Ver Balzano e Morais (2012).

dificuldades de acesso e frequência à escola, isso também contribui para a falta de conhecimento desse grupo. Além disso, para essa classe, o futebol pode ser uma das poucas oportunidades de ascensão social e de trabalho, sujeitando-os a todos infortúnios desse esporte. Neste sentido, quando os jogadores ingressam no futebol, conforme Giglio e Rúbio (2013), os jogadores estão vinculados a uma dupla condição: pessoa e mercadoria. Essa situação faz com que os jogadores fiquem reféns do sistema que os sustentam, pois qualquer contestação pode representar dificuldades de circulação dentro do futebol profissional. Na mesma linha, o ex-jogador de futebol Juninho Pernambucano[191] coloca:

> Existe o preconceito, mas também o interesse em marginalizar o atleta. A verdade é que a imprensa oprime o jogador. Quer que ele seja visto apenas como um marginal, um ignorante. Não sou formado em nada. Mas eu nasci em Recife, cheguei ao Rio com 19 anos, morei oito anos na França e dois no Catar, mais seis meses nos Estados Unidos. Visitei mais de 40 países jogando futebol. Será que a vida não me ensinou outras coisas? Sabe por que o atleta homossexual não se assume? Porque ele tem medo da repercussão na imprensa. Medo de ser humilhado. A carreira do jogador é curta. O futebol exige tanta dedicação que você acaba se alienando. Entendo o atleta que ainda está jogando e prefere não se posicionar. Mas o ex-atleta que tem uma boa qualidade de vida não falar nada sobre a situação do país é inadmissível. (CHUTEIRA F. C., 2018).

Percebemos, nas colocações acima, que o jogador que se expõe na reivindicação de seus direitos, ou na simples manifestação de sua opinião, corre sérios riscos de sofrer uma rejeição no futebol, principalmente se não estiver na sua melhor fase futebolística – "jogando bem" –, pois "o extra campo joga contra o jogador quando a bola não entra".

Na perspectiva de oportunizar uma realidade "outra" aos jogadores de classes populares no Brasil, muitas instituições de ensino privado possuem programas de bolsas de estudo, que pretendem introduzir futuros atletas de baixa renda numa nova realidade sociocultural, o que poderá ser determinante para seu sucesso profissional ou para além do seu talento esportivo. Neste sentido, destacamos nossa experiência no "Projeto Esporte Social", realizada no Colégio Israelita Brasileiro, que vivenciamos nos anos de 2007-2008, o qual já apresentava traços e elementos de uma proposta que hoje identificamos como decolonial. O projeto incluía adolescentes negros oriundos de classes populares e atletas dos dois principais clubes de futebol do Rio Grande do Sul, por meio de bolsas de estudos. O Colégio Israelita Brasileiro, uma instituição de ensino fundamentada nos valores judaicos, iniciou a parceria com o Sport Club Internacional e o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. No segundo semestre de 2004, beneficiando oito meninos. O "Projeto Esporte Social" era coordenado pela direção do Colégio,

[191] Ver Chuteira F.C. (2018).

com apoio do grupo de professores, funcionários da escola e voluntários da comunidade judaica. O referido projeto tinha como objetivos: integrar e fomentar a aproximação dos processos de educação formal e prática esportiva; formar jovens norteados pelo equilíbrio entre "corpo e mente"; e desenvolver, em parceria com fortes instituições ligadas ao esporte, atividades recreativas, educativas, esportivas e de assistência, que visem o bem social dos atletas e estudantes beneficiados pelo projeto.

Observamos, ao vivenciar e analisar o projeto[192], que a escola se preocupava com a formação continua de seus professores, proporcionando-lhes palestras, cursos e reuniões, para lidarem com essa nova realidade que se apresentava, isto é, dar aulas e conviver com estudantes-atletas oriundos de classes populares. Verificamos que tanto a escola como os clubes de origem dos estudantes-atletas, desenvolviam ações para facilitar a adaptação e o convívio dos meninos na instituição escolar. Em relação ao processo de ensino-aprendizagem da escola – corpo diretivo e professores –, constatamos que possibilitavam, aos meninos do projeto, um acompanhamento do processo no seu ritmo. Também observamos que esses estudantes reconheciam e admiravam o esforço da escola para facilitar a adaptação e a aprendizagem. Em relação ao aspecto social, os estudantes-atletas apresentaram um deslumbramento ao conviver com outra realidade social, pois a influência gerada pela oportunidade de acesso desses jovens ao Colégio Israelita proporcionou uma mudança significativa em suas realidades, convivendo e frequentando outros espaços sociais.

Um fato a destacar dessa experiência foi que os estudantes do projeto não observaram diferenças socioculturais, entre eles e seus colegas, e sim semelhanças. Notamos que as famílias e os meninos do projeto, sentiam-se muito orgulhosos e agradecidos de estudar no Colégio Israelita. Todos valorizavam muito a oportunidade que lhes foi dada através das bolsas de estudo. Eles entendiam que o fato de estudar no Colégio Israelita poderia contribuir para o futuro sucesso como jogador de futebol, como também pelo convívio na escola, poderia lhes oferecer oportunidades de um futuro profissional melhor se não forem jogadores de futebol. A experiência permitiu explorar o significado e o sentido de nossas ações como professores a partir da perspectiva dos estudantes e da comunidade escolar, rompendo com o tradicional, onde todas as definições e decisões acontecem com base em concepções pré-estabelecidos. Conhecer como os estudantes entendem e percebem o esporte, a escola e a oportunidade que lhes foi oferecida para vivenciar uma nova realidade social, permitiu uma redefinição de conceitos e posturas no sentido de encaminhar propostas que possibilitem a construção de

[192] Ver Balzano (2008).

processos de ensino e aprendizagem mais adequados à diversidade que a realidade brasileira nos apresenta.

Ainda, na intenção de desconstruir o discurso do senso comum que jogador de futebol não precisa estudar e o estereótipo que essa classe carrega como analfabetos funcionais, apresentamos alguns exemplos de movimentos decoloniais/práticas de liberdade realizados por jogadores de futebol, que podem ser referências como conteúdo nas aulas de EF, tanto na escola como na universidade, além de servirem de exemplo para os jovens atletas nos treinamentos dos clubes de futebol. Movimentos/práticas que os professores e treinadores podem articular como forma de produção do conhecimento, considerando as vivências concretas e simbólicas dos sujeitos envolvidos na construção do saber e do viver, na busca da decolonialidade epistemológica e da formação futebolística**.**

Movimentos decoloniais/Práticas de liberdade[193]:

a) "Liga da Canela Preta". No Rio Grande do Sul, a dificuldade do ingresso de negros na cultura do futebol não foi diferente do centro do país. Um fato relevante, segundo Jesus (1999), para o ingresso do negro no futebol gaúcho foi à criação da Liga da Canela Preta. Tudo começou, ainda conforme Jesus (1999), com a discriminação naturalíssima, na época, praticada pela Liga Metropolitana – liga dos times de elite. Nesta só podiam jogar times de homens brancos. Em resposta, os Canelas Pretas estabeleceram sua liga, entre 1910 e 1915, atingindo grande reconhecimento na década de 1920. De acordo com Jesus (1999), foi através do futebol que o negro manteve a resistência e as suas raízes culturais. Na época, os grupos populares utilizavam-se das associações de futebol e blocos carnavalescos como meio para garantir a continuidade de suas descendências culturais, usando o disfarce do futebol para escapar da perseguição estatal

b) Afonsinho. Conforme Souza (1998), Afonsinho, que, por usar cabelos compridos e cultivar uma longa barba ruiva, foi proibido de jogar futebol – e mesmo de treinar – no Botafogo, embora seu nível técnico fosse considerado bom o suficiente para integrar a Seleção Brasileira. Diante da proibição de trabalhar, Afonsinho iniciou uma batalha jurídica e política, acabando por obter, em 1971, em plena ditadura militar, a propriedade de seu próprio passe, ou seja, conseguiu o passe livre, tornando-se o primeiro jogador de futebol "alforriado" do Brasil. Acabou virando um símbolo do futebol ao se tornar o primeiro jogador a conseguir passe livre, isto é, o direito de ir para outro clube ao final do contrato.

[193] Ver Balzano e Silva (2018).

c) Reinaldo. Conforme Lima (2016), com 255 gols em 475 jogos, Reinaldo é o maior artilheiro da história do Atlético Mineiro. Goleador, o atacante comemorava seus gols com o punho cerrado para cima, repetindo o gesto dos Panteras Negras. Ele defendia eleições diretas e o fim do governo militar durante a década de 1970. Sua convocação para a Seleção Brasileira era mal vista pela ditadura, que comandava a seleção na época, mas a pressão popular foi tamanha que o mineiro embarcou para uma partida na Argentina, vestindo a camisa 9. No primeiro jogo do Brasil da copa de 1978, Reinaldo anotou um gol e comemorou com o punho em riste. No jogo seguinte, já estava no banco. É que, segundo relata em sua biografia, "Punho Cerrado", ele havia sido instruído pelo governo militar a não comemorar seus gols daquela maneira. A frase, dita pelo presidente Ernesto Geisel, foi *"Vai jogar bola, garoto. Deixa que política a gente faz*".

d) Democracia Corinthiana**.** Segundo Sócrates (2012), a Democracia Corinthiana foi um movimento ocorrido no futebol brasileiro, especificamente no time paulistano Corinthians, na década de 1980. O período de duração desse movimento foi de dois anos (entre 1982 e 1984). Se por um lado parece um longo período para que um grande clube de futebol atuasse sem poder centralizado, por outro lado, foram apenas dois anos que marcaram toda a história do futebol brasileiro e, provavelmente, mundial. O Brasil vivia numa época de ditadura, o que significava pessoas sem o direito à escolha de seus representantes políticos. Nesse contexto, o movimento consistia na ideia de que todas as decisões tomadas pelo clube, na área de futebol, deveriam ser votadas antes, de modo que todos os participantes – dirigentes, atletas ou equipe de apoio – tinham direito a um voto. O movimento foi fortalecido por três jogadores politizados – Sócrates, Casagrande e Wladimir –, cuja influência acabou se estendendo para todo o time. Nesse sentido, envolvido na experiência de igualdade de opiniões, o Corinthians representava uma força política bastante intensa em momento de ditadura. Os jogadores vestiam camisas por baixo da camisa oficial de competição com dizeres contrários à política da época: "eu quero votar para presidente" e "diretas já!" eram alguns dos dizeres que se tornaram campanha do time corinthiano e que depois foi assumida pelas torcidas organizadas do clube.

e) Paulo André[194]. Uma mensagem política marcou a entrada dos jogadores do Atlético-PR em campo na partida contra o América-MG: na véspera do primeiro turno das eleições (2018) que iriam definir, dentre outros postos, a presidência do Brasil para os próximos quatro anos. À exceção do zagueiro Paulo André, que chegou a assinar um manifesto contrário ao candidato Jair Bolsonaro (PSL), os demais atletas entraram no gramado vestindo uma camiseta

[194] Disponível em: https://www.tribunapr.com.br/esportes/atletico/jogadores-do-atletico-entram-em-campo-com-mensagem-politica/. Acesso em: 5 dez. 2019.

amarela, onde estava escrito “Vamos todos juntos por amor ao Brasil”. No *Twitter* do clube, a foto dos jogadores perfilados, de amarelo, foi postada com a seguinte inscrição “Todo dia é pelo Furacão. Mas amanhã é pelo Brasil! Vote por uma nação melhor!”. Há três semanas, Paulo André foi o único atleta em atividade que assinou o manifesto “Democracia Sim”, que se posicionava claramente contra o candidato Jair Bolsonaro. Pouco depois, foi o atacante Marcelo Cirino que postou em seu *Instagram* a mensagem “Ele Não”, *slogan* da campanha das mulheres contra o postulante do PSL à presidência. Neste dia, o zagueiro e capitão do Atlético foi o único jogador da equipe que não usou a camisa amarela.

f) Roger Machado e Marco “Marcão” Aurélio de Oliveira.[195] Na temporada 2019 do campeonato brasileiro de futebol, Roger Machado era uma figura rara nas áreas técnicas dos estádios de futebol. Somente ele e Marcão, na época técnico do Fluminense, eram negros e comandavam equipes da primeira divisão. Na vigésima quinta rodada do campeonato, eles se encontraram no Maracanã para uma partida histórica. Ambos vestiam camisas pretas com os dizeres “chega de preconceito”, ação coordenada pelo Observatório da Discriminação Racial no Futebol. O Bahia de Roger perdeu o jogo, mas na coletiva de imprensa, o técnico abordou de maneira contundente o racismo que domina o futebol e a sociedade brasileira. Segundo Roger: “Não deveria chamar a atenção dois treinadores negros se enfrentarem. Para mim, está é maior prova de que existe o preconceito.”

Essas práticas de liberdade apresentadas, entre tantas outras, consistem justamente na luta dos atletas em não se deixarem reduzir à condição de “peça” ou de “mercadoria”, bem como serem estereotipados como analfabetos funcionais, e que estão no futebol para serem usados até o limite e quando não forem mais úteis serem trocados ou dispensados, para que o futebol negócio não pare de atrair a atenção do público, da imprensa e dos patrocinadores. Defendemos que os jogadores de futebol, por terem importância social pela sua profissão e espaço considerável na mídia, podem ser agentes de transformação. Para isso, na sua formação precisam ser estimulados a participarem da vida social e política do país. Julgamos que atitudes como bolsas de estudo e divulgação/potencialização das práticas de liberdade realizadas pelos jogadores de futebol, possam ser uma ferramenta metodológica e epistemológica decolonial na EF escolar, na universidade e nos clubes, estimulando a consciência social dos jovens e rompendo com o discurso excludente e preconceituoso do senso comum, a respeito dos jogadores de futebol. Acreditamos que práticas de liberdade como essas, abordadas no sétimo indicador, contribuam para efetivar uma proposta de ensino do futebol na perspectiva

[195] Disponível em: https://gamarevista.com.br/sociedade/sera-mesmo-que-atletas-brasileiros-nao-falam-sobre-racismo/. Acesso em: 4 jan. 2020.

decolonial, pois entendemos a decolonialidade como uma capacidade de resiliência e transgressão diante do trauma e da violência propagada pelo colonialismo e conservada na esfera da colonialidade (RUFINO, 2015).

O “oitavo indicador” para uma proposta de ensino do futebol na perspectiva decolonial diz respeito à “desconstrução do discurso de que futebol é coisa para homem, oportunizando, em diversas áreas do futebol o protagonismo feminino.” Entendemos que esse seja um discurso histórico cultural, que está impregnado na sociedade machista brasileira. Não é difícil ouvirmos que as meninas são mais dóceis e frágeis e que para elas é reservada a prática do voleibol e dança, e aos meninos, mais “ágeis” e “fortes”, a prática do futebol e lutas. Percebemos que as forças do processo de transmissão cultural reforçam os preconceitos, colaborando para que as meninas não tenham as mesmas experiências motoras dos meninos, criando-se então, uma cadeia de situações que leva à exclusão e à falta de motivação por parte das mesmas quanto à prática do futebol.

Concordamos como Darido (2004) que, na fase anterior à iniciação esportiva, devemos oferecer às meninas os mesmos estímulos motores explorados pelos meninos, minimizando os efeitos proporcionados pelo maior envolvimento deles com diversas atividades que ocorrem não só na escola, mas em casa, na rua, no parque e no clube. Cremos que a aproximação dos conteúdos para crianças de ambos os sexos, desde o início de suas atividades físicas, possa promover uma similaridade no desenvolvimento motor, psíquico e social dos gêneros, facilitando, assim, um trabalho conjunto. Sustentamos que, para descontruir esse discurso, podemos começar na família, depois na escola, principalmente na EF escolar, passando pelos cursos de EF na educação superior, até chegarmos ao mercado de trabalho. Para isso, precisamos incentivar e dar oportunidades às mulheres para aprenderem e mostrarem suas competências. Nesta perspectiva, vamos descrever algumas experiências que vivenciamos, ajudando a descontruir esse discurso machista.

Iniciamos com o trabalho realizado em conjunto com a aluna Ane Caroline, do curso de EF do IEFES/UFC, com o objetivo de verificar o impacto de uma proposta de ensino do futsal, nas aulas de EF escolar, para meninas do ensino fundamental I, em uma escola particular de Fortaleza. Analisamos os conhecimentos que as alunas tinham a respeito do esporte antes e após o projeto, bem como o contato com os fundamentos e as regras do futsal. Também verificamos as contribuições, na perspectiva das alunas, do processo de ensino-aprendizagem, através do futsal nas aulas de EF escolar. Partimos do pressuposto de que, ao modificar a visão da prática do futsal nas aulas de EF escolar – pautadas na segregação de atividades por gênero, na reprodução e no ensino dos fundamentos de forma individualizada –, desenvolvendo uma

prática pedagógica do futsal contextualizado e realizado de modo coletivo, possibilitamos o aprender a partir de uma configuração criativa. O trabalho de campo foi desenvolvido no Colégio Santa Isabel, de Fortaleza, com uma turma de dezoito meninas na faixa etária entre nove e dez anos, do quarto ano do ensino fundamental I, em 2015. O impacto da proposta ocorreu de forma positiva, em que o envolvimento e o bem estar das alunas foi demonstrado pelo interesse e pela prática de forma lúdica, revelando a importância do profissional e do planejamento adequado ao seu público. Ao propiciarmos brincadeiras e jogos que levassem as alunas realizarem os movimentos necessários ao esporte de forma recreativa, percebemos que esta maneira de ensinar facilitava o entendimento do futsal e que este desporto poderia ser praticado por todos, auxiliando assim no desenvolvimento motor igualitário entre os gêneros. Temos a esperança de que, futuramente, possa contribuir para um ensino mais significativo do futsal na escola, visando a romper com o ensino tradicional desse esporte e possibilitar uma formação igualitária. No ano de 2016, a aluna Ane Caroline foi contratada pelo Colégio Santa Isabel para ministrar aulas de EF na Educação Infantil.

Outro trabalho[196] que realizamos, este em conjunto com a aluna Ana Clara, do curso de EF da IEFES/UFC, serviu para desconstruir o discurso de que mulheres não teriam competências para treinar equipes masculinas de futsal em clubes e escolas. Este trabalho foi realizado no Colégio 7 de Setembro, em Fortaleza, no ano de 2013, com estudantes de futsal da seleção masculina sub- 11 do Colégio. O objetivo do trabalho foi desenvolver e aplicar uma proposta de processo ensino-aprendizagem e treinamento do sistema tático 2.2 e marcação individual, em uma equipe escolar masculina de iniciação no futsal. Na sequência, transcrevemos alguns trechos do relato da aluna sobre a experiência:

> A primeira etapa da pesquisa foi elaborar a proposta de ensino e aprendizagem de iniciação ao futsal, através de jogos táticos em série. Esta etapa foi concretizada no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Esportes (NEPE) da Universidade Federal do Ceará (UFC). Neste período, houve um crescimento profissional, pois ampliei meus conhecimentos em relação ao futsal e seus métodos de treinamento. A convivência com professores e colegas também favoreceram muito para esta evolução". [...] "Outro aspecto que ressalto foi o desenvolvimento para pesquisa, pois tinha algum conhecimento da prática, e minha participação no NEPE, bem como ser bolsista do professor Otávio Balzano, me auxiliou a construir um pensamento científico sobre os fatos". [...] "A segunda etapa foi escolher os experts, foi uma experiência nova, pois mantive contato com profissionais experientes na minha área, que eram de fora do estado". [...] "Já na terceira etapa, quando da avaliação e dos questionamentos aos experts a respeito do programa, este foi o momento de maior expectativa. Pois meu trabalho estava sendo julgado por pessoas de renome na área do futsal. Neste sentido tivemos aprovação de 100%". [...] "Na quarta etapa do estudo a intervenção (prática), com os quinze estudantes da escola particular, este momento a teoria deu lugar à prática. A cada treino foi notável a evolução dos atletas e da minha confiança em

[196] Ver Oliveira e Balzano (2014).

> dirigi-los". [...] "Na quinta etapa a avaliação dos estudantes, verificamos o retorno do trabalho dos maiores interessados. Sabemos que a opinião das crianças é sempre autêntica. Neste aspecto, grande parte dos estudantes gostou e percebeu uma evolução no decorrer das aulas, pela intervenção do programa". [...] Outra situação gratificante foi à aceitação da minha figura como professora, pois pelo fato de ser uma menina e trabalhar com o futsal masculino, culturalmente ainda existem muitas restrições". [...] "Espero que esse trabalho tenha contribuído para os futuros e atuais treinadores(as) de futsal na iniciação, e que também ter mostrado que mulheres podem trabalhar com meninos no futsal, pois isto é uma questão de competência, não de gênero.

No ano de 2014, a aluna Ana Clara foi convidada a fazer parte do quadro de professores de EF do Colégio 7 de Setembro, para ministrar aulas de EF para o ensino fundamental I e treinar as equipes de futsal masculina e feminina da categoria sub 11.

Uma outra experiência que realizamos para contribuir com a desconstrução do discurso de que "futebol é só para homens", foi a vivência como treinador e organizador da equipe de futsal universitária feminina da Universidade Federal do Ceará (UFC), no ano de 2012. Na época também realizamos, com uma aluna da equipe, uma pesquisa[197] com o objetivo de conhecermos a realidade do futebol feminino universitário no Estado do Ceará. Na UFC, o desporto de rendimento possui uma diversificada oferta de modalidades, atendendo um maior número de estudantes-atletas, e apresenta como uma de suas características o treinamento de seleções compatibilizado com a trajetória acadêmica, evitando o prejuízo do rendimento acadêmico. O Departamento de Desporto Universitário (DDU) da UFC atua incentivando a participação em competições universitárias e na implantação de bolsas de incentivo ao desporto.

A seleção feminina de futsal oportuniza às alunas da UFC um treinamento orientado três vezes por semana, material para jogo e treino, quinze bolsas de incentivo ao desporto, no valor de 400 reais cada, apoio econômico para transporte, alimentação e hospedagem em competições nacionais, bem como, a participação e o pagamento das taxas administrativas, em diversas competições regionais e nacionais.

Além de todos os benefícios que o esporte pode proporcionar, encontramos também no desporto universitário, mais especificamente na equipe de futsal feminina, a oportunidade de as alunas frequentarem um curso superior e ao mesmo tempo não abandonar a prática desportiva competitiva, caso elas já praticassem antes de sua admissão na universidade. Nesse contexto, a UFC possibilita o acesso à prática esportiva, contribuindo para que elas não abandonem o esporte ao ingressarem na Universidade. Percebemos que a equipe de futsal feminina da UFC, apesar do incentivo da universidade, possuí um caráter voltado ao amadorismo, sendo, para grande parte das atletas, uma atividade muito mais próxima do lazer e da continuidade da prática

[197] Ver Montenegro e Balzano (2012).

esportiva iniciada nas equipes escolares. Entendemos que a principal finalidade da UFC com a equipe universitária de futsal feminina é proporcionar um espaço orientado para a prática do futsal feminino, espaço tão escassos em nosso país para esse gênero.

Impera ressaltar a importância do profissional de EF nesse processo de transformação cultural, sendo um agente ativo dessa transformação, começando na escola e dando continuidade na universidade, pois a quebra desse paradigma, oportunizando o esporte a todos, sem restrição de gênero ou de quaisquer outros tipos de preconceitos, são práticas que contribuem para a desconstrução do discurso que "futebol é coisa só de homem".

O "nono indicador" para uma proposta de ensino do futebol na perspectiva decolonial relaciona-se "à aproximação do clube com a universidade". Tanto no meio acadêmico como no meio esportivo, existe um discurso de distanciamento entre as duas instituições. Quando falamos em aproximação ou interação entre clube e universidade, não estamos falando apenas de bolsas de estudos oferecidas pelas universidades para os atletas dos clubes, ou estágios e pesquisas de estudantes universitários dentro dos clubes. Consideramos que essas duas ações são importantes, mas acreditamos que esta interação deve acontecer de forma mais profunda e significativa para ambas as instituições. Julgamos que nessa aproximação deve acontecer uma troca de conhecimento, uma relação dialógica, uma permuta de saberes com ênfase na relação teoria-prática, entre os profissionais das instituições, em prol do desenvolvimento do futebol em diversos âmbitos.

Como exemplo dessa aproximação e interação clube e universidade, abordamos, aqui, o projeto "A inserção da universidade no futebol"[198], realizado no ano de 2013, entre a UFC e o Ferroviário Atlético Clube, coordenada pelo professor Otávio Balzano do IEFES/UFC, e pelo coordenador das categorias de base do Ferroviário A.C. Armando Desessards. O projeto teve como objetivo geral contribuir para o crescimento e o desenvolvimento do futebol nas categorias de base do referido clube e aproximar os estudantes do IEFES/UFC da realidade do futebol de rendimento. Além desse objetivo o projeto também procurou: promover a interação do IEFES/UFC com a comunidade esportiva; desenvolver trabalhos científicos e pesquisas na área do futebol; contribuir com a formação integral dos estudantes das escolinhas e dos atletas das categorias de base do clube; contribuir com o aprimoramento técnico-tático e físico dos

[198] O Ferroviário Atlético Clube, famoso por revelar grandes jogadores, administra uma Escola de Futebol para garotos nascidos entre os anos de 1995 e 2004 que buscam um futuro de sucesso dentro do futebol. Utilizando uma pautada metodologia de aulas, sob aspectos técnicos, didáticos e pedagógicos, os professores corais fazem programas específicos para cada faixa etária e um acompanhamento que garante o perfeito desenvolvimento dos estudantes. Para tal, contam com a supervisão da Universidade Federal do Ceará (UFC), conforme convênio firmado entre a instituição e o clube. Disponível em: http://www.ferroviario.com.br/escolinha.

atletas das categorias de base do clube; coordenar, desenvolver e aplicar um proposta de ensino-aprendizagem e treinamento de futebol nas escolinhas de formação do clube; participar de forma ativa do planejamento e execução dos treinos das equipes de competição do clube; e oportunizar uma nova vivência esportiva, na perspectiva formativa e competitiva do futebol, aos estudantes do curso de EF do IEFES/UFC.

Muitos foram os aprendizados e as trocas de experiência nesta parceira: experiência para os estudantes do IEFES-UFC nas escolinhas e equipes de competição do clube; palestras para os atletas do clube e estudantes do IEFES-UFC; sete artigos científicos foram publicados em revistas da área; organização de torneios com arbitragem e direção das equipes, dos estudantes do IEFES-UFC; projeto interdisciplinar com a disciplina de Cinesiologia do curso de EF do IEFES-UFC; três estudantes do curso de EF do IEFES/UFC foram contratados para trabalhar nos quadros profissionais das categorias de base do Ferroviário A. C., na temporada de 2013/2014; seis TCCs foram realizados com ênfase na proposta do projeto; cinco trabalhos apresentados nos Encontros Universitários da UFC, de 2013 e 2014; oito dos quinze atletas que participaram do "Projeto Aprimorar"[199], foram negociados com clubes de futebol do Brasil, possibilitando retorno financeiro ao Ferroviário A.C.

Consideramos que projetos como esses, que aproximam e fazem interagir clube e universidade, contribuem para o desenvolvimento do futebol no Brasil, principalmente, na relação prática e teoria. Acreditamos que uma proposta de ensino do futebol na perspectiva decolonial, que aproxime o clube da academia, deve satisfazer o interesse de ambas as partes e ter como finalidade a produção e o desenvolvimento de novos conhecimentos no futebol.

O "décimo indicador" para uma proposta de ensino do futebol na perspectiva decolonial é referente à disciplina de futebol e futsal nos cursos de licenciatura em EF das IES. Neste sentido, criamos uma proposta de conteúdos para trabalharmos na disciplina e para ser replicada na EF escolar, do ensino fundamental II ao ensino médio. Defendemos que os conhecimentos transmitidos e recriados na escola e na universidade ganham sentido quando fazem parte de uma construção dinâmica, entre os saberes escolares, acadêmicos e os demais saberes.

Em uma proposta decolonial é fundamental que o professor de EF perceba que o futebol/futsal vão além da visão restrita da mera prática, torna-se importante compreender esses

[199] Dentro da filosofia de aprimoramento técnico das categorias de base do Ferrão, o Departamento de Futebol executa a partir dessa semana o "Projeto Aprimorar", destinado especialmente aos jovens atletas do sub-15, sub-17 e sub-20 coral. O projeto foi conduzido por uma equipe de profissionais da Universidade Federal do Ceará, parceira do clube nas atividades das categorias de base e escola de futebol do Ferrão. Semanalmente, atletas destinados pelos treinadores e coordenador técnico das três categorias, realizavam trabalhos específicos a fim de maximizar virtudes e corrigir deficiências tanto nos aspectos físicos, técnicos e táticos. Disponível em: http://www.ferroviario.com.br.

esportes num sentido amplo. Para isso, é preciso conhecer a história do futebol/futsal, seus significados, ações e intervenções sociais, culturais e políticas. Entendemos que o futebol/futsal, por seu alcance e encantamento, pode ser veículo de educação para a decolonialidade, formando pessoas dignas, conscientizando sobre as questões da vida e para a democracia, todos pressupostos da equipe "Giro Decolonial".

Nossa proposta de ensino do futebol/futsal está embasada em duas justificativas. A primeira, relativa à importância do futebol/futsal na formação sociocultural do Brasil e, nesse aspecto, como possível ferramenta decolonial, no "desgaste" (YEDAIDE, 2015) as estruturas e mecanismos coloniais inseridos na sociedade moderna. Acreditamos nessa possibilidade, pois o futebol no Brasil foi ressignificado pelas classes populares. Conforme Winisk (2008, p. 80), "[...] o futebol foi assimilado e ressignificado no Brasil, onde se ocupou com galhardia a sobra de desocupação estrutural que o jogo oferecia, fazendo-o coletivo e individualista, pragmático e artístico, útil e inútil, surpreendente e belo, carnavalesco e trágico." Na mesma linha, segundo Kusch (1978), somos marcados pela ocidentalização e, em consequência, analisamos a realidade a partir de um ponto de vista já internalizado, que surge como a única referência possível para pensarmos. O pensamento popular nos apresenta outro modo de ser e isso nos exige outra postura filosófica e novas metodologias que sejam capazes de reconhecer o saber popular como um pensar legítimo.

A segunda justificativa relaciona-se à prática de futsal no Brasil, pois em muitos lugares é o único espaço para o aprendizado de algum esporte coletivo orientado. Como já vimos anteriormente, há dificuldade para as IES em EF possuírem campos de futebol em suas dependências[200]. Conforme um dos participantes: "*Na minha visão, a instituição de ensino que tem um campo de futebol para trabalhar, tem 'ouro' nas mãos" (PF-IES1)* – e aqui inserimos também as escolas públicas. Segundo o site Agência Brasil (2017), a maioria das escolas públicas municipais brasileiras não têm estrutura para a prática de esportes, demonstrado no estudo "*Suplemento de Esporte do Perfil dos Estados e Municípios Brasileiros 2016"*[201]. Até 2015, somente 27,0% dos 5.570 municípios brasileiros tinham escolas com campo de futebol, ginásio, piscina ou pista de atletismo. A Região Sul foi a única que informou ter maior proporção de municípios com as instalações: 47,6% do total. Das 4.190 instalações em escolas da rede pública municipal, 78,0% (3.270) eram ginásios, 14,6% (611) campo de futebol, 6,3% (265) piscinas e 1,0% (43) pista de atletismo.

[200] Ver Balzano e Munsberg (2019). *In:* Procópio e Procópio (2016).
[201] Ver Agência Brasil (2017).

Na nossa percepção, esses são fatores importantes para ensinar o futsal em harmonia com o futebol, tanto na escola como na universidade. Ressaltamos que todos os participantes/jogadores da pesquisa/jogo principal ressaltaram a importância do futsal em seus trabalhos. Também cremos que o futsal, assim como o futebol, faça parte da cultura esportiva do brasileiro, o que nos enche de orgulho quando comparamos nossos jogadores e nossas conquistas com os de grandes potências mundiais no esporte. Conforme Pizarro (2014, p. 14),

> O futebol, por si só, já possui para os sul-americanos um sentimento decolonial, do 'sul global' se tornar 'norte global' devido à força de suas seleções, de seus jogadores e de seus clubes em âmbito mundial, fato de alta relevância no processo de decolonização e, inclusive, na própria autoestima de povos periféricos.

O futsal nada mais é do que um jogo adaptado do futebol. Em nossa opinião, o futsal é um filho do futebol, pois o futebol de salão foi criado na década de 30 do século XX para suprir as necessidades da prática do futebol. No futsal também somos referência mundial [202] e reproduzimos o estilo brasileiro de jogar futebol – estilo que privilegia o drible, o improviso, a criatividade, o jogo de pivô, e que ficou conhecido como "futsal-arte". O futsal, "apesar de não ser criado" no Brasil, é "um esporte genuinamente brasileiro", pois o desenvolvemos, produzimos os melhores jogadores e as melhores equipes, possuímos quadras nos recantos mais longínquos e criamos a nossa própria maneira de jogar esse esporte. Tanto quanto o futebol, lançamos os maiores craques mundiais, como Jackson, Douglas, Barata, Beto, Cacá, Ortiz, Morruga, Vander, Manoel Tobias, Fininho, Choco, Falcão, Lenísio, Jorginho, Amandinha, entre outros. Nossa seleção de futsal feminina nunca perdeu um jogo sequer, pois é a única equipe do mundo invicta em esportes coletivos.

Hoje, o futsal é a modalidade esportiva que possui o maior número de praticantes em todo o Brasil (VOSER; GIUSTI, 2015). Um dos motivos é que não impõe o biótipo geralmente requerido para certas modalidades, podendo praticá-lo o alto, o baixo, o gordo, o magro, o jovem, a mulher ou o mais idoso. O futsal é um dos esportes que mais se aproxima do futebol – a paixão nacional – e precisamos apenas de dez jogadores para jogar. Além disso, pode ser jogado em qualquer clima. Convém lembrar que Zico, Sócrates, Rivelino, Denílson, Ronaldo, Ronaldinho Gaúcho, Robinho, Adriano, dentre muitos outros astros do futebol, creditam grande

[202] O Brasil é o país com maior número de títulos em copas do mundo de futsal. Em dez edições já realizadas do torneio, a Seleção Brasileira foi campeã sete vezes, nos anos de 1982, 1985, 1989, 1992, 1996, 2008 e 2012. Por cinco anos, o Brasil obteve o prêmio Bola de Ouro, para o melhor jogador da Copa do Mundo de Futsal: 1992 (Jorginho), 1996 e 2000 (Manoel Tobias), 2004 e 2008 (Falcão). A Seleção Brasileira de Futsal masculina foi criada em 1969. Ao longo de sua história, já conquistou 56 títulos internacionais. Além das vitórias em copas do mundo, de doze Campeonatos Sul-Americanos já disputados, o Brasil foi campeão em todos. (CBFS, 2018).

parte de seu sucesso ao aprendizado obtido no futsal, onde iniciaram a vida esportiva. O futsal, por ser praticado em menor espaço e com menos participantes, facilita o aprendizado, não constrangendo quem possuí poucas vivências no esporte – principalmente as mulheres, devido à cultura machista da sociedade brasileira.

Verificamos, também, que as primeiras e contínuas experiências no futebol são iniciadas na escola ou em escolinhas esportivas que, em grande parte, não possuem campos de futebol, mas têm quadras de futsal em seus estabelecimentos. No Brasil, crianças e jovens iniciam e desenvolvem seu aprendizado de futebol em quadras de futsal, o que nos leva a entender que o ensino dos conceitos do futsal, adaptados para o futebol, podem render muitos frutos no processo ensino-aprendizagem e no treinamento dos dois esportes. Partindo do pressuposto de que a criança e o jovem, ao praticarem o futsal ou futebol na quadra, trazem aprendizagens motoras/físicas/cognitivas significativas de sua vivência (rua/família) e desenvolvimento esportivo na escola. Quando realizarmos um processo de ensino-aprendizagem e treinamentos específicos num espaço maior, como o trabalho no campo de futebol, não mais partiríamos de um processo novo – que é sempre mais complicado –, daríamos continuidade no processo, seria muito mais fácil partir de um conhecimento já vivenciado e possivelmente entendido pela criança e jovem. Assim, nosso trabalho seria levar esses jovens a contextualizarem o conhecimento adquirido no futsal (quadra) para o futebol no campo.

Ao criarmos uma proposta de ensino-aprendizagem e treinamento do futsal em harmonia com o futebol, buscamos resolver “os nossos problemas com soluções nossas”. Como o problema é “nosso”, entendemos que deveríamos criar nossas alternativas baseadas em “nossos” conhecimentos e experiências. Nessa proposta, utilizamos o termo “conceito” (do latim *conseptus*, do verbo *concipere*, que significa "conter completamente", "formar dentro de si"), pois entendemos que conceito é aquilo que a mente concebe ou entende: uma ideia ou noção, representação geral e abstrata de uma realidade. (BALZANO, 2020). Os conceitos utilizados no ensino da proposta são referentes às ações dos jogadores no futsal, na situação de ataque (com a bola) e de defesa (sem a bola), e ao número de jogadores envolvidos nas ações individuais (um jogador), de grupo (dois a três jogadores) e coletiva (mais de três jogadores). Entendemos que o aluno, ao compreender e contextualizar os conceitos de ataque e defesa do futsal, tornar-se-á um aluno/jogador capacitado para jogar futsal ou futebol em um nível de rendimento, se quiser dar continuidade ao treinamento, ou principalmente para o lazer e para sua saúde, após concluir sua vida acadêmica. Concebemos que, pela aprendizagem e por vivências na escola básica, os aprendizes estarão entendendo e contextualizando os esportes, adquirindo, assim, competências para jogar tanto o futsal, como o futebol. (BALZANO, 2020).

Em nossa proposta utilizamos a metodologia do "jogo por compreensão", pois concordamos com Garganta (2002) quando considera que o primeiro problema no jogo de futsal/futebol, para o estudante-atleta, é de natureza tática. É saber "o que fazer", para depois apoiar-se no "como fazer", já que a forma de atuação do estudante-atleta está em como ele concebe e percebe o jogo. Empregamos, em nossa proposta, a expressão "jogo por compreensão" porque entendemos que nessa metodologia o ensino é baseado em atividades/jogos, onde o estudante-atleta deve entender/compreender o que está fazendo para tomar as melhores decisões e resolver problemas que vão se apresentando durante o jogo. Nesta abordagem, o ponto principal do processo de ensino-aprendizagem e treinamento está na estruturação de jogos. O procedimento acontece modificando o tamanho dos espaços, o número de jogadores, os materiais, o tamanho dos alvos (gols) e quantidade, duração das partidas, formas de pontuação, limitações qualitativas de algumas ações e zonas de condicionamentos, permitindo maiores possibilidades para a avaliação do jogo, a resolução dos problemas e o desenvolvimento da criatividade. (BALZANO, 2020). Modificando essas variáveis, possibilitamos que todos possam jogar de maior ou menor nível técnico e físico, como meninos e meninas. Como o *fútbol callejero*[203], já citado em nossa pesquisa, a proposta de ensino de futsal/futebol na perspectiva decolonial tem origem no Sul, visando a desvincular-se da lógica gestora hierárquica impositiva, comercial e midiática eurocêntrica, mantendo o princípio da autogestão – aqueles que o praticam, de modo localizado, dialogam e organizam suas regras e práticas. Sendo fundamentado como uma prática de educação popular, o ensino do futsal/futebol questiona a lógica de uma matriz de saber e poder, questiona a colonialidade, instaurando o saber construído de modo compartilhado, pelos estudantes e professores em suas práticas.

No futebol moderno é preconizada a separação obrigatória de sexos, em sua prática, justificada por características anatomofuncionais. Diferentemente, na proposta do ensino do futsal/futebol, incluímos homens e mulheres, bem como pessoas mais habilidosas e menos habilidosas, que jogam juntos/as na mesma equipe, com possibilidade de conformação das regras, favorecendo a participação justa dos/as participantes em equidade, alicerçada na convivência respeitosa, cooperativa e solidária. Na proposta do ensino do futsal, em harmonia com o futebol, o valor está na participação de todos, de homens e mulheres, entendendo suas possibilidades e acolhendo suas demandas e, principalmente, incentivando-os ao protagonismo.

---

203 Ver Belmonte e Gonçalves Junior (2018).

Além do espaço para a prática, na proposta futsal/futebol na perspectiva decolonial, são realizados trabalhos com os estudantes na sala de aula e na comunidade, sobre temas geradores referentes ao futebol e futsal. Os temas geradores foram inspirados na pedagogia de Paulo Freire (1985), para quem educar é um ato de conhecimento da realidade concreta e das situações vividas, um processo de aproximação crítica da própria realidade. Entendemos que os temas geradores, nessa proposta, são estratégias metodológicas de um processo de conscientização da realidade (sociedade desigual), abordada pelos "olhos do futebol". Reputamos que essa proposta pode contribuir para o processo de construção da descoberta, pois os temas geradores (futebol) emergem do saber popular, são extraídos da prática e dos problemas de vida dos educandos, buscados através de pesquisa do universo dos educandos e substituindo os conteúdos tradicionais.

Consideramos que as escolas, na EF, estão praticando "muito futebol", mas refletindo pouco sobre ele e sobre os conteúdos que dele emergem. O racismo, o individualismo, a violência, o machismo, e tantos outros conteúdos que surgem na sua prática são pontos que julgamos relevantes no planejamento de uma proposta de educação/ensino na EF, para fazer parte do diálogo com a comunidade escolar. A EF, como qualquer outra disciplina, tem responsabilidade no processo de formação e desenvolvimento de valores e atitudes. Por essa razão, pensamos que temas geradores devam fazer parte de uma proposta de ensino e que cabe ao professor de EF o papel de coordenar e estimular, durante suas aulas e atividades esportivas, momentos de debates e reflexão sobre as situações que emergem na prática/vida real.

A proposta de ensino do futsal em harmonia com o futebol, contempla os estudantes do ensino fundamental II e do ensino médio. Em cada ano, trabalhamos quatro conceitos de ataque e quatro conceitos de defesa – adaptando-os ao nível técnico dos estudantes –, através de oitos jogos por compreensão – jogos esses que podem ser alterados de acordo com a proposta de novas regras indicadas pelos estudantes. Também, em cada ano são propostos dois temas geradores – que são modificáveis, pois dependem do interesse dos estudantes e da realidade daquele momento. Acreditamos que essa proposta pode ser desenvolvida na disciplina de futebol e futsal dos cursos de licenciatura em EF e replicada na EF escolar da educação básica. Para melhor exemplificar a proposta, elaboramos o Quadro 9, apresentado na próxima página.

Observar o desporto futebol e suas relações com o mundo que o cerca e permitir uma compreensão crítica do educando juntamente com o aprendizado dos movimentos esportivos, que lhe possibilitem jogar, é função esperada do professor de EF. O momento atual sugere repensarmos a EF, para que esta venha a ocupar seu lugar dentro da educação com um todo, colaborando para uma formação decolonial/cidadã. Temos convicção de que "bons professores

marcam profundamente a vida de seus estudantes", constituindo-se em modelos, não só sob o ponto de vista da profissão, mas também como exemplo de cidadania.

Quadro 9 – Proposta de ensino do futsal em harmonia com o futebol

Ano	Faixa Etária	Conceitos de Defesa[204]	Conceitos de Ataque	Jogos por Compreensão[205]	Temas Geradores Futebol[206]
5º EF2	9 – 10 anos	1. Posicionamento em quadra (entre a trave e o adversário). 2. Postura de marcação (pernas e tronco flexionados – pernas não paralelas). 3. Realizar aproximação e abordagem. 4. Fechar o lado bom do adversário.	1. Passar e deslocar-se para frente entrando em linha de passe. 2. Vantagem numérica no contra-ataque "sempre passar". 3. Proteção da bola (perna de apoio e tronco). 4. Finalizar o ataque para não levar o contra-ataque.	1. Jogo dos quatro retângulos 1.1. Jogo dos dois setores na diagonal. 2. Jogo do meio vazio. 2.1. Jogo do banco no meio. 3. Jogo da quadra na horizontal - dois jogadores deslocam-se para os dois lados. 3.1. Jogo da quadra na vertical - dois jogadores deslocam-se para os dois lados. 4. Jogo do Meião e lateral com a mão. 4.1. Só pode receber com a sola.	1. Menino joga futebol, menina brinca de boneca. 2. Propostas de atividades de futebol para ambos os gêneros.
6º EF2	12 – 13 anos	5. Defensor deve ficar atrás da linha da bola. 6. Acompanhar por dentro (jogador sem bola) na marcação individual. 7. Cercar o adversário quando ele estiver com a bola no meio na quadra. 8. Cobertura defensiva.	5. Atacante 1 contra 1 no ataque tentar o drible. 6. Quando receber a bola (sola) fique de frente para o seu oponente e levante a cabeça. 7. Quando realizar o contra-ataque de preferência em conduzir a bola pelo centro da quadra. 8. Deslocar-se para o ataque quando estiver com a marcação próxima (s/bola).	5. Jogo dos dois retângulos na esquerda e um retângulo na direita. 5.1. Jogo dos dois retângulos na defesa e um retângulo no ataque. 6. Jogo dos quatro setores na vertical. 6.1. Jogo dos quatro setores na horizontal 7. Jogo das quatro traves no lado da quadra. 7.1. Jogo das quatro traves uma atrás da outra. 8. Jogo só vale jogar de pé esquerdo ou direito. 8.1. Jogo só pode marcar um adversário.	3. Violência no futebol brasileiro (torcidas). 4. Movimentos contra a violência no futebol brasileiro.
7º EF2	13 – 14 anos	9. Flutuar em desvantagem numérica.	9. Sempre que for possível passar a bola no pé bom do companheiro e a	9. Jogo sempre para frente e lateral com a mão.	5. Racismo no futebol brasileiro.

[204] Ver Balzano (2017).
[205] Ver Balzano (2012; 2014; 2018).
[206] Ver Balzano e Perdomini (2008).

		10. Perna para executar o bloqueio do chute (correspondente ao adversário). 11. Posição defensiva – binômio (bola/adversário). 12. Quando o atacante dominar a bola de costas e girar o defensor deve colocar o pé na bola.	recepção (sola) deve ser feita de frente para a bola. 10. Girar quando o marcador encostar nas suas costas. 11. Deslocamento longo (na frente) ou curto (atrás) - referência é o adversário. 12. Dar profundidade ao ataque quando a defesa está concentrada.	9.1. Jogo passou com a D. o próximo passe é de E. 10. Jogo do pião. 10.1. Jogo do neutro. 11. Jogo do 3 x 3 e 2 x 2 – passou entra em vantagem numérica. 11.1. Jogo do 2x3 e 3x2 em cada meia quadra. 12. Jogo do gol ao contrário (2 traves). 12.1. Jogo das 2 traves + 4 travinhas.	6. Movimentos contra o racismo no futebol brasileiro.
8º EF2	14 – 15 anos	13. Pressionar o portador da bola quando a cobertura estiver próxima (principalmente no lado). 14. Fazer a abordagem para tirar a bola quando o adversário estiver conduzindo a bola no seu "lado ruim". 15. Dar um passo para trás quando o pivô estiver com a bola dominada e de costas protegendo-a. 16. Dobrar na marcação de lateral – "sanduiche".	13. Cobertura ofensiva. 14. Trocar de posição (oito ou ala com pivô) com os colegas quando estiver com marcação individual próxima. 15. Conduzir a bola quando todos os companheiros estiverem marcados sob pressão. 16. Quando estiver na ala no ataque tente finalizar em diagonal para um companheiro entrar no 2º pau.	13.Jogo da quadra dividida em X. 13.1. Jogo do pivô na quadra de ataque. 14. Jogo do 2º pau. 14.1. Jogo do tapa olho. 15. Jogo da quadra dividida em 3 setores na horizontal – passa e vai. 15.1. Jogo da quadra dividida em 3 setores na vertical – passa e vai. 16. Jogo do pivô dentro da zona de finalização. 16.1. Jogo São Judas (Quadra de vôlei).	7. Xenofobia no futebol brasileiro (caso norte e nordeste). 8. Movimentos contra a xenofobia no futebol brasileiro.
9º EF2	15 – 16 anos	17. Induzir o atacante a jogar pelo lado da quadra e depois pressionar (1 contra 1). 18. Jogar na frente do pivô (perto da sua área) - Jogar na atrás do pivô (meio da quadra). 19. Obedecer às linhas de marcação – quando equipe adversária estiver organizando o ataque. 20. Jogar com cobertura do goleiro – na marcação alta.	17. Quando passar a bola para o pivô devemos trocar a direção da corrida e aproximar-se dele. 18. Amplitude no ataque – quando defesa adversária se concentra no meio. 19. Girar quando o marcador encostar nas suas costas. 20. Quando estiver perto do goleiro finalizar de primeira e colocado (cavada).	17. Jogo do professor que coloca a bola 17.1. Jogo das 2 traves x 1 trave. 18. Jogo das 3 traves na diagonal. 18.1. Jogo das 3 traves - uma trave no meio. 19. Jogo do passe ao goleiro - mão e pé. 19.1. Jogo do pivô e Fixo nas Zonas Delimitadas 20. Jogo no sinal toca na trave e volta. 20.1. Jogo tomou gol perde um jogador – fez gol recupera o seu jogador e sai o jogador do outro time.	9. A importância sociocultural do futebol no Brasil. 10. Futebol arte – Brasil (Importância do Negro no futebol brasileiro).

1º EM	16 – 17 anos	21. Levar o atacante com posse de bola para o lado quando estiver em inferioridade numérica. 22. Ação de antecipar o atacante – quando abrir a linha de passe. 23. Utilizar do recurso da falta no contra-ataque – adversário em vantagem numérica e passa bola. 24. Quando seu marcador passar a bola e deslocar–se para frente acompanhe o mesmo, olhe para ele, olhe para a bola só depois de estar equilibrado na marcação.	21. Fintar (marcado sobre pressão) para desequilibrar a marcação sob pressão. 22. Entrar de encontro à bola "pisando na bola" com a marcação em linha. 23. Finta lateral do Pivô – fintar primeiro para o lado ruim e depois para seu lado bom. 24. Deslocamentos em paralela ou diagonal – de acordo com sua perna de preferência, e espaço na quadra.	21. Jogo dos quatro apoios na quadra de vôlei. 21.1. Jogo do Gol de Encontro a bola fora da área. 22. Jogo da bola na mão do atacante ou defensor. 22.1. Jogo do Impedimento 23. Jogo do atacante atrás da Trave. 23.1. Jogo das Traves Viradas ao Contrário – Atacante (pivô) no setor gol de primeira. 24. Jogo dos Dois Atacantes (pivôs) no apoio de fundo. 24.1. Jogo em que o Atacante deve receber na Parede na quadra de ataque.	11. A influência tendenciosa da mídia no futebol. 12. Futebol possibilidade de ascensão social das classes populares.
2º EM	17 – 18 anos	25. Dobrar a marcação – adversário com a bola baixar a cabeça. 26. Todos do setor defensivo pressionam a marcação juntos. 27. Balanço defensivo – deslocamentos laterais em conjunto. 28. Comunicação defensiva (protagonismo do defensor) – sempre quem está atrás é que fala.	25. Bloquear o marcador do companheiro portador da bola (passe da ala para o centro). 26. Sobreposição (passe do centro para ala). 27. Contra-ataque indireto (troca de passes) quando não estamos em vantagem numérica. 28. Jogar com o goleiro como cobertura ofensiva – reorganizar o ataque.	25. Jogo das duas traves no meio – roubou de um lado ataca do outro. 25.1. Jogo no sinal gol do outro lado da quadra. 26. Jogo do passe atravessado. 26.1. Jogo não repete o passe. 27. Jogo dos cones nas mãos. 27.1. Jogo das traves no centro viradas para o lado. 28. Jogo dos 4 Goleiros. 28.1. Jogo do Miltinho.	13. Machismo no futebol brasileiro. 14. A participação da mulher no futebol brasileiro.
3º EM	18 – 19 anos	29. Trocas de marcação – atacantes ocupam o espaço do defensor. 30. Marcação 2 contra 3 - segue a bola a primeira linha. 31. Formar triângulos	29. Ação de Desmarque – criar a dúvida no marcador do portador da bola – vir de trás para frente. 30.Abrir o jogo (limpar a quadra) – do meio para ala OU da ala para o meio – quando recupera a bola na defesa.	29. Jogo 3 + 3 x 4 com duas traves x 1 trave. 29.1. Jogo Uma trave contra duas Traves. 30. Jogo do centro fechado. 30.1. Jogo da quadra de vôlei pivô no meio – UFC. 31. Jogo das cores.	15. Homofobia no futebol brasileiro. 16. Movimentos contra a homofobia no futebol brasileiro.

		defensivos – setor da bola. 32. Quem perde a bola no ataque tenta recuperar o mais rápido possível – segue a bola os companheiros retorno ao centro da quadra.	31.Alteração de ritmo de passes e deslocamentos – defesa adversária organizada. 32. Formar triângulos ofensivos –criar vantagem numérica.	31.1. Jogo uma equipe ataca nos dois lados. 32. Jogo todos com a bola nas mãos. 32.1. Jogo do gancho coloca a outra bola.	

Fonte: Autoria própria (2020).

Goooool! Gol da equipe “Giro Decolonial”. Regozijo, prazer total, pois com esse gol chegamos à vitória e ao título. Título que foi conquistado com muito trabalho, enfrentando muitos obstáculos, agonia e incertezas, mas também com muito prazer e alegria – todos sentimentos que experimentamos num jogo de futebol.

9 COMENTÁRIOS DO CLÁSSICO [CONSIDERAÇÕES FINAIS]

Imagem 31 – Comentário sobre a equipe “Movimento Colonial”

Imagem 32 – Comentário sobre a equipe “Giro Decolonial”

Imagem 33 – A passagem do “bastão”

9 COMENTÁRIOS DO CLÁSSICO [Considerações finais]

Chegamos ao final da partida principal, que narrou o jogo entre a equipe "Movimento Colonial" e a equipe "Giro Decolonial". Dedicamos, neste espaço, os comentários da partida[207] aos leitores/torcedores. Começamos os comentários do clássico, respondendo ao problema central da tese: O modelo epistêmico adotado pelos profissionais de EF no ensino do futebol, tanto na universidade como no clube, contribui para a produção de sujeitos "pés de obra"? A partir da investigação realizada no jogo principal, acreditamos que "SIM", o modelo epistêmico adotado pelos profissionais de EF, tanto na universidade quanto no clube, contribui para a produção de sujeitos "pés de obra" no futebol.

No que se refere à universidade, constatamos: a disciplina de futebol possui uma carga horária restrita/pequena; em alguns cursos, a disciplina é optativa ou está junto com o desporto futsal; a ênfase dos conteúdos está nos aspectos práticos do esporte – abordagem na técnica, tática e preparação física; a principal referência é o futebol *performance*, mesmo sendo de difícil acesso profissional aos estudantes; o aspecto sociocultural do futebol é pouco explorado na disciplina e, além disso, em nenhuma das IES-EF pesquisadas, conteúdos ligados aos preconceitos, formação de atletas e cuidados com a carreira futebolística são trabalhados; outras questões relevantes, no descaso às disciplinas de futebol observados foram a falta de espaço apropriado à sua prática e professores não especialistas na área; e, o distanciamento da teoria/universidade e da prática/clube de futebol, também foi verificado no modelo do ensino de futebol na universidade. Em efeito, inferimos que, mesmo sendo relevante e valorizado na cultura nacional – considerando a realidade, a oportunidade de trabalho e a ascensão social das classes populares nesse contexto –, o futebol ainda é pouco valorizado pela academia, especialmente no currículo do curso de EF.

[207] Finalizamos a apresentação das imagens dessa partida principal/tese com os comentários sobre o clássico. Essas imagens fazem parte do arquivo pessoal do professor/pesquisador/narrador e correspondem aos anos de 2019 e 2020. A imagem 31 – comentário sobre a equipe "Movimento Colonial" –, onde aludimos sobre comentário de uma das equipes participantes do clássico/tese, é sobre uma palestra do professor/pesquisador/narrador/comentarista, para professores de futebol/futsal, diretores e coordenadores de um clube de futsal/futebol, no ano de 2020, na cidade de Canoas/RS. A imagem 32 – comentário sobre a equipe "Giro Decolonial" –, onde também aludimos sobre o comentário de uma das equipes participantes do clássico/tese, é uma apresentação do professor/pesquisador/narrador/comentarista sobre o tema "O futebol gaúcho na perspectiva da decolonialidade", apresentado durante o 19º Congresso Brasileiro de Sociologia, de 9 a 12 de julho de 2019, na Universidade Federal de Santa Catarina. A última imagem desse trabalho, a imagem – a passagem do "bastão" –, pretende demonstrar a continuidade do "ser professor", pois, esta imagem identifica uma palestra do filho do professor/pesquisador/narrador/comentarista, ao realizar uma apresentação a respeito do projeto PIBID, relatando sua primeira experiência como docente.

Já em relação ao modelo epistêmico abordado nos clubes de futebol, verificamos: rotina de trabalho que segue o modelo de treinamento da categoria profissional; treinamento visando à *performance*, com ênfase na busca de resultados imediatos, o que é evidenciado pela especialização precoce dos atletas; processo de seleção de jogadores realizado através de métodos empíricos; distanciamento entre escola e clube, sendo que o principal motivo para a frequência escolar dos atletas é a obrigatoriedade prevista em lei; raro ou nenhum canal de aproximação entre escola e clube de futebol local (principalmente em clubes pequenos), visando à interação curricular na prática da EF; abordagens esporádicas em relação à formação pessoal/humana dos atletas, aos preconceitos no futebol e à condução adequada da carreira futebolística; e, o futuro jogador de futebol é visto como um patrimônio que precisa dar resultados positivos para o clube, sem considerar os meios para tal e, neste sentido, a importância da escolaridade.

Dando seguimento aos comentários da partida principal, observamos que os primeiros movimentos do jogo foram mais incisivos pela equipe "Movimento Colonial". Na perspectiva da colonialidade, os principais fatores relatados como contribuição para a formação de sujeitos "pés de obra" no futebol foram: a ênfase nos aspectos positivos do futebol (clubes da elite do futebol), divulgados pela mídia, encobrindo a realidade do futebol profissional e das categorias de base; a família visualizando o futebol como principal oportunidade de ascensão social (pressão nos atletas numa fase de formação); a exploração e a ganância de empresários; a busca por resultados imediatos pelos clubes, na perspectiva de ganhos (esportivos e econômicos) rápidos; a precariedade da escola pública brasileira, com seu modelo tradicional de ensino, provocando desinteresse dos estudantes-atletas; o fato de que os maiores ganhos resultantes da educação, para os atletas, estão longe no horizonte de tempo; as mídias sociais como maior atrativo, que dispersa os jovens no trabalho/futebol e na escola; a visão do senso comum de que jogador de futebol não precisa estudar; e, a precária situação das categorias de base nos clubes menor expressão.

Analisando o transcorrer do jogo principal, visualizamos as ações de contra-ataque da equipe "Giro Decolonial", trabalhando no meio-campo e na defesa com a intenção de proteger sua meta, através de alternativas como: os estudantes-atletas treinam pela manhã e estudam à tarde; os cursos de EF e as disciplinas de futebol tratando em seus currículos de temas como o preconceito, a influência da mídia no esporte, o processo de seleção de atletas e outras alternativas de trabalho no futebol, como modelos de treinamentos/aulas adequados a faixas etárias, gênero e diferenças. Também foram ações da equipe "Giro Decolonial" para amenizar os ataques adversários: a conversa franca com familiares e empresários a respeito do futuro dos

atletas em formação; a aproximação entre universidades e clubes de futebol na busca de uma troca de conhecimentos; um canal de ligação efetivo entre clube e escola (uma pessoa destinada para isso, tanto no clube como na escola/universidade); aproximação do Estado e de empresas privadas na formação de jogadores; ações mais efetivas e contínuas (palestras, consultorias, parcerias, entre outros) dos clubes e das universidades, no que tange à formação humana/integral de estudantes-atletas e futuros profissionais de EF; trabalhar, nas universidades, nas escolas e nos clubes, os movimentos de liberdade realizados por atletas e clubes, com o objetivo de combater os preconceitos e a falta de democracia no futebol e na sociedade; e, evidenciar a contribuição positiva das classes populares no desenvolvimento e aprimoramento do futebol brasileiro.

Em prosseguimento da análise final do clássico, verificamos que a equipe "Movimento Colonial" continuou incisiva nas suas ações. Os efeitos relatados, devido à dificuldade de conciliar escola e futebol e o modelo epistêmico que leva à formação de sujeitos "pés de obra" no futebol, foram os seguintes: a dificuldade de preparação para outra alternativa profissional fora do futebol (após o termino da carreira); a menor capacidade para exercer a profissão (dentro e fora do campo); a dificuldade de planejar a carreira (durante a formação e o exercício da profissão); a defasagem na formação futura como cidadão (como personagem influente na sociedade e exemplo para outros); e, a formação restrita e confusa em relação a crenças, religião e superstição.

Como alternativas para superar o ataque da equipe "Movimento Colonial", a equipe "Giro Decolonial" utilizou-se de táticas no decorrer da partida, como: o treinador/professor que trabalha nas categorias de base no futebol com experiência para contribuir tanto na formação técnica como pessoal dos atletas; na universidade, optar por trabalhar com situações-problema no futebol (preconceito, clube pequeno, família, entre outros) com os futuros profissionais de EF; nas IES-EF espaço físico apropriado para a prática da disciplina de futebol; nos cursos de EF uma capacitação motora preliminar, aos estudantes, para prática dos esportes coletivos; os clubes com um cronograma de palestras para conscientizar os atletas da importância da escola, realizando a integração dos setores da psicologia e da pedagogia com o campo; os clubes, duas a três vezes no ano, levam os atletas às universidades para participarem de palestras e eventos com os profissionais dessa instituição de ensino, no intuito de mostrar uma realidade/possibilidade diferente da do mundo do futebol; clubes com áreas multidisciplinares que ocupem o tempo "ocioso" dos atletas, excluindo o horário escolar e do treino; estabelecer parcerias entre clubes e universidades/escolas privadas, colocando seus atletas para estudar

nessas instituições e acompanhando sua trajetória; e, os clubes com um setor de planejamento de carreira para os atletas em formação.

Considerando o panorama do mundo atual, visualizamos uma realidade em que a educação da população menos favorecida e de atletas em formação no futebol, muito mais vinculada ao sistema institucional educacional e aos clubes de futebol do que à própria família. Reconhecendo que o futebol tem sido o veículo capaz de responder ao sonho de muitos meninos pobres, das vilas e das favelas no Brasil, onde os jovens de classes populares conseguiram ascender a camadas sociais superiores pelo sucesso obtido no futebol brasileiro e, cujos exemplos são muitos nos dias atuais, consideramos que as instituições educacionais carecem, a partir do ensino fundamental, incluir temas significativos de caráter social sobre o futebol brasileiro no currículo na disciplina de EF. É importante, também, ressaltar a contribuição cultural do futebol na formação da sociedade brasileira, em especial, valorizando a contribuição das camadas populares no desenvolvimento desse esporte. Assim, além da escola, as instituições de educação superior – em específico o curso de EF –, podem: valorizar e ampliar a carga horária da disciplina de futebol no seu currículo; selecionar profissionais capacitados nesse desporto; proporcionar infraestrutura adequada à sua prática; e, além da formação técnica, enfatizar a formação humana, incluindo temáticas como formação de jogadores, preconceitos e dificuldades no futebol, outras modalidades de exercício profissional do futebol, planejamento da carreira futebolística profissional, entre outros.

Defendemos que a universidade e a escola necessitam se aproximar dos clubes, visando à troca de conhecimento, em uma "via de mão dupla". Nesse sentido, criamos uma proposta de ensino-aprendizagem e de treinamento do futsal em harmonia com o futebol, utilizando espaços físicos de escolas e parques públicos (quadras poliesportivas em maior número que campos de futebol 11), em colaboração com os cursos de EF, articulando futsal e futebol. A proposta tem o intuito principal de colaborar com o ensino do futebol/futsal na escola e na universidade, na perspectiva do currículo e do contexto da realidade brasileira.

Já nos clubes, acreditamos em um modelo de trabalho paralelo de formação esportiva e pessoal/humana de atletas da base. Os clubes, além de colaborar com a formação escolar e universitária dos atletas (bolsas de estudo), contribuem no planejamento da carreira dos atletas, preparando-os para exercer uma profissão – dentro e fora do campo. Nessa direção, propomos que os clubes de futebol contratem profissionais especializados, principalmente na área de EF, para aprimorar a formação dos atletas nos clubes e na escola. Profissionais que trabalhem questões metodológicas para o aprimoramento da função dos atletas no campo, tais como estudar biografias de jogadores que exercem a função com maestria, observação das

características individuais dos adversários, identificação dos sistemas táticos, conhecimento dos modelos de jogo de outros países, cultura de outros locais, entre outros. Complementarmente, esses profissionais precisam desenvolver – além da *performance* de campo –, um trabalho direcionado para formação integral dos jovens (durante e pós etapa futebolística), estimulando o aprendizado de outra língua, de economia doméstica, de investimentos, de uma postura adequada perante as mídias e de valorização da imagem junto ao público, indicando livros e filmes – re-ensinar a ler, ver e interpretar – que contribuam para a formação social, cultural e política dos atletas.

Defendemos um modelo epistêmico "outro" de ensino de futebol, na universidade e no clube, que forme futuros profissionais de EF e estudantes-atletas dentro e fora das quatro linhas do campo de jogo, criando condições para que possam, de forma crítica, experimentar modos "outros" de exercitar e aprender, em um ato existencial que valorize o todo da existência humana, o "sentipensar".

Finalizando os comentários do clássico, reportamo-nos a uma metáfora envolvendo doutoramento com um jogo de futebol. Como ressaltado durante a partida principal, o futebol é fundamental – diríamos, primordial –, na vida deste professor/pesquisador/narrador. Ou seja, entendemos que o processo de doutoramento também pode ser comparado a uma partida de futebol. Quando entramos no gramado da vida acadêmica, vestimos a camiseta com entusiasmo. Autoconfiantes, dizemos conhecer e respeitar o adversário. Mas nem sempre temos a real dimensão das dificuldades que encontraremos dentro de campo. Nem sempre sabemos ao certo como joga o adversário. Temos um esquema tático armado e algumas jogadas ensaiadas, mas elas nem sempre são tão eficientes quanto previámos. Às vezes, a marcação do adversário nos impede, por algum tempo, de chegarmos ao destino final – o gol. Assim como no futebol, a pós-graduação é feita de momentos intercalados de euforia e de aflição – a não ser que você tenha uma equipe galáctica de craques habilidosos, milimetricamente sincronizados – em você passa a maior parte do tempo realizando jogadas de armação, que nem sempre têm um resultado concreto. Revisamos bibliografia, fazemos fichamentos e tabulamos dados como quem troca passes e não sabe se dali sairá um gol. Pode ser que, inesperadamente, sejamos desarmados. A dura verdade é que, sem esse trabalho duro de meio de campo, é praticamente impossível avançarmos até a grande área e atingir a meta adversária. Em muitos momentos há preocupação com nossa produção, pois, parece que o trabalho não sai do lugar. Assim como no futebol, a pesquisa parece ser um jogo de resultado imprevisível. Às vezes, nossa equipe não está muito bem. Mas, de repente, com a ajuda dos companheiros e do orientador, surge um súbito clarão. Damos um drible inspirado e marcamos belos gols – tanto na prorrogação quanto na decisão

por pênaltis – e conquistamos o tão esperado título: Doutor em Educação! (Adaptado de “A vida é um grande futebol”, de Lucas Shimoda, 2014).

REFERÊNCIAS

ABDALLA, M; FARIA, M. Em defesa da opção decolonial em administração: rumo à uma concepção de agenda. In: **V COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EPISTEMOLOGIA E SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA DA ADMINISTRAÇÃO**, 5, 2015, Florianópolis. In: **Anais...** Florianópolis, Brasil, 2015. P. (914-929).

ABRAHÃO, B. O. L. **Uma leitura do "racismo à brasileira" a partir do futebol.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – PPGEF, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2006.

ACHINTE, A. A. Epistemes "otras". ¿Epistemes disruptivas? KULA. **Antropólogos del Atlántico Sur.** nº 06, abril, 2012. p. 22-34. Disponível em: http://www.revistakula.com.ar/wpcontent/uploads/2014/02/KULA6_2_ALBAN_ACHINTE.pdf. Acesso em: 20 de set. 2018.

AGÊNCIA BRASIL (2017). **Maioria das escolas municipais não tem estrutura para a prática de esporte.** Publicado em 24/05/2017 - 16:38 Por Flávia Villela – Repórter da Agência Brasil – Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-05/escolas-municipais-tem-poucas-instalacoes-para-pratica-de-esportes. Acesso em: 5 ago. 2020.

ALABARCES, P. **Crónicas del aguante:** fútbol, violencia y política. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2012.

ALCÂNTARA, C. **Cumplicidade Virtual.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

ALMEIDA NETO, J. B. de. Especialização precoce – o vilão do futebol? **Revista Digital Universidade do Futebol**, São Paulo, julho, 2010. Disponível em: https://universidadedo futebol.com.br/especializacao-precoce-o-vilao-do-futebol/. Acesso em: 19 out. 2019.

ALMEIDA, L. R.; PLACCO, V. M. N. S. Coordenador pedagógico e o espaço de mudança. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

ALMEIDA, M. B.; SOARES, A. da S. O futebol no banco dos réus: caso da homofobia. **Revista Movimento.** Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 301-321, jan./mar. 2012. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/20826/17386. Acesso em: 07 jul. 2019.

ALMEIDA, T. B. C. de; SOUZA, D. M. de. **Abandono dos estudos**: uma análise dos atletas de futebol em formação nas categorias de base de Belém/PA. 2013.Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2013. Disponível em: http://paginas.uepa.br/ccbs/edfisica/files/2013.1/TOBIAS_ALMEIDA.pdf. Acesso em: 10 mar. 2018.

ALVIANO JUNIOR, W.; NEIRA, M. G. Formação inicial de professores: estabelecendo relações entre políticas para o ensino superior e o fracasso escolar. ***International Studies on Law and Education,*** São Paulo, n. 33, p. 19-30, set./dez. 2019. Disponível em: https://www.semanticscholar.org/paper/Forma%C3%A7%C3%A3o-inicial-de-professores%3A-estabelecendo-para-J%C3%BAniorNeira/15a9096e980a6f09fe687666d631678f800388d5. Acesso em: 22 abr. 2020.

AMARAL, T. R. P.; THIENGO, R. C.; OLIVEIRA da S. I. F. Os motivos que levaram jogadores de futebol amador a abandonarem a carreira de jogador profissional. **Revista Digital EFDeportes.com**. Buenos Aires - Año 12 - N° 115 - Diciembre de 2007. Disponível em: http://www.efdeportes.com/efd115/motivos-que-levaram-a-abandonarem-a-carreira-de-jogador-profissional.htm. Acesso em: 10 dez. 2018.

AMARO, S. **Racismo, igualdade racial e políticas de ações afirmativas no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar.** Campinas: Papirus, 1995.

ANJOS, J. L. dos; SANETO, J. G.; OLIVEIRA, A. A. Futebol, imagens e profissionalização: a bola rola nos sonhos dos adolescentes. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 125-147, jan./mar. 2012. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/19415. Acesso em: 21 jun. 2018.

ARAGÃO, C. C. **A mulher no jornalismo esportivo**: os desafios das repórteres das emissoras de rádio cariocas. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação – Habilitação em Jornalismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

ARAÚJO, J. **Ser Treinador.** Lisboa: Editorial Caminho, 1994.

ARAÚJO, A. C.; PINHEIRO, H. de A. Panorama das categorias de base no futebol brasileiro. **Revista de trabalhos acadêmicos da FAM**. v. 2 n. 1 (2017): Trabalho de Conclusão de Curso. Americana/SP 2016. Disponível em: http://aplicacao.vestibularfam.com.br:881/pergamumweb/vinculos/000005/00000546.pdf. Acesso em: 13 ago. 2019.

ARIAS, P. G. Corazonar el sentido de las epistemologias dominantes desde las sabidurías insurgentes, para construir sentidos otros de la existencia (primera parte). In: **Calle14: revista de investigación en el campo del arte**. 4 (Julio-Diciembre), 2010. Disponível em: file:///C:/Users/OTAVIO/Downloads/1606-Texto%20do%20Artigo-4454-1-10-20180318%20(1).pdf. Acesso em: 20 set. 2020.

AZEVEDO, V. V. D.; MEZZAROBA, C.; ZOBOLI, F. A influência da mídia na construção de ídolos esportivos para os jovens. **Revista Kinesis,** Santa Maria, RS, ed. 32, v. 1, jan./jun. 2014. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/15603/0. Acesso em: 14 fev. 2019.

BAGGIO, L. M. **Representação da mulher no telejornalismo esportivo**: a atuação da jornalista Renata Fan no programa Jogo Aberto da TV Bandeirantes. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) – Área de Ciências Sociais, Centro Universitário Franciscano – UNIFRA, Santa Maria, 2012.

BALLESTRIN, L. América Latina e giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 11, p. 89-117, maio/ago., 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522013000200004. Acesso em: 22 mar. 2019.

BALZANO, O. N.; PERDOMINI, D. Futebol temas transversais: propostas metodológicas de disciplina teórica reflexiva na Educação física do Ensino Médio. La Salle – **Revista de**

Educação, Ciência e Cultura, Canoas, RS, v. 13, n. 1 – jan./ jun. 2008. Disponível em: https://revistas.unilasalle.edu.br/documentos/Educacao/V13_1_2008/11_Otavio_e_Douglas.pdf. Acesso em: 5 ago. 2020.

BALZANO, O. N. **Projeto esporte social***:* uma possibilidade de inclusão dos alunos negros, atletas e oriundos de classes populares na escola privada, através do futebol. Dissertação de Mestrado. Centro Universitário La Salle – UNILASALLE. Porto Alegre. 2008.

BALZANO, O. N.; PEREIRA FILHO, J. M.; OLIVEIRA, D. M. N. de. A retrospectiva histórica da discriminação e inserção dos jogadores de origem negra no futebol brasileiro. **Revista Digital EFDeportes.com** Buenos Aires, Año 15, Nº 149, octubre de 2010. Disponível em: https://www.efdeportes.com/efd149/discriminacao-dos-jogadores-de-origem-negra.htm. Acesso em: 10 jul. 2020.

BALZANO, O. N.; PEREIRA FILHO, J. M. O futebol como proposta de atividade teórico reflexiva na Educação Física. **Revista Digital EFDeportes.com,** Buenos Aires, Año 16, n. 155, abril de 2011. Disponível em: https://www.efdeportes.com/efd155/o-futebol-como-proposta-de-atividade-teorico-reflexiva.htm#:~:text=A%20proposta%20foi%20idealizada%20a,reflexivo%20para%20uma%20forma%C3%A7%C3%A3o%20cidad%C3%A3.&text=Os%20temas%20foram%20escolhidos%20pelos,pelo%20professor%20para%20os%20grupos. Acesso em: 1 ago. 2020.

BALZANO, O. N. **Metodologia dos Jogos Condicionados para Futsal e Educação Física Escolar.** 1. ed. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2012.

BALZANO, O. N.***;*** MORAIS, J. S. A formação do jogador de futebol e sua relação com a escola. **Revista Digital EFDeportes.com,** Buenos Aires, Año 17, n. 172, septiembre de 2012. Disponível em: http://www.efdeportes.com/efd172/a-formacao-do-jogador-de-futebol.htm. Acesso em: 01 ago. 2020.

BALZANO, O. N**. Futsal:** treinamento com jogos táticos por compreensão. 1. ed. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2014.

BALZANO, O. N. O treino de futsal na formação do atleta de futebol. **Pedagogia do Esporte:** novas tendências. Organizadores: Ricardo Hugo Gonzalez e Márcia Maria Tavares machado. Fortaleza, CE, 2017.

BALZANO, O. N. **Modelo de Jogo de uma Equipe de Futsal**. 1. ed. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2018.

BALZANO, O. N.; SILVA, G. F. Futebol a maior expressão popular do Brasil: movimentos decoloniais. **RBFF – Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 10, n. 38, 2018. Disponível em: http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/600. Acesso em: 10 jul. 2020.

BALZANO, O. N.; SILVA, G. F.; MUNSBERG, J. A. S. Questões étnico-raciais no futebol Gaúcho: subsídio teórico para disciplina de educação Física. **RBFF - Revista Brasileira de Futsal e Futebol,** São Paulo, v. 10, n. 38, 2018. Disponível em: http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/601. Acesso em: 10 jul. 2020.

BALZANO, O. N.; MUNSBERG, J. A. S. A Universidade moderna e o ensino do futebol nos cursos de licenciatura em Educação Física. Semana Científica da Unilasalle - SEFIC. Universidade La Salle, Canoas, *In:* **Anais [...],** 2019. Disponível em: https://anais.unilasalle.edu.br/index.php/sefic2019/article/view/1277/1556. Acesso em: 4 jun. 2020.

BALZANO, O. N. **Dois-um Brasil: um método genuinamente brasileiro no ensino do futsal e futebol** / Otávio Nogueira Balzano; coautores Evandro Lunardelli, Eduardo Basso. – 1. Ed. – Várzea Paulista [SP]: Fontoura, 2020.

BALZANO, O. N.; MUNSBERG, J. A. S.; SILVA, G. F. da. O El pensamiento decolonial como una alternativa al "racismo inverso" en el fútbol. **Praxis & Saber**, 11(27), 2020. Disponível em: https://doi.org/10.19053/22160159.v11.n27.2020.10376 Acesso em 6 out. 2020.

BANDEIRA, G. A.; SEFFNER, F. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. **Espaço Plural**, Paraná, v. 14, n. 29, 2013, p. 246-270. Disponível em: http://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/10426. Acesso em: 2 maio 2019.

BARBOSA, C. L. de A. **Educação física escolar**: da alienação à libertação. 4. ed. Petrópolis, SP: Vozes, 2004.

BARRIONUEVO, M. O que é ser coordenador técnico no futebol. **Revista Digital - Universidade do Futebol**, São Paulo. Brasil, ago., 2007. Disponível em: https://universidadedofutebol.com.br/o-que-e-ser-coordenador-tecnico-no-futebol/. Acesso em: 26 jan. 2018.

BARROS, E. A carreira e o mercado de trabalho no futebol. **Revista Digital Universidade do Futebol.** São Paulo, jan., 2015. Disponível em: https://universidadedofutebol.com.br/a-carreira-e-o-mercado-de-trabalho-no-futebol/ Acesso em: 13 jan. 2020.

BARROS, J. L. da C.; CAMPOS, M. Z. de; TEXEIRA, D. de C.; CABRAL, B. G. de A. T. Reflexões sobre o nível de conhecimentos específicos dos alunos de licenciatura em Educação Física no Enade 2014. **Rev. Bras. Estud. Pedagogia.** Brasília, v. 101, n. 257, p. 97-117, jan./abr. 2020. Disponível em: http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/article/view/4357. Acesso em: 13 jan. 2020.

BELMONTE, M. M.; GONÇALVES JUNIOR, L. *Fútbol callejero*: nascido e criado no Sul. **Revista Crítica de Ciências Sociais,** 116, setembro, 2018. p. 155-178. Disponível em: https://www.ludopedio.com.br/biblioteca/futbol-callejero-nascido-e-criado-no-sul/. Acesso em: 20 out. 2019.

BERGAMIN, L. F. **Iniciação esportiva do futebol na cidade de Bauru/SP.** 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista, Campus de Bauru, Bauru, 2007.

BETTEGA, O. B. Iniciação ao futebol: diversidade esportiva ou especificidade? **Universidade do Futebol. Revista Digital**. São Paulo, a. 2014. Disponível em:

https://universidadedofutebol. com.br/iniciacao-ao-futebol-diversidade-esportiva-ou-especificidade/. Acesso em: 2 out. 2018.

BETTI, M. **Violência em campo:** dinheiro, mídia e transgressão às regras no futebol espetáculo. Ijuí: Unijuí, 1997.

BETTI, M.; RANGEL-BETTI, I. C. Novas perspectivas na formação profissional em Educação Física. **MOTRIZ: Revista de Educação Física,** São Paulo, v. 2, n. 1, p. 10-15, jun. 1996. Disponível em: http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/02n1/V2n1_ART02.pdf. Acesso em: 11 maio 2019.

BISPO, F. C. da S.; SANTOS JUNIOR, A. B. dos. **O docente do ensino superior:** educador ou prestador de serviços? XI Simpósio de Excelência em Gestão (SEGeT). Tema: Gestão de Conhecimento para a Sociedade, de 22 a 24 de outubro. Brasília, 2014. Disponível em: https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos14/35920363.pdf. Acesso em: 23 ago. 2019.

BOGDAN, R.C.; BIKLEN, S.K. **Investigação qualitativa em educação.** Portugal: Porto, 1994.

BOSSLE, F.; LIMA, L. O. de. Entre a formação na escola e a formação como atleta de futebol profissional: prioridades e influências. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, PR, v. 11, n. 1, p. 35-43, jan./jun. 2013. Disponível em: http://e-revista. unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/7539. Acesso em: 27 jul. 2019.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** São Paulo: Bertrand do Brasil, 1989.

BOURDIEU, P. **Escritos de educação.** Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (orgs.) – Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BORSANI, M. E. Reconstrucciones metodológicas y /o metodologías a posteriori. **Astrolábio**, [S.l.], n. 13, dic. 2014. Disponível em: http://revistas.unc.edu.ar/index.php/ astrolabio/article/view/9028. Acesso em: 22 jun. 2018.

BORSANI, M; QUINTERO, P. (Comps.) **Los desafíos decoloniales de nuestros días:** pensar en colectivo. Neuquén: EDUCO. Universidad Nacional del Comahue, 2014. Disponível em: http://www.ceapedi.com.ar/imagenes/biblioteca/libreria/332.pdf. Acesso em: 22 abr. 2020.

BRASIL (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado, 1988.

BRASIL (1990)**. Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA**, Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 4 ago. 2018.

BRASIL (1996). Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 4 ago. 2018.

BRASIL (1998a). Lei 9.615, de 24 de março de 1998. **Lei Pelé.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9615consol.htm. Acesso em: 2 mar. 2018.

BRASIL (1998b). PCN. **Parecer nº 15, de 2 de junho de 1998.** Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. 1998.

BRASIL (2003). Ministério do Turismo. Secretária Especial da Cultura – Artigos. **Futebol: barroco-mestiço**, por Antônio Risério. 2003. Disponível em: http://cultura.gov.br/273760-revision-v1/. Acesso em: 2 jul. 2020.

BRASIL (2005). **Educação anti-racista:** caminhos abertos pela Lei Federal n. 10.639/03. Brasília: MEC/SECAD, 2005.

BRASIL (2011). Lei nº 12.395, de 16 de março 2011. Altera as Leis nº 9.615, de 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre desporto, e nº 10.891, de 9 de julho de 2004, que institui a Bolsa-Atleta; cria os Programas Atleta Pódio e Cidade Esportiva; revoga a Lei nº 6.354, de 2 de setembro de 1976; e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 17 mar. 2011. Disponível em: <https://goo.gl/WskLZV>. Acesso em: 24 maio 2019.

BRASIL (2015). Ministério do Esporte. ***Diesporte.*** **Diagnóstico Nacional do Esp**orte – Caderno I. Junho/2015. Disponível em: http://arquivo.esporte.gov.br/diesporte/2.html. Acesso em:19 jul. 2020.

BRASIL (2016). Ministério da Cidadania. Secretária Especial do Esporte. **Ministério do Esporte lança programa Futebol para Todos com meta de atender 100 mil pessoas.** Disponível em: arquivo.esporte.gov.br/index.php/ultimas-noticias/209-ultimas-noticias/54948-ministerio-do-esporte-lanca-programa-futebol-para-todos-com-meta-de-atender-100-mil-pessoas. Acesso em: 27 de jul. 2020.

BRASIL (2017). MEC. **Base Nacional Comum Curricular.** Educação é a base de tudo. Ensino Médio, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/ 2018/04/BNCC_Ensino Medio_embaixa_site.pdf. Acesso em: 27 jul. 2018.

BRASIL (2020). Ministério da Cidadania. Secretária Especial do Esporte. S**ecretaria Especial do Esporte lança edital para estruturar Programa Academia & Futebol nas universidades federais,** 2020. Disponível em: https://www.gov.br/cidadania/pt-br/noticias-e-conteudos/esporte/noticias_esporte/secretaria-especial-do-esporte-lanca-edital-para-estruturar-programa-academia-futebol-nas-universidades-federais. Acesso em: 20 ago. 2020.

BUENO, C. O futsal como contribuinte. **Revista Digital Universidade do Futebol.** São Paulo, abril, 2013. Disponível em: http://universidadedofutebol.com.br/o-futsal-como-contribuinte/. Acesso em: 4 maio 2018.

BUSSO, G. L.; DAÓLIO, J. O jogo de futebol no contexto escolar e extraescolar: encontro, confronto e atualização. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 1, p. 69-86, jan./mar. 2011. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32892011000100005. Acesso em: 17 de maio 2017.

CALDERÓN, L. A. P.; GUEDES, A. L. M. **Abordagem metodológica em estudos decoloniais:** possível diálogo entre a análise crítica do discurso e as epistemologias do sul. XX SEMEAD – Seminários em Administração. Novembro de 2017. Disponível em: file:///C:/Users/OTAVIO/Documents/metodologia%20tese/metodos%20descoloniais.pdf. Acesso em: 10 maio 2018.

CAMPOS, M. D'O. **A Arte de Sulear-se.** In: Interação Museu-Comunidade pela Educação Ambiental, Manual de apoio a Curso de Extensão Universitária. Teresa Cristina Scheiner (coord.). Rio de Janeiro: TACNET Cultural/UNI-RIO, 1991.

CAMPOS, P. A. F. **Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão**. Dissertação (Mestrado em Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/DATA/defesas/20150710194959.pdf. Acesso em: 5 abr. 2019.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**: estrategias para entrar y salir de la modernidad; México: Editorial Grijalbo, 1990.

CANDAU, V. M. F.; OLIVEIRA, L. F. de. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 01, p. 15-40, abr. 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982010000100002&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 17 out. 2017.

CANDAU, V. M. (org.). **Interculturalizar, descolonizar, democratizar**: uma educação "outra"? 1. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.

CARRAVETTA, E. **O jogador de futebol.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001.

CARRAVETA, E. S. **Modernização da gestão no futebol brasileiro:** perspectivas para a qualificação do rendimento competitivo. Porto Alegre: AGE. 2006.

CARVALHO FILHO, V.; FERNANDES, F. K.; MAGALHÃES, A. W. C.; IPIRANGA, A. S. R. Engajando Administração aos Estudos Decoloniais: um panorama atual e os principais desafios para a área. **XVIII SEMEAD**, 18, 2015, São Paulo, *In:* **Anais...** São Paulo, Brasil, 2015. Disponível em: http://sistema.semead.com.br/18semead/resultado/trabalhosPDF/951.pdf. Acesso em: 22 ago. 2019.

CASARIN, R. V.; CELLA, M. T. **Análise das sessões de treinamento de futebol entre categorias de base e escolinhas.** Relatório de Pesquisa apresentado ao Curso de Educação Física da UNOESC, Campus de Xanxerê, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Educação Física. Xanxerê, 2008. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCACAO_FISICA/Monografia_2010/Treinamento-de-futebol-em-categorias-de-base-e-escolinhas.pdf. Acesso em: 20 jan. 2020.

CASARIN, R. V. Criatividade: uma dimensão imperativa para um futebol de qualidade. **Revista Digital EFDeportes.com.** Buenos Aires, Año 16, n. 157, junio 2011. Disponível em: https://www.efdeportes.com/efd157/criatividade-para-um-futebol-de-qualidade.htm. Acesso em: 8 jul. 2020.

CASTRO-GÓMEZ, S. Decolonizar la universidad. La hybris del punto cero y el diálogo de saber. *In:* CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFOGUEL, R. **El giro decolonial**. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, p. 79-91, 2007. Disponível em: http://www.unsa.edu.ar/ histocat/hamoderna/grosfoguelcastrogomez.pdf. Acesso em: 19 out. 2019.

CBF – Confederação Brasileira de Futebol. **Raio X do futebol**: salário dos jogadores. 2016. Disponível em: http://www.cbf.com.br/noticias/a-cbf/raio-x-do-futebol-salario-dosjogadores#. V_giVSS1PIV. Acesso em: 7 out. 2018.

CBFS (2018). Confederação Brasileira de Futebol de Salão. **CBFS - Histórico** Disponível em: http://www.cbfs.com.br/. Acesso em: 10 out. 2018.

CECCHETTO, R. F. **Violência e estilos de masculinidade:** violência, cultura e poder. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CHAGAS, G. P. A formação acadêmica para treinadores: ter ou não ter o diploma? **Revista Digital Universidade do Futebol.** São Paulo, maio, 2015. Disponível em http://www.universidadedofutebol.com.br/Artigo/15738/A-formacao-academica-para-os-treinadores-de-futebol-ter-ou-nao-ter-o-diploma. Acesso em: 19 mar. 2019.

CHAVES, A. S.; CAPRARO, A. M. O futebol feminino: uma história de luta pelo reconhecimento social. **Revista Digital EFdeportes,** Buenos Aires, a. 12, n. 111, ago. 2007. Disponível em: https://www.efdeportes.com/efd111/o-futebol-feminino.htm. Acesso em: 20 set. 2019.

CHUTEIRA F.C. (2018) **Juninho Pernambucano: "Me revolto quando vejo jogador e ex-jogador de direita. Nós viemos de baixo".** Por Luiz Antonio Prosperi, outubro 16th, 2018 - Entrevistas**.** Disponível em: https://chuteirafc.cartacapital.com.br/juninho-pernambucano-me-revolto-quando-vejo-jogador-e-ex-jogador-de-direita-nos-viemos-de-baixo/. Acesso em: 30 jul. 2020.

CONCEIÇÃO, D. M. **Estudante-atleta:** caminhos e descaminhos no futebol - entre o vestiário e o banco escolar / Daniel Machado da Conceição; orientadora, Miriam Pillar Grossi; coorientador, Jaison José Bassani. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Graduação em Ciências Sociais, Florianópolis, SC, 2014.

CORREIA, C. A. J. Tornar-se atleta: uma discussão acerca da escolarização de jovens esportistas no Rio de Janeiro**. I COLÓQUIO INTERNACIONAL DIÁLOGO JUVENIS.** Diminuindo distâncias entre narradores e pesquisadores. LAJUS. Grupo de Trabalho: GT 1-Juventudes, Processos Educativos e Trabalho. Fortaleza, 2012. *In:* **Anais eletrônicos [...]** Disponível em: http://www.lajusufc.org/coloquio/pdf/GT1/Carlus-Augustus-Jourand-Correia.pdf. Acesso em: 5 fev. 2018.

COSTA, A. C. G. da. **Protagonismo juvenil:** adolescência, educação e participação democrática. Salvador, Fundação Odebrecht, 2000.

COSTA, L. M. O que uma torcedora? Notas sobre a representação e autorrepresentação do público feminino de futebol. **Revista Esporte e Sociedade**, n. 4, p. 1-31, 2007. Disponível em: http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es405.pdf. Acesso em: 20 set. 2019.

COSTA, A. C. S. da; PALHETA, A. N. A. A.; MENDES, A. M. P.; LOUREIRO, A. de S. Indústria cultural: revisando Adorno e Horkheimer. **Movendo Ideias**, Belém, v. 8, n. 13, p. 13-22, jun. 2003. Disponível em: https://core.ac.uk/download/pdf/161523059.pdf. Acesso em: 4 abr. 2019.

COUTINHO, N. F.; SILVA, S. A. P. dos S. Conhecimento e aplicação de métodos de ensino para os jogos esportivos coletivos na formação profissional em educação física. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 117-144, jan./mar. 2009. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2086. Acesso em: 20 set. 2019.

CRUZ NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. *In*: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

CRUZ, R. M. A formação de atletas de futebol: um estudo na categoria sub-15 do Cruzeiro Esporte Clube, Belo Horizonte, MG. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol,** São Paulo, v. 4, n. 13, p. 189-194, 2012. Disponível em: http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/157. Acesso em: 12 mar. 2019.

CRUZ, F. S. M. Indígenas Antropólogos e o Espetáculo da Alteridade. **Revista De Estudos e Pesquisas Sobre As Américas,** 11(2). 2017. pp. 93-108. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/repam/article/view/15949. Acesso em: 11 de ago. de 2020.

CUNHA, F. A. da. Ex-atletas ou professores de educação física? **Revista Cooperativa do Fitness,** Belo Horizonte, janeiro de 2009. Disponível em: http://www.cdof.com.br/futebol27.htm. Acesso em: 31 jan. 2020.

CUNHA, T. de O. M. **Decolonialidade e futebol:** o reconhecimento da identidade na formação do atleta. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Direito e Ciências do Estado, da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

DAMO, A. S. **Futebol e identidade social***:* uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

DAMO, A. S. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro". In: **Movimento (Revista da Escola de Educação Física/UFRGS),** Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 129-56, maio/ago. 2003. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2807. Acesso em: 8 abr. 2019.

DAMO, A. S. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DAMO, A. S. **O ethos capitalista e o espírito das Copas.** *In*: GUEDES, Simoni Lahud; GASTALDO, Edson (orgs.). Nações em campo: Copa do mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006.

DAMO, A. S. Dom, amor e dinheiro no futebol de espetáculo. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 23, n. 66, p. 139-150, fevereiro, 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v23n66/09.pdf. Acesso em: 21 jun. 2018.

DAÓLIO, J. **Educação Física e o conceito de cultura.** Campinas: Autores Associados, 2004.

DAÓLIO, J. **Cultura:** educação física e futebol**.** Campinas, SP: UNICAMP, 2006.

DAÓLIO, J. **Educação Física escolar:** olhares a partir da cultura. GEPEFIC – Grupo de Estudo e Pesquisa Educação Física e Cultura; Coordenador Jocimar Daólio. Campinas: Autores Associados, 2010.

DAÓLIO, J.; VELOZO, E.L. A técnica esportiva como construção cultural: implicações para a pedagogia do esporte. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 11, n. 1, p. 9-16, 2008. Disponível em: https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/1794. Acesso em: 14 maio 2019.

DAÓLIO, J.; ZOPPI, C. C. Dente de alho, galho de arruda... Crenças e superstições no futebol brasileiro. *In:* SIMPÓSIO ESPORTE: DIMENSÕES SOCIOLÓGICAS E POLÍTICAS, 1993, São Paulo. São Paulo: Escola de Educação Física da USP, 1993. p. 139-142.

DARIDO, S. C. **Educação Física na escola:** questões e reflexões. Araras, SP: Gráfica e Editora Topázio, 1999.

DARIDO, C. S. A Educação Física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**, v. 18, n. 1, 2004, p. 61 – 80, 2004. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16551. Acesso em: 6 jul. 2020.

DARIDO, S. C.; SOUZA JÚNIOR, O. M. de. Refletindo sobre a tematização do futebol na Educação Física escolar. **Revista Motriz,** Rio Claro, v. 16 n. 4, p. 920-930, out./dez. 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/motriz/v16n4/a12v16n4.pdf. Acesso em: 27 de jul. 2020.

DAYRELL J. A escola como espaço sociocultural. *In*: DAYRELL, J. (org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura.** 2. reimpr. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

DRUBSCKY, S. R. C. **Universo Tático do futebol.** 2. ed. Belo Horizonte: Escola Brasileira, 2014.

DUARTE, C. G.; TASCHETTO, L. R. Ciência maior e ciência menor: ressonâncias da filosofia de Deleuze e Guattari na Etnomatemática. **Alexandria – Revista de Educação em Ciência e Tecnologia,** v. 6, n. 1, p. 105-118, abril 2013. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/alexandria/article/view/37933. Acesso em: 13 set. 2019.

ECO, U. **Como se faz uma tese em ciências humanas**. 20. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

EIRAS, R. R. W. Raça, futebol e a contracultura da modernidade no Brasil: o enaltecimento da humildade como marcador racial. **19. Congresso Brasileiro de Sociologia.** 9 a 12 de julho de 2019. UFSC – Florianópolis, SC, GT Sociologia do Esporte, *In:* **Anais [...]**, 2019. Disponível em: http://www.sbs2019.sbsociologia.com.br/site/anais2?AREA=41. Acesso em: 14 maio 2020.

ESTERMANN, J.; GOMES, S. Interculturalidade crítica e decolonialidade da educação superior: para uma nova geopolítica do conhecimento. **Laplage em Revista,** Sorocaba, v. 3, n. 3, p. 17-29, set./dez. 2017. Disponível em: https://www.laplageemrevista.ufscar.br/index.php/lpg/article/view/375. Acesso em: 12 dez. 2019.

FALS BORDA, O. **Ciencia propia y colonialismo intelectual.** México: Nuestro Tiempo, 1973.

FALS BORDA, O. Las revoluciones inconclusas en América Latina. *In*: MONCAYO, Víctor Manuel (org.). **Una sociología sentipensante para América Latina**: Antología Orlando Fals Borda. Bogotá/Buenos Aires: Siglo del Hombre Editores; CLACSO, 2009.

FANON, F. **Peles negras, máscaras brancas.** Rio de Janeiro: Fator, 1983.

FAVERO, P. M. **Os donos do campo e os donos da bola:** alguns aspectos da globalização do futebol. [dissertação]. São Paulo (SP): Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; 2009. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-08032010-115743/público/PAULO_ MIRANDA_FAVERO.pdf. Acesso em: 22 jan. 2020.

FAVERO, A. A.; MARQUES, M. A investigação-ação como paradigma para a formação de docentes na Educação Superior. **Revista Signos,** ano 34, n. 1, p. 69-79, 2013. ISSN 1983-0378 Disponível em: http://www.univates.com.br/revistas/index.php/signos/article/viewFile/745/735. Acesso em: 22 jan. 2020.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION. FIFA. **El entrenador** – la dirección técnica. Fédération Internationale de Football Association. [S.l.: s.n.], p. 1-20, 2010. Disponível em: https://pt.slideshare.net/jmporense/el-entrenador-la-direccin-tecnica?smtNoRedir=1. Acesso em: 8 set. 2019.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION. FIFA. **Ranking mundial da FIFA.** Zurique, 2018. Disponível em: http://pt.fifa.com/worldranking/rankingtable. Acesso em: 24 mar. 2019.

FERNANDES, J. C. P.; MOURA, D. L.; ANTUNES, M. M.; LIMA, R. L. de. Uma análise do perfil dos treinadores ex-atletas do futebol profissional brasileiro. **Revista Esporte e Sociedade**, ano 8, n. 22, set. 2013. Disponível em: http://www.esportesociedade.uff.br/esportesociedade/pdf/es2207.pdf. Acesso em: 13 jan. 2020.

FERREIRA, F. A. Qual era o segredo do futebol brasileiro? **Universidade do Futebol – Revista Digital.** São Paulo, a. 2014. Disponível em: https://universidadedofutebol.com.br/qual-era-o-segredo-do-futebol-brasileiro. Acesso em: 26 abr. 2018.

FILGUEIRA, F. M.; GRECO, P. J. Futebol: um estudo sobre a capacidade tática no processo de ensino-aprendizagem–treinamento. São Paulo, **Revista Brasileira de Futebol**. jul-dez; 01(2): 53-65, 2008. Disponível em: https://rbf.ufv.br/index.php/RBFutebol/article/view/34. Acesso em: 28 jul. 2019.

FONSECA, D. G. da. **Educação Física:** para dentro e para além do movimento. Porto Alegre: Editora Mediação, 1999.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

FREIRE, J. B. **Educação de Corpo Inteiro:** Teoria e Prática da Educação Física. 4. ed. Campinas: Scipione, 1989.

FREIRE, J. B. **Pedagogia do futebol**. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler.** São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1985.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não:** cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 2000.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade.** 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

FREITAG, B. **O Indivíduo em formação**. 3. ed. São Paulo: Cortez. 2001.

FREITAS JÚNIOR, M. A. de. O futebol como objeto de estudo das ciências sociais: a urgência de novas abordagens. **Revista Digital EFDeportes.com,** Buenos Aires, Año 10, n. 94, marzo 2006. Disponível em: https://www.efdeportes.com/efd94/sociais.htm. Acesso em: 3 abr. 2019.

FREITAS, F. M. da S.; BALZANO, O. N. Estudo das abordagens metodológicas no processo de ensino - aprendizagem - treinamento das equipes do futebol cearense na categoria sub 15. **Revista Digital EFDeportes.com,** Buenos Aires, Año 15, n. 166, marzo 2012. Disponível em: https://www.efdeportes.com/efd166/treinamento-das-equipes-do-futebol-cearense.htm. Acesso em: 23 jan. 2020.

FRISSELLI, A.; MANTOVANI, M. **Futebol teoria e prática.** 2. ed. São Paulo: Phorte, 1999.

FUGIKAWA, C. S. L.; BRITO, C. P.; SANTOS, F. A. dos; GONÇALVES, F. S.; CAETANO, G. J.; GUASTI, M. J.; DOMINGUES, N. M.; WIELEWSKI, R. de C.; SILVA, S. R. da; NAVARRO, R. T.; FIDALGO, M. C.; ANGULSKI, C. M. **Educação Física /** vários autores. 2. ed. Curitiba: SEED-PR, 2006. 248 p.

GALEANO, E**. El fútbol**: a sol y sombra y otros escritos. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 1995.

GALVÃO, Z. Educação Física escolar: a prática do bom professor. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 65-72, 2002. Disponível em: http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Cursos/Educacao_Fisica/REMEFE-1-1-2002/art5_edfis1n1.pdf. Acesso em: 4 abr. 2019.

GARCIA, A.B.; PEREIRA, E.; CALDAS, M.H. **O desporto como paradigma:** um problema da educação física escolar? In: II Colóquio de Instituições Escolares, 2005, São Paulo. II Colóquio sobre Pesquisa de Instituições Escolares (Centro de Pós-Graduação da Uninove), 2005.

GARGANTA, J**.** Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos**.** *In*: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (eds.). **O ensino dos jogos desportivos**. 2. ed. Porto: Universidade do Porto, 1997.

GARGANTA, J. Competências no ensino e treino de jovens futebolistas. **Revista Digital EFDeportes.com,** Buenos Aires, ano VIII, n. 45, 2002. Disponível em: https://www.efdeportes.com/efd45/ensino.htm Acesso em: 25/10/2019.

GASTALDO, É. "O país do futebol" mediatizado: mídia e Copa do Mundo no Brasil. **Revista Sociologias** [online], Porto Alegre, n. 22, p. 352-369, dez. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S151745222009000200013&script=sci_abstract&tlng=t. Acesso em: 15 nov. 2017.

GATTI, B. A. Formação inicial de professores para a educação básica: pesquisas e políticas educacionais. **Estudos em Avaliação Educacional.** v. 25, n. 57, p. 24 – 54, 2014. Disponível em: http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/eae/article/view/2823. Acesso em: 23 set. 2019.

GAYA, A.; MARQUES, A. T.; TANI, G. (orgs.). **Desporto para crianças e jovens** – razões e finalidades. Porto Alegre: UFRGS, 2004. V. 1.

GERALDI, J. W. Pelos caminhos e descaminhos dos métodos. **Revista Educ. Soc**., Campinas, SP, v. 25, n. 87, maio/ago. 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_ arttext&pid=S0101-73302004000200013. Acesso em: 14 set. 2019.

GIGLIO, S. S. **Futebol-arte x futebol-força**: a opinião de técnicos. 2003. 42f. Relatório Final Fapesp (Iniciação Científica) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

GIGLIO, S. S.; RÚBIO, K. Futebol profissional: o mercado e as práticas de liberdade. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes,** São Paulo, v. 27, n. 3, jul./set. 2013, p. 387-400. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1807-55092013000300006&script=sci _abstract&tlng=pt. Acesso em: 20 out. 2019.

GIL, G. O drama do futebol-arte: o debate sobre a seleção nos anos 70. **Revista Brasileira de Ciências Sociais,** n. 25, p. 100-109, 1994. Disponível em: https://www.ludopedio.com.br /biblioteca/o-drama-do-futebol-arte-o-debate-sobre-a-selecao-nos-ano-70/. Acesso em: 19 out. 2019.

GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol***:* dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GOELLNER, S. V. **Gênero, educação física e esportes.** *In*: VOTRE, S. B. (org.). Imaginário e representações sociais em Educação Física, esporte e lazer. Rio de Janeiro: UGF, 2001.

GOELLNER, S. V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática,** Goiânia, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2005. Disponível em: https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/106. Acesso em: 10 dez. 2019.
GOMES, A. C. **Escolinha de Futebol.** Rio de Janeiro: Sprint, 2004.

GOMES, A. C. **Treinamento esportivo: estruturação e periodização.** 2. edição. Porto Alegre: Artmed. 2009.

GOMES, A. C. Constituir-Se Professor: A Influência Da História De Vida E Das Práticas Pedagógicas Na Formação Docente**. Anais do II Seminário de Pesquisa do NUPEPE** Uberlândia/MG, p. 51-65 21, 2010. Disponível em: https://slideplayer.com.br/slide/1849729/. Acesso em: 22 mar. 2020.

GRECO, J. P. **Iniciação esportiva universal 2**: metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

GROSFOGUEL R**.** La opción decolonial: desprendimiento y apertura. Un manifesto y un caso. **Tabula Rasa,** n. 8, 2008. p. 243-282.

GROSFOGUEL, R. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Revista Soc. Estado.** v. 31, n. 1, jan./abr. p. 25-49, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922016000100025. Acesso em: 15 fev. 2019.

GUERRA, R. A. P.; SOUZA, M. J. Fatores que influenciam a não profissionalização de jovens talentos no futebol. **Revista Brasileira de Futebol**, v. 1, n. 2, p. 30-37, jul./dez. 2008. Disponível em: https://rbf.ufv.br/index.php/RBFutebol/article/view/32#:~:text=Por%20meio%20das%20respostas%20coletadas,da%20fam%C3%ADlia%20e%20a%20sorte. Acesso em: 11 maio 2019.

GUTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009.

GUTIERREZ FILHO, W. **Esporte e ascensão social:** histórias de vida de jovens bolsistas em uma Escola Metodista de Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2004.

HELAL, R. **O que é Sociologia do Esporte**. SP: Editora Brasiliense, 1990.

HELAL, R.; GORDON Jr., C. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. *In*: **A invenção do país do futebol:** mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HITORA, V. B.; PAIANO, R. A disciplina de teoria e prática do futebol: identificando os conhecimentos dos graduandos e propondo um olhar sobre as fases de desenvolvimento. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte** – São Paulo, 2007. Disponível em: http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1260. Acesso em: 4 jul. 2020.

HOMRICH, C. A.; SOUZA J. C. C. de. Para além da questão técnica do ensinar/aprender futebol: outras possibilidades. *In*: KUNZ, E. (org.). **Didática da educação física 3**: futebol. 3. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013. (Coleção Educação Física). p. 41-88.
HÜBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992.

IMBIRIBA, L. O futebol e a atualidade do racismo. **Revista A Nova Democracia.** ANO II, Nº 12, AGOSTO DE 2003. Disponível em: https://anovademocracia.com.br/no-12/1047-o-futebol-e-a-atualidade-do-racismo. Acesso em: 12 jun. 2020.

JANUÁRIO, P. C. S.; OLIVEIRA, A. L. de; GARCIA, A. B. Tendência tecnicista como continuidade da tendência tradicional na Educação Física brasileira. **EFDeportes.com, Revista Digital,** Buenos Aires, a. 17, n. 167, abril, 2012. Disponível em: https://www.efdeportes. com/efd167/tendencia-tecnicista-como-continuidade-da-tradicional.htm#:~:text=Tend%C3%AAncia%20tecnicista%20como%20continuidade%20da%20tend%C3%AAncia%20tradicional%20na%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20F%C3%ADsica%20brasileira&text=A%20pedagogia%20tecnicista%20%C3%A9%20uma,se%20algumas%20de%20suas%20caracter%C3%ADsticas. Acesso em: 30 out. 2019.

JESUS, G. M. de. Esporte e mito da democracia racial no Brasil: Memórias de um apartheid no futebol. **Revista Digital EFDeportes.com**, Buenos Aires, Año 4, n. 14, jun. 1999**.** Disponível em: http://www.efdeportes.com/efd14b/apart.htm. Acesso em: 25 mar. 2020.

JEZINE, E. As práticas curriculares e a extensão universitária. *In:* **Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária.** Belo Horizonte: 2004. Disponível em: https://www.ufmg.br/congrext/Gestao/Gestao12.pdf. Acesso em: 2 ago. 2020.

KRUSE, D. R. **A disciplina de futebol e seu papel na formação do professor de educação física.** Programa de Mestrado em Educação. Área de Concentração: Educação Básica. UNIVERSIDADE do VALE do RIO dos SINOS – UNISINOS. São Leopoldo, 2004.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte.** 4. edição. Ijuí: Ed. Unijuí. 2001.

KUSCH, R. **Esbozo de una antropología filosófica americana**. Buenos Aires: Ediciones Castañeda, 1978.

KUSCH, R. **La negación en el pensamiento popular.** Buenos Aires: Las cuarenta, 2008.

LANDER, E. **La colonialidad del saber:** eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2000. Disponível em: http://bibliotecavirtual. clacso.org.arclacso/sur-sur/20100708034410/lander.pdf. Acesso em: 5 jul. 2017.

LANDER, E. La ciencia neoliberal. **Revista Venezolana de Economía y Ciencias Sociales**, Caracas, v. 11, n. 2, p. 35-69, May 2005. Disponível em: http://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S13156411200500020003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 5 out. 2018.

LEITE, W. S. S. Ilusão em massa: o papel da mídia no esporte. **Revista Digital EFDeportes.com**, Buenos Aires, n. 123, ago. 2008. Disponível em: https://www.efdeportes.com/efd123/ilusao-em-massa-o-papel-da-midia-no-esporte.htm Acesso em: 24 maio 2019.

LIMA, E. F. de. A construção do início da docência: reflexões a partir de pesquisas brasileiras. **Cadernos de Educação,** Santa Maria, v. 29, n. 2, p. 85-98, 2004. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/3841#:~:text=O%20artigo%20analisa%20as%20principais,no%20Brasil%2C%20nos%20%C3%BAltimos%20anos. Acesso em: 21 jun. 2019.

LIMA, P. V. R**. Punho Cerrado: a história do Rei.** Editora Letramento. Minas Gerais – Belo Horizonte, 2016.

LOUREIRO, B. L. **Relação do atleta e sua formação frente à sociedade.** Guaíba, RS: ULBRA, 2007.

MACEDO, R. C. de. **Para além das quatro linhas – as relações entre o futebol e o cotidiano escolar na construção da cidadania.** Dissertação de mestrado no Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba. Sorocaba/SP, 2006.

MACIEL, M. G.; SARAIVA, L. A. S.; MARTINS, J. C. O. A abordagem sociocognitiva do discurso: uma alternativa para análise crítica pelos estudos do lazer. **Revista Licerce**, Belo Horizonte, v. 21, n. 3, set. 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/327860540_Abordagem_Sociocognitiva_do_Discurso_Uma_Alternativa_para_Analise_Critica_pelos_Estudos_do_Lazer. Acesso em: 27 jul. 2019.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. *In:* CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFOGUEL, R. (orgs.) **El giro decolonial**. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 127-167.

MALDONADO-TORRES, N. La descolonización y el giro des-colonial. **Tabula Rasa,** Bogotá – Colômbia, n. 9, p. 61-72, jun./dic. 2008. Disponível em: http://www.scielo.org.co/pdf/tara/n9/n9a05.pdf. Acesso em: 14 maio 2018.

MANZINI, E. J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semiestruturada. *In:* MARQUEZINE, M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE, S. (orgs.) **Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial**. Londrina: Eduel, 2003, p. 11-25. Disponível em: http://www.eduinclusivapesq-uerj.pro.br/images/pdf/manzinilondrina2003.pdf. Acesso em: 20 abr. 2018.

MARQUES, A. Conceito geral de treino de jovens: aspectos filosóficos e doutrinários da actividade e do treinador. **Treino Desportivo**, v. 20. Edição Especial - Treino de Jovens, p. 4-11, 2002.

MARQUES, M.P. **Análise da transição de carreira esportiva de atletas de futebol da fase amadora para a fase profissional.** Dissertação Mestrado em Ciências do Esporte. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008.

MARQUES, M. P.; SAMULSKI, D. M. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio familiar e planejamento da carreira**. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte,** São Paulo, v. 23, n. 2, p. 103-119, abr./jun. 2009. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16714. Acesso em: 14 fev. 2018.

MARTINS, H. Sobre os espaços do futebol de rua: Algumas notas sobre a rua como espaço de metáfora, liberdade e descoberta. **Universidade do Futebol – Revista Digital.** São Paulo, maio, 2019. Disponível em: https://universidadedofutebol.com.br/sobre-os-espacos-do-futebol-de-rua/. Acesso em: 20 jan.2020.

MASSOLO, M. **A história oficial e o futebol**. ECOS da III Conferência Nacional de Educação Cultura e Desporto, Comissão de Educação Cultura e Desporto da Câmara de deputados. Brasília: TBA Informática e UNESCO, 2002. p. 24-25.

MATTA da, R. (org.) **Universo do futebol:** esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

MATTA, M.; BARA FILHO, M; COIMBRA, D. R. O papel do preparador físico no futebol. **Revista Digital Universidade do Futebol.** São Paulo, jun., 2008. Disponível em: https://universidadedofutebol.com.br/o-papel-do-preparador-fisico-no-futebol/. Acesso em: 11 abr. 2018.

MATO, D. Del "diálogo de saberes" a la construcción de modalidades de "colaboración intercultural": aprendizajes y articulaciones más allá de la academia. **LASA FORUM**, v. XLVIII, n. 3, verano 2017. Disponível em: http://lasa.cmail20.com/t/y-l-hdkhtyt-tyddhhckj-d/. Acesso em: 20 jul. 2020.

MATURANA, H.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento:** as bases biológicas do entendimento humano. São Paulo: Psy, 1995.

MEDINA, J. P. A visão mecanicista do futebol. **Universidade do futebol – Revista digital.** São Paulo, 2007. Disponível em: https://universidadedofutebol.com.br/a-visao-mecanicista-do-futebol/. Acesso em: 19 nov. 2019.

MELO, L. B. S. de. **Formação e escolarização de jogadores de futebol no Estado do Rio de Janeiro**. 2010. 72f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.

MELO, L. B. S. de; SOARES, A. J. G.; ROCHA, H. P. A. da. Perfil educacional de atletas em formação no futebol no Estado do Rio de Janeiro. **Ver. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo,

v. 28, n. 4, p. 617-628, out./dez. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rbefe /v28n4/1807-5509-rbefe-28-4-0617.pdf. Acesso em: 21 fev. 2019.

MEMMI, A. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2007.

MENDEL, C. H.; SANTOS F. B. P. dos. Futebol profissional: saída da pobreza? **Revista Mosaico**, v. 9, n. 14**,** 2018. Disponível em: http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index. php/mosaico/article/view/74052. Acesso em: 6 jul. 2019.
MENEZES, I. T. O projeto familiar de ser jogador de futebol a partir de uma leitura interseccional. **19° Congresso Brasileiro de Sociologia**, 9 a 12 de julho de 2019. UFSC – Florianópolis, SC, GT Sociologia do Esporte, In: **Anais [...]**, 2019. Disponível em: http://www.sbs2019.sbsociologia.com.br/site/anais2?AREA=41 Acesso em: 5 mai. 2020.

MESQUITA, I. Perspectiva construtivista da aprendizagem no ensino do jogo. Jogos Desportivos: formação e investigação. **Coleção Temas em Movimento**. (org. Juarez Vieira do Nascimento; Valmor Ramos; Fernando Tavares). Vol. 4. Florianópolis, 2013.

MIGNOLO, W. **The Darker Side of the Renassaince. Literacy, Territoriality and Colonization**. Ann Arbor: U of Michigan Press, 1995.

MIGNOLO, W. The geopolitics of knowledge and the colonial difference. The South Atlantic Quarterly, 101, p. 57-95, 2002.

MIGNOLO, W. Os esplendores e as misérias da "ciência": colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistêmica. *In*: SOUZA SANTOS, B. (org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente:** um discurso sobre as ciências revisitado. São Paulo: Cortez, 2004. p. 667-710.

MIGNOLO, W. El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura – un manifesto. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFOGUEL, R. **El giro decolonial**. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 25-45.

MIGNOLO, W. **Desobediencia epistémica:** retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad. Argentina: Ediciones del Signo. 2010. Disponível em: https://antropologiadeoutraforma.files.wordpress.com/2013/04/mignolo-walter-desobediencia-epistc3a9mica-buenos-aires-ediciones-del-signo-2010.pdf. Acesso em: 20 jun. 2018.

MIGNOLO, W. **Historias locales / diseños globales.** Colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo. Madrid: Akal, 2013.

MIGNOLO, W. Retos decoloniales, hoy, In: BORSANI, M.; QUINTERO, P. (comps.) **Los desafíos decoloniales de nuestros días: pensar en colectivo.** Neuquén: EDUCO. Universidad Nacional del Comahue, 2014. Disponível em: http://www.ceapedi.com.ar/imagenes/ biblioteca/libreria/332.pdf. Acesso em: 12 nov. 2018.

MILAN B. **O país da bola**. São Paulo: Ed. Best, 1989.

MILLS, C. W. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MINAYO M. C. S. **O desafio do conhecimento –** pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Editora Hucitec; 1993.

MIZUKAMI, A da G. N.; REALI, A. M. M. R.; REYES, C. R.; MARTUCCI, E. M.; LIMA, E. F. de. TANCREDI, R. M. S. P.; MELL R. R. de. **Escola e aprendizagem da docência:** processos de investigação e formação. São Paulo: EDUFSCAR, 2002.

MONTENEGRO, N. R.; BALZANO, O. N. (2012). Futsal feminino universitário no Ceará: análise comparativa entre o perfil de equipes de universidade pública e privada. **Revista Digital EFDeportes.com**, Buenos Aires, Año 17, n. 173, oct. 2012. Disponível em: https://www.efdeportes.com/efd173/futsal-feminino-universitario-no-ceara.htm. Acesso em: 30 jul. 2020.

MORAES, M. C.; TORRE, S. de La. **Sentipensar: fundamentos e estratégias para reencantar a educação**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

MORAES, L. C.; RABELO, A. S.; SALMELA J. H. Papel dos pais no desenvolvimento de jovens futebolistas. **Psicologia: reflexão e critica**, v. 2, n. 17, p. 211-222, 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722004000200009&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 2 abr. 2019.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 2. ed. São Paulo: Cortez. Brasília, DF: UNESCO, 2004.

MUNANGA, K. **Negritude:** usos e sentidos. São Paulo: Ática, 1988.

MUNSBERG, J. A. S.; SILVA, G. F. da. Interculturalidade na perspectiva da descolonialidade: possibilidades via educação. **RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 13, n. 1, p. 140-154, jan./mar., 2018. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/9175. Acesso em: 14 jan. 2020.

MUTTI, D. **Futsal:** da iniciação ao alto nível. 2. ed. São Paulo: Phorte Editora Ltda, 2003.

NEGRINE, A. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. *In*: MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto N. S. **A pesquisa qualitativa na educação física**. Porto Alegre: Editora da Universidade/Sulina, 1999.

NEIRA, M. G. **Ensino de educação física.** São Paulo: Thompson Learning, 2007.

NERI, M. C. **O paradoxo da evasão e as motivações dos sem escola.** *In*: VELOSO, F. *et al*. (org.). Educação básica no Brasil: construindo o país do futuro. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. **O futebol de várzea com possibilidade democratizante.** *In:* Roberta Pereira. Porto Alegre, 2017. Disponível em: https://observatorioracialfutebol.com.br/o-futebol-de-varzea-como-possibilidade-democratizante/. Acesso em: 2 fev. 2020.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. **Não é só futebol: a luta do Bahia contra o racismo, intolerância e assédio às mulheres.** *by* Observatório 11/05/2019, Porto Alegre, 2019. Disponível em: https://observatorioracialfutebol.com.br/nao-e-so-futebol-a-luta-do-bahia-contra-o-racismo-intolerancia-e-assedio-as-mulheres/. Acesso em: 19 jul. 2020.

OCAÑA, A. O.; LÓPEZ, M. I. A.; CONEDO, Z. E. P. Hacia una pedagogía decolonial en/desde el sur global**. Revista Nuestra América**, v. 6, n. 12, julio-diciembre, 2018. Disponível em: http://www.revistanuestramerica.cl/ojs/index.php/nuestramerica/article/view/146. Acesso em: 11 jan. 2020.

OLIVEIRA, L. A. P. de. (Coord.). **Direito do Trabalho e Desporto.** São Paulo: Quartier Latin. 2015. v. II.

OLIVEIRA, A. C. A. de; BALZANO, O. N. Proposta, intervenção e avaliação para o processo de treinamento de equipes na fase de iniciação no futsal. **Revista Digital EFDeportes,** Buenos Aires, Año 18, n. 190, mar. 2014. Disponível em: https://www.efdeportes.com/efd190/ proposta-de-iniciacao-no-futsal.htm. Acesso em: 30 jul. 2020.

OLIVEIRA, E. M. de; BALZANO, O. N.; MORAIS, P. H. N. O perfil dos atletas em transição da fase amadora para a fase profissional, das equipes de futebol da cidade de Fortaleza, e a relação escola e futebol. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol,** São Paulo, v. 9, n. 33, p. 130-137, maio/jun./jul./ago. 2017. Disponível em: http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/ article/view/469. Acesso em: 30 mar. 2018.

PALERMO, Z. Irrupción de saberes "otros" en el espacio pedagógico: hacia una "democracia decolonial". *In*: MIGNOLO, W. *et al*. **Los desafíos decoloniales de nuestros días:** pensar en colectivo. Compilado por María Eugenia Borsani y Pablo Quintero. 1. ed. Neuquén: EDUCO – Universidad Nacional del Comahue, 2014a. p. 123-149.

PALERMO, Z. **Para una Pedagogía decolonial.** Buenos Aires: Del Signo, 2014b.

PAOLI, P. B. **Os estilos de futebol e os processos de seleção e detecção de talentos**. Tese de Doutorado-PPGEF. Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro. 2007.

PAOLI, P.B; SILVA C.D; SOARES A.J.G. Tendência atual da detecção, seleção e formação de talentos no futebol brasileiro. **Revista Brasileira de Futebol**, v. 1, n. 1, jul./dez. 2008. Disponível em: https://rbf.ufv.br/index.php/RBFutebol/article/view/33. Acesso em: 15 ago. 2019.

PENNA, L. **Dicionário Popular de Futebol. O ABC das arquibancadas.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

PEREIRA, E. de A.; WHITE, S. F. **Brasil:** Panorama de interações e conflitos numa sociedade multicultural. Rio de Janeiro, Afro-Ásia, 2001. p. 257-280.

PERTENCE, L. C.; ZANELLA, A. L.; PAES, G. R. de L.; VENTURINI, G. R. de O.; SAVÓIA, R. P.; MANZINI FILHO, M. L.; MATOS, D. G. de. Educação Física escolar: uma

nova proposta para o ensino. **Revista Digital Efdeportes.com**, Buenos Aires, año 14, n. 137, oct. 2009. Disponível em: https://www.efdeportes.com/efd137/educacao-fisica-escolar-proposta-para-seu-ensino.htm. Acesso em: 19 jun. 2020.

PESAVENTO, S. J. *Os excluídos da cidade. In*: SEFFNER, Fernando (org.). *Presença negra no Rio Grande do Sul.* **Cadernos Porto &Vírgula**, Porto Alegre, n. 11, p. 80-89, 1995.

PIMENTA, S.G. **Educação, pedagogia e didática.** São Paulo: Cortez, 1996.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. das G. C. **Docência no Ensino Superior**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PIZARRO, J. O. **Decolonialidade e futebol:** a quebra da lógica periferia-centro. Trabajo presentado en el Quinto Congreso Uruguayo de Ciencia Política, "¿Qué ciencia política para qué democracia?", Asociación Uruguaya de Ciencia Política, 7-10 de octubre de 2014. Disponível em: https://docplayer.com.br/6519065-Decolonialidade-e-futebol-a-quebra-da-logica-periferia-centro-1.html. Acesso em: 14 mai. 2018.

POLITO, L. F. T. A importância da formação acadêmica em Educação Física para a atuação do técnico de futebol: breve reflexão. **Revista Digital – Universidade do Futebol**, São Paulo, jun. 2009. Disponível em: http://www.universidadedofutebol.com.br/Artigo/2064/A+IMPORTANCIA+DA+FORMACAO+ACADEMICA+EM+EDUCACAO+FISICA+PARA+A+ATUACAO+DO+TECNICO+DE+FUTEBOL+BREVE+RE. Acesso em: 29 jan. 2018.

PORTO-GONÇALVES, C. W. Apresentação da edição em português *In:* LANDER, E. (org.). **La colonialidad del saber:** eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 3. Disponível em: https://www.tni.org/files/download/La%20colonialidad%20del%20saber.%20Eurocentrismo%20y%20ciencias%20sociales.pdf. Acesso em: 27 jul. 2019.

PÓS-GRADUANDO (2014). **A vida é um grande futebol.** By Lucas Shimoda – Debates. 03/07/2014. Disponível em: https://posgraduando.com/a-vida-e-um-grande-futebol/. Acesso em: 5 jul. 2020.

PREFEITURA DE FORTALEZA (2017). Canal Esporte e Lazer. **O que são as areninhas?** – atleta cidadão – Prefeitura de Fortaleza. Disponível em: https://esportelazer.fortaleza.ce.m gov.br/2016-05-19-20-27-40/o-que-s%C3%A3o-areninhas.html. Acesso em: 3 mar. 2020.

PROCÓPIO, J. C. P.; PROCÓPIO, C. E. P. O ensino de futebol nos cursos de Educação Física: reflexões a partir das grades curriculares das universidades públicas de Minas Gerais. **Revista Digital EFDeportes.com**, Buenos Aires, Año 21, n. 215, abr. 2016. Disponível em: https://www.efdeportes.com/efd215/o-ensino-de-futebol-nos-cursos-de-educacao-fisica.htm. Acesso em: 01 de maio 2020.

QUIJANO, A. Colonialidad y modernidad/racionalidad. *In*: **Perú Indígena**, Lima, v. 13, n. 29, 1992.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, cultura y conocimiento en América Latina. *In*: CASTRO-GÓMEZ, S.; GUARDIOLA RIVERA, O.; MILLÁN DE BENAVIDES, C. (eds.).

Pensar(en) los intersticios. Teoría y práctica de la crítica poscolonial. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 1999. p. 99-111.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. *In:* LANDER, E. (org.). **La colonialidad del saber:** eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 227-277. Disponível em: https://www.tni.org/files/download/La%20colonialidad%20del%20saber.%20Eurocentrismo%20y%20ciencias%20sociales.pdf. Acesso em: 27 jul. 2019.

QUIJANO, A**.** Colonialidad del poder y clasificación social. *In*: CASTROGÓMEZ, S.; GROSFOGUEL, R. (orgs.). **El giro decolonial.** Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007. (p. 93-126). Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20140506032333/eje1-7.pdf. Acesso em: 27 jul. 2019.

RAPPA, B. O caminho é difícil: O funil que deixa jovens pelo caminho no futebol. **Revista Digital Universidade do Futebol.** São Paulo, jan. 2018. Disponível em: https://universidadedofutebol.com.br/o-caminho-e-dificil/. Acesso em: 13 jul. 2019.

RÉ, A. H. N., BARBANTI, V. J. Uma visão macroscópica da influência das capacidades motoras no desempenho esportivo. *In*: **Desempenho esportivo**. São Paulo: Phorte; 2006.

RESTREPO, E.; ROJAS, A. **Inflexión decolonial.** Popayán, Colombia, Universidad del Cauca, Instituto Pensar, Universidad Javeriana, 2010.

REZER, R. Reflexões didático-pedagógicas acerca do ensino do esporte no processo de formação de professores de Educação Física. **Revista Movimento.** Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 271-292, jan./mar. 2010. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/5719. Acesso em: 21 jun. 2019.

RIBAS, T. F. Práticas de liberdade em Foucault. **Revista dois pontos.** Curitiba, São Carlos, v. 14, n. 1, p. 181-197, abr. 2017. Disponível em: file:///C:/Users/OTAVIO/Downloads/49491-220218-1-PB%20(2).pdf. Acesso em: 20 set. 2020.

RIGO, L. C.; DA SILVA, D. V.; RIAL, C. S. de M. Formação de jogadores em clubes de uma cidade do interior: circulação, escolarização e inserção no futebol profissional. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 263-274, jan./mar. de 2018. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/71790. Acesso em: 19 out. 2019.

RINKE, S. **¿La última pasión verdadera? Historia del fútbol en América Latina en el contexto global.** Iberoamericana, Madrid, VII, 27, p. 85-100, 2007.

ROCHA, H. P. A. da; BARTHOLO, T. L.; MELO, L. B. S. de; SOARES, A. J. G. Jovens esportistas: profissionalização no futebol e a formação na escola. **Revista Motriz,** Rio Claro, v. 17, n. 2, p. 252-263, abr./jun. 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf /motriz/v17n2/04.pdf. Acesso em: 11 maio 2019.

RODRIGUES, N. **À sombra das chuteiras imortais**. Complexo de vira-latas. São Paulo: Cia. das Letras, 1993. p. 51-52.

RODRIGUES FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

RODRIGUES, F. X. F. Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. **Revista Sociologias**, Porto Alegre, a. 6, n. 11, jan./jun. 2004, p. 260-299. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/soc/n11/n11a12. Acesso em: 21 jun. 2018.

ROSA, M. E. S. Aspirante a craque de futebol hoje ou marginal do amanhã? **Revista Jus Navigandi**, ISSN 1518-4862, Teresina, ano 14, n. 21, 22 e 23, abr. 2009. Disponível em: https://jus.com.br/artigos/12681. Acesso em: 20 junho 2018.

ROSA, C. S. **Toda a idade é certa se a educação é ao longo da vida:** horizontes de(s)coloniais para política de educação de jovens e adultos. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade La Salle, Canoas, 2017.

ROSENFELD. A. **Negro, macumba e futebol.** São Paulo: Edusp, 1993.

ROVELLI, C. **Sete breves lições de física**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

RUFINO, L. Exu e a pedagogia das encruzilhadas: sobre conhecimentos, educações e pós-colonialismo. **VIII Seminário Internacional As Redes Educativas e as Tecnologias: Movimentos Sociais e Educação.** (jun. 2015). 12 p. Disponível em: https://www.academia.edu/17491602/Exu_e_a_Pedagogia_das_Encruzilhadas_Sobre_conhecimentos_educa%C3% A7%C3%B5es_e_p%C3%B3s-colonialismo. Acesso em: 1 de julho de 2020.

SALES, A. Relatório: educação e as categorias de base. **Revista Digital Universidade do Futebol.** São Paulo, agosto, 2019. Disponível em: https://universidadedofutebol.com.br/relatorio-educacao-e-as-categorias-de-base/. Acesso em: 30 mai. 2020.

SAMAIN, E. As peles da fotografia: fenômeno, memória/arquivo, desejo. **Revista Visualidades**, Goiânia, v. 10 n. 1 p. 151-164, jan./jun. 2012. Disponível em: https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/23089/13635. Acesso em: 10 out. 2020.

SANTANA, W. C. de **Futsal:** metodologia da participação**.** Londrina: LIDO, 1996.

SANTOS, J. R. **"Bola brasilis".** Coordenação Editorial de Ed Viggiani/Brasil bom de bola Fortaleza: Tempo d'Imagem. 1998, p. 32.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2000.

SANTOS, B. de S. Para além do pensamento abissal. Das linhas globais a uma ecologia de saberes. **NOVOS ESTUDOS**, CEBRAP, n. 79, p. 71-94, nov. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/nec/n79/04.pdf. Acesso em: 20 março 2018.

SANTOS, B. de S. **Um discurso sobre as ciências.** 16. ed. Porto: Edições Afrontamento, 2008.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/view/8649323/15878. Acesso em: 19 out. 2019.

SANTOS, X. F. dos. Futebol, jovens atletas e educação: uma imersão nos clubes de Recife. XI CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DIVERSIDADES E (DES)IGUALDADES UFBA, Salvador. *In*: **Anais [...]**, 2011. Disponível em: http://docplayer.com.br/10117706-Futebol-jovens-atletas-e-educacao-uma-imersao-nos-clubes-de-recife.html. Acesso em: 13 maio 2018.

SARAVIA, L. M.; FLORES, I. La formación de maestros en América Latina estudio realizado en diez países. **MINISTERIO DE EDUCACIÓN** – DINFOCAD – PROEDUCA-GTZ. Perú, 2005. Disponível em: http://repositorio.minedu.gob.pe/handle/123456789/480. Acesso em: 2 ago. de 2019.

SARDELICH, M. E. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 128, maio/ago. 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=s010015742006000200009&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em: 10 out. 2020.

SCAGLIA, A. J. Escolinha de futebol: uma questão pedagógica. **Motriz**, Rio Claro, v. 2, n. 1, p. 36-43, 1996. Disponível em: http://goo.gl/xapC0p. Acesso em: 21 jul. 2018.

SCAGLIA, A. J. **O futebol que se aprende e o futebol que se ensina**. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

SCAGLIA, A. J. **Educação como prática corporal.** São Paulo: Scipione, 2003.

SCALON, R. M. **A psicologia do esporte e a criança.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

SCHWARTZMAN, S.; COSSÍO, M. B. Juventude, educação e emprego no Brasil. **Cadernos Adenauer - Geração Futuro**, v. VII, n. 2, p. 51-65, 2007. Disponível em: http://www.schwartzman.org.br/simon/2007juventude.pdf. Acesso em: 7 jul. 2019.

SILVA, L. L.; MACHADO, R. P. D.; DIAS, P. S. Fatores motivacionais para a prática do desporto universitário**. Revista Digital Efdeportes.** Buenos Aires, año 19, n. 191, abr. 2014. Disponível em: http://www.efdeportes.com/efd191/fatores-motivacionais-do-desporto-universitario.htm. Acesso em: 19 out. 2019.

SILVA, S. R. da; CAMPOS, P. A. F. Futebol e a Educação Física na escola: possibilidades de uma relação educativa. **Revista Cienc. Cult**., São Paulo, v. 66, n. 2, jun. 2014. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252014000200015. Acesso em: 14 set. 2019.

SOARES, A. J. **Futebol, raça e nacionalidade:** releitura da história oficial.1998. Tese (Doutorado em Educação) **–** Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1998.

SOARES, A. J. G.; MELO, L. B. S.; COSTA, F. R.; BARTHOLO, T. L.; BENTO, J. O. Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 4, p. 905-921, out./dez. 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32892011000400008&script=sci_arttext. Acesso em: 04 abr. 2018.

SOCRATES; G. R. **Democracia Corintiana**: a utopia em jogo. São Paulo: Editora Boitempo, 2012.

SOMOGGI, A. Evolução das finanças dos clubes brasileiros. **Revista Digital Universidade do Futebol**, São Paulo, jan. 2013. Disponível em: https://universidadedofutebol.com.br/a-evolucao-das-financas-dos-clubes-brasileiros/. Acesso em: 20 mar. 2020.

SOUZA, K. M. de. **Prezado amigo Afonsinho**. Método Editora, 1998.

SOUZA, C.; ARAÚJO M. de; VAZ A. F.; BARTHOLO T. L.; SOARES A. J. G. Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. **Revista Horiz. antropol.,** Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 85-111, jul./dez. 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832008000200004 &lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 set. 2018.

SOUZA, G. L.; KISTER, S.; VIRGÍNIA, J.; MENDES, A.; FIDELIS, M.; TAVARES, S. F.; A indústria cultural na formação do jogador profissional de futebol brasileiro. **Revista Digital EFDeportes.com,** Buenos Aires, Año 15, n. 152, enero 2011. Disponível em: https://www.efdeportes.com/efd152/formacao-do-jogador-profissional-de-futebol brasileiro.htm#:~:text=A%20ind%C3%BAstria%20cultural%20age%20de,tem%20rendimentos%20satisfat%C3%B3rios%20para%20uma. Acesso em: 21 jul. 2019.

SOUZA, A.; SALLES, G. **As dificuldades na trajetória da carreira de atletas das categorias sub17 e sub 20 do futebol capixaba**. Trabalho de Conclusão de Curso – Departamento Linguagens, Cultura e Educação do Centro de Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2018.

STIGGER, M. P. Relações entre o esporte de rendimento e o esporte da escola. **Revista Movimento –** Revista de Educação Física da UFRGS, Porto Alegre, v. 7, n. 14, 2001. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2609/1243. Acesso em: 2 jan. 2020.

STRECK, D. R.; ADAMS, T. **Pesquisa participativa, emancipação e (des)colonialidade**. Curitiba: Editora CRV, 2014.

TAVARES, M.; ROMÃO, T. A emergência de modelos contra-hegemônicos de educação superior: a Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) e sua contribuição para a redefinição da geopolítica do conhecimento. **Revista Lusófona de Educação**, n. 29, p. 201-211, 2015. Disponível em: http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=34941151013. Acesso em: 6 dez. 2017.

TUBINO, M. J. G. **Dimensões sociais do esporte.** São Paulo: Cortez/Autores Associados, 2001.

TEGA, E. C. Cláudio Guadagno, agente de jogadores. **Revista Digital Universidade do Futebol.** São Paulo, set. 2004. Disponível em: https://universidadedofutebol.com.br/claudio-guadagno-agente-de-jogadores/. Acesso em: 3 jun. 2020.

VAILLANT, D. Formación inicial del profesorado em América Latina: dilemas centrales y perspectivas. **Revista Española de Educación Comparada**, n. 22, p. 185-206, jul. 2013. Disponível em: http://revistas.uned.es/index.php/REEC/article/view/932 9. Acesso em: 9 ago. 2019.

VAN DIJK, T. A. **Cognição Discurso e Interação**. São Paulo: Contexto. 1996.

VAN DIJK, T. A. **El análisis crítico del discurso.** Anthropos, Barcelona, v. 186, p. 23-36, sept./oct. 1999. Disponível em: http://www.discursos.org/oldarticles/El%20an%E1lisis %20cr%EDtico%20del%20discurso.pdf. Acesso em: 16 abr. 2018.

VAN DIJK, T. A. La multidisciplinariedad del análisis crítico del discurso: un alegato en favor de la diversidad. *In*: WODAK, R.; MEYER, M**. Métodos de análisis crítico del discurso**. Barcelona: Gedisa, 2003. p. 143-177. Disponível em: http://www.discursos.org/oldarticles/ La%20multidisciplinariedad.pdf. Acesso em: 15 abr. 2018.
VAN DIJK, T. A. Notícias e conhecimento. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 2, n. 2. 2005. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2138/1850. Acesso em: 10 de abril de 2018.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e contexto**: uma abordagem sociocognitiva. São Paulo: Contexto. 2012.

VAN DIJK, T. A. Análise crítica do discurso multidisciplinar: um apelo em favor da diversidade. **Linha d'Água**, n. 26 (2), p. 351-381, 2013. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/65164. Acesso em: 14 abr. 2018.

VAN DIJK, T. A. (org.). **Racismo e discurso na América Latina**. 2. ed. 1. reimpr. São Paulo: Contexto, 2018.

VEGA, M. A. G. **A poderosa atração do planeta futebol**. Jornal El Pais. Economia. Madrid, 2015. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/05/29/economia/1432888459_ 563187.html. Acesso em: 20 fev. 2019.

VERZANI, R. H. **Novas mídias sociais, atletas e o coping:** relações impertinentes. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias) – Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro. 2017. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/handle/11449/148842. Acesso em: 10 abr. 2020.

VIEIRA, J. J. **Paixão Nacional e Mito Social:** a participação do negro no futebol, profissionalização e ascensão social. Tese (Doutorado) – IUPERJ, Sociologia, Rio de Janeiro, 2001.

VIEIRA, J. R. C. C. **Empresa 19 Investimentos (Marketing Esportivo).** Processos Gerenciais Ênfase em Empreendedorismo. Curso de Graduação Tecnológica. Universidade

Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/handle/1/3957. Acesso em: 20 jan. 2020.

VIGGIANI, E. J. ***Brasil:*** *bom de bola*. Fortaleza: Editora Tempo D'Imagem, 1998.

VOSER, R. C.; GIUSTI, J. G. **O futsal e a escola:** uma perspectiva pedagógica. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2015.

WALLERSTEIN, I. **Análisis de sistemas-mundo:** una introducción. México: Siglo XXI Editores, 2005. Disponível em: https://sociologiadeldesarrolloi.files.wordpress.com/2014/11/223976110-26842642-immanuel-wallerstein-analisis-de-sistemas-mundo.pdf. Acesso em: 20 mar. 2019.

WALSH, C. Interculturalidad, conocimientos y decolonialidad. **Signo y Pensamiento**, Bogotá, v. XXIV, n. 46, p. 39-50, jan./jun., 2005a.

WALSH, C. Introducción. *In*: WALSH, Catherine. **Pensamiento crítico y matriz (de)colonial:** reflexiones latinoamericanas. Quito: UASB – Abya Yala, 2005b.

WALSH, C. ¿Son posibles unas ciencias sociales/ culturales otras? Reflexiones en torno a las epistemologías decoloniales. **Nómadas (Col.)**, n. 26, p. 102-113, 2007. Universidad Central Bogotá, Colombia. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/1051/105115241011.pdf. Acesso em: 20 maio 2018.

WALSH, C. **Pedagogías decoloniales. Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir.** Tomo I. Quito: Abya-Yala, 2013.

WEINECK, J. **Treinamento Ideal.** São Paulo: Editora Manole, 1999.

WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, UFSC, Florianópolis, SC, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2/2001. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2001000200008 &script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 4 abr. 2019.

WISNIK, J. M. **Veneno remédio o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

YEDAIDE, M. Experiencias pedagógicas: debates y perspectivas desde enfoques descoloniales. **VIII Jornadas Nacionales y 1º Congreso Internacional sobre la Formación del Profesorado**. Universidad Mar del Plata/Argentina, nov. 2015. 13 p. Disponível em: http://www.mdp.edu.ar/humanidades/pedagogia/jornadas/jprof2015/simposios/Yedaide.pdf. Acesso em: 20 abr. 2018.

YEHIA, E. Descolonización del conocimiento y la práctica. Un encuentro dialógico entre el programa de investigación sobre modernidad/colonialidad/ decolonialidad latino-americanas y la teoria actor-red. **Tabula Rasa**, n. 6, p. 85-114, enero-junio 2007. Disponível em: http://www.scielo.org.co/pdf/tara/n6/n6a05.pdf. Acesso em: 13 ago. 2017.

APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido

UNIVERSIDADE LaSalle

Credenciamento: Portaria Nº 597/2017 de 5/5/2017, D.O.U de 8/5/2017

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisador responsável: Otávio Nogueira Balzano
Instituição: Universidade La Salle
Endereço: Av. Victor Barreto, 2288. Canoas - RS.
CEP: 92010-000.
Tel. 51 3476.8500.

Prezado participante:

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa/tese de doutorado**, O ENSINO DO FUTEBOL NA PERSPECTIVA DECOLONIAL: DESGASTANDO A PRODUÇÃO DE SUJEITOS "PÉS DE OBRA",** desenvolvida por Otávio Nogueira Balzano, discente de Doutorado, do PPG em Educação da Universidade La Salle/Canoas, sob orientação do Professor Dr. Gilberto Ferreira da Silva.

PROCEDIMENTOS: O objetivo geral da pesquisa é: *Analisar, amparado na perspectiva decolonial, o modelo epistêmico adotado por profissionais de Educação Física (EF) no ensino do futebol, em universidades e em clubes, e sua relação com a produção de sujeitos "pés de obra".* O pesquisador utilizará como instrumentos para a pesquisa a entrevista semiestruturada, a observação na Instituição e o diário de campo. As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas o aluno e seu professor orientador. O tempo de duração da entrevista é de aproximadamente 40 minutos. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução CNS nº 466/12.

RISCOS: O participante da pesquisa poderá sentir-se a vontade para não responder qualquer pergunta que lhe deixe desconfortável na entrevista e, também de identificação pelas características próprias de atuação nas dependências da Instituição. Como forma de minimizar estes riscos garantimos o sigilo quanto a sua identidade, quanto a identidade da institucional, e também apresentamos como alternativa a possibilidade de realizar a entrevista em locais indicados pelos participantes.

BENEFÍCIOS: Essa pesquisa pretende colaborar com: Avanços nas pesquisas em Educação Física e no futebol, em relação a temática formação escolar e futebolística dos estudantes/atletas. O estudo poderá proporcionar melhores condições no processo formativo dos profissionais que atuam na prática do futebol, tanto no âmbito universitário quanto nos espaços dos clubes, contribuindo para os jovens atletas na construção de uma consciência para além das "quatro linhas do campo", reconhecendo-se como um sujeito ativo e participativo na sociedade.

PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA: Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa. Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das suas informações pessoais.

Obs.: Para participar você deve autorizar a gravação da entrevista, assinando o TCLE.

DESPESAS: Você não terá nenhuma despesa ao participar da pesquisa, nem direito a receber qualquer compensação financeira.

RESULTADOS:

Os resultados serão divulgados em palestras dirigidas ao público participante (se a instituição assim solicitar), artigos científicos e na tese.

CONSENTIMENTO: Recebi claras explicações sobre o estudo, todas registradas neste formulário de consentimento. Os investigadores do estudo responderam, em qualquer etapa do estudo, a todas as minhas perguntas, até a minha completa satisfação. Portanto, estou de acordo em participar do estudo. Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) será assinado por mim em duas vias (uma para o participante e uma para o pesquisador) e ficará sob guarda do responsável pela pesquisa por cinco anos.

Nome do participante/representante legal: _____

ASSINATURA:_____

DATA: ____ / ____ / ___

Para outras considerações ou dúvidas sobre a ética da pesquisa, entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade La Salle.

E-mail: cep.unilasalle@unilasalle.edu.br

Horários de atendimento:

Segunda-feira: 13h às 17h

Terça-feira: 18h às 22h

Quarta-feira: 13h às 17h

Quinta-feira: 18h às 22h

Sexta-feira: 13h às 17h

Pesquisador: Otávio Nogueira Balzano.

Tel. (85) 996659782. E-mail: otaviobalzano@yahoo.com.br

Orientador: Gilberto Ferreira da Silva

Tel. (51) 991781546. E-mail: ferreira@unilasalle.edu.br

ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL:

Prof. Ms. Otávio Nogueira Balzano

APÊNDICE B – Roteiro de perguntas

UNIVERSIDADE LaSalle
Credenciamento: Portaria Nº 597/2017 de 5/5/2017, D.O.U de 8/5/2017

ROTEIRO DE PERGUNTAS

1ª Parte – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PROFISSIONAL OU FUTURO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA

1- Código para identificação:
2- Sexo:
3- Idade:
4- Município:
5- Instituição:
6- Cargo:
7- Contato:

2ª Parte - FORMAÇÃO PROFISSIONAL

1- Formação acadêmica:

( ) Graduado ( ) Especialização ( ) Mestrado ( ) Doutorado

2- Há quanto tempo é graduado?
3- Há quanto tempo trabalha com o futebol?

3ª Parte – QUESTÕES TEMÁTICAS

1. Conte um pouco como se deu a tua escolha no campo do esporte e do futebol.
2. Fale um pouco sobre suas experiências profissionais com o futebol.
3. Conte como você desenvolve o seu trabalho com o futebol no seu campo de atuação.
4. Você tem liberdade para escolher os conteúdos e a forma como vai trabalha-los?
5. Quais são as tuas referências para o ensino e/ou treinamento do futebol?
6. O futsal tem alguma influência no seu trabalho com o futebol?
7. Qual a sua opinião sobre o processo de formação inicial e continuada dos futuros profissionais de EF que trabalharam/trabalham com o futebol.

8. Como você tem percebido a relação, prática do futebol versus escola/estudo, no processo de formação dos futuros jogadores.

9. Qual a sua opinião a respeito do discurso do senso comum de que “jogadores de futebol não precisam estudar”?

10. Na sua opinião, como pode afetar a formação do futuro jogador, quando do distanciamento da escola/estudo?

11. Na sua opinião, como os profissionais de EF podem contribuir para conciliar a formação escolar com a formação futebolística dos futuros jogadores?

12. Na sua opinião quais são as dificuldades mais comuns no futebol?

13. Como você têm lidado com essas dificuldades no seu campo de atuação no futebol.

14. Você entende que existem preconceitos no futebol? Se sim quais?

15. Se existem preconceitos, como os profissionais de EF podem contribuir para a diminuição desses no futebol?

APÊNDICE C – Exemplo de transcrição das entrevistas

UNIVERSIDADE LaSalle
Credenciamento: Portaria Nº 597/2017 de 5/5/2017, D.O.U de 8/5/2017

EXEMPLO DE TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

CoEF-IES/Ca3 – volante – 29/10/2019

1º Etapa

Participante /Jogador	CoPF/IES/Ca3 - Volante
1. Formação esportiva e vivências	- A minha história começa na minha EFE, onde comecei a praticar esportes. Tive ótimos professores de EF na minha escola. Praticava mais de uma modalidade, com o objetivo de treinamento para participar de competições esportivas. - Comecei a treinar futebol na 4ª série em uma escolinha dentro da escola que eu estudava, trenei até a 8ª série. - Depois no ensino médio migrei para o futsal pelos horários e as possibilidades de competições que a escola oferecia. - Minha primeira experiência profissional no futebol, foi um estágio do curso de EF com uma escolinha de futsal no SESI Esteio, em 1982, com crianças de 8 a 11 anos. - Depois em 2012 assumi a aqui na Instituição, a disciplina de esportes coletivos I (futsal e futebol) que ministrei até 2019 quando assumi como coordenador.
2. Modelo Epistêmico	- Eu sempre me preocupei como professor da disciplina de futsal e futebol, oportunizar aos estudantes o conhecimento pedagógico e metodológico da modalidade. - Hoje a informação está globalizada, com as novas tecnologias, todo mundo tem acesso a ela. A questão é como utilizar essa informação que está disponível na internet, para melhor formar os futuros jogadores e estudantes da modalidade. - Eu sempre me preocupei em trabalhar a questão metodológica e didática, para que o futuro profissional de EF, saiba como trabalhar essa modalidade. - Nós temos na Instituição o plano de ensino das disciplinas, isto nos deixa um pouco engessado. - Mas dentro dos conteúdos, que são necessários serem desenvolvidos, eu sempre me preocupei em flexibilizar, até para possibilitar que os estudantes saíssem da "sua bolha, da sua caixinha", para que eles propusessem algum conteúdo, algum assunto que fosse de interesse deles. - Depende da visão de mundo de cada professor, cada um desenvolve seu trabalho de acordo com que acredita ser

	necessário para capacitar seus estudantes, para seus desempenhos profissionais. - Eu sempre me preocupei com o aspecto metodológico, por isso fui fazer um curso com o professor francês Claude Bayer, nos anos 90, onde ele falava muito em psicomotricidade, ou seja, trabalhar as qualidades básicas do esporte, para desenvolver os atletas. Não adianta trabalhar a técnica, se os atletas não têm as qualidades básicas. - Outra influência foi do professor Pablo Greco da UFMG, e a proposta da escola da bola, preocupada em desenvolver o jogador inteligente, propondo jogos situacionais, possibilitando ao jogador resolver problemas, voltados ao jogo de futebol. - No RS tive a oportunidade de trabalhar com o prof. Otávio Balzano, que ministrava a disciplina de futsal e futebol nessa instituição, e o professor Vôser da UFRGS, que sempre os tive como referência, e ao conversar com eles, enriquecia meu trabalho. - Eu pratiquei o futsal, acredito que até pelas questões sociais em nosso país, não é toda escola que tem um campo de futebol, mas um espaço pequeno todas têm. - Nós temos na hora de formar o nosso futuro professor, que mostrar a responsabilidade social que ele tem com seu futuro trabalho. - O futuro profissional tem que entender o contexto que ele vai se inserir, porque a maioria das escolas, em nosso país, nem tem uma boa infraestrutura esportiva nem material pedagógico, e a partir disso ele vai ter que saber adaptar e desenvolver seu trabalho. - O processo de formação inicial, para trabalhar com o futebol é um pouco superficial, não se aprofunda como deveria, pois, em 1 ou 2 semestres é muito difícil desenvolver um trabalho integral. - Para preparar um profissional para desenvolver um trabalho, é mais do que ensinar o trabalho técnico, é social também, ele exige uma contribuição mental, uma visão de mundo, como dizia Paulo Freire. - Além dos conhecimentos técnico, tático e de regras, ele precisa de um conhecimento metodológico, e precisa adaptar seu trabalho as necessidades de seus estudantes, e ter consciência de que forma, o seu trabalho vai impactar na vida daquelas pessoas. - Acredito que o profissional deve e vai se qualificar para trabalhar com futebol ao longo da sua formação continuada. Em relação aos cursos de formação continuada é importante verificar quem está ministrando e quais são os objetivos, se são de qualificar os profissionais ou são de interesse econômico.

	- O futuro profissional de EF que vai trabalhar com o futebol, deve saber que a formação do atleta de futebol no Brasil não é a ideal, nossos atletas chegam com dificuldade cognitiva. - O treinador que vai trabalhar na base do futebol, deve ter a percepção para buscar as melhores estratégias e metodologias, para que possa contribuir, tanto com a formação técnica como a pessoal dos atletas. - Muitas vezes, o profissional desenvolve seu trabalho com aquilo que ele gosta com aquilo que ele acha ser o mais importante, até para ficar na sua zona de conforto, mas devemos sair da zona de conforto, e possibilitar para nossos estudantes o maior e melhor número de informações possíveis, para que ele desenvolva uma consciência da importância do seu trabalho para a nossa profissão e para o desenvolvimento do futebol no Brasil. - É importante que o profissional de EF tenha *felling*, tenha a sensibilidade que não é apenas um atleta de futebol que está ali, ali está um ser humano que precisa ser desenvolvido de forma integral.
3. Razões e Efeitos	- Infelizmente pelas diferenças sociais em nosso país, e muitas vezes pela falta de oportunidade de se manter na escola e estudando, e ter uma formação pessoal concomitante com a esportiva, acaba deixando umas lacunas na formação da personalidade e cognitiva dos nossos jogadores. - O jogador de futebol no Brasil por ter esse talento para o futebol, que muitos dizem que é o somatório da ginga da capoeira, do samba mais o futebol, e essa mistura de raças, favorecendo o desempenho técnico, acredita que isso já é o necessário para a prática no futebol. (talento) - Mas a formação pessoal, acadêmica, escolar ela não é ideal, e para buscar uma ascensão social, ele se afasta da escola, e pega os exemplos que temos por aí: jogador que não sabe escrever, nem falar, nem ler ganha milhões. (escola) - No Brasil passa-se a mensagem que não precisa estudar para jogar futebol, pois só jogando eu vou ganhar bem. (mídia) - Muitos jogadores não sabem que é um percentual muito pequeno que chega ao sucesso. (informação) - Outro fator que atrapalha muito, é que tem muita gente falando muito o que não sabe, infelizmente no Brasil culturalmente, temos milhões de técnicos, árbitros, e pessoas que pensam que sabem muito sobre o futebol, pois muitas vezes tem o microfone e a câmera a disposição. - Muitas vezes se cria a polêmica no futebol, porque a polêmica "faz parte do negócio", porque se não tem polêmica não vende, não cria audiência (poder).

	- A maioria dos jogadores não ganham o que todos pensam, não sabem administrar suas carreiras, e muitos perdem praticamente tudo, por falta de informação e de estudo. - Falta de planejamento para o final de suas carreiras. - Se não mostrarmos a importância da escola, da formação pessoal, da formação acadêmica, do desenvolvimento intelectual, da importância de construir uma vida paralela, uma outra profissão, se a gente não consegue passar isso, com certeza estaremos produzindo um atleta "pé de obra" para esse mercado de trabalho – o futebol – que está aí para recebe-los, mas ele sem essa consciência e com essa formação atual, não terá condições do que é mais importante, que é de realizar o seu sonho.
4. Dificuldades e Preconceitos	- Se olhar o jogador fora do Brasil, de outros países, eles têm toda uma postura ética, todo um comportamento profissional, são profissionais na essência da palavra. - No futebol a não preparação dos atletas para o final das suas carreiras, faz muitas vezes que eles levem "um choque" em suas vidas, pois não se preparam e não foram preparados para essa etapa. - Tá faltando bom senso, tá faltando muito conhecimento, muita informação verídica a respeito do futebol, que possam contribuir para o avanço do futebol brasileiro. - A falta de formação de profissionais qualificados. - A relação irracional torcida, dirigentes e jogadores. - O futebol sendo o esporte que mexe com mais valores, o esporte mais profissional do Brasil, ainda é dirigido e administrado por amadores. - Não podemos mais virar os olhos, tampar os ouvidos, fechar a boca, desta forma estamos recorrendo no erro de muitos anos que o preconceito não existe, temos que assumir que existe. - Numa reportagem apareceu que dos 20 clubes da série A do futebol brasileiro apenas dois técnicos são negros, o problema não é a quantidade. A questão são o número de oportunidades, se tu ofereceres oportunidade para todos desde a escola. Se ofereceres oportunidade de formação pessoal para todos, isso não vai mais acontecer. - A questão no Brasil não é cor da pele que diz se tu tens mais qualidade, conhecimento ou capacidade, a questão no Brasil é o número de oportunidades (racismo sutil).
5. Alternativas	- A nossa instituição está contribuindo, um pouco, para mudar a lógica, nós temos convênios com o GFBPA e o SCI, temos atletas da base e do futebol feminino, que fazem vários cursos de graduação aqui na instituição.

	- Essa aproximação da universidade e dos clubes de futebol, pode preencher essa lacuna que está dentro da formação inicial dos atletas de futebol. - Todos os professores têm responsabilidades, ainda mais nós que fizemos pós graduação e chegamos nas universidades, somos uma minoria privilegiada em nosso país, no que diz respeito a formação e conhecimento, desta forma nós somos os responsáveis pelas mudanças. - Temos que evoluir no Brasil, sobre o tema do final de carreira dos jogadores de futebol, temos que preparar os atletas para isso. - Apesar das dificuldades de infra estrutura das escolas, nós temos que ensinar nosso futuro professor adaptar seu trabalho, em locais de que não tem goleira faz com chinelos. O importante é proporcionar que os estudantes possam jogar o futsal e o futebol, mesmo que seja adaptado. - Procuro buscar novos cursos de formação continuado, estar atento as novas informações e tecnologias. - Preparar profissionais de excelência para trabalhar para que o futebol brasileiro volte a ser o que já foi. - Procuro fazer com que os estudantes busquem essas novas informações e tragam para a sala de aula, para que se sintam corresponsáveis da sua formação e protagonistas na sala de aula. - As pessoas que tem oportunidade de falar, não podem se omitir, não podem calar, tem que falar, pois existe o preconceito e ele deve ser debatido e combatido, devemos fazer a diferença ficar igual, pois todos somos iguais. - É importante que o professor traga questões para a sala de aula, que transcendam os conteúdos técnicos (específicos) do futebol. - É importante que o professor debata em aula, traga esse assunto (preconceito) para aula, pois quem vai dar continuidade no trabalho do professor são eles. Segundo um autor: o professor permanece imortal pelas ações que seus estudantes vão continuar realizando depois. - Cada profissional tem que fazer a sua parte. Parafraseando Paulo Freire: “eu não tenho que fazer isso porque sou um profissional, eu tenho que fazer isso porque antes de ser um profissional eu sou um cidadão/pessoa, e como cidadão/pessoa eu tenho que responsabilidade para com o espaço que vivo eu tenho responsabilidade para com o planeta. Eu tenho que fazer, não esperar que os outros digam o que eu tenho que fazer”.

CoEF-IES/Ca3 – volante – 29/10/2019

2ª Etapa

Participante /Jogador	CoPF/IES/Ca3 - Volante
1.1 Formação esportiva e no futebol	- A minha história começa na minha EFE, onde comecei a praticar esportes. Tive ótimos professores de EF na minha escola. Praticava mais de uma modalidade, com o objetivo de treinamento para participar de competições esportivas. - Comecei a treinar futebol na 4ª série em uma escolinha dentro da escola que eu estudava, trenei até a 8ª série. - Depois no ensino médio migrei para o futsal pelos horários e as possibilidades de competições que a escola oferecia.
1.2 Experiências no futebol	- Minha primeira experiência profissional no futebol, foi um estágio do curso de EF com uma escolinha de futsal no SESI Esteio, em 1982, com crianças de 8 a 11 anos. - Depois em 2012 assumi a aqui na Instituição, a disciplina de esportes coletivos I (futsal e futebol) que ministrei até 2019 quando assumi como coordenador.
1.3 Metodologia de trabalho	- Eu sempre me preocupei como professor da disciplina de futsal e futebol, oportunizar aos estudantes o conhecimento pedagógico e metodológico da modalidade. - Hoje a informação está globalizada, com as novas tecnologias, todo mundo tem acesso a ela. A questão é como utilizar essa informação que está disponível na internet, para melhor formar os futuros jogadores e estudantes da modalidade. - Eu sempre me preocupei em trabalhar a questão metodológica e didática, para que o futuro profissional de EF, saiba como trabalhar essa modalidade.
1.4 Liberdade para os conteúdos	- Nós temos na Instituição o plano de ensino das disciplinas, isto nos deixa um pouco engessado. - Mas dentro dos conteúdos, que são necessários serem desenvolvidos, eu sempre me preocupei em flexibilizar, até para possibilitar que os estudantes saíssem da "sua bolha, da sua caixinha", para que eles propusessem algum conteúdo, algum assunto que fosse de interesse deles. - Depende da visão de mundo de cada professor, cada um desenvolve seu trabalho de acordo com que acredita ser necessário para capacitar seus estudantes, para seus desempenhos profissionais.
1.5 Referências no trabalho	- Eu sempre me preocupei com o aspecto metodológico, por isso fui fazer um curso com o professor francês Claude Bayer, nos anos 90, onde ele falava muito em psicomotricidade, ou seja, trabalhar as qualidades básicas do esporte, para desenvolver os atletas. Não adianta trabalhar a técnica, se os atletas não têm as qualidades básicas. - Outra influência foi do professor Pablo Greco da UFMG, e a proposta da escola da bola, preocupada em desenvolver o jogador inteligente, propondo jogos situacionais, possibilitando ao jogador resolver problemas, voltados ao jogo de futebol. - No RS tive a oportunidade de trabalhar com o prof. Otávio Balzano, que ministrava a disciplina de futsal e futebol nessa instituição, e o

	professor Vôser da UFRGS, que sempre os tive como referência, e ao conversar com eles, enriquecia meu trabalho.
1.6 Importância do futsal	- Eu pratiquei o futsal, acredito que até pelas questões sociais em nosso país, não é toda escola que tem um campo de futebol, mas um espaço pequeno todas têm.
2.1 Formação Inicial e Continuada	- Nós temos na hora de formar o nosso futuro professor, que mostrar a responsabilidade social que ele tem com seu futuro trabalho. - O futuro profissional tem que entender o contexto que ele vai se inserir, porque a maioria das escolas, em nosso país, nem tem uma boa infraestrutura esportiva nem material pedagógico, e a partir disso ele vai ter que saber adaptar e desenvolver seu trabalho. - O processo de formação inicial, para trabalhar com o futebol é um pouco superficial, não se aprofunda como deveria, pois, em 1 ou 2 semestres é muito difícil desenvolver um trabalho integral. - Para preparar um profissional para desenvolver um trabalho, é mais do que ensinar o trabalho técnico, é social também, ele exige uma contribuição mental, uma visão de mundo, como dizia Paulo Freire. - Além dos conhecimentos técnico, tático e de regras, ele precisa de um conhecimento metodológico, e precisa adaptar seu trabalho as necessidades de seus estudantes, e ter consciência de que forma, o seu trabalho vai impactar na vida daquelas pessoas. - Acredito que o profissional deve e vai se qualificar para trabalhar com futebol ao longo da sua formação continuada. Em relação aos cursos de formação continuada é importante verificar quem está ministrando e quais são os objetivos, se são de qualificar os profissionais ou são de interesse econômico. - O futuro profissional de EF que vai trabalhar com o futebol, deve saber que a formação do atleta de futebol no Brasil não é a ideal, nossos atletas chegam com dificuldade cognitiva. - O treinador que vai trabalhar na base do futebol, deve ter a percepção para buscar as melhores estratégias e metodologias, para que possa contribuir, tanto com a formação técnica como a pessoal dos atletas. - Muitas vezes, o profissional desenvolve seu trabalho com aquilo que ele gosta com aquilo que ele acha ser o mais importante, até para ficar na sua zona de conforto, mas devemos sair da zona de conforto, e possibilitar para nossos estudantes o maior e melhor número de informações possíveis, para que ele desenvolva uma consciência da importância do seu trabalho para a nossa profissão e para o desenvolvimento do futebol no Brasil. - É importante que o profissional de EF tenha *feeling*, tenha a sensibilidade que não é apenas um atleta de futebol que está ali, ali está um ser humano que precisa ser desenvolvido de forma integral.
2.2 Razões	- O jogador de futebol no Brasil por ter esse talento para o futebol, que muitos dizem que é o somatório da ginga da capoeira, do samba mais o futebol, e essa mistura de raças, favorecendo o desempenho técnico, acredita que isso já é o necessário para a prática no futebol. - Mas a formação pessoal, acadêmica, escolar ela não é ideal, e para buscar uma ascensão social, ele se afasta da escola, e pega os exemplos que temos por aí: jogador que não sabe escrever, nem falar, nem ler ganha milhões. - No Brasil passa-se a mensagem que não precisa estudar para jogar futebol, pois só jogando eu vou ganhar bem.

	- Muitos jogadores não sabem que é um percentual muito pequeno que chega ao sucesso. - Outro fator que atrapalha muito, é que tem muita gente falando muito o que não sabe, infelizmente no Brasil culturalmente, temos milhões de técnicos, árbitros, e pessoas que pensam que sabem muito sobre o futebol, pois muitas vezes tem o microfone e a câmera a disposição. - Muitas vezes se cria a polêmica no futebol, porque a polêmica "faz parte do negócio", porque se não tem polêmica não vende, não cria audiência.
2.3 Efeitos	- A maioria dos jogadores não ganham o que todos pensam, não sabem administrar suas carreiras, e muitos perdem praticamente tudo, por falta de informação e de estudo. - Falta de planejamento para o final de suas carreiras.
3.1 Relação escola e futebol	- Infelizmente pelas diferenças sociais em nosso país, e muitas vezes pela falta de oportunidade de se manter na escola e estudando, e ter uma formação pessoal concomitante com a esportiva, acaba deixando umas lacunas na formação da personalidade e cognitiva dos nossos jogadores. - Se não mostrarmos a importância da escola, da formação pessoal, da formação acadêmica, do desenvolvimento intelectual, da importância de construir uma vida paralela, uma outra profissão, se a gente não consegue passar isso, com certeza estaremos produzindo um atleta "pé de obra" para esse mercado de trabalho – o futebol – que está aí para recebe-los, mas ele sem essa consciência e com essa formação atual, não terá condições do que é mais importante, que é de realizar o seu sonho.
3.2 Dificuldade	- Se olhar o jogador fora do Brasil, de outros países, eles têm toda uma postura ética, todo um comportamento profissional, são profissionais na essência da palavra. - No futebol a não preparação dos atletas para o final das suas carreiras, faz muitas vezes que eles levem "um choque" em suas vidas, pois não se preparam e não foram preparados para essa etapa. - Tá faltando bom senso, tá faltando muito conhecimento, muita informação verídica a respeito do futebol, que possam contribuir para o avanço do futebol brasileiro. - A falta de formação de profissionais qualificados. - A relação irracional torcida, dirigentes e jogadores. - O futebol sendo o esporte que mexe com mais valores, o esporte mais profissional do Brasil, ainda é dirigido e administrado por amadores.
3.3 Preconceitos	- Não podemos mais virar os olhos, tampar os ouvidos, fechar a boca, desta forma estamos recorrendo no erro de muitos anos que o preconceito não existe, temos que assumir que existe. - Numa reportagem apareceu que dos 20 clubes da série A do futebol brasileiro apenas dois técnicos são negros, o problema não é a quantidade. A questão são o número de oportunidades, se tu ofereceres oportunidade para todos desde a escola. Se ofereceres oportunidade de formação pessoal para todos, isso não vai mais acontecer. - A questão no Brasil não é cor da pele que diz se tu tens mais qualidade, conhecimento ou capacidade, a questão no Brasil é o número de oportunidades (racismo sutil).

3.4 Alternativas Futebol/Escola	- A nossa instituição está contribuindo, um pouco, para mudar a lógica, nós temos convênios com o GFBPA e o SCI, temos atletas da base e do futebol feminino, que fazem vários cursos de graduação aqui na instituição. - Essa aproximação da universidade e dos clubes de futebol, pode preencher essa lacuna que está dentro da formação inicial dos atletas de futebol. - Todos os professores têm responsabilidades, ainda mais nós que fizemos pós graduação e chegamos nas universidades, somos uma minoria privilegiada em nosso país, no que diz respeito a formação e conhecimento, desta forma nós somos os responsáveis pelas mudanças. - Temos que evoluir no Brasil, sobre o tema do final de carreira dos jogadores de futebol, temos que preparar os atletas para isso. - É importante que o profissional de EF tenha *felling*, tenha a sensibilidade que não é apenas um atleta de futebol que está ali, ali está um ser humano que precisa ser desenvolvido de forma integral.
3.5 Alternativas para as dificuldades	- Apesar das dificuldades de infra estrutura das escolas, nós temos que ensinar nosso futuro professor adaptar seu trabalho, em locais de que não tem goleira faz com chinelos. O importante é proporcionar que os estudantes possam jogar o futsal e o futebol, mesmo que seja adaptado. - Procuro buscar novos cursos de formação continuado, estar atento as novas informações e tecnologias. - Preparar profissionais de excelência para trabalhar para que o futebol brasileiro volte a ser o que já foi. - Procuro fazer com que os estudantes busquem essas novas informações e tragam para a sala de aula, para que se sintam corresponsáveis da sua formação e protagonistas na sala de aula. - O futuro profissional de EF que vai trabalhar com o futebol, deve saber que a formação do atleta de futebol no Brasil não é a ideal, nossos atletas chegam com dificuldade cognitiva. - O treinador que vai trabalhar na base do futebol, deve ter a percepção para buscar as melhores estratégias e metodologias, para que possa contribuir, tanto com a formação técnica como a pessoal dos atletas.
3.6 Alternativas Preconceitos	- As pessoas que tem oportunidade de falar, não podem se omitir, não podem calar, tem que falar, pois existe o preconceito e ele deve ser debatido e combatido, devemos fazer a diferença ficar igual, pois todos somos iguais. - É importante que o professor traga questões para a sala de aula, que transcendam os conteúdos técnicos (específicos) do futebol. - É importante que o professor debata em aula, traga esse assunto (preconceito) para aula, pois quem vai dar continuidade no trabalho do professor são eles. Segundo um autor: o professor permanece imortal pelas ações que seus estudantes vão continuar realizando depois. - Cada profissional tem que fazer a sua parte. Parafraseando Paulo Freire: “eu não tenho que fazer isso porque sou um profissional, eu tenho que fazer isso porque antes de ser um profissional eu sou um cidadão/pessoa, e como cidadão/pessoa eu tenho que responsabilidade para com o espaço que vivo eu tenho responsabilidade para com o planeta. Eu tenho que fazer, não esperar que os outros digam o que eu tenho que fazer”.

APÊNDICE D – Pauta de observações

UNIVERSIDADE LaSalle
Credenciamento: Portaria Nº 597/2017 de 5/5/2017, D.O.U de 8/5/2017

PAUTA DE OBSERVAÇÕES

1- Características das aulas/treinos de futebol nos cursos de Educação Física/Clubes de Futebol.	
2- Os espaços físicos disponíveis para as aulas/treinos	
3- As características das turmas/equipes	
4- Os conteúdos e metodologias aplicados treinos/aulas	
5- O perfil do treinador/professor/preparador físico e a relação professor/aluno-atleta	
6- Relação aluno/professor e aluno/aluno	
7- As “situações problemas”	
8- Situações “extras” relevantes para pesquisa	

APÊNDICE E - Exemplo de observação

UNIVERSIDADE LaSalle
Credenciamento: Portaria Nº 597/2017 de 5/5/2017, D.O.U de 8/5/2017

EXEMPLO DE OBSERVAÇÃO

OBSERVAÇÕES CLUBE II

Dia - 30/10/2019

Local – São Leopoldo – quadra de futebol 7

Horário – das 14h30min às 16h30min

Professor – TF/17-CF2

1 - Características das aulas/treinos de futebol nos cursos de Educação Física/Clubes de Futebol.	Professor é sozinho Categoria sub-17 Treinos no campo e quando chove na grama sintética de futebol 7 Pouca estrutura física A equipe sub-17 é terceirizada pelo clube para o professor
2 - Os espaços físicos disponíveis para as aulas/treinos	Quadra alugada de futebol 7 sintética (quando chove) – longe do clube Campo de futebol 11espaço público Salas para lavanderia e escritório Clube não deixa a equipe sub-17 utilizar o seu campo de jogo Não trenam no clube Material bolas velhas, coletes e cones. O professor vai até o clube pega todo o material e leva no seu carro até o local do treino.
3 - As características das turmas/equipes	Atletas de 16 e 17 Nível técnico tático de bom a razoável 22 atletas mais um machucado. A turma tem 40 como choveu no dia foram poucos. Possuem um grupo de *whats up* Todos os estudantes estudam. Segundo o professor muitos pais preferem que os estudantes trabalhem e não joguem.
4 - Os conteúdos e metodologias aplicados treinos/aulas	1ª parte: corrida em volta da quadra e exercícios físicos 2ª parte: dividido em dois grupos Grupo 1 - treino técnico de passe longo e curto e deslocamento Grupo 2 - jogo técnico tático de saída bola e marcação pressão 3ª parte: dois grupos Grupo 1 - jogo de ataque x defesa em meia quadra 6 x6

	Grupo 2 - chute a gol com passe do professor 4ª parte: jogo de 9 x 9 com traves nas laterais - o conteúdo foi diverso o professor tem uma boa estruturação da aula, mas os conteúdos não estão conectados. Sua metodologia é mista atividades tecnicistas e jogos táticos. Final do treino reúne os estudantes no centro e faz um *feed back* do treino. - Treinos muito dinâmicos
5 - O perfil do treinador/professor/preparador físico e a relação com os estudantes/atletas	Professor muito trabalhador, conhece bem seu grupo, muito dinâmico e criativo. Têm domínio da equipe. Explica para os estudantes para que serve a atividade. MUITOS GRITOS com os estudantes durante o treino; “Vamo, vamo” – Mais rápido, mais rápido” – “Acelera, acelera” – Pressiona, pressiona” Também chama os estudantes por apelido “O Negão”, “O Alemão”. – “O negão joga sério”. Professor trabalha muito sério. Aluno que brinca na hora de finalizar é substituído. Mesmo sozinho o professor acompanha o trabalho de todos os grupos. Utiliza também um linguajar do futebol: “Firma a perna”, “Olha o passe”, “vai pra dentro”, “olha a barreira vamos lá pô”. Mostra para os pais na prática porque seu filho é reserva. Professor tem bastante intimidade com os pais – frequenta a casa de alguns deles, até remédio os pais já deram para ao professor.
6 - Relação aluno/professor e aluno/aluno	Estudantes ajudam a carregar o material do professor e encher as garrafas de água. Todos estudantes executam as atividades sem questionamentos Obedecem e respeitam o professor Estudantes se respeitam. Estudantes trabalham com autonomia, pois o professor está sozinho Estudantes chamam um colega pelo apelido de “Negão”. Estudantes recolhem o material no final da aula Estudantes no final da aula ficam conversando (resenha) com vocabulário do futebol “o pai”, “elástico que eu dei”. Alguns palavrões. Os estudantes se ajudam no treino Os estudantes pagam para jogar na quadra de futebol 7 Os estudantes pagam mensalidade para jogar no clube. Alguns estudantes voltam de carro com o professor.

7 - As “situações problemas”	Estudantes que chegam atrasados não participam do primeiro treino e correm em volta da quadra. Os estudantes resolvem entre eles os problemas dentro da quadra como faltas e jogadas violentas. Professor tem que avisar os estudantes e os pais quando chove onde vai ser o local da aula. Não existe um local já programado.
8 - Situações “extras” relevantes para pesquisa	Alguns pais e mães assistem os treinos, a curiosidade é que mais mães assistem os treinos. As mães estão muito engajadas com o futebol, conforme suas falas: “Este clube é uma passagem para meu filho, aqui é ara eles aparecerem para clubes grandes”. “O atleta X ficou no clube grande porque tinha empresário” “Sem uma pessoa que entenda meu filho não vai entrar num clube grande”. “Vou contratar um empresário para meu filho” “Estou vendendo várias camisas de times europeus, Barcelona PSG, Real Madrid”. “Meu time fez teste no Inter jogou bem, mas como não tinha empresário não ficou”. As mães acreditam que seus filhos podem ser jogadores profissionais, mais que os pais dos seus filhos: “Vou levar meu filho na peneira do time A e do time B”. “Somos nós que resolvemos os maridos não resolvem nada”. “Meu marido nem entende de futebol”. “Pelo meu marido o meu filho nem jogava”. “O meu marido não ajuda em nada”. “Somos nós que patrocinamos o material de nossos filhos”, As mães também chamam o atleta de “Negão”. “Toma negão essa bolada”, “O “Negão” vai para o time do meu filho”, “O “Negão merece jogar no time ele é o que mais se esforça”. “Não deixo meu filho ir para festa um dia antes do jogo”. “Vou comprar uma câmera de vídeo boa para filmar meu filho”. Os pais que estavam no treino gostam que o professor cobre dos atletas e seja disciplinador com eles: “Tirei do outro clube porque lá era muito bagunçado em muito mole”. “Lá não cobram dos guris”. “Nessa idade têm que gritar se não os guris tomam conta”.

ANEXO A – Carta de apresentação às Instituições

UNIVERSIDADE LaSalle

Credenciamento: Portaria Nº 597/2017 de 5/5/2017, D.O.U de 8/5/2017

CARTA DE APRESENTAÇÃO ÀS INSTITUIÇÕES

De: Prof. Dr. Gilberto Ferreira da Silva
Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade La Salle.
Para: Coordenador das Categorias de Base da Instituição Esportiva/ Coordenador de Educação Física da Instituição de Ensino Superior

Prezado (a) Senhor (a):

Estamos realizando uma pesquisa intitulada: **O ENSINO DO FUTEBOL NA PERSPECTIVA DECOLONIAL: DESGASTANDO A PRODUÇÃO DE "PÉS DE OBRA",** Este estudo tem como objetivo principal: *Analisar, amparado na perspectiva decolonial, o modelo epistêmico adotado por profissionais de Educação Física (EF) no ensino do futebol, em universidades e em clubes, e sua relação com a produção de sujeitos "pés de obra"* este estudo ampara-se teoricamente na perspectiva decolonial.

Na condição de orientador do projeto de pesquisa, solicito autorização para que o doutorando **Otávio Nogueira Balzano,** aluno regular do Curso de Pós-graduação em Educação da Universidade La Salle/Canoas, possa realizar a coleta de dados no _____.

A seleção da amostra foi definida porque está Instituição possui equipes com atletas na faixa etária dos 16 aos 17 anos de idade, participa de campeonatos na categoria sub 17, possuí equipe profissional que participa da série A do campeonato Gaúcho e está situada no Rio Grande do Sul. Consequentemente possuí técnicos, preparadores físicos e coordenadores formados em Educação Física, que atendem atletas nessa categoria. A permanência do investigador nas dependências da Instituição não afetará o desenvolvimento das atividades esportivas. Além disso, os atletas não são o foco principal do estudo, será mantido o anonimato dos atletas e dos profissionais de Educação Física (que serão o foco da pesquisa), os quais serão entrevistados, pelo pesquisador.

Disponibilizo-me a dar quaisquer outros esclarecimentos, se necessário.

Certo da colaboração dessa instituição agradeço desde já.

PPG/Educação – Universidade La Salle

Canoas, 31 de agosto de 2019.

Professor Dr. Gilberto Ferreira da Silva Contato: gilberto.ferreira65@gmail.com

ANEXO B – Carta aceite das Instituições

CARTA ACEITE

UNIVERSIDADE LaSalle

Credenciamento: Portaria Nº 597/2017 de 3/5/2017, D.O.U de 8/5/2017

Declaramos, para os devidos fins, que concordamos em disponibilizar o(s) setor(es) de Educação Física desta Instituição, para o desenvolvimento de atividades referentes ao Projeto de Pesquisa, intitulado: **Perspectiva decolonial no ensino do futebol em educação física, e a contribuição na "produção de pés de obra"**, sob a responsabilidade do Professor/Pesquisador OTÁVIO NOGUEIRA BALZANO do Curso de Pós-graduação em Educação da Universidade La Salle/Canoas, pelo período de execução previsto no referido Projeto.

Canoas, 24 de 06 de 2019.

Prof. Dr. Cleiton Antonio Casagrande, fsc
Pró-Reitor de Graduação
Universidade La Salle

CARIMBO e ASSINATURA do responsável pelo setor

CPF: 33845921O-72

ENDEREÇO COMPLETO: AV. VITOR BARRETO, 2288 - CANOAS

CONTATO: (51) 986-171819